



AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS

ANNE RICE

MEMNOCH

Rico



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Nas suas quatro primeiras crônicas vampírescas, Anne Rice evocou para nós mundos que são fantásticos e distantes, tornando-os vibrantes, reais e imediatos como o nosso. Agora, em *Memnoch*, seu romance mais ousado e misterioso, ela nos leva, com Lestat, até o mundo mítico que é mais importante para nós — o território da própria teologia.

Anne Rice retoma em *Memnoch* o relato da saga do vampiro Lestat e sua eterna busca pela razão de ser. Dessa vez instigado por Memnoch, o Demônio em pessoa, que deseja fazer dele o Príncipe das Trevas e com isso desafiar a Deus, Lestat visita o Paraíso e desce ao Inferno. Fala com Deus e bebe o sangue de Cristo crucificado. Ouve da própria boca do Demônio a sua versão para a História da Criação e da Paixão. Uma história feita de dor e sofrimento infligidos à humanidade por seu criador.

Verdade ou parte da trama criada por Memnoch para envolver Lestat com o propósito de roubar sua alma?

Romance extraordinariamente polêmico, por desafiar todos os preceitos morais e religiosos em sua releitura dos ensinamentos bíblicos, colocando Deus como mensageiro da dor, e o Demônio como mensageiro do prazer, *Memnoch* deixará o leitor cativo dessa história fascinante e assombrosa, o momento mais radical da obra de Anne Rice.

ANNE RICE

MEMNOCH

CRÔNICAS VAMPIRESCAS — VOLUME V

Tradução de Waldéa Barcellos
Formatação de LeYtor

A stylized, handwritten-style logo of the word "Rocco" in a dark, textured font. The letters are thick and slightly irregular, giving it a hand-drawn or ink-stamped appearance. The 'R' is particularly large and prominent, with a long, sweeping tail that extends to the right. The 'o's are also large and rounded, with the second 'o' having a small loop at the end. The overall style is modern and artistic.

Titulo original
MEMNOCH, THE DEVIL
The Vampire Chronicles
1995 *by* Anne O'Brien Rice

*Para Stan Rice, Christopher Rice
e Michele Rice*

Para John Preston

Para Howard e Katherine Allen O'Brien

Para

o irmão de Katherine, John Allen, Tio Mickey

e para

o filho de Tio Mickey, Jack Allen,

e todos os descendentes

de Jack

E para

Tio Marian Leslie, que estava no Corona's Bar naquela noite

Com amor, a vocês e a

todos os parentes e amigos

dedico este livro

O QUE DEUS NÃO PLANEJOU

Durma bem,
Chore bem,
Vá ao poço fundo
Sempre que puder.
Traga de volta a água,
Aagitada e cintilante.
Deus não planejou que a consciência
Se desenvolvesse tanto.
Pois bem,
Diga-Lhe que nosso
Balde está cheio
E que ele pode
Ir para o Inferno.

STAN RICE — *24 de junho de 1993*

A OFERENDA

Àquela coisa
Que impede o nada
Como o javali de Homero
De sacudir de um lado para o outro
Suas defesas brancas
Atravessando os seres humanos
Como varetinhas
E a nada menos
Ofereço esse sofrimento do meu pai

STAN RICE — *16 de outubro de 1993*

DUETO EM IBERVILLE STREET

O homem de couro negro
A comprar um rato para alimentar sua jibóia
Não faz questão de detalhes.
Qualquer rato serve.
Ao voltar a pé da loja de animais de estimação,
Vejo um homem numa garagem de hotel
Esculpindo um cisne num bloco de gelo
Com uma motosserra.

STAN RICE — *30 de janeiro de 1994*

PRÓLOGO



Sou Lestat. Você sabe quem eu sou? Nesse caso, pule os parágrafos seguintes. Para aqueles que ainda não conheço, quero que este encontro seja amor à primeira vista.

Veja! Seu herói até o fim, uma perfeita imitação de um anglo-saxão louro, de olhos azuis e um metro e oitenta de altura. Vampiro, e um dos mais poderosos com quem você poderá um dia se deparar. Minhas presas são pequenas demais para serem notadas a menos que eu assim o deseje; porém são muito afiadas, e eu não consigo passar mais do que algumas horas sem querer sangue humano.

É claro que não preciso dele com tanta frequência. E exatamente com que frequência preciso, não sei porque nunca fiz o teste.

Tenho uma força monstruosa. Posso levantar vôo. Consigo ouvir a conversa das pessoas do outro lado da cidade, ou mesmo do globo terrestre. Leio o pensamento. Sei enfeitiçar.

Sou imortal. Não envelheço desde 1789.

Sou um ser único? De modo algum. Há cerca de outros vinte vampiros no mundo, dos quais tenho conhecimento. A metade deles conheço intimamente. E a metade desses eu amo.

Somem-se a isso para mais de duzentos vagabundos e desconhecidos dos quais nada sei, mas de quem ouço falar ocasionalmente. E de quebra outros mil imortais cheios de segredos, que perambulam por aí disfarçados de humanos.

Homens, mulheres, crianças — qualquer ser humano pode se tornar um vampiro. Tudo o que é necessário é um vampiro disposto a propiciar a transformação, a lhe sugar a maior parte do sangue e depois deixar que ele volte para a pessoa, misturado com o seu próprio. Não é assim tão simples; mas, se a pessoa sobreviver, viverá para sempre. Enquanto for jovem, terá uma sede insuportável e provavelmente precisará matar todas as noites. Quando estiver com mil anos, dará a impressão de ser sábio a quem o vir ou ouvir, mesmo que tivesse sido apenas uma criança no início; e irá continuar a matar e a beber por não resistir, quer continue a precisar disso quer não.

Aquele que viver mais do que isso, e alguns vivem, quem sabe? Esse ficará mais forte, mais branco, ainda mais monstruoso. Terá tanto conhecimento do sofrimento que atravessará rápidos ciclos de crueldade e benevolência, perspicácia e insana cegueira. É provável que enlouqueça. E volte à sanidade. Depois, pode acabar se esquecendo de quem é.

Eu próprio sou uma combinação do que há de melhor na juventude e na

velhice vampirescas. Com apenas duzentos anos de idade, por vários motivos foi-me concedida a força dos antigos. Tenho uma sensibilidade moderna, mas o gosto impecável de um aristocrata morto. Sei exatamente quem sou. Sou rico. Sou belo. Consigo ver minha imagem refletida nos espelhos. E nas vitrines. Adoro cantar e dançar.

O que é que eu faço? Qualquer coisa que me agrade.

Pense bem nisso. É o suficiente para fazer com que queira ler minha história? Talvez você tenha lido minhas histórias de vampiros antes.

E o que é interessante é que, neste caso, não importa que eu seja um vampiro. Não é tão essencial assim para a história. É apenas um dado, como meu sorriso inocente, minha voz ronronante com sotaque francês e meu jeito gracioso de andar lépido pela rua. Faz parte do pacote. No entanto, o que *aconteceu* aqui poderia ter acontecido com qualquer ser humano. Na verdade, sem dúvida já aconteceu com humanos, e voltará a acontecer.

Nós temos alma, você e eu. Queremos conhecer tudo. Dividimos a mesma terra, rica, verdejante e cheia de perigos. Não sabemos, nenhum de nós dois, o que significa morrer, por mais que possamos afirmar o contrário. É óbvio que, se soubéssemos, eu não estaria escrevendo este livro e você não o estaria lendo.

O que tem enorme importância, já que estamos entrando juntos nesta história, é que eu me propus a missão de ser um herói neste mundo. Eu me considero moralmente complexo, espiritualmente sólido e esteticamente pertinente, um ser de um impacto e uma visão candentes, um sujeito que tem muito a dizer.

Portanto, se você for ler este livro, que seja por esta razão — que Lestat está falando mais uma vez, que ele está assustado, que está procurando desesperadamente pela lição, pela canção e pela *raison d'être*, que ele quer compreender sua própria história e quer que você a compreenda; e que esta é a melhor história que ele no momento tem para contar.

Se isso não bastar, leia outro livro.

Se bastar, prossiga com a leitura. Acorrentado, ditei estas palavras a meu amigo e meu escriba. Venha comigo. Quero só que me escute. Não me deixe sozinho.

CAPÍTULO 1



Eu o vi quando entrou pela porta da frente. Alto, de compleição sólida, olhos e cabelos castanho-escuros, a pele ainda ligeiramente morena porque havia sido morena quando o transformei em vampiro. Andando um pouco rápido demais, mas basicamente passando por ser humano. Meu amado David.

Eu estava na escadaria. A escadaria principal, seria possível dizer. Era um daqueles hotéis antigos, muito opulentos, enfeitados com divino exagero, cheios de ouro e carmim, e bastante simpático. Minha Vítima o havia escolhido. Não eu. Minha vítima estava jantando com a filha. E eu havia captado dos seus pensamentos que era sempre aqui que ele se encontrava com a filha em Nova York pelo simples motivo de a Catedral de St. Patrick ficar do outro lado da rua.

David me viu de imediato — um rapaz descontraído, louro e de cabelos compridos, com as mãos e o rosto bronzeados, os habituais óculos de um roxo escuro a me encobrir os olhos, o cabelo bem penteado pelo menos dessa vez, o corpo ataviado num terno azul-escuro, de jaquetão, da Brooks Brothers.

Vi que ele sorriu antes de conseguir se controlar. Ele conhecia minha vaidade e provavelmente sabia que no início da década de 90 no século XX a moda italiana havia invadido o mercado com tantos trajes disformes, volumosos, escorridos, amorfos, que uma das roupas mais eróticas e atraentes que um homem poderia escolher era o terno azul-marinho de corte perfeito da Brooks Brothers.

Além do mais, uma cabeleira ondulante e um terno perfeito sempre são uma combinação poderosa. Quem sabe disso melhor do que eu?

Eu não pretendia ficar falando de roupas! As roupas que vão para o inferno. É só que eu estava tão orgulhoso de mim mesmo por estar arrumado e cheio de contradições maravilhosas — uma figura com longos cachos, o corte impecável da roupa e uma atitude majestosa, com o peso do corpo sobre o corrimão e como que obstruindo a escadaria.

Ele se aproximou de mim imediatamente. Cheirava ao inverno rigoroso da cidade, onde as pessoas estavam escorregando nas ruas congeladas e a neve se havia transformado em imundície nas sarjetas. Seu rosto tinha o sutil brilho sobrenatural que só eu podia detectar, amar, apreciar adequadamente e chegar a beijar.

Caminhamos juntos para o mezanino acarpetado.

Por um instante, odiei o fato de ele ser cinco centímetros mais alto do que eu. Mas estava tão feliz por vê-lo, tão feliz por estar perto dele. E ali dentro não

estava frio. Era um local amplo e cheio de sombras, um dos lugares em que as pessoas não ficam olhando para as outras.

— Você veio — disse eu. — Achei que não viria.

— Claro que vim — protestou ele, com o elegante sotaque inglês saindo delicado do rosto jovem e moreno, ainda me causando o espanto habitual. Tratava-se de um velho no corpo de um rapaz, recentemente transformado em vampiro; e transformado por mim, um dos mais poderosos dos que restam de nós.

— O que você estava esperando? — disse ele junto ao meu ouvido. — Armand me disse que você estava me chamando. Maharet me disse.

— Isso responde à minha primeira pergunta. — Eu queria lhe dar um beijo e de repente estendi os braços, com bastante hesitação e delicadeza para que ele pudesse se afastar se quisesse; e, quando deixou que eu o abraçasse, quando retribuii o afeto, senti uma felicidade que não experimentava há meses.

Talvez eu não a tivesse sentido desde que o deixara, com Louis. Estávamos em algum lugar inominável na selva, nós três, quando concordamos em nos separar; e isso havia sido um ano antes.

— Sua primeira pergunta? — perguntou ele, olhando para mim atentamente, talvez me avaliando, fazendo tudo o que um vampiro pode fazer para sondar o estado de espírito e a mente do seu criador, porque um vampiro não consegue ler o pensamento do seu criador, da mesma forma que o criador não consegue ler o pensamento da criatura.

E ali ficamos, divididos, sobrecarregados de dons sobrenaturais, ambos em ótimo estado e bastante emocionados, incapazes de nos comunicar a não ser do modo talvez mais simples e melhor: através das palavras.

— Minha primeira pergunta — comecei a explicar, a responder — ia ser apenas onde você esteve, se você encontrou os outros e se eles tentaram feri-lo. Toda essa bobagem, você sabe, de como desrespeitei as normas ao criá-lo e assim por diante.

— Toda essa bobagem — zombou ele, o sotaque francês que eu ainda possuía agora aliado a algo decididamente americano. — Que bobagem!

— Ande — disse eu. — Vamos até o bar para conversar. Está evidente que ninguém lhe fez nada de mal. Eu achava que eles não poderiam, não fariam ou não ousariam fazer. Eu não o teria deixado escapar pelo mundo afora se imaginasse que você fosse correr perigo.

Ele sorriu, com os olhos castanhos cheios de uma luz dourada por apenas um instante.

— Você não me disse isso umas vinte e cinco vezes, mais ou menos, antes de nos separarmos?

Encontramos uma mesinha, encostada na parede. O lugar estava meio cheio, exatamente na medida. Que impressão nós dávamos? Dois rapazes interessados em homens e mulheres mortais? Não me importo.

— Ninguém me feriu — disse ele. — E ninguém demonstrou o menor interesse nisso.

Alguém estava tocando um piano muito suave para um bar de hotel, pensei. E era algo de Erik Satie. Que sorte.

— A gravata — disse ele, debruçando-se sobre a mesa, com os dentes brancos reluzindo e as presas totalmente escondidas, naturalmente. — Isso, esse grande volume de seda em volta do seu pescoço! Isso não é da Brooks Brothers! — Ele deu um risinho de provocação. — Olhe só, e esses sapatos clássicos! Ora, ora. O que você está pretendendo? E o que isso tudo significa?

O garçom do bar lançou uma sombra sólida sobre a mesinha e murmurou frases previsíveis que se perderam em meio ao barulho e a minha emoção.

— Qualquer coisa quente — disse David, o que não me surpreendeu. — Ponche de rum ou coisa que o valha, algo que possa ser aquecido.

Concordei com um movimento de cabeça e fiz um gesto discreto para o cara indiferente querendo dizer que tomaria o mesmo drinque.

Os vampiros sempre pedem bebidas quentes. Eles não vão bebê-las, mas podem sentir seu calor e seu cheiro se elas estiverem quentes, e isso é tão bom.

David voltou a olhar para mim. Ou melhor, aquele corpo conhecido com David ali dentro olhou para mim. Porque para mim David seria sempre o ser humano idoso que eu havia conhecido e a quem prezava, tanto quanto aquela esplêndida casca polida de carne roubada que aos poucos ia sendo moldada por suas expressões, suas atitudes, suas disposições de ânimo.

Caro Leitor, ele trocou de corpo antes que eu o transformasse em vampiro, não se preocupe mais. O fato não tem nada a ver com esta história.

— Alguma coisa está novamente no seu encaço? — perguntou ele. — Foi isso o que Armand me disse. Jesse disse a mesma coisa.

— Onde você os viu?

— Armand? Por puro acaso. Em Paris. Ele estava simplesmente andando pela rua. Foi o primeiro que vi.

— Ele não fez menção de atacá-lo?

— Por que faria? Por que você estava me chamando? Quem está no seu encaço? Do que se trata?

— E você esteve com Maharet? Ele se recostou e abanou a cabeça.

— Lestat, examinei manuscritos que nenhum ser humano vivo via há séculos. Pus minhas mãos em placas de barro que...

— David, o estudioso — disse eu. — Educado pela Talamasca para ser o perfeito vampiro, embora eles nunca fizessem a menor idéia de que era nisso que você acabaria se transformando.

— Ah, mas você deve compreender. Maharet me levou naqueles lugares onde guarda seus tesouros. Você precisa saber o que significa segurar nas mãos uma placa coberta com símbolos anteriores à escrita cuneiforme. E a própria Maharet, quantos séculos eu não poderia ter vivido sem nunca ter posto os olhos nela?

Maharet era de fato a única que ele um dia temera. Suponho que nós dois soubéssemos disso. Minhas lembranças de Maharet não continham nenhuma ameaça, apenas o mistério de uma sobrevivente de milênios, um ser vivo tão antigo que cada gesto parecia de mármore tornado líquido, e sua voz suave se havia tornado a quintessência de toda a eloquência humana.

— Se ela lhe deu sua bênção, nada mais tem importância — disse eu, com um pequeno suspiro. Eu me perguntava se eu próprio voltaria um dia a pôr os

olhos nela. Não esperava por isso, nem tinha esse desejo.

— Também vi minha querida Jesse — disse David.

— Ah, eu deveria ter calculado, é claro.

— Fui à procura da minha querida Jesse. Sai a gritar por todos os cantos, exatamente como você emitiu o grito mudo para me chamar.

Jesse. Pálida, de ossos pequenos, ruiva. Nascida no século XX. Extremamente culta e paranormal como humana. Jesse ele havia conhecido como humana; Jesse ele agora conhecia como imortal. Jesse havia sido sua aluna na ordem chamada de Talamasca. Agora ele se equiparava a Jesse em beleza e poder vampiresco, ou chegava muito perto disso. Eu realmente não sabia.

Jesse havia sido transformada por Maharet da Primeira Leva, nascida humana antes que os humanos comessem a escrever sua história ou mal soubessem que tinham uma história. A Anciã agora, se é que havia uma, a Rainha dos Condenados era Maharet e sua irmã muda, Mekare, de quem ninguém mais falava muito.

Eu nunca havia visto um novato transformado por alguém da idade de Maharet. Jesse parecia um vaso transparente de poder imenso quando a vi pela última vez. Jesse agora já devia ter suas próprias histórias a contar, suas próprias crônicas e aventuras.

Eu havia transmitido a David meu próprio sangue de boa linhagem, misturado a uma estirpe ainda mais velha do que a de Maharet. É, sangue de Akasha e sangue do velhíssimo Marius; e é claro que minha própria força estava no meu sangue. E minha própria força, como todos sabíamos, era desmesurada.

Portanto, ele e Jesse deviam ter sido grandes companheiros, e o que havia significado para ela ver seu mentor idoso envolto nas vestes carnavais de um rapaz jovem?

Senti inveja imediatamente e de repente mergulhei no desespero. Eu havia afastado David daquelas criaturas brancas e esguias que o atraíram para dentro do seu santuário em algum lugar distante, do outro lado do oceano, embrenhado numa terra na qual seus tesouros pudessem ficar ocultos de crises e guerras por gerações a fio. Nomes exóticos me ocorreram, mas eu não consegui naquele instante pensar no lugar para onde elas haviam ido, as duas ruivas, a velha e a jovem. E no seu lar, elas haviam recebido David.

Um pequeno ruído me espantou, e eu olhei por cima do ombro. Acomodei-me de novo, embaraçado por ter parecido tão ansioso, e em silêncio focalizei o olhar por um momento na minha vítima.

Minha Vítima ainda estava no restaurante muito perto de nós nesse hotel, sentado com sua linda filha. Eu não o perderia naquela noite. Disso eu tinha certeza.

Suspirei. Chega desse cara. Eu o vinha seguindo há meses. Ele era interessante, mas não tinha nada a ver com tudo isso. Ou tinha? Eu poderia matá-lo naquela noite, mas duvidava disso. Tendo visto a filha e sabendo muito bem o quanto a Vítima a amava, eu havia resolvido esperar até que ela voltasse para casa. Ou seja, por que ser tão cruel com uma moça tão jovem? E como ele a amava. Naquele exato momento, ele estava lhe implorando que aceitasse um

presente, algo recentemente descoberto por ele e muito esplêndido aos seus olhos. No entanto, eu não conseguia realmente ver a imagem do presente nos pensamentos dele, nem nos dela.

Ele era uma boa vítima para se acompanhar — exuberante, ganancioso, eventualmente generoso e sempre divertido.

De volta a David. E como esse imortal vigoroso diante de mim devia ter adorado a vampira Jesse e se tornado discípulo de Maharet? Por que eu não sentia mais respeito pelos velhos? O que é que eu queria, pelo amor de Deus? Não, não era essa a questão. A questão era saber... se alguma coisa me queria naquele exato momento. Será que eu estava fugindo dela?

Ele esperava educadamente que eu olhasse de novo para ele. Olhei, mas não falei. Não comecei. E ele fez o que as pessoas gentis costumam fazer. Continuou a falar devagar como se eu não o estivesse encarando através dos óculos roxos como alguém que tem um segredo sinistro.

— Ninguém tentou me ferir — repetiu ele com aquela sua adorável calma britânica. — Ninguém questionou o fato de você me haver criado. Todos me trataram com respeito e delicadeza, embora naturalmente desejassem saber todos os detalhes em primeira mão de como você sobreviveu ao Ladrão de Corpos. E eu creio que você não sabe ao certo como os deixou alarmados e o quanto eles o amam.

Essa era uma referência simpática à última aventura que nos havia reunido e que me levava a torná-lo um dos nossos. Na ocasião, ele não havia entoado loas a mim por nada do que aconteceu.

— Eles me amam, será? — disse eu a respeito dos outros, os remanescentes da nossa espécie espectral no mundo inteiro. — Sei que eles não tentaram me ajudar. — Pensei na derrota do Ladrão de Corpos.

Sem a ajuda de David, eu talvez nunca tivesse vencido a batalha. Não conseguia imaginar nada que fosse tão terrível. Era certo, porém, que eu não queria pensar em todos os meus brilhantes e talentosos irmãos vampiros e em como eles ficaram observando de longe, sem fazer nada.

O Ladrão de Corpos estava agora no Inferno. E o corpo em questão estava diante de mim, com David dentro dele.

— Está bem, alegre-me saber que eu os deixei um pouco preocupados — disse eu. — Mas a questão é que estou sendo seguido novamente. E dessa vez não é nenhum mortal calculista que conhece o segredo da projeção astral e de como se apossar do corpo de outra pessoa. Alguém está no meu *encalço*.

Ele me olhou com atenção, não tanto com incredulidade mas procurando talvez captar as implicações.

— No seu *encalço* — repetiu, pensativo.

— Sem a menor dúvida — assenti. — David, estou assustado. Estou de fato apavorado. Se eu lhe dissesse o que acho que é essa coisa, essa coisa que está atrás de mim, você riria.

— Riria, mesmo?

O garçom trouxera as bebidas quentes, e o vapor estava realmente maravilhoso. O piano tocava Satie com tanta suavidade. A vida quase valia a pena, mesmo para um monstro filho da mãe como eu. Algo me passou pela

mente.

Nesse mesmo bar, eu ouvira minha vítima dizer a sua filha duas noites antes que ele havia vendido a alma por lugares como aquele.

Eu estava a metros de distância, totalmente fora do alcance da audição mortal, e no entanto ouvia cada palavra que saía da boca da minha Vítima; e estava fascinado pela filha. Dora, era esse seu nome, Dora. Ela era o único ser que essa Vítima estranha, atraente e succulenta realmente amava, sua única descendente, sua filha.

Percebi que David me observava.

— Estava só pensando na vítima que me trouxe até aqui — disse eu. — E na filha. Eles não vão sair hoje. A neve está espessa demais; e o vento muito implacável. Ele vai levá-la até sua suíte, e ela contemplará do alto as torres da catedral de St. Patrick. Quero manter minha vítima à vista, compreendeu?

— Deus do céu, será que você se apaixonou por um casal de mortais? — Não. De jeito nenhum. É só um novo jeito de caçar. O homem é singular, um esplendor de características individuais. Eu o adoro. Eu ia me alimentar dele na primeira vez que o vi, mas ele continua a me surpreender. Estou a segui-lo há uns seis meses.

Voltei a atenção a eles. É, estavam subindo, exatamente como pensei. Acabavam de deixar sua mesa no restaurante. A noite estava terrível demais, até para Dora, muito embora ela quisesse ir até a igreja para orar pelo pai e implorar que ele ficasse ali e orasse também. Havia alguma lembrança que os dois compartilhavam, nos pensamentos e fragmentos de palavras. Dora era uma menininha quando minha Vítima a trouxera àquela catedral pela primeira vez.

Ele não acreditava em nada. Ela era algum tipo de líder religiosa. Theodora. Ela pregava para platéias de televisão sobre a seriedade dos valores e o alimento da alma. E o pai? Ora, bem, eu o mataria antes de aprender muito mais sobre ele, ou acabaria por perder esse grande troféu de caça, só por Dora.

Olhei de novo para David, que me observava ansioso, com o ombro encostado na parede coberta de cetim escuro. Com aquela iluminação, ninguém poderia ter notado que ele não era humano. Mesmo a um de nós, ele poderia ter passado despercebido. Quanto a mim, era provável que eu estivesse com a aparência de um astro de *rock*, louco, que queria que toda a atenção do mundo o esmagasse até a morte.

— A vítima não tem nada a ver com isso — disse eu. — Vou lhe contar tudo numa outra hora. É só que estamos neste hotel porque eu o segui até aqui. Você conhece meus jogos, minhas caçadas. Não preciso de sangue mais do que Maharet precisa, mas não suporto a idéia de não consumi-lo!

— E então qual é esse novo tipo de jogo? — perguntou ele, com delicadeza, em tom britânico.

— Já não procuro tanto pessoas simples e más, assassinos, sabe? Prefiro muito mais um criminoso mais sofisticado, alguém com a mentalidade de um lago. Esse aqui é traficante. Extremamente excêntrico. Brilhante. Colecionador de arte. Adora mandar matar pessoas; adora ganhar bilhões numa semana com a venda de cocaína e heroína. E ainda adora a filha. E ela, ela tem uma igreja evangélica pela televisão.

— Você está realmente fascinado por esses mortais.

— Olhe agora mesmo, lá atrás, por cima do meu ombro. Está vendo as duas pessoas no saguão indo na direção dos elevadores?

— Estou. — Ele olhou fixamente para eles. Talvez houvessem parado no ponto exato. Eu os ouvia, sentia sua presença e seu cheiro, mas não poderia dizer com precisão onde estavam a menos que me voltasse. Mas eles estavam lá, o homem moreno, sorridente, com sua menininha inocente e pálida, de expressão séria, que era uma menina-mulher aos vinte e cinco anos, se eu havia acertado nos cálculos.

— Eu conheço o rosto daquele homem — disse David. — Ele é um figurão. Internacional. Não param de tentar incriminá-lo sob alguma acusação ou outra. Ele foi responsável por um assassinato extraordinário, onde foi mesmo?

— Nas Bahamas.

— Meu Deus, como você deu com ele? Você realmente o viu em pessoa em algum lugar, como uma concha que se acha na praia, ou o viu nos jornais e revistas?

— E você reconhece a moça? Ninguém sabe que eles têm um vínculo.

— Não, não a estou reconhecendo, mas eu deveria? Ela é tão bonitinha e tão meiga. Você não vai se alimentar dela, vai?

Ri com sua indignação cavalheiresca diante de uma idéia dessas. Perguntei-me se David pedia licença antes de sugar o sangue das suas vítimas, ou se pelo menos insistia para que ambos os envolvidos fizessem uma apresentação formal. Eu não fazia a menor idéia de quais seriam seus hábitos para matar, ou com que frequência ele se alimentava. Eu o criara bem forte. Isso queria dizer que não precisava ser todas as noites. Sob esse aspecto, ele era um abençoado.

— A moça canta para Jesus num canal de televisão — disse eu. — Sua igreja um dia terá sua sede num prédio antiquíssimo de um convento em Nova Orleans. Por enquanto, ela mora lá sozinha e grava seus programas num estúdio no French Quarter. Acho que o programa é transmitido do Alabama por algum canal ecumênico.

— Você está apaixonado por ela.

— Não mesmo, só muito ansioso para matar seu pai. Seu apelo televisivo é peculiar. Ela fala de teologia com um bom senso cativante, sabe? O tipo de evangélico de televisão que talvez conseguisse fazer tudo aquilo funcionar. Nós todos não tememos que alguém desse tipo acabe aparecendo? Ela dança como uma ninfá ou como uma virgem do templo, suponho que devesse dizer, canta como um serafim, convida toda a platéia do estúdio para se reunir a ela. A teologia e o êxtase, em perfeita combinação. E todas as boas ações necessárias são recomendadas.

— Entendo — disse ele. — E isso torna ainda mais emocionante para você se banquetear com o pai? Por sinal, não se pode dizer que o pai não chame a atenção. Nenhum dos dois parece estar disfarçado. Você tem certeza de que ninguém sabe do vínculo entre eles?

A porta do elevador se abriu. Minha Vítima e sua filha estavam subindo um andar após o outro na direção do céu.

— Ele entra e sai, sorrateiro, quando quer. Tem guarda-costas à vontade.

Ela se encontra com ele sozinha. Imagino que combinem tudo por telefone celular. Ele é um gigante tecnológico da cocaína, e ela é uma das suas operações secretas mais protegidas. Os homens dele estão em todo o saguão. Se houvesse alguma pessoa fazendo perguntas, ela teria saído sozinha do restaurante primeiro. Mas ele é um mestre nesse tipo de coisa. Pode haver mandados para sua prisão em cinco estados, e ele aparece na primeira fila numa luta de pesos-pesados em Atlantic City, bem diante das câmeras. Eles nunca vão apanhá-lo. Eu, o vampiro que está só esperando para matá-lo, vou. E ele não é lindo?

— Agora, deixe-me ver se está claro — disse David. — Você está sendo perseguido por alguma coisa, que não tem nada a ver com essa vítima, hum, esse traficante, ou seja lá o que for, ou com essa moça da televisão evangélica. No entanto, algo o está perseguindo, algo o assusta, mas não o suficiente para fazer com que pare de seguir esse homem moreno que acabou de entrar no elevador?

Fiz que sim, mas depois me flagrei com uma ponta de dúvida. Não, não poderia haver nenhuma ligação.

Além do mais, essa coisa que me assustava até os ossos havia começado antes que eu visse a Vítima. Havia "acontecido" pela primeira vez no Rio de Janeiro, o encontro com quem estava no meu encalço, pouco depois de eu ter deixado Louis e David e voltado ao Rio para caçar.

Eu só havia escolhido essa Vítima depois que ele cruzou meu caminho na minha própria cidade de Nova Orleans. Ele estava lá seguindo um capricho de ver Dora por vinte minutos. Os dois se encontraram num barzinho do French Quarter, e eu estava passando por ali quando o vi, chamejante como o fogo, e o rosto branco com olhos grandes e compadecidos de Dora. E pronto! Foi uma fome fatal.

— Não, não tem nada a ver com ele. O que está no meu encalço começou meses antes. Ele não sabe que o estou seguindo. Eu próprio não me dei conta de imediato de estar sendo seguido por essa coisa, esse...

— Esse o quê?

— Observá-lo e à filha é como acompanhar uma minissérie para mim, sabe? Ele é de uma perversidade tão complexa.

— Foi o que você disse, e afinal o que é que está no seu encalço? É uma coisa, uma pessoa ou... ?

— Eu chego lá. Essa vítima, ele já matou tanta gente. Drogas. Esse tipo de gente adora os números. Quilos, assassinatos, contas numeradas. E a moça, a moça naturalmente revelou não ser alguma milagreira tola que diz aos diabéticos que pode curá-los com a imposição de mãos.

— Lestat, você está divagando. O que está acontecendo com você? Por que você está com medo? E por que não mata logo essa vítima e põe um fim nesta parte?

— Você está querendo voltar para Jesse e Maharet, não é? — perguntei, de repente, com uma sensação de desamparo caindo sobre mim. — Você quer passar os próximos cem anos estudando, em meio a todas aquelas placas e pergaminhos, e olhar para os doloridos olhos azuis de Maharet, ouvindo sua voz. Sei que você quer. Ela continua a escolher sempre olhos azuis?

Maharet era cega (de olhos arrancados) quando se tornou rainha dos

vampiros. Ela tirava os olhos das suas vítimas e os usava até que eles não conseguissem mais ver, por mais que o sangue vampiresco procurasse preservá-los. Essa era sua característica chocante: a rainha de mármore com os olhos sangrentos. Por que ela nunca torcia o pescoço de algum vampiro novato para roubar seus olhos? Isso nunca me havia ocorrido antes. Lealdade para com nosso povo? Talvez não funcionasse. Ela, no entanto, tinha seus escrúpulos, e eles eram tão rígidos quanto ela. Uma mulher daquela idade se lembra de quando não havia nenhum Moisés e nenhum Código de Hamurábi. Quando somente o Faraó conseguia andar pelo Vale da Morte...

— Lestat, preste atenção. Você precisa me dizer do que está falando. Nunca o ouvi admitir com tanta presteza que estava com medo. Você usou a palavra medo. Não pense em mim por enquanto. Esqueça-se da vítima e da moça. O que está acontecendo, meu amigo? Quem está atrás de você?

— Quero lhe fazer algumas perguntas antes.

— Não. Só me diga o que aconteceu. Você está correndo perigo, não está? Ou você acha que está. Você chamou por mim para que eu viesse até você aqui. Foi um apelo despuadorado.

— São essas as palavras que Armand usou, "apelo despuadorado"? Odeio Armand.

David apenas sorriu e fez um rápido gesto de impaciência com as duas mãos.

— Você não odeia Armand, e sabe que não odeia.

— Quer apostar?

Ele olhou sério para mim, com ar de repreensão. Provavelmente coisa de rapazinho inglês.

— Tudo bem, vou lhe contar. Agora, primeiro, preciso que você se lembre de uma coisa. Uma conversa que tivemos. Foi quando você ainda estava vivo, quando conversamos pela última vez na sua casa nas Cotswolds, lembra? Quando você era só um velhote encantador, morrendo sem esperanças...

— Eu me lembro — respondeu ele, paciente. — Antes de você ir para o deserto.

— Não, logo depois, quando soubemos que eu não poderia morrer tão facilmente quanto eu pensava, quando voltei queimado. Você cuidou de mim. Então, começou a falar de si mesmo, da sua vida. Você falou alguma coisa sobre uma experiência que havia tido antes da guerra. Disse que foi num café em Paris. Está lembrado? Sabe do que estou falando?

— É. Sei. Eu lhe contei que, quando era rapaz, achava que havia tido uma visão.

— É, algo sobre a trama da vida ter se rasgado por um instante de modo que você vislumbrou coisas que não deveria ter visto.

Ele sorriu.

— Foi você quem sugeriu essa imagem, de que de alguma forma a trama se teria rasgado e que eu teria visto através do rasgo por acaso. Na ocasião achei, como acho ainda agora, que foi uma visão que eu estava destinado a ver. Só que já se passaram cinquenta anos desde então. E minha memória, minha lembrança da história toda é surpreendentemente confusa.

— Bem, isso era de se esperar. Como vampiro, você se lembrará de tudo que lhe acontecer de agora em diante com nitidez, mas os detalhes da vida mortal irão desaparecer com rapidez. Especialmente o que estiver relacionado com os sentidos, você vai se descobrir correndo atrás da sensação. Como era mesmo o gosto do vinho?

Ele fez um gesto para que eu me calasse. Eu o estava deixando entristecido. Não havia sido minha intenção.

Apanhei minha bebida, saboreei o aroma. Era algum tipo de ponche quente de Natal. Acho que o chamavam de *wassail* na Inglaterra. Devolvi o copo à mesa. Minhas mãos e meu rosto ainda estavam escuros daquela excursão pelo deserto adentro, aquela pequena tentativa de desafiar o sol. Isso me ajudava a passar por humano. Que ironia. E havia tornado minha mão um pouco mais sensível ao calor.

Uma pequena onda de prazer me atravessou. O calor! Às vezes acho que tiro o máximo de tudo! Não há como lesar um sensualista como eu, alguém que pode morrer de rir horas a fio do desenho do tapete no saguão de um hotel.

Mais uma vez percebi que ele me observava.

Parecia ter recuperado o controle ou me perdoado pela milésima vez por ter posto sua alma num corpo de vampiro sem sua permissão, na realidade, contra sua vontade. Ele olhou para mim, de repente quase com carinho, como se eu precisasse ser tranquilizado.

Acitei. Eu precisava.

— Nesse café em Paris, você ouviu dois seres conversando — disse eu, retomando sua visão de anos atrás. — Você era jovem. Tudo aconteceu aos poucos. Mas você percebeu que eles não estavam de fato ali, os dois, num sentido material; e a língua que falavam lhe era compreensível apesar de você não saber que língua era.

— Isso mesmo — disse ele, assentindo com a cabeça. — E a impressão exata era de uma conversa entre Deus e o Demônio.

— E quando eu o deixei na selva no ano passado, você disse que eu não deveria me preocupar, que você não estava partindo em nenhuma aventura religiosa à procura de Deus e do Demônio num café em Paris. Você disse que passou sua vida mortal procurando esse tipo de coisa na Talamasca. E que agora ia tomar um rumo diferente.

— É, foi isso o que eu disse — admitiu ele, em tom simpático. — A visão agora está menos nítida do que quando lhe falei dela. Mas eu me lembro.

Ainda me lembro dela e ainda acredito que vi e ouvi alguma coisa, e continuo tão resignado quanto sempre com o fato de que nunca vou saber o que foi.

— Quer dizer que você está deixando Deus e o Demônio a cargo da Talamasca, como prometeu.

— Estou deixando o Demônio para a Talamasca — respondeu ele. — Não creio que a Talamasca, como ordem paranormal, tenha estado algum dia assim tão interessada em Deus.

Tudo isso era território verbal familiar. Eu o reconhecia. Nós dois, por assim dizer, nos mantínhamos de olho na Talamasca. No entanto, apenas um

membro da fervorosa ordem de estudiosos soubera do verdadeiro destino de David Talbot, o ex-superior geral; e agora aquele ser humano estava morto. Seu nome, Aaron Lightner. Essa havia sido uma enorme tristeza para David, a perda do único humano que sabia o que ele era agora, o humano que havia sido seu esclarecido amigo mortal, como David havia sido o meu.

Ele quis retomar o fio da conversa.

— Você teve uma visão? É isso o que o está apavorando? Abanei a cabeça.

— Não é nada tão claro assim. Mas a Coisa está no meu encalço, e de vez em quando ela deixa que eu veja algo num piscar de olhos. Na maior parte das vezes, eu ouço. Às vezes eu a ouço numa conversa em tom normal com outra voz, ou ouço seus passos atrás de mim na rua e dou meia-volta. É verdade. Estou apavorado. E então, quando ela se mostra, bem, eu geralmente acabo tão desnordeado que fico estatelado na sarjeta como um bêbado qualquer. Passa-se uma semana. Nada. Depois, volto a ouvir aquele fragmento de conversa...

— E quais são as palavras?

— Não posso lhe dar os fragmentos em ordem. Eu já os ouvia antes que percebesse o que eram. Em algum nível, eu sabia que estava ouvindo uma voz como que de algum outro lugar, eu sabia que não era um mero mortal no quarto ao lado. No entanto, ao que me fosse dado entender, ela poderia ter tido uma explicação natural, uma explicação eletrônica.

— Compreendo.

— Mas os fragmentos são como duas pessoas conversando, e uma, a *tal*, diz, "Ah, não, ele é perfeito. Não tem nada a ver com vingança. Como você pôde pensar que eu queria uma simples vingança?" — Parei de falar e dei de ombros. — Você sabe, esse é o meio de uma conversa.

— É, e você tem a impressão de que essa Coisa está deixando que você ouça um pouquinho dela... exatamente como eu pensei que a visão no café era destinada a mim.

— Você entendeu com perfeição. Isso está me atormentando. Outra vez, isso foi só há dois dias, eu estava em Nova Orleans. Estava como que espionando a filha da Vítima, Dora. Ela mora lá no prédio de convento que mencionei. É um convento antigo de 1880, desocupado há anos e vazio, de modo que parece um castelo de tijolos. E essa mocinha, pequena como um passarinho, essa linda mulherzinha, mora ali sem medo, totalmente só. Ela anda pela casa como se fosse invencível.

— Bem, seja como for, eu estava lá e havia entrado no pátio da construção. Você sabe, é uma forma tão antiga quanto a arquitetura, prédio principal, duas alas compridas, pátio interno.

— A típica instituição de tijolos do final do século XIX.

— Exato. E eu estava espiando pelas janelas o avanço da mocinha que vinha andando sozinha pelo corredor escuro como breu. Ela trazia uma lanterna. E cantava para si mesma um dos seus hinos. Eles são todos meio medievais e meio modernos ao mesmo tempo.

— Creio que a expressão é "Nova Era" — sugeriu David.

— É, é algo assim, mas essa moça está numa rede religiosa ecumênica. Já lhe disse. Seu programa é muito convencional. Creia em Jesus, seja salvo. Ela

vai fazer com que as pessoas cantem e dançam para entrar no Paraíso, em especial as mulheres, aparentemente, ou pelo menos elas irão à frente.

— Prossiga com a história, você a estava observando...

— É, e pensando em como era corajosa. Ela afinal chegou aos seus aposentos. Mora numa das quatro torres do prédio. E eu ouvi quando ela acionou todas as trancas. Pensei, então, que poucos mortais gostariam de sair rondando por aquele prédio escuro; e o lugar não era totalmente limpo em termos espirituais.

— O que você está querendo dizer?

— Pequenos espíritos, elementais, sei lá o quê. Como é que vocês os chamavam na Talamasca?

— Elementais.

— Bem, há alguns reunidos naquele prédio, mas eles não representam ameaça para essa garota. Ela simplesmente tem coragem e força demais.

— Mas não o Vampiro Lestat, que estava a espia-la. Ele saiu para o pátio e ouviu a voz bem junto ao seu ouvido, como se Dois Homens estivessem conversando ao lado do seu ombro direito; e o outro, o que não está me seguindo, diz com perfeita nitidez, "Não, eu não o vejo da mesma forma". Dei voltas sem parar, procurando encontrar essa Coisa, aproximar-me dela mental e espiritualmente, enfrentá-la, atraí-la e então percebi que estava tremendo de corpo inteiro. E você sabe, David, os elementais, os pequenos espíritos irritantes... aqueles que eu sentia pairando pelo convento... acho que eles nem perceberam que essa pessoa, ou seja lá o que for, andara falando no meu ouvido.

— Lestat, você parece mesmo ter perdido sua imortal razão. Não, não fique zangado. Eu acredito em você. Mas vamos voltar um pouco atrás. Por que você estava seguindo a moça?

— Eu só queria vê-la. Minha Vítima, ele se preocupa... com quem ele é, com o que já fez, com o que as autoridades sabem a seu respeito. Ele receia prejudicar a imagem da filha quando for indiciado e todas as reportagens nos jornais. Mas a questão é que ele nunca vai ser indiciado. Vou matá-lo primeiro.

— Você vai. E então isso poderia de fato salvar sua igreja, não é verdade? O fato de você matá-lo prontamente, por assim dizer. Ou estou equivocado?

— Eu não a magoaria por nada neste mundo. Nada conseguiria me convencer a fazer isso. — Fiquei sentado em silêncio por um instante.

Eu estava me lembrando. Há apenas pouco tempo eu me havia apaixonado por uma mortal, uma freira. Chamava-se Gretchen. E eu a havia enlouquecido. David conhecia a história por inteiro. Eu a havia escrito; escrito tudo sobre David também; e ele e Gretchen haviam passado para o mundo sob a forma de ficção. Ele sabia disso.

— Eu nunca me revelaria a Dora como o fiz com Gretchen — disse eu. — Não. Não vou ferir Dora. Aprendi minha lição. Meu único interesse é matar o pai de uma forma que permita que ela passe pelo mínimo de sofrimento e que tenha a máxima vantagem. Ela sabe o que o pai é, mas não sei ao certo se está preparada para tudo de mau que poderia acontecer por causa dele.

— Ora, você está brincando.

— Bem, tenho de me manter ocupado para afastar meu pensamento dessa

Coisa que está me seguindo, ou vou enlouquecer!

— Pssiu... O que está havendo com você? Meu Deus, como você está abalado!

— Claro que estou — sussurrei.

— Fale mais sobre a Coisa. Mais fragmentos.

— Não vale a pena repeti-los. É uma discussão. A meu respeito, é o que lhe digo. David, é como se Deus e o Demônio estivessem discutindo sobre *mim*.

Recuperei o fôlego. Meu coração doía; batia tão veloz, o que não era brincadeira para um coração de vampiro. Recostei-me na parede; deixei meus olhos passearem pelo bar: mortais de meia-idade em sua maioria, senhoras em casacos de peles antiquados, homens ficando carecas embriagados o suficiente para serem barulhentos, descuidados e quase jovens.

O pianista havia passado para algo popular, dos palcos da Broadway, creio eu. Era triste e suave; e uma das senhoras no bar balançava lentamente ao ritmo da música e formava a letra com seus lábios pintados enquanto fumava um cigarro. Ela era daquela geração que havia fumado tanto que parar agora estava fora de cogitação. Sua pele era como a de um lagarto. Mas era um ser belo e inofensivo. Todos eles eram belos e inofensivos.

Minha vítima? Eu o ouvia lá em cima. Ele ainda estava conversando com a filha. Ela não queria aceitar só mais um dos seus presentes? Era um quadro, talvez uma pintura.

Ele moveria montanhas pela filha, essa vítima, mas ela não queria seu presente e não ia salvar sua alma.

Flagrei-me querendo saber até que horas a catedral de St. Patrick ficava aberta. Ela queria tanto ir lá. Estava, como sempre, recusando seu dinheiro. Ele é "impuro", dizia ela ao pai agora. "Roge, eu quero sua alma. Não posso aceitar o dinheiro para a igreja! Ele vem do crime. É imundo."

A neve caía lá fora. A música do piano foi ficando mais rápida e mais urgente. Andrew Lloyd Webber na sua melhor forma, pensei. Algo *d'O fantasma da ópera*.

Novamente aquele barulho ali fora no saguão, e eu me volvei abruptamente na cadeira, olhei por cima do ombro e voltei o olhar para David. Escutei com atenção. Achei que o ouvi novamente, como passos, um passo que ecoa, um passo deliberadamente apavorante. Eu o ouvi de fato. Eu sabia que estava tremendo. E então ele sumiu, acabou. Não veio nenhuma voz aos meus ouvidos.

Olhei para David.

— Lestat, você está petrificado, não está? — perguntou ele, muito solidário.

— David, acho que o Demônio veio me buscar. Acho que vou para o Inferno.

Ele ficou mudo. Afinal de contas, o que ele poderia dizer? O que um vampiro diz a outro a respeito desses assuntos? O que eu teria dito se Armand, trezentos anos mais velho do que eu, e muito mais perverso, tivesse dito que o Demônio viera buscá-lo? Eu teria rido dele. Eu teria feito alguma piada cruel sobre o fato de ele merecer perfeitamente esse destino e sobre como ele encontraria tantos da nossa espécie por lá, submetidos a um tipo especial de tormento vampiresco, muito pior do que o que sofriam os meros mortais

condenados. Estremeci.

— Meu Deus — disse eu, entre dentes.

— Você disse que já viu a coisa?

— Não exatamente. Eu estava... em algum lugar, não tem importância. Acho que era Nova York, mais uma vez, é, estava aqui de volta com ele...

— A vítima.

— É. Eu o estava seguindo. Ele tinha algum negócio a fazer numa galeria de arte. No centro. Ele é um tremendo contrabandista. Tudo faz parte da sua personalidade singular, o fato de ele adorar objetos belos e antigos, o tipo de coisa que você adora, David. Quer dizer, quando eu afinal acabar com ele, poderia lhe trazer um dos seus tesouros.

David nada disse, mas eu pude perceber que lhe era repugnante a idéia de se apossar de alguma preciosidade de alguém que eu ainda não havia matado mas que sem dúvida mataria.

— Relíquias, jóias, crucifixos, livros medievais, esse é o tipo de coisa com que ele trabalha. Foi o que o levou às drogas, resgatar arte religiosa que havia sido perdida durante a Segunda Guerra Mundial na Europa, sabe? Imagens inestimáveis de anjos e santos que haviam sido alvo de pilhagem. Seus tesouros mais valiosos estão armazenados num apartamento no Upper East Side. Seu grande segredo. Acho que o dinheiro da droga começou como um meio para um fim. Alguém tinha algo que ele queria. Não sei. Eu leio seus pensamentos, mas depois me canso. E ele é perverso. E todas essas relíquias não têm nenhuma magia. E eu vou para o Inferno.

— Mais devagar — disse ele. — Aquele que está no seu encalço. Você disse que viu alguma coisa. O que foi que você viu?

Calei-me. Eu havia temido esse momento. Não havia procurado descrever essas experiências nem para mim mesmo. Mas eu precisava continuar. Havia chamado David até ali para me ajudar. Precisava dar-lhe uma explicação.

— Nós estávamos ao ar livre, lá fora na Quinta Avenida. Ele, a Vítima, ia de carro, afastando-se do centro da cidade, e eu sabia a direção aproximada, o apartamento secreto onde ele guarda seus tesouros.

— Eu só ia andando, no estilo humano. Parei num hotel e entrei para ver as flores. Você sabe, nesses hotéis sempre se pode encontrar flores. Quando se tem a impressão de estar enlouquecendo por causa do inverno, sempre se pode entrar num desses hotéis e encontrar buquês exuberantes dos lírios mais irresistíveis.

— É — disse ele, com um suspiro discreto e desanimado. — Eu sei.

— Eu estava no saguão. Estava olhando para aquele buquê enorme. Senti vontade de... ah... deixar algum tipo de oferenda, como se fosse uma igreja... para quem havia feito aquele buquê, algo nesse sentido, e estava pensando comigo mesmo, talvez eu devesse matar a Vítima e depois... Juro que foi assim que aconteceu, David...

— ... o chão sumiu. O hotel sumiu. Eu não estava em parte alguma nem ancorado a nada; e no entanto estava cercado de gente, gente que uivava, tagarelava, berrava, chorava e ria, é mesmo, ria de verdade. Tudo isso acontecia ao mesmo tempo, e a luz, David, a luz era ofuscante. Aquilo ali não era a escuridão; não eram as conhecidas labaredas do inferno, e eu procurei alcançar

alguma coisa. Não estendendo os braços. Eu não conseguia encontrar meus braços. Eu me estendi por inteiro, com cada membro, cada fibra, só procurando tocar alguma coisa, recuperar o equilíbrio, e então percebi que estava em pé em terra firme e que esse Ser estava diante de mim, com sua sombra se lançando sobre mim. Olhe, não tenho palavras para descrever isso. Era apavorante. Foi sem a menor dúvida a pior coisa que eu já vi! A luz brilhava atrás dele, e ele se colocou entre mim e essa luz. Ele tinha um rosto; e o rosto era escuro, extremamente escuro. E, quando olhei para ele, perdi todo o controle. Devo ter rugido. No entanto, não faço nenhuma idéia se no mundo real cheguei a emitir algum som.

— Quando voltei a mim, ainda estava ali no saguão. Tudo parecia normal, e era como se eu tivesse estado naquele outro lugar anos e anos; e todos os tipos de fragmentos de lembrança estavam escapando de mim, voando para longe, tão rápido que eu não conseguia agarrar nenhum pensamento, nenhuma sugestão ou proposta acabada.

— Tudo de que me lembro com alguma certeza é o que acabei de lhe relatar. Eu estava parado ali. Olhei para as flores. Ninguém no saguão me percebia. Fingi que tudo estava normal. Mas não parava de tentar me lembrar, não parava de perseguir esses fragmentos, acossado por trechos aleatórios de conversa, de ameaças ou de descrições. E não parava de ver com muita nitidez esse Ser sinistro, verdadeiramente feio, diante de mim, exatamente o tipo de demônio que alguém criaria se quisesse enlouquecer outra pessoa. Eu não parava de ver esse rosto e...

— Sim?

— ... já o vi mais duas vezes.

Percebi que estava secando minha testa com o pequeno guardanapo que o garçom me dera. Ele havia voltado. David pediu alguma coisa. E então ele se inclinou para perto de mim.

— Você acha que viu o Demônio?

— Não sobra mais muita coisa que possa me apavorar, David. Nós dois sabemos disso. Não há um vampiro vivo que poderia realmente me apavorar. Nem os mais velhos, nem os mais sábios, nem os mais cruéis. Nem mesmo Maharet. E o que sei dos entes sobrenaturais à parte de nós? Os elementais, os *poltergeists*, os pequenos espíritos desmiolados, todos nós conhecemos e vemos... as coisas que se costumavam invocar com a magia do candomblé.

— E — disse ele.

— David, esse era *O Próprio Homem*.

Ele deu um sorriso, mas não foi de forma alguma indelicado ou desprovido de solidariedade.

— Para você, Lestat — disse ele, numa provocação suave, sedutora. — Para você teria de ser o Próprio Demônio.

Nós dois rimos. Embora eu ache que tenha sido o que os escritores costumam chamar de riso desconsolado. Prossegui.

— Da segunda vez, foi em Nova Orleans. Eu estava perto de casa, do nosso apartamento na Rue Royale. Só andando. E comecei a ouvir aqueles passos atrás de mim, como algo me seguindo deliberadamente e permitindo que

eu soubesse. Droga, eu mesmo já fiz isso com mortais, e é tão cruel. Meu Deus! Por que cheguei a ser criado? E então, a terceira vez, a Coisa aproximou-se ainda mais. Mesma situação. Imenso, muito mais alto do que eu. Asas, David. Ou ele tem asas ou eu, no meu medo, o estou provendo de asas. Trata-se de um Ser Alado, e é horrendo. E dessa última vez guardei a imagem tempo suficiente para sair correndo, para fugir dela, David, como um covarde. E em seguida acordei, como sempre acontece, no mesmo lugar conhecido, onde eu de fato havia começado, e tudo estava exatamente como antes. Ninguém estava com um fio de cabelo que fosse fora do lugar.

— E ele não fala com você quando aparece assim?

— Não, não fala nada. Ele está tentando me enlouquecer. Está tentando fazer... com que eu faça alguma coisa, talvez. Lembre-se do que você disse, David, que você não sabia por que Deus e o Demônio deixaram que você os visse.

— Não lhe ocorreu que isso *esteja* vinculado a essa vítima que você anda perseguindo? Que talvez alguma coisa ou alguém não queira que você mate esse homem?

— Isso é absurdo, David. Pense no sofrimento no mundo hoje à noite. Pense nos que estão morrendo na Europa Oriental, pense nas guerras na Terra Santa, pense no que está acontecendo bem nesta cidade. Você acha que Deus, ou o Demônio, se importa com um homem? E nossa gente, nossa gente atacando há séculos os fracos, os bonitos e os desafortunados. Quando foi que o Demônio se intrometeu com Louis, com Armand, com Marius ou com qualquer um de nós? Ah, quem dera que fosse assim tão fácil invocar sua augusta presença e descobrir de uma vez por todas!

— Você quer descobrir? — perguntou ele, a sério. Esperei. Pensei no assunto. Abanei a cabeça.

— Poderia ser alguma coisa que tivesse explicação. Detesto ter medo dele! Pode ser que seja uma loucura. Pode ser que isso seja o que o Inferno é. Você enlouquece. E todos os seus demônios vêm apanhá-lo com a mesma velocidade com que você os imagina.

— Lestat, ele é o mal. É o que você está dizendo? Comecei a responder e depois parei. O mal.

— Você disse que ele era horrendo; você descreveu um barulho intolerável e uma luz. Ele era o mal? Você sentiu o mal?

— Bem, na realidade, não. Não senti. Tive a mesma sensação que tenho quando ouço esses fragmentos de conversa, uma espécie de sinceridade. Imagino que essa seja a palavra certa, sinceridade e objetividade. E vou lhe dizer uma coisa, David, sobre esse Ser, esse Ser que está no meu encalço. Ele tem uma mente insone no seu coração e uma personalidade insaciável.

— O quê?

— Uma mente insone no seu coração — insisti — e uma personalidade insaciável. — Eu havia falado de qualquer jeito. Mas sabia que era uma citação. Eu estava citando de algum lugar, mas não fazia a menor idéia de onde. Algum trecho de poesia?

— O que você está querendo dizer? — perguntou ele, cheio de paciência.

— Não sei. Nem mesmo sei por que disse isso. Nem sei por que essas palavras me ocorreram. Mas é verdade. Ele tem, sim, uma mente insone no Seu coração, e tem uma personalidade insaciável. Ele não é mortal. Não é humano!

— "Uma mente insone no seu coração." — David estava citando as palavras. — "Personalidade insaciável."

— É. É O Homem, mesmo, o Ser, o Coisa-Ruim. Não, espere, pare, não sei se é homem. Quer dizer... ora, não sei qual é o seu sexo... ele não é nitidamente feminino, digamos assim. E, por não ser nitidamente feminino, parece portanto... ser masculino.

— Estou entendendo.

— Você acha que estou maluco, não é? Você espera que seja isso, não?

— Claro que não.

— Pois deveria — disse eu. — Porque, se esse ser não existir dentro da minha cabeça, se existir fora dela, ele poderá pegar você também.

Isso o deixou evidentemente pensativo e distante. E então ele me disse palavras estranhas que eu não esperava.

— Mas ele não me quer, não é verdade? E ele também não quer os outros. Ele quer você.

Fiquei desconcertado. Sou orgulhoso, sou uma criatura egomaniaca. Adoro atenção. Quero a glória. Desejo ser querido por Deus e pelo Demônio. Eu quero, quero, quero.

— Não o estou repreendendo — disse ele. — Estou apenas sugerindo que essa coisa não ameaçou os outros. Que em todas essas centenas de anos, nenhum dos outros... nenhum de que tenhamos conhecimento jamais falou de uma coisa dessas. Na realidade, nos seus escritos, nos seus livros, você foi extremamente explícito quanto ao fato de nenhum vampiro ter visto o Demônio, não é mesmo?

Concordei, dando de ombros. Louis, meu amado discípulo e protegido, uma vez havia atravessado o mundo para encontrar o "mais velho" dos vampiros, e Armand se adiantara de braços abertos para lhe dizer que não havia nem Deus nem Demônio. E eu, meio século antes, havia feito minha própria viagem em busca do "mais velho"; e havia sido Marius, criado nos tempos de Roma, que me havia feito a mesma declaração. Deus nenhum. Demônio nenhum.

Continuei sentado, imóvel, consciente de desconfortos maçantes. O lugar estava abafado, o perfume não era perfume de verdade, não havia lírios nessas salas, lá fora ia estar muito frio, e eu não poderia pensar em descansar até que o alvorecer me forçasse a isso. A noite era longa, eu não estava fazendo sentido para David e poderia perdê-lo... e aquela Coisa poderia aparecer. A Coisa poderia voltar a aparecer.

— Você quer ficar ao meu lado? — Eu odiava minhas próprias palavras.

— Ficarei ao seu lado e procurarei me agarrar a você se ele tentar carregá-lo.

— Você fará isso?

— Farei.

— Por quê?

— Não seja bobo. Olhe, eu não sei o que vi no café. Nunca mais na minha vida vi ou ouvi alguma coisa parecida. Sabe, eu uma vez lhe contei minha

história. Estive no Brasil, aprendi os segredos do candomblé. Na noite em que você... você veio me pegar, procurei invocar os espíritos.

— Eles vieram. Eram fracos demais para ajudá-lo.

— Certo, mas... o que estou querendo dizer? A questão é que amo você, que estamos unidos por algum vínculo inexistente entre os outros. Louis o idolatra. Você é alguma espécie de deus sinistro para ele, embora ele finja odiá-lo pelo fato de tê-lo criado. Armand o inveja e espia o que você faz muito mais do que você poderia imaginar.

— Eu ouço Armand; eu o vejo e o ignoro — disse eu.

— Marius, este não o perdoou por não ter-se tornado seu discípulo. Acho que você sabe disso, por você não se ter tornado seu acólito, por não acreditar na história como alguma espécie de coerência redentora.

— Boa colocação. É nisso que ele acredita. Ah, mas ele está zangado comigo por questões muito mais importantes do que essa. Você não pertencia à nossa gente quando eu acordei a Mãe e o Pai. Você não estava lá. Mas essa já é uma outra história.

— Eu a conheço por inteiro. Você está esquecido dos seus livros. Li sua obra à medida que você a escrevia, assim que você a soltava no mundo mortal.

Dei uma risada amarga.

— Talvez o Demônio também tenha lido meus livros — disse eu. Mais uma vez, detestava sentir medo. Aquilo me deixava furioso.

— Mas a questão é que vou ficar ao seu lado — disse ele. E baixou os olhos para a mesa, divagando, como fazia com tanta frequência quando era mortal, quando eu conseguia ler seus pensamentos e no entanto ele sabia me derrotar, bloqueando-os conscientemente. Agora havia simplesmente uma barreira. Eu nunca mais saberia como eram seus pensamentos.

— Estou com fome — murmurei.

— Vá caçar. Abanei a cabeça.

— Quando eu estiver pronto, pegarei a Vítima. Assim que Dora deixar Nova York. Assim que ela voltar para seu velho convento. Ela sabe que o filho da mãe está condenado. É isso o que ela vai pensar quando eu agir, que um dos seus muitos inimigos o apanhou, que seu mal se voltou contra ele próprio, muito bíblico, quando o tempo todo era só uma espécie de assassino que perambulava pelo Jardim Selvagem da Terra, um vampiro, à procura de um mortal suculento; e seu pai atraiu meu olhar. E tudo estará terminado, de forma bem simples.

— Você está planejando torturar esse homem?

— David. Você me deixa chocado. Que pergunta indelicada!

— Você vai? — perguntou ele, com mais timidez, implorando mais.

— Acho que não. Eu só quero... — Eu sorri. Ele agora sabia muito bem. Ninguém precisava lhe falar mais de sugar o sangue, a alma, as lembranças, o espírito, o coração. Eu não conheceria aquele mortal desgraçado enquanto não o apanhasse, o abraçasse junto ao peito, rasgasse a única veia honesta no seu corpo, por assim dizer. Ah, pensamentos demais, lembranças demais, raiva demais.

— Vou ficar com você — disse ele. — Você tem acomodações aqui? — Nada que seja adequado. Procure alguma coisa para nós. Encontre algo perto... perto da catedral.

— Por quê?

— Ora, David, você deveria saber. Se o Demônio começar a me perseguir pela Quinta Avenida afora, eu só entro correndo na catedral de St. Patrick, vou até o Altar-Mor, ajoelho-me diante do Santo Sacramento e imploro a Deus que me perdoe, que não me faça afundar no rio de fogo até a altura dos olhos.

— Você está a um passo de ficar louco de verdade.

— Não, não mesmo. Olhe para mim. Eu consigo amarrar meus sapatos. Viu? E minha gravata. Dá algum trabalho, sabe? Enrolá-la no pescoço, enfiá-la na camisa e assim por diante, e não parecer um doido com um enorme cachecol no pescoço. Tudo sob controle, como os mortais declaram de forma tão indelicada. Você pode conseguir acomodações para nós?

Ele fez que sim.

— Há um prédio de vidro logo ali, ao lado da catedral. Uma construção monstruosa.

— O Olympic Tower.

— É. Você poderia arranjar acomodações para nós lá? Na realidade, tenho agentes mortais que podem fazer esse tipo de coisa. Não sei por que cargas d'água estou choramingando como um bobo aqui, pedindo que você se encarregue de detalhes humilhantes...

— Eu me encarrego. É provável que já seja muito tarde hoje, mas posso resolver isso amanhã ao anoitecer. Estará no nome de David Talbot.

— Minhas roupas. Tenho um monte de roupas aqui no nome de Isaac Rummel. Uma mala ou duas, e alguns casacos. É inverno mesmo, não é? — Dei-lhe a chave do meu quarto. Isso era humilhante. Era como fazer dele um criado. Talvez ele mudasse de idéia e pusesse nossas novas acomodações no nome de Renfield.

— Vou me encarregar de tudo. Teremos uma esplêndida base de operações amanhã. Vou me certificar de que deixem chaves para você na recepção. Mas o que você vai estar fazendo?

Esprei. Estava procurando ouvir a Vítima. Ainda em conversa com Dora. Dora iria embora pela manhã. Apontei para cima.

— Vou matar aquele filho da mãe. Acho que vou fazer isso amanhã logo depois do pôr-do-sol se conseguir cercá-lo rapidamente. Dora não estará mais aqui. Ai, estou com tanta fome. Preferia que ela tomasse um vôo da meia-noite para sair daqui. Dora, Dora.

— Você gosta de verdade dessa mocinha, não é?

— Gosto. Procure-a na televisão uma hora dessas. Você vai ver. Seu talento é bastante espetacular, e seus ensinamentos têm aquele perigoso apelo emocional.

— Ela é realmente talentosa?

— Em tudo. A pele muito branca, o cabelo preto cortado curto, pernas finas, longas, embora bem-feitas; e ela dança com tanto abandono, com os braços muito abertos. Faz com que se pense num dervixe que gira ou nos sufis na sua perfeição. E, quando ela fala, não é exatamente com humildade, mas é cheia de assombro e tudo com muita, muita benevolência.

— Seria de se imaginar.

— Bem, a religião nem sempre é assim, você sabe. Quer dizer, ela não fica arengando sobre a chegada do Apocalipse, nem diz que o Demônio virá apanhá-lo se você não mandar um cheque para ela.

Ele refletiu por um instante e depois falou, com veemência.

— Entendo como é.

— Não, você não entende. É verdade que eu a amo, mas logo vou me esquecer totalmente dela. É só que... bem, ali há uma versão convincente de alguma coisa; além de suavidade. E ela realmente acredita; ela acha que Jesus caminhou nesta terra. Ela acha que isso aconteceu.

— E essa coisa que o está seguindo, ela não está vinculada de modo algum a essa escolha da vítima, do pai?

— Bem, há um meio de se descobrir isso — disse eu.

— Qual?

— Matando hoje o filho da mãe. Talvez eu faça isso depois que ele deixá-la. Minha Vítima não vai ficar aqui com ela. Ele tem medo demais de colocá-la em perigo. Ele nunca fica no mesmo hotel com ela. Possui três apartamentos diferentes aqui. Estou surpreso por ele ter ficado tanto tempo.

— Vou ficar ao seu lado.

— Não mesmo. Tenho de acabar com ele. Eu preciso de você, preciso de verdade. Precisava lhe contar e estar com você, as veneráveis e antiquíssimas necessidades humanas, mas não preciso de você ao meu lado. Sei que você está com sede. Não preciso ler seus pensamentos para sentir isso. Você passou fome enquanto vinha para cá, para não me decepcionar. Saia à caça pela cidade. — Dei um sorriso. — Você nunca foi à caça em Nova York, não é?

Ele abanou a cabeça num gesto negativo. Seus olhos estavam mudando. Era a fome. Ela lhe estava dando aquela aparência embotada, como a de um cachorro que captou o cheiro de uma fêmea no cio. Todos nós ficamos com esse ar, o ar animalesco, mas não chegamos aos pés dos animais, chegamos? Nenhum de nós.

— As acomodações no Olympic Tower — disse eu, levantando-me. — Você vai conseguir que elas dêem para a catedral de St. Patrick, não vai? Não muito no alto, na parte baixa se for possível, para ficar perto dos campanários.

— Você perdeu seu sobrenatural juízo perfeito.

— Não. Mas agora vou sair para a neve. Eu o estou ouvindo lá em cima. Está planejando deixá-la, está lhe dando beijos, beijos castos e amorosos. Seu carro está à espera lá pela frente. Ele vai se afastar do centro até chegarão lugar secreto onde guarda suas relíquias. Ele acha que seus inimigos no crime e no governo não sabem nada a respeito, ou acreditam que se trata apenas da loja de um amigo. Mas eu sei. E sei o que todos esses tesouros significam para ele. Se ele for até lá, eu o seguirei.... Não há mais tempo, David.

— Nunca estive tão absolutamente confuso — disse ele. — Queria dizer que Deus o acompanhasse.

Eu ri. Debrucei-me para lhe dar um beijo rápido na testa, tão rápido que os outros não concluiriam nada se o vissem, e depois, reprimindo o medo, o medo instantâneo, eu o deixei.

No apartamento lá no alto, Dora chorava. Estava sentada junto à janela,

olhando para a neve e chorando. Ela lamentava ter recusado o novo presente do pai para ela. Se ao menos... Ela grudou a testa ao vidro frio e orou pelo pai.

Atravessei a rua. A neve estava bem agradável, mas a verdade é que sou um monstro.

Fiquei parado nos fundos da catedral de St. Patrick, olhando enquanto minha bela Vítima saía, apressado pela neve, com os ombros encurvados, e se jogava no banco traseiro do seu caríssimo automóvel negro. Ouvi-o dar o endereço muito perto do apartamento da loja de antiguidades onde ele guardava seus tesouros. Tudo bem, ele ficaria sozinho lá em cima por algum tempo. Por que não ir em frente, Lestat?

Por que não deixar que o Demônio o carregue? Ande! Recuse-se a entrar no Inferno cheio de medo. Avance.

CAPÍTULO 2



Cheguei à sua casa no Upper East Side antes dele. Eu o havia seguido até ali inúmeras vezes. A rotina era minha conhecida. Subalternos moravam nos andares superiores e inferiores, embora eu seja da opinião de que eles não sabiam quem ele era. Não era diferente das providências habituais de um vampiro. E entre esses dois apartamentos ficava sua longa seqüência de aposentos, o segundo andar do prédio urbano, cheio de grades como um presídio, e acessível a ele por uma entrada nos fundos.

Ele nunca fazia com que o carro o deixasse diante da casa. Costumava saltar na Madison e entrar pelo quarteirão adentro para chegar à sua porta dos fundos. Ou às vezes descia do carro na Quinta. Ele dispunha de dois percursos, e parte dos móveis vizinhos lhe pertencia. Mas ninguém, nenhum dos que o perseguíam, tinha conhecimento desse lugar.

Eu nem mesmo tinha certeza de que sua filha, Dora, conhecia a localização exata. Ele jamais a levava ali em todos os meses em que eu o vigiara, tudo saboreando e lambendo os beijos diante da sua vida. E eu nunca havia captado nos pensamentos de Dora nenhuma imagem distinta do lugar.

Dora, entretanto, tinha conhecimento dessa coleção. No passado, ela havia aceitado suas relíquias. Tinha algumas delas espalhadas pelo castelo-convento vazio em Nova Orleans. Eu havia tido um vislumbre de um ou dois desses belos objetos na noite em que a segui por lá. E agora minha Vítima ainda estava se lamentando pelo fato de ela ter recusado seu último presente. Algo verdadeiramente sagrado, ou pelo menos era o que ele pensava.

Entrei no apartamento sem grande esforço.

Mal se podia chamar aquilo de apartamento, embora de fato possuísse um pequeno banheiro, sujo daquele jeito que lugares áridos, sem uso, ficam sujos, e depois salas e mais salas apinhadas de arcas, estátuas, figuras de bronze, montes de objetos aparentemente sem valor que sem dúvida ocultavam descobertas inestimáveis.

Era muito estranho estar ali dentro, escondido na pequena sala dos fundos, porque antes eu nunca havia feito mais do que olhar pelas janelas. Fazia frio. Quando ele chegasse, ele criaria calor e luz com bastante facilidade.

Pressenti que ele estava apenas na metade do caminho, preso num engarrafamento na Madison, e comeci a explorar o lugar.

De imediato, uma imensa estátua de mármore de um anjo me assustou. Saí por uma porta e quase dei um encontrão nela. Era um daqueles anjos que

antigamente ficavam do lado de dentro das portas das igrejas, oferecendo água benta em metades de conchas. Eu já os havia visto na Europa e em Nova Orleans.

Ele era gigantesco, e seu perfil cruel olhava, cego, para as sombras. Muito ao longe no corredor, subia alguma luz da pequena rua movimentada que desembocava na Quinta. As costumeiras melodias do trânsito de Nova York atravessavam as paredes.

Esse anjo estava colocado como se acabasse de pousar vindo dos céus para oferecer sua vasilha sagrada. Dei-lhe um tapinha de leve no joelho dobrado e passei por volta dele. Não gostei dele. Eu sentia o cheiro de pergaminho, papiro, vários tipos de metal. A sala do outro lado parecia estar repleta de ícones russos. As paredes estavam literalmente cobertas com eles e a luz realçava as auréolas das Virgens de olhos tristes ou dos Cristos estarecidos.

Passei para a sala seguinte. Crucifixos. Eu reconhecia o estilo espanhol, e o que parecia ser o barroco italiano, bem como trabalhos muito primitivos que sem dúvida deviam ter sido raríssimos: com o Cristo grotesco e de proporções falhas, porém sofrendo com horror adequado na cruz carcomida.

Só agora eu percebia o óbvio. Era *tudo* arte religiosa. Não havia nada que não fosse religioso. Mas a verdade é que é bastante fácil dizer isso a respeito de toda a arte anterior ao final do século passado, quando se pensa no assunto. Quer dizer, a grande maioria da arte é religiosa mesmo.

O lugar era totalmente desprovido de vida.

Na realidade, ele fedia a inseticida. É claro que ele havia impregnado o ambiente para preservar suas estátuas antigas de madeira. Teria sido preciso que agisse assim. Eu não conseguia ouvir ratos, sentir seu cheiro ou detectar a presença de qualquer ser vivo. O apartamento do andar de baixo estava vazio dos seus ocupantes, muito embora um pequeno rádio continuasse divulgando as notícias num banheiro.

Fácil eliminar esse pequeno ruído. Nos andares acima, havia mortais, mas eles eram velhos, e eu captei a imagem de um homem sedentário com fones de ouvido na cabeça, acompanhando com o corpo o ritmo de alguma música esotérica alemã, Wagner, amantes condenados pelo destino lamentando o "odiado amanhecer" ou alguma outra tolice pesada, repetitiva e nitidamente pagã. Que se dane o *Leitmotiv*. Havia mais uma pessoa ali em cima, mas era frágil demais para causar a menor preocupação, e eu consegui captar somente uma imagem dela. Parecia estar costurando ou fazendo tricô.

Não me importei o suficiente com nada disso para trazê-lo a um foco amoroso. Eu estava seguro no apartamento, e Ele chegaria logo, enchendo todos aqueles aposentos com o perfume do seu sangue. Eu me empenharia ao máximo para não quebrar seu pescoço antes de ter sugado a última gota. É, essa era a noite.

De qualquer jeito, Dora só descobriria quando chegasse em casa no dia seguinte. Quem iria saber que eu havia deixado o corpo ali?

Passei para a sala de estar. Estava toleravelmente limpa, essa sala onde ele relaxava, lia, estudava e acariciava seus objetos. Ali estavam seus sofás volumosos e confortáveis, dotados de pilhas de almofadas, e luminárias

fluorescentes de metal negro tão delicadas, leves, modernas e fáceis de manobrar que pareciam insetos pousados nas mesas, no próprio chão e às vezes em cima de caixas de papelão.

O cinzeiro de cristal estava cheio de pontas de cigarro, o que confirmava sua preferência pela segurança em detrimento da limpeza; e eu vi copos espalhados nos quais a bebida há muito havia secado formando uma camada vitrificada que agora estava descarnando como verniz.

Cortinas finas, bastante desmazeladas, cobriam as janelas, deixando entrar a luz suja e sedutora.

Mesmo essa sala estava atulhada de imagens de santos — um Santo Antônio muito colorido e emotivo segurando no braço dobrado um Menino Jesus rechonchudo; uma Virgem muito grande e remota, evidentemente de origem latino-americana. E algum monstruoso ser angelical de granito negro que, mesmo com meus olhos, não pude examinar perfeitamente na escuridão, algo que lembrava mais um demônio da Mesopotâmia do que um anjo.

Por um átimo de segundo, esse monstro de granito fez com que meu corpo todo estremecesse. Ele parecia... não, eu deveria dizer que suas asas fizeram com que eu pensasse na criatura que eu havia visto de vislumbre, aquela Coisa que eu acreditava estar me seguindo.

Ali, porém, não ouvi os passos. Não houve nenhum rasgo no tecido do mundo. Tratava-se de uma estátua de granito, só isso, um enfeite hediondo talvez de alguma igreja tétrica cheia de imagens do Inferno e do Paraíso.

Montes de livros sobre as mesas. Ah, ele realmente gostava de livros. Quer dizer, havia os de valor, feitos de velino, muito antigos e tudo o mais; mas havia livros atuais também, títulos de filosofia e religião, atualidades, memórias de correspondentes de guerra atualmente populares, até mesmo alguns livros de poesia.

Mircea Eliade, a história das religiões em vários volumes, poderia ter sido presente de Dora; e ali, uma *History of God*, novinha em folha, de uma mulher chamada Karen Armstrong. Mais alguma coisa sobre o significado da vida-*Understanding the Present*, de Bryan Appleyard. Livros de peso. Mas interessantes, meu estilo, de qualquer jeito. E os livros haviam sido manuseados. É, era o cheiro dele nesses livros, principalmente o dele, não o de Dora.

Ele havia passado mais tempo ali do que eu jamais havia percebido.

Esquadrinhei as sombras, os objetos. Deixei que o ar enchesse minhas narinas. E, ele havia estado ali com frequência e com uma outra pessoa, e essa pessoa... essa pessoa havia morrido ali! Antes eu não havia percebido nada disso, é claro, e agora era só mais um aperitivo para o banquete. Quer dizer que o traficante assassino havia no passado amado um rapaz nesse esconderijo, e na época o lugar não era tão desmazelado. Eu estava captando relances daquilo na pior forma possível, mais emoção do que imagem, e me descobri bastante frágil sob o ataque feroz. Essa morte não havia ocorrido há tanto tempo assim.

Se eu tivesse passado pela Vítima naquela época, quando seu amigo estava morrendo, eu nunca teria me fixado nele; só o teria deixado seguir em frente. Mas a verdade era que ele chamava tanto a atenção!

Ele agora estava subindo pela escada dos fundos, a escada interior secreta,

com cautela a cada passo, a mão no cabo da arma dentro do casaco, muito no estilo Hollywood, embora não houvesse muito mais nele que fosse previsível. A não ser, é claro, que muitos dos que lidam com cocaína são excêntricos.

Ele chegou à porta dos fundos. Viu que eu a havia aberto. Fúria. Esgueirei-me para o canto em frente àquela imponente estátua de granito e me escondi entre dois santos empoeirados. Não havia luz suficiente para ele me ver imediatamente. Ele precisaria acender uma das pequenas luminárias fluorescentes, e elas eram de foco dirigido.

Por enquanto, ele escutava, procurava sentir. Detestava o fato de alguém lhe ter arrombado a porta. Sua disposição era assassina, e ele não tinha nenhuma intenção de não investigar, sozinho. Um pequeno tribunal instalou-se na sua cabeça. Não, não era possível que alguém tivesse conhecimento desse lugar, decidiu o juiz. Tinha de ser um ladrão de galinhas, inferno, e essas palavras foram lançadas com ódio sobre as circunstâncias.

Ele tirou a arma discretamente e começou a examinar as salas, salas que eu havia ignorado. Ouvi o interruptor; vi o facho de luz no salão. Ele passou para outro e mais outro.

Como é que ele podia saber que o lugar estava vazio? Quer dizer, qualquer um poderia estar escondido por ali. Eu sabia que estava vazio. Mas o que lhe dava tanta certeza? Talvez tivesse sido assim que ele conseguira manter-se vivo esse tempo todo. Tinha a mistura exata de criatividade e descuido.

Afinal, chegou o momento absolutamente delicioso. Ele se convenceu de que estava sozinho.

Passou pela porta da sala de estar, com as costas para o longo *hall* e esquadrinhou lentamente o aposento, deixando de me ver, é claro. Guardou sua grande nove milímetros no coldre a tiracolo e tirou as luvas muito devagar.

Havia luz suficiente para que eu observasse tudo que adorava nele.

Os cabelos negros e macios, o rosto asiático que não se podia identificar claramente como indiano, japonês ou cigano; poderia até ter sido italiano ou grego; os olhos negros e sagazes; e a simetria extraordinariamente perfeita dos ossos — um dos poucos traços que ele havia passado para a filha, Dora. Dora tinha a pele clara. Sua mãe devia ser branca como o leite. A pele dele era do meu tom preferido, caramelo.

De repente, alguma coisa o incomodou. Ele voltou as costas para mim, com os olhos nitidamente atraídos por algum objeto que o alarmara. Nada a ver comigo. Eu não havia tocado em nada. No entanto, seu estado de alarme havia gerado uma muralha entre minha mente e a dele. Ele estava em alerta total, o que significava que não estava pensando seqüencialmente.

Era alto, com as costas muito retas, o casaco longo, os sapatos daquele tipo feito à mão de Savile Row dos quais as lojas inglesas estão sempre cheias. Ele deu um passo, afastando-se de mim, e eu percebi imediatamente, a partir de uma confusão de imagens, que o que o assustara havia sido a estátua de granito negro.

Estava perfeitamente óbvio. Ele não sabia o que ela era ou como havia chegado ali. Ele se aproximou, cheio de cautela, como se alguém pudesse estar escondido na vizinhança da estátua, depois girou, esquadrinhou a sala e lentamente sacou mais uma vez a arma.

Passavam pela sua cabeça possibilidades de uma forma bastante ordenada. Ele conhecia um *marchand* que era suficientemente idiota para ter feito essa entrega e deixado a porta destrancada, mas esse *marchand* teria ligado para ele antes de pensar em vir ali.

E essa coisa? Da Mesopotâmia? Da Assíria? De repente, por um impulso, ele deixou de lado todas as questões práticas, estendeu a mão e tocou o granito. Meu Deus, ele adorou a estátua. Ele a adorava e estava agindo como um imbecil.

Quer dizer, um dos seus inimigos poderia ter estado ali. Mas também por que um gângster, ou um investigador federal, iria trazer um presente daqueles?

Fosse o caso qual fosse, ele estava fascinado pela peça. Eu ainda não conseguia vê-la com clareza. Teria tirado os óculos roxos, o que teria sido de enorme ajuda, mas não ousava me mexer. Eu queria ver isso, essa sua adoração pelo objeto que era novo. Eu conseguia sentir seu desejo incondicional por essa estátua, de possuí-la, de tê-la ali... exatamente o tipo de desejo que de início me atraía nele.

Ele só estava pensando na estátua, na beleza do entalhe, de ser recente, não antiga, por óbvias razões de estilo, talvez do século XVII, uma representação detalhada de um anjo caído.

Anjo caído. Ele fez de tudo menos ficar na ponta dos pés para beijar a imagem. Ergueu a mão esquerda e fez com que ela passasse por todo o rosto de granito e pelo cabelo de granito. Droga, eu não conseguia vê-la! Como ele suportava tanta escuridão? Mas a verdade era que ele estava bem junto dela, e eu a mais de seis metros, enfiado entre dois santos e sem uma boa perspectiva.

Finalmente, ele se voltou e acendeu uma das lâmpadas fluorescentes. Parecia eu louva-a-Deus. Ele movimentou a haste fina de metal preto para que a luz iluminasse o rosto da estátua. Agora, eu conseguia ver os dois perfis com perfeição.

Ele emitia pequenos ruídos de prazer. Isso era incrível! O *marchand* não tinha nenhuma importância; a porta dos fundos, perdoada; desaparecido o suposto perigo. Ele voltou a enfiar o revólver no coldre, quase como se não estivesse pensando nisso, e realmente se aproximou na ponta dos pés, procurando encarar esse ídolo aterrorador no mesmo nível. Asas com penas. Agora eu as via. Não de réptil, providas de penas. Já o rosto, clássico, robusto, o nariz longo, o queixo... e no entanto havia uma ferocidade no perfil. E por que a estátua era negra? Talvez fosse apenas São Miguel empurrando demônios para o inferno, irado, cheio de razão. Não, os cabelos estavam muito grosseiros e desgrenhados para isso. Armadura, couraça e então, naturalmente, vi os detalhes mais esclarecedores. A estátua tinha as pernas e os pés de um bode. O Demônio.

Estremeci mais uma vez. *Como a coisa que eu havia visto*. Mas isso era bobagem! E eu não estava agora com nenhuma sensação da presença ali por perto daquele que me perseguia. Nenhum desnorteamento. Eu sequer estava com medo de verdade. Foi só um *frisson*, nada mais.

Mantive-me muito quieto. Pensei, agora não vá se apressar. Destrinche a situação. Você tem sua Vítima, e essa imagem é apenas um detalhe, uma coincidência que enriquece mais todo o panorama. Ele focalizou mais uma

lâmpada na estátua. Era quase erótico seu jeito de examiná-la. Eu sorri. Era erótico meu jeito de examiná-lo, esse homem de quarenta e sete anos com saúde de rapaz e pose de criminoso. Destemido, ele deu um passo atrás, já tendo se esquecido de qualquer tipo de ameaça, e olhou para sua nova aquisição. De onde ela viera? De quem? Ele não se importava com o preço. Se ao menos Dora. Não, Dora não ia gostar dessa coisa. Dora. Dora, que o havia ferido profundamente hoje ao recusar seu presente.

Toda a sua postura mudou. Ele não queria ficar pensando em Dora e em todas as coisas que Dora dissera: que ele precisava renunciar às suas atividades, que ela nunca mais aceitaria um centavo para a igreja, que ela não poderia deixar de amá-lo e sofrer se ele fosse a julgamento, que ela não queria o véu.

Que véu? Apenas uma falsificação, dissera ele, mas uma das melhores que ele havia encontrado até então. Véu? De repente, fiz a ligação entre sua recordação recente e algo que estava pendurado na parede mais distante, um pedaço de pano emoldurado, uma pintura do rosto de Cristo. Véu. O véu de Verônica.

E há apenas uma hora ele dissera a Dora, "Do século XIII, e tão lindo, Dora. Pelo amor de Deus. Fique com ele. Se eu não puder deixar essas coisas para você, Dora..."

Quer dizer que esse rosto de Cristo era seu precioso presente?

"Não vou aceitá-los mais, papai. Já lhe disse que não."

Ele a havia pressionado com a vaga estratégia de que esse novo presente poderia ser exibido ao público. Da mesma forma que todas as outras relíquias. Elas poderiam levantar fundos para a igreja.

Ela havia começado a chorar, e tudo isso estivera acontecendo no hotel, enquanto David e eu estávamos no bar a apenas alguns metros deles.

"E se esses filhos da mãe conseguirem botar as mãos em mim, algum mandado, alguma outra acusação, você está me dizendo que não vai ficar com essas coisas? Vai deixar que estranhos fiquem com elas?"

"São roubo, papai", protestou ela. "São impuras. Estão contaminadas."

Ele realmente não conseguia entender a filha. Parecia que ele era ladrão desde quando menino. Nova Orleans. A pensão, a curiosa mistura de pobreza e elegância, e sua mãe embriagada a maior parte do tempo. O velho capitão que era dono da loja de antiguidades. Tudo isso estava passando pela sua cabeça. O Velho Capitão alugava os quartos da frente da casa, e ele, minha Vítima, levava a bandeja com o café da manhã para o Velho Capitão todos os dias antes de ir para a escola. Pensão, serviço, velhotes elegantes, St. Charles Avenue. A época em que os homens se sentavam nas sacadas à noite e as senhoras também, com seus chapéus. Horas do dia que eu jamais voltaria a conhecer.

Quanto devaneio. Não, Dora não gostaria daquilo. E ele de repente não estava tão seguro assim de estar gostando. Seus padrões costumavam ser de difícil explicação para os outros. Ele começou sua defesa como se estivesse falando com o *marchand* que trouxera aquilo. "É lindo, sim, mas é barroco demais. Falta-lhe aquele elemento de deformação que eu aprecio."

Sorri. Eu adorava a cabeça desse cara. E o cheiro do sangue, bem. Respirei fundo deliberadamente e deixei que ele me transformasse num perfeito predador.

Devagar, Lestat. Você esperou meses. Não se apresse. E ele é um perfeito monstro por seus próprios méritos. Mata gente a tiros, a facadas. Uma vez, numa pequena quitanda, ele havia matado tanto seu inimigo quanto a esposa do proprietário com total indiferença. A mulher estava atrapalhando. E ele havia saído andando, com frieza. Aqueles eram seus primeiros dias em Nova York, antes de Miami, antes da América do Sul. Mas ele se lembrava daquele assassinato, e era por isso que eu tinha conhecimento do fato.

Ele pensava muito naquelas várias mortes. Era por isso que eu pensava nelas.

Ele estava examinando os pés com casco da imagem, esse anjo, diabo, demônio. Percebi que suas asas alcançavam o teto. Eu poderia sentir mais uma vez aquele estremecimento se me permitisse. Mas a verdade era que eu estava em terra firme, e não havia nada de nenhum outro mundo naquele lugar.

Ele agora tirou o paletó e ficou em mangas de camisa. Isso foi demais. Pude ver o seu pescoço, é claro, quando ele abriu o colarinho. Eu via aquela parte de uma beleza ímpar, logo abaixo da orelha, aquele trecho especial entre a nuca de um ser humano e o lobo da sua orelha, que está tão relacionada à beleza masculina.

Ora, eu não havia inventado o significado dos pescoços. Todo mundo sabia o que aquelas proporções representavam. Ele me agradava no todo, mas na realidade era sua cabeça. Não importava sua bela aparência asiática e tudo o mais; até mesmo sua vaidade que fazia com que ele emitisse um brilho em todas as direções a uma distância de quinze metros. Era a cabeça, a mente que estava agora concentrada na imagem e que, por um instante de misericórdia, havia deixado de pensar em Dora.

Ele estendeu a mão para apanhar mais uma pequena luminária fluorescente, fechou a mão sobre o metal aquecido e direcionou a luz sobre a asa do demônio, a asa que eu via melhor; e eu também vi a perfeição na qual ele estava pensando, o amor barroco pelo detalhe; não. Ele não colecionava esse tipo de coisa. Sua preferência era pelo grotesco, e essa coisa só era grotesca por acaso. Meu Deus, ela era horrenda. Tinha uma cabeleira feroz e uma expressão carrancuda que poderia ter sido desenhada por William Blake, bem como enormes olhos arredondados que se fixavam nele, aparentemente com ódio.

— É, Blake! — disse ele, de repente, voltando-se. — Blake. A maldita imagem lembra um daqueles desenhos de Blake.

Percebi que seus olhos estavam fixos em mim. Eu havia projetado o pensamento, com descuido, sim, evidentemente com um objetivo. Senti o choque do contato. Ele me via. Talvez estivesse vendo os óculos e a luz, ou talvez meu cabelo.

Fui saindo muito devagar, com os braços relaxados junto ao corpo. Eu não queria nada de tão vulgar quanto uma atitude sua de apanhar a arma. Mas isso ele não fez. Ficou apenas olhando para mim, ofuscado, talvez, pelas luzes fortes tão perto dele. O foco fluorescente lançou a sombra da asa do anjo no teto. Fui me aproximando.

Ele não disse absolutamente nada. Estava com medo. Ou melhor, digamos que ele estava alarmado. Estava mais do que alarmado. Ele achava que aquele

bem poderia ser seu último confronto. Alguém havia conseguido passar perfeitamente por ele! E agora era tarde demais para sacar armas ou para fazer qualquer coisa tão literal, e no entanto ele de fato não estava com medo de mim.

Diabos me levem se ele não soubesse que eu não era humano.

Vim rapidamente na sua direção e segurei seu rosto com as duas mãos. Ele naturalmente começou a suar e a tremer; e mesmo assim estendeu a mão e tirou meus óculos, que caíram ao chão.

— Ai, até que enfim — sussurrei. — É maravilhoso estar tão perto de você. Ele não conseguia formar palavras. Não se poderia esperar que nenhum mortal nas minhas garras pronunciasse qualquer coisa a não ser orações, e ele não tinha nenhuma oração! Ele me encarou nos olhos, e então bem devagar avaliou minha pessoa, sem ousar se mexer, com o rosto ainda seguro pelas minhas duas mãos tão frias. E ele soube. Não humano.

Foi uma reação estranhíssima! É claro que eu já havia me deparado antes com o reconhecimento, em todos os cantos do mundo; mas as preces, a loucura, alguma desesperada reação atávica, alguma coisa sempre o acompanhava. Mesmo na velha Europa, onde acreditavam no *nosferatu*, costumavam gritar uma prece antes que eu afundasse meus dentes.

Mas isso, o que era isso? Essa sua atitude de olhar para mim, essa coragem cômica de criminoso!

— Vai morrer do jeito que viveu? — murmurei.

Um pensamento o reanimou. *Dora*. Ele começou um esforço violento, procurando agarrar minhas mãos, sentindo que elas eram como pedra, e depois em espasmos enquanto tentava se soltar, preso de modo implacável pelo rosto, sibilando furioso comigo.

Dominou-me alguma misericórdia inexplicável. Não o torture desse jeito. Ele sabe demais. Compreende demais. Meu Deus, você passou meses a observá-lo. Não precisa alongar essa história. Por outro lado, quando irá encontrar outra vítima como essa?

Bem, a fome superou o raciocínio. Encostei minha testa no seu pescoço primeiro, mudando minha mão para a nuca, deixei que ele tocasse no meu cabelo; ouvi-o inspirar fundo, e depois bebi.

Ele era meu. Eram meus a emoção, e ele e o Velho Capitão no quarto da frente, com o bonde passando barulhento lá fora, e ele dizendo ao Velho Capitão, "Se o senhor me mostrar isso de novo ou me pedir que o segure, nunca mais eu chego perto do senhor". E o Velho Capitão jurando que nunca mais. O Velho Capitão levando-o ao cinema, para jantar no Monteleone e de avião até Atlanta, depois de ter jurado nunca mais fazer aquilo, "Filho, só deixe que eu tenha você por perto. Deixe que eu fique por perto de você. Nunca mais, eu juro". A mãe embriagada à soleira da porta, escovando o cabelo. "Conheço essa sua tramóia com esse velho. Sei muito bem o que você está fazendo. Foi ele quem lhe comprou essas roupas? Você acha que eu não sei?" E depois Terry, com o buraco da bala bem no meio do rosto. Uma moça loura virando-se de lado e desabando para o chão, o quinto assassinato e tem de ser você, Terry, você. Ele e Dora estavam na caminhonete. E Dora sabia. Dora tinha só seis anos e sabia. Sabia que ele matara sua mãe, Terry, com um tiro. *E eles nunca haviam trocado uma*

palavra sequer sobre o assunto. O corpo de Terry num saco de plástico. Ai, meu Deus, plástico. E ele dizendo, "Mãe se foi". Dora nem havia perguntado. Seis anos de idade, ela sabia. Terry aos berros, "Você acha que pode tirar minha filha de mim, seu filho da mãe, você acha que pode ficar com a minha filha. Vou embora hoje à noite com Jake, e ela vai comigo". Bum! Você está morta, benzinho. Eu também já não a agüentava mais. Jogada no chão, aquele tipo de garota normal muito bonitinha e vistosa, com as unhas cor-de-rosa muito ovais, o batom que sempre parece extraordinariamente novo, e o cabelo de uma cor artificial. *Shorts* cor-de-rosa, coxas pequenas.

Ele e Dora viajando noite adentro, e nunca trocaram uma palavra.

O que você está fazendo comigo? Você está me matando! Você está tirando meu sangue, não minha alma, seu ladrão, seu... o que você é, em nome de Deus?

— Você está falando comigo? — Recuei, com o sangue pingando dos lábios, Deus do céu, ele *estava mesmo* falando comigo! Dei mais uma mordida, e dessa vez quebrei seu pescoço, mas ele não parava.

É, você, o que é que você é? Porquê, porque isso, o sangue? Fale comigo, maldito! Vá para o inferno!

Eu lhe havia esmagado os ossos dos braços, arrancara seu ombro do lugar, o último sangue que eu havia conseguido sugar estava ali na minha língua. Enfiei a língua no ferimento, quero mais, mais, mais...

Mas qual é seu nome, pelo amor de Deus, quem é você?

Ele estava morto. Soltei-o e recuei um passo. Falando comigo! Falando comigo durante o ato? Perguntando para *mim* quem eu era? Superando o desmaio?

— Ah, você é tão cheio de surpresas! — murmurei. Procurei desanuviar a cabeça. Eu sentia o calor de estar cheio de sangue. Deixei-o ficar na minha boca. Tive vontade de levantá-lo do chão, rasgar seu pulso e beber qualquer coisa que restasse, mas isso era tão feio; e a verdade era que eu não tinha nenhuma intenção de voltar a tocar nele! Engoli o sangue e passei a língua pelos dentes, sentindo o final do gosto, ele e Dora na caminhonete, ela com seis anos de idade, a mãe morta, com um tiro na cabeça, com o pai agora para sempre.

— Esse foi o quinto assassinato! — disse-me ele em voz alta; eu o ouvira. — Quem é você?

— Falando comigo, seu filho da mãe! — Baixei os olhos até ele, ui, o sangue afinal estava chegando às pontas dos dedos das mãos e descendo pelas pernas. Fechei meus olhos e pensei, Viver por isso, só por isso, por esse gosto, essa sensação; e suas palavras me ocorreram, palavras ditas a Dora num bar elegante, "Vendi minha alma por lugares como este".

— Ai, pelo amor de Deus, morra! Inferno! — disse eu. Eu queria que o sangue continuasse ardendo, mas já estava cheio da vítima. Ora, seis meses era bastante para um caso de amor entre vampiro e humano! Ergui os olhos.

A imagem negra não era absolutamente uma estátua. Ela estava viva. E estava me observando. Estava viva, respirava e me vigiava lá do alto, de trás da sua carranca negra, irada e brilhante.

— Não, não é verdade — disse eu, em voz alta. Procurei cair na profunda calma que o perigo costuma despertar em mim. *Não é verdade.*

Cutuquei o corpo no chão deliberadamente só para ter certeza de que eu ainda estava ali e não estava enlouquecendo; e senti pavor do desnorteamento, mas ele não veio; e então berrei.

Berrei como qualquer criancinha.

E saí correndo dali.

Saí correndo dali, pelo *hall*, pelos fundos, para a escuridão da noite.

Segui por cima dos telhados e depois, totalmente exausto, desci para um beco estreito e me recostei nos tijolos. Não, aquilo não podia ter sido verdade. Aquilo era alguma imagem final projetada por ele. Minha Vítima, ele lançou aquela imagem ao morrer, uma doce vingança. Fazer com que a estátua parecesse ter vida, aquela grande imagem escura e alada, de pés de bode...

— É — disse eu. Limpei a boca. Eu estava deitado em neve suja. Havia outros mortais nesse beco. Não nos incomode. Não vou incomodá-los. Limpei a boca novamente. — É, vingança. Todo o seu amor — disse a mim mesmo em voz alta — por todos os objetos naquele lugar, e ele lançou aquilo sobre mim. Ele sabia. Sabia o que eu era. Sabia como...

E além disso, a Coisa que me perseguia nunca havia sido tão calma, tão imóvel, tão pensativa. Ela sempre estava se avolumando e crescendo como fumaça espessa e fedorenta, e aquelas vozes... Aquilo era apenas uma estátua parada ali.

Levantei-me, furioso comigo mesmo, absolutamente furioso por ter fugido, por ter deixado de aproveitar o último pequeno detalhe envolvido no assassinato. Eu estava furioso o suficiente para voltar até lá e dar uns chutes no corpo e na imagem, que sem dúvida havia voltado ao granito no instante em que a vida consciente se extinguiu no cérebro moribundo do seu dono.

Ombros, braços quebrados. Como se do monte sangrento em que eu o transformara, ele tivesse invocado aquela coisa.

E Dora vai ouvir falar nisso. Ombros, braços quebrados. O pescoço quebrado.

Saí para a Quinta Avenida. Caminhei contra o vento.

Enfie as mãos nos bolsos do *blazer* de lã, que era leve demais para parecer adequado nessa nevasca silenciosa e caminhei sem parar.

— Tudo bem, droga, você sabia o que eu era e, por um instante, fez com que aquela coisa parecesse ter vida.

Parei, totalmente imóvel, olhando por cima do trânsito para os bosques sombrios, cobertos de neve do Central Park.

— Se tudo está mesmo ligado, venha me buscar. — Eu agora não estava falando com ele, nem com a imagem, mas com o que me perseguia. Eu simplesmente me recusava a sentir medo. Estava completamente fora do meu juízo perfeito.

E onde estava David? Caçando em algum lugar? Caçando... como adorava tanto fazer quando homem mortal na selva indiana, caçando, e eu o fizera caçador dos seus irmãos para sempre.

Tomei uma decisão.

Eu ia voltar imediatamente para o apartamento. Ia olhar para a maldita estátua e ver com meus próprios olhos que ela era perfeitamente inanimada. Em

seguida, eu faria o que deveria fazer por Dora, ou seja, me livrar do corpo do seu pai.

Levei apenas alguns minutos para chegar lá, para subir de novo pela escuridão impenetrável da escada dos fundos e entrar no apartamento. Eu havia perdido toda a paciência com meu medo; estava simplesmente furioso, humilhado e abalado; e ao mesmo tempo sentia uma curiosa empolgação, como sempre sinto pelo desconhecido.

O fedor do seu corpo recém-morto. Fedor de sangue desperdiçado.

Eu não ouvia nem sentia mais nada. Entrei num pequeno cômodo que no passado havia sido uma cozinha em atividade e que ainda continha os remanescentes de utensílios domésticos do tempo daquele mortal falecido, que a Vítima havia amado. É, exatamente o que eu queria por baixo do encanamento da pia, onde os mortais sempre a enfiam: uma caixa de sacos de plástico verde para lixo, perfeitos para seus restos mortais.

Ocorreu-me de repente que ele havia jogado sua mulher assassinada, Terry, num saco desses, eu o havia visto, sentido o cheiro quando estava me banqueteadando com ele. Ora, de pouco importa. Quer dizer que foi ele quem me deu a idéia.

Havia alguns instrumentos de corte por ali, embora nada que permitisse um serviço artístico ou cirúrgico. Apanhei a faca maior, de lâmina de aço-carbono, entrei na sala de estar, deliberadamente, sem hesitação, e me virei para olhar para a estátua gigantesca.

As lâmpadas ainda estavam acesas. Focos fortes e definidos na confusão cheia de sombras.

Estátua; anjo de patas de bode.

Seu idiota, Lestat.

Fui até ela e parei à sua frente, examinando os detalhes com frieza. Talvez não fosse do século XVII. Talvez fosse contemporânea, feita à mão, sim, mas tinha a perfeição total de um objeto contemporâneo; e o rosto tinha mesmo a expressão sublime de William Blake: um ser maléfico, carrancudo, de patas de bode, com os olhos dos santos e pecadores de Blake, cheios de inocência bem como de ira.

De repente, eu a quis. Gostaria de ter ficado com ela para mim, de tê-la levado de algum jeito para minha residência em Nova Orleans como uma lembrança de ter praticamente caído morto de medo aos seus pés. Fria e solene ela estava diante de mim. E então eu me dei conta de que todas essas relíquias se perderiam se eu não fizesse alguma coisa a esse respeito. Assim que se tivesse conhecimento da morte, tudo isso seria confiscado. Esse era o cerne da sua argumentação com Dora; que essa sua verdadeira fortuna fosse parar em mãos indiferentes.

E Dora lhe havia voltado as costas estreitas, para chorar, uma criança abandonada consumida pela dor, pelo horror e pela pior frustração, a incapacidade de consolar quem ela mais amava.

Baixei os olhos. Eu estava em pé junto ao seu corpo deformado. Ele ainda parecia recém-morto, destroçado, assassinado por um sujeito desmazelado. O cabelo preto muito macio e despenteado, os olhos entreabertos. As mangas da

camisa branca, manchadas de um rosado cruel do pouco sangue que escorria dos ferimentos que eu provocara acidentalmente, ao esmagá-lo. Seu torso estava num ângulo horrondo com relação às pernas. Eu lhe quebrara o pescoço, e lhe quebrara a espinha.

Bem, eu ia tirá-lo dali. Eu me livraria dele, e então por muito tempo ninguém ficaria sabendo. Ninguém ficaria sabendo que ele estava morto; e os investigadores não poderiam importunar Dora, nem deixá-la aflita. Depois, eu pensaria nas relíquias, talvez as tirasse dali, levando-as para ela.

Dos seus bolsos, tirei a identificação. Tudo falso, nada com seu nome verdadeiro.

Seu nome verdadeiro havia sido Roger.

Isso eu sabia desde o início, mas só Dora o chamava de Roger. Em todas as suas transações com outros, ele usava nomes falsos e exóticos, com uma estranha sonoridade medieval. Esse passaporte dizia Frederick Wynken. Agora, isso me divertiu. Frederick Wynken.

Comecei a trabalhar com a faca. Decepei-lhe as mãos, bastante surpreso com sua delicadeza e com o esmero com que suas unhas estavam manicuradas. Ele se amava tanto, e com razão. E a cabeça, essa eu arranquei, mais pela força bruta, empurrando a faca pelos tendões e ossos, do que por qualquer habilidade verdadeira. Nem me dei ao trabalho de fechar seus olhos. No fundo, o olhar dos mortos exerce tão pouco fascínio. Não imita nada que tenha vida. Sua boca estava macia, sem emoção, e as faces lisas na morte. O de costume. Essas partes, a cabeça e as mãos, pus em dois sacos verdes separados; e depois dobrei mais ou menos o corpo e o enfiei no terceiro saco.

Havia sangue por todo o tapete, que percebi ser apenas um de muitos, inúmeros tapetes que cobriam o chão em camadas, no estilo de um brechó, e isso era uma pena. Mas a questão era que o corpo estava de saída. Sua decomposição não iria atrair os mortais do andar de cima ou do de baixo. E, sem o corpo, era possível que ninguém viesse a saber qual havia sido seu fim... sem dúvida, melhor para Dora, do que ver grandes fotografias coloridas de uma cena como a que eu havia criado ali.

Dei um último olhar para a expressão carrancuda do anjo, demônio, ou sei lá o que era, com sua cabeleira feroz, seus belos lábios e enormes olhos polidos. E então, carregando com dificuldade os três sacos como Papai Noel, saí para me livrar de Roger pedaço por pedaço.

O que não foi um grande problema.

Apenas proporcionou-me uma hora para pensar enquanto eu me arrastava pelas ruas negras, vazias, cheias de neve, afastando-me do centro, à procura de construções caóticas e lúgubres, pilhas de lixo e locais em que houvesse um acúmulo de podridão e imundície que não tivesse probabilidade de ser inspecionado, muito menos limpo, tão cedo.

Debaixo de um viaduto, deixei as mãos enterradas num enorme monte de lixo. Os poucos mortais que rondavam por ali, com cobertores e uma pequena fogueira acesa numa lata, não prestaram nenhuma atenção ao que eu estava fazendo. Enfiei as mãos envoltas em plástico tão fundo no lixo que não era concebível que alguém pudesse tentar recuperá-las. Aproximei-me, então, de um

dos mortais, que nem se dignou a olhar para mim, e deixei cair umas notas junto à fogueira. O vento quase pegou o dinheiro. E então uma mão, de um ser vivo, é claro, a mão de um daqueles vagabundos, surgiu veloz à luz do fogo, apanhou as notas e as levou de volta para a escuridão que respirava.

— Obrigado, irmão.

— Amém — disse eu.

Da cabeça desfiz-me de modo semelhante, muito longe dali. Era uma lixeira de fundos de prédio. Lixo úmido de um restaurante. Mau cheiro. Não lhe dei nem um último olhar. Ela me constrangia. Não era nenhum troféu. Eu jamais guardaria a cabeça de um homem como troféu. A idéia me parecia deplorável. Não me agradava sua dureza por baixo do plástico. Se os famintos a encontrassem, eles não fariam nenhuma denúncia. Além do mais, os famintos já haviam passado por ali para pegar sua cota de tomates, alface, espaguete e cascas de pão francês. O restaurante já estava fechado há horas. O lixo estava congelado e fez ruídos secos e estalos quando empurrei a cabeça para o fundo da sujeira.

Voltei para o centro da cidade, ainda a pé, ainda com esse último saco pendurado nas costas, seu corpo infeliz, pernas e braços. Desci pela Quinta Avenida, passei pelo hotel de Dora que dormia, pela catedral de St. Patrick, sempre em frente, pelas lojas elegantes. Mortais apressavam-se a entrar por portas protegidas por toldos. Motoristas de táxi buzonavam, furiosos com as limusines lentas, desajeitadas.

Eu ia caminhando sem parar. Dava chutes na neve derretida e me odiava. Sentia o cheiro dele e odiava isso também. De certo modo, porém, o banquete havia sido tão divino que era justo que exigisse esse final, essa limpeza.

Os outros, Armand, Marius, todos os meus colegas, amantes, amigos e inimigos imortais, sempre me repreendiam por não "dar um fim aos restos". Tudo bem, dessa vez Lestat estava sendo um bom vampiro. Estava limpando a sujeira que fez.

Eu estava quase chegando ao Village quando descobri mais um lugar perfeito, um enorme depósito, aparentemente abandonado, seus andares superiores cheios da bela cintilação de janelas quebradas. E ali dentro, lixo de toda natureza, num monte imenso. Senti o cheiro de carne em putrefação. Alguém havia morrido ali umas semanas antes. Só o frio impedia o cheiro de chegar a narinas humanas. Ou talvez ninguém se importasse.

Entrei mais no galpão cavernoso — cheiro de gasolina, metal, tijolo vermelho. Uma montanha de lixo no meio do recinto parecia tão grande quanto uma pirâmide mortuária. Havia um caminhão ali, estacionado em perigosa proximidade dela, o motor ainda morno. Só que não havia nenhum ser vivo por ali.

E havia uma boa quantidade de carne em decomposição na pilha maior. Pelo olfato, calculei pelo menos três cadáveres espalhados pelo lixo. Talvez fossem mais. Para mim, o cheiro era totalmente abominável. Por isso, não dediquei muito tempo a uma análise da situação.

— Tudo bem, meu amigo, eu o entrego a um cemitério — disse eu. Empurrei o saco para o fundo, em meio às garrafas quebradas, latas amassadas,

pedaços de fruta podre, montes e pilhas de papelão, madeira e lixo. Quase provoqueei uma avalanche. Houve de fato um pequeno tremor no lixo, ou dois, e em seguida a pirâmide desajeitada se recompôs em silêncio. O único ruído era dos ratos. Uma garrafa de cerveja rolou, sozinha, pelo chão, a alguns centímetros do monumento, com um brilho passageiro, silenciosa, só.

Examinei o caminhão por algum tempo: em mau estado de conservação, anônimo, motor quente, cheiro recente de ocupantes humanos. Que me importava o que faziam ali? O fato era que iam e vinham passando pelas grandes portas de metal, ignorando ou mesmo alimentando esse ossuário empilhado. Com grande probabilidade, ignorando-o. Quem estacionaria ao lado da sua própria vítima de assassinato?

No entanto, em todas essas grandes e densas cidades modernas, estou falando de cidades de primeira linha, covis do mal de renome mundial, Nova York, Tóquio, Hong-Kong, podem-se encontrar as configurações mais estranhas da atividade mortal. A criminalidade começava a me fascinar nas suas muitas facetas. Era isso o que me atraía até ele.

Roger. Adeus, Roger.

Sai dali. A neve havia parado de cair. Ali era desolado e triste. Um colchão descoberto estava na esquina do quarteirão, com a neve a cobri-lo. As lâmpadas dos postes estavam quebradas. Eu não tinha certeza absoluta de onde estava.

Caminei na direção da água, até a extremidade da ilha, e então vi uma daquelas igrejas muito antigas, igrejas que remontavam aos tempos dos holandeses em Manhattan, com um pequeno cemitério cercado ao lado e lajes que indicariam estatísticas assombrosas, como 1704 ou mesmo 1692.

Tratava-se de uma construção que era um tesouro gótico, uma parcela ínfima da glória da catedral de St. Patrick, e possivelmente mais complexa e misteriosa, uma visão agradável apesar de todo o seu detalhe, organização e convicção em meio à neutralidade e ao desperdício da cidade grande.

Sentei-me na escada da igreja, apreciando bastante as superfícies entalhadas dos arcos pontudos, apreciando bastante a possibilidade de me recostar na escuridão em pedras santificadas.

Percebi com muito cuidado que aquele que me perseguia não estava em parte alguma por perto; que os atos daquela noite não me haviam proporcionado nenhuma visita de outros reinos, ou de passos apavorantes; que a enorme estátua de granito era mesmo inanimada; que eu ainda estava com os documentos de Roger no bolso; e que isso daria a Dora semanas, talvez mesmo meses, antes que sua paz de espírito fosse perturbada pelo desaparecimento do pai; além do fato de que ela agora nunca iria ficar sabendo dos detalhes.

E basta por aí. Fim da aventura. Eu me sentia melhor, muito melhor do que quando estava conversando com David. Voltar lá, olhar para aquela coisa monstruosa de granito, havia sido a atitude perfeita.

O único problema era que o mau cheiro de Roger não me largava. Roger. Ele havia sido "a Vítima" até quando? Agora eu o estava chamando de Roger. Isso simbolizaria o amor? Dora o chamava de Roger, Papai, Roge e Pápi. "Querida, aqui é Roge", diria ele de Istambul. "Dá para você ir se encontrar comigo na Flórida, só por uns dias? Preciso falar com você..."

Tirei do bolso a documentação falsa. O vento era forte e frio, mas não havia mais neve, e a neve que estava no chão começava a endurecer. Nenhum mortal teria ficado sentado ali daquele jeito, nesse arco pontudo, alto e sem profundidade de uma porta de igreja, mas eu estava gostando.

Olhei para o passaporte falso. Na realidade, era um conjunto completo de documentos falsos, alguns dos quais eu não compreendia. Havia um visto de entrada para o Egito. Para trazer contrabando de lá, sem dúvida! E o nome Wynken fez com que eu desse um sorriso de novo, porque é um desses nomes que fazem com que até mesmo as crianças riam ao ouvi-lo. *Wynken, Blinken and Nod*. Não era assim o poema?

Foi simples rasgar tudo aquilo em fragmentos minúsculos e deixar que o vento os carregasse pela noite adentro, passando por cima das pequenas lajes eretas do diminuto cemitério. Que rajada! Foi tudo embora como cinzas, como se sua identidade houvesse sido cremada e o tributo final estivesse sendo prestado.

Eu me sentia exausto, cheio de sangue, satisfeito e tolo por ter sentido tanto medo quando estava conversando com David. David sem dúvida estava me considerando bobo. No entanto, do que eu de fato me havia certificado? Só de que a Coisa que me perseguia não tinha nenhuma intenção especial de proteger Roger, a Vítima, ou não tinha nenhuma ligação com Roger. E isso eu não sabia? Não queria dizer que aquele que me perseguia tivesse desaparecido.

Só queria dizer que ele escolhia seus momentos, e talvez eles não estivessem em nada relacionados com o que eu fazia.

Admirei a pequena igreja. Como era valiosa, enfeitada e incongruente em meio aos outros prédios da parte baixa de Manhattan, a não ser pelo fato de que nada mais nessa cidade estranha conseguisse ser exatamente incongruente em decorrência de ser tão densa a mistura de gótico, do antigo e do moderno. A placa de rua próxima indicava Wall Street.

Eu estaria bem no início de Wall Street? Recostei-me nas pedras, fechei os olhos. David e eu conversariamos amanhã à noite. E Dora? Estaria Dora dormindo como um anjo na sua cama no hotel em frente à catedral? Será que eu me perdoaria se fosse dar uma última espiada secreta, segura e vã, em Dora na cama, antes de abandonar toda essa aventura? Fim de papo.

Melhor tirar da cabeça a idéia dessa mocinha; esquecer a figura que se movia pelos corredores enormes e escuros daquele convento vazio em Nova

Orleans com a lanterna elétrica na mão, a corajosa Dora. Nem um pouco parecida com a última mortal que eu havia amado. Não. Esqueça-se disso. Esqueça-se disso, Lestat, está me ouvindo?

O mundo estava cheio de vítimas em potencial, quando se começava a pensar em termos de todo um projeto de vida, uma ambientação para uma existência, uma personalidade completa, por assim dizer. Talvez eu voltasse para Miami se conseguisse que David me acompanhasse. Amanhã à noite, David e eu poderíamos conversar.

É claro que ele poderia ficar extremamente irritado com o fato de eu ter-lhe pedido que arranjasse refúgio no Olympic Tower, e agora estivesse pronto para me mudar para o sul do país. Mas também podia ser que não nos mudássemos para o sul.

Tornei-me perfeitamente consciente de que, se eu ouvisse os passos agora, se pressentisse aquele que me perseguia, amanhã à noite estaria tremendo nos braços de David. Aquele que me perseguia não se incomodava com o lugar para onde eu fosse. E ele era real.

Asas negras, a sensação de que algo sombrio se avolumava, fumaça espessa e a luz. Não fique remoendo isso. Você já teve uma quantidade suficiente de pensamentos medonhos para uma noite, não teve?

Quando eu detectaria outro mortal como Roger? Quando eu veria outra luz brilhando com aquela intensidade? E o filho da mãe falando comigo o tempo todo, falando mesmo desmaiado! Falando *comigo!* E conseguindo fazer com que aquela estátua parecesse ter vida de algum modo, com algum fraco impulso telepático, maldição! Abanei a cabeça. Eu mesmo teria provocado aquilo? Eu teria feito alguma coisa diferente?

Ao seguir o rastro de Roger por meses a fio, eu teria vindo a amá-lo tanto que cheguei a falar com ele enquanto o matava, em algum mudo soneto de devoção? Não. Eu estava só bebendo o sangue e o amando, além de trazê-lo para dentro de mim. Roger em mim.

Um carro passou lentamente pela escuridão, parando ao meu lado. Mortais que queriam saber se eu precisava de abrigo. Meneei a cabeça, volvei-me, atravessei o cemitério, pisando numa sepultura atrás da outra enquanto abria caminho entre as lápides, e parti para o Village, movimentando-me com tanta rapidez que era improvável que eles tivessem conseguido ver minha partida.

Imagem só. Eles vêem esse rapaz louro num *blazer* azul-marinho, tipo jaquetão, com uma echarpe vistosa no pescoço, sentado no frio na escada dessa igreja antiga. E de repente a figura desaparece. Eu ri alto, adorando a sonoridade da risada enquanto ela subia reverberando nas paredes de tijolo. Agora eu estava perto de música, de gente andando de braços dados, vozes humanas, cheiro de comida. Havia jovens por ali, com saúde suficiente para imaginar que o inverno rigoroso podia ser divertido.

O frio começava a me incomodar. A causar uma dor quase humana. Senti vontade de estar entre quatro paredes.

CAPÍTULO 3



Dei apenas alguns passos, vi portas giratórias, entrei no saguão de algum estabelecimento, creio que um restaurante, e me descobri sentado ao balcão de um bar. Exatamente o que eu queria, meio vazio, muito escuro, quente demais, com as garrafas cintilando no centro do balcão circular. Algum ruído tranquilizador vindo dos fregueses que jantavam para lá das portas abertas. Descansei os cotovelos no bar, com os calcanhares enganchados na barra de latão. Fiquei ali sentado na banquetta, trêmulo, ouvindo a conversa dos mortais, não prestando atenção a nada, ouvindo a inevitável ociosidade e estupidez de um bar, cabisbaixo, sem meus óculos escuros, droga, eu havia perdido meus óculos roxos! É, aqui era bem escurinho, muito, muito escuro, uma espécie de languidez de fim de noite pairava por tudo, algum tipo de clube? Eu não sabia. Não me importava.

— Vai beber alguma coisa, senhor? — Rosto preguiçoso, arrogante. Disse o nome de uma água mineral. E, assim que ele me serviu o copo, mergulhei os dedos na água para lavá-los. Ele já não estava mais ali. Não teria se importado se eu tivesse começado a batizar bebês com a água. Outros fregueses estavam espalhados por mesas na escuridão... uma mulher que chorava em algum canto distante e um homem que lhe dizia com voz áspera que ela estava chamando a atenção. Ela não estava. Ninguém dava a mínima.

Limpei minha boca com a água e o guardanapo.

— Mais água — pedi. Empurrei para longe de mim o copo poluído. Apático, ele indicou ter ouvido meu pedido, sangue jovem, personalidade neutra, vida sem ambições, e se afastou.

Ouvi um risinho por perto... o homem à minha direita, a talvez duas banquetas de distância, que já estava ali quando eu entrei, mais para jovem, sem cheiro. Totalmente sem cheiro, o que era estranhíssimo.

Irritado, voltei-me e olhei para ele.

— Vai fugir de novo? — murmurou ele. Era a Vítima. Era Roger, ali sentado na banquetta.

Não estava mutilado, machucado ou morto. Estava completo com as mãos e a cabeça. Não estava ali. Apenas parecia estar, muito sólido e muito quieto, e sorriu para mim, vibrando com meu terror.

— O que houve, Lestat? — perguntou-me ele com aquela voz que eu tanto amava depois de seis meses a escutá-la. — Ninguém em todos esses séculos jamais voltou para assombrá-lo?

Eu não disse nada. Não estava ali. Não, não estava ali. Era matéria, mas não da mesma matéria que tudo o mais. Palavras de David. Uma textura diferente. Enrijeci. Seria patético descrever minha atitude de forma tão branda. Fiquei paralisado de incredulidade e ódio.

Ele se levantou e passou para a banqueta ao meu lado. Estava ficando mais nítido e cheio de detalhes a cada instante. Agora eu captava algo como um som emitido por ele, um som de alguma coisa viva ou organizada; mas, sem dúvida, nenhuma respiração de ser humano.

— E dentro de mais alguns minutos, estarei forte o suficiente talvez para pedir um cigarro ou um copo de vinho — disse ele.

Ele enfiou a mão no casaco, seu casaco preferido, não o que estava usando quando o matei, outro casaco feito para ele em Paris, do qual ele gostava, sacou seu vulgar isqueirinho de ouro e fez a chama saltar, muito azul e perigosa, butano.

Olhou para mim. Pude ver que seus cabelos negros e crespos estavam penteados; seus olhos muito nítidos. O belo Roger. Sua voz soava exatamente igual à voz de quando estava vivo: internacional, desprovida de origens, nascida em Nova Orleans e viajada pelo mundo inteiro. Nada da impertinência britânica, e nada da paciência sulina. Sua voz rápida, precisa.

— Estou falando sério — disse ele. — Quer dizer que em todos esses anos, nem uma única vítima jamais voltou para assombrá-lo?

— Não — respondi.

— Você é fantástico. Você realmente não admite sentir medo por um instante sequer, não é?

— Não.

Agora ele parecia perfeitamente sólido. Eu não fazia nenhuma idéia se alguma outra pessoa conseguia vê-lo. Nenhuma idéia, mas imaginava que sim. Sua aparência era a de qualquer um. Eu via os botões nos seus punhos brancos, e o relance luminoso do colarinho branco na nuca, onde os cabelos finos o encobriam. Eu via seus cílios, que sempre haviam sido extraordinariamente longos.

O *barman* voltou e pôs o copo d'água diante de mim, sem olhar para ele. Eu ainda não tinha certeza. O rapaz era grosseiro demais para ser prova de qualquer coisa, a não ser de que eu estava em Nova York.

— Como é que você está fazendo isso? — perguntei.

— Do mesmo jeito que qualquer outro fantasma. Eu morri. Estou morto agora há uma hora e meia e preciso conversar com você! Não sei quanto tempo vou poder ficar aqui. Não sei nem quando vou começar a... Só Deus sabe, mas você precisa me ouvir.

— Por quê?

— Não seja tão desagradável — sussurrou ele, parecendo realmente magoado. — Você me assassinou.

— E você? As pessoas que você matou? A mãe de Dora? Ela alguma vez voltou para exigir de você uma audiência?

— Uuui, eu sabia. Eu sabia! — Ele estava visivelmente abalado. — Você sabe da existência de Dora! Deus do céu, mande minha alma para o Inferno,

mas não permita que ele atinja Dora.

— Deixe de ser ridículo. Eu não ia querer atingir Dora. Era atrás de você que eu estava. Eu o venho seguindo pelo mundo inteiro. Se não fosse por um respeito superficial por Dora, eu já teria acabado com você há muito tempo.

O *barman* voltou. Isso causou o sorriso de maior enlevo nos lábios do meu companheiro. Ele olhou direto para o rapaz.

— É, meu querido, vejamos, o último drinque a menos que eu esteja muito equivocado, que seja um *bourbon*. Eu cresci no sul. O que você tem aí? Não, vou lhe dizer uma coisa, filho. Basta que me traga um Southern Comfort. — Seu riso foi discreto, simpático e suave. O *barman* seguiu adiante, e Roger voltou seus olhos furiosos para mim. — Você tem de me ouvir, não importa o que seja, vampiro, demônio, diabo, não me importa. Você não pode ferir minha filha.

— Não pretendo feri-la. Eu nunca ia querer feri-la. Pode seguir para o Inferno. Vai se sentir melhor. Boa noite.

— Seu filho da mãe presunçoso. Quantos anos de vida você pensa que eu ainda tinha? — Goticulas de suor começavam a se formar no seu rosto. Seu cabelo estava se movendo um pouco com a corrente natural que atravessava o recinto.

— Não ligo a mínima! Você foi um banquete pelo qual valeu a pena esperar.

— Você é bem insolente, sabia? — disse ele, em tom ácido. — Mas nem de longe é tão superficial quanto finge ser.

— Ah, você acha que não? Pois experimente. Pode descobrir que eu sou "como metais que ressoam ou pratos que retinem".

Isso fez com que ele parasse.

Fez com que eu também parasse. De onde essas palavras tinham saído? Por que rolaram da minha boca desse jeito? Eu não era propenso ao uso desse tipo de imagens!

Ele estava absorvendo tudo isso, minha preocupação, minha evidente falta de segurança. Eu me perguntava de que forma ela se manifestava. Eu perdia ligeiramente o ímpeto ou o colorido, como acontece com alguns mortais, ou apenas aparentava estar confuso?

O *barman* deu-lhe o drinque. Agora muito hesitante, ele estava tentando pôr os dedos em volta do copo e erguê-lo. Conseguiu, levou-o à boca e tomou um golinho. Ficou surpreso, grato e, de repente, tão cheio de medo que quase se desintegrou. A ilusão quase se dissipou por completo.

No entanto, ele se manteve firme. Era tão óbvio que aquela era a pessoa que eu acabara de matar, que picara em pedaços e enterrara espalhada por toda a Manhattan, que eu me senti fisicamente mal só de olhar para ele. Percebi que só uma coisa estava me salvando do pânico. Ele estava conversando comigo. O que David me dissera um dia, quando ainda estava vivo, sobre o fato de conversar comigo? Que ele não mataria um vampiro porque o vampiro conseguia falar com ele? E aquele maldito fantasma estava falando comigo.

— Preciso lhe falar de Dora — disse ele.

— Já lhe disse que não vou feri-la nunca, nem ninguém parecido com ela. Olhe, o que você está fazendo aqui comigo?! Quando você apareceu, nem sequer

sabia que eu tinha conhecimento da existência de Dora! Você queria me falar dela?

— Profundidade. Fui assassinado por um ser com profundidade, que sorte, alguém que de fato teve um prazer especial na minha morte, não é?— Ele bebeu um pouco mais do Southern Comfort de cheiro adocicado. — Essa era a bebida preferida de Janis Joplin, sabia? — disse ele, referindo-se à cantora falecida que eu também adorava. — Olhe, ouça-me por curiosidade, não faz diferença. Mas escute. Deixe-me falar de mim e de Dora. Quero que você saiba. Quero que você realmente saiba quem eu fui, não o que você poderia imaginar. Quero que você cuide de Dora. E além disso tem alguma coisa lá no apartamento, alguma coisa que eu quero que você...

— O véu de Verônica na moldura?

— Não! Aquilo é lixo. Quer dizer, é claro que tem quatro séculos, mas é uma versão comum do véu de Verônica, para quem tem o dinheiro suficiente. Você realmente inspecionou minha casa, não?

— Por que você quis dar esse véu para Dora? — perguntei, o que evidentemente lhe deu o que pensar.

— Você ouviu nossa conversa?

— Inúmeras vezes.

Ele estava fazendo conjecturas, ponderações. Parecia totalmente sensato, com seu rosto moreno de asiático revelando nada a não ser sinceridade e enorme cuidado.

— Você disse "cuidar de Dora"? — perguntei. — Foi isso o que pediu que eu fizesse? Cuidar dela? Ora, essa é uma proposta diferente, e por que você quer me contar a história da sua vida? Você está passando pelo seu próprio julgamento após a morte com o cara errado! Não me importa como você acabou sendo como era. Os objetos no apartamento, por que um fantasma iria se importar com coisas semelhantes?

Isso não estava sendo totalmente honesto da minha parte. Eu estava sendo irreverente demais, e nós dois sabíamos disso. É claro que ele se importava com seus tesouros. Mas era Dora quem havia feito com que ele ressurgisse dos mortos.

Seu cabelo estava agora mais negro, e o casaco havia adquirido mais textura. Eu podia ver a trama da seda e do *cashmere* nele. Eu via suas unhas, tratadas por manicures profissionais, muito certinhas e lustrosas. As mesmas mãos que eu joguei no lixo! Eu achava que alguns minutos antes todos esses detalhes não estavam visíveis.

— Meu Deus — murmurei. Ele riu.

— Você está com mais medo do que eu.

— Onde é que você está?

— Do que é que você está falando? — perguntou ele. — Estou sentado ao seu lado. Estamos num bar no Village. O que você está querendo dizer com onde é que eu estou? Quanto ao meu corpo, você sabe tão bem quanto eu onde jogou os pedaços.

— É por isso que você está me assombrando.

— Claro que não. Não ligo a mínima para aquele corpo. Tive essa

sensação no instante em que o deixei. Você sabe de tudo isso!

— Não, não, o que eu quero dizer é em que reino você está agora, qual é esse reino, onde você está, o que você viu quando morreu... o que...

Ele abanou a cabeça com um sorriso tristíssimo.

— Você sabe a resposta para todas essas perguntas. Eu não sei onde estou. Alguma coisa está à minha espera, no entanto. Tenho bastante certeza disso. Alguma coisa está à espera. Talvez seja apenas a dissolução. A escuridão. Mas me parece pessoal. Não vai ficar esperando para sempre. Mas não sei como eu sei isso.

— E não sei por que tenho permissão para me comunicar com você, se é a mera vontade, minha vontade, quer dizer, que por sinal não me falta, ou se é alguma espécie de concessão de momentos, não sei! Mas fui atrás de você. Eu o acompanhei quando saiu do apartamento e voltou para lá; saiu novamente com o corpo; e vim para cá porque preciso falar com você. Não vou embora sem lutar, enquanto não falar com você.

— Alguma coisa está à sua espera — sussurrei. Aquilo era um assombro. Puro e simples. — E então, depois da nossa conversinha, se você não se dissolver, exatamente para onde irá?

Ele abanou a cabeça e olhou com raiva para a garrafa na prateleira do centro, uma inundação de luz, cores, rótulos.

— Você me cansa — disse ele, irritado. — Cale a boca.

Aquilo me atingiu. Cale a boca. Mandar que eu calasse a boca.

— Não posso sair por aí cuidando da sua filha — disse eu.

— O que você está querendo dizer? — Ele me lançou um olhar irado, tomou mais um gole da bebida e fez um gesto para que o *barman* trouxesse mais um.

— Você vai se embriagar? — perguntei.

— Acho que não consigo. Você *tem* de cuidar dela. Tudo vai ser tão público, sabe? Tenho inimigos que a matariam por nenhum outro motivo além de ela ser minha filha. Você não sabe quanto cuidado eu tive; e não sabe como ela é imprudente, o quanto ela acredita na Providência Divina. E depois ainda há o governo, os cães do governo, e minhas coisas, minhas relíquias, meus livros!

Eu estava fascinado. Durante uns três segundos, eu me havia esquecido totalmente de que ele era um fantasma. Agora meus olhos não me davam nenhuma prova de que o fosse. Nenhuma. Só que ele não tinha cheiro, e o leve som de vida que dele emanava ainda tinha pouco a ver com pulmões de verdade ou com um coração real.

— Está bem, vou direto ao ponto. Eu temo por ela. Ela precisa superar a notoriedade. É preciso que se passe tempo suficiente para que meus inimigos se esqueçam dela. A maioria deles não sabe da sua existência. Mas alguém poderia saber. É possível que alguém saiba, se você sabia.

— Não necessariamente. Eu não sou humano.

— Você precisa protegê-la.

— Não posso fazer uma coisa dessas. Eu me recuso.

— Lestat, você quer me ouvir?

— Não quero ouvir. Quero que você vá embora.

— Sei que você quer.

— Olhe, nunca tive intenção de matá-lo. Perdoe-me, foi um erro. Eu deveria ter escolhido alguém... — Minhas mãos tremiam. Ai, como tudo isso parecia fascinante depois, e naquele exato momento implorei a Deus, logo a quem, que por favor fizesse aquilo parar, aquilo tudo parar.

— Você sabe onde eu nasci, não sabe? Você conhece o quarteirão da St. Charles perto da Jackson?

Fiz que sim.

— A pensão — disse eu. — Não me conte a história da sua vida. Não há nenhum motivo. Além do mais, ela acabou. Você teve sua chance de escrever suas memórias enquanto estava vivo, como qualquer outra pessoa. O que você espera que eu faça com essa informação?

— Quero lhe contar as coisas que importam. Olhe para mim! Olhe para mim, por favor. Procure me compreender, me amar e amar Dora por mim! Estou lhe implorando.

Eu não precisava ver sua expressão para entender essa terrível agonia, esse grito de proteção. Existe alguma coisa nesta terra que possa nos atingir e que nos faça sofrer tanto quanto a visão do sofrimento de um filho nosso? Dos nossos entes queridos? Daqueles mais unidos a nós? Dora, a pequena Dora caminhando no convento vazio. Dora numa tela de televisão, a dançar com os braços muito abertos.

Devo ter arquejado. Não sei. Estremecido. Alguma coisa. Não consegui desanuviar minha cabeça por um instante, mas não se tratava de nada sobrenatural, apenas uma aflição, e a percepção de que ele estava ali, palpável, visível, esperando alguma coisa de mim; que ele havia conseguido fazer contato, que ele havia sobrevivido tempo suficiente nessa forma efêmera para exigir de mim uma promessa.

— Você realmente me ama — murmurou ele. Parecia sereno e intrigado. Muito fora do alcance de elogios. Muito fora do meu alcance.

— Paixão — murmurei. — Foi seu temperamento apaixonado.

— É, eu sei. Fico lisonjeado. Não fui atropelado por um caminhão na rua, nem morto a tiros por um assassino profissional. Você me matou! Você, e você deve ser um dos melhores.

— Melhores do quê?

— Do que seja lá que vocês se chamam. Você não é humano. E, no entanto, é. Você sugou o sangue do meu corpo para dentro do seu próprio corpo. Agora você está vivendo dele. Sem dúvida, você não é o único. — Ele afastou o olhar. — Vampiros. Eu vi fantasmas quando era pequeno na nossa casa em Nova Orleans.

— Todo mundo em Nova Orleans vê fantasmas.

Ele riu a contragosto. Um riso muito curto e discreto.

— Eu sei, mas eu vi mesmo; e já os vi em outros lugares. Mas nunca acreditei em Deus, no Diabo, em Anjos, Vampiros, Lobisomens ou coisas semelhantes, coisas que poderiam afetar o destino ou mudar o rumo de algum ritmo aparentemente caótico que governasse o universo.

— Você agora acredita em Deus?

— Não. Tenho a suspeita secreta de que me mantereire firme quanto tempo puder nesta forma, como todos os fantasmas que já vislumbrei, e depois vou começar a desaparecer. Vou me apagar. Como uma luz. É isso o que me espera. O esquecimento. E não é nada pessoal. Só dá essa impressão porque minha mente, o que resta dela, o que está apegado a esta terra, não consegue apreender nada diferente. O que você acha?

— De qualquer jeito, isso me apavora. — Eu *não* ia lhe falar daquele que me perseguia. Eu *não* ia lhe fazer perguntas sobre a estátua. Agora eu sabia que ele não tivera nada a ver com a aparência de animação da estátua. Ele já estava morto, em ascensão.

— Isso o deixa apavorado? — perguntou ele, em tom respeitoso. — Bem, não está acontecendo com você. É você que faz com que aconteça a outros. Deixe-me lhe falar de Dora.

— Ela é linda. Vou... vou tentar cuidar dela.

— Não, de você ela precisa de algo mais. Ela precisa de um milagre.

— Um milagre?

— Olhe, não importa o que você seja, você está vivo, mas não é humano. Você pode fazer um milagre, não pode? Poderia fazer isso por Dora. Não seria absolutamente nenhum problema para uma criatura com as suas capacidades!

— Você está querendo dizer algum milagre religioso forjado?

— O que mais poderia ser? Ela nunca vai salvar o mundo sem um milagre, e ela sabe disso. Você poderia conseguir isso para ela!

— Você está se mantendo apegado à matéria e veio me assombrar neste bar para me fazer uma proposta obscena dessas! Você é irrequerável. Você morreu, mas continua sendo um vigarista e um criminoso. Ouça só suas palavras. Você quer que eu forje algum espetáculo para Dora? Você acha que Dora ia querer isso?

Ele ficou nitidamente estupefato. Pasma demais para se sentir insultado.

Deixou o copo no balcão e ficou ali sentado, calmo e controlado, parecendo estar inspecionando o bar. Com um ar digno e cerca de dez anos mais jovem do que sua idade quando o matei. Acho que ninguém quer voltar como fantasma, a não ser numa bela forma. Era apenas natural. E eu senti um aprofundamento do meu fascínio inevitável e fatal por essa minha Vítima. *Monsieur, seu sangue está correndo dentro de mim!*

Ele se voltou.

— Você tem razão — disse ele, num sussurro extremamente dilacerado. — Você tem toda a razão. Não posso fazer qualquer acordo com você para que forje milagres para ela. É monstruoso. Ela odiaria a idéia.

— Agora você está falando como os Grateful Dead — disse eu.

Ele deu mais uma risadinha de desdém e prosseguiu, com uma emoção grave, sombria.

— Lestat, você tem de cuidar dela... por algum tempo. Como não respondi, ele insistiu com delicadeza.

— Só por um curto período, até que os repórteres tenham parado, e tenha acabado o horror da história. Até que sua fé seja restaurada, e ela seja ela mesma por inteiro, de volta à sua própria vida. Ela ainda tem sua própria vida. Não pode

ser ferida por minha causa, Lestat, não por minha causa. Não é justo.

— Justo?

— Chame-me pelo meu próprio nome. Olhe para mim.

Olhei para ele. Causou-me uma dor estranha. Ele estava aflito. Eu não sabia se os seres humanos conseguiam expressar essa mesma intensidade de aflição. Eu realmente não sabia.

— Meu nome é Roger — disse ele. Parecia agora ainda mais jovem, como se estivesse viajando para trás no tempo, na sua mente, ou apenas estivesse se tornando inocente, como se os mortos, se quisessem ficar por aqui, tivessem o direito a se lembrar da sua inocência.

— Eu sei seu nome. Sei tudo a seu respeito, Roger. Roger, o fantasma. E você nunca deixou o Velho Capitão tocar em você. Só o deixou adorá-lo, instruí-lo, levá-lo aos lugares e comprar belos objetos para você. E você nunca chegou a ter a dignidade de ir para a cama com ele.

Eu disse essas coisas sobre as imagens que havia absorvido com seu sangue, mas sem maldade. Estava só falando com assombro de como nós todos somos maus, das mentiras que contamos.

Ele não disse nada por um momento.

Fiquei abatido. Era a dor decididamente a me cegar; e o amargor além de um horror profundo e terrível pelo que eu fizera a ele e a outros, e pelo fato de ter ferido qualquer criatura viva. O horror.

Qual era a mensagem de Dora? Como é que deveríamos nos salvar? Era o mesmo velho cântico de adoração?

Ele me observava. Era jovem, dedicado, uma esplêndida imitação da vida. Roger.

— Está bem — disse ele, com a voz baixa e paciente. — Eu não dormi com o Velho Capitão, você tem razão, mas na realidade ele jamais quis isso de mim, sabe? Não foi como você pensa. Ele estava velho demais. Você não sabe como é que foi de verdade. Talvez você possa ter conhecido a culpa que eu sinto. Mas você não sabe como lamentei mais tarde não ter feito isso, não ter experimentado com o Velho Capitão. E não foi isso o que me levou para o lado errado. Não foi isso. Não foi a grande dissimulação ou roubo que você imagina. Eu adorava as coisas que ele me mostrava. Ele me amava. Ele viveu dois ou três anos a mais, provavelmente por minha causa. Wynken de Wilde, nós amávamos Wynken de Wilde juntos. Deveria ter acabado de outro jeito. Eu estava com o Velho Capitão quando ele morreu, sabia? Nunca saí do quarto. Tenho esse tipo de fidelidade quando quem eu amo precisa de mim.

— É, você teve também com sua mulher, Terry, não teve? — Foi cruel da minha parte dizer isso, mas falei sem pensar, vendo seu rosto novamente no instante em que ele atirou nela. — Deixe isso para lá, por favor. Desculpe. Em nome de Deus, quem é Wynken de Wilde? — Eu me sentia tão péssimo. — Meu Deus, você está me assombrando, e eu no fundo sou um covarde! Um covarde. Por que você disse esse nome estranho? Não quero saber. Não, não me diga. Já basta para mim. Vou embora. Você pode ficar assombrando este bar até o dia do juízo final se quiser. Procure algum indivíduo virtuoso para conversar.

— Escute aqui — disse ele. — Você me ama. Você me escolheu. Tudo o

que eu quero é preencher os detalhes.

— Eu cuido de Dora, de um jeito ou outro. Vou descobrir algum jeito de ajudá-la, alguma coisa eu vou fazer. E cuido de todas as relíquias. Vou tirá-las de lá, levá-las para um lugar seguro e preservá-las para Dora, até que ela sinta que pode aceitá-las.

— Isso!

— Pronto, deixe-me ir.

— Eu não o estou segurando — respondeu ele.

É, eu o amava mesmo. Eu realmente queria olhar para ele. Eu queria, sim, que ele me contasse tudo, cada ínfimo detalhe! Estendi a mão e toquei a dele. Não tinha vida. Não era carne humana. Algo com vitalidade, porém. Algo ardente e emocionante.

Ele apenas sorriu.

Ele estendeu a mão direita, envolveu meu pulso direito com os dedos e se aproximou. Eu sentia seu cabelo tocar na minha testa, fazendo cócegas na minha pele, só uma mecha solta. Grandes olhos escuros que olhavam para mim.

— Escute — disse ele, novamente. Hálito sem cheiro. — Sim...

Ele começou a falar em voz baixa, apressada. Começou a me contar a história.

CAPÍTULO 4



— A questão é que o Velho Capitão era um contrabandista, um colecionador. Passei anos com ele. Minha mãe me havia mandado para Andover, depois me trouxe para casa. Não conseguia viver sem mim. Fui para os jesuítas. Não me sentia à vontade com ninguém e em nenhum lugar. E talvez o Velho Capitão fosse a pessoa perfeita. Mas Wynken de Wilde, isso começou com o Velho Capitão e as antiguidades que ele vendia em todo o Quarter, geralmente objetos pequenos, portáteis.

— E vou lhe dizer logo, Wynken de Wilde não quer dizer nada, absolutamente nada, a não ser um sonho que eu tive um dia, um plano muito pervertido. Quero dizer que minha paixão eterna, além de Dora, foi Wynken de Wilde. Mas, se você não ligar para ele depois desta conversa, ninguém mais vai ligar. Dora não liga.

— Que história é essa de Wynken de Wilde?

— Arte, naturalmente. Beleza. Mas na minha cabeça eu confundi tudo, quando estava com uns dezessete anos, e decidi criar uma nova religião, uma seita, amor livre, doação aos pobres, que a mão não se levante contra ninguém, sabe, uma espécie de comunidade Amish sem repressão sexual. É claro que isso foi em 1964, a época do *flower power*, da maconha, Bob Dylan parecendo estar cantando o tempo todo sobre a ética e a caridade, e eu queria uma nova ordem dos Irmãos da Vida Cristã, que estivesse em sintonia com valores sexuais modernos. Você sabe quem foram os Irmãos?

— Sei. Misticismo popular, final da Idade Média, que qualquer um poderia conhecer Deus.

— Isso aí! Que bom você saber uma coisa dessas.

— Não era preciso ser padre nem monge.

— Exatamente. E por isso os monges ficaram com inveja, mas minha idéia disso tudo quando rapaz estava toda entrelaçada com Wynken, que eu sabia ter sido influenciado pelo misticismo alemão e todos aqueles movimentos populares, Meister Eckhart, e assim por diante, embora ele trabalhasse no escritório de um convento e ainda fizesse à mão livros de orações em pergaminho à moda antiga. Os livros de Wynken eram totalmente diferentes dos livros dos outros. Eu achava que, se conseguisse encontrar todos os livros de Wynken, estaria feito.

— Por que Wynken? O que o tornava diferente?

— Deixe que eu lhe conte do meu jeito. Veja bem, foi assim que aconteceu. A pensão era elegante, porém pobre, você conhece o estilo. Minha

mãe não sujava as mãos. Tinha três criadas e um velho de cor que faziam tudo. Os velhos, os moradores, esses dispunham de altas rendas pessoais, com limusines em garagens no Garden District, três refeições por dia, tapetes vermelhos. Você conhece a casa. Projetada por Henry Howard. Final do período vitoriano. Minha mãe a herdara da própria mãe.

— Eu a conheço. Já a vi. Já vi você parado diante dela. Quem é o proprietário agora?

— Não sei. Deixei que ela se fosse. Destruí tanta coisa. Mas imagine o seguinte: uma letárgica tarde de verão por lá, estou com quinze anos e me sinto só, e o Velho Capitão me convida para entrar. E ali sobre a mesa do segundo salão, ele aluga os dois salões da frente e vive numa espécie de terra da fantasia cheia de objetos de colecionador, metais e que tais...

— Percebo.

— ... e ali em cima da mesa estão uns livros, livros medievais! Minúsculos livros de orações medievais. É claro que eu reconheço um livro de orações quando o vejo; mas um códice medieval, não. Eu era coroinha quando muito pequeno; fui à missa todos os dias durante anos com minha mãe, conhecia o latim da liturgia, como era necessário. A questão é que reconheço que esses livros são de devoção e raros; e que são algo que o Velho Capitão irá vender inevitavelmente.

— Ele me diz que posso tocar neles, se tiver cuidado. Há dois anos ele me deixava vir ouvir seus discos clássicos, e saíamos para caminhar juntos. Mas eu apenas começava a me tornar atraente em termos sexuais aos seus olhos, embora eu não soubesse disso, e não tem nada a ver com o que tenho a dizer até mais adiante.

— Ele estava ao telefone falando com alguém sobre um navio no porto.

— Dentro de minutos, estávamos indo até o navio. Costumávamos ir a bordo desses navios o tempo todo. Eu nunca sabia o que estávamos fazendo ali. Tinha de ser contrabando. Tudo de que me lembro é do Velho Capitão sentado a uma grande mesa redonda com toda a tripulação. Eram holandeses, creio eu, e algum oficial simpático com um sotaque forte fazia comigo um *tour* pela casa de máquinas, me mostrava cartas náuticas e a sala de rádio. Eu nunca ficava cansado daquilo. Eu adorava navios. O cais de Nova Orleans estava em plena atividade naquela época, cheio de ratos e de pedaços de cânhamo.

— Eu sei.

— Você se lembra daquelas cordas compridas que saíam dos navios para o embarcadouro, como tinham escudos redondos de aço contra os ratos, discos de aço pelos quais os ratos não conseguiam passar?

— Eu me lembro.

— Chegamos em casa naquela noite e, em vez de ir dormir como de costume, peço que ele me deixe entrar para ver aqueles livros. Preciso vê-los antes que ele os venda. Minha mãe não estava no corredor, e eu supus que tivesse ido dormir.

— Deixe-me lhe dar uma idéia da minha mãe e dessa pensão. Já lhe disse que ela era elegante, não disse? Você pode imaginar a mobília, peças pesadas em estilo neo-renascentista, aquele tipo que entulhou as mansões a partir da

década de 1880.

— Sei.

— A casa tem uma escadaria magnífica, em caracol, construída junto a um vitral, e aos pés da escadaria, na curva dessa obra-prima de escadaria da qual Henry Howard devia ter sentido um orgulho profundo, no poço, ficava a enorme penteadeira da minha mãe, imagine! E ela costumava se sentar ali no saguão principal, escovando o cabelo à penteadeira! Basta que eu pense nisso para que minha cabeça comece a doer. Ou era o que costumava acontecer quando eu estava vivo. Era um quadro tão trágico. E, apesar de ter crescido vendo essa cena todos os dias, eu sabia que uma penteadeira de mármore com espelhos, luminárias e filigranas e uma velha de cabelos escuros não combinavam com um Vestíbulo formal...

— E os locatários simplesmente aceitavam? — perguntei.

— Aceitavam, porque a casa estava toda canibalizada para acomodá-los. O velho Sr. Bridey, morando no que antes havia sido uma varanda para criados, e a Srta. Stanton, cega, esquecida num quatinho no andar superior! E quatro apartamentos extraídos das dependências para domésticos nos fundos. Tenho uma sensibilidade aguçada para a desordem. Você me encontra ou bem em perfeita ordem ou então no lugar entulhado e descuidado onde me matou.

— Estou percebendo.

— Mas, se eu tivesse de morar naquela casa de novo... Ora, isso não é importante. O que estou querendo salientar é que acredito na ordem e, quando era jovem, costumava sonhar com ela. Queria ser santo, bem, uma espécie de santo leigo. Voltemos aos livros.

— Prossiga.

— Dei com os livros sacros sobre a mesa. Tirei um deles da sua bolsinha. Eu estava fascinado pelas pequenas ilustrações. Examinei naquela noite todos os livros, um a um, planejando daí em diante dedicar tempo a isso. É claro que o latim, naquela forma, era ilegível para mim.

— Fechado demais. Com um excesso de traços de pena.

— Puxa, você sabe das coisas, não é?

— Talvez nós estejamos surpreendendo um ao outro. Prossiga. — Passei a semana inspecionando todos eles meticulosamente. Matei aula o tempo todo. A escola era tão chata. Eu estava muito mais adiantado do que todos os outros e queria fazer alguma coisa emocionante, sabe? Como cometer um crime importante.

— Santo ou criminoso.

— É, suponho que isso pareça contraditório. No entanto, é uma descrição perfeita.

— Pensei que fosse.

— O Velho Capitão deu explicações sobre os livros. Aquele da bolsinha era um livro de algebeira. Os homens costumavam trazer consigo esses livros. E aquele em especial era um livro de orações; e outro dos livros com iluminuras, o maior e mais grosso, era um Livro das Horas; e é claro que havia uma Bíblia em latim. Ele não dava grande importância àquilo tudo.

— Eu me sentia incrivelmente atraído por esses livros, não sei lhe dizer por

que motivo. Sempre cobicei objetos que brilham, que são vistosos e que aparentam ter valor; e aqui estava a versão mais condensada e aparentemente singular em que eu já pusera os olhos.

— É. Entendo perfeitamente — disse eu, com um sorriso.

— Páginas cheias de ouro e vermelho, com lindas figurinhas minúsculas. Apanhei uma lupa e comecei a estudar as imagens a sério. Fui até a velha biblioteca no Lee Circle, está lembrado? E me instruí sobre todo o assunto. Livros medievais. Como os beneditinos os faziam. Você sabe que Dora é proprietária de um convento? Não está baseado na planta de St. Gall, mas é praticamente seu equivalente para o século XIX.

— Eu o vi. Vi Dora lá. Ela tem coragem e não liga para a escuridão nem para a solidão.

— Ela acredita na Providência Divina a ponto de parecer idiota; e só poderá chegar a algum lugar se não for destruída. Quero mais um drinque. Sei que estou falando rápido. Preciso.

Fiz um gesto para pedir a bebida.

— Continue. O que aconteceu? Quem é Wynken de Wilde?

— Wynken de Wilde era o autor de dois desses livros preciosos que o Velho Capitão tinha em seu poder. Levei meses para descobrir isso. Eu examinava as ilustrações e, aos poucos, concluí que dois dos livros eram do mesmo artista. Depois, apesar da insistência do Velho Capitão de que não haveria assinatura nenhuma, encontrei seu nome em diversos lugares nos dois livros. Ora, você sabe que o Capitão vendia esse tipo de coisa. Já lhe disse. Ele fazia suas transações através de uma loja em Royal Street.

Fiz que sim.

— Pois bem, eu vivia apavorado de medo do dia em que ele teria de vender aqueles dois livros! Eles não eram como os outros. Para começar, as ilustrações eram extremamente detalhadas. Uma página poderia conter o motivo de uma trepadeira florida, com flores nas quais pássaros bebiam, e dentro dessas flores haveria figuras humanas entrelaçadas, como num caramanchão. Além disso, havia livros de salmos. Quando se examinavam esses salmos pela primeira vez, a impressão era a de que eles eram salmos da Vulgata, sabe? A Bíblia que aceitamos como canônica.

— Sei...

— Mas não eram. Eram salmos que nunca apareceram em Bíblia nenhuma. Até aí eu descobri, simplesmente comparando-os com outras cópias de exemplares latinos do mesmo período que retirei da biblioteca. Aquele ali era algum tipo de trabalho original. E as ilustrações! As ilustrações continham não só frutas, árvores e animais diminutos, mas pessoas nuas, e as pessoas nuas estavam fazendo todo tipo de coisa!

— Bosch!

— Isso mesmo, como o *Jardim das delícias* de Bosch, aquele tipo de paraíso sensual e exuberante! É claro que eu ainda não havia visto o quadro de Bosch no Prado. Mas ele estava ali em miniatura naqueles livros. Pequenas figuras fazendo travessuras à sombra de árvores exuberantes. O Velho Capitão disse que eram imagens do Jardim do Éden, que isso era muito comum. Mas dois livros cheios

daquilo? Não. Havia uma diferença. Eu precisava decodificar aqueles livros, conseguir uma tradução absolutamente clara de cada palavra.

— E então o Velho Capitão fez por mim a coisa mais generosa que poderia ter feito, aquilo que poderia ter feito de mim um grande líder religioso e que ainda pode tornar Dora uma grande líder, embora seu credo seja totalmente diverso.

— Ele lhe deu os livros.

— Foi! Ele me deu os livros. E deixe-me lhe contar mais. Naquele verão, ele me levou pelo país inteiro para olhar originais medievais. Fomos à Biblioteca Huntington em Pasadena e à Newbury em Chicago. Fomos a Nova York. Ele teria me levado até a Inglaterra, mas minha mãe não permitiu.

— Eu vi todos os tipos de livros medievais! E descobri que os de Wynken eram diferentes de todos os outros. Os livros de Wynken eram profanos e cheios de blasfêmias. E ninguém, ninguém em todas essas bibliotecas tinha um livro sequer de Wynken de Wilde, mas o nome era conhecido!

— O Capitão ainda deixou que eu ficasse com os livros! E eu resolvi começar a traduzi-los imediatamente. O Velho Capitão morreu no quarto da frente, na primeira semana do meu último ano no segundo grau. Eu só comecei a frequentar mesmo a escola depois que ele foi enterrado. Eu me recusava a deixá-lo. Ficava ali sentado com ele. Ele entrou em coma. No terceiro dia em coma, não se poderia dizer quem ele era, de tão mudado que estava seu rosto. Ele não fechava mais os olhos e não sabia que eles estavam abertos. E sua boca era só uma espécie de forma oval frouxa; enquanto sua respiração era ofegante. Fiquei ali sentado. Já lhe disse.

— Acredito em você.

— Pois bem, eu estava com dezessete anos, minha mãe estava muito doente, não havia dinheiro para ir para a universidade, que era o assunto de todos os colegas de turma nos jesuítas, e eu estava sonhando com o *flower power* no Haight Ashbury da Califórnia, ouvindo as canções de Joan Baez e pensando em ir para San Francisco com a mensagem de Wynken de Wilde para fundar uma seita.

— Isso era o que eu sabia na época através da tradução. E, para tal, eu havia tido a ajuda de um velho padre no colégio jesuíta por um bom tempo, um daqueles estudiosos realmente brilhantes do latim que precisa passar metade do dia fazendo com que meninos se comportem. Ele havia feito a tradução para mim com prazer, e naturalmente havia naquilo um pouco da promessa costumeira da minha proximidade e intimidade, já que ele e eu ficávamos juntos e sozinhos por horas a fio.

— Quer dizer que você já estava se vendendo de novo, antes mesmo que o Velho Capitão morresse?

— Não, no fundo não. Não do jeito que você está pensando. Bem, mais ou menos. Só que esse padre era um verdadeiro abstinente, irlandês, quase impossível de se entender agora, esse tipo de padre. Eles nunca faziam nada com ninguém. Duvido que sequer se masturbassem. Era só estar perto de meninos, e eventualmente respirar fundo ou coisa semelhante. Hoje em dia, a vida religiosa não atrai esse tipo específico de indivíduo robusto e totalmente reprimido. Um homem como aquele seria tão incapaz de molestar uma criança quanto seria de

se levantar no altar na hora da missa e começar a gritar.

— Ele não sabia que sentia uma atração por você, que lhe estava fazendo favores especiais.

— Exatamente. E assim ele passava horas comigo traduzindo Wynken. Ele me impediu de enlouquecer. Ele sempre aparecia para fazer uma visita ao Velho Capitão. Se o Velho Capitão fosse católico, o padre Kevin lhe teria dado a extrema-unção. Procure entender isso, sim? Não se pode julgar alguém como o Velho Capitão e o padre Kevin.

— Não, nem meninos como você.

— Além disso, minha mãe estava com um novo namorado que era um desastre naquele último ano, no fundo um arremedo adocicado de cavaleiro, uma dessas pessoas que falam surpreendentemente bem, têm olhos excessivamente brilhantes e são obviamente podres por dentro, além de seus antecedentes não convencerem ninguém. Havia rugas demais no seu rosto mais para juvenil. Elas pareciam fissuras. Ele fumava du Maurier. Acho que ele imaginava que ia se casar com minha mãe para ficar com a casa. Você está me acompanhando?

— Estou. Portanto, depois que o Velho Capitão morreu, você só tinha o padre.

— Certo. Agora você está entendendo. O padre Kevin e eu trabalhamos muito na pensão. Ele gostava disso. Vinha de carro, estacionava em Philip Street, vinha até a casa, e nós subíamos para meu quarto. Segundo andar, de frente. Eu tinha uma ótima visão dos desfiles de Carnaval. Cresci pensando que fosse normal que uma cidade inteira enlouquecesse durante duas semanas a cada ano. Seja como for, estávamos lá em cima durante um desses desfiles noturnos, ignorando-o como os moradores conseguem ignorar. Você sabe? Uma vez que se tenha visto o bastante de carros alegóricos de *papier-mâché*, quinquilharias e archotes...

— Archotes horríveis, medonhos.

— É, isso mesmo. — Ele parou. A bebida havia chegado, e ele a contemplava.

— O que foi? — perguntei-lhe. Eu estava alarmado porque ele estava alarmado. — Olhe para mim, Roger. Não comece a desaparecer. Continue a falar. O que a tradução dos livros revelou? Eles eram profanos? Roger, fale comigo!

Ele interrompeu sua frígida imobilidade meditativa. Segurou o copo e bebeu metade dele.

— Repugnante e eu adoro. Southern Comfort foi a primeira coisa que bebi na vida. — Ele olhou para mim, direto. — Não estou desaparecendo — tranquilizou-me. — É só que vi a casa de novo e senti seu cheiro. O cheiro de quartos de velhos, quartos nos quais as pessoas morrem. Mas era tão lindo. O que eu estava dizendo? Certo, foi durante Proteus, um dos desfiles noturnos, que padre Kevin fez a incrível descoberta de que aqueles dois livros haviam sido dedicados por Wynken de Wilde a Blanche de Wilde, sua benfeitora, e que era óbvio que ela era a mulher do seu bom irmão, Damien. Tudo isso estava inscrito nos desenhos das primeiras páginas. E isso lançava uma luz totalmente diferente

sobre os salmos. Os salmos estavam cheios de convites e sugestões lascivas, bem como até mesmo de algum tipo de código secreto para encontros clandestinos. Repetidas vezes apareciam imagens do mesmo jardimzinho. Veja bem, estamos aqui falando de miniaturas...

— Já vi muitos exemplos.

— E nessas diminutas imagens do jardim, costumava sempre haver um homem nu e cinco mulheres dançando em volta de uma fonte dentro das muralhas de um castelo medieval, ou era o que parecia. Se fosse ampliado cinco vezes, ficava perfeito. E o padre Kevin começou a rir sem parar.

— "Não é de surpreender que não haja um único santo, uma única passagem bíblica, em nada disso", disse o padre Kevin, rindo. "Esse seu Wynken de Wilde era um herege furioso! Era feiticeiro ou praticante do satanismo. E estava apaixonado por essa mulher, Blanche." Aquilo não o chocava tanto quanto o divertia.

— "Sabe, Roger", disse ele "se você entrar em contato com um dos grandes leiloeiros, é muito provável que esses livros consigam pagar seus estudos em Loyola ou Tulane. Nem pense em vendê-los aqui no sul. Pense em Nova York: Butterfield and Butterfield, ou Sotheby's."

— Nos últimos dois anos, ele havia copiado à mão cerca de trinta e cinco poemas para mim em inglês, o melhor tipo de tradução, prosa direta do latim, e agora nós os reexaminamos, à procura de repetições e linguagem figurada, e uma história começou a tomar forma.

— A primeira coisa que percebemos era que originalmente houve muitos livros, e que os que possuíamos eram o primeiro e o terceiro. Já no terceiro, os salmos refletiam não apenas a mera adoração por Blanche, que era repetidamente comparada à Virgem Maria em sua pureza e luz, mas também respostas a algum tipo de correspondência sobre o que a dama estava sofrendo nas mãos do marido.

— Era inteligente. Você precisa ler. Precisa voltar ao apartamento onde me matou e apanhar esses livros.

— O que quer dizer que você não os vendeu para ir para Loyola ou Tulane?

— Claro que não. Wynken, em orgias com Blanche e suas quatro amigas! Eu estava fascinado. Wynken era meu santo em razão do seu talento, e a sexualidade era minha religião porque havia sido a de Wynken; e, em cada palavra filosófica que ele escrevia, ele embutia um amor pela carne! Você deve se dar conta de que eu não tinha realmente nenhum credo ortodoxo. Nunca havia tido. Eu achava que a igreja católica estava morrendo. E que o protestantismo era uma piada. Passaram-se anos até que eu compreendesse que a abordagem protestante é fundamentalmente mística, que ela tem como meta a mesma união com Deus que Meister Eckhart teria elogiado ou sobre a qual Wynken escreveu.

— Você está sendo generoso com a abordagem protestante. E Wynken chegou a escrever sobre a união com Deus?

— Sim, através da união com a mulher! Era cauteloso, mas claro. "Nos teus braços, conheci a Trindade com maior veracidade do que os homens conseguem ensinar", esse tipo de coisa. Ah, esse era o novo caminho, eu tinha certeza. Mas a verdade era que eu conhecia o protestantismo apenas como

materialismo, aridez e turistas batistas que se embebedavam em Bourbon Street porque não ousavam agir assim nas suas comunidades.

— Quando mudou de opinião? — perguntei.

— Estou recorrendo a grandes generalizações. Quer dizer, eu não via nenhuma esperança para as religiões existentes no Ocidente na nossa época. Dora tem exatamente a mesma impressão, mas ainda vamos chegar a Dora.

— Vocês terminaram a tradução?

— Terminamos, pouco antes de o padre Kevin ser transferido. Nunca mais o vi. Ele chegou a me escrever mais tarde, mas àquela altura eu já havia fugido de casa.

— Eu estava em San Francisco. Havia deixado minha mãe sem sua bênção, e tomei o Trailways Bus porque era alguns centavos mais barato do que o Greyhound. Tinha no bolso menos de setenta e cinco dólares. Havia esbanjado tudo que o Velho Capitão me dera. E quando ele morreu, como aqueles seus parentes de Jackson, Mississippi, limpavam seus aposentos!

— Levaram tudo. Sempre achei que o Capitão me deixara alguma coisa, sabe? Mas não estava ligando. Os livros haviam sido seu maior presente; além de todos aqueles almoços no Monteleone Hotel, quando tomávamos sopa de quiabo juntos e ele me deixava quebrar todos os meus biscoitos salgados na sopa até ela virar um mingau. Eu simplesmente adorava.

— Mas o que é que eu estava dizendo? Comprei a passagem para a Califórnia e guardei um pequeno troco para torta e café em cada parada.

Aconteceu uma coisa engraçada. Chegamos a um ponto do qual não era possível voltar. Quer dizer, quando passamos por alguma cidadezinha no Texas, percebi que não tinha dinheiro suficiente para voltar para casa, mesmo que quisesse. Foi na metade da noite. Creio que foi em El Paso! Seja como for, naquele instante eu soube que não havia mais como voltar atrás.

— E eu estava me dirigindo para San Francisco e para o Haight Ashbury, onde ia fundar uma seita baseada nos ensinamentos de Wynken em louvor do amor e da união, bem como nas suas alegações de que a união sexual era uma união divina. Eu mostraria seus livros aos meus seguidores. Esse era meu sonho, embora, para ser franco, eu não tivesse absolutamente nenhum sentimento pessoal por Deus.

— Dentro de três meses, eu já havia descoberto que meu credo não era de modo algum original. A cidade inteira estava cheia de *hippies* que acreditavam no amor, em pedir esmolas e, embora eu desse palestras regulares sobre Wynken a grandes círculos de amigos informais, exibindo os livros e recitando os salmos, é claro que esses eram muito moderados...

— Dá para eu imaginar.

— ... minha atividade principal era a de agente e gerente comercial de três músicos de *rock* que queriam chegar à fama e estavam sempre dopados demais para se lembrar dos seus compromissos, ou para recolher a fêria na bilheteria. Um deles, que chamávamos de Blue, realmente cantava bem. Tinha uma bela voz de tenor e uma extensão vocal apreciável. A banda fazia um som e tanto. Ou pelo menos nós achávamos que fazia.

— A carta do padre Kevin veio me encontrar quando eu estava morando

no sótão da Spreckles Mansion no Buena Vista Park. Você conhece a casa?

— Conheço, sim. É um hotel.

— Isso mesmo, naquela época era uma residência particular, e o andar superior tinha um salão de baile com um banheiro e uma pequena cozinha. Isso foi muito antes da reforma. Ninguém havia inventado essa história de "pernoite e café da manhã", e eu apenas aluguei o salão. Os músicos tocavam ali, e nós todos usávamos a cozinha e o banheiro imundo. Durante o dia, quando eles dormiam jogados no chão, eu sonhava com Wynken, pensava em Wynken e me perguntava de que modo eu um dia conseguiria descobrir mais sobre esse homem e sobre o significado daqueles poemas de amor. Eu tinha todo tipo de fantasia a respeito dele.

— Aquele sótão, ainda penso nele. Havia janelas em três pontos cardeais, e bancos aconchegantes nos recessos das janelas com almofadas velhas de veludo gasto. Dava para se ver San Francisco em todas as direções, menos para o leste, ao que eu me lembre, mas não tenho um bom sentido de direção. Adorávamos nos sentar nessas alcovas nas janelas e conversar sem parar. Meus amigos adoravam ouvir falar de Wynken. Nós íamos compor algumas músicas baseadas nos seus poemas. Bem, isso não chegou a acontecer.

— Uma obsessão.

— Total. Lestat, você precisa voltar para apanhar aqueles livros, não importa qual seja sua opinião de mim quando tivermos terminado esta conversa. Todos eles estão no apartamento. Cada um que Wynken chegou a escrever. A missão da minha vida foi conseguir esses livros. Entrei para o tráfico por esses livros. Mesmo nos tempos do Haight.

— Eu estava lhe falando do padre Kevin. Ele me escreveu uma carta, disse que havia pesquisado Wynken de Wilde em alguns manuscritos e descoberto que Wynken havia sido executado por ser líder de uma seita herege. Wynken de Wilde tinha uma religião com fiéis estritamente do sexo feminino, e suas obras foram condenadas formalmente pela igreja. O padre Kevin disse que aquilo tudo era agora "história" e que eu deveria vender os livros. Ele escreveria mais em outra oportunidade. Nunca escreveu. E dois meses depois eu cometi um duplo homicídio totalmente por impulso, o que mudou o rumo dos acontecimentos.

— Algo a ver com os entorpecentes que você vendia?

— Mais ou menos, só que não fui eu quem pisou na bola. Blue traficava mais do que eu. Blue levava maconha em malas. Eu me limitava a saquinhos, sabe? A droga me rendia praticamente o mesmo que a banda rendia para mim. Mas Blue comprava aos quilos e perdeu dois quilos. Ninguém sabia o que havia acontecido com eles. Calculamos que ele na realidade os havia perdido num táxi, mas nunca tivemos certeza.

— Havia um monte de rapazes idiotas soltos no mundo naquela época. Eles começavam a traficar sem perceber que a mercadoria se originava de algum indivíduo violento que não pensava duas vezes para dar tiros na cabeça dos outros. Blue achava que poderia se livrar com uma boa conversa, que podia dar alguma explicação, que havia sido roubado por amigos, esse tipo de coisa. Seus contatos confiavam nele, dizia ele. Até lhe haviam dado uma arma.

— A arma ficava na gaveta da cozinha, e eles lhe disseram que poderiam

precisar que ele a usasse algum dia, mas é claro que ele nunca a usaria. Acho que, quando você vive assim tão dopado, acha que todo o resto do mundo vive dopado. Ele dizia que esses homens tinham a mentalidade como a nossa, nada com que devêssemos nos preocupar, aquilo havia sido só papo. Todos nós ficaríamos famosos como o Big Brother and the Holding Company e a Janis Joplin, logo, logo.

— Eles vieram buscá-lo à luz do dia. Eu era o único que estava em casa além dele. Ele estava na sala, no salão de baile, à porta de entrada, tentando enrolar dois homens. Eu não estava à vista, lá na cozinha, mal prestava atenção. Poderia estar estudando Wynken, não sei ao certo. Seja como for, fui percebendo muito aos poucos sobre que assunto eles estavam falando lá no salão.

— Aqueles dois homens iam matar Blue. Não paravam de dizer com a voz muito neutra que tudo estava certo, que ele por favor viesse com eles, vamos, eles precisavam ir, que não, que ele precisava vir agora, que não, que precisava vir rápido. E de repente um deles disse numa voz bem baixa e violenta, "Vamos, cara!" E pela primeira vez Blue parou de matraquear seus chavões de *hippie*, do tipo tudo vai dar certo, cara, e não fez nada de errado, cara; houve aquele silêncio e eu soube que eles iam levar Blue, matá-lo e jogar seu corpo em algum canto. Isso já havia acontecido com outros rapazes! Havia saído nos jornais. Senti meu cabelo se arrepiar na nuca. Eu sabia que Blue não tinha a menor chance.

— Não pensei no que estava fazendo. Esqueci completamente a história da arma na gaveta da cozinha. Uma onda de energia me dominou. Entrei no salão. Os dois homens eram caras mais velhos, pareciam durões, nada de *hippie* neles, absolutamente nada. Não eram nem mesmo Hell's Angels. Eram apenas assassinos. E os dois como que perderam visivelmente o ânimo quando descobriram que havia um empecilho à sua intenção de arrastar meu amigo dali.

— Agora, você me conhece. Sabe que sou tão vaidoso quanto você, talvez, e naquela época eu estava realmente convicto da minha natureza e do meu destino especial. Fui chegando na direção desses homens, brilhando e cintilando, sabe, lançando centelhas, fazendo uma coreografia ao caminhar. Se eu estava com alguma idéia na cabeça, era a seguinte: se era possível que Blue morresse, isso queria dizer que eu poderia morrer. E eu não podia permitir que uma coisa dessas me fosse provada ali naquela época, está me entendendo?

— Estou.

— Comecei a falar com essas criaturas muito rápido, tagarelando num estilo sério e pretensioso, como se eu fosse algum filósofo psicodélico, recorrendo a palavras polissílabas e andando na sua direção o tempo todo, passando-lhes um sermão contra a violência e dando a entender que eles haviam perturbado a mim e a "todos os outros" na cozinha. Estávamos lá no meio de uma aula, eu e os outros.

— E de repente um deles enfiou a mão no paletó e sacou uma arma. Acho que ele pensou que ia ser moleza. Lembro-me com tanta nitidez. Ele simplesmente sacou a arma e a apontou para mim. E quando ele acabou de mirar, eu já estava com as duas mãos na arma, arrancando-a dele. Chutei-o com o máximo de força; e atirei e matei os dois homens. — Roger fez uma pausa.

Eu não disse nada. Senti-me tentado a sorrir. Gostava da idéia. Apenas fiz

que sim com a cabeça. É claro que tudo havia começado daquele jeito com ele. Por que eu não havia percebido antes? Ele não havia sido um assassino por instinto. Ele nunca teria sido tão interessante se esse tivesse sido o caso.

— Num piscar de olhos, eu era um assassino. Num piscar de olhos. E um sucesso arrasador nessa atividade, nada menos, imagine só.

Ele tomou mais um gole e fixou o olhar no nada, mergulhado nas lembranças. Parecia firmemente ancorado no corpo de fantasma agora, aquecido como um motor em alta rotação.

— E o que você fez então? — perguntei.

— Bem, foi aí que o rumo da minha vida mudou. Primeiro, eu ia procurar a polícia, ia chamar o padre, ia parar no inferno, ligar para minha mãe, minha vida estava arrasada, telefonar para o padre Kevin, jogar toda a maconha no vaso e dar descarga, a vida terminada, gritos dos vizinhos, tudo isso.

— E então eu só fechei a porta; e eu e Blue nos sentamos para conversar por uma hora mais ou menos. Blue não disse nada. Eu falei. Enquanto isso, eu rezava para que ninguém tivesse ficado num carro lá fora à espera daqueles dois; mas, se houvesse alguma batida na porta, eu estava pronto porque agora estava com a arma deles, cheia de balas, e estava sentado bem de frente para a porta.

— E enquanto eu falava, esperava, vigiava e deixava os dois corpos ali, e Blue simplesmente tinha o olhar perdido no infinito, como se tivesse tido uma *bad trip* com LSD, consegui me convencer a me mandar dali. Por que eu deveria passar o resto da minha vida na cadeia por causa daqueles dois? Levou cerca de uma hora de raciocínio lógico em voz alta.

— Certo.

— Limpamos o apartamento imediatamente, tiramos tudo que nos pertencia, ligamos para os outros dois músicos, pedimos que eles fossem apanhar suas coisas na estação rodoviária. Dissemos que ia haver uma batida contra drogas. Eles nunca ficaram sabendo do ocorrido. O lugar estava tão cheio de impressões digitais de todas as nossas festas, orgias e *jam-sessions* tarde da noite que ninguém jamais nos encontraria. Nunca haviam tomado as impressões digitais de nenhum de nós. E além disso, fiquei com a arma.

— Ainda fiz mais uma coisa. Tirei o dinheiro dos homens. Blue não quis ficar com nenhuma parte dele, mas eu precisava de grana para me mandar.

— Nós nos separamos. Nunca mais voltei a ver Blue. Nunca mais vi Ollie ou Ted, os outros dois. Acho que foram para Los Angeles à procura do sucesso. Imagino que Blue tenha provavelmente se tornado um radical fanático em decorrência da droga. Não tenho certeza. Segui adiante. Fiquei totalmente diferente a partir do instante em que aquilo aconteceu. Nunca mais fui o mesmo.

— O que o tornou diferente? — perguntei. — Qual foi a origem da mudança em você, quer dizer, exatamente o que a provocou? O fato de ter gostado?

— Não, de modo algum. Não foi nenhum prazer. Foi um sucesso, mas não foi divertido. Nunca senti nenhum prazer nisso. Dá trabalho, matar as pessoas, é um serviço sujo. Dá muito trabalho. Matar gente pode ser um prazer para *you*, mas a verdade é que você não é humano. Não, não foi isso. Foi o fato de ter sido possível fazer aquilo, simplesmente caminhar até o filho da mãe e fazer o gesto mais inesperado, tirar a arma da sua mão simplesmente daquele jeito porque

aquela era a última coisa que ele jamais esperava que pudesse lhe acontecer, e depois matar os dois sem hesitação. Devem ter morrido de surpresa.

— Eles achavam que vocês eram umas crianças.

— Achavam que éramos uns sonhadores! E eu era um sonhador mesmo. Durante toda a viagem até Nova York, eu não parava de pensar que realmente tinha um grande destino, que ia ser famoso, e que esse poder, esse poder de simplesmente abater duas pessoas a tiros havia sido a revelação da minha força.

— Veio de Deus, essa revelação?

— Não, do destino, dos fados. Já lhe disse que nunca tive na realidade nenhum sentimento por Deus. Você sabe que se diz na igreja católica que, se a pessoa não sente uma devoção pela Santa Virgem Maria, bem, é de se temer pela sua alma. Eu nunca tive nenhuma devoção por ela. Nunca tive nenhuma devoção por nenhuma divindade ou santo real. Nunca senti nada. É por isso que o desenvolvimento de Dora me surpreendeu sob esse aspecto, o fato de Dora ser absolutamente sincera. Mas vamos chegar lá. Quando cheguei a Nova York, eu já sabia que minha seita deveria ser deste mundo, sabe, montes de seguidores, além do poder, dos confortos suntuosos e da licenciosidade deste mundo.

— Estou entendendo.

— Essa havia sido a visão de Wynken. Wynken a havia transmitido às suas seguidoras, o fato de não fazer sentido esperar pelo outro mundo. Era preciso fazer tudo agora, cometer todo tipo de pecado... esse era um conceito comum entre os hereses, não era?

— É, entre alguns. Ou era o que diziam seus inimigos.

— O assassinato seguinte foi só por dinheiro. Fui contratado. Eu era um rapaz ambicioso demais. Fui empresário de mais uma banda, um grupo de caras insignificantes, mas não estávamos chegando lá, embora outros astros do *rock* fizessem sucesso da noite para o dia. Voltei a traficar, e estava sendo muito mais esperto dessa vez, além de estar desenvolvendo uma aversão pessoal pela droga. Esses eram realmente os primeiros tempos, quando as pessoas atravessavam a fronteira com aviõezinhos cheios de maconha, e era quase como aventuras de faroeste.

— E chegou ao meu conhecimento que um homem estava na lista de indesejáveis de um poderoso das redondezas que pagaria a qualquer um trinta mil dólares pelo assassinato. O próprio sujeito era especialmente violento.

Todos tinham pavor dele. Ele sabia que queriam matá-lo. Andava por toda parte à luz do dia, e todos tinham medo de dar um passo.

— Acho que todos calculavam que outra pessoa teria de se encarregar. Eu não fazia a menor idéia de que ligação essas pessoas tinham com o quê e com quem. Só sabia que o cara era audacioso, sabe? Eu me certifiquei disso.

— Descobri um modo de fazer o serviço. Naquela época eu já tinha dezenove anos. Vesti-me como um estudante universitário, com um suéter, um *blazer*, calças de lã, cortei meu cabelo no estilo de Princeton e carreguei alguns livros nos braços. Descobri onde o homem vivia em Long Island e fui andando até bem perto dele na entrada dos fundos quando ele saiu do carro uma noite. Matei-o a tiros a um metro e meio de onde sua mulher e filhos estavam jantando dentro de casa.

Ele fez mais uma pausa e depois prosseguiu com perfeita seriedade.

— É preciso um tipo específico de animal para fazer alguma coisa tão cruel. Sem sentir nenhum remorso.

— Você não o torturou como eu o torturei — disse eu, baixinho. — Você sabe tudo que fez, não sabe? Você realmente compreende! Eu não captei o quadro inteiro quanto o estava seguindo. Imaginei que você fosse perverso de um modo mais íntimo, todo absorto no romance de si mesmo. Um especialista da auto-ilusão.

— Aquilo foi tortura, o que você me fez? Não me lembro de nenhuma dor, só do ódio porque eu ia morrer. Seja qual for o caso, matei esse homem em Long Island pelo dinheiro. Aquilo não significou nada para mim. Nem cheguei a sentir alívio depois, só uma espécie de força, sabe? De realização. E eu queria testar essa capacidade novamente em breve, e testei.

— E assim você seguiu seu caminho.

— Exatamente. E também com meu estilo. A notícia se espalhou. Se a tarefa parecer impossível, chame Roger. Eu podia entrar num hospital, trajado como um médico jovem, com um crachá no paletó e uma prancheta na mão para matar na cama algum cara marcado antes que alguém percebesse. E de fato fiz isso.

— Mas quero que você entenda. Não enriqueci como matador de aluguel. Foi a heroína primeiro e depois a cocaína; e, com a cocaína, foi uma volta a alguns dos mesmos caubóis que eu havia conhecido no início, que passavam a cocaína pela fronteira do mesmo jeito, usando as mesmas rotas e os mesmos aviões! Você conhece a história. Todo mundo conhece. Os primeiros traficantes eram toscos nos seus métodos. Brincavam de "bandido e mocinho" com os caras do governo. Os aviões conseguiam ser mais velozes do que os do governo; e, quando aterrissavam, às vezes estavam tão carregados de cocaína que o piloto não conseguia sair da cabine. E nós tínhamos de ir correndo para apanhar a mercadoria, carregá-la e sair de lá de qualquer jeito.

— Foi o que ouvi dizer.

— Hoje em dia há gênios no negócio, pessoas que sabem usar telefones celulares e computadores e que conhecem técnicas de lavagem de dinheiro que ninguém consegue detectar. Mas naquela época? Eu era o gênio dos traficantes! Às vezes, a história toda era tão trabalhosa quanto mudar mobília de lugar, é o que lhe digo. E eu entrei no negócio, organizei, escolhi meu pessoal de confiança e meus "aviões", sabe, para cruzar as fronteiras, e mesmo antes de a cocaína chegar às ruas, por assim dizer, eu já estava me dando muito bem em Nova York e em Los Angeles com os ricos, o tipo de freguês a quem a entrega é feita pessoalmente. Eles nunca precisam sequer deixar seus palácios. Você recebe a ligação. Você aparece. Sua mercadoria é pura. Eles gostam de você. Mas eu tinha de sair daquele estágio. Eu não ia me tornar dependente daquilo.

— Era esperto demais para aquilo. Fiz alguns negócios no ramo de imóveis que foram pura maravilha para meu lado: e, com o dinheiro na mão... você sabe que aqueles eram os tempos da inflação infernal... eu realmente me limpei.

— Mas como Terry se envolveu nisso, e Dora?

— Puro acaso. Ou destino. Quem sabe? Voltei para casa em Nova Orleans

para ver minha mãe, passei de raspão por Terry e a engravidei. Idiota que fui!

— Eu estava com vinte e dois anos. Dessa vez, minha mãe estava mesmo morrendo e me pediu que voltasse para casa. Aquele namorado imbecil com o rosto rachado já havia morrido. Ela estava totalmente só. Eu lhe vinha mandando bastante dinheiro todo esse tempo.

— A pensão agora era sua residência particular. Ela dispunha de duas criadas e de um motorista para levá-la a passear pela cidade num Cadillac sempre que ela assim o desejasse. Ela vinha adorando aquilo tudo imensamente, sem jamais fazer perguntas sobre o dinheiro; e é claro que eu vinha colecionando Wynken. A essa altura eu já tinha mais dois livros de Wynken e já possuía meu depósito de tesouros em Nova York, mas nós podemos passar para essa parte mais tarde. Só não tire Wynken da cabeça.

— Minha mãe na realidade nunca me havia pedido nada. Ela agora tinha o quarto grande do andar de cima só para si. Ela dizia que conversava com todos os outros que se foram antes, o coitado do seu querido irmão Mickey, já falecido, sua irmã falecida, Alice, e sua mãe, a criada irlandesa, fundadora da família, por assim dizer, que herdara a casa de alguma senhora maluca que morava ali. Minha mãe também andava conversando muito com o pequeno Richard. Esse era um irmão que havia morrido quando estava com quatro anos. Tétano. O pequeno Richard. Ela dizia que o pequeno Richard ia a toda parte com ela, dizendo que estava na hora de vir.

— Mas ela queria que eu voltasse para casa. Ela me queria ali naquele quarto. Eu sabia tudo isso. Eu compreendia. Ela havia feito companhia a pensionistas que estavam morrendo. Eu havia feito companhia a outros além do Velho Capitão. Por isso, voltei para casa.

— Ninguém sabia para onde eu estava me dirigindo, qual era meu nome verdadeiro ou de onde eu vinha. Por isso, foi fácil fugir de Nova York. Fui até a casa de St. Charles Avenue e me sentei no quarto de doente com ela, levando ao seu queixo o pequeno recipiente para o vômito, limpando sua baba e procurando colocá-la sobre a comadre quando a agência não tinha nenhuma enfermeira para mandar. Nós tínhamos criadas, sim, mas ela não queria criadas. Não queria a menina de cor, como a chamava. Ou aquela enfermeira horrível. E eu fiz a descoberta surpreendente de que essas coisas não me enojavam muito. Lavei tantos lençóis. É claro que havia uma máquina na qual os enfiava, mas eu os trocava o tempo todo para ela. Não me importava. Talvez eu nunca tenha sido normal. Seja como for, simplesmente fiz o que precisava ser feito. Lavei aquela comadre milhares de vezes, enxuguei-a, pulverizei-a com talco e a pus ao lado da cama. Afinal de contas, não há mau cheiro que dure para sempre.

— Não neste mundo pelo menos — murmurei. Mas ele não me ouviu, graças a Deus.

— Isso durou umas duas semanas. Ela não quis ir para o hospital da Misericórdia. Contratei enfermeiras vinte e quatro horas por dia só para segurança, sabe? Para que tomassem seus sinais vitais quando eu me apavorasse. Toquei música para ela. Todas as coisas previsíveis, rezei o rosário em voz alta para ela. A cena normal do leito de morte. Das duas às quatro da tarde, ela tolerava visitas. Velhos primos apareciam e perguntavam pelo Roger. Eu me

mantinha fora do campo visual.

— Você não estava dilacerado pelo sofrimento da sua mãe.

— Posso lhe dizer que não estava louco por ele. Ela estava com câncer generalizado, e não havia dinheiro que pudesse salvá-la. Eu queria que ela se apressasse e não suportava ficar olhando, mas sempre houve um lado meu profundo e implacável que me diz para fazer o que for preciso fazer. E eu fiquei naquele quarto sem dormir dias e noites a fio até ela morrer.

— Ela falava muito com os fantasmas, mas eu não os via nem os ouvia. Eu só não parava de dizer, "Pequeno Richard, venha buscá-la. Tio Mickey, se ela não pode voltar, venha apanhá-la".

— Antes do final, porém, veio Terry, uma prática de enfermagem, como se costumava dizer naquela época, que teve de se apresentar quando não conseguimos uma enfermeira diplomada, em virtude da grande procura por elas. Terry, um metro e setenta e cinco, loura, a mercadoria mais atraente e mais barata que eu já havia visto. Entenda bem. Ela era um lixo perfeito e reluzente.

Eu sorri.

— Unhas cor-de-rosa e um batom cor-de-rosa molhado. — Eu a via cintilar na sua cabeça.

— Todos os detalhes atingiam seu objetivo, naquela garota. A goma de mascar, a tornozeleira de ouro, as unhas pintadas dos pés, seu jeito de tirar os sapatos bem ali no quarto da doente para que eu visse as unhas dos seus pés, o jeito de deixar à mostra os seios, por baixo do uniforme de náilon branco. E seus olhos idiotas, com cílios espessos, perfeitamente pintados com lápis e rímel da Maybelline. Ela costumava lizar as unhas ali dentro bem diante de mim! Mas vou lhe dizer uma coisa, eu nunca vi algo que fosse tão perfeitamente realizado, acabado, ah, ah... como posso dizer? Ela era uma obra-prima.

Eu ri, e ele riu também, mas continuou a falar.

— Eu a considerava irresistível. Ela era um bichinho desprovido de pêlos. Comecei a fazer amor com ela em todas as oportunidades. Enquanto minha mãe dormia, nós fazíamos amor em pé no banheiro. Uma vez ou duas fomos pelo corredor até um dos quartos vazios. Nunca demorávamos mais de vinte minutos! Eu cronometrava! Ela fazia amor com a calcinha cor-de-rosa em volta dos tornozelos! E cheirava ao perfume Blue Waltz.

Ri baixinho.

— Como sei do que você está falando! — Refleti. — E imaginar que você sabia. Você ficou louco por ela, mesmo sabendo.

— Bem, eu estava a mais de três mil quilômetros de Nova York, das minhas mulheres, meus garotos e tudo o mais, bem como de todo aquele poder de quinta categoria que acompanha o tráfico, sabe? A tolice de guarda-costas que se apressam a abrir portas para você, e garotas que dizem que o amam no banco de trás da limusine só porque ouviram dizer que você matou alguém a tiros na noite anterior. E tanto sexo que, às vezes bem no meio do melhor sexo oral que você já experimentou, você não consegue mais se concentrar nele.

— Nós somos mais parecidos do que eu jamais sonhei. Vivi uma mentira com os dons que recebi.

— O que você está querendo dizer?

— Não temos tempo. Você não precisa saber de mim. E Terry? Como Dora aconteceu?

— Terry engravidou. Ela supostamente estava tomando a pílula. Achava que eu era rico! Não fazia diferença se eu a amava ou se ela me amava. Quero dizer que ela foi um dos seres humanos mais obtusos e simplórios que eu já conheci, a Terry. Eu me pergunto se você se dá ao trabalho de se alimentar de gente tão ignorante e apalermada.

— Dora foi essa criança.

— Foi. Terry queria se livrar da criança se eu não me casasse com ela. Fiz um acordo. Cem mil quando nos casássemos (usei um nome falso; nunca teve

valor legal, a não ser o do papel; e isso foi uma bênção porque Dora e eu não temos absolutamente nenhum vínculo legal entre nós) e mais cem mil quando o neném nascesse. Depois, eu lhe daria o divórcio, e tudo o que eu queria era minha filha.

— "Nossa filha", disse ela.

— "Certo, nossa filha", disse eu. Como fui idiota. O que eu não estava calculando, que era muito óbvio e simples, o que eu não estava calculando era que essa mulher, essa enfermeirinha que lixava as unhas, mascava chiclete e usava rímel, com seus sapatos de sola de borracha e aliança de diamantes, que ela naturalmente fosse ter sentimentos pela sua própria filha. Ela podia ser imbecil, mas era um animal mamífero, e não tinha nenhuma intenção de deixar ninguém levar seu filhote embora. Nem morta. Acabei tendo apenas direito a visitas.

— Durante seis anos, eu pegava um avião para Nova Orleans sempre que tinha oportunidade só para segurar Dora nos meus braços, conversar com ela, sair a passear com ela ao entardecer. E veja bem, essa criança era minha! Quer dizer, ela foi sangue do meu sangue desde o início. Ela começou a correr na minha direção quando me via no final do quarteirão. Vinha voando para meus braços.

— Nós costumávamos tomar um táxi para ir até o Quarter e passar pelo Cabildo. Ela adorava tudo; a catedral, é claro. Depois, íamos comer *muffaletas* na Central Grocery. Você conhece, ou talvez não, uns sanduíches grandes cheios de azeitonas...

— Conheço.

—... Ela me contava tudo o que havia acontecido na semana desde minha última visita. Eu dançava com ela na rua. Cantava para ela. Ai, como era bonita sua voz desde o início. Minha voz não é boa. Minha mãe tinha uma voz boa, e Terry também. E essa menina herdou a voz. E que cabeça! Costumávamos atravessar o rio e voltar na barçaça; e cantávamos encostados na amurada. Eu a levava para fazer compras na D. H. Holmes e lhe comprava roupas lindas. Sua mãe nunca se incomodou com isso, com as roupas bonitas, e é claro que eu tinha a inteligência de escolher alguma coisa para Terry, sabe, um sutiã com renda em excesso, um estojo de cosméticos de Paris ou algum perfume a cem dólares um frasquinho ínfimo. Qualquer coisa menos Blue Waltz! Mas Dora e eu nos divertíamos tanto. Às vezes, eu pensava que podia Suportar qualquer coisa se pudesse ver Dora dentro de alguns dias.

— Ela gostava de falar e era cheia de imaginação, como você.

— Exatamente. Cheia de sonhos e visões. Agora, Dora não é nenhuma ingênua, entenda bem. Dora é uma teóloga. Essa é a parte espantosa. O desejo de algo espetacular? Isso eu transmiti a ela, mas a fê em Deus, a fê na teologia? Não sei de onde isso veio.

Teologia. A palavra fez com que eu hesitasse.

— Enquanto isso, Terry e eu começamos a nos odiar. Quando chegou a época da escola, também chegaram as brigas. As brigas eram um inferno. Eu queria a Academia do Sagrado Coração para Dora, aulas de dança, aulas de música, duas semanas comigo na Europa. Terry me odiava. Eu não ia transformar sua filhinha numa afetada. Terry já se havia mudado da casa da St. Charles Avenue, chamando-a de velha e assustadora, para se instalar num barraco de uma casa de loteamento em estilo *country* em alguma rua nua de um subúrbio sem graça! Quer dizer que minha filha já havia sido arrancada do Garden District e de todas aquelas cores para ir morar num lugar em que a curiosidade arquitetônica mais próxima era a filial da 7-Eleven.

— Eu estava ficando desesperado, e Dora estava crescendo, chegando a uma idade adequada talvez para ser de fato roubada da sua mãe, a quem ela realmente amava de uma forma muito delicada e protetora. Havia entre aquelas duas alguma coisa silenciosa, sabe? A fala não tinha nada a ver. E Terry tinha orgulho de Dora.

— E então entrou em cena esse namorado.

— Certo. Se eu tivesse chegado um dia depois, minha filha e minha mulher já teriam desaparecido. Ela ia fugir e me deixar na mão! Que se danassem meus cheques polpudos! Ela ia embora para a Flórida com aquele seu namorado eletricitista falido!

— Dora não sabia de nada e estava fora de casa, brincando mais adiante no quarteirão. As malas já estavam prontas! Matei Terry e o namorado, bem naquela casa idiota de loteamento em Metairie, onde Terry havia preferido criar minha filha, em vez de criá-la na St. Charles Avenue. Atirei nos dois. O sangue sujou todo o carpete de poliéster assim como o balcão revestido de fórmica da sua cozinha.

— Dá para eu imaginar.

— Joguei os dois no pântano. Fazia muito tempo que eu não lidava com esse tipo de coisa diretamente, mas mesmo assim foi bem fácil. A caminhonete do eletricitista estava na garagem mesmo. Eu os enfi em sacos e os tirei dali para a caçamba da caminhonete. Levei-os para algum lugar distante na Jefferson Highway. Nem sei ao certo onde os joguei. Não, pode ser que tenha sido lá para Chef Menteur. É, foi Chef Menteur. Em algum ponto por perto dos antigos fortes no Rio Rigules. Eles simplesmente desapareceram na lama.

— Imagino. Eu mesmo já fui jogado no pântano.

Ele estava emocionado demais para ouvir meus resmungos. Prosseguiu.

— Voltei então para Dora, que a essa altura estava sentada na escada com os cotovelos nos joelhos, querendo saber por que ninguém estava em casa e a porta estava trancada, de modo que ela não podia entrar. No instante em que me viu, ela começou a berrar. "Papai! Eu sabia que você viria. Eu sabia!" Não me

arrisquei a entrar para apanhar suas roupas. Não queria que ela visse o sangue. Fiz com que entrasse comigo na caminhonete do namorado e lá fomos nós, saindo de Nova Orleans. Largamos a caminhonete em Seattle, Washington. Essa foi minha odisséia pelo país inteiro com Dora.

— Todos esses quilômetros, loucura, só nós dois juntos, conversando sem parar. Acho que eu estava tentando ensinar a Dora tudo que eu havia aprendido. Nada da maldade e da autodestruição, nada que jamais trouxesse para junto dela a escuridão. Só as coisas boas, o que eu havia aprendido de virtude e honestidade, o que corrompe as pessoas e o que vale a pena.

— "Dora, não se pode simplesmente não fazer nada nesta vida", eu não parava de dizer. "Não podemos deixar o mundo exatamente como o encontramos." Cheguei mesmo a lhe contar como, quando jovem, eu pretendia ser um líder religioso, e que o que eu fazia agora era colecionar belos objetos, arte sacra de toda a Europa e do Oriente. Eu comerciava com elas para poder ficar com as poucas peças que queria. Naturalmente, levei-a a acreditar que era isso o que me havia enriquecido e, àquela altura, por estranho que pareça, era uma parte da verdade.

— E ela sabia que você havia matado Terry.

— Não, você pegou a idéia errada nesse caso. Todas aquelas imagens estavam despencando na minha cabeça. Eu senti quando você estava chupando meu sangue. Não foi isso. Ela sabia que eu me havia livrado de Terry, ou que eu a havia libertado de Terry, e que agora ela poderia ficar com o papai para sempre, e ir embora de avião com o papai quando ele fosse embora de avião. Isso é diferente de saber que papai assassinou Terry. Isso ela não sabe. Uma vez, quando estava com doze anos, ela ligou, aos soluços, e me pediu que lhe contasse onde sua mãe estava, para onde ela e o cara haviam ido quando foram para a Flórida. Eu disfarcei, pois não queria lhe contar que Terry tinha morrido. Graças a Deus que foi pelo telefone. Sou muito bom ao telefone. Gosto dele. É como estar no rádio.

— Mas voltemos aos seis anos de idade de Dora. Papai levou Dora para Nova York e alugou uma suíte no Plaza. Daí em diante, Dora teve tudo que papai pudesse comprar.

— Ela chorava por Terry mesmo naquela época?

— Chorava. E é provável que tenha sido a única pessoa a chorar. Antes do casamento, a mãe de Terry me avisou que ela era uma piranha. As duas se odiavam. O pai de Terry havia sido policial. Era um sujeito decente. Mas ele também não gostava da filha. Terry não era uma pessoa legal. Era mesquinha por natureza. Terry não era uma pessoa adequada nem para se dar um encontro na rua, muito menos para conhecer, precisar dela ou abraçá-la.

— Sua família lá em Nova Orleans achava que ela havia fugido para a Flórida e abandonado Dora comigo. Foi nisso que eles acreditaram até o dia da morte dos velhos, dos pais de Terry. Dora tem uns primos. Eles ainda acreditam nisso. Mas a verdade é que não sabem quem eu sou. É bastante difícil de explicar. É claro que a esta altura eles talvez tenham visto os artigos nos jornais e revistas. Não sei. Isso não tem importância. Dora chorou, sim, pela mãe. Mas, depois daquela mentira enorme que lhe contei quando ela estava com doze anos,

ela nunca mais me fez nenhuma pergunta.

— Mas a devoção de Terry por Dora havia sido tão perfeita quanto a de qualquer mãe mamífera! Instintiva, anti-séptica, como a de uma enfermeira. Ela alimentava Dora com os quatro grupos de alimentos. Ela vestia Dora em roupas lindas, ela a levava às aulas de dança e ficava ali sentada tagarelando com as outras mães. Ela sentia orgulho de Dora. Mas era raríssimo que falasse com Dora. Acho que as duas podiam passar dias sem que seus olhos se encontrassem. Era no nível do mamífero. E para Terry, provavelmente tudo era desse jeito.

— É bastante curioso que você chegasse a se envolver com uma pessoa dessa natureza, sabe?

— Não, não é curioso. Foi o destino. Nós fizemos Dora. Ela deu a voz a Dora e a beleza. E há alguma coisa em Dora que vem de Terry, que é como uma rigidez, mas essa palavra é muito indelicada. Dora é uma combinação de nós dois, no fundo, a melhor combinação possível.

— Bem, você lhe deu sua própria beleza também.

— É, mas alguma coisa muito mais interessante e comercializável ocorreu quando os genes colidiram. Você viu minha filha. Ela é fotogênica; e, por baixo da audácia e do exibicionismo que eu lhe dei, há a firmeza de Terry. Ela converte as pessoas pela televisão. "E qual é a verdadeira mensagem de Cristo?" declara ela, olhando direto para a câmera. "A de que Cristo está em cada estranho que se conheça, nos pobres, nos famintos, nos doentes, nos nossos vizinhos!" E a platéia acredita.

— Já assisti. Já a vi. Ela poderia chegar lá em cima. Ele suspirou.

— Mandeí Dora para a escola. Nessa época, eu já estava ganhando muito, mas muito dinheiro mesmo. Eu precisava pôr muitos quilômetros de distância entre mim e minha filha. Mudei Dora de escola três vezes antes da formatura, o que foi difícil para ela, mas ela não me questionava a respeito dessas manobras, ou quanto ao segredo que cercava nossos encontros. Eu a levava a acreditar que eu sempre estava a um passo de ter de ir voando para Florença para salvar algum afresco de ser destruído por uns imbecis, ou para Roma para explorar uma catacumba que acabava de ser descoberta.

— Quando Dora começou a demonstrar um sério interesse pela religião, pensei que aquilo era elegante em termos espirituais, sabe? Achei que minha coleção de imagens e livros em expansão a houvesse inspirado. E quando ela me disse aos dezoito anos de idade que havia sido aceita em Harvard e que pretendia estudar religião comparada, achei engraçado. Parti da habitual suposição machista: estude o que quiser e se case com um noivo rico. E deixe que eu lhe mostre meu último ícone ou imagem.

— No entanto, o fervor de Dora e sua inclinação para a teologia estavam se desenvolvendo muito mais do que qualquer coisa pela qual eu já tivesse passado. Dora foi à Terra Santa quando estava com dezenove anos. Voltou lá duas vezes antes de se formar. Passou os dois anos seguintes estudando religiões em todos os cantos do mundo. Ela então propôs a idéia do programa de televisão: queria falar para as pessoas. A televisão a cabo tornara possível todos esses canais religiosos. Qualquer um podia sintonizar esse ministro ou aquele padre católico.

— Perguntei-lhe se estava falando sério. Eu não sabia que ela acreditava naquilo tudo. Mas ela se revelou fiel a ideais que eu jamais havia compreendido plenamente, embora os tivesse de algum modo transmitido a ela.

— "Papai, você me consegue uma hora na televisão três vezes por semana e o dinheiro para usar essa hora como eu quiser, e vai ver o que vai acontecer." Ela começou a falar de todo tipo de questões éticas, sobre como poderíamos salvar nossas almas no mundo de hoje. Ela planejava sermões ou palestras curtas, com intervalos de cantos e dança em êxtase. A questão do aborto: ela faz discursos lógicos e apaixonados quanto ao fato de os dois lados terem razão! Ela explica como cada vida é sacrossanta e, ao mesmo tempo, a mulher deve exercer o controle sobre seu próprio corpo.

— Já vi o programa.

— Você sabia que setenta e cinco redes diferentes de televisão a cabo escolheram esse programa? Você se dá conta de quanto a notícia da minha morte pode prejudicar a igreja da minha filha?

Ele fez uma pausa, refletiu e prosseguiu em rajadas como antes.

— Você sabe, eu acho que nunca tive uma aspiração religiosa, uma meta espiritual, por assim dizer, que não estivesse impregnada de algum aspecto materialista e glamouroso, você sabe do que estou falando?

— Claro que sei.

— Já com Dora é diferente. Dora realmente não dá importância ao aspecto material. As relíquias, os ícones, o que significam para ela? Dora acredita, indo contra as probabilidades insuperáveis de ordem psicológica e intelectual, que Deus existe. — Ele parou mais uma vez, abanando a cabeça com tristeza.

— Você estava certo quanto ao que me disse anteriormente. Sou um vigarista. Mesmo com meu querido Wynken, eu tinha intenções, o que hoje chamam de esquema. Dora não é nenhuma vigarista.

Lembrei-me do seu comentário no bar do hotel. "Vendi minha alma por lugares como este." Eu soube do que ele estava falando no instante em que disse as palavras. E continuava sabendo.

— Vamos voltar à história. Logo no início, como lhe contei, desisti da idéia de uma religião secular. Quando Dora começou a sério, eu já não pensava há anos naquelas ambições. Eu tinha Dora. E tinha Wynken como obsessão. Procurei com afino outros livros de Wynken e consegui, através de meus diversos contatos, adquirir cinco cartas diferentes do período, que faziam clara menção a Wynken de Wilde, a Blanche de Wilde e a seu marido, Damien, também. Havia pesquisadores vasculhando para mim a Europa e a América. Misticismo da Renânia, pesquisando a fundo.

— Meus pesquisadores encontraram uma versão resumida da história de Wynken num par de textos alemães. Algo sobre mulheres praticando os rituais de Diana, feitiçaria. Wynken, arrastado do mosteiro e acusado em público. O registro do julgamento estava, porém, perdido.

— Não havia sobrevivido à Segunda Guerra Mundial. No entanto, em outros lugares, havia documentos, cartas escondidas. Uma vez que você tivesse a senha Wynken, uma vez que você soubesse o que estava procurando, já estava

encaminhado.

— Quando tinha uma hora livre, eu me sentava para apreciar os pequenos seres nus de Wynken e guardava de cor seus poemas de amor. Eu conhecia seus poemas de tal forma que conseguia cantá-los. Quando me encontrava com Dora nos fins de semana, e nós nos encontrávamos em algum lugar, sempre que possível, eu costumava recitá-los para ela e talvez até lhe mostrasse minha última descoberta.

— Ela tolerava essa minha "desgastada versão *hippie* de amor livre e misticismo", como costumava chamá-la.

— "Eu adoro você, Roge", dizia ela. "Mas é tão romântico da sua parte considerar esse mau padre algum tipo de santo. Tudo que ele fez foi dormir com essas mulheres, não foi? E os livros eram meios para a comunicação entre as outras... quando se encontrar."

— "Mas Dora, não há uma palavra violenta ou imprópria na obra de Wynken de Wilde. Pode verificar." Nessa época eu já tinha seis livros. Era tudo sobre o amor. Meu tradutor atual, um professor em Columbia, havia demonstrado assombro com o misticismo da poesia, como ele era uma combinação do amor a Deus e à carne. Dora não engoliu essa. Mas a verdade era que Dora já estava obcecada pelas suas próprias questões religiosas. Dora estava lendo Paul Tillich, William James, Erasmo e montes de livros sobre a situação atual do mundo. Essa é a obsessão de Dora, a Situação Atual do Mundo.

— E Dora não vai ligar para esses livros de Wynken se eu fizer com que cheguem a ela.

— Não, ela se recusa a tocar em *qualquer* item da minha coleção. Por enquanto, não!

— E mesmo assim, você quer que *eu* proteja todos aqueles objetos.

— Foi há dois anos — disse ele, com um suspiro. — Uns poucos artigos de jornal. Nenhuma associação com Dora, entenda bem; mas com ela meu disfarce foi perdido para sempre. Ela já suspeitava. Na sua opinião, era inevitável que um dia ela calculasse que meu dinheiro não era limpo. — Ele abanou a cabeça.

— Não era limpo — repetiu ele, e depois prosseguiu. — A última coisa que ela me permitiu fazer foi comprar o convento para ela. Um milhão pelo prédio. E um milhão para eliminar dele todas as profanações modernas e deixá-lo como era para as freiras na década de 1880, com capela, refeitório, dormitórios e corredores amplos...

— Mas mesmo isso, ela aceitou com relutância. Quanto às obras de arte, você pode esquecer. É possível que ela nunca aceite de mim o dinheiro de que precisa para instruir suas seguidoras ali, sua ordem ou seja lá que nome que um televangelista dê a isso. A ligação com a televisão a cabo não é nada em comparação com o que eu poderia ter feito, reformando aquele convento para ser a sede. E a coleção, as imagens, os ícones, imagine só. Eu disse a ela que poderia fazer dela alguém com a importância de Billy Graham ou de Jerry Falwell. Disse-lhe que ela não podia recusar meu dinheiro, não pelo amor de Jesus. — Ele abanou a cabeça em desespero.

— Hoje ela se encontra comigo por compaixão, e disse minha linda filha

tem um estoque inesgotável. Às vezes, ela aceita um pequeno presente. Hoje, não quis aceitar. Numa ocasião, quando o programa quase foi por água abaixo, ela aceitou apenas o suficiente para superar a pior fase. Mas meus santos e anjos, ela não quer saber deles. Meus livros, meus tesouros, ela nem olha para eles.

— É claro que nós dois conhecíamos a ameaça à sua reputação. Você foi útil ao me eliminar. No entanto, logo haverá notícias do meu desaparecimento, tem de haver. "Televangelista financiada por rei da cocaína." Quanto tempo poderá durar seu anonimato? Terá de sobreviver à minha morte; e ela tem de sobreviver à minha morte. A qualquer custo! Lestat, você ouviu o que estou dizendo?

— Estou prestando atenção, Roger, a cada palavra que você pronuncia. Eles ainda não têm conhecimento dela. Posso lhe assegurar.

— Meus inimigos são impiedosos. E o governo... Quem sabe afinal quem é o governo ou o que exatamente o governo faz?

— Ela tem medo desse escândalo?

— Não. Ficaria desconsolada, sim, mas com medo do escândalo, jamais. Ela aceitaria o que viesse. O que ela queria era que eu desistisse de tudo! Essa passou a ser sua forma de ataque. Ela não se importava se o mundo descobrisse que éramos pai e filha. Queria que eu renunciasse a tudo. Temia por mim, como temeria a filha de um gangster, a esposa de um gangster.

— Eu não parava de implorar que ela me deixasse construir a igreja, que aceitasse o dinheiro. O programa de televisão provou sua fibra. Mas nunca mais... só há ruínas ao seu redor. Ela é apenas um programinha de uma hora três vezes por semana. A ascensão aos céus terá de ser pelo seu próprio esforço. Estou fora. Ela está contando com sua audiência para gerar os milhões necessários.

— E as místicas que ela cita. Você já ouviu Dora ler trechos delas? Hildegard de Bingen e Juliana de Norwich? Teresa d'Ávila. Você leu alguma coisa de alguma dessas mulheres?

— De todas elas — respondi.

— Mulheres inteligentes que querem ouvir mulheres inteligentes prestam atenção a ela. Mas ela está começando a atrair todo mundo. Não se pode ter sucesso neste mundo, quando se fala a apenas um dos sexos. Isso não é possível. Mesmo eu sei disso. O estrategista de marketing em mim sabe disso, assim como o gênio de Wall Street, e eu sou um deles, não tenha dúvidas. Ela atrai todos. Ah, se eu ao menos tivesse esses dois últimos anos para reviver, se eu ao menos pudesse ter fundado a igreja antes que ela descobrisse...

— Você está encarando a situação da forma errada. Pare de se lamentar. Se você tivesse tornado a igreja importante, isso teria acelerado seu desmascaramento e o escândalo.

— Não, uma vez que a igreja fosse bem grande, o escândalo não teria tido importância. É aí que está o segredo. Ela permaneceu pequena; e, quando se é pequeno, um escândalo pode acabar com a gente! — Ele voltou a abanar a cabeça, cheio de raiva. Estava ficando muito agitado, mas sua imagem só se fortalecia. — Não se pode permitir que eu destrua Dora... — Sua voz foi se extinguindo novamente. Ele estremeceu e olhou para mim.

— No que vai dar tudo isso, Lestat?

— A própria Dora deve sobreviver — respondi. — Ela precisa se agarrar à sua fé depois que sua morte for descoberta!

— É. Eu sou seu maior inimigo, morto ou vivo. E você sabe que, com a igreja, Dora está pisando em terreno difícil. Ela não é nada puritana, essa minha filha. Ela considera Wynken um herege, mas não sabe até que ponto sua própria complacência moderna pela carne equivale exatamente ao que Wynken dizia.

— Entendo. Mas e Wynken? Eu devo salvar Wynken também? O que eu faço com Wynken?

— No fundo, ela é um gênio ao seu próprio modo — prosseguiu ele, ignorando minhas palavras. — Foi isso o que eu quis dizer quando a chamei de teóloga. Ela conseguiu a façanha quase impossível de dominar o grego, o latim e o hebraico, muito embora não fosse bilíngüe quando criança. Você sabe como isso é difícil.

— É, não é assim para nós, mas... — Parei de falar. Uma idéia horrível me havia atingido com força total.

A idéia interrompeu tudo.

Era tarde demais para tornar Roger imortal. Ele estava morto!

Eu nem havia percebido que o tempo todo, enquanto conversávamos e sua história ia se derramando, o tempo todo eu estava partindo do pressuposto de que poderia, se quisesse, trazê-lo para mim, mantê-lo aqui e impedi-lo de seguir adiante. De repente, porém, lembrei-me com um choque violento de que Roger era um fantasma! Eu estava conversando com um homem que já estava morto.

A situação era tão horrivelmente dolorosa, frustrante e totalmente anormal que fiquei paralisado e poderia ter começado a gemer, se não tivesse precisado disfarçar para que ele continuasse.

— O que houve? — perguntou ele.

— Nada. Fale mais sobre Dora. Conte-me o tipo de coisa que Dora diz.

— Ela fala sobre a aridez atual, e como as pessoas precisam do infável. Ela aponta para a criminal idade desenfreada e a juventude sem horizontes. Ela vai criar uma religião na qual ninguém fira ninguém mais. É o sonho americano. Ela conhece as Escrituras de trás para a frente. Estudou todas as Pseudepígrafas, os Apócrifos, as obras de Agostinho, Marcion, Moisés Maimônides. Ela tem a convicção de que a proibição do sexo destruiu o cristianismo, o que para ela não chega a ser original e sem dúvida agrada às mulheres que lhe dão atenção, sabe...

— Sei, compreendo tudo isso, mas ela deve ter sentido alguma compaixão por Wynken.

— Os livros de Wynken não foram para ela uma série de visões como foram para mim.

— Estou entendendo.

— E, por sinal, os livros de Wynken não são apenas perfeitos; são ímpares sob diversos aspectos. Wynken realizou sua obra nos últimos vinte e cinco anos anteriores à imprensa de Gutenberg. No entanto, Wynken fazia tudo. Ele era o escriba, o rubricador, ou seja, o que desenhava as letras enfeitadas, e também o miniaturista que acrescentou todas as figuras nuas a brincar no paraíso, a hera e

as trepadeiras que se espalhavam por todas as páginas. Ele precisou se encarregar de cada etapa sozinho numa época em que os escritórios dos conventos costumavam distribuir essas funções.

— Deixe-me terminar com Wynken. Você está com Dora na cabeça. Deixe-me voltar a Wynken. É. Você precisa apanhar aqueles livros.

— Maravilha — disse eu, desanimado.

— Permita que eu o ponha a par dos acontecimentos. Você vai adorar esses livros, mesmo que Dora nunca o faça. Tenho todos os doze, como acho que já lhe disse. Ele era católico da Renânia, forçado a entrar para os beneditinos quando jovem. E era apaixonado por Blanche de Wilde, mulher do seu irmão. Ela encomendou os livros ao escritório do convento, e foi assim que tudo começou, seu vínculo secreto com o amante que era monge. Possuo cartas entre Blanche e sua amiga Eleanor. Há alguns incidentes que foram decifrados dos próprios poemas.

— O mais triste de tudo, tenho cartas que Blanche escreveu a Eleanor depois que mataram Wynken. Ela enviava as cartas clandestinamente a Eleanor, que por sua vez as encaminhava a Diane, e havia mais uma mulher, mas são pouquíssimos os fragmentos que restam com sua caligrafia.

— Foi o seguinte o que aconteceu. Eles costumavam encontrar-se no jardim do castelo De Wilde para realizar seus ritos. Não era absolutamente no jardim do mosteiro, como eu havia suposto no passado. Como Wynken chegava ali eu não sei, mas há menções em algumas das cartas que indicam que ele simplesmente saía sorrateiro do convento e seguia por um caminho secreto que levava ao interior da casa do irmão.

— E é claro que isso fazia sentido. Eles esperavam até Damien de Wilde estar fora do castelo, fazendo não importa o quê que esses condes ou duques faziam, e então se encontravam, dançavam em volta da fonte e faziam amor. Wynken tinha relações com as mulheres, cada uma na sua vez; ou às vezes eles celebravam situações variadas. Tudo isso está mais ou menos registrado nos livros. Pois bem, eles foram apanhados.

— Damien castrou e apunhalou Wynken diante das mulheres, deixando-as desesperadas. Ele guardou os restos! E então, depois de dias de interrogatórios, as mulheres apavoradas foram forçadas a confessar seu amor por Wynken e mostrar como ele se comunicava através dos livros. E o irmão pegou todos esses livros, todos os doze livros de Wynken de Wilde, tudo que esse artista havia um dia criado, você compreende...

— Sua imortalidade — murmurei.

— Exatamente, sua prole! Seus livros! E Damien ordenou que fossem enterrados com o corpo de Wynken no jardim do castelo, junto à fonte que aparece em todas as iluminuras nos livros! Blanche podia contemplar todos os dias da sua janela o lugar no chão onde Wynken agora repousava. Não houve julgamento, nem heresia, nem execução, nada que se assemelhasse. Damien simplesmente assassinou o irmão. Com tamanha simplicidade. Ele provavelmente pagou enormes somas em dinheiro ao mosteiro. Quem sabe se isso chegou a ser necessário? O mosteiro gostava de Wynken? O mosteiro é atualmente uma ruína onde os turistas vão para tirar fotografias. Quanto ao

castelo, desapareceu do mapa nos bombardeios da Primeira Guerra Mundial.

— Ah, mas o que aconteceu depois daquilo? Como os livros foram parar fora do caixão? Você tem cópias deles? Está falando de...

— Não. Eu tenho os originais de cada um deles. Já me deparei com cópias, cópias grosseiras, feitas por encomenda de Eleanor, a prima e confidente de Blanche; mas, ao que eu saiba, pararam com essa prática de fazer cópias. Eram apenas doze livros. E não sei como ressurgiram. Só posso tentar adivinhar.

— E qual é sua suposição?

— Creio que Blanche saiu à noite com as outras mulheres, desenterrou o corpo, tirou os livros de dentro do caixão, ou de qualquer tipo de caixa em que os restos do pobre Wynken tenham sido colocados, e pôs tudo no lugar como era antes.

— Você acha que elas fizeram isso?

— É, acho que fizeram. Dá para vê-las à luz de velas no jardim, cavando, cinco mulheres juntas. Não dá?

— Dá.

— Acho que elas agiram assim porque tinham o sentimento que eu tenho! Elas amavam a beleza e a perfeição daqueles livros. Lestat, elas sabiam que eles eram preciosos. Esse é o poder da obsessão e esse é o poder do amor. E quem sabe, talvez elas quisessem os ossos de Wynken. É concebível. Talvez uma mulher tenha levado um fêmur, outra os ossos dos dedos, ah, eu não sei.

De repente, aquilo me pareceu medonho e me trouxe à mente, sem um segundo de hesitação, as mãos de Roger, que eu havia decepado com tanta falta de habilidade, com uma faca de cozinha, e que havia jogado no lixo, embrulhadas num saco plástico. Fiquei olhando a imagem daquelas mãos diante de mim, ocupadas, mexendo nervosas na borda do copo, tamborilando ansiosas no balcão.

— Até onde você conseguiu determinar a origem desses livros? — perguntei.

— Praticamente a nenhuma época remota. Mas isso costuma ser o caso na minha profissão. Estou falando de antiguidades. Os livros foram aparecendo um, talvez dois, de cada vez. Alguns de coleções particulares; dois de museus bombardeados durante as guerras. Uma vez, ou duas, paguei quase nada por eles. Eu sabia o que eles eram no instante em que punha os olhos neles, mas outras pessoas não sabiam. E veja bem, onde quer que eu fosse, eu iniciava uma busca por esse tipo de códice medieval. Sou um especialista nesse campo. Conheço a linguagem do artista medieval! Você precisa salvar meus tesouros, Lestat. Você não pode deixar que Wynken volte a se perder. Estou lhe deixando meu legado.

— É o que parece. Mas o que eu posso fazer com essas preciosidades e com todas as outras relíquias, se Dora não quiser saber de nada?

— Dora é jovem. Dora vai mudar. Veja bem, eu ainda tenho essa visão, de que talvez em alguma parte da minha coleção, nem pense em Wynken, talvez em alguma parte entre todas as imagens e relíquias haja uma peça crucial que possa ajudar Dora com sua nova igreja. Você tem como estimar o valor do que viu naquele apartamento? Você precisa fazer com que Dora toque mais uma vez

aqueles objetos, que os examine, que capte o cheiro deles! Você precisa fazer com que ela perceba o potencial das imagens e dos quadros, que eles são expressões da procura do ser humano pela verdade, exatamente a procura que é sua obsessão. É só que ela ainda não sabe.

— Mas você disse que Dora nunca ligou para pintura ou escultura.

— Faça com que ela ligue.

— Eu? Como? Posso preservar tudo aquilo, sim, mas como vou fazer Dora amar uma obra de arte? Por que você sequer chega a sugerir uma coisa dessas? Que eu entre em contato com sua filha querida?

— Você vai amar minha filha — sussurrou ele, baixinho.

— Você ficou louco?

— Descubra algo de milagroso na minha coleção para ela.

— O Sudário de Turim?

— Ah, eu gosto de você. Gosto mesmo. É, descubra para ela alguma coisa que seja significativa, algo que a transforme, algo que eu, seu pai, tenha comprado e apreciado, que vá ajudá-la.

— Você é tão maluco depois de morto quanto era em vida, sabia? Você continua trapaceando, procurando comprar um jeito de se salvar com um pedaço de mármore ou uma pilha de pergaminho? Ou será que realmente acredita na santidade de tudo que colecionou?

— É claro que acredito na santidade. É só nela que acredito! Esse é o ponto principal para mim, você não entende? É só nisso que você também acredita... no que reluz e que é ouro.

— Ah, mas você me tira o fôlego.

— Foi por isso que você me matou lá, entre os tesouros. Olhe, temos de nos apressar. Não sabemos quanto tempo temos. Voltemos ao básico. Ora, no que diz respeito à minha filha, você dispõe da vantagem de ela ter ambição.

— Ela quis o convento para suas próprias missionárias, sua própria Ordem, que deveria ensinar o amor, naturalmente, com o mesmo fervor incendiário com que outros missionários o ensinaram. Ela faria com que suas mulheres penetrassem nas comunidades pobres, nos guetos, nos bairros operários, e elas pregariam sobre a importância de iniciar um movimento de amor a partir do núcleo do povo, que acabaria por atingir todos os governos no poder, para que a injustiça terminasse.

— O que distinguiria essas mulheres de outras ordens ou de outros missionários semelhantes, dos franciscanos ou de quaisquer outros pregadores...?

— Bem, para começar, elas seriam mulheres, e mulheres que pregariam! As freiras sempre foram enfermeiras, professoras para criancinhas, criadas ou ficaram trancadas em claustros para berrar para os céus como um monte de ovelhas chatas. Suas mulheres seriam doutoras da igreja, você está entendendo? Pregadoras. Elas inflamariam as multidões com seu fervor pessoal. Elas se voltariam para as mulheres, as pobres e desvalidas, e as ajudariam a reformar o mundo.

— Uma visão feminista, mas associada à religião.

— Tinha chance de dar certo. Tinha tanta chance quanto qualquer movimento semelhante. Quem sabe por que motivo um monge no século XIV

ficou louco? E outro virou santo? Dora sabe mostrar às pessoas como pensar. Eu não sei! Você precisa resolver esse problema. Você precisa!

— E enquanto isso preciso preservar os enfeites de igreja.

— É, até que ela os aceite ou até que ela consiga lhes dar um bom uso. É assim que você vai conquistá-la. Fale do bem.

— É assim que se consegue conquistar qualquer um — disse eu, entristecido. — É assim que você está me conquistando.

— Bem, você vai fazer isso, não vai? Dora considera que estou equivocado. Ela disse para eu não imaginar que pudesse salvar minha alma, depois de tudo o que havia feito, apenas transferindo esses objetos religiosos para ela.

— Ela o ama — declarei. — Percebi isso todas as vezes em que a vi com você.

— Eu sei. Não preciso desse tipo de afirmação tranquilizadora. Agora não temos mais tempo para examinar todos os argumentos. Mas a visão de Dora é imensa, lembre-se disso. Ela agora é pequena, mas quer mudar o mundo inteiro. Quer dizer, ela não se satisfaz com uma seita do jeito que eu queria, sabe? Ser um guru com um séquito de seguidores obedientes. Ela realmente quer mudar o mundo. Ela acha que alguém tem de mudar o mundo.

— Não é verdade que todos os religiosos pensam assim?

— Não. Eles não sonham em ser Maomé ou Zoroastro.

— E Dora sonha.

— Dora sabe que é isso o que é necessário.

Ele abanou a cabeça, tomou mais um gole da bebida e desviou o olhar para o ambiente meio vazio. Depois, franziu um pouco o cenho como se ainda estivesse refletindo.

— Ela dizia que a religião não deriva de textos e relíquias, mas que eles são sua expressão. Ela falava sem parar. Depois de todos os seus estudos das Escrituras, ela dizia que o que contava era o milagre interior. Ela me fazia dormir. Não me venha com piadas cruéis!

— Por nada neste mundo!

— O que vai acontecer com minha filha? — murmurou ele, em desespero, sem olhar para mim. — Pense no que ela herdou. Veja isso no pai. Sou veemente, radical, gótico e maluco. Não sei lhe dizer a quantas igrejas levei Dora; quantos crucifixos valiosíssimos lhe mostrei antes de vendê-los com lucro. As horas que Dora e eu passamos juntos olhando para o teto de igrejas barrocas só na Alemanha! Dei a Dora relíquias magníficas feitas com pedaços verdadeiros da cruz incrustados com prata e rubis. Comprei muitos véus de Verônica, peças esplêndidas de tirar o fôlego. Meu Deus.

— Houve algum dia, estou me referindo a Dora, houve alguma idéia de expiação nisso tudo, de alguma culpa?

— Você está querendo dizer, por ter deixado que Terry desaparecesse sem explicações, por nunca ter perguntado, até anos depois? Já pensei nisso. Se existiu no início, Dora já a superou há muito tempo. Dora acredita que o mundo precisa de uma nova revelação. Um novo profeta. Mas ninguém simplesmente se torna profeta! Ela diz que a transformação precisa ter como origem o fato de ver e sentir. Não se trata, porém, de nenhuma experiência de evangelizadores

itinerantes com suas tendas de circo.

— Os místicos nunca pensam que se trata de uma experiência dessa natureza.

— Claro que não.

— Dora é uma mística? Você diria que é?

— Você não sabe? Você a acompanhou, você a vigiou. Não, Dora não viu o rosto de Deus nem ouviu Sua voz, e nunca mentiria a respeito disso, se é isso o que você está querendo dizer. Mas Dora está à procura. Ela está procurando o momento, o milagre, a revelação!

— Que o anjo apareça.

— Isso mesmo.

De repente, nós dois nos calamos. Era provável que ele estivesse pensando na sua proposta inicial. Era nisso que eu estava pensando. Que eu forjassem um milagre, eu, o anjo mau que um dia havia levado uma freira católica à loucura, a sangrar nas mãos e nos pés com as chagas de Cristo.

Ele subitamente resolveu prosseguir, e eu fiquei aliviado.

— Tornei minha vida rica o suficiente para parar de me importar com essa história de mudar o mundo, se é que algum dia pensei mesmo nisso. É que eu criei uma vida, sabe? Um mundo próprio. Já ela abriu sua alma de uma forma sofisticada para... para alguma coisa. Minha alma morreu.

— Parece que não — disse eu. A idéia de que ele desapareceria, que isso teria de acontecer, mais cedo ou mais tarde, estava se tornando intolerável para mim e muito mais assustadora do que sua presença havia sido no início.

— Voltemos ao fundamental. Estou ficando ansioso... — disse ele.

— Por quê?

— Não entre em pânico. Só preste atenção. Há dinheiro reservado para Dora que não tem nenhuma ligação comigo. Além disso, o governo não pode tocar nele. Não conseguiram nunca me indiciar, muito menos me condenar. Disso você se encarregou. As informações estão no apartamento. Pastas pretas de couro. No arquivo. Misturadas com notas de compra de todos os tipos de quadros e imagens. E você precisa guardar tudo isso em algum lugar para Dora. A obra da minha vida, meu legado. Está nas suas mãos para ela. Você pode fazer isso, não pode? Olhe, não há pressa alguma. Você se livrou de mim com bastante inteligência.

— Eu sei. E você está me pedindo que aja como anjo da guarda, que me certifique de que Dora receba essa herança intacta...

— É, meu amigo, é exatamente isso o que estou lhe implorando. E você tem como fazê-lo. E não se esqueça do meu Wynken! Se ela se recusar a ficar com os livros, você que fique com eles!

Ele tocou meu peito com a mão. Deu para eu sentir a batidinha na porta do coração. Ele continuou.

— Quando meu nome parar de sair nos jornais, supondo-se que ele chegue a sair dos arquivos do FBI para as agências de notícias, você vai fazer o dinheiro chegar às mãos de Dora. O dinheiro ainda pode criar a igreja de Dora. Dora tem uma personalidade magnética. Ela pode fazer tudo sozinha se tiver o dinheiro! Você está me entendendo? Ela pode conseguir do mesmo jeito que

Francisco, Paulo ou Jesus. Se não fosse por sua teologia, ela já teria se tornado a celebridade carismática há muito tempo. Ela tem tudo que é preciso. Só pensa demais. Sua teologia é o que a faz diferente.

Ele respirou fundo. Estava falando muito rápido e começando a tremer. Dava para eu ouvir seu medo como uma leve emanção dele. *Medo do quê?*

— Olhe, deixe-me citar umas palavras para você. Ela me disse isso nesta última noite. Estivemos lendo um livro de Bryan Appleyard, um cronista de jornais na Inglaterra. Você já ouviu falar? Ele escreveu uma obra intitulada *Understanding the Present*. Tenho o exemplar que ela me deu. E nele o autor diz coisas nas quais Dora acreditou... como por exemplo o fato de estarmos "empobrecidos em termos espirituais".

— De acordo.

— Mas há mais alguma coisa, algo a respeito do nosso dilema, do fato de que você pode inventar teologias; mas, para que funcionem, é preciso que elas venham de algum lugar mais profundo do interior da pessoa... Sei do que ela chamou isso... palavras de Appleyard... "uma totalidade da experiência humana".

— Ele parou. Estava aflito.

E eu, desesperado para assegurar-lhe que estava compreendendo.

— É, ela está à procura disso, aberta para isso, tentando conseguir. Percebi de repente que eu estava me agarrando a ele com tanta intensidade quanto ele a mim.

Ele olhava para longe.

Eu me senti pleno de uma tristeza tão terrível que não consegui falar. Eu havia assassinado esse homem! Por que fizera isso? Quer dizer, eu sabia que ele era interessante e cruel, mas, meu Deus, como eu podia ter... No entanto, e se ele ficasse comigo do jeito que estava? E se ele pudesse se tornar meu amigo exatamente do jeito que estava?

Ora, isso era muita infantilidade, egoísmo e avareza! Estávamos falando de Dora, de teologia. É claro que eu compreendia o que Appleyard pretendia transmitir. *Understanding the Present*. Visualizei o livro. Voltaria para apanhá-lo. Arquivei-o na minha memória sobrenatural. Ler imediatamente.

Ele não havia falado nem mudado de posição.

— Olhe, do que é que você está com medo? — perguntei. — Não me desapareça! — Agarrei-me a ele, sem disfarces, sentindo-me pequeno e quase chorando, com a idéia de que eu o havia assassinado, que lhe havia tirado a vida e agora tudo o que queria fazer era me apegar ao seu espírito.

Ele não me deu resposta. Parecia assustado.

Eu não era o monstro calcificado que achava que era. Eu não corria perigo de estar calejado diante do sofrimento humano. Eu tinha uma maldita empatia paralisante.

— Roger? Olhe para mim. Continue a falar.

Ele só murmurou alguma coisa a respeito de talvez Dora encontrar o que ele jamais havia encontrado.

— O quê? — perguntei.

— A teofania — sussurrou ele.

Ah, essa linda palavra. Palavra de David. Eu só a havia ouvido algumas

horas atrás. E agora ela como que saía por acaso da sua boca.

— Olhe, acho que estão vindo me buscar — disse ele, de repente. Seus olhos ficaram arregalados. Ele não parecia estar com medo; era mais como se estivesse intrigado. Estava prestando atenção a alguma coisa. Eu também a ouvia. — Lembre-se da minha morte — disse ele, subitamente, como se tivesse acabado de pensar nela com maior nitidez. — Conte-lhe como eu morri. Convença Dora de que minha morte purificou o dinheiro! Você está entendendo? Essa é a jogada! Paguei com minha morte. O dinheiro não é mais sujo. Os livros de Wynken, tudo aquilo, não são mais impuros. Embeleze a história um pouco. Resgatei tudo com meu sangue. Você sabe, Lestat, use sua grande eloquência. Conte a ela!

Aqueles passos.

O ritmo nítido de Alguna Coisa caminhando, caminhando lentamente... e o rumor baixo das vozes, a cantoria, a conversa. Eu estava ficando tonto. Eu ia cair. Segurei-me a ele e ao balcão.

— Roger! — gritei alto. Sem dúvida, todo mundo no bar ouviu meu grito. Ele olhava para mim com uma expressão de extrema paz. Nem sei se seu rosto ainda tinha animação. Ele parecia perplexo, até mesmo atordado...

Vi as asas que assomavam sobre mim, sobre ele. Vi a escuridão imensa e destrutiva erguer-se como se estivesse escapando de uma fissura vulcânica na própria terra, e vi a luz que subia por trás. Uma luz linda, deslumbrante.

Sei que gritei.

— Roger!

O barulho era ensurdecedor, as vozes, a cantoria, a figura que crescia cada vez mais.

— Não o leve. A culpa é minha. — Levantei-me furioso diante da Coisa. Se fosse preciso fazê-La em pedaços para que Ela o soltasse, eu o faria! Mas não conseguia ver bem. Nem sabia onde *eu* estava. E Ela veio ondulando, mais uma vez como fumaça, densa, poderosa e absolutamente irresistível. E no meio de tudo isso, surgindo acima de Roger enquanto ele ia desaparecendo, voltado na minha direção, o rosto, o rosto da estátua de granito, por um segundo, a única parte visível, os olhos...

— Deixe-o em paz!

Não havia mais bar, nem Village, nem cidade, nem mundo. Só todos eles!

E talvez a cantoria não fosse nada mais do que o som de vidro se quebrando.

Depois, as trevas. A imobilidade.

O silêncio.

Ou era o que parecia, que eu havia ficado inconsciente num lugar tranquilo por algum tempo.

Despertei lá fora na rua.

— Tudo certo com você, cara? — O *barman* estava ali parado, tremendo de frio, me perguntando com um tom de voz irritadíssimo e anasalado. Havia neve nos seus ombros, nos ombros pretos do seu colete e nas mangas brancas da camisa.

Fiz que sim e me pus em pé, só para ele ir embora. Minha gravata ainda

estava no lugar. Meu casaco estava abotoado. Minhas mãos, limpas. Alguma neve, no meu casaco.

A neve estava caindo muito de leve à minha volta. Uma neve lindíssima.

Voltei a entrar pela porta giratória para o *hall* ladrilhado e parei à porta do bar. Eu via o lugar onde nós havíamos conversado; via seu copo ainda ali. Sob outros aspectos, a atmosfera não estava mudada. O *barman* estava conversando com alguém com seu jeito entediado. Ele não havia visto nada, a não ser, provavelmente, o salto que eu dei antes de sair tropeço para a rua.

Todas as fibras em mim diziam, Corra. Mas para onde? Alçar vôo? Nem pensar, seria apanhado num instante. Mantenha os pés na terra fria.

Você levou Roger! Era para isso que estava me seguindo? Quem é você?

O *barman* ergueu os olhos cobrindo o espaço vazio, empoeirado. Devo ter dito alguma coisa, feito alguma coisa. Não, estava só choramingando. Um homem chorando feito um bobo num portal. E, quando se trata deste homem, por assim dizer, estamos falando de lágrimas de sangue. Saia já daí.

Dei meia-volta e saí de novo para a neve. Logo ia amanhecer, não ia? Eu não precisava ficar andando naquele frio desgraçado e cortante até o céu clarear, precisava? Por que não procurar um túmulo agora para ir dormir?

— Roger! — Eu chorava, enxugando as lágrimas na manga. — O que você é, droga! — Parei e gritei, com a voz reverberando nos prédios. — Porcaria! — De repente, tudo me ocorreu num relance. Ouvi todas aquelas vozes misturadas e lutei. O rosto. A Coisa tem um rosto! *Uma mente insone no seu coração e uma personalidade insaciável.* Não fique tonto. Não tente se lembrar. Alguém num dos prédios abriu uma janela e gritou para que eu fosse andando dali.

— Pare com essa gritaria aí fora.

Não procure lembrar. Você vai perder a consciência se o fizer.

De repente, visualizei Dora e achei que poderia desmaiar onde estava, trêmulo, indefeso, a balbuciar tolices para qualquer um que se aproximasse para ajudar.

Isso não era bom; era péssimo; era simplesmente medonho em termos cósmicos!

E pelo amor de Deus qual havia sido o significado da expressão de Roger naquele último momento? Teria sequer sido uma expressão? Teria sido de paz, calma ou compreensão? Ou apenas um fantasma perdendo sua vitalidade, um fantasma entregando a alma a Deus!

Ah! Eu havia estado aos berros. Percebi. Montes de mortais ao meu redor, bem alto na noite, estavam me dizendo que me calasse.

Continuei a caminhar.

Eu estava só. Chorei baixinho. Não havia ninguém na rua vazia para ouvir.

Prossigui, quase dobrado ao meio, chorando alto. Agora não percebia ninguém que me visse, me ouvisse, me parasse ou prestasse atenção em mim. Queria refazer a cena na minha cabeça, mas estava apavorado com medo de ser atirado de costas no chão se o fizesse. E Roger, Roger... Ai, meu Deus, no meu egocentrismo monstruoso quis ir até Dora e me ajoelhar diante dela. Eu fiz isso, eu matei, eu...

Centro da cidade. Imagino. Casacos de *vison* numa vitrine. A neve tocava

minhas pálpebras com a máxima delicadeza. Tirei a echarpe, limpei meu rosto meticulosamente para que não houvesse sangue das lágrimas nele.

E então entrei às cegas num hotel barato e vistoso.

Paguei em dinheiro pelo quarto, com uma gorjeta especial, não me perturbe nas próximas vinte e quatro horas, subi, tranquei a porta por dentro, fechei as cortinas, desliguei o aquecimento incômodo e fedorento e me enfiar debaixo da cama para dormir.

O último pensamento estranho que me ocorreu antes que eu caísse no sono mortal (faltavam horas para o amanhecer e havia tempo suficiente para sonhar) foi que David de algum modo ia ficar aborrecido com tudo isso, mas que Dora, Dora poderia acreditar e compreender...

Devo ter dormido pelo menos algumas horas. Eu ouvia os ruídos da noite lá fora.

Quando acordei, o céu estava clareando. A noite estava quase terminada. Agora viria o esquecimento. Fiquei feliz. Tarde demais para pensar. Volte para as profundezas do sonho de vampiro. Morto, com todos os outros mortos-vivos, não importa onde estivessem, protegendo-se da luz que chegava.

Uma voz me assustou. Ela falou comigo nitidamente.

— Não vai ser assim tão simples.

Levantei-me com um movimento, derrubando a cama, e fiquei de pé, com o olhar fixo na direção de onde a voz viera. O pequeno quarto de hotel era como uma armadilha chamativa.

Um homem estava parado no canto, um homem normal. Não especialmente alto, nem baixo, nem bonito como Roger, nem exuberante como eu, nem mesmo muito jovem, ou muito velho. Apenas um homem. Um homem bastante simpático, de braços cruzados e com um pé por cima do outro.

O sol acabava de surgir acima dos prédios. O fogo atingiu as janelas. Fiquei ofuscado. Não conseguia ver nada.

Abaixei-me no chão, só um pouco queimado e ferido, e a cama caiu sobre mim para me proteger.

Nada mais do que isso. Fosse aquilo quem ou o que fosse, eu ficava indefeso uma vez que o sol surgisse no céu, por mais denso e branco que fosse o véu da manhã de inverno.

CAPÍTULO 5



— Muito bem — disse David. — Sente-se. Pare de andar de um lado para o outro. E quero que você repasse cada detalhe mais uma vez. Se precisar se alimentar antes disso, então vamos sair e...

— Já lhe disse! Já superei isso. Não preciso me alimentar. Não preciso de sangue. Fico louco por sangue. Adoro sangue. E não quero saber de sangue agora! Eu me saciei com Roger ontem à noite, como um demônio guloso. Pare de falar em sangue.

— Você não quer se sentar no seu lugar ali à mesa? Diante dele, era o que ele queria dizer.

Eu estava parado junto à parede envidraçada, olhando direto para o telhado da catedral de St. Patrick ali embaixo.

Ele nos havia conseguido acomodações perfeitas no Olympic Tower, e nós estávamos logo acima das agulhas. Um apartamento imenso, de tamanho exagerado para nossas necessidades, mas mesmo assim um domicílio perfeito.

A intimidade com a catedral me parecia essencial. Eu podia ver o formato de cruz do telhado, as torres altas, pontiagudas. Elas davam a impressão de que poderiam empalar uma pessoa, tão aguçadas pareciam suas pontas voltadas para o céu. E o céu, como na noite anterior, era uma nuvem macia e silenciosa de neve.

Dei um suspiro.

— Olhe, peço que me desculpe. Mas não quero repassar tudo isso outra vez. Não posso. Ou você aceita a história como lhe contei, ou eu... eu... simplesmente enlouqueço.

Ele continuou sentado, tranqüilo, à mesa. O lugar viera "pronto para morar", ou seja, mobiliado. Era o estilo volumoso e sofisticado do mundo empresarial: muito mogno, couro, tons de bege, caramelo e dourado, que não se poderia conceber que desagradasse ninguém. E flores. Ele havia encomendado flores. Tínhamos o perfume de flores.

A mesa e as cadeiras eram harmoniosamente orientais, a infusão chinesa em voga. Acho que havia também uma urna pintada ou duas.

E lá embaixo tínhamos a lateral da catedral de St. Patrick da Rua 51; e as pessoas lá embaixo na Quinta Avenida iam e vinham pelas escadas cobertas de neve. A visão tranqüila da neve.

— Não temos tanto tempo assim — disse eu. — Temos de ir até lá; e eu preciso garantir a segurança do apartamento ou retirar de lá todos aqueles objetos

preciosos. Não vou permitir que aconteça algum acidente à herança de Dora.

— Nós podemos fazer isso; mas, antes de ir, tente fazer uma coisa por mim. Descreva o homem mais uma vez... não o fantasma de Roger, a estátua viva, nem a coisa alada, mas o homem que você viu parado no canto do quarto de hotel, quando o sol nasceu.

— Comum, já lhe disse. Muito comum. Anglo-saxão? Sim, provavelmente. Nitidamente irlandês ou nórdico? Não. Simplesmente um homem. Nada de francês, creio que não. Não, um americano de aparência corriqueira. Um homem de boa altura, da minha altura, mas não excessivamente alto como você. Eu não posso tê-lo visto por mais do que cinco segundos. Era o amanhecer. Ele me armou aquela armadilha. Eu não podia fugir. Perdi a consciência. O colchão me cobriu e, quando acordei, não havia homem nenhum. Havia sumido, como se eu o tivesse imaginado. Mas eu não o imaginei!

— Obrigado. E o cabelo?

— Louro acinzentado, quase cinza. Sabe como o cabelo louro acinzentado consegue desbotar até um ponto em que se torna realmente... um castanho grisalho, ou quase sem cor, assim como um cinza-escuro.

Ele fez um pequeno gesto de que estava entendendo.

Com muito cuidado, encostei-me no vidro. Com minha força, teria sido fácil estilhaçar a vidraça sem querer. A última coisa que eu queria era um erro desses.

Era óbvio que ele queria que eu falasse mais, e eu estava tentando. Lembrava-me do homem com bastante nitidez.

— Um rosto agradável, muito simpático. Era o tipo de homem que não impressiona pelo tamanho ou pelo físico tanto quanto por uma espécie de atitude de alerta, um autocontrole e inteligência, imagino que você diria. Parecia ser um homem interessante.

— Roupas.

— Não chamavam a atenção. Pretas, creio eu, talvez mesmo um pouco empoeiradas? Acho que eu me lembraria se fossem de um preto retinto, de um preto bonito ou sofisticado.

— Alguma característica nos olhos?

— Só a inteligência. Eles não eram grandes, nem tinham alguma cor especial. Ele parecia normal, esperto. Sobrancelhas escuras, mas não terrivelmente pesadas ou qualquer coisa semelhante. Testa normal, cabeleira cheia, belos cabelos, penteados, mas não excessivamente arrumados como os meus. Ou os seus.

— E você acredita que ele disse essas palavras?

— Tenho certeza. Eu o ouvi. Dei um salto. Eu estava acordado, compreende? Perfeitamente acordado. Vi o sol. Olhe para minha mão.

Eu já não era mais tão pálido quanto havia sido antes de entrar no deserto de Gobi, antes de desafiar o sol a me matar no passado recente. Mas nós dois podíamos ver a queimadura no lugar em que os raios do sol haviam tocado minha mão. E eu podia sentir a queimadura no lado direito do meu rosto, embora ali ela não fosse visível por eu ter provavelmente virado a cabeça.

— E quando você acordou, estava debaixo da cama, e ela estava fora do

lugar porque havia sido jogada para o alto e havia caído de volta.

— Sem a menor dúvida. Um abajur havia sido derrubado. Eu não havia sonhado com aquilo da mesma maneira que não havia sonhado com Roger e tudo o mais. Olhe, quero que venha comigo até o apartamento. Quero que conheça o lugar. Os objetos de Roger.

— Ah, mas eu quero ir lá — disse ele, levantando-se. — Não perderia isso por nada neste mundo. É só que eu queria que você não se apressasse, que procurasse...

— O quê? Me acalmar? Depois de conversar com o fantasma de uma das minhas vítimas? Depois de ver aquele homem parado no meu quarto! Depois de ver aquela coisa levar Roger, essa coisa que vinha me perseguindo pelo mundo afora, esse arauto da loucura, esse...

— Mas você não chegou a vê-la realmente levando Roger, não é? Pensei um pouco nisso.

— Não tenho certeza. Não sei ao certo se a imagem de Roger continuava animada. Ele parecia perfeitamente calmo. Ele estava desaparecendo. E então o rosto da criatura, do ser ou seja lá o que for, o rosto ficou visível por um instante. A essa altura, eu estava totalmente perdido. Não tinha sentido de equilíbrio, de localização, nada. Não sei se Roger estava simplesmente desaparecendo quando a coisa o levou ou se ele aceitou o fato e a acompanhou.

— Lestat, você não sabe se qualquer dessas duas coisas aconteceu. Você só sabe que o fantasma de Roger desapareceu e que essa coisa surgiu. É só isso o que você sabe.

— Imagino que seja verdade.

— Veja por esse lado. Aquele que o estava perseguindo decidiu manifestar-se. E ele obliterou seu companheiro espectral.

— Não. Eles estavam ligados. Roger ouviu sua chegada! Roger sabia que ele estava vindo mesmo antes de eu ouvir os passos. Graças a Deus por uma coisa!

— Exatamente pelo quê?

— Por eu não conseguir transmitir meu medo para você. Por eu não conseguir fazer com que você sinta como foi horrível. Você acredita em mim, o que é mais do que suficiente por enquanto; mas, se você realmente soubesse, não estaria assim tão calmo e controlado, o perfeito cavalheiro britânico.

— Poderia estar. Vamos. Quero ver esse depósito de riquezas. Creio que você está absolutamente certo em não querer que esses objetos escapem das mãos dessa garota.

— Mulher, jovem mulher.

— E deveríamos verificar seu paradeiro, imediatamente.

— Isso eu fiz quando vinha para cá.

— No estado em que estava?

— Bem, eu sem dúvida consegui sair dele o tempo suficiente para entrar no hotel e me certificar de que ela havia partido. Tinha de fazer isso. Uma limusine a levava até La Guardia às nove da manhã. Ela chegou a Nova Orleans hoje à tarde. Quanto ao convento, não faço idéia de como entrar em contato com ela por lá. Nem sei se ele dispõe de ligação para um telefone. Por enquanto, ela está

tão segura quanto esteve enquanto Roger vivia. — De acordo. Vamos até o apartamento.

Às vezes, o medo é um aviso. É como se alguém pusesse a mão no seu ombro e dissesse Não Dê Mais um Passo.

Quando entramos no apartamento, senti isso por alguns segundos. Pânico. Não Dê Mais um Passo.

Só que eu estava orgulhoso demais por mostrá-lo, e David estava curioso demais, seguindo adiante de mim pelo *hall*, e percebendo, sem dúvida, como eu percebia, que o lugar estava totalmente sem vida. A morte recente? Ele conseguia sentir seu cheiro tanto quanto eu. Eu me perguntava se para ele era menos pestilento já que não havia sido sua vítima.

Roger! Na memória a fusão do corpo mutilado com Roger, o Fantasma, foi de repente como um chute forte no peito.

David seguiu direto até a sala de estar enquanto eu ficava para trás, olhando para o grande anjo de mármore branco, com sua concha de água benta e pensando em como ele era parecido com a estátua de granito. Blake. William Blake sabia das coisas. Ele havia visto anjos e demônios, e havia conseguido acertar as proporções. Roger e eu poderíamos ter conversado sobre Blake...

Mas tudo estava acabado. Eu estava aqui, no *hall*.

A idéia de que eu precisava ir em frente, pôr um pé diante do outro, chegar à sala de estar e olhar para a estátua de granito foi de repente um pouco mais do que o que eu podia aceitar.

— Ela não está aqui — respondeu David. Ele não havia lido meus pensamentos. Estava apenas afirmando o óbvio. Estava parado na sala de estar a uns quinze metros dali, olhando para mim, com as luminárias lançando só um pouco da sua luz concentrada sobre ele, e voltou a dizer. — Não há nenhuma estátua de granito negro nesta sala.

Dei um suspiro.

— Vou parar no inferno — murmurei.

Eu podia ver David nitidamente, mas nenhum mortal conseguiria tê-lo visto. Sua imagem estava muito sombreada. Ele parecia alto e muito forte, ali parado, com as costas para a luz mortíça das janelas, e as luminárias fazendo cintilar seus botões de metal.

— E o sangue?

— É, há sangue, e seus óculos. Seus óculos roxos. Uma bela prova.

— Prova do quê?

Era muita bobagem minha ficar parado ali junto à porta dos fundos conversando com ele de tão longe. Segui pelo *hall*, como se estivesse indo de bom grado para a guilhotina, e entrei na sala.

Havia apenas um espaço vazio onde antes a estátua estava, e eu nem tinha certeza se tinha o tamanho suficiente. Um aglomerado. Santos de gesso. Ícones, alguns tão velhos e frágeis que estavam protegidos por vidro. Na noite anterior, eu não havia percebido tantos deles, cintilando em todos os cantos das paredes nos feixes de luz que escapavam das luminárias direcionais.

— É incrível! — murmurou David.

— Eu sabia que você ia adorar — disse eu, desolado. Eu também teria

adorado, se não estivesse abalado até a medula dos ossos. Ele estava examinando os objetos, com os olhos passeando entre os ícones e depois entre os santos.

— São objetos absolutamente magníficos. Esta é... é uma coleção extraordinária. Você não sabe o que nada disso significa, sabe?

— Bem, mais ou menos... Não sou um analfabeto em termos de arte.

— A série de quadros na parede — disse ele, indicando uma longa fileira de ícones, os mais frágeis.

— Aqueles? Realmente não sei.

— O véu de Verônica — disse ele. — Essas são cópias primitivas da famosa mantilha, o próprio véu, que supostamente desapareceu da história há séculos. Talvez durante a Quarta Cruzada. Esse aqui é russo, impecável. Esse outro? Italiano. E olhe ali, no chão, empilhadas, essas são as Estações da Via Sacra.

— Roger tinha obsessão por encontrar relíquias para Dora. Além do mais, ele próprio adorava essas coisas. Aquele ali, o véu de Verônica russo, ele acabara de trazer para Nova York para Dora. Ontem à noite, eles brigaram por causa dele, mas ela não quis aceitá-lo.

Era uma perfeição. Como ele havia tentado descrevê-lo para Dora. Meu Deus, eu me sentia como se o tivesse conhecido desde a juventude e como se tivéssemos conversado sobre todos esses objetos; e cada superfície apresentava para mim um verniz da sua apreciação especial e do conjunto dos seus pensamentos.

As Estações da Via Sacra. É claro que eu conhecia a devoção. Que criança católica não conheceria? Costumávamos acompanhar as quatorze estações diferentes da paixão de Cristo e do seu percurso até o Calvário pela igreja escurecida, parando diante de cada uma de joelhos para dizer as orações adequadas. Ou o padre e os coroinhas seguiriam em procissão enquanto a congregação recitaria com eles as meditações sobre o sofrimento de Cristo em cada etapa. Não havia sido na sexta estação que Verônica se aproximara para limpar o rosto de Jesus com seu véu?

David passava de um objeto para outro.

— Agora, este crucifixo, este é realmente antigo. Poderia causar sensação.

— Mas não se poderia dizer o mesmo sobre tudo o mais?

— Ah, sim, mas não estou falando de Dora e da sua religião, ou seja lá o que for. Estou dizendo simplesmente que essas são fabulosas obras de arte. Não, você tem razão, não podemos deixar tudo isso ao acaso. Não é possível. Olhe, essa estatueta poderia ser do século IX, celta, incrivelmente valiosa. E isso aqui, provavelmente veio do Kremlin.

Ele fez uma pausa, segurou um ícone da Madona com o Menino. Extremamente estilizado, é claro, como todos eles, e este especialmente muito conhecido, pois o Menino Jesus está perdendo uma das sandálias enquanto se agarra à sua mãe; dá para ver anjos que O atormentam com pequenos símbolos da paixão que está por vir; e a cabeça da Mãe está inclinada com ternura na direção do filho. Uma auréola se sobrepõe parcialmente à outra. O Menino Jesus fugindo do futuro para os braços protetores da Mãe.

— Você compreende o princípio fundamental de um ícone, não? —

perguntou David.

— Que é inspirado por Deus.

— Que não é feito por mãos — disse David. — É supostamente gravado direto no suporte pelo próprio Deus.

— Você está querendo dizer, do mesmo jeito que o rosto de Jesus foi impresso no véu de Verônica?

— Exato. Basicamente todos os ícones eram obra de Deus. Uma revelação em forma material. E às vezes um ícone novo podia ser feito a partir de outro simplesmente aplicando-se um novo pano com pressão sobre o original, e uma transferência mágica ocorreria.

— Estou entendendo. Supostamente ninguém teria pintado a obra. — Precisamente. Veja, esta é uma relíquia da Verdadeira Cruz emoldurada em pedras preciosas; e este, este livro aqui... meu Deus, esses não podem ser... Não, este é um famoso Livro das Horas que foi perdido em Berlim na Segunda Guerra Mundial.

— David, mais tarde podemos nos dedicar a fazer um inventário. Está bem? A questão é o que devemos fazer agora. — Eu já não estava mais com tanto medo, muito embora continuasse a olhar sem parar para o lugar vazio onde o demônio de granito havia estado.

E ele era o Demônio, eu sabia que era. Eu ia começar a tremer se não passássemos à ação.

— Como vamos preservar tudo isso para Dora, e onde? — disse David. — Veja, os armários e os cadernos, vamos organizar as coisas. Encontrar os livros de Wynken de Wilde. Vamos tomar uma decisão e criar um plano.

— Nem pense em trazer seus antigos aliados mortais para o meio dessa história — disse eu de repente, cheio de suspeita e sem nenhuma delicadeza, devo admitir.

— Você está querendo falar da Talamasca? — perguntou ele. Estava olhando para mim. E segurava na mão o precioso Livro das Horas, com sua capa tão frágil quanto massa de torta.

— Tudo isso pertence a Dora — disse eu. — Temos de preservá-lo para ela. E Wynken é meu, se ela nunca quiser Wynken.

— É claro, isso eu compreendi — disse ele. — Deus do céu, Lestat, você acha que ainda mantenho contato com a Talamasca? Seria possível confiar neles sob esse aspecto, mas eu não quero mais nenhum contato com meus antigos aliados mortais, como você os chama. Nunca mais vou querer contato com eles. Não quero uma pasta minha nos seus arquivos, como você queria a sua. Está lembrado? "O Vampiro Lestat". Não quero ser lembrado por eles, a não ser como seu Superior-Geral que morreu de velhice. Agora vamos.

Havia um toque de asco na sua voz e de dor, também. Lembrei-me de que a morte de Aaron Lightner, seu velho amigo, havia sido "a gota d'água" entre ele e a Talamasca. Alguma espécie de controvérsia cercara a morte de Aaron, mas eu nunca soube o que era.

O fichário ficava num cômodo antes do salão, junto com outras caixas de registros. Encontrei imediatamente os documentos financeiros e os examinei enquanto David inspecionava o resto.

Como eu mesmo disponho de grande quantidade de valores mobiliários, não me são estranhos os documentos legais e os truques dos bancos internacionais. É, Dora tinha uma herança de fontes irrepreensíveis, isso eu podia ver. Herança que não poderia ser tocada por quem procurasse uma reparação pelos crimes de Roger. Tudo estava vinculado ao seu nome, Theodora Flynn, que deve ter sido seu nome legal, resultante da identidade falsa usada por Roger para o casamento.

Eram documentos demais para que eu pudesse calcular seu valor total, só que havia sido acumulado ao longo do tempo. A impressão era de que Dora poderia ter começado uma nova Cruzada para retomar Istambul dos turcos, se assim quisesse. Havia algumas cartas... Eu pude determinar com precisão a data, dois anos atrás, na qual Dora havia recusado qualquer ajuda posterior dos dois fundos dos quais tinha conhecimento. Quanto ao resto, eu me perguntava se ela fazia alguma idéia do valor.

A noção do tamanho é tudo, quando se trata de dinheiro. Imaginação e noção do tamanho. Se lhe faltar qualquer um desses dois atributos, você não poderá tomar uma decisão moral, ou foi isso o que sempre pensei. Parece desprezível, mas pense bem. Não é desprezível. O dinheiro é poder para alimentar os famintos. Para vestir os pobres. No entanto, é preciso saber isso. Dora tinha fundos e mais fundos, bem como fundos para pagar os impostos de todos os outros.

Pensei com uma tristeza momentânea em como havia pretendido ajudar minha amada Gretchen, irmã Marguerite, e como a simples visão da minha

pessoa havia destruído tudo; enquanto eu me retirava da sua vida, com todo o meu ouro ainda nos cofres. Não acabava sempre assim? Eu não era nenhum santo. Eu não alimentava os famintos.

Mas Dora! Não mais que de repente, eu me dei conta: Dora era agora minha filha! Ela se havia tornado minha santa exatamente como havia sido a de Roger. Dora agora tinha outro pai rico. Tinha a mim!

— O que foi? — perguntou David, alarmado. Ele estava examinando uma caixa de papéis. — Você viu o fantasma de novo?

Por um instante, quase caí num dos meus tremores fortes, mas me controlei. Não disse nada, mas via tudo com uma clareza cada vez maior.

Cuidar de Dora! Claro que eu cuidaria de Dora, e de algum modo eu a convenceria a aceitar tudo. Talvez Roger não tivesse sabido usar os argumentos certos. E Roger era agora um mártir por todos os seus tesouros. É, sua última jogada havia sido acertada. Ele havia resgatado seus tesouros. Pode ser que Dora, com explicações adequadas...

Algo chamou minha atenção. Ali estavam eles, os doze livros. Cada um envolto com esmero em filme plástico, enfileirados na prateleira de cima de uma pequena escrivaninha, bem ao lado do fichário. Eu sabia o que eles eram. Eu sabia. E além disso havia as identificações que Roger havia posto neles, com sua caligrafia elegante em pequenas etiquetas brancas, "W de W".

— Olhe — disse David, levantando-se de onde estava ajoelhado e limpando o pó das suas calças. — Esses aqui são simples documentos oficiais das compras. Tudo que está aqui está limpo, aparentemente, ou sofreu lavagem. Há dezenas de

recibos, certificados de autenticidade. Sugiro que tiremos tudo isso daqui agora.

— É, mas como e para onde?

— Pense, qual é o lugar mais seguro? Suas acomodações em Nova Orleans sem dúvida não oferecem segurança. Não podemos confiar esses objetos a um guarda-móveis numa cidade como Nova York.

— Correto. Eu tenho acomodações num pequeno hotel do outro lado do parque, mas elas...

— É, eu me lembro, foi até lá que o Ladrão de Corpos o seguiu. Você quer dizer que não mudou aquele endereço?

— Não tem importância. Tudo isso não caberia lá. — Mas você se dá conta de que há lugar para tudo isso nos nossos aposentos no Olympic Tower? — perguntou ele.

— Está falando sério?

— Claro que estou. Que lugar poderia ser mais seguro? Agora, nós temos trabalho a fazer. Não podemos permitir nenhuma ligação mortal com isso. Vamos ter de fazer todo o trabalho braçal sozinhos.

— Ai! — Dei um suspiro de desagrado. — Você está querendo dizer embalar tudo isso e fazer a mudança?

— Claro! — disse ele, rindo. — Hércules precisou fazer esse tipo de coisa, e os anjos também. Como você acha que Miguel se sentiu quando teve de ir de porta em porta no Egito para matar o primogênito de cada casa? Ora. Você não sabe como é simples acolchoar todos esses itens com plásticos modernos. Sugiro que nós mesmos façamos a mudança. Será um projeto arriscado. Por que não ir por cima dos telhados?

— Ai, não há nada mais irritante do que a energia de um vampiro novato — disse eu, em tom de exaustão. Mas eu sabia que ele estava com a razão. E nossa força era incalculavelmente maior do que a de qualquer ajudante mortal. Nós poderíamos estar com aquilo tudo fora dali talvez naquela mesma noite.

Que bela noite!

Direi, em retrospectiva, que o trabalho braçal é um antídoto para a angústia e a aflição geral, bem como para o medo de que o Demônio venha agarrá-lo pela garganta a qualquer momento para arrastá-lo para o fogo dos infernos!

Reunimos um enorme estoque de material isolante composto de bolhas de ar presas em plástico, que efetivamente podia envolver a relíquia mais frágil num abraço inofensivo. Retirei os documentos financeiros e os livros de Wynken, examinando cada um com cuidado para me certificar de estar certo quanto ao que estava nas minhas mãos, e depois prossegui para o trabalho pesado.

Saco por saco, transportamos todos os objetos menores, passando por cima dos telhados como David havia sugerido, sem ser percebidos pelos mortais, duas figuras negras e sorrateiras voando como bruxas voariam para o sabá.

Os objetos maiores tivemos de transportar com mais carinho, cada um de nós carregando-os um a um nos braços. Evitei deliberadamente o imenso anjo de mármore branco. Mas David o adorou, conversando com ele o tempo todo até chegarmos ao nosso destino. E tudo isso foi levado discretamente para os aposentos seguros do Olympic Tower de uma forma perfeitamente adequada através das escadas de serviço, com o ritmo obrigatório dos mortais.

Nossos relógios reduziram seu ritmo assim que tocássemos o mundo mortal; e nós entraríamos direto nele, cavalheiros mobiliando seu novo lar com tesouros embalados de modo adequado e seguro.

Logo os aposentos limpos e acarpetados com vista para a catedral de St. Patrick abrigavam uma floresta de pacotes plásticos espectrais, alguns lembrando muito múmias ou corpos embalsamados com menos cuidado. O anjo de mármore branco com sua concha de água benta talvez fosse o maior de todos. Os livros de Wynken, embalados e atados, estavam na mesa de jantar oriental. Eu de fato não havia tido oportunidade de dar uma olhada neles, mas agora não era o momento.

Afundi-me numa poltrona na sala da frente, ofegante de puro tédio e raiva de ter precisado fazer algo tão subalterno. David estava triunfante.

— A segurança aqui é perfeita — disse David, com entusiasmo. Seu corpo de homem jovem parecia animado pelo seu próprio espírito pessoal. Quando eu olhava para ele, às vezes via a fusão dos dois: o David idoso, o rapaz vigoroso de origem anglo-indiana. Mas, na maior parte do tempo, ele era simplesmente perfeito. E sem dúvida o novato mais forte que eu já havia produzido.

Isso não se devia somente ao poder do meu sangue ou às minhas provações e tribulações antes de criá-lo. Quando o fiz, eu lhe dera mais sangue do que jamais dera aos outros. Havia arriscado minha própria sobrevivência. Mas não fazia diferença...

Fiquei ali sentado a adorá-lo, adorando minha própria obra. Eu estava todo empoeirado.

Percebi que havíamos cuidado de tudo. Havíamos até mesmo trazido os tapetes no final, em rolos. Mesmo o tapete ensoado com o sangue de Roger. Restos do martírio de Roger. Bem, eu pouparia Dora desses detalhes.

— Preciso caçar — disse David, num sussurro, despertando-me dos meus cálculos. Não respondi. — Você vem junto?

— Você quer que eu vá? — perguntei.

Ele ficou ali parado, encarando-me com uma expressão estranhíssima, um rosto jovem e moreno sem qualquer condenação palpável ou mesmo repulsa.

— Por que não vem? Você não gosta de assistir, mesmo que não queira o sangue?

Fiz que sim. Nunca havia imaginado que ele fosse me deixar olhar. Louis detestava quando eu observava. Na última vez em que estivéramos juntos, os três, David era reticente demais e cheio demais de suspeita para sugerir algo semelhante.

Seguimos pela escuridão densa e cheia de neve do Central Park. Por toda parte, era possível ouvir os moradores noturnos do parque, roncando, resmungando, fragmentos mínimos de conversa, fumaça. Esses eram indivíduos fortes, indivíduos que sabem viver na selva no meio de uma cidade que é ela própria notoriamente fatal para com seus desafortunados.

David descobriu rapidamente o que queria: um rapaz de gorro de lã, com os dedos nus aparecendo através dos sapatos estourados, um caminhar da noite, solitário, drogado, insensível ao frio e falando em voz alta com pessoas do passado.

Fiquei à parte, à sombra das árvores, molhado pela neve e sem me importar. David estendeu a mão para pegar o ombro do rapaz, trouxe-o delicadamente mais para perto e o abraçou. Clássico. Enquanto David se debruçava para beber o sangue, o rapaz começou a rir e a falar ao mesmo tempo. Depois calou-se, petrificado, até que afinal o corpo foi deixado repousando aos pés de uma árvore nua.

Os arranha-céus de Nova York reluziam mais ao sul, enquanto as luzes menores, mais quentes do East Side e do West Side nos cercavam. David ficou imóvel. No que ele estava pensando, eu gostaria de saber.

Ele aparentava ter perdido a capacidade de se mover. Fui na sua direção. Naquele momento, ele não era nenhum arquivista calmo e diligente. Parecia estar sofrendo.

— O que houve? — perguntei.

— Você sabe de uma coisa? — sussurrou ele. — Não vou sobreviver muito tempo.

— Está falando sério? Com os dons que lhe transmiti...

— Pssiiiu. Nós temos esse hábito exagerado de dizer coisas um para o outro que sabemos ser inaceitáveis ao outro. Deveríamos parar com isso.

— E falar apenas a verdade? Está bem. Eis a verdade. Agora, você tem a impressão de que não conseguirá sobreviver. Agora. Quando o sangue do rapaz está quente, circulando por todo o seu corpo. É claro. Mas você não vai se sentir desse jeito para sempre. Esse é o segredo. Não quero mais falar de sobrevivência. Fiz uma boa tentativa de terminar minha vida. Não funcionou; e além disso tenho algo mais em que pensar: essa coisa que está me seguindo e como posso ajudar Dora antes de ser encurralado.

Isso fez com que se calasse.

Começamos a andar, como os mortais, a atravessar o parque escuro juntos, meus pés afundando ruidosos na neve. Perambulamos pelas alamedas de árvores secas, afastando os galhos negros e molhados, com os volumosos prédios do centro da cidade nunca totalmente fora do nosso campo visual.

Eu estava alerta para o som dos passos. Estava alerta, e um pensamento lúgubre me havia ocorrido: que aquela coisa monstruosa que se havia revelado, o Demônio em pessoa ou seja lá o que fosse, havia vindo meramente para buscar Roger...

Mas, nesse caso, o que dizer do homem, o homem anônimo e perfeitamente comum? Era nisso que ele se transformara na minha cabeça, o homem que eu havia vislumbrado ao amanhecer.

Fomos nos aproximando das luzes de Central Park South, com os prédios elevando-se ainda mais, com uma arrogância que a Babilônia não poderia ter apresentado em desafio aos céus. Mas havia os sons tranquilizadores dos que estavam bem de vida, dos ocupados, um vaivém, e a movimentação incessante dos táxis, acrescentando-se à algazarra.

David estava abalado, pensativo.

— Se você tivesse visto a coisa que eu vi — disse eu, finalmente — não estaria tão disposto a pular para o próximo estágio. — Dei um suspiro. Eu não ia descrever de novo a criatura alada para nenhum de nós dois.

— Estou bastante inspirado por essa história — confessou ele. — Você não pode imaginar.

— Por ir para o Inferno? Com um Demônio daqueles?

— Você sentiu que a coisa era infernal? Você percebeu o mal? Já lhe perguntei isso. Você sentiu a maldade quando a coisa levou Roger? Roger lhe deu qualquer indicação de dor?

Aquelas perguntas me pareceram um pouco preciosas demais.

— Não fique muito otimista com a morte — disse eu. — Estou lhe avisando. Minhas opiniões estão mudando. O ateísmo e o niilismo dos meus primeiros tempos agora me parecem superficiais e até um pouco arrogantes.

Ele sorriu, com desdém, como costumava fazer quando era mortal e portava visivelmente os veneráveis louros da idade.

— Você já leu as histórias de Hawthorne? — perguntou ele, baixinho. Háviamos chegado à rua, que atravessamos, e agora dávamos lentamente a volta em torno da fonte diante do Plaza.

— Já — disse eu. — Não me lembro bem quando.

— E você se lembra da procura de Ethan Brand pelo pecado imperdoável?

— Creio que sim. Ele partiu nessa busca e deixou para trás seu semelhante.

— Recorde esse parágrafo — disse ele com delicadeza. Fomos caminhando pela Quinta, uma rua que nunca está vazia ou escura. E ele citou o trecho para mim.

— "Ele havia perdido contato com a cadeia magnética da humanidade. Já não era mais um irmão, a abrir as câmeras ou os calabouços da nossa natureza com um chave da santa solidariedade, que lhe dava um direito de compartilhar de todos os seus segredos. Era agora um frio observador, encrando a humanidade como cabaia do seu experimento e, afinal, convertendo homem e mulher em bonecos enquanto mexe os pauzinhos que os levam aos níveis de criminalidade exigidos pelo seu estudo."

Eu nada disse. Quis protestar, mas não era honesto fazer isso. Quis dizer que nunca, nunca trataria os humanos como bonecos. Tudo o que eu havia feito era observar Roger, droga! E Gretchen na selva. Eu não havia mexido nenhum pauzinho. A honestidade havia sido o erro dela e o meu também. Mas a verdade era que ele não estava falando de mim com essas palavras. Estava falando de si mesmo, da distância que sentia agora em relação ao ser humano. Ele apenas começava a ser Ethan Brand.

— Permita que eu continue um pouco mais — pediu ele, respeitoso, antes de continuar a citar. — "E assim Ethan Brand tornou-se diabólico. Passou a sê-lo a partir do momento em que sua natureza moral parou de acompanhar o ritmo de aperfeiçoamento do seu intelecto..." — Ele não prosseguiu. Não respondi.

— Essa é a maldição que caiu sobre nós — murmurou ele. — Nosso aperfeiçoamento moral chegou ao fim, e nosso intelecto continua avançando a passos largos.

Mesmo assim, eu não disse nada. O que eu deveria dizer? O desespero me era tão familiar. Ele poderia ser afastado pela visão de um belo manequim numa vitrine. Poderia ser dissipado pelo espetáculo de luzes em volta de um prédio. Poderia ser eliminado pela visão da forma imensa e espectral da catedral de St.

Patrick. E então o desespero voltava.

Sem sentido, eu quase disse em voz alta, mas o que saiu da minha boca foi totalmente diferente.

— Tenho Dora em quem pensar — disse eu. Dora.

— É, e graças a você — disse ele — eu agora tenho Dora também, não tenho?

CAPÍTULO 6



Como, quando e o que contar a Dora? Essa era a questão. A viagem até Nova Orleans fizemos no início da noite seguinte.

Não havia sinal de Louis na casa da Rue Royale, mas isso não era nem um pouco raro. Louis havia se acostumado a vaguar cada vez mais, e uma vez havia sido visto por David na companhia de Armand em Paris. A casa estava impecável, um sonho fora do tempo, cheia dos meus móveis Luís XV preferidos, papel de parede maravilhoso e os melhores tapetes que se podia encontrar.

David, naturalmente, estava familiarizado com o lugar embora não o visse há mais de um ano. Um dos muitos quartos, perfeito como uma pintura, imerso em sedas da cor de açafrão e escandalosos biombos e mesas turcas, ainda continha o caixão no qual ele havia dormido durante sua primeira e breve estada ali como um dos mortos-vivos.

É claro que esse caixão estava extremamente disfarçado. David havia insistido para que ele fosse de verdade, como os novatos exigem quase invariavelmente, a menos que sejam nômades por natureza, mas estava escondido com habilidade dentro de uma pesada arca de bronze, que Louis havia escolhido para ele mais tarde, um objeto retangular grande e volumoso, tão imponente quanto um piano de cauda, sem nenhuma abertura perceptível embora naturalmente, se se soubesse o ponto certo a tocar, a tampa se abrisse de imediato.

Eu havia criado meu lugar de repouso como havia prometido a mim mesmo, quando reformei essa casa na qual Claudia, Louis e eu havíamos vivido. Não no meu antigo quarto, que agora abrigava apenas a pesada cama de dossel e a penteadeira de *rigueur*, mas no sótão, na parte baixa do telhado, eu havia feito uma cela de metal e mármore.

Em suma, tínhamos prontamente uma base confortável, e eu estava francamente aliviado por Louis não estar lá para me dizer que não acreditava em mim quando eu descrevesse as coisas que havia visto. Seus aposentos estavam em ordem; havia o acréscimo de livros novos. Havia também um quadro novo, exuberante e cativante, de Matisse. Sob outros aspectos, as coisas eram as mesmas.

Assim que nos instalamos, que verificamos toda a segurança, como os imortais sempre fazem, com um exame descuidado e uma profunda resistência a ter de fazer qualquer coisa que os mortais tenham de fazer, decidimos que eu deveria ir até a cidade alta para tentar conseguir um relance de Dora sozinha.

Eu não havia nem visto nem ouvido nada daquele que me perseguia, apesar de não ter passado muito tempo, é claro. Também não havia visto nada do Homem Comum.

Nós estávamos de acordo quanto à possibilidade de que qualquer um deles aparecesse a qualquer momento.

Mesmo assim, afastei-me da companhia de David, deixando-o para que explorasse a cidade como quisesse.

Antes de deixar o Quarter na direção dos subúrbios, fiz uma visita a Mojo, meu cão. Se você não está familiarizado com Mojo de *A história do ladrão de corpos*, permita-me que lhe diga apenas o que precisa saber: que ele é um pastor alemão gigante, que é tratado para mim por uma gentil mortal num prédio de minha propriedade, e que Mojo me ama, o que considero irresistível. Ele é um cão, nada mais, nada menos do que isso, a não ser pelo seu tamanho imenso, por seu pêlo extremamente denso e pelo fato de eu não conseguir ficar muito tempo longe dele.

Passei uma hora ou duas com ele, brincando de luta livre, rolando com ele no chão nos fundos do jardim e conversando com ele sobre tudo que aconteceu. Refleti, então, se devia levá-lo comigo até os subúrbios. Sua cabeça escura e comprida, semelhante à do lobo e aparentemente maldosa, estava plena da costumeira docilidade e tolerância. Meu Deus, por que não nos fizestes todos cachorros?

A verdade era que Mojo gerava em mim uma sensação de segurança. Se o Demônio viesse e eu estivesse com Mojo... Mas essa era uma idéia absurda! Eu me livraria do Inferno graças a um cão de carne e osso. Ora, os humanos já acreditaram em coisas mais estranhas, suponho eu.

Pouco antes de deixar David, eu lhe havia feito uma pergunta.

— O que você acha que está acontecendo? Quer dizer, com essa coisa que me persegue e o Homem Comum?

— Você está imaginando os dois — respondera David, sem hesitação. — Você se castiga impiedosamente. É a única forma que você conhece para continuar a se divertir.

Eu deveria ter me sentido insultado. Mas não me senti.

Dora era real.

Afinal, decidi que precisava me despedir de Mojo. Ia dar uma espiada em Dora. E precisava ser ligeiro. Dei um beijo em Mojo e o deixei. Depois, iríamos passear nos nossos terrenos baldios preferidos, abaixo da River Bridge, no meio do capim e do lixo, e estaríamos juntos. Isso eu teria enquanto a natureza permitisse. Por enquanto, dava para esperar.

De volta a Dora.

É claro que Dora não sabia da morte de Roger. Não havia condições de ela já saber a menos que, talvez, Roger tivesse aparecido para ela. Mas eu não havia captado de Roger que isso sequer fosse possível. Sua aparição para mim havia aparentemente consumido toda a sua energia. Na realidade, eu achava que ele era excessivamente protetor com relação a ela para assombrá-la de modo prático ou proposital.

O que eu sabia sobre os fantasmas, porém? A não ser por umas poucas

aparições altamente mecânicas e indiferentes, eu nunca havia falado com um fantasma até ter falado com Roger.

E agora eu carregaria comigo para sempre a impressão indelével do seu amor por Dora, e sua singular fusão de consciência e suprema presunção. Em retrospectiva, mesmo sua visita me pareceu uma exibição de extraordinária confiança em si mesmo. Que ele pudesse assombrar, isso não estava fora das probabilidades já que o mundo está cheio de histórias de fantasmas impressionantes e verossímeis. Mas que ele conseguisse entabular conversa comigo, que me tornasse seu confidente, isso havia de fato envolvido um orgulho enorme e quase deslumbrante.

Fui me afastando do centro, no estilo humano, respirando o ar do rio, e feliz por estar de volta aos meus carvalhos de cascas escuras, às casas mal iluminadas e espalhadas de Nova Orleans, às invasões, por toda parte, de capim, trepadeiras e flores. De volta à minha terra.

Logo cheguei ao velho prédio de tijolos do convento na Napoleon Avenue, onde Dora estava instalada. A própria Napoleon Avenue é uma rua muito linda até mesmo para Nova Orleans. Ela tem um canteiro central extraordinariamente largo, onde antes passavam os bondes. Agora, há generosas árvores de sombra plantadas ali, da mesma forma que em toda a volta do convento que dava para essa rua.

Eram as profundezas frondosas dos subúrbios vitorianos.

Aproximei-me lentamente do prédio, ansioso para gravar seus detalhes na minha cabeça. Como eu estava mudado desde a última vez em que havia espiado Dora.

Segundo Império era o estilo do convento, devido a um telhado de mansarda que cobria a parte central do prédio e suas longas alas. Aqui e ali, telhas velhas haviam caído do telhado inclinado, que era côncavo na parte central e bem raro em decorrência desse fato. A própria alvenaria, as janelas em arcos arredondados, as quatro torres nos cantos dos prédios, a varanda de dois andares no estilo de casa de fazenda na frente do prédio central, com suas colunas brancas e gradis de ferro preto, tudo isso lembrava vagamente o estilo italiano de Nova Orleans e apresentava proporções graciosas. Velhas calhas de cobre agarravam-se à base dos telhados. Não havia venezianas, mas sem dúvida no passado elas deviam ter existido.

As janelas eram numerosas, altas, arredondadas no alto no segundo e no terceiro andar, emolduradas num branco desbotado.

Um enorme jardim ralo cobria uma área diante do prédio, ali onde ele dava para a avenida. E é claro que eu tinha conhecimento do imenso pátio lá dentro. O quarteirão inteiro era dominado por esse pequeno universo no qual freiras e órfãs, meninas de todas as idades, haviam morado. Carvalhos gigantesco estendiam sua sombra sobre as calçadas. Uma fileira de extremosas realmente antigas debruava a rua lateral na direção sul.

Dando a volta ao prédio, examinei as janelas altas de vitral da capela de dois andares; percebi o bruxuleio de uma luz lá dentro, como se o Santo Sacramento estivesse presente, fato do qual eu duvidava; e depois, chegando aos fundos, pulei o muro.

O prédio tinha realmente algumas portas trancadas, mas não muitas. Estava envolto em silêncio e, no inverno brando mas mesmo assim real de Nova Orleans, estava mais frio ali dentro do que fora.

Entrei com cautela no corredor inferior, e de imediato me descobri adorando as proporções do lugar, a altura e a largura dos corredores, o cheiro intenso das paredes de tijolos recentemente descascadas e o perfume agradável da madeira dos pisos de pinho amarelo. Era rústico, aquilo tudo, rústico do tipo que está na moda entre artistas nas cidades grandes que moram em antigos depósitos ou que chamam de *lofts* seus apartamentos imensos.

Isso aqui, entretanto, não era nenhum depósito. Havia sido uma residência e uma espécie de lugar santificado. Isso eu senti imediatamente. Caminhei devagar pelo longo corredor na direção da escada a nordeste. Acima, à minha direita, vivia Dora na torre nordeste, por assim dizer, do prédio, e suas dependências só começavam no terceiro andar.

Eu não sentia nenhuma presença na construção. Nenhum cheiro nem ruído de Dora. Ouvia os ratos, os insetos, algo maior do que um rato, possivelmente um tipo de guaxinim se alimentando em algum lugar no sótão. Depois, procurei sentir os elementais, como David os chamava, aqueles seres que eu preferia chamar de espíritos ou *poltergeists*.

Fiquei imóvel, de olhos fechados. Prestei atenção. Parecia que o silêncio devolvia vagas emanções de personalidades, mas elas eram fracas demais e muito confusas para tocar meu coração ou despertar um pensamento em mim. É, fantasmas aqui e ali... mas eu não percebia nenhuma turbulência espiritual, nenhuma tragédia não resolvida nem injustiça pendente. Pelo contrário, parecia haver uma firmeza e uma tranquilidade espiritual.

O prédio estava inteiro e incólume.

Creio que ele gostava de ter sido restituído às suas características essenciais do século XIX. Até os tetos com vigas à mostra, embora elas não tivessem sido construídas para serem expostas, eram mesmo assim lindos sem o estuque, com sua madeira escura, pesada e homogênea, já que todo trabalho de carpintaria naquela época era realizado com tanto cuidado.

A escadaria era original. Eu havia subido por milhares dessas, construídas em Nova Orleans. Esse prédio tinha pelo menos cinco. Eu conhecia a curva suave de cada degrau, desgastado pelos pés de crianças, a impressão sedosa do corrimão que havia sido encerado inúmeras vezes durante um século. Eu conhecia o patamar que se encostava direto numa janela externa, ignorando a forma ou a existência da janela, e simplesmente seccionando a luz proveniente da rua lá fora.

Quando cheguei ao segundo andar, percebi que estava à porta de entrada da capela. De fora, não me havia parecido tão espaçosa.

Ela era de fato do tamanho de muitas igrejas que eu havia visto na minha vida. Havia cerca de vinte bancos em fileiras perfeitas da cada lado da nave. O teto de estuque era abobadado e ornado com cornijas caprichadas. Ainda estavam firmes no estuque velhos medalhões, dos quais sem dúvida um dia haviam sido suspensos candelabros com bicos de gás. Os vitrais, embora não tivessem figuras humanas, eram muito bem executados, como a luz da rua

demonstrava claramente. E os nomes dos patronos estavam inscritos em bela caligrafia nas vidraças inferiores de cada janela. Não havia luz no sacrário, apenas uma fileira de velas diante de uma imagem de gesso de Nossa Senhora, ou seja, uma Virgem com uma coroa enfeitada.

O lugar devia estar exatamente como as Irmãs o haviam deixado quando o convento foi vendido. Mesmo a fonte de água benta estava lá, apesar de não haver nenhum anjo gigante a segurá-la. Era apenas uma bacia simples de mármore sobre uma coluna.

Passei por baixo da galeria do coro ao entrar, até certo ponto surpreso com a pureza e simetria do projeto como um todo. Como era essa história de morar num prédio com sua própria capela? Duzentos anos atrás, eu me ajoelhara mais de uma vez na capela do meu pai. Mas aquela não passava de um quartinho de pedra no nosso castelo; e este lugar espaçoso, com seus ventiladores elétricos para criar uma brisa no verão, não parecia menos autêntico do que a pequenina capela do meu pai.

Essa era uma capela para a realeza; e o convento inteiro de repente me pareceu um *palazzo*, em vez de um prédio de uma instituição. Eu me imaginei morando ali, não como Dora teria aprovado, mas em esplendor, com quilômetros de pisos encerados diante de mim quando me dirigisse a cada noite para entrar nesse grande santuário a fim de dizer minhas orações.

Eu gostava desse lugar. Ele me instigava a mente. Compre um convento, torne-o seu palácio, viva dentro da sua segurança e grandiosidade em algum canto esquecido de uma cidade moderna! Senti inveja, ou melhor, aprofundou-se meu respeito por Dora.

Inúmeros europeus ainda viviam nesse tipo de construção, com vários andares, alas que se encaravam acima de caríssimos pátios particulares. Paris sem dúvida tinha sua cota de mansões semelhantes. Nos Estados Unidos, porém, era um quadro adorável, a idéia de morar ali em tanto luxo.

No entanto, não havia sido esse o sonho de Dora. Dora queria formar suas mulheres aqui, suas pregadoras que iriam declarar a Palavra de Deus com a eloquência de São Francisco ou de São Boaventura.

Bem, se sua fê fosse subitamente destruída pela morte de Roger, ela poderia morar aqui em todo esse esplendor.

E que poder tinha eu para afetar os sonhos de Dora? Cujos desejos se realizariam se eu de algum modo a posicionasse para que ela aceitasse sua enorme fortuna e se tornasse uma princesa nesse palácio? Um ser humano afortunado sendo salvo da aflição que a religião consegue gerar com tão pouco esforço?

A idéia não era de todo indigna. Bem típica da minha pessoa. Pensar em termos de um Paraíso na Terra, recém-pintado em tons pastel, com belos pisos de pedra e aquecimento central.

Horível, Lestat.

Quem era eu para pensar esse tipo de coisa? Ora, nós poderíamos morar aqui como a Bela e a Fera, Dora e eu. Ri bem alto. Um calafrio passou pelas minhas costas, mas não ouvi os passos.

Eu de repente estava totalmente só. Ouvi com atenção. Fiquei arrepiado.

— Não ouse se aproximar de mim agora — sussurrei para aquele que me perseguia, que não estava ali, ao que me parecia. — Estou numa capela. Estou em segurança! Tão seguro quanto se estivesse na catedral!

Perguntei-me se aquele que me perseguia estaria rindo de mim. *Lestat, você imaginou isso tudo.*

Não importa. Siga pelo corredor central na direção da Mesa de Comunhão. É, ainda havia uma Mesa de Comunhão. Olhe para o que está diante dos seus olhos e simplesmente não pense agora.

A voz urgente de Roger não me saía da lembrança. Mas eu já amava Dora, não era? Eu estava aqui. Eu ia fazer alguma coisa. Só não estava me apressando!

Meus passos ecoavam por toda a capela. Deixei que isso acontecesse. As Estações da Via Sacra, pequenas, em alto-relevo em gesso, ainda estavam dispostas entre os vitrais, perfazendo o habitual circuito da igreja, e o altar não estava mais no seu nicho fundo em forma de arco. No seu lugar, estava um gigantesco Cristo crucificado.

Os crucifixos sempre me fascinam. Há diversas maneiras pelas quais vários detalhes podem ser apresentados, e só a arte do Cristo Crucificado enche grande parte dos museus do mundo, bem como aquelas catedrais e basílicas que se tornaram museus. Aquele ali, porém, até mesmo para mim, era bastante impressionante. Ele era enorme, antigo, muito realista, no estilo do final do século XIX, com as parcas faixas ondulando ao vento, o rosto encovado e de uma tristeza profunda.

Tratava-se sem dúvida de um dos achados de Roger. Para começar, era grande demais para o nicho do altar, e de um esmero impressionante na sua execução, enquanto as imagens de gesso dispersas que permaneciam nos seus pedestais, a Santa Teresa de Lisieux, bonitinha e previsível no seu hábito de Carmelita, com a cruz e o buquê de rosas; São José com seu lírio; e até mesmo Nossa Senhora com sua coroa no santuário ao lado do altar, eram mais ou menos rotineiros. Eram do tamanho natural; eram cuidadosamente pintados; não eram grandes obras de arte.

O Cristo Crucificado forçava algum tipo de decisão. Ou bem, "Eu odeio o cristianismo e toda a sua sanguinolenta", ou algum outro sentimento doloroso, talvez decorrente de uma época da juventude na qual a pessoa imaginava ter suas mãos sistematicamente perfuradas por aqueles cravos específicos. A Quaresma. As Meditações. A Igreja. A voz do padre entoando as palavras. *Nosso Senhor.*

Senti tanto o ódio quanto a dor. Pairando por ali nas sombras, vendo as luzes lá de fora tremeluzir e chamejar de repente nos vitrais, senti perto de mim lembranças da infância, ou talvez as tenha tolerado. Depois, pensei no amor de Roger pela filha, e as lembranças passaram a ser nada. O amor era tudo. Subi os degraus que outrora levavam ao altar e ao tabernáculo. Estendi a mão e toquei os pés da figura crucificada. Madeira velha. Um vislumbre de hinos, leve e cheio de segredos. Ergui os olhos para o rosto e vi não feições contorcidas em agonia, mas sábias e tranquilas, talvez nos segundos finais antes da morte.

Um ruído alto e reverberante soou em algum lugar no prédio. Recuei quase

rápido demais, perdi estupidamente o equilíbrio e me descobri voltado para a nave. Alguém estava se movimentando no prédio, alguém que caminhava num passo moderado no andar inferior, na direção da mesma escadaria pela qual eu havia chegado à porta da capela.

Esgueirei-me, veloz, para o átrio. Eu não ouvia nenhuma voz; não detectava nenhum cheiro! Nenhum cheiro. Desanimei.

— Não vou aceitar mais nada disso! — murmurei. Eu já estava tremendo. No entanto, alguns cheiros mortais não chegam assim com tanta facilidade. Há a brisa a se considerar, ou melhor as correntes de ar, que naquele lugar eram consideráveis.

A figura vinha pela escada.

Encostei-me na porta da capela para poder vê-la fazer a curva no patamar. E, se fosse Dora, eu pretendia me esconder imediatamente.

Só que não era Dora, e veio subindo a escada tão depressa, com tanta leveza e energia, na minha direção que só percebi quem era quando ele parou diante de mim.

O Homem Comum.

Permaneci imóvel, olhando fixo para ele. Não chegava a ter minha altura; não chegava a ter minha compleição. Era normal sob todos os aspectos, como eu me lembrava. Era sem cheiro? Não, mas o cheiro não era certo. Era misturado com sangue, suor e sal, e eu conseguia ouvir uma leve pulsação...

— Não se atormente — disse ele, com uma voz muito gentil e diplomática. — Estou refletindo. Deveria fazer minha oferta agora, ou antes que você se envolva com Dora? Não sei ao certo o que é melhor.

Naquele instante ele estava a pouco mais de um metro de mim.

Com arrogância, descansei o corpo no marco do pórtico e cruzei os braços. Atrás de mim, toda a capela bruxuleante. Eu parecia estar assustado? Eu estava assustado? Eu estava a ponto de morrer de pavor?

— Você vai me dizer quem é e o que quer, ou eu devo fazer perguntas para extrair de você a verdade?

— Você sabe quem eu sou — disse ele, no mesmo estilo simples e reticente. De repente me dei conta de um ponto. O que era extraordinário nele eram as proporções do seu corpo e do seu rosto. A própria regularidade. Tratava-se de um homem bastante típico. Ele sorriu.

— Exatamente. Esta é a forma que prefiro em qualquer lugar, em qualquer época, porque ela não atrai muita atenção. — Mais uma vez, a voz demonstrava bom humor. — Sabe? Andar por aí com asas negras e pés de bode arrasa no mesmo instante com os mortais.

— Quero que você suma daqui antes que Dora chegue! — disse eu. De repente, eu havia ficado doido varrido.

Ele se voltou, deu um tapa na coxa e riu.

— Você é um moleque, Lestat — disse ele, com sua voz simples, despretensiosa. — Seus companheiros lhe deram o nome adequado. Você não pode me dar ordens.

— Não sei por que não. E se eu o tirar daqui?

— Gostaria de tentar? Quer que eu assuma minha outra forma? Quer que

eu deixe minhas asas... — Ouvi o tagarelar de vozes, e minha visão começou a se anuviar.

— Não! — gritei.

— Está bem.

A transformação parou. Assentou-se a poeira. Eu sentia meu coração bater contra meu peito como se estivesse querendo sair.

— Vou lhe dizer o que vou fazer — disse ele. — Vou permitir que você trate desse assunto com Dora, já que parece ter uma obsessão por ele. E já que eu não conseguiria afastar sua atenção dele. Depois, quando você tiver terminado tudo isso, essa garota, seus sonhos e coisas semelhantes, podemos conversar, só nós dois.

— Sobre o quê?

— Sobre a sua alma, sobre o que mais?

— Estou pronto para ir para o Inferno — disse eu, mentindo descaradamente. — Mas não acredito que você seja o que alega ser. Você é alguma coisa, alguma coisa como eu, para a qual não há explicações científicas; mas, por trás disso tudo, há um pequeno núcleo de fatos que acabará deixando tudo esclarecido, até mesmo a textura da cada pena negra nas suas asas.

Ele franziu levemente o cenho, mas não se zangou.

— Desse jeito, não vamos continuar — disse ele. — Eu lhe asseguro. Mas, por enquanto, vou deixar que você pense em Dora. Dora está vindo para casa. Seu carro acaba de entrar no pátio. Vou sair, a passo normal, como cheguei. E vou lhe dar um conselho, em prol de nós dois.

— Que conselho? — perguntei.

Ele me voltou as costas e começou a descer a escadaria, com a mesma rapidez e leveza com que havia subido. Não se voltou até chegar ao patamar. Eu já havia captado o cheiro de Dora.

— Que conselho? — insisti.

— Que você deixe Dora em paz. Que entregue seus assuntos a advogados experientes. Que saia deste lugar. Temos coisas mais importantes a debater. Tudo isso perturba tanto.

Ele então se foi, ruidoso, pelo final da escada abaixo e saiu, suponho eu, por uma porta lateral. Eu a ouvi abrir e fechar.

E, quase imediatamente em seguida, ouvi Dora chegar pela entrada principal dos fundos para o centro do prédio, como eu havia entrado e como ele havia entrado. Ela começou a avançar pelo corredor.

Cantava enquanto caminhava ou, melhor, cantarolava. Emanava dela o doce aroma do sangue uterino. Sua menstruação. Ele amplificava de modo enlouquecedor o perfume suculento da criança que vinha na minha direção.

Deslizei de volta para as sombras do pórtico. Ela não me veria nem teria nenhum conhecimento da minha presença quando passasse por ali e subisse o lance seguinte para seu quarto no terceiro andar.

Estava subindo de dois em dois degraus quando chegou ao segundo andar. Trazia nos ombros uma mochila e usava um vestido bonito, solto e antiquado de algodão estampado de flores de mangas compridas, com acabamento em renda branca.

Ela deu a volta para subir quando de repente estancou. Voltou-se na minha direção. Fiquei petrificado. Era impossível que ela conseguisse me ver naquela penumbra.

E então ela veio na minha direção. Estendeu a mão. Vi seus dedos brancos tocarem em alguma coisa na parede. Era um interruptor de luz. Um simples interruptor plástico; e de repente um jorro de luz da lâmpada ali no alto.

Imagine só: o invasor louro, com os olhos ocultos por trás de óculos roxos, agora bem limpinhos, sem mais nada do sangue do seu pai, calça e paletó pretos, de lã.

Levantei minhas mãos como se quisesse dizer, "Não vou fazer-lhe mal!" Eu estava mudo. E desapareci.

Ou seja, passei tão veloz por ela que ela não pôde ver. Rociei nela como o ar roçaria. Só isso. Subi dois lances até um sótão e entrei por uma porta aberta para os espaços escuros acima da capela, onde apenas algumas janelas na mansarda deixavam penetrar pouquíssima luz da rua. Uma das janelas estava quebrada. Um modo rápido para escapar. Mas parei. Sentei-me muito quieto num canto. Encolhi-me no canto. Recolhi os joelhos, empurrei os óculos para o alto do nariz e fiquei olhando para a porta por onde havia entrado, do outro lado do sótão.

Não ouvi gritos. Não ouvi nada. Ela não havia tido um ataque histérico; não estava correndo enlouquecida pelo prédio. Não havia feito soar alarmes. Destemida, em silêncio, depois de ter visto um intruso. Quer dizer, depois de um vampiro, o que neste mundo é mais perigoso para uma mulher solitária do que um homem jovem?

Percebi que estava batendo os dentes. Formei a mão direita num punho e a forcei contra a palma da mão esquerda. Por mil demônios, cara, quem você pensa que é, esperando por mim, mandando que eu não fale com ela, que é que é isso? Não falar com ela? Eu nunca ia falar com ela, Roger, o que é que eu vou fazer agora? Eu nunca ia querer que ela me visse desse jeito!

Eu nunca, nunca, deveria ter vindo sem David. Eu precisava da âncora de uma testemunha. E o Homem Comum, ele teria ousado aparecer se David estivesse por aqui? Eu o odiava! E estava num redemoinho. Eu não ia sobreviver.

O que significava o quê? O que ia me matar?

De repente, percebi que ela vinha subindo a escadaria. Dessa vez, vinha devagar e em total silêncio. Um mortal não poderia tê-la ouvido. Trazia sua lanterna. Eu não a havia percebido antes. Mas Dora agora estava com ela, e o facho atravessou a porta aberta do sótão e percorreu as tábuas escuras e inclinadas do forro.

Ela entrou no sótão e desligou a lanterna. Olhou ao redor com muito cuidado, com os olhos se enchendo da luz branca que entrava pelas janelas redondas. Era possível ver as coisas com bastante nitidez ali, graças àquelas janelas redondas e à proximidade dos postes da rua.

Ela então me descobriu com os olhos. Olhou direto para mim no canto.

— Por que você está assustado? — perguntou ela, com um tom de voz tranqüilizador.

Percebi que estava encurralado no canto, com as pernas cruzadas, o queixo

pousado nos joelhos, os braços prendendo as pernas, os olhos erguidos para ela.

— Pe... Perdoe-me... — disse eu. — Fiquei com medo de tê-la assustado. Com vergonha de lhe ter causado aflição. Achei que fui imperdoavelmente desastrado.

Ela veio na minha direção, sem medo. Seu cheiro foi enchendo lentamente o sótão, como o vapor de uma pitada de incenso que queima.

Ela parecia alta e esguia no vestido florido, com a renda nos punhos. Os cabelos negros e curtos cobriam sua cabeça como um pequeno boné com cachos junto ao rosto. Seus olhos eram grandes e escuros, e me faziam pensar em Roger.

Seu olhar era nada menos do que espetacular. Ela poderia ter abalado um predador com aquele olhar, a luz atingindo os ossos das suas faces, a boca muda e desprovida de toda emoção.

— Posso ir embora agora, se você preferir — disse eu, trêmulo. — Posso simplesmente me levantar muito devagar e sair sem machucá-la. Juro. Não precisa ficar alarmada.

— Por que você? — perguntou ela.

— Não estou compreendendo sua pergunta — disse eu. Será que eu estava chorando? Será que eu estava apenas trêmulo e abalado? — O que você quer dizer, por que eu?

Ela se aproximou mais e olhou para mim, de cima. Eu a via perfeitamente.

Talvez ela estivesse vendo um topete louro, o reflexo da luz nos meus óculos e que eu parecia jovem.

Eu via seus cílios negros e curvos, seu queixo pequeno porém firme e o jeito com que seus ombros caíam de forma tão abrupta por baixo do vestido de flores e renda que ela dava a impressão de não ter ombros absolutamente: um longo esboço de garota, uma mulher-lírio de sonho. Sua cintura ínfima por baixo do tecido solto do vestido sem forma seria como nada nos meus braços.

Na sua presença, havia algo que dava calafrios. Ela não parecia nem fria nem perversa, mas era assustadora como se fosse! Seria isso a santidade? Perguntei-me se eu algum dia havia estado na presença de um verdadeiro santo. Eu tinha minha própria definição para a palavra, não tinha?

— Por que foi *você* que veio me contar? — perguntou ela, com ternura.

— Contar-lhe o quê, minha querida? — perguntei.

— Falar de Roger. Contar que ele morreu. — Ela ergueu muito de leve as sobrancelhas. — Foi por isso que veio, não foi? Eu soube quando o vi. Soube que Roger estava morto. Mas por que *você* veio? — Ela se ajoelhou diante de mim.

Dei um gemido prolongado. Quer dizer que ela havia lido meu pensamento! Meu grande segredo. Minha grande decisão. Falar com ela? Fazer com que raciocinasse? Espiá-la? Enganá-la? Dar-lhe conselhos? E minha cabeça a atingira abruptamente com a boa notícia: Oi, querida, Roger morreu!

Ela se aproximou muito de mim. Chegou perto demais. Não deveria. Num instante, estaria dando berros. Ela apanhou a lanterna apagada.

— Não ligue a lanterna — disse eu.

— Por que você não quer que eu a ligue? Não vou jogar o facho no seu rosto, prometo. Só quero vê-lo.

— Não.

— Olhe, você não me apavora, se é nisso que está pensando — disse ela, simplesmente, sem drama, com os pensamentos em total torvelinho por trás das palavras, com a mente abarcando cada detalhe à sua frente.

— E por que não?

— Porque Deus não permitiria que uma criatura como você me ferisse. Eu sei disso. Você é um demônio ou espírito do mal. Você é um bom espírito. Não sei. Não tenho como saber. Se eu fizer o sinal-da-cruz, você talvez desapareça. Mas creio que não. O que eu quero saber é por que você está tão apavorado com medo de mim. Sem dúvida, não se trata da minha virtude, certo?

— Espere só um pouquinho. Volte atrás. Você quer dizer que sabe que eu não sou humano?

— Isso mesmo. Dá para eu ver. Dá para eu sentir! Já vi criaturas como você antes. Já as vi no meio de multidões nas cidades grandes, só relances. Já vi muitas coisas. Não vou dizer que sinto pena de você porque é muita bobagem, mas não tenho medo de você. Você está preso à matéria, não está?

— Exatamente — disse eu. — E espero ficar assim indefinidamente. Olhe, eu não pretendia chocá-la com a notícia. Eu amava seu pai.

— Você amava?

— Amava. E... e ele a amava muito. Há coisas que ele queria que eu lhe contasse. Mas, acima de tudo, ele queria que eu cuidasse de você.

— Você não me parece capaz disso. Parece um elfo assustado. Olhe só para si mesmo.

— Não é você que me apavora, Dora! — disse eu, com súbita impaciência. — Não sei o que está acontecendo! Estou preso à matéria, sim, é verdade. E eu... eu matei seu pai. Tirei-lhe a vida. Fui eu quem lhe fez isso. E depois ele conversou comigo. Disse para que eu cuidasse de você. Ele me apareceu e me disse isso. Pronto, é isso aí. Não estou apavorado com medo de você. É, mais, a situação: nunca ter estado nessas circunstâncias, nunca ter enfrentado essas questões!

— Estou entendendo! — Ela estava perplexa. Todo o seu rosto branco reluzia como se ela estivesse suando. Seu coração estava acelerado. Ela inclinou a cabeça. Seus pensamentos eram impenetráveis. Absolutamente impenetráveis para mim. Mas ela estava cheia de tristeza, qualquer um poderia ver isso, e agora lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Isso era insuportável.

— Ai, meu Deus, daria na mesma se eu estivesse no Inferno — resmunguei. — Eu não devia tê-lo matado. Eu... eu o fiz pelo mais simples dos motivos. Foi só que... ele cruzou meu caminho. Foi um erro medonho. Mas ele veio a mim depois. Dora, nós passamos horas conversando juntos, o fantasma dele e eu. Ele me contou tudo sobre você, sobre as relíquias e sobre Wynken.

— Wynken? — Ela olhava para mim.

— É, Wynken de Wilde, sabe? Os doze livros. Olhe, Dora, se eu tocar sua mão só para procurar consolá-la, talvez dê certo. Mas não quero que você comece a berrar.

— Por que você matou meu pai? — Sua pergunta tinha um significado maior. Ela estava me perguntando por que uma pessoa que falava como eu havia

feito uma coisa dessas.

— Eu queria seu sangue. Eu me alimento do sangue dos outros. É assim que me mantenho vivo e jovem. Você acredita em anjos? Então acredite em vampiros. Acredite em mim. Há coisas piores nesta terra.

Ela ficou devidamente atordoada.

— Nosferatu — disse eu, com delicadeza. — Verdilak. Vampiro. Lamia. Morto-vivo. — Dei de ombros, abanei a cabeça. Sentia-me totalmente desamparado. — Há outras espécies de criaturas. Mas Roger, Roger veio depois com sua alma na forma de um fantasma para falar comigo, falar de você.

Ela começou a se sacudir e a chorar. Mas isso não era nenhuma loucura. Seus olhos encolheram com as lágrimas e seu rosto abateu-se de tristeza.

— Dora, não vou feri-la por nada neste mundo, juro. Não vou feri-la...

— Meu pai morreu mesmo, não foi? — perguntou ela, e de repente perdeu totalmente o controle, com o rosto nas mãos, os pequenos ombros tremendo com os soluços. — Meu Deus, Deus me ampare! — sussurrou ela. — Roger! Roger! — gritou.

E fez mesmo o sinal-da-cruz, e ficou ali sentada, soluçando, sem medo.

Eu esperei. Suas lágrimas e sua tristeza se alimentavam mutuamente. Ela estava escutando cada vez mais aflita. Ela se debruçou e caiu no piso de madeira. Continuava sem sentir medo de mim. Era como se eu não estivesse ali.

Fui saindo muito devagar do canto. Era possível ficar em pé com facilidade no sótão, uma vez que se saísse do canto. Passei em volta dela e então, com muita delicadeza, estendi os braços para segurá-la pelos ombros.

Ela não ofereceu resistência. Estava soluçando, e sua cabeça rolou como se ela estivesse embriagada pela dor. Suas mãos se mexiam, mas só para tentar alcançar coisas que não estavam diante dela.

— Meu Deus, Deus, Deus — chorava ela. — Meu Deus... Roger! Apanhei-a no colo. Ela era tão leve quanto eu havia suposto, mas nada disso poderia fazer diferença para alguém forte como eu. Tirei-a do sótão. Ela se aninhou no meu peito.

— Eu sabia. Eu soube quando ele me beijou — disse ela, em meio aos soluços. — Eu soube que nunca mais poria os olhos nele. Eu sabia... — Isso era praticamente ininteligível. Ela era tão esmagadoramente pequena que eu precisava ter um cuidado extremo; e quando sua cabeça caiu para trás, seu rosto estava pálido e tão desamparado a ponto de fazer chorar um demônio.

Desci até a porta do seu quarto. Ela se apoiava em mim, ainda como uma boneca de trapos jogada nos meus braços, sem nenhuma resistência. Do seu quarto emanava calor. Abri a porta com um empurrão.

Tendo no passado sido uma sala de aula, talvez, ou até mesmo um dormitório, o quarto era muito amplo, localizado bem no canto do prédio, com janelas altíssimas em duas paredes e cheio da luz mais forte da rua.

O tráfego que passava o iluminava.

Vi sua cama encostada na parede oposta, uma velha cama de ferro, bem sem graça, que talvez tivesse sido um dia uma cama de convento, estreita desse jeito, com a estrutura alta e retangular do mosquitoeiro intacta, embora não houvesse nenhum mosquito ali agora. A tinta branca estava descascando das

hastes finas de ferro. Vi suas estantes por toda parte, pilhas de livros, livros abertos com marcadores, apoiados em atris improvisados, suas próprias relíquias, talvez centenas delas, quadros e imagens, e possivelmente objetos que Roger lhe dera antes que ela descobrisse a verdade. Havia palavras escritas em tinta preta em letra cursiva nos marcos de madeira das portas e janelas.

Levei-a para a cama e a deitei nela. Ela se deixou afundar, aparentemente agradecida, no colchão e no travesseiro. As coisas por aqui eram limpas à maneira moderna, renovadas, e lavadas com tanto esmero e tantas vezes que pareciam quase novas.

Passei-lhe meu lenço de seda. Ela o aceitou, depois olhou para ele e o recusou.

— É fino demais.

— Não. Pode usá-lo, por favor. Não é nada. Tenho centenas deles.

Ela olhou para mim em silêncio e começou a enxugar o rosto. Seu coração agora estava batendo mais devagar, mas seu cheiro havia ficado mais forte com suas emoções.

A menstruação. Ela estava sendo higienicamente recolhida por um absorvente de algodão branco entre suas pernas. Permiti a mim mesmo pensar nela agora porque o fluxo era forte e o cheiro era para mim avassaladoramente delicioso. Começou a me torturar a idéia de lambar esse sangue. Claro que não se trata de sangue puro, mas o sangue é seu veículo; e eu senti a tentação normal que os vampiros sentem nessas circunstâncias de lambar o sangue lá embaixo, entre suas pernas, uma forma de se alimentar dela que não a feriria.

Só que, nessas circunstâncias, a idéia era perfeitamente hedionda e impossível.

Houve um longo intervalo de silêncio.

Fiquei apenas ali sentado numa cadeira de madeira de espaldar reto. Eu sabia que ela estava ao meu lado, sentada na cama, com as pernas cruzadas, que ela havia encontrado uma caixa de lenços de papel que lhe proporcionavam enorme alívio, pois com eles assoava o nariz e enxugava as lágrimas. Meu lenço de seda ainda estava preso na sua mão.

Ela estava extremamente empolgada com minha presença, mas ainda sem medo, e imersa demais na dor para apreciar essa confirmação de milhares de crenças, um não-humano pulsante com ela, alguém que falava como um ser humano e tinha a aparência de um. Nesse exato momento, ela não podia se permitir abraçar essa idéia. Mas também não conseguia superá-la totalmente. Seu destemor era coragem de verdade. Ela não era boba. Estava em algum ponto tão fora do alcance do medo que os covardes sequer poderiam vislumbrar.

Os tolos poderiam considerá-la fatalista. Mas não se tratava disso. Era a capacidade de pensar adiante e, desse modo, abolir totalmente o pânico. Alguns mortais devem conhecer essa sensação imediatamente antes da morte. Quando o jogo terminou e todo mundo se despediu. Ela encarava tudo a partir dessa perspectiva fatal, trágica, infalível.

Fixei o olhar no chão. Não, não vá se apaixonar por ela.

As tábuas de pinho claro haviam sido lixadas, envernizadas e enceradas. Da cor do âmbar. Muito bonitas. Todo o *palazzo* poderia ter essa apresentação

um dia. A Bela e a Fera. E no que diz respeito a Feras, quer dizer, na realidade, sou de arrasar.

Eu me detestei por tirar tanto prazer de um momento aflitivo como aquele, por pensar em sair dançando com ela pelos corredores. Pensei em Roger, e isso me trouxe de volta bem rapidinho; e o Homem Comum, ah, aquele monstro à minha espera!

Olhei para sua mesa de trabalho, dois telefones, o computador, mais livros empilhados e em algum ponto no canto uma televisão diminuta, apenas para estudo, aparentemente, com a tela de quatro ou cinco polegadas, embora estivesse ligada a um cabo negro, longo e sinuoso, que eu sabia que a conectava ao mundo inteiro.

Havia montes de outros equipamentos eletrônicos que piscavam. Não era nenhuma cela de freira. As palavras rabiscadas nos marcos das portas e janelas eram de fato expressões, como por exemplo, "O mistério se opõe à teologia". E, "Estranho à comoção". E, logo isso, "Na escuridão, escuto".

É, pensei, o mistério de fato se opõe à teologia; isso era algo que Roger estava tentando dizer, que ela não havia alcançado o sucesso que deveria porque o místico e o teológico estavam mesclados nela, e a fusão não estava funcionando com a chama ou a magia adequada. Ele havia repetido sem parar que ela era uma teóloga. E ele considerava suas relíquias misteriosas, naturalmente. E elas eram.

Mais uma vez, uma vaga lembrança da infância voltou à minha mente, de ter visto o crucifixo na nossa igreja na minha terra natal em Auvergne e ter ficado assombrado com a visão do sangue pintado a escorrer dos cravos. Eu devia ser muito pequeno. Aos quinze anos de idade, eu já tinha relações com as meninas da aldeia nos fundos daquela igreja, uma espécie de prodígio para aquela época, mas a verdade era que se esperava que o filho do senhor fosse um perfeito garanhão na nossa aldeia. Todos esperavam isso. E meus irmãos, uma turma muito conservadora, haviam como que decepcionado a mitologia local com seu bom comportamento. Era um assombro que as colheitas não tivessem sido afetadas pela sua virtude mesquinha. Sorri. Eu sem dúvida havia compensado essa falha. Mas quando olhei para o crucifixo, devia estar com uns seis ou sete anos no máximo. E disse, Que jeito horrível de morrer! Isso escapou da minha boca, e minha mãe riu sem parar. Meu pai se sentiu tão humilhado!

O trânsito em Napoleon Avenue fazia ruídos fracos, previsíveis e ligeiramente tranquilizadores.

Bem, tranquilizadores para mim.

Ouvi Dora suspirar. E então senti sua mão no meu braço, firme e delicada por apenas um instante, mas com os dedos fazendo pressão através da armadura da minha roupa, procurando a textura por baixo delas.

Senti seus dedos roçando meu rosto.

Por algum motivo, os mortais fazem isso quando querem se certificar de nós. Eles dobram os dedos para dentro e fazem passar as juntas pelo nosso rosto. Será essa uma forma de tocar alguém sem ter a impressão de estar sendo tocado? Suponho que a palma da mão, a almofada macia dos dedos, seja intimidade demais.

Não me mexi. Deixei que ela agisse como se fosse uma cega e aquilo fosse uma cortesia. Senti que seus dedos chegavam ao meu cabelo. Eu sabia que havia luz suficiente para deixá-lo bonito e acobreado como eu esperava que ficasse, criatura descaradamente vaidosa, arrumada, egoísta, confusa e temporariamente desorientada que eu era.

Ela fez o sinal-da-cruz mais uma vez. Mas na realidade nunca havia sentido medo. Estava apenas fazendo uma confirmação, suponho. Embora do que exatamente, não se saiba ao certo, se pensarmos bem. Ela orou em silêncio.

— Eu também posso fazer isso — disse eu, fazendo os gestos. — Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém. — Repeti o ritual inteiro, em latim.

Ela me encarou com uma expressão tranqüila, surpresa, e deixou escapar uma pequena risada.

Eu sorri. Essa cama e a cadeira, onde estávamos sentados tão perto um do outro, ficavam num canto. Havia uma janela acima do seu ombro, e outra atrás de mim. Janelas, janelas, era *um palazzo* de janelas. A madeira escura do teto devia estar quase cinco metros acima de nós. Eu adorava essa escala. Era européia, para dizer o mínimo, e dava uma impressão normal. Não havia sido sacrificada às dimensões modernas.

— Você sabe? A primeira vez em que entrei em Notre Dame, depois de ter sido transformado nisso, quer dizer, num vampiro, e não foi idéia minha, por sinal, eu era perfeitamente humano e mais jovem do que você é agora. A coisa toda foi à força. Não me lembro ao certo se rezei quando estava acontecendo, mas lutei, disso eu me lembro nitidamente e tenho registrado por escrito. Mas... como eu ia dizendo, a primeira vez em que entrei em Notre Dame, pensei, bem, por que Deus não me fulmina?

— Você deve ter seu lugar no esquema maior.

— Você acha? Você realmente acredita nisso?

— Acredito. Nunca esperei estar frente a frente com alguém como você, mas isso nunca me pareceu impossível ou improvável. Todos esses anos, estive esperando por um sinal, por alguma confirmação. Eu teria vivido a vida inteira sem ele, mas sempre houve a sensação... de que ele viria, esse sinal.

Sua voz era baixa e tipicamente feminina, ou seja, o tom era inconfundivelmente feminino, mas ela agora falava com uma terrível confiança em si mesma; e, por isso, suas palavras pareciam ter autoridade, como as de um homem.

— E agora você chega e me traz a notícia de que matou meu pai. E diz que ele falou com você. Não, não sou daquelas que simplesmente descartam essas coisas de cara. O que você diz exerce uma atração, tem uma característica elaborada. Sabe? Quando eu era menina, o primeiro motivo pelo qual acreditei na Bíblia Sagrada estava no fato de ela ser elaborada! Percebi outros padrões na vida. Vou lhe contar um segredo. Uma vez desejei que minha mãe morresse, e você sabe que naquele mesmo dia, naquela mesma hora, ela desapareceu para sempre da minha vida? Eu poderia lhe contar outras coisas. O que você precisa compreender é que quero aprender com você. Você entrou na catedral de Notre Dame, e Deus não o fulminou.

— Vou lhe dizer uma coisa que considere engraçada — disse eu. — Isso

foi há duzentos anos. Paris antes da Revolução. Naquela época havia vampiros vivendo na cidade, em Les Innocents, o grande cemitério, que já sumiu há muito tempo, mas eles viviam ali nas catacumbas por baixo das covas, e tinham medo de entrar em Notre Dame. Quando me viram entrar, eles também acharam que Deus me fulminaria.

Ela olhava para mim com bastante placidez.

— Eu destruí a fé que tinham. Sua crença em Deus e no Demônio. E eram vampiros. Eram criaturas presas à matéria como eu, metade espírito, metade ser humano, estúpidos, trapalhões, e acreditavam que Deus os fulminaria.

— E antes de você, eles realmente tinham essa fé?

— É, toda uma religião. Tinham mesmo. Eles se consideravam servos do Demônio. Consideravam isso uma distinção. Viviam como vampiros, mas sua existência era desgraçada e deliberadamente punitiva. Eu era, por assim dizer, um príncipe. Passeava arrogante por Paris num manto vermelho forrado com pele de lobo. Mas isso era minha vida humana, esse manto. Você fica impressionada com o fato de que os vampiros tivessem sua crença? Eu mudei tudo isso para eles. Creio que eles nunca me perdoaram, quer dizer, os poucos que sobreviveram. Por sinal, não há muitos de nós.

— Pare um instante — disse ela. — Quero ouvi-lo, mas preciso primeiro lhe fazer uma pergunta.

— Sim?

— Meu pai, como aconteceu? Foi rápido? E...

— Absolutamente sem dor, eu lhe garanto — disse eu, voltando-me para ela, olhando para ela. — Ele mesmo me disse. Nenhuma dor.

Ela parecia uma coruja com o rosto tão branco assim e os olhos grandes e escuros; e de fato ela mesma era levemente assustadora. Quer dizer, ela poderia ter assustado algum mortal naquele lugar, com aquela sua aparência, sua força.

— Foi durante um desmaio que seu pai morreu. Talvez num êxtase, cheio de várias imagens, e depois uma perda de consciência. Seu espírito havia deixado seu corpo antes que o coração parasse de bater. Qualquer dor física que eu lhe possa ter causado, ele não chegou a sentir. Uma vez que o sangue esteja sendo sugado, uma vez que eu tenha... não, ele não sofreu.

Voltei-me e olhei mais direto para ela. Ela havia enrodilhado as pernas, revelando joelhos brancos abaixo da bainha.

— Conversei duas horas com Roger depois — disse eu. — Duas horas. Ele voltou por um motivo, para se certificar de que eu cuidaria de você. Que os inimigos dele não chegassem a você, que o governo não chegaria a você, bem como todas aquelas pessoas com quem ele tem, ou tinha, conexões. E que... e que a morte dele não... a magoasse mais do que o necessário.

— Por que Deus faria uma coisa dessas? — sussurrou ela.

— O que Deus tem a ver com isso? Ouça, querida, não sei nada sobre Deus. Já lhe disse. Entrei em Notre Dame, e nada aconteceu. E nada nunca aconteceu...

Ora, isso era mentira, não era? E *Ela?* Aparecendo aqui sob o disfarce do Homem Comum, deixando que aquela porta batesse com estrondo, filho da mãe arrogante, como ele ousava?

— Como isso pode fazer parte do plano de Deus? — perguntou ela.

— Você está falando totalmente a sério, não está? Olhe, eu poderia lhe contar muitas histórias. Quer dizer, essa sobre os vampiros de Paris que acreditavam no Demônio é só o começo! Olhe, há... há... — Parei de falar.

— O que foi?

Aquele ruído. Aqueles passos lentos, medidos! Bastou eu ter pensado nele, de modo irado e ofensivo, para que os passos comessem.

— Eu... eu ia dizer... — Eu me esforçava para ignorá-lo.

E ouvia os passos que se aproximavam. Estavam distantes, mas era o caminhar inconfundível do ser alado, deixando que eu soubesse, com uma passada forte atrás da outra, como que ecoando numa câmara gigantesca na qual eu existia em total isolamento da minha existência naquele quarto.

— Dora, preciso deixá-la.

— O que foi?

Os passos estavam se aproximando cada vez mais.

— Como ousa vir me procurar enquanto estou com ela! — gritei, pondo-me de pé.

— O que foi? — insistiu ela. Estava agora ajoelhada em cima da cama. Recuei para o outro lado do quarto. Cheguei à porta. Os passos estavam se distanciando.

— Vá para o inferno! — disse eu, entre dentes.

— Diga-me o que foi. Você vai voltar? Você está me deixando agora para sempre?

— Não, de modo algum. Estou aqui para ajudá-la. Ouça, Dora, se precisar de mim, basta que me chame. — Levei o dedo à têmpora. — Chame e chame sem parar! Como numa oração, está entendendo? Não será idolatria, Dora. Não sou nenhum deus do mal. Faça isso. Preciso ir.

— Qual é seu nome?

Os passos prosseguiram, distantes mas nítidos, sem uma localização específica no prédio imenso, apenas no meu encalço.

— Lestat. — Pronunciei cuidadosamente meu nome para ela: Les — tat. Acentuação na segunda sílaba, com a pronúncia nítida do "t" final. — Preste atenção. Ninguém sabe o que houve com seu pai. E não vão saber por algum tempo. Fiz tudo o que ele me pediu. Estou com as relíquias dele.

— Os livros de Wynken?

— Todos eles, tudo o que ele considerava sagrado... Uma fortuna para você, bem como tudo que ele possuía e queria que fosse seu. Preciso ir.

Os passos estavam desaparecendo? Eu não tinha certeza. Mas não podia correr o risco de ficar ali.

— Vou voltar assim que puder. Você acredita em Deus? Agarre-se a isso, Dora, porque simplesmente pode ser que você esteja certa quanto a Deus, absolutamente certa!

Saí dali como partículas de luz, escada acima, pela janela quebrada do sótão, e muito acima da cumeeira, com tanta velocidade que não conseguia ouvir nenhuma pegada, e a cidade lá embaixo se havia tornado um encantador redemoinho de luzes.

CAPÍTULO 7



Momentos depois, eu estava no meu próprio pátio no French Quarter nos fundos da casa geminada da Rue Royale, olhando para minhas janelas iluminadas lá em cima, janelas que eram minhas há tanto tempo, esperando e rezando para que David estivesse lá, e temendo que não estivesse.

Eu odiava fugir dessa Coisa! Precisava ficar ali parado um momento e deixar minha fúria habitual esmorecer. Por que eu havia fugido? Para não ser humilhado diante de Dora, que poderia não ter visto mais do que meu terror diante da Coisa, que me atirava para trás de costas no chão?

Talvez Dora pudesse ter visto *a Coisa!*

Todos os instintos em mim me diziam que eu havia agido corretamente ao fugir e manter aquela coisa longe de Dora. Aquela coisa estava atrás de mim. Eu precisava proteger Dora. Agora eu tinha uma razão muito boa para combater a Coisa, por outra pessoa, não por mim.

Só agora a plena bondade de Dora assumia uma forma delimitada na minha cabeça, ou seja, só agora eu tinha uma plena impressão dela, desvinculada do cheiro de sangue entre suas pernas e do seu rosto de coruja a me espiar. Os mortais vão vivendo aos trancos, do berço até o túmulo. Uma vez ou duas num século talvez, cruza-se o caminho de um ser como Dora. Uma inteligência elegante e um conceito de bondade, precisamente; e o outro aspecto que Roger havia se esforçado por descrever, o magnetismo que ainda não havia sido liberado do emaranhado de fé e escrituras.

A noite estava quente e acolhedora.

As bananeiras no meu pátio não haviam sido tocadas por geadas naquele inverno e cresciam densas e modorrentas como sempre, encostadas nos muros de tijolos. As marias-sem-vergonha e os camarás reluziam nos canteiros exuberantes; e a fonte, a fonte com o querubim, emitia sua música cristalina à medida que a água caía da sua trompa para a bacia.

Nova Orleans, os cheiros do Quarter.

Subi pela escada, do pátio até a porta dos fundos do apartamento.

Entrei, pisando forte no *hall*, um homem num estado de confusão visível e ostentoso. Vi uma sombra atravessar a sala de estar.

— David!

— Ele não está aqui. Estaquei à soleira da porta. Era o Homem Comum.

Ele estava parado de costas para a escrivaninha de Louis entre as duas janelas da frente, com os braços cruzados à vontade, o rosto transmitindo um

intelecto paciente e uma espécie de compostura inquebrantável.

— Não fuja de novo — disse ele, sem rancor. — Irei atrás de você. Pedi-lhe por favor que deixasse a garota de fora disso. Não pedi? Eu estava apenas tentando fazer com que você resumisse o papo.

— Eu nunca fugi de você! — retruquei, com total insegurança e determinado a fazer com que aquilo fosse a verdade dali em diante. — Bem, de fato não! Eu não o queria perto de Dora. O que você está querendo?

— O que você acha?

— Já lhe disse — respondi, reunindo todas as minhas forças. — Se você está aqui para me levar, estou disposto a ir ao Inferno.

— Você está encharcado de suor de sangue. Olhe só para si mesmo, como está com medo. Sabe? Isso é o que é necessário para que eu me comunique

com alguém como você. — Sua voz era razoável, fácil de ouvir. — Agora, um mortal? Eu poderia simplesmente ter aparecido uma vez e dito o que tinha a dizer. Com você, não, a história é diferente. Você já transcendeu muitos estágios, você dispõe de muito com que negociar. É por isso que você vale tudo para mim neste instante.

— Negociar? Você quer dizer que eu posso escapar dessa? Nós não vamos para o Inferno? Podemos ter algum tipo de julgamento? Eu posso encontrar um Daniel Webster moderno para fazer minha defesa? — Havia nisso tudo impaciência e zombaria, e no entanto era essa a pergunta lógica para a qual eu queria a resposta lógica imediatamente.

— Lestat — disse ele, com a complacência característica, descruzando os braços e dando um passo descontraido na minha direção. — Isso remonta a David e à visão que teve no café. Aquela história que ele lhe contou. Eu sou o Demônio. E preciso de você. Não estou aqui para levá-lo à força para o Inferno, e seja como for você não tem a menor noção do que seja o Inferno. Não é o que você imagina. Estou aqui para lhe pedir ajuda! Estou cansado e preciso de você. Estou vencendo a batalha, e é crucial que eu não seja derrotado.

Eu estava perplexo.

Ele ficou me olhando muito tempo e, então, começou deliberadamente a se transformar. Sua forma pareceu se avolumar, escurecer, com as asas erguendo-se mais uma vez como fumaça em espirais na direção do teto; a algazarra de vozes começou e logo se tornou ensurdecadora; e a luz de repente surgiu por trás dele. Vi que suas pernas peludas de bode vinham na minha direção. Meus pés não tinham onde se firmar; minhas mãos, nada a tocar a não ser ele, enquanto eu berrava. Eu via o brilho das penas negras, o arco das asas cada vez mais alto! E a algazarra parecia uma mistura de música quase deliciosa com as vozes!

— Não, não desta vez, não! — Joguei-me contra ele. Procurei agarrá-lo e vi meus dedos envolverem seu pulso preto retinto. Encarei direto seu rosto imenso, o rosto da estátua de granito, só que plenamente animado e com uma expressividade magnífica, com o barulho horroroso dos cânticos, da música e dos uivos crescendo e sufocando minhas palavras. Vi que sua boca se abria, as enormes sobranceiras se enfarruscavam, os grandes olhos amendoados e inocentes cresciam e se enchiam de luz.

Segurei firme, com minha mão esquerda agarrando seu braço poderoso,

certo de que ele tentava se afastar de mim mas que não conseguia! Ah! Ele não conseguia! E então, com a mão direita, dei-lhe um soco no rosto. Senti a dureza, a dureza sobrenatural, como se tivesse atingido alguém da minha própria espécie. Só que aquilo ali não era nenhuma forma sólida de vampiro.

A figura inteira piscou mesmo com sua densidade e atitude defensiva. A imagem encolheu, se reorganizou e começou a crescer novamente. Dei-lhe um último empurrão no peito com toda a força que eu tinha, meus dedos abertos contra sua armadura negra, a reluzente couraça enfeitada, com meus olhos tão perto no primeiro instante que vi os desenhos nela, a escrita no metal, e então as asas bateram acima de mim como se quisessem me apavorar. De repente, ele estava longe de mim, gigantesco, sim, ainda, mas eu o havia jogado para trás, pior para ele. E havia sido um belo golpe. Dei um grito de guerra antes que pudesse me controlar e voei para cima dele, embora não pudesse ter dito de que base e com que força tomei impulso.

Houve um remoinho de penas negras, lisas e brilhantes, e depois eu estava em queda. Eu não ia gritar. Não me importava. Não ia gritar. Em queda.

Afundando. Como em profundezas que só os pesadelos conseguem calcular. Um vazio tão perfeito que nós não conseguimos concebê-lo. E caía com velocidade.

Só a Luz permanecia. A Luz fazia desaparecer tudo que era visível e de repente era tão linda que perdi toda a sensação dos meus próprios membros, partes, órgãos ou seja lá do que sou composto. Eu não tinha nem forma nem peso. Só o momento da minha queda continuava a apavorar, como se a gravidade se mantivesse para garantir o desastre total. Houve um aumento súbito e enorme nas vozes.

— Elas *estão* cantando, sim — exclamei. E então fiquei imóvel.

Aos poucos, senti o chão debaixo de mim. A superfície ligeiramente áspera do tapete. Cheiro de poeira, cera, minha casa. Soube que estávamos na mesma sala.

Ele ocupava a cadeira de Louis à escrivadinha, e eu estava ali deitado de costas, olhando para o teto, com o peito explodindo de dor.

Sentei-me no chão, cruzei as pernas e olhei para ele com ar de desafio. Ele parecia intrigado.

— Faz sentido perfeitamente — disse ele.

— E o que faz sentido?

— Você é tão forte quanto um de nós.

— Não, creio que não — retruquei, furioso. — Não sei fazer crescer asas. Não sei criar música.

— Sabe, sim. Você já criou imagens para mortais. Você sabe que consegue. Você já envolveu mortais em encantamentos. Você é tão forte quanto nós. Atingiu um estágio muito interessante na sua evolução. Eu sabia que estava certo o tempo todo. Estou assombrado com você.

— Assombrado com o quê? Com minha independência? Olhe, deixe-me lhe dizer uma coisa, Satã, ou seja lá quem for.

— Não use esse nome. Eu o detesto.

— O que provavelmente vai fazer com que eu o use aleatoriamente ao

falar.

— Meu nome é Memnoch — disse ele, calmamente, com um pequeno gesto de súplica. — Memnoch, o Demônio. Quero que você se lembre do nome desse jeito.

— Memnoch, o Demônio.

— Isso mesmo. — Ele anuiu, com a cabeça. — É assim que escrevo meu nome quando assino.

— Pois bem, ouça o que lhe digo, Vossa Real Majestade das Trevas. Não vou ajudá-lo com coisa nenhuma! Não sou seu criado!

— Creio que posso fazê-lo mudar de idéia — disse ele, com calma. — Creio que você virá a entender as coisas muito bem do meu ponto de vista.

Tive de repente uma súbita sensação de fraqueza, de exaustão total e de desespero.

Era típico.

Rolei de bruços, enfiei o braço debaixo da cabeça e comecei a chorar como uma criança. Eu estava morrendo de cansaço. Estava desgastado, aflito, e adorava chorar. Não podia fazer mais nada. Entreguei-me totalmente ao choro. Senti aquele alívio profundo dos que foram atingidos em cheio pela dor. Pouco se me dava quem visse ou ouvisse. Eu não parava de chorar.

Você sabe qual é minha opinião sobre o choro? Acho que algumas pessoas precisam aprender a chorar. No entanto, uma vez que se tenha aprendido, uma vez que se saiba chorar de verdade, não há nada que chegue a seus pés. Sinto pena de quem não conhece o segredo. É como assobiar ou cantar.

Fosse como fosse, eu estava por demais aflito para encontrar grande consolo só em me sentir bem momentaneamente, mergulhado em calafrios e lágrimas salgadas, manchadas de sangue.

Pensei em anos e anos atrás, quando eu havia entrado em Notre Dame e aqueles vampirinhos perversos ficaram à minha espera, os Servos de Satã. Pensei no meu eu mortal, pensei em Dora, pensei em Armand naquela época, o imortal líder rapazola dos Eleitos de Satã, por baixo do cemitério, que se havia transformado num santo sinistro enviando seus sugadores de sangue esfarrapados para atormentar mortais, para causar a morte e espalhar o medo e a morte como uma peste. Os soluços estavam me sufocando.

— Não é verdade! — Creio ter dito. — Não existe nem Deus nem Demônio. Não é verdade.

Ele não respondeu. Eu rolei no chão e me sentei. Limpei o rosto na manga. Não tinha lenço. É claro, ele estava com Dora. Um leve perfume de Dora emanava das minhas roupas, do meu peito onde ela se encostara, a doçura do sangue. Dora. Eu nunca deveria ter deixado Dora em situação tão angustiante. Meu Deus, eu me havia comprometido a cuidar da sanidade de Dora! Droga!

Olhei para ele. Estava ainda sentado ali, com o braço pousado no encosto da cadeira de Louis, e apenas me observava. Dei um suspiro.

— Você não vai me deixar em paz, vai?

Ele ficou assombrado. Deu uma risada. Sua expressão era maravilhosamente simpática, em vez de neutra.

— Não, claro que não — disse ele, em voz baixa, como se tivesse cuidado

para não me perturbar nem um pouco mais. — Lestat, estou esperando há séculos por alguém como você. Venho observando *you mesmo* há séculos. Não. Receio que não vou deixá-lo em paz. Mas não quero que você sofra tanto. O que posso fazer para acalmá-lo? Algum pequeno milagre, presente, qualquer coisa, para que possamos prosseguir?

— E de que modo iremos prosseguir?

— Vou lhe contar tudo — disse ele, dando de ombros, com as mãos abertas. — E então você compreenderá por que eu tenho de vencer.

— Fica implícito que... eu posso me recusar a cooperar com você, não é?

— Perfeitamente. Ninguém pode me ajudar de verdade se não optou por isso. E eu estou cansado. Cansado da tarefa. Preciso de ajuda. Essa parte seu amigo David ouviu certo quando passou pela epifania acidental.

— A epifania de David foi acidental? O que aconteceu com aquela outra palavra? Como é que era?... Não me lembro. Não era para David ter visto ou ouvido sua conversa com Deus?

— Isso é quase impossível de explicar.

— Será que eu perturbei algum plano seu ao tomar David, ao torná-lo um dos nossos?

— Sim e não. Mas a questão é que David ouviu certo aquela parte. Minha missão é árdua, e eu estou cansado! Parte do resto das idéias de David sobre aquela pequena visão, bem... — Ele abanou a cabeça. — O certo é que você é quem eu quero agora, e é de tremenda importância que você veja tudo antes de se decidir.

— É que eu sou mesmo o mau, não é? — murmurei, com os lábios trêmulos. Eu ia cair na choradeira mais uma vez. — No mundo inteiro, com todas as coisas que os seres humanos já fizeram, todos os horrores indescritíveis que os homens causaram uns aos outros, o sofrimento inimaginável de mulheres e crianças por toda parte nas mãos da humanidade, e eu sou mau a esse ponto! Você quer a mim! Imagino que David fosse bom demais. Ele não se tornou de uma perversidade tão rematada quanto você esperava. É isso?

— Não, é claro que você não é tão mau assim — disse ele, em tom tranquilizador. — É exatamente essa a questão. — Ele voltou a dar um leve suspiro.

Eu estava começando a perceber detalhes mais nítidos da sua aparência, não porque eles estivessem se tornando mais distintos, como havia acontecido com a aparição de Roger, mas porque eu estava me acalmando. Seu cabelo era de um louro acinzentado escuro, bastante macio e encaracolado. Suas sobrancelhas eram do mesmo tom, de modo algum negras, mas cuidadosamente desenhadas de modo a manter uma expressão que não encerrasse nenhuma arrogância ou vaidade. É claro que ele também não parecia tolo. As roupas eram neutras. Não acredito que fossem realmente roupas. Eram matéria, mas o paletó era muito sem graça e sem botões, e a camisa branca era simples demais.

— Sabe? Você sempre teve consciência! É exatamente atrás disso que eu estou, você não compreende? Consciência, razão, objetivo, dedicação. Meu Deus, eu não poderia tê-lo ignorado. E vou lhe dizer mais uma coisa. Foi como se você tivesse me mandado chamar.

— Nunca.

— Ora, pense em todos os desafios que você lançou ao Demônio.

— Aquilo era poesia, ou versos de pé quebrado, dependendo do ponto de vista.

— Não mesmo. E depois pense em tudo que você fez. Acordar aquela antiqüíssima Akasha e quase soltá-la em cima da humanidade. — Ele deu uma risada curta. — Como se já não nos bastassem os monstros criados pela evolução. E depois, aquela sua aventura com o Ladrão de Corpos. A volta à carne, ter essa chance, e rejeitá-la pelo que era antes. Você sabe, não sabe, que sua amiga Gretchen é uma santa nas selvas?

— Sei. Vi menções a isso nos jornais. Eu sei.

Gretchen, minha freira, meu amor durante o breve período em que fui mortal, não dissera sequer uma palavra desde a noite em que fugiu de mim para entrar na capela da missão e se prostrar de joelhos diante do crucifixo. Ela permanecia em oração noite e dia naquele vilarejo na selva, praticamente sem se alimentar; e às sextas-feiras as pessoas percorriam quilômetros na selva e às vezes chegavam a vir de Caracas e Buenos Aires só para vê-la sangrar nas mãos e nos pés. Aquela havia sido o fim de Gretchen.

Embora de repente me ocorresse pela primeira vez, no meio disso tudo, que podia ser que Gretchen realmente estivesse com Cristo!

— Não, eu não acredito — disse eu, com frieza. — Gretchen perdeu a razão. Ela está presa a um estado de histeria, e a culpa é minha. Quer dizer que o mundo tem mais um místico que sangra como Cristo. Já houve milhares.

— Não fiz nenhum tipo de julgamento sobre o incidente. Podemos voltar ao que eu estava dizendo? Eu estava dizendo que você fez de tudo, menos pedir que eu viesse! Você desafiou todas as formas de autoridade; você procurou todo tipo de experiência. Você se enterrou vivo duas vezes, e uma vez tentou voar até que o sol o transformasse em cinzas. O que lhe restava, a não ser me invocar? É como se você mesmo tivesse dito, "E agora, Memnoch, o que mais eu posso fazer?"

— Você falou com Deus sobre isso? — perguntei friamente, recusando-me a ser atraído. Recusando-me a me sentir tão curioso e tão empolgado assim.

— Claro que falei.

Fiquei surpreso demais para dizer qualquer coisa.

Eu não conseguia pensar em nada inteligente. Alguns pequenos enigmas teológicos me passaram pela cabeça, bem como perguntinhas capciosas como, por exemplo, "Por que Deus já não sabia?" E assim por diante. Mas era óbvio que já havíamos avançado além desse ponto. Eu precisava pensar, precisava me concentrar no que meus sentidos me diziam.

— Você e Descartes — disse ele. — Você e Kant.

— Não me rotule com outros. Eu sou o Vampiro Lestat, primeiro e único.

— É você quem está dizendo.

— Quantos de nós, vampiros, quer dizer, existem agora no mundo inteiro? Não estou falando de outros imortais, monstros, espíritos malignos e semelhantes, seja lá o que você for, por exemplo, mas vampiros? Não há cem deles, e nenhum deles é realmente parecido comigo. Lestat.

— Concorde plenamente. Eu quero você. Quero que você seja meu ajudante.

— Você não fica frustrado por eu não respeitá-lo de verdade, por eu não acreditar em você, nem ter medo de você? Nem mesmo depois de tudo isso? Por estarmos no meu apartamento e eu estar zombando de você? Acho que Satã não ia tolerar esse tipo de coisa. Eu geralmente não tolero. Já me comparei a você, sabia? Lúcifer, Filho da Manhã. Já disse a meus detratores e inquisidores que eu era o Demônio ou que, se algum dia eu topasse com o próprio Satã, eu arrasaria com ele.

— Memnoch — corrigiu-me ele. — Não use o nome Satã. Por favor. Não use nenhum dos seguintes nomes: Lúcifer, Belzebu, Azazel, Sammael, Marduk, Mefistófeles etc. Meu nome é Memnoch. Você logo vai descobrir sozinho que os outros representam várias concessões feitas a alfabetos ou às escrituras. Memnoch é para hoje e para sempre. É adequado e agradável. Memnoch, o Demônio. E não vá procurá-lo em livros, porque nunca o encontrará.

Não respondi. Estava procurando entender. Ele conseguia mudar de forma, mas era preciso que houvesse uma essência invisível. Quando eu lhe dera um soco no rosto, havia atingido a força da essência invisível? Eu não havia sentido nenhum contorno real, apenas a força que oferecia resistência. E, se eu agarrasse agora, será que essa forma de homem estaria cheia da essência invisível de modo tal que pudesse me repelir com uma força igual à do anjo negro?

— Estaria — disse ele. — Imagine tentar convencer um mortal desse tipo de coisa. Mas não foi exatamente por isso que eu o escolhi. Eu o escolhi não tanto porque seria mais fácil para você compreender tudo, mas porque você é perfeito para a tarefa.

— A tarefa de ajudar o Demônio.

— É, de ser meu braço direito, por assim dizer, atuar no meu lugar quando eu estiver exausto. Ser meu príncipe.

— Como você pôde se equivocar tanto? Você considera divertido o sofrimento que minha consciência impõe a si mesma? Você acha que eu aprecio o mal? Que eu penso no mal quando olho para algo lindo como o rosto de Dora?

— Não. Eu acho que você não aprecia o mal. Da mesma forma que eu.

— Você não aprecia o mal? — repeti, espremendo os olhos.

— Eu o abomino. E, se você não me ajudar, se você permitir que Deus continue fazendo tudo ao Seu modo, eu lhe garanto que o mal, que no fundo não é nada, simplesmente poderia destruir o mundo.

— É a vontade de Deus — perguntei, devagar — que o mundo seja destruído?

— Quem sabe? — replicou ele, com frieza. — Mas eu acho que Deus não faria o menor esforço para impedir que isso acontecesse. Isso eu não quero, é o que sei. Mas meus meios são os certos; e os de Deus são sangrentos e extremamente perigosos, um desperdício. Você sabe que são. Você tem de me ajudar. Eu estou ganhando, já lhe disse. Mas este século foi praticamente insuportável para todos nós.

— Você está querendo me dizer que não é mau...

— Exatamente. Você se lembra do que seu amigo David lhe perguntou? Ele quis saber se, na minha presença, você havia sentido o mal, e você teve de responder que não.

— O Demônio é célebre por suas mentiras.

— Meus inimigos são célebres detratores. Nem Deus nem eu dizemos mentiras em si. Mas veja bem, não espero nem por um momento que você deva aceitar o que digo em confiança. Não vim aqui para convencê-lo através da conversa. Se quiser, vou levá-lo ao Inferno e ao Paraíso; você poderá conversar com Deus quanto tempo Ele permitir e você desejar. Não Deus Pai, exatamente, não *En Sof*, mas... bem, tudo isso ficará esclarecido. Só não faz sentido se eu não puder contar com sua disposição para ver a verdade, seu desejo explícito de afastar sua vida da falta de objetivo e de significado para entrar numa batalha crucial pelo destino do mundo.

Não respondi. Não sabia ao certo o que podia dizer. Estávamos a uma enorme distância do ponto no qual a conversa tivera início.

— Ver o Paraíso? — murmurei, absorvendo devagar tudo aquilo. — Ver o Inferno?

— É, isso mesmo — disse ele, com a paciência de sempre.

— Quero uma noite inteira para refletir sobre isso.

— O quê?

— Disse que quero uma noite inteira para refletir.

— Você não acredita em mim. Você quer um sinal.

— Não. Estou começando a acreditar em você. É por isso que preciso pensar. Tenho de ponderar tudo isso.

— Estou aqui para responder qualquer pergunta, para lhe mostrar qualquer coisa agora.

— Então, deixe-me só por duas noites. A de hoje e a de amanhã. É um pedido bastante simples, não é? Deixe-me ficar sozinho.

Ele estava obviamente decepcionado, talvez até com um pouco de suspeita. Mas eu estava falando sério. Eu não poderia ter dito outra coisa. Tão unidas estavam as palavras e as idéias na minha cabeça que eu soube da verdade à medida que ia falando.

— Existe a possibilidade de alguém enganá-lo? — perguntei.

— Claro que sim. Eu conto com os dons de que disponho, exatamente como você confia nos seus. Tenho minhas limitações. Você tem as suas. Você pode ser enganado. E eu também.

— E Deus?

— Ora! — exclamou ele, com repulsa. — Se você ao menos soubesse o quanto essa pergunta é absurda! Não pode imaginar como eu preciso de você. Estou cansado — disse ele, com uma leve intensificação da emoção. — Deus é... inatingível pela possibilidade de ser enganado, isso eu posso dizer com benevolência. Vou lhe dar esta noite e a de amanhã. Não vou incomodá-lo, não vou persegui-lo, como você diz. Mas posso perguntar o que pretende fazer?

— Por quê? Ou eu tenho as duas noites ou não!

— Sabe-se que você é imprevisível — disse ele, com um largo sorriso. Era muito simpático. E me ocorreu outra coisa, perfeitamente óbvia, nele. Não era só

que suas proporções fossem perfeitas; nele não havia nenhum defeito visível em parte alguma. Era um modelo perfeito do Homem Comum.

Ele não demonstrou nenhuma reação a essa minha avaliação, quer estivesse lendo meu pensamento, quer não. Ele apenas esperava, educadamente, que eu prosseguisse.

— Dora — disse eu. — Tenho de voltar para Dora.

— Por quê?

— Recuso-me a dar maiores explicações.

Mais uma vez, ele ficou surpreso com minha resposta.

— Bem, você não vai tentar ajudá-la com toda essa confusão relacionada ao seu pai? Por que não explicar algo assim tão simples? Eu só queria lhe perguntar até que ponto você pretendia se envolver, quanto você planejava revelar a essa mulher. Estou pensando na trama das coisas, para usar a expressão de David. Quer dizer, como vai ficar essa mulher, depois que você tiver vindo comigo?

Eu não disse nada. Ele suspirou.

— Tudo bem. Estou esperando por você há séculos. Que diferença faz mais duas noites, afinal? No fundo, estamos falando só da noite de amanhã, não é? Ao pôr-do-sol da tarde seguinte, só então virei procurá-lo.

— Certo.

— Vou lhe dar um presentinho que vai ajudá-lo a acreditar em mim. Estabelecer seu nível de compreensão não é tão simples para mim. Você é cheio de paradoxos e conflitos. Deixe-me lhe dar algo extraordinário.

— De acordo.

— Pois é este o presente. Chame-o de sinal. Peça a Dora que lhe fale do olho do tio Mickey. Peça a ela que lhe conte a verdade que Roger nunca soube.

— Isso está me parecendo uma brincadeira espiritualista de salão.

— Você acha? Pergunte a ela.

— Está bem. A verdade sobre o olho do tio Mickey. Agora deixe-me lhe fazer uma última pergunta. Você é o Demônio. Sim. Mas você não é o mal? Por quê?

— Pergunta absolutamente descabida. Ou vamos expressar isso de modo mais misterioso. É totalmente desnecessário que eu seja o mal. Você vai ver. Ai, tudo isso é tão frustrante para mim porque você tem tanto para ver.

— Mas você se opõe a Deus!

— Ah, absolutamente, um adversário total! Lestat, quando você vir tudo o que eu tenho a lhe mostrar e ouvir tudo o que eu tenho a dizer, quando você tiver falado com Deus e puder ver melhor as coisas da Sua perspectiva, bem como da minha perspectiva, você irá se unir a mim como Seu adversário, estou certo que sim. — Ele se ergueu da cadeira. — Agora vou embora. Quer que eu o ajude a se levantar do chão?

— Oferta descabida e desnecessária — disse eu, irritado. — Vou sentir sua falta. — As palavras me surpreenderam ao sair da minha boca.

— Eu sei — respondeu ele.

— Tenho para mim toda a noite de amanhã. Lembre-se disso.

— Você não percebe que, se vier comigo agora, não haverá nem noite

nem dia?

— Ah, isso é muito tentador — disse eu. — Mas é isso o que os Demônios fazem tão bem. Tentar. Preciso pensar nisso tudo e consultar outros em busca de conselho.

— Consultar outros? — Ele pareceu genuinamente surpreso.

— Não vou embora com o Demônio sem contar para ninguém. Você é o Demônio! Ora, por que cargas d'água eu deveria confiar no Demônio? Isso é absurdo! Você está jogando de acordo com normas, normas de alguém. Todo mundo sempre joga. E eu não conheço as normas. Bem. Você me deu a opção, e essa é minha opção. Duas noites inteiras, só depois disso. Deixe-me em paz todo esse tempo! Dê-me sua palavra.

— Por quê? — perguntou ele, com delicadeza, como se estivesse lidando com uma criança rebelde. — Para que você não precise temer o som dos meus passos?

— Possivelmente.

— De que adianta eu jurar qualquer coisa se você não aceita a verdade de todo o resto do que eu disse? — Ele abanou a cabeça como se eu estivesse sendo tola mente humano.

— Você pode fazer um juramento ou não?

— Eu juro — disse ele, pondo a mão sobre o coração, ou onde seu coração deveria estar. — Com total sinceridade, é claro.

— Obrigado, estou me sentindo muito melhor.

— David não vai acreditar em você — disse ele, delicadamente. — Eu sei.

— Na terceira noite — disse ele, com um enfático movimento da cabeça — virei buscá-lo aqui. Ou onde você se encontrar nessa hora.

E, com um sorriso final, radiante como o anterior, ele desapareceu.

Não foi do modo pelo qual eu costumava desaparecer, partindo com tanta velocidade que nenhum ser humano conseguiria detectar.

Ele de fato sumiu ali mesmo onde estava.

CAPÍTULO 8



Levantei-me trêmulo, tirei o pó da roupa e percebi com surpresa que a sala estava intacta, exatamente como quando entramos. Estava óbvio que a luta se havia realizado em algum outro mundo. Mas que mundo seria esse?

Ah, se eu ao menos pudesse encontrar David. Eu dispunha de menos de três horas antes do amanhecer de inverno e parti imediatamente à sua procura.

Ora, como não me é possível ler os pensamentos de David ou invocá-lo, só me restava um instrumento telepático, e esse era o de esquadrinhar as mentes dos mortais aleatoriamente, em busca de alguma imagem de David enquanto ele estivesse passando por algum local reconhecível.

Eu não havia percorrido três quarteirões quando percebi que eu não só estava captando uma forte imagem de David, mas que ela chegava a mim a partir da mente de outro vampiro.

Fechei meus olhos e empenhei minha alma inteira para obter algum contato eloquente. Dentro de segundos, os dois acusaram minha presença,

David através daquele que estava ao seu lado, e eu vi e reconheci o local arborizado onde se encontravam.

No meu tempo, a Bayou Road atravessava aquela área, indo para a zona rural, e havia sido muito perto dali que um dia Claudia e Louis, depois de terem tentado me assassinar, enterraram meus restos nas águas do pântano.

Agora a área era, durante o dia, um enorme parque bem cuidado imaginei eu, cheio de mães e filhos, com um museu com quadros bastante interessantes, e fornecendo no escuro da noite um bosque denso.

Alguns dos carvalhos mais velhos de Nova Orleans estavam dentro dessa área; e uma linda lagoa, comprida, sinuosa, aparentemente interminável, serpenteava por baixo de uma ponte pitoresca bem no seu centro.

Encontrei-os ali, os dois vampiros em conversa na densa escuridão, longe dos caminhos mais trilhados. David estava como eu esperava, seu eu habitual, adequadamente trajado.

Já a visão do outro me assustou.

Era Armand.

Estava sentado no banco de pedra do parque, como um menino, descontraido, com um joelho dobrado, olhando para mim com a inocência previsível, todo empoeirado, naturalmente. Os cabelos, uma confusão longa e emaranhada de cachos castanho-avermelhados.

Com suas roupas de brim pesado, calças justas e uma jaqueta fechada com

zíper, ele sem dúvida passaria por humano, talvez um morador das ruas, embora seu rosto estivesse agora branco como pergaminho e ainda mais liso do que da última vez em que nos havíamos visto.

De certo modo, ele me fez pensar num boneco de criança, com brilhantes olhos de vidro levemente avermelhados: um boneco que tivesse sido encontrado num sótão. Quis lustrá-lo com beijos, limpá-lo totalmente, torná-lo ainda mais radiante do que era.

— Isso é o que você sempre quer — disse ele, baixinho. Sua voz foi um choque para mim. Se ainda lhe restava algum sotaque italiano ou francês, eu não conseguia ouvi-lo. Seu tom era melancólico e não demonstrava absolutamente nenhuma perversidade. — Quando você me encontrou debaixo de Les Innocents, quis me banhar com perfume e me vestir de veludo com enormes mangas bordadas.

— Foi — disse eu. — E quis pentear seu cabelo, seu lindo cabelo ruivo. — Falei em tom zangado. — Você está com boa aparência, seu diabinho detestável, para se abraçar e para se amar.

Nós nos encaramos por um instante. E então ele me surpreendeu, levantando-se e vindo na minha direção exatamente quando eu me dirigia para abraçá-lo. Seu gesto não foi hesitante, mas foi extremamente suave. Eu poderia ter recuado. Mas não recuei. Mantivemos um abraço apertado por um instante. O frio abraçando o frio. O rijo abraçando o rijo.

— Meu querubim — disse eu. E fiz um gesto ousado, talvez até mesmo desafiador. Estendi a mão e remexi nos seus cachos desgrehados.

Ele é menor do que eu, fisicamente, mas não pareceu se importar com esse gesto.

Na realidade, ele sorriu, abanou a cabeça e retocou o cabelo com alguns movimentos soltos com a mão. Seu rosto de repente ficou com o arredondado perfeito de uma maçã, sua boca se suavizou, ele ergueu seu punho direito e, como provocação, me atingiu com força no peito.

Com força de verdade. Exibicionismo. Agora era a minha vez de sorrir, e foi o que fiz.

— Não me lembro de nada de ruim entre nós — disse eu.

— Vai se lembrar — retrucou ele. — E eu também. Mas que importância tem aquilo de que nos lembrarmos?

— É — disse eu. — Nós ainda estamos aqui.

Ele riu direto, embora muito baixo, e abanou a cabeça, dando um olhar de relance a David que insinuava que os dois se conheciam muito bem, talvez bem demais. Não me agradou que os dois sequer se conhecessem. David era meu David. Armand era meu Armand.

Sentei-me no banco.

— Quer dizer que David lhe contou toda a história — disse eu, olhando para Armand e depois para David.

David abanou a cabeça como negativa.

— Não sem sua permissão, Príncipe Moleque — disse David, com um toque de desdém. — Eu nunca teria tomado essa liberdade. Tudo que trouxe Armand até aqui foi preocupação com você.

— É mesmo? — disse eu, erguendo as sobancelhas. — E daí?

— Você sabe muito bem que foi isso mesmo — disse Armand. Toda a sua postura estava descontraindo. Acho que ele a havia aprendido perambulando pelo mundo. Ele já não se parecia tanto com um enfeite de igreja. Estava com as mãos nos bolsos. Um carinha perigoso.

— Você está de novo procurando encrenca — prosseguiu ele, no mesmo estilo lento, sem raiva ou crueldade. — O mundo inteiro não é suficiente para você e nunca será. Desta vez, achei que deveria tentar falar com você antes que a roda girasse.

— Não é que você é o mais consciencioso dos anjos da guarda? — disse eu, com sarcasmo.

— É, sou mesmo — disse ele, sem sequer piscar os olhos. — Então, o que você está fazendo? Quer me pôr a par?

— Venham, quero me enfiar mais no parque — disse eu, e os dois me acompanharam enquanto eu entrava com passos de mortal num bosque dos carvalhos mais velhos, onde o capim era alto e abandonado e onde nem mesmo a criatura sem-teto mais desesperada iria procurar abrigo.

Abrimos nossa própria clareira em meio às raízes de um negro vulcânico e a terra de inverno bastante fria. A brisa que vinha do lago próximo era fresca e limpa; e, por algum tempo, pareceu haver pouco cheiro de Nova Orleans, de qualquer cidade. Nós três estávamos juntos, e Armand repetiu a pergunta.

— Você quer me dizer o que está fazendo? — Ele se inclinou para perto de mim e de repente me deu um beijo, de um jeito que pareceu totalmente infantil e também com um toque de europeu. — Você está com enormes problemas. Ora. Todo mundo sabe. — Os botões de aço da sua jaqueta de brim estavam enregelados, como se ele tivesse vindo de algum inverno muito mais rigoroso em pouquíssimos instantes.

Nunca temos plena certeza dos poderes do outro. É tudo um jogo. Eu não lhe teria perguntado como chegou ali, ou de que modo, da mesma forma que não perguntaria a um mortal exatamente como ele fazia amor com sua mulher.

Fiquei olhando para ele muito tempo, consciente de que David se havia instalado no capim, apoiando-se no cotovelo, a nos examinar.

— O Demônio me apareceu — disse eu, finalmente. — E me convidou a ir com ele, para ver o Céu e o Inferno.

Armand não respondeu. Depois, cerrou levemente o cenho.

— Esse é o mesmo Demônio no qual eu lhe disse não acreditar quando você acreditava nele séculos atrás — disse eu. — Pelo menos num ponto, você estava certo. Ele existe. Eu o conheci. — Olhei para David. — Ele quer que eu seja seu auxiliar. Ele me concedeu a noite de hoje e a de amanhã para procurar conselhos com outros. Ele me levará ao Céu e depois ao Inferno. E alega que não é do mal.

David tinha os olhos perdidos na escuridão. Armand simplesmente me fitava, embevecido, em silêncio.

Prossigui. Contei-lhes tudo naquela hora. Repeti a história de Roger para Armand, bem como a do fantasma de Roger, e depois relatei aos dois em detalhes minha visita atrapalhada a Dora, as palavras que troquei com ela, como

eu a deixara, como o Demônio havia vindo atrás de mim a me irritar, e a briga que tivemos.

Registrei todos os detalhes. Abri minha mente, sem cautela, deixando que Armand visse o que conseguisse por si mesmo.

Finalmente, recostei-me.

— Não me digam nada que seja humilhante — determinei. — Não me perguntem por que fugi de Dora, ou por que lhe contei tudo isso sobre seu pai. Não consigo me livrar da presença de Roger, da sensação da amizade de Roger por mim e seu amor por ela. E esse Memnoch, o Demônio, é um indivíduo razoável, afável e muito convincente. Quanto à briga, não sei o que aconteceu, só que lhe dei algo no que pensar. Dentro de duas noites, ele vai voltar e, se a memória me é fiel, o que ocorre invariavelmente, ele disse que viria me buscar onde quer que eu estivesse na hora.

— É, isso ficou claro — comentou Armand, em voz baixa.

— Você não está se comprazendo da minha aflição, está? — admiti com um pequeno suspiro de derrota.

— Não, é claro que não — disse Armand. — Só que, como de costume, você no fundo não parece estar aflito. Você está a um passo de uma aventura, e só está com um pouco mais de cautela dessa vez do que quando deixou aquele mortal ir embora com seu corpo enquanto você ficava com o dele.

— Não, não estou com mais cautela. Estou apavorado. Creio que essa criatura, Memnoch, é o Demônio. Se você tivesse visto as visões, você também acharia que ele era o Demônio. Não estou falando de encantamento. Você sabe lançar encantamentos, Armand. Já fez isso comigo. Eu entrei em combate com essa criatura. Ela tem alguma essência que pode ocupar corpos reais! Ela em si é objetiva e incorpórea, disso tenho certeza. O resto? Talvez tudo aquilo tenham sido encantamentos. Ele insinuou que poderia lançar encantamentos e que eu também poderia.

— É claro que você está descrevendo um anjo — disse David, de chofre. — E esse aí alega ser um anjo caído.

— O próprio Demônio — refletiu Armand. — O que você nos pede, Lestat? Você quer nosso conselho? Eu, se fosse você, não acompanharia esse espírito por minha própria vontade.

— O que o faz dizer isso? — perguntou David antes que eu pudesse dizer palavra.

— Veja bem, nós sabemos que existem seres presos à matéria — disse Armand — que nós mesmos não conseguimos classificar, localizar ou controlar. Sabemos que existem espécies de imortais e tipos de criaturas mamíferas que parecem humanas mas não são. Essa criatura poderia ser qualquer coisa. E há algo altamente suspeito na sua maneira de cortejá-lo... as visões, e depois a delicadeza.

— Ou isso — disse David — ou simplesmente tudo faz perfeito sentido. Ele é o Demônio, ele é racional, como você sempre supôs, Lestat, não um imbecil em termos morais, mas um anjo de verdade, e ele quer sua cooperação. Não quer continuar a lhe fazer coisas pela força. Ele usou a força como sua apresentação.

— Eu *não* acreditaria nele — disse Armand. — O que isso significa, o fato de ele querer que você o ajude? Que você começaria a existir simultaneamente nesta terra e no Inferno? Não, eu o evitaria pelas suas imagens, se não fosse por mais nada, pelo seu vocabulário. Pelo seu nome. Memnoch. Parece ser do mal.

— Ora, todas essas coisas — admiti —, tudo isso, mais ou menos, eu um dia disse a você.

— Nunca vi o Príncipe das Trevas com meus próprios olhos — disse Armand. — Presenciei séculos de superstição, bem como os feitos assombrosos de seres demoníacos como nós mesmos. Você viu um pouco mais do que eu. Mas você tem razão. Foi isso o que você me disse antes, e eu o estou repetindo para você agora. Não acredite no Demônio, nem em que você seja filho dele. E foi isso o que você disse a Louis, quando ele veio a mim à procura de explicações de Deus e do universo. Não acredito em Demônio nenhum. Por isso, estou lhe relembrando. Não acredite nele. Volte-lhe as costas.

— Quanto a Dora — disse David, baixinho — você agiu com imprudência, mas é possível que essa quebra do protocolo sobrenatural possa ser corrigida de algum modo.

— Creio que não.

— Por quê? — perguntou ele.

— Deixem-me fazer uma pergunta, aos dois... vocês acreditam no que estou dizendo?

— Eu sei que você está dizendo a verdade — respondeu Armand. — Mas já lhe disse, não acredito que essa criatura seja o próprio Demônio ou que ele vá levá-lo para o Céu ou para o Inferno. E para ser muito franco, se for verdade... bem, nesse caso talvez haja ainda mais motivos para você não ir.

Fiquei olhando algum tempo para ele, lutando contra a escuridão que eu havia procurado deliberadamente, no esforço de extrair dele alguma impressão da sua disposição geral a respeito do assunto, e percebi que ele estava sendo sincero. Nele não havia inveja, nem antigo rancor contra mim. Não havia mágoa, trapaça, nada. Ele havia superado tudo isso, se é que algum dia isso havia sido sua obsessão. Talvez tenham sido fantasias da minha cabeça.

— Talvez sim — disse ele, em resposta direta aos meus pensamentos. — Mas você tem razão quanto ao fato de eu estar falando com você com honestidade e objetividade. E vou lhe dizer uma coisa, eu não confiaria nessa criatura, nem confiaria na proposta de que você deva de algum modo cooperar em termos verbais.

— Um conceito medieval de pacto — disse David.

— O que quer dizer o quê? — perguntei. Não era minha intenção ser tão grosseiro.

— Fazer um pacto com o Demônio, sabe? — disse David. — Entrar em acordo com ele para fazer alguma coisa. É isso o que Armand está lhe dizendo que não faça. Não faça um pacto.

— Exatamente — confirmou Armand. — O fato de ele tornar sua anuência uma questão tão moral desperta minhas suspeitas mais profundas. — Seu rosto jovem demonstrava grave preocupação, com os olhos bonitos muito nítidos por um segundo nas sombras. — Por que você tem de concordar?

— Não sei se isso está em questão ou não — disse eu, confuso. — Mas você está com a razão. Eu mesmo disse algo a ele, algo sobre o fato de ele estar seguindo as regras do jogo.

— Quero falar com você a respeito de Dora — disse David em voz baixa. — Você precisa reparar o que fez por lá com muita rapidez, ou pelo menos nos prometa que não vai...

— Não vou lhe prometer nada quanto a Dora. Não posso — disse eu.

— Lestat, não destrua essa jovem mortal! — disse David com ênfase. — Se estamos num novo universo, se os espíritos dos mortos podem argumentar conosco, pode ser que eles tenham condições de nos ferir. Você já chegou a pensar nisso?

David sentou-se, perturbado, com raiva, com sua bela voz britânica se esforçando para manter a dignidade enquanto ele falava.

— Não atinja a garota mortal. O pai dela lhe pediu uma espécie de tutela, não que você abalasse totalmente sua sanidade mental.

— David, não prossiga com esse seu discurso. Sei do que você está falando. Mas vou lhe dizer logo, estou sozinho nesta história. Estou só. Só eu com esse ser, Memnoch, o Demônio. E vocês dois estão sendo meus amigos. Estão sendo meus irmãos. No entanto, não creio que exista alguém que possa me dar conselhos sobre o que fazer, à exceção de Dora.

— Dora! — David estava horrorizado.

— Você pretende lhe contar toda essa história? — perguntou Armand, timidamente.

— É. É exatamente isso o que pretendo fazer. Dora é a única que acredita no Demônio. Meu Deus, preciso agora de alguém que creia, preciso de um santo e posso precisar de um teólogo. E é Dora que vou procurar.

— Você é cruel, teimoso e destrutivo por natureza! — disse David. O tom era de uma maldição. — Você só faz o que quer! — Ele estava enfurecido. Dava para eu ver. Todos os seus motivos para me desprezar estavam sendo insuflados de dentro, e de fato não havia nada que eu pudesse dizer para me defender.

— Espere — disse Armand, com delicadeza. — Lestat, isso é loucura. É como consultar a Sibila. Você quer que a moça aja como um oráculo para você, que lhe diga o que ela, uma mortal, acha que você deve fazer?

— Ela não é uma mera mortal. É diferente. Ela não tem absolutamente nenhum medo de mim. Nenhum. E não tem medo de nada. É como se ela pertencesse a alguma outra espécie, só que é humana. É como uma santa, Armand. É como Joana d'Arc deve ter sido quando liderava o exército. Ela tem algum conhecimento sobre Deus e o Demônio que eu não tenho.

— Você está falando de fê, e é muito fascinante — disse David —, da mesma forma que foi com sua amiga freira, Gretchen, que agora está uma perfeita louca desvairada.

— Uma perfeita louca muda — corrija eu. — Ela não diz nada a não ser orações, ou é o que dizem os jornais. Só que antes de eu aparecer, Gretchen no fundo não acreditava em Deus, lembre-se disso. A fê e a loucura, para Gretchen, são uma só coisa.

— Você nunca vai aprender! — protestou David.

— Aprender o quê? — perguntei. — David, vou procurar Dora. Ela é a única pessoa a quem posso recorrer. E além do mais, não posso deixar as coisas por lá como deixei! Preciso voltar e vou voltar. Agora de você, Armand, quero uma promessa, o óbvio. Em volta de Dora, lancei uma luz protetora. Nenhum de nós pode tocar nela.

— Nem era preciso dizer. Não vou atacar sua amiguinha. Você está me ferindo. — Ele aparentava estar genuinamente indignado.

— Desculpe — disse eu. — Eu sei. Mas sei o que é o sangue, e a inocência; e como os dois podem ser deliciosos. Sei o quanto ela me tenta.

— Então deve ser você quem vai ceder a essa tentação — disse Armand, irritado. — Eu não escolho mais minhas vítimas, você sabe disso. Posso ficar parado diante de uma casa, como sempre, e das portas sairá quem quer se encontrar nos meus braços. É claro que não vou atacá-la. Você sem dúvida guarda rancores. Você acha que eu vivo no passado. Só não entende que eu realmente mudo com cada era; sempre mudei da melhor maneira possível. Mas, afinal de contas, o que Dora pode lhe dizer que irá ajudá-lo?

— Não sei — disse eu. — Mas vou direto para lá amanhã à noite. Se ainda houvesse tempo, eu iria agora. Vou procurá-la. David, se alguma coisa me acontecer, se eu desaparecer, se eu... toda a herança de Dora está com você.

David fez que sim.

— Você tem minha palavra de honra no que diz respeito aos interesses da moça, mas não deve ir até ela.

— Lestat, se você precisar de mim... — disse Armand. — Se essa criatura tentar levá-lo à força!

— Por que você se importa comigo? — perguntei. — Depois de tudo que lhe fiz? Por quê?

— Ora, não seja tão bobo — implorou ele, com delicadeza. — Há muito tempo você me convenceu de que o mundo era um Jardim Selvagem. Está lembrado da sua poesia antiga? Você dizia que as únicas leis verdadeiras eram as da estética, que isso era tudo com que você podia contar.

— É, eu me lembro de tudo isso. Receio que seja verdade. Sempre temi que fosse. Temia isso quando era uma criança mortal. Acordei um dia de manhã e não acreditava em nada.

— Pois bem, no Jardim Selvagem — disse Armand — você brilha, lindo, meu amigo. Você caminha como se este jardim fosse seu para fazer o que quisesse. E nas minhas perambulações, sempre volto para você. Sempre volto a ver as cores do jardim na sua sombra, refletidas nos seus olhos, talvez, ou para saber das suas últimas loucuras e obsessões irracionais. Além do mais, somos irmãos, não somos?

— Por que você não me ajudou na última vez, quando eu estava com todo aquele problema, depois de ter trocado corpos com um ser humano?

— Você não vai me perdoar se eu lhe disser. — Pois diga.

— Porque eu tinha esperanças e orava por você, para que você ficasse naquele corpo mortal e salvasse sua alma. Achei que lhe havia sido concedida a maior das bênçãos, que você era novamente humano. Meu coração doeu pela sua vitória! Eu não podia intervir. Não podia.

— Você é uma criança e um bobo, como sempre foi. Ele deu de ombros.

— Bem, parece que lhe deram mais uma chance de fazer *alguma coisa* com sua alma. É bom que você esteja com o máximo das suas forças e das suas capacidades, Lestat. Não confio nesse Memnoch; é muito pior do que qualquer inimigo humano que você tenha enfrentado quando estava preso na armadilha da carne. Esse Memnoch parece muito distante do Céu. Por que eles iriam permitir que você entrasse com ele?

— Pergunta excelente.

— Lestat — disse David. — Não vá procurar Dora. Você quer se lembrar de que meu conselho da última vez poderia tê-lo poupado de tanto sofrimento?

Ah, havia muito a comentar sobre esse assunto, pois seu conselho poderia tê-lo impedido de um dia ser o que era agora, nessa bela aparência, e eu não conseguia, não conseguia mesmo lamentar que ele estivesse aqui, que ele houvesse conquistado o troféu carnal do Ladrão de Corpos. Eu não conseguia. Simplesmente não conseguia.

— Eu acredito que o Demônio queira você — disse Armand.

— Por quê? — perguntei.

— Por favor, não vá procurar Dora — disse David, em tom grave.

— Eu tenho de ir, e já está quase de manhã, agora. Amo vocês dois.

Os dois ficaram olhando para mim, perplexos, cheios de suspeitas, inseguros.

Tomei a única atitude que podia tomar. Fui embora.

CAPÍTULO 9



Na noite seguinte, levantei-me do meu esconderijo no sótão e saí direto à procura de Dora. Não queria mais ver David ou Armand, nem ouvir falar deles. Eu sabia que ninguém poderia me impedir de fazer o que eu precisava fazer.

Como eu pretendia agir, essa era a questão. Inadvertidamente, eles haviam confirmado algo para mim. Eu não estava totalmente louco. Eu não estava imaginando tudo o que estava acontecendo à minha volta. Uma parte, talvez, eu estivesse imaginando; mas não tudo.

Fosse qual fosse o caso, decidi-me por uma estratégia radical com Dora, algo que seria inconcebível que David ou Armand pudessem ter aprovado.

Tendo um conhecimento razoável dos seus hábitos e seu paradeiro, alcancei Dora no instante em que ela saía do estúdio da televisão em Chartres Street no Quarter. Ela havia passado a tarde inteira gravando um programa de uma hora de duração e conversando com seu público depois. Aguardei na soleira de uma loja próxima enquanto ela se despedia das últimas das suas "irmãs" ou aparentes devotas. Elas eram mulheres jovens, embora não fossem meninas, tinham uma fé muito firme na transformação do mundo com Dora e exibiam um ar despreocupado, não-conformista.

Elas foram embora às pressas, e Dora seguiu no outro sentido, até a praça onde estacionara seu carro. Estava usando um casaco justo de lã negra e meias compridas de lã com sapatos de salto muito alto, seus preferidos para dançar no programa. E, com seu pequeno capacete de cabelos pretos, ela parecia extremamente dramática e frágil, além de horivelmente vulnerável em um mundo de machos mortais.

Agarrei-a pela cintura antes que ela soubesse o que estava acontecendo. Estávamos subindo com tanta velocidade que eu sabia que ela não estava vendo nem entendendo nada. Falei bem junto do seu ouvido.

— Você está comigo e está em segurança. — Em seguida, envolvi-a totalmente nos meus braços, para que não sofresse nenhum mal em decorrência do vento ou da velocidade com que nos deslocávamos, e subi o mais alto que ousei ir com ela, descoberta, vulnerável e dependente de mim, enquanto prestava atenção para ouvir, por baixo do uivo do vento, o funcionamento perfeito do seu coração e pulmões.

Senti que ela relaxava nos meus braços ou, para ser mais fiel à verdade, que ela simplesmente continuava confiante. Isso era tão surpreendente quanto todos os seus outros aspectos. Ela havia enfiado o rosto no meu casaco, como se

estivesse com medo demais para tentar olharão redor, mas na realidade essa era mais uma questão prática no frio do que qualquer outra coisa. A certa altura, abri meu casaco para cobri-la com um dos lados; e prosseguimos.

A viagem demorou mais do que eu havia imaginado. Eu simplesmente não podia levar um frágil ser humano tão alto assim. Mas não foi nem de longe tão entediante ou perigoso quanto poderia ter sido se tivéssemos apanhado um avião a jato fumarento, fedorento e altamente explosivo.

Menos de uma hora depois, eu estava parado com ela do lado de dentro das portas envidraçadas do Olympic Tower. Ela acordou nos meus braços como se estivesse despertando de um sono profundo. Percebi que isso havia sido inevitável. Ela havia desmaiado por uma série de motivos físicos e mentais, mas voltou a si imediatamente, com os saltos batendo no chão; e, com os olhos enormes de coruja, olhou primeiro para mim e depois para a catedral de St. Patrick, que se erguia em toda a sua glória inexorável do outro lado da rua.

— Vamos — disse eu. — Vou levá-la até as coisas do seu pai. — Dirigimo-nos aos elevadores.

Ela veio apressada atrás de mim, ansiosa, do jeito que os vampiros sonham que os mortais farão e que nunca, nunca, acontece, como se tudo isso fosse fantástico e não houvesse absolutamente nenhuma razão para sentir medo.

— Não tenho muito tempo — disse eu. Estávamos no elevador, subindo velozes. — Alguma coisa está me perseguindo, e eu não sei o que ela quer de mim. Mas eu precisava trazê-la aqui. E vou me certificar de que você volte para casa em segurança.

Expliquei que não sabia de nenhuma entrada pelo terraço do prédio. Na verdade, todo o lugar era novo para mim, ou eu teria entrado com ela por cima. E agora explicava isso, embaraçado por ter cruzado um continente em uma hora para depois tomar um elevador barulhento, sugador e trêmulo que parecia só um pouco menos assombroso do que o dom do vôo vampiresco.

As portas abriram-se no andar correto. Pus a chave na sua mão e a conduzi até o apartamento.

— Você é que deve abrir. Tudo aí dentro é seu.

Ela olhou para mim por um instante, com um pequeno franzir do cenho, depois passou a mão sem cuidado no cabelo desmanchado pelo vento, pôs a chave na fechadura e abriu a porta.

— As coisas de Roger — disse ela, com sua primeira respiração.

Ela os conhecia pelo cheiro, como qualquer antiquário poderia tê-los conhecido, esses ícones e relíquias. Viu, então, o anjo de mármore, instalado no corredor, com a parede de vidro muito adiante dele; e achei que ela fosse desmaiar nos meus braços.

Ela se deixou cair para trás como se contasse comigo para apanhá-la e lhe dar apoio. Segurei-a com a ponta dos dedos, com o mesmo medo de sempre de feri-la sem querer.

— Meu Deus — disse ela, entre dentes. Seu coração estava acelerado, mas era vigoroso, muito jovem e capaz de uma resistência tremenda. — Nós estamos aqui, e o que você vem me dizendo é verdade.

Ela se soltou de mim antes que eu pudesse responder e passou rapidamente

pelo anjo para entrar na sala maior do apartamento. As torres da catedral de St. Patrick estavam visíveis logo abaixo do nível da janela. E, por toda parte, havia volumosas embalagens de plástico, através das quais era possível detectar a forma de um crucifixo ou de um santo. Os livros de Wynken estavam em cima da mesa, naturalmente, mas eu não ia pressioná-la a respeito deles por enquanto.

Ela se voltou para mim, e eu pude sentir que ela me examinava, me avaliava. Sou tão sensível a essa forma de avaliação que realmente creio que minha vaidade está enraizada em cada uma das minhas células.

Ela murmurou algumas palavras em latim, mas eu não as captei; e nenhuma tradução automática me veio à mente.

— O que você disse?

— Lúcifer, Filho da Manhã — sussurrou ela, me encarando com franca admiração. Jogou-se então numa grande poltrona de couro. Era uma das muitas peças enfadonhas do apartamento, destinadas a homens de negócios, mas perfeitamente confortáveis. Seus olhos ainda estavam grudados em mim.

— Não, esse aí não é quem eu sou — disse eu. — Sou apenas o que lhe disse e nada mais. Mas é ele que está atrás de mim.

— O Demônio?

— É. Agora, preste atenção, vou lhe contar tudo, e depois você deve me dar seu conselho. Enquanto isso... — Dei meia-volta, sim, lá estava o arquivo. — Sua herança, tudo, dinheiro que você tem agora do qual não tem conhecimento, limpo, certo, com impostos pagos, tudo está explicado ali em pastas pretas naqueles arquivos. Seu pai morreu querendo que você ficasse com isso para sua igreja. Se você não quiser saber disso tudo, não tenha assim tanta certeza de que se trata da vontade de Deus. Lembre-se, seu pai morreu. O sangue dele limpou o dinheiro.

Será que eu acreditava nisso? Bem, sem a menor sombra de dúvida, era o que Roger queria que eu lhe dissesse.

— Roger disse para eu dizer isso — acrescentei, procurando parecer extremamente confiante.

— Eu o compreendo — disse ela. — Você está se preocupando com algo que agora realmente não tem mais importância. Venha aqui, por favor, deixe-me abraçá-lo. Você está tremendo.

— Eu estou tremendo!

— Está quentinho aqui dentro, mas parece que você não está sentindo o calor. Venha.

Ajoelhei-me diante dela e de repente a abracei do jeito que havia abraçado Armand. Encostei minha cabeça na dela. Ela estava fria mas nunca, nem mesmo no dia do seu enterro, seria tão fria quanto eu. Nada que fosse humano poderia ser assim tão frio. Eu havia absorvido o pior do inverno como se eu fosse de mármore poroso, que suponho que eu era.

— Dora, Dora, Dora — murmurei. — Como seu pai a amava, e como ele queria que tudo desse certo para você, Dora.

Seu cheiro era forte, mas eu também era.

— Lestat, fale-me do Demônio — disse ela.

Sentei-me no tapete de modo a olhar para ela de baixo para cima. Ela

estava empoleirada na beirada da poltrona, com os joelhos descobertos, o casaco negro aberto agora, descuidadamente, e uma faixa dourada de echarpe aparecendo. O rosto muito pálido mas muito animado, de uma forma que a deixava radiante e ao mesmo tempo um pouco mágica, como se ela não fosse mais humana do que eu.

— Nem mesmo seu pai poderia de fato descrever sua beleza — disse eu. — Vestal, ninfa dos bosques.

— Meu pai lhe disse isso?

— Disse. Mas o Demônio, ah, o Demônio me pediu que lhe fizesse uma pergunta. Que lhe perguntasse a verdade sobre o olho do tio Mickey! — Eu acabava de me lembrar. Não me havia lembrado de falar naquilo fosse a David fosse a Armand, mas que diferença aquilo poderia fazer?

Ela ficou surpresa e muito impressionada com essas palavras. Foi afundando um pouco na poltrona.

— O Demônio lhe disse isso?

— Ele me deu essa informação como um presente. Ele quer que eu o ajude. Diz que não é o mal. Diz que Deus é seu adversário. Vou lhe contar tudo, mas ele me deu essas palavras como uma pequena espécie de agrado. Como é que dizemos em Nova Orleans, como brinde? Para me convencer de que ele é o que diz ser.

Ela fez um pequeno gesto de confusão, com a mão subindo até a têmpora enquanto abanava a cabeça.

— Espere aí. A verdade sobre o olho do tio Mickey, você tem certeza de ele ter dito isso? Meu pai não disse nada a respeito do tio Mickey.

— Não, e eu jamais captei nenhuma imagem semelhante do coração ou da alma do seu pai. O Demônio declarou que Roger não conhecia a verdade. O que isso quer dizer?

— Meu pai *não sabia* a verdade. Ele nunca soube. Sua mãe não lhe contou nunca a verdade. Era seu tio Mickey, irmão da minha avó. E quem me contou a verdadeira história foi o pessoal da *minha mãe*, os parentes de Terry. Foi assim. A mãe do meu pai era rica e tinha uma casa linda na St. Charles Avenue.

— Conheço o lugar. Sei tudo a respeito. Roger conheceu Terry ali.

— É, isso mesmo, mas minha avó havia sido pobre na juventude. A mãe dela havia sido empregada no Garden District, como tantas domésticas irlandesas. E o tio Mickey de Roger era uma dessas criaturas despreocupadas que não chamavam a atenção praticamente de ninguém.

— Meu pai nunca teve conhecimento da vida real do tio Mickey. A mãe de minha mãe me contou a história para me mostrar como meu pai tinha mania de grandeza, como era bobo e como suas origens haviam sido humildes.

— Estou entendendo.

— Meu pai adorava tio Mickey. Esse tio havia morrido quando meu pai era criança. Tio Mickey tinha o palato fendido e um olho de vidro. E eu me lembro de meu pai me mostrar uma fotografia dele e me contar a história de como tio Mickey perdeu o olho. Ele adorava fogos de artifício, e um dia estava brincando com rojões. Um havia explodido dentro de uma lata e pronto! A lata o atingiu no olho. Essa era a história na qual sempre acreditei. Só conheci tio Mickey pelo

retrato. Antes de eu nascer, minha avó e meu tio-avô já haviam morrido.

— Certo. E depois a família da sua mãe lhe contou uma história diferente. — O pai da minha mãe era policial. Ele sabia tudo sobre a família de Roger, que o avô de Roger havia sido alcoólatra, da mesma forma que tio Mickey, mais ou menos. Tio Mickey também havia sido agente de apostas de um *bookmaker* quando era jovem. Numa ocasião, ele segurou uma aposta. Em outras palavras, ele ficou com o dinheiro em vez de fazer a aposta como deveria ter feito, e infelizmente o cavalo ganhou.

— Estou entendendo.

— Tio Mickey, muito jovem e muito apavorado, imagino, estava no Corona's Bar no Irish Channel.

— Em Magazine Street — disse eu. — Esse bar esteve ali por muitos e muitos anos. Talvez um século.

— É, e os capangas do *bookmaker* entraram e arrastaram tio Mickey para os fundos do bar. O pai da minha mãe viu tudo. Ele estava lá, mas não podia fazer nada. Ninguém podia. Ninguém iria se dispor. Ninguém ousaria. Mas foi o seguinte o que meu avô viu. Os homens espancaram e chutaram tio Mickey. Foram eles que atingiram seu céu da boca de tal modo que ele falava como se houvesse algo de errado com ele. E eles arrancaram seu olho a chutes. Chutaram o olho pelo chão. E do jeito que meu avô falava todas as vezes que contava a história era que eles poderiam ter salvo o olho, mas pisaram nele. Pisaram de propósito nele com aqueles sapatos bicudos. — Ela parou de falar.

— E Roger nunca soube dessa história.

— Ninguém que esteja vivo sabe, a não ser eu, é claro. Meu avô morreu. Ao que eu saiba, todo mundo que estava lá morreu. Tio Mickey morreu no início da década de 1950. Roger costumava me levar até o cemitério para visitar seu túmulo. Roger sempre o amara. Tio Mickey com sua voz oca e seu olho de vidro. Era como se todo mundo o amasse, pelo jeito que Roger falava. E mesmo a família da minha mãe concordava. Ele era um amor. Era vigia noturno antes de morrer. Morava em quartos alugados em Magazine Street bem em cima da padaria Baer's. Morreu de pneumonia no hospital antes que alguém sequer soubesse que estava doente. E Roger nunca soube a verdade sobre o olho de tio Mickey. Se ele tivesse sabido, nós teríamos falado a respeito disso, é claro.

Fiquei ali sentado meditando, ou melhor imaginando o que ela havia descrito. Dela não vinha nenhuma imagem. Sua mente estava bem fechada, mas sua voz havia sido generosa, sem esforço. Eu conhecia o Corona's. Como qualquer um que tivesse caminhado por Magazine Street naqueles famosos quarteirões do apogeu irlandês. Eu conhecia os criminosos com seus sapatos bicudos. Que esmagaram o olho.

— Eles simplesmente pisaram nele e o esmagaram — disse Dora, como se pudesse ler meus pensamentos. — Meu avô sempre dizia que eles poderiam ter salvo o olho, se não tivessem pisado nele como fizeram, com seus sapatos pontudos.

Caiu um silêncio entre nós.

— Isso não prova nada — disse eu.

— Prova que seu amigo, ou inimigo, conhece segredos. É isso o que prova.

— Mas não prova que ele é o Demônio — disse eu. — E por que ele haveria de escolher logo uma história dessas?

— Talvez ele estivesse lá — disse ela, com um sorriso irônico. Nós dois demos um risinho.

— Você disse que esse era o Demônio, mas que ele não era o mal — instigou-me ela. — Parecia convincente, confiante e no perfeito comando da situação.

Tive a sensação de que havia sido absolutamente correta minha decisão de procurar conselhos com ela. Ela me encarava fixamente.

— Diga-me o que esse Demônio já fez — disse ela.

Contei-lhe toda a história. Tive de admitir como andei no encaço do seu pai, e não me lembrava se já lhe havia contado isso antes. Falei-lhe que o Demônio andava no meu encaço de modo semelhante, passando por todos os detalhes, exatamente como havia feito com David e Armand, e me descobri encerrando a fala com aquelas palavras enigmáticas.

— E vou lhe dizer o seguinte sobre ele, seja ele o que for, ele tem uma mente insone no seu coração e uma personalidade insaciável! E isso é verdade. Quando usei essas palavras pela primeira vez para descrevê-lo, elas simplesmente me ocorreram, como que surgindo do nada. Não sei que parte da minha cabeça intuiu uma coisa dessas. Mas é verdade.

— Repita isso aí — pediu ela. Repeti.

Ela caiu em total silêncio. Seus olhos foram encolhendo, e continuou sentada com uma das mãos dobrada sustentando o queixo.

— Lestat, vou lhe fazer um pedido absurdo. Mande vir alguma comida. Ou vá comprar alguma coisa para eu comer e beber. Preciso refletir sobre tudo isso.

Flagrei-me dando um salto para ficar em pé.

— O que você quiser.

— Não faz nenhuma diferença. Alimento. Não como desde ontem. Não quero que meus pensamentos sejam afetados por um jejum acidental. Vá, compre algo que alimente e traga para cá. E eu quero ficar sozinha aqui, para orar, pensar, andar de um lado para o outro entre as coisas do meu pai. Agora, não há nenhuma chance de que esse demônio o leve antes do prometido?

— Não sei nada além do que lhe contei. Acho que não. Olhe, vou lhe trazer uma boa refeição e o que beber.

Fui imediatamente cumprir a tarefa, deixando o prédio como mortal à procura de um daqueles restaurantes lotados do centro da cidade, no qual pudesse comprar para ela uma refeição completa que pudesse ser embalada e mantida aquecida até minha volta. Comprei também algumas garrafas de uma água mineral de marca famosa, já que é isso o que os mortais costumam querer nessas ocasiões. Depois, voltei calmamente, com o pacote nos braços.

Só quando o elevador parou no nosso andar foi que percebi como meus atos haviam sido atípicos. Eu, com meus duzentos anos de idade, feroz e orgulhoso por natureza, acabava de servir de moço de recados para uma moça mortal só porque ela me pediu de forma muito direta.

É claro que havia circunstâncias atenuantes! Eu a havia raptado, trazendo-a para centenas de quilômetros de distância! Eu precisava dela. Droga, eu a

amava.

No entanto, o que aprendi a partir desse simples incidente foi o seguinte: Dora tinha mesmo um poder, que os santos costumam ter, de fazer com que os outros obedeçam. Sem questionamentos, eu havia saído para conseguir alimento para ela. De bom grado, eu havia ido como se naquela missão houvesse uma graça.

Levei a refeição para dentro do apartamento e a coloquei na mesa para ela.

O apartamento estava agora inundado pela fusão dos seus aromas, incluindo-se o da menstruação, aquele sangue especial, perfumado, acumulando-se higienicamente entre suas pernas. O lugar respirava com ela.

Ignorei o desejo desvairado e previsível de me banquetear com ela até ela cair.

Dora estava sentada encolhida na poltrona, com as mãos unidas, o olhar fixo para a frente. Vi que as pastas pretas estavam abertas por todo o chão. Ela sabia da sua herança ou tinha alguma idéia dela.

Não estava, porém, olhando para elas e pareceu não sentir absolutamente nenhuma surpresa com minha volta.

Foi se aproximando então da mesa, como se não conseguisse escapar de um devaneio. Enquanto isso, eu remexia nas gavetas da cozinha do apartamento à procura de garfos e facas de aço inoxidável mais ou menos inofensivos e de um prato de louça. Esses eu arrumei para ela, bem como as embalagens de comida fumegante, carne, legumes e coisas semelhantes, além de algum tipo de preparado doce, tudo tão estranho para mim como sempre, como se eu recentemente não tivesse estado num corpo mortal e não tivesse experimentado comida de verdade. Eu não queria pensar naquela experiência!

— Obrigada — disse ela, distraída, sem sequer olhar para mim. — Você foi um amor por ter feito isso. — Ela abriu uma garrafa de água e bebeu todo o conteúdo avidamente.

Fiquei observando seu pescoço enquanto ela bebia. Eu não me permitia pensar nela de nenhuma forma que não fosse amorosa, mas seu cheiro bastava para me expulsar dali.

É isso aí, jurei. Se sentir que não consegue controlar esse desejo, então vá embora!

Ela comeu com indiferença, quase mecanicamente, e depois ergueu o olhar para mim.

— Ai, perdoe-me. Sente-se, por favor. Você não come, não é? Você não tem como absorver esse tipo de alimento.

— Não. Mas posso me sentar.

Sentei-me ao seu lado, procurando não observá-la nem sentir seu cheiro mais do que o necessário. Olhei direto para o outro lado da sala, através do vidro, para o branco. Não sabia dizer se a neve estava caindo agora, mas tinha de estar. Porque eu não estava vendo nada a não ser a brancura. É, isso queria dizer que Nova York havia desaparecido sem deixar vestígios, ou que estava nevando lá fora.

Ela levou menos de seis minutos e meio para devorar a refeição. Nunca vi ninguém comer tão rápido. Ela empilhou tudo e levou a pilha para a cozinha.

Tive de afastá-la dessas tarefas e trazê-la de volta à sala. Isso me deu a chance tanto de segurar suas mãos quentes e frágeis quanto de estar bem perto dela.

— O que você me aconselha?

Ela se sentou e refletiu, ou organizou suas idéias.

— Acho que você tem pouco a perder se cooperar com esse ser. Está perfeitamente óbvio que ele poderia destruí-lo quando bem entendesse. Ele tem muitos recursos. Você dormiu na sua casa, mesmo depois de saber que ele, o Homem Comum, como você o chama, conhecia a localização. É evidente que você não tem medo dele em nenhum nível material. E, no mundo dele, você conseguiu exercer força suficiente para afastá-lo com um empurrão. O que você arrisca ao cooperar? Imagine que ele possa levá-lo ao Paraíso ou ao Inferno. Ficou implícito que você ainda pode se recusar a ajudá-lo, não é? Você ainda pode dizer, com a própria expressão refinada que ele usou, "Não encaro as coisas do mesmo ponto de vista que você".

— É.

— O que eu estou dizendo é que, se você se abrir para o que ele quer lhe mostrar, isso não significa que você o tenha aceitado, certo? Pelo contrário, cabe a ele a obrigação de fazer com que você veja as coisas da sua perspectiva, ou é o que parece. Além do mais, a questão é que você despreza as normas, quaisquer que elas sejam.

— Ele não pode estar me enganando para me levar para o Inferno, é o que você quer dizer.

— Está falando sério? Você acha que Deus permitiria que as pessoas fossem levadas para o Inferno por meio de trapaças?

— Eu não sou uma pessoa, Dora. Sou o que sou. Não pretendo traçar nenhuma comparação com Deus nos meus epítetos repetitivos. Só quero dizer que sou do mal. Sou muito mau. Sei que sou. Sempre fui desde que comecei a me alimentar de humanos. Sou Cairn, o assassino dos seus irmãos.

— Então, Deus poderia pôr você no Inferno quando bem quisesse. Por que não?

Abanei a cabeça.

— Eu gostaria de saber. Gostaria de saber por que Ele não fez isso. Quem dera que eu soubesse. Mas o que você está querendo dizer é que nesse caso há poder envolvido, dos dois lados.

— Obviamente.

— E que acreditar em algum tipo de trapaça é quase superstição.

— Exatamente. Se você for até o Paraíso, se você falar com Deus... — Ela parou.

— Você iria se ele lhe estivesse pedindo que o ajudasse, se ele lhe estivesse dizendo que não era o mal, mas que era o adversário de Deus, que poderia fazer você mudar de opinião a respeito das coisas?

— Eu não sei — disse ela. — Talvez fosse. Eu manteria meu livre-arbítrio durante a experiência, mas poderia muito bem ir.

— É exatamente isso. O livre-arbítrio. Será que estou perdendo meu arbítrio e minha razão?

— Você aparenta estar em pleno domínio dos dois, bem como de uma

enorme força sobrenatural.

— Você percebe o mal em mim? — Não, você é lindo demais, e sabe disso.

— Mas deve haver dentro de mim algo podre e pernicioso que você possa sentir e ver.

— Você está me pedindo consolo, e isso eu não posso lhe dar — respondeu ela. — Não, não sinto nada. Mas acredito no que você me contou.

— Por quê?

Ela ficou muito tempo pensando. Depois, levantou-se e foi até a parede envidraçada.

— Fiz uma pergunta ao sobrenatural — disse ela, olhando para baixo, talvez para o telhado da catedral. Não conseguia vê-lo de onde eu estava. — Pedi que me fosse dada uma visão.

— E você acha que eu posso ser a resposta.

— É possível que sim — disse ela, voltando-se e olhando de novo para mim. — Isso não quer dizer que tudo isso está acontecendo por causa de Dora e do que Dora quer. Afinal de contas, é algo que está acontecendo com você. Mas eu pedi uma visão, e me foi dada uma série de incidentes miraculosos. E é verdade, acredito em você, tanto quanto acredito na existência e na bondade de Deus.

Ela veio na minha direção, pisando com cuidado entre as pastas espalhadas.

— Você sabe, nenhum de nós sabe dizer por que Deus permite o mal. — É.

— Ou de onde ele surgiu para entrar no mundo. Só que no mundo inteiro, há milhões de nós, povos que adotam a Bíblia, muçulmanos, judeus, católicos, protestantes, descendentes de Abraão. E não paramos de ser atraídos, repetidamente, para o centro de histórias e esquemas nos quais o mal está presente, nos quais há um Demônio, no qual há algum elemento que Deus permite, algum adversário, para usar o termo do seu amigo.

— É. Adversário. Foi exatamente isso o que ele disse.

— Eu confio em Deus — disse ela.

— E você está dizendo que eu deveria confiar também?

— Afinal, o que você poderia acabar perdendo ao confiar? Eu não respondi.

Ela andava de um lado para o outro, pensando, com o cabelo preto caindo para a frente numa mecha sobre a face, e suas pernas compridas, cobertas de negro, parecendo dolorosamente finas embora graciosas, enquanto andava. Há muito tempo, ela havia tirado o casaco preto, e eu agora percebia que ela estava usando um vestido fino de seda negra. Senti o cheiro do seu sangue novamente, seu sangue secreto, perfumado, feminino.

Afastei os olhos.

— Eu sei o que tenho a perder nesse tipo de questão — disse ela. — Se eu acreditar em Deus, e Deus não existir, posso perder minha vida. Posso terminar num leito de morte, com a percepção de ter desperdiçado a única experiência real do universo que jamais me será permitida.

— É, exatamente isso. Era assim que eu pensava quando estava vivo. Eu não ia desperdiçar minha vida acreditando em algo que era impossível provar e que estava fora de cogitação. Eu queria saber o que me era permitido ver, sentir

e provar na minha vida.

— Isso mesmo. Mas, veja bem, sua situação é diferente. Você é um vampiro. Sob o aspecto teológico, você é um espírito. Você dispõe dos seus próprios poderes e não tem como morrer de morte natural. Você tem uma vantagem.

Pensei nisso.

— Você sabe o que aconteceu hoje no mundo? Só neste único dia? — perguntou ela. — Sempre começamos nosso programa com essas notícias. Você sabe quantas pessoas morreram na Bósnia? Na Rússia? Na África? Quantas escaramuças foram travadas? Ou assassinatos cometidos?

— Sei do que você está falando.

— O que estou dizendo é que é altamente improvável que essa coisa tenha o poder de enganá-lo para que faça alguma coisa. Portanto, vá com ela. Deixe que ela lhe mostre o que prometeu. E, se eu estiver equivocada... se realmente for uma cilada para levá-lo para o Inferno, é que eu cometi um erro terrível.

— Não cometeu, não. Você terá vingado a morte do seu pai, só isso. Mas concordo com você. A trapaça é algo mesquinho demais para estar envolvido nesse caso. Estou seguindo os instintos. E vou lhe dizer mais uma coisa sobre Memnoch, o Demônio, algo que talvez a surpreenda.

— Que você gosta dele? Isso eu sei. Compreendi desde o início.

— Como isso é possível? Não gosto de mim mesmo, sabe? Claro que me adoro; serei dedicado a mim mesmo até o dia da minha morte. Mas não gosto de mim mesmo.

— Você me disse uma coisa ontem à noite. Disse que, se eu precisasse de você, deveria invocá-lo com meus pensamentos, com meu coração.

— É.

— Pois faça o mesmo. Se você for com essa criatura, e precisar de mim, chame por mim. Vamos dizer que seja assim: se você não conseguir se livrar por sua própria vontade e precisar da minha intercessão, faça seu chamado! Eu o ouvirei. E gritarei aos céus por você. Não por justiça, mas por misericórdia. Você vai me fazer essa promessa?

— Claro.

— E o que vai fazer agora? — perguntou ela.

— Passar as horas que restam com você, cuidando dos seus assuntos. Certificando-me, através de minhas numerosas ligações mortais, de que nada possa prejudicá-la em termos de todos esses bens.

— Meu pai já fez isso — disse ela. — Acredite em mim. Ele resolveu tudo com muita inteligência.

— Você tem certeza?

— Ele agiu com seu talento de costume. Deixou que mais dinheiro caísse nas mãos dos seus inimigos do que a fortuna que me deixou. Eles não têm nenhuma necessidade de sair à procura de ninguém. Uma vez que percebam que ele morreu, começarão a se apropriar dos bens disponíveis a torto e a direito.

— Você tem certeza de tudo isso.

— Sem sombra de dúvida. Cuide dos seus assuntos hoje. Não precisa se preocupar com os meus. Cuide-se, para estar pronto para embarcar nessa

história.

Fiquei olhando para ela por um bom tempo. Eu ainda estava sentado à mesa. Ela estava parada, de costas para a vidraça. Ocorreu-me que ela havia sido desenhada no vidro em tinta preta, a não ser pelo rosto branco.

— Existe um Deus, Dora? — murmurei. Eu havia proferido essas mesmas palavras tantas vezes! Eu havia feito essa pergunta a Gretchen quando eu era de carne e osso nos seus braços.

— É, existe um Deus, Lestat — respondeu Dora. — Tenha certeza disso. Talvez você tenha orado para Ele tão alto e por tanto tempo que Ele afinal prestou atenção. Às vezes eu me pergunto se não é essa a disposição de Deus, de não nos ouvir quando choramos, de fechar os ouvidos propositalmente!

— Quer que eu a deixe aqui, ou que a leve para casa?

— Pode me deixar. Nunca mais quero fazer uma viagem como aquela. Vou passar uma boa parte do resto da minha vida procurando me lembrar com exatidão e sem conseguir. Quero ficar aqui em Nova York com as coisas de meu pai. Quanto ao dinheiro? Sua missão está cumprida.

— E você aceita as relíquias, a fortuna.

— Claro que as aceito. Vou guardar os preciosos livros de Roger até a hora em que seja conveniente que eles possam ser oferecidos para que outros os vejam, seu querido herege Wynken de Wilde.

— Você precisa de mais alguma coisa de mim?

— Você acha... acha que ama a Deus?

— De modo algum.

— Por que diz isso?

— Como eu poderia amá-Lo? — perguntei. — Como qualquer um poderia amá-Lo? O que você mesma me disse sobre o mundo? Você não percebe que todo mundo odeia Deus hoje em dia? Não se trata de que Deus tenha morrido no século XX. É que todo mundo O odeia! Pelo menos, é o que eu acho. Talvez seja isso o que Memnoch está tentando dizer.

Ela ficou perplexa. Cerrou o cenho com decepção e compaixão. Ela queria dizer alguma coisa. Gesticulou, como que tentando colher flores invisíveis no ar para me mostrar sua beleza, quem sabe?

— Não, eu O odeio — disse eu.

Ela fez o sinal-da-cruz e uniu as mãos.

— Você está orando por mim?

— Estou — disse ela. — Se eu nunca mais puser os olhos em você depois de hoje à noite, se eu nunca mais me deparar com um fragmento de prova de que você realmente existe, de que estive aqui comigo ou de que qualquer dessas coisas chegou a ser dita, eu ainda permanecerei transformada por você como estou agora. Você é como meu milagre. Você é prova maior do que milhões de mortais jamais receberam. Você é prova não só do sobrenatural, do misterioso e do fantástico. Você é prova *exatamente daquilo em que acredito!*

— Estou entendendo. — Eu sorri. Tudo era tão lógico e simétrico. E verdadeiro. Sorri de verdade e abanei a cabeça. — Detesto ter de deixá-la.

— Vá — disse ela e depois fechou os punhos. — Pergunte a Deus o que Ele quer de nós! — prosseguiu, furiosa. — Você tem razão. Nós O odiamos! — A

raiva chamejou nos seus olhos e depois se abrandou. Ela ficou me olhando, com os olhos parecendo maiores e mais brilhantes por estarem agora umede-cidos com lágrimas e sal.

— Adeus, minha querida. — Aquilo tudo era tão extraordinário e doloroso. Saí para a nevasca pesada, tempestuosa.

As portas da enorme catedral de St. Patrick estavam fechadas e aferrolhadas; e eu fiquei ao pé da escada de pedra, olhando para cima, para o alto do Olympic Tower, querendo saber se Dora estava me vendo ali parado, congelando no frio e deixando que a neve batesse no meu rosto, suave, persistente, prejudicial e bela.

— Está bem, Memnoch — disse eu em voz alta. — Não precisa esperar mais. Venha agora, por favor, se quiser.

Imediatamente ouvi os passos!

Era como se estivessem ecoando no vale monstruoso da Quinta Avenida, entre as horrendas Torres de Babel, e eu houvesse lançado minha sorte aos quatro ventos.

Dei voltas e mais voltas. Nenhum mortal à vista!

— Memnoch, o Demônio! — gritei. — Estou pronto. Eu estava morrendo de medo.

— Prove-me sua argumentação, Memnoch. Você tem de fazer isso! — protestei.

Os passos estavam ficando mais altos. Ah, ele estava aprontando uma das suas.

— Lembre-se. Você tem de fazer com que eu encare as coisas do seu ponto de vista! Foi o que prometeu!

Um vento começava a se formar, mas de onde vinha eu não saberia dizer. Toda a enorme metrópole parecia vazia, congelada, meu túmulo. A neve rodopiou e se adensou diante da catedral. As torres sumiram.

Ouvi sua voz bem ao meu lado, incorpórea e íntima.

— Está bem, meu amado — disse ele. — Vamos começar agora.



Estávamos no turbilhão, e o turbilhão era um túnel, mas entre nós caiu um silêncio no qual eu podia ouvir minha própria respiração. Memnoch estava tão perto de mim, com o braço prendendo meu corpo, que eu podia ver seu rosto escuro de perfil e sentir seu cabelo tocar o lado do meu próprio rosto.

Ele não era agora o Homem Comum, mas na realidade o anjo de granito, com asas que subiam tanto que saíam do meu foco e se dobravam em volta de nós, contra a força do vento.

À medida que ascendíamos, sem a mais leve referência a qualquer tipo de gravidade, duas coisas ficaram aparentes para mim de imediato. A primeira foi que estávamos cercados de milhares e milhares de almas individuais. Estou falando de almas! O que eu estava vendo? Eu via formas no turbilhão, algumas perfeitamente antropomórficas, outras apenas rostos, mas ao meu redor, de todos os lados, havia indivíduos ou entidades espirituais distintas, e eu ouvia muito de leve suas vozes, sussurros, gritos e uivos, fundindo-se com o vento.

O som agora não conseguia me ferir, como havia ocorrido nas aparições anteriores. Mesmo assim, eu ouvia essa multidão enquanto alçávamos vôo, girando como que em torno de um eixo, e o túnel se estreitando de repente de tal modo que as almas pareciam nos tocar e depois se alargando, só para voltar a se estreitar.

A segunda coisa que percebi instantaneamente foi que a escuridão estava desbotando ou sendo totalmente drenada da forma de Memnoch. Seu perfil estava luminoso e até mesmo translúcido; da mesma forma que seus trajas amorfos e sem importância. E as pernas de bode do Demônio sinistro eram agora as pernas de um homem grande. Em suma, toda a presença obscura e esfumaçada havia sido substituída por algo cristalino e cheio de reflexos, mas que dava a impressão de docilidade, calor e vida.

As palavras voltaram a me ocorrer, trechos bíblicos, de visões, de poesia e alegações proféticas; mas não havia tempo para avaliar, analisar, gravar na memória.

Memnoch falava comigo numa voz que pode não ter sido tecnicamente audível, embora eu ouvisse a fala conhecida e sem sotaque do Homem Comum.

— Agora, é difícil ir até o Paraíso sem a menor preparação, e você vai ficar confuso e atordoado com o que vir. No entanto, se você não vir isso primeiro, vai ansiar por isso durante todo o nosso diálogo. Por isso, vou levá-lo aos próprios portais. Esteja preparado para saber que o riso que ouvir não é riso. É

alegria. Vai chegar a você como riso porque essa é a única forma na qual um som de tanto êxtase pode ser recebido ou percebido em termos físicos.

Mal ele havia terminado a última sílaba e nos encontramos parados num jardim, numa ponte sobre um córrego! Por um instante, a luz invadiu tanto meus olhos que eu os fechei, pensando que o sol do nosso sistema solar me havia encontrado e estava prestes a me queimar como eu deveria ter sido queimado: um vampiro transformado numa tocha e depois extinto para sempre.

Só que essa luz onipresente era perfeitamente penetrante e perfeitamente benéfica. Abri meus olhos e percebi que estávamos novamente no meio de centenas de outros indivíduos. E às margens do córrego, bem como em todas as direções, vi seres que se cumprimentavam, se abraçavam, conversavam, choravam e gritavam. Como antes, as formas pareciam em todos os graus de nitidez. Um homem era tão sólido como se eu tivesse topado com ele na rua de alguma cidade. Outro indivíduo apresentava nada mais do que uma expressão facial gigantesca; enquanto outros pareciam turbilhões de fragmentos de matéria e luz. Outros eram perfeitamente diáfanos. Alguns pareciam invisíveis, embora eu soubesse que estavam ali! O número era impossível de determinar.

O lugar não tinha fim. As águas do próprio córrego brilhavam com a luz refletida; a grama era de um verde tão forte que parecia estar no próprio ato de se tornar grama, de nascer, como se estivesse num quadro ou num desenho animado!

Agarrei-me a Memnoch e me virei para observá-lo nessa nova forma luminosa. Ele era agora o perfeito contrário do anjo escuro, que se avolumava. No entanto, o rosto apresentava as mesmas feições fortes da estátua de granito; e os olhos, a mesma expressão enfarruscada e terna. Contemple os anjos e demônios de William Blake e terá visto a imagem. Ela fica fora dos limites da inocência.

— Agora vamos entrar — disse ele.

Percebi que estava me agarrando a ele com as duas mãos.

— Você quer dizer que *aqui* não é o Paraíso! — exclamei, e minha voz saiu como uma fala direta, íntima, só entre nós dois.

— Não — disse ele, sorrindo e me conduzindo para que eu atravessasse a ponte. — Quando estivermos lá dentro, você vai precisar ser forte. Você precisa ter em mente que está no seu corpo preso à matéria, por extraordinário que seja, e que seus sentidos ficarão desnorteados! Você não será capaz de suportar o que estiver vendo como seria se estivesse morto, se fosse um anjo ou meu assistente, que é o que eu quero que você se torne.

Não houve tempo para discutir. Hávamos passado céleres pela ponte. Portões gigantescos abriam-se diante de nós. Não dava para eu ver o alto dos muros.

O som aumentou e nos envolveu. E, na realidade, era como o riso, ondas e mais ondas de riso tremulante e límpido, só que também era canoro, como se todos os que estavam rindo também estivessem entoando cânticos a plenos pulmões ao mesmo tempo.

O que eu via, porém, me desnorteou tanto quanto o que ouvia.

Este era simplesmente o lugar mais denso, mais cheio de energia, mais

animado e mais profundamente magnífico que eu jamais havia visto. Nossa língua precisa de inúmeros sinônimos para o belo. Os olhos viam o que a palavra não tem condições de descrever.

Mais uma vez, havia gente por toda parte, pessoas cheias de luz e de nítida forma antropomórfica. Elas tinham braços, pernas, rostos radiantes, cabelos, trajes de todos os tipos possíveis, embora nenhuma vestimenta chegasse a aparentar grande importância. E essas pessoas se movimentavam, percorrendo trilhas em grupos ou sós, ou se reuniam, com abraços, toques, estendendo-se para alcançar as outras, dando-se as mãos.

Voltei-me para a direita e para a esquerda, depois olhei ao meu redor, e em todas as direções eu via essas multidões de seres, imersos em conversa, diálogo ou algum tipo de comunicação, alguns deles aos abraços e beijos, outros dançando, e os grupos e bandos não paravam de mudar, crescer, encolher e se espalhar.

Na verdade, a combinação da aparente desordem com a ordem era o mistério. Aquilo não era o caos. Não era a confusão. Não era uma algazarra. Parecia ser o júbilo de uma reunião enorme e final, e por final quero dizer que me parecia uma resolução de algo que se desenrolava perpetuamente, um assombro de revelação prolongada, uma compreensão que se acumulava e crescia, compartilhada por todos que estavam participando, enquanto se apressavam ou se movimentavam com languidez (ou mesmo, em alguns casos, ficavam por ali sentados sem fazer quase nada), entre montes e vales, ao longo de caminhos, através de áreas cobertas de bosques e entrando em prédios que pareciam sair um de dentro do outro, como nenhuma estrutura que eu jamais houvesse visto na terra.

Em parte alguma, vi algo especificamente doméstico, como uma casa ou mesmo um palácio. Pelo contrário, as estruturas eram infinitamente maiores, cheias de uma luz tão forte quanto a do jardim, com corredores e escadas que se ramificavam aqui e ali com perfeita fluidez. No entanto, tudo estava coberto de ornamentação. Na realidade, as superfícies e texturas eram tão variadas que qualquer uma delas poderia ter me mantido absorto para sempre.

Não consigo transmitir a sensação de observação simultânea que tive. Para falar agora, preciso seguir uma sequência. Preciso indicar várias partes desse ambiente brilhante e infinito, a fim de lançar minha própria luz falível sobre o todo.

Havia arcos, torres, salões, galerias, jardins, campos imensos, florestas, regatos. Uma área ia dar na outra, e por todas elas eu passava, com Memnoch ao meu lado, segurando-me firme com sua mão poderosa. Repetidas vezes, meus olhos foram atraídos pela beleza espetacular de uma escultura, de uma cortina de flores ou de uma árvore gigantesca a estender os ramos para o azul sem nuvens, só para que ele virasse meu corpo de volta como se estivesse me mantendo em cima de uma corda esticada, da qual uma queda seria fatal.

Eu ri; chorei; fiz as duas coisas ao mesmo tempo; e meu corpo se abalava com as emoções. Grudei-me a ele e tentei olhar por cima do seu ombro e à sua volta. Eu me torcia nas suas mãos como um bebê, virando-me para encarar essa ou aquela pessoa que por acaso olhasse para mim, ou para procurar ver um

momento de quietude nos grupos, assembléias e congregações à medida que eles se movimentavam e mudavam. De repente, estávamos num imenso salão.

— Meu Deus, se David pudesse ver isso! — exclamei. Os livros e pergaminhos eram incontáveis, e parecia não haver nada de ilógico ou confuso na maneira na qual todos esses documentos estavam abertos e prontos para serem examinados.

— Não olhe, porque você não vai se lembrar depois — disse Memnoch. Ele agarrava minha mão como se eu fosse uma criancinha. Eu havia tentado segurar um pergaminho que estava coberto de uma explicação absolutamente espantosa de algo relacionado a átomos, fótons e neutrinos. Mas ele estava com a razão. O conhecimento sumiu imediatamente, e o jardim que se desdobrava nos cercou quando perdi o equilíbrio e caí de encontro a Memnoch.

Baixei os olhos ao chão e vi flores de total perfeição; flores que eram as flores que as flores do nosso mundo poderiam se tornar! Não sei de nenhuma outra forma para descrever como era esmerada a apresentação das pétalas, dos centros e das cores. As próprias cores eram tão nítidas e tão bem delineadas que de repente eu não soube ao certo se nosso espectro se aplicava.

Quer dizer, acho que nosso espectro de cores não era o limite! Creio que havia algum outro conjunto de normas. Ou era apenas uma expansão, um dom de ser capaz de ver combinações de cores que não são visíveis quimicamente na terra.

As ondas de riso, de canto, de conversa, foram ficando tão altas a ponto de confundir meus outros sentidos. De repente, senti que o som me deixava cego; e no entanto a luz estava desnudando cada detalhe precioso.

— Safrino! — exclamei, de repente, procurando identificar o azul-esverdeado das folhas enormes que nos cercavam e que oscilavam delicadamente de um lado para o outro. Memnoch sorriu e baixou a cabeça como num gesto de aprovação, mais uma vez estendendo a mão para me impedir de tocar no Paraíso, de tentar me apoderar de parte do esplendor que eu estava vendo.

— Mas eu não tenho como causar danos ao que tocar, não é? — Subitamente, parecia inconcebível que alguém pudesse atingir qualquer coisa ali, desde os muros de quartzo e cristal com suas torres e campanários que não paravam de subir, até as trepadeiras delicadas e macias que iam se enredando nos galhos de árvores carregadas de flores e frutos magníficos. — Não, não, eu não ia querer causar nenhum dano!

Minha própria voz soou distinta aos meus ouvidos, muito embora as vozes de todos os que me cercavam parecessem abafá-la.

— Olhe! — disse Memnoch. — Olhe só para eles. Olhe! — E ele virou minha cabeça como se quisesse me forçar a não me acovardar contra seu peito mas a encarar direto as multidões. E percebi que aquilo que estava testemunhando eram alianças, clãs que se reuniam, famílias, grupos de parentes ou de amigos de verdade, seres cujo conhecimento uns dos outros era profundo, criaturas que compartilhavam manifestações físicas e materiais semelhantes! E por um momento admirável, um instante esplêndido, vi que todos esses seres de um extremo ao outro daquele lugar sem fim estavam ligados, pelas mãos, pelas

pontas dos dedos, pelos braços, pelo contato de um pé. Que, de fato, cada clã se enlaçava dentro do ventre do clã, que cada tribo se espalhava para se insinuar entre inúmeras famílias, que as famílias se uniam para formar nações, e que toda aquela congregação era no fundo uma configuração palpável, visível e interligada! Todos entravam em contato com todos os outros. Todos, cada um na sua individualidade, recorriam à individualidade de todos os outros!

Pisquei, estonteado, quase desmaiando. Memnoch me segurou.

— Olhe mais! — sussurrou ele, mantendo-me em pé.

Eu, porém, cobri os olhos, porque sabia que, se visse as interligações novamente, desmaiaria! Eu morreria dentro do meu próprio sentido de individualidade! E no entanto, cada um dos seres que eu via era independente.

— Eles são todos eles mesmos! — exclamei. Minhas mãos estavam grudadas nos meus olhos. Eu ouvia com intensidade cada vez maior as canções entusiásticas, que se elevavam; os longos improvisos e vozes em cascata. E, por trás de tudo aquilo, vinha uma tal seqüência de ritmos harmoniosos, que se encadeavam, que eu mesmo comecei a cantar.

Cantei com todos os outros! Fiquei imóvel, livre de Memnoch por um instante, abri os olhos e ouvi minha voz saindo de mim e subindo como que para penetrar no próprio universo.

Cantei a valer; mas meu canto era cheio de anseio, imensa curiosidade e frustração, bem como de celebração. E me ocorreu, de fato a idéia me atingiu com violência, que em nenhum lugar ao meu redor havia alguém que se sentisse inseguro ou insatisfeito; não havia nada que se parecesse com o entorpecimento ou com o tédio. E entretanto o termo "frenético" não se aplicava de modo algum ao movimento e mudança constantes das expressões e formas que eu via.

Minha canção era a única nota triste no Paraíso; e, mesmo assim, a tristeza foi transfigurada imediatamente em harmonia, numa espécie de salmo ou cântico, num hino de louvor, assombro e gratidão.

Dei um grito. Acho que gritei a simples palavra "Deus". Não se tratou de uma oração, de uma confirmação, nem mesmo de um apelo, mas apenas de uma enorme exclamação.

Ficamos parados num portal. Mais adiante, apareciam panoramas e mais panoramas, e eu de repente tive a vaga sensação de que, do outro lado da balaustrada próxima, lá embaixo ficava o mundo.

O mundo como eu nunca o havia visto em todas as suas eras, com todos os segredos do passado revelados. Eu só precisava correr até o parapeito e, olhando para baixo, poderia espiar a época do Éden, da Antiga Mesopotâmia ou de algum momento quando as legiões romanas haviam marchado pelos bosques da minha terra natal. Eu veria a grande erupção do Vesúvio a derramar suas cinzas horrendas e fatais sobre a antiga cidade viva de Pompéia.

Tudo ali para ser conhecido e finalmente compreendido, todas as perguntas resolvidas, o cheiro de outros tempos, o sabor...

Corri na direção da balaustrada, que parecia ficar cada vez mais distante. Eu me dirigia a ela com velocidade cada vez maior. Mesmo assim, a distância era intransponível, e de repente tive a forte percepção de que essa visão da Terra viria mesclada com fumaça, fogo e sofrimento; e que ela poderia eliminar

totalmente de mim a transbordante sensação de alegria. Eu, no entanto, precisava ver. Eu não estava morto. Não estava ali para ficar.

Memnoch estendeu a mão para me alcançar. Mas eu corria mais do que ele.

Repentinamente, uma luz imensa surgiu, uma fonte direta infinitamente mais quente e mais luminosa do que a luz esplêndida que já caía sem preconceitos sobre tudo que eu podia ver. Essa imensa luz magnética foi aumentando até que o mundo lá embaixo, a enorme paisagem obscura de fumaça, horror e sofrimento, ficou branca pela ação dessa luz, tornando-se como que uma abstração de si mesma, a um passo de entrar em combustão.

Memnoch puxou-me para trás, levantando os braços para cobrir meus olhos. Eu fiz o mesmo. Percebi que ele havia inclinado a cabeça e estava escondendo os próprios olhos atrás de mim.

Ouvi-o suspirar, ou teria sido um gemido? Eu não sabia dizer. Por um segundo, o som encheu o universo; todos os gritos, o riso e o canto; bem como algo pesaroso, vindo das profundezas da Terra; tudo isso estava no suspiro de Memnoch.

De repente, senti que seus braços fortes relaxavam e me soltavam.

Ergui os olhos e, no meio de toda aquela luz, vi novamente a balastrada e, encostada nela, havia uma única forma.

Era uma figura alta que estava parada ali com as mãos no parapeito, olhando por cima dele lá para baixo. Parecia ser um homem. Ele se voltou, olhou para mim e estendeu as mãos para me acolher.

Seus cabelos e seus olhos eram escuros, acastanhados; o rosto, perfeitamente simétrico e impecável; o olhar, intenso; e o aperto de seus dedos, muito forte.

Respirei fundo. Senti meu corpo em toda a sua solidez e fragilidade enquanto seus dedos se grudavam a mim. Eu estava a um passo da morte. Poderia ter deixado de respirar naquele momento, ou deixado de me movimentar com o compromisso com a vida e poderia ter morrido!

O ser me puxou para junto de si, com uma luz que jorrava dele e se mesclava com a luz por trás dele e em toda a sua volta, de tal modo que seu rosto ficou mais luminoso, embora mais nítido e mais detalhado. Eu vi os poros da sua pele dourada, amorenada, vi as linhas dos seus lábios, a sombra da barba que havia sido feita.

E então ele falou em voz alta, em tom de apelo, num tom desolado, uma voz forte, masculina e talvez até mesmo jovem.

— Você nunca seria meu adversário, não é? Não mesmo, não é? Não você, Lestat, não, você não!

Meu Deus.

Em perfeita agonia, fui arrancado das Suas mãos, do Seu meio, do Seu ambiente.

O turbilhão mais uma vez nos envolveu. Suspirei e bati no peito de Memnoch. O Paraíso havia sumido!

— Memnoch, quero que me solte! Deus, era Deus!

Memnoch me segurou mais ainda, empenhando-se com toda a sua força

para me transportar para baixo, para fazer com que eu me submetesse, para me forçar a começar a descida.

Afundamos, aquela queda horrível, que despertou em mim tanto medo que não consegui protestar, nem me agarrar a Memnoch, ou fazer qualquer outra coisa a não ser observar as correntes velozes de almas em ascensão, ao nosso redor, observar, em queda, as trevas que voltavam, tudo escurecendo, até que de repente estávamos atravessando um ar úmido, cheio de fragrâncias naturais e conhecidas, e então chegamos a um pouso suave e silencioso.

Era mais uma vez um jardim. Era tranquilo e belo. Mas era na Terra. Isso eu sabia. Minha terra. E ele não provocava nenhuma decepção na sua complexidade, nos seus cheiros ou na substância. Pelo contrário, caí sobre a grama e deixei que meus dedos escavassem a própria terra. Eu a senti macia e áspera debaixo das minhas unhas. Dei um suspiro. Eu podia sentir o gosto da lama.

O sol batia em nós, em nós dois. Memnoch estava sentado olhando para mim, com suas asas imensas que depois foram desbotando lentamente, até que nós nos tornamos duas figuras semelhantes aos homens: uma deitada e chorando como uma criança, e a outra um grande Anjo, refletindo e esperando, os cabelos como uma juba de luz que aos poucos se acalmava.

— Você ouviu o que Ele me disse! — exclamei, pondo-me sentado. Minha voz deveria ter sido ensurdecedora, mas ela pareceu ser apenas alta o suficiente para ser perfeitamente compreendida. — Ele disse que eu nunca seria Seu adversário. Você O ouviu! Ele me chamou pelo meu nome.

Memnoch estava totalmente calmo, e é claro que era infinitamente mais sedutor e encantador nessa pálida forma angelical do que jamais poderia ter sido como o Homem Comum.

— É claro que o chamou pelo nome — disse ele, com os olhos se arregalando para dar ênfase. — Ele não quer que você me ajude. Já lhe disse. Eu estou ganhando.

— Mas o que é que nós estávamos fazendo lá? Como poderíamos entrar no Paraíso e ainda ser seus adversários?

— Venha comigo, Lestat, para ser meu assistente, e você poderá ter livre acesso sempre que quiser.

Encarei-o num silêncio espantado.

— Você está falando sério? Entrar e sair à vontade?

— Isso mesmo. A qualquer hora. Como eu lhe disse. Você não conhece as Escrituras? Não estou reivindicando a autenticidade dos fragmentos que nos restam, nem mesmo da poesia original, mas é claro que se tem livre acesso. Você não pertence ao lugar enquanto não for salvo e estiver lá. Mas é certo que você pode entrar e sair, desde que esteja comigo.

Procurei compreender o que ele estava dizendo. Procurei visualizar novamente as galerias, as bibliotecas, as longuíssimas fileiras de livros, e percebi de repente que tudo havia perdido a substância. Que os detalhes estavam desaparecendo. Que eu estava retendo um décimo do que havia contemplado; talvez ainda menos. O que descrevi aqui neste livro é o que consegui recordar naquela ocasião e agora. E havia tanto mais!

— Como é possível que Ele nos tenha deixado entrar no Paraíso?! — exclamei. Procurei me concentrar nas Escrituras, algo que David dissera muito tempo atrás a respeito do Livro de Jó, algo sobre Satanás voar de um lado para o outro e Deus perguntar, quase despreocupadamente, por onde ele teria andado. Alguma explicação do *bene ha elohim* ou da corte do paraíso.

— Nós somos seus filhos — disse Memnoch. — Você quer saber como tudo começou, a história inteira e verdadeira da Criação e da Queda, ou quer voltar e simplesmente se atirar em Seus braços?

— O que mais posso querer? — Mas eu sabia a resposta. Havia uma compreensão do que Memnoch estava dizendo. E havia também alguma exigência para conseguir entrar lá! Eu não podia simplesmente ir, e Memnoch sabia disso. Eu tinha opções, sim, e elas eram as seguintes, ou bem acompanhar Memnoch ou bem voltar para a terra. Já a entrada no Paraíso dificilmente seria automática. A observação havia sido sarcástica. Eu não podia voltar e me atirar nos braços de Deus.

— Você tem razão — disse ele. — E você está também muito equivocado.

— Eu não quero ver o Inferno! — declarei de repente. Eu me pus de pé e recuei. Olhei ao nosso redor. Aquele era um jardim abandonado, aquele era meu Jardim Selvagem, de trepadeiras espinhentas e árvores atarracadas, com o capim crescendo à vontade e orquídeas grudadas às protuberâncias musguentas dos galhos, com pássaros voando lá no alto acima das teias de folhas. — Não quero ver o Inferno! — gritei. — Não quero, não quero!

Memnoch não respondeu. Pareceu estar levando as coisas em consideração e depois falou.

— Você quer saber o motivo de tudo isso, ou não? Eu tinha tanta certeza de que você fosse querer saber, justo você entre todas as criaturas. Imaginei que você fosse querer até a última gota de informação.

— Eu quero! — protestei. — Claro que quero saber, mas acho... acho que não posso.

— Eu posso lhe transmitir tudo o que sei — disse ele, delicadamente, com um pequeno movimento de desdém daqueles seus ombros poderosos.

Seu cabelo era mais liso e mais forte do que o cabelo humano, com os fios talvez mais grossos e sem dúvida mais incandescentes. Eu via as raízes do seu cabelo no alto da testa lisa. A cabeleira estava se arrumando sozinha, sem som nenhum, ou apenas estava ficando menos despenteada. A pele do seu rosto era igualmente lisa e aparentemente maleável por toda parte, no nariz longo e bem-feito, na boca larga e generosa, nas linhas firmes do maxilar.

Percebi que suas asas ainda estavam lá, mas que haviam ficado quase invisíveis. O desenho das penas, camadas e mais camadas de penas, era visível, mas só se eu forçasse muito os olhos e procurasse discernir os detalhes em comparação com algo de escuro por trás dele, como a casca de uma árvore.

— Não consigo pensar. Entendo o que você pensa de mim. Você acha que escolheu um covarde! Acha que cometeu um terrível engano. Mas vou lhe dizer uma coisa, não consigo raciocinar. Eu... eu O vi. Ele disse que eu não ia querer ser Seu adversário! Você me pede que eu seja logo isso! Foi você quem me levou a Ele e quem me afastou Dele.

— Como Ele mesmo permitiu! — disse Memnoch, erguendo ligeiramente as sobrancelhas.

— É mesmo?

— Claro que sim! — respondeu ele.

— Então por que Ele me fez o apelo? Porque apresentou aquela expressão?

— Porque Ele era Deus Encarnado, e Deus Encarnado sofre e tem sentimentos com Sua forma humana. Por isso, Ele Se entregou tanto. Só por isso. O sofrimento. Ah, o sofrimento!

Ele olhou para o céu e abanou a cabeça. Franziu um pouco a testa, pensativo. Nessa forma, seu rosto não conseguia aparentar fúria ou se deformar com alguma emoção desagradável. Blake havia conhecido o Paraíso.

— Mas era Deus — disse eu.

— Era, sim — disse, fatigado, concordando, com a cabeça um pouco inclinada. — O Senhor Vivo. — Ele desviou o olhar para as árvores. Não parecia zangado, impaciente ou sequer entediado. Novamente, eu não sabia se ele poderia. Percebi que ele estava prestando atenção a sons no jardim macio, e que eu os ouvia também.

Eu sentia o cheiro das coisas: animais, insetos, o perfume inebriante das flores da selva, aquelas flores mutantes, excessivamente aquecidas que uma floresta tropical consegue alimentar nas suas profundezas ou nas suas alturas frondosas. De repente, captei o cheiro de seres humanos!

Havia gente na floresta. Estávamos num lugar real.

— Há outros por aqui — disse eu.

— É — disse ele. E então sorriu para mim com muita ternura. — Você não é um covarde. Quer que eu lhe conte tudo ou que simplesmente o deixe ir? Você agora sabe mais do que milhões jamais chegarão a vislumbrar em toda a vida. Você não sabe o que fazer com esse conhecimento, como continuar a existir ou a ser o que é... mas você teve um relance do Paraíso. Quer que eu o deixe ir? Ou não quer saber por que preciso tanto de você?

— É, quero mesmo saber — disse eu. — Mas acima de tudo, mais do que qualquer outra coisa, quero saber como você e eu podemos ficar ali um ao lado do outro, adversários, e como você pode ter essa aparência que tem e ser o Demônio; e como... e como — dei uma risada — eu posso ter a aparência que tenho e ser o demônio que fui! É isso o que quero saber. Nunca em toda a minha existência vi um desrespeito às leis da estética. A beleza, o ritmo, a simetria, estas são as únicas leis que conheci que pareciam naturais.

— E sempre as chamei de Jardim Selvagem! Porque elas pareciam impiedosas e indiferentes ao sofrimento, à beleza da borboleta presa na teia da aranha! Ao gnu que jaz na savana com o coração ainda pulsando enquanto os leões vêm lamber o ferimento no seu pescoço.

— É, como eu compreendo e respeito sua filosofia — disse ele. — Faça minhas as suas palavras.

— Mas eu vi lá em cima alguma outra coisa! Vi o Paraíso. Vi o jardim aperfeiçoado que não era mais Selvagem. Eu o vi! — Comecei a chorar de novo.

— Eu sei, eu sei — disse ele, consolando-me.

— Está bem. — Voltei a me pôr em pé, envergonhado. Procurei nos bolsos,

encontrei um lenço de cambraia, apanhei-o e limpei meu rosto. O tecido tinha o cheiro da minha casa em Nova Orleans, onde o paletó e o lenço estavam guardados até o pôr-do-sol dessa noite, quando eu os havia tirado do armário para ir raptar Dora das ruas.

— Ou será que não era a mesma noite? Eu não fazia a menor idéia.

Apertei o lenço contra minha boca. Eu sentia o cheiro do calor, do bolor e da poeira de Nova Orleans. Limpei minha boca.

— Está bem! — declarei, ofegante. — Se você não está totalmente enojado comigo...

— De modo algum! — disse ele, com a delicadeza com que David poderia ter falado.

— Conte-me, então, a História da Criação. Conte-me tudo. Vá em frente! Pode falar! Eu...

— Sim... ?

— Eu *preciso* saber!

Ele se pôs de pé e sacudiu o capim da sua túnica solta.

— Era isso o que eu estava esperando. Agora, podemos começar de verdade.



— Vamos atravessar a floresta enquanto conversamos — disse ele. — Se você não se importa de caminhar.

— Não, nem um pouco — disse eu.

Ele sacudiu um pouco mais de capim das suas vestes, uma túnica bem tecida que parecia neutra e simples, traje que poderia ter sido usado ontem ou há milhões de anos. Sua forma inteira era ligeiramente maior do que a minha, e talvez maior do que a da maioria dos seres humanos. Ele cumpria toda a promessa mítica de um anjo, só que as asas brancas permaneciam diáfanas, mantendo seu formato sob algum tipo de manto de invisibilidade, aparentemente mais por conveniência do que por qualquer outro motivo.

— Nós não nos encontramos no Tempo — disse ele. — Não se preocupe com os homens e mulheres na floresta. Eles não nos vêem. Ninguém aqui consegue nos ver; e, por isso, posso manter minha forma atual. Não preciso recorrer ao sinistro corpo diabólico que Ele acredita ser adequado às manobras terrestres, ou ao Homem Comum, que é minha própria escolha discreta.

— Você quer dizer que não poderia ter aparecido para mim na Terra na sua forma angelical?

— Não sem muita argumentação e súplica; e francamente eu não quis usá-la. Ela é por demais irresistível. Ela teria exercido muita influência a meu favor. Nesta forma, dou uma impressão de bondade inerente. Não posso entrar no Paraíso sem esta forma. Ele não quer ver a outra, e eu não O culpo. E francamente, na Terra, é mais fácil eu me movimentar como o Homem Comum.

Levantei-me, trêmulo, aceitando sua mão, que era firme e calorosa. Na realidade, seu corpo parecia tão sólido quanto o de Roger me havia parecido próximo do final da sua aparição. Meu corpo dava a impressão de ser completo, inteiro e meu mesmo.

Não fiquei surpreso ao descobrir que meu cabelo estava todo embaraçado. Apressado, passei um pente por ele, para me sentir melhor, e sacudi o pó da roupa, o terno escuro que havia vestido em Nova Orleans, que estava cheio de minúsculas partículas de poeira e um pouco de capim do jardim mas, fora isso, intacto. Minha camisa estava rasgada no colarinho, como se eu mesmo a houvesse aberto com pressa num esforço para respirar. Sob qualquer outro aspecto, eu tinha a elegância de sempre, parado ali em meio a uma floresta densa e verdejante, que não se parecia com nada que eu já houvesse visto.

Mesmo uma inspeção superficial indicava que não se tratava de nenhuma floresta tropical, mas algo consideravelmente menos denso, embora igualmente primitivo.

— Fora do Tempo — disse eu.

— Bem, passando por ele como nos é conveniente — disse ele. — Estamos apenas alguns milênios antes do seu tempo, se você precisa saber. Mas veja bem, os homens e mulheres que perambulam por aqui não nos verão. Por isso, não se preocupe. E os animais não podem nos ferir. Nós aqui somos observadores, mas não afetamos nada. Venha. Conheço de cor esta região; e, se você me acompanhar, verá que temos um caminho fácil através da selva. Tenho muito a lhe dizer. As coisas à nossa volta vão começar a mudar.

— E esse seu corpo? Ele não é uma ilusão? Ele é completo.

— Os anjos são invisíveis, por natureza. Ou seja, somos imateriais no sentido de matéria terrena, da matéria do universo físico ou seja lá do que for que você use para descrever a matéria. No entanto, você acertou na sua primeira especulação de que temos um corpo essencial; e de que podemos reunir a nossa volta matéria suficiente de toda uma variedade de fontes para criar para nós mesmos um corpo inteiro e que funcione, que mais tarde podemos desmanchar e dispersar de acordo com nossa vontade.

Fomos andando devagar e sem dificuldade pelo capim. Para minhas botas, suficientemente pesadas para o inverno de Nova York, o terreno irregular não foi absolutamente nenhum problema.

— O que estou dizendo — prosseguiu Memnoch, olhando de cima para mim (ele talvez fosse uns dez centímetros mais alto do que eu) com seus enormes olhos amendoados — é que este não é um corpo emprestado, nem é estritamente um corpo criado. É meu corpo quando cercado e impregnado de matéria. Em outras palavras, é o resultado lógico da minha essência quando ela atrai para si todos os diversos materiais de que precisa.

— Você quer dizer que tem essa aparência porque é assim que você é.

— Exatamente. O corpo diabólico é um castigo. O Homem Comum é um disfarce. Mas esta aqui é minha aparência. Havia anjos como eu por todo o Paraíso. Você voltou sua atenção mais para as almas humanas do Paraíso. Mas os anjos estavam lá.

Procurei me lembrar. Será que eu avistara seres mais altos, seres alados? Achei que sim, mas não tive certeza. De repente, o estrondo beatífico do Paraíso atingiu meus ouvidos. Senti a alegria, a segurança e, acima de tudo, a satisfação daqueles que ali prosperavam. Mas anjos, não, eu não havia percebido.

— Eu assumo minha forma exata — continuou Memnoch — quando estou no Paraíso ou fora do Tempo. Quando estou só, por assim dizer, e não estou preso à matéria. Outros anjos, Miguel, Gabriel, qualquer um deles, podem aparecer na Terra na sua forma glorificada, se quiserem. Mais uma vez, isso seria natural. A matéria ao ser atraída a eles pela sua força magnética lhes dá a forma de maior beleza, como Deus os criou. Mas, na maior parte do tempo, eles não permitem que isso aconteça. Eles andam por aí como Homens ou Mulheres Comuns, simplesmente porque é muito mais fácil agir assim. Deixar os seres humanos constantemente atordoados não serve aos nossos objetivos: nem aos do Senhor,

nem aos meus.

— E é essa a questão. Qual é o objetivo? O que você está fazendo se você não é o mal?

— Vamos começar pela Criação. E deixe-me lhe dizer logo que não sei nada sobre a questão de onde Deus veio, por que ou como. Ninguém sabe isso. Os autores místicos, os profetas da Terra, os hindus, os zoroastrianos, os hebreus, os egípcios, todos reconheceram a impossibilidade da compreensão da origem de Deus. Essa realmente não é a questão para mim, e nunca foi, embora eu imagine que no final dos tempos nós venhamos a saber.

— Você está dizendo que Deus não prometeu que nós saberíamos de onde Ele veio?

— Quer saber de uma coisa? — disse ele, com um sorriso. — Acho que nem Deus sabe. Acho que esse é todo o objetivo do universo físico. Ele acha que vai descobrir através da observação de como evolui o universo. O que Ele criou é *mesmo* um gigantesco Jardim Selvagem, uma experiência gigantesca, para ver se o resultado final produz seres como Ele próprio. Nós somos feitos à Sua imagem, todos nós... Ele é antropomórfico, sem dúvida, mas Ele também não é matéria.

— E quando a luz se fez, quando você cobriu os olhos no Paraíso, aquilo era Deus.

Ele assentiu.

— Era Deus, o Pai, Deus, a Essência, Brama, o Senhor, o Bom Deus, *En Sof*, Jeová, Deus!

— Então, como é que ele pode ser antropomórfico?

— Sua essência tem uma forma, do mesmo modo que a minha. Nós, Suas primeiras criações, fomos feitos à Sua imagem. Ele nos disse isso. Ele tem duas pernas, dois braços, uma cabeça. Ele nos fez imagens invisíveis do mesmo. E depois criou o universo para estudar o desenvolvimento dessa forma através da matéria, está entendendo?

— Não muito.

— Creio que Deus trabalhou de trás para a frente, partindo do modelo que tinha de Si mesmo. Criou um universo físico cujas leis resultariam na evolução de criaturas que se assemelhariam a Ele. Elas seriam compostas de matéria. A não ser por uma diferença importante e espantosa. Ah, mas a verdade é que houve tantas surpresas. Você já conhece minha opinião. Seu amigo David tomou conhecimento dela quando era mortal. Para mim, o plano de Deus deu terrivelmente errado.

— É, David disse isso mesmo, que ele achava que os anjos consideravam totalmente errado o plano de Deus para a Criação.

— Isso mesmo. Acho que a princípio Ele agiu assim para descobrir como teria sido se Ele tivesse sido Matéria. E creio que Ele estivesse à procura de uma pista quanto ao modo pelo qual chegou aonde Ele está. E ao motivo pelo qual Ele tem a forma que tem, que é uma forma parecida com a minha ou a sua. Ao observar a evolução do homem, Ele espera compreender Sua própria evolução, se é que algo semelhante de fato ocorreu. E, se isso funcionou de modo satisfatório para Ele, bem, só você pode tirar uma conclusão.

— Espere aí — disse eu. — Se ele é um espírito feito de luz, ou feito de nada, o que Lhe deu a idéia da matéria, para início de conversa?

— Ah, esse é o mistério cósmico. Na minha opinião, Sua imaginação criou a Matéria, ou a previu, ou ainda ansiou por ela. E creio que o anseio por ela foi o aspecto mais importante que havia em Sua mente. Sabe, Lestat, se Ele próprio Se originou da Matéria... então tudo isso é uma experiência para se ver quando a Matéria poderá evoluir, transformando-se novamente em Deus.

— Se Ele não originou a Matéria, se prosseguiu e ela é algo que Ele imaginou, desejou e pelo qual ansiou, bem, os efeitos sobre Ele são essencialmente os mesmos. Ele quis a Matéria. Não estava satisfeito sem ela. Ou não a teria criado. Não foi nenhum acidente, posso lhe garantir.

— Mas deixe-me preveni-lo. Nem todos os anjos estão de acordo quanto a essa interpretação. Alguns consideram que não há nenhuma necessidade de interpretação, e alguns têm teorias completamente diferentes. Essa é a minha. E, como sou o Demônio, e sempre fui há séculos, como sou o Adversário, o Príncipe das Trevas, o Senhor do Mundo dos Homens e do Inferno, creio ser válido expor minha opinião. Creio ser válido acreditar nela. Pois aí está meu artigo de fé.

— O projeto do universo é imenso, resumindo numa palavra, mas todo o processo da evolução foi uma experiência calculada por Ele, e nós, os anjos, fomos criados muito antes que o processo começasse.

— Como era tudo antes da Matéria?

— Não sei lhe dizer. Eu sei, mas, para ser exato, não me lembro. A razão para isso é simples. Quando a Matéria foi criada, também criou-se o Tempo. Todos os anjos começaram a existir não só em perfeição celestial com Deus, mas para testemunharem o Tempo e serem arrastados com ele.

— Agora conseguimos sair dele, e eu posso até certo ponto recordar a época em que não havia a atração da Matéria ou do Tempo; mas realmente não sei mais lhe dizer como era aquele estágio. A Matéria e o Tempo transformaram tudo completamente. Eles não só apagaram o estado puro que os precedera; eles o superaram; eles o ofuscaram; eles... como vou poder dizer... ?

— Eles o eclipsaram.

— Exato. A Matéria e o Tempo eclipsaram o Início dos Tempos.

— Mas você se lembra de ter sido feliz?

— Pergunta interessante. Eu ousaria dizer isso? — perguntou ele a si mesmo enquanto continuava a especular. — Eu ousaria dizer que me lembro da ânsia, do incompleto, mais do que me lembro da felicidade? Eu ousaria dizer que havia menos a compreender?

— Não se pode subestimar o efeito exercido sobre nós pela criação do universo físico. Pense por um instante, se conseguir, no que o Tempo significa e em como você poderia se sentir desgraçado sem ele. Não, não me expressei direito. O que eu quero dizer é que, sem o Tempo, você não poderia ter consciência de si mesmo, fosse em termos de fracasso, fosse em termos de realização; em termos de movimento de avanço ou de recuo, ou mesmo para qualquer efeito.

— Compreendo. Como ocorre com os velhos que perderam tanto de sua

capacidade mental que já não têm nenhuma memória de um momento para o outro. Vegetam, de olhos arregalados, mas não são mais humanos como o restante da espécie porque não têm consciência de nada... de si mesmos ou de qualquer outra coisa.

— Analogia perfeita. Embora eu deva assegurá-lo de que esses indivíduos idosos e feridos ainda têm almas, que em algum momento determinado deixarão de depender dos seus cérebros inválidos.

— Almas! — exclamei.

Caminhávamos devagar mas com ritmo regular, e eu procurei não me deixar distrair pelo verde, pelas flores; mas as flores sempre me seduziram. E aqui eu via flores de um tamanho que nosso mundo certamente consideraria pouco prático e impossível de sustentar. No entanto, essas eram espécies de árvores que eu conhecia. Esse era o mundo como havia sido um dia.

— É, você tem razão quanto a isso. Está sentindo o calor ao nosso redor? Esta é uma época de um belo desenvolvimento evolutivo no planeta. Quando os homens falam do Éden ou do Paraíso, estão se "lembrando" desta era.

— A Idade do Gelo ainda está por vir.

— A segunda Idade do Gelo está chegando. Decididamente. Com ela o mundo irá se renovar, e o Éden voltará a existir. Durante toda a Idade do Gelo, os homens e mulheres se desenvolverão. Mas tenha em mente, é claro, que mesmo a esta altura a vida como a conhecemos já existia há milhões de anos!

Parei. Levei as mãos ao rosto. Procurei pensar naquilo tudo novamente. (Se você quiser fazer o mesmo, basta reler as duas últimas páginas.)

— Mas Ele sabia o que era a Matéria! — disse eu.

— Não, não tenho certeza disso — retrucou Memnoch. — Ele tomou daquela semente, daquele ovo, daquela essência, e a moldou numa forma que se tornou a Matéria! Mas não sei com que fidelidade Ele previu o que isso significaria.

Você percebe, essa é nossa grande desavença. Acho que Ele não vê as conseqüências dos Seus atos! Acho que Ele não presta atenção! Essa é a razão da grande briga!

— Quer dizer que Ele criou a Matéria talvez através da descoberta do que ela era à medida que Ele a criava.

— Isso, a Matéria e a energia, que são intercambiáveis, como você sabe. É, Ele as criou, e eu suspeito que o segredo para compreendê-Lo esteja na palavra "energia". Que, se a anatomia humana algum dia chegar ao ponto em que os anjos e Deus possam ser explicados satisfatoriamente em linguagem humana, a energia será o segredo.

— Quer dizer que Ele era energia — disse eu — e, ao criar o universo, Ele fez com que parte dessa energia se transformasse em Matéria.

— É, e que criasse um intercâmbio circular independente Dele mesmo. Mas é claro que ninguém nos disse tudo isso no princípio. Ele não disse. Acho que Ele não sabia. É certo que nós não sabíamos. Tudo o que sabíamos era que ficávamos deslumbrados com Suas criações. Ficávamos absolutamente espantados com o toque, o sabor, o calor, a solidez e a atração gravitacional da Matéria na sua luta com a energia. Nós conhecíamos apenas o que víamos.

— Ah, e vocês viram o universo se expandindo. Vocês viram o *Big Bang*.

— Use esse termo com ceticismo. É, nós vimos quando o universo começou a existir; vimos quando tudo como que foi posto em funcionamento. E ficamos mais do que assombrados! É por isso que praticamente toda religião primitiva na Terra celebra a majestade, a grandiosidade, o poder e o gênio do Criador; por que motivo os primeiros hinos primitivos que tiveram letra na Terra cantam as glórias de Deus. Nós ficamos impressionados, exatamente como os humanos mais tarde ficariam; e, nas nossas mentes angelicais, Deus era Todo-poderoso, Magnífico e Além da Compreensão antes que o homem surgisse.

— Permita, porém, que eu lhe relembre, especialmente agora que estamos cruzando esse jardim fabuloso, que nós testemunhamos milhões de explosões e transformações químicas, revoluções, todas as quais envolviam moléculas inorgânicas antes que a "vida", como a chamamos, tivesse surgido.

— As cadeias de montanhas estavam aqui.

— Estavam.

— E as chuvas?

— Simplesmente torrenciais, torrenciais.

— Erupções de vulcões.

— Constantes. Você não pode imaginar como estávamos fascinados. Nós observávamos a atmosfera se adensar e crescer, observávamos sua mudança de composição.

— E então, então, veio o que chamarei de Treze Revelações da Evolução Física. E por revelação, estou me referindo ao que foi revelado no processo aos anjos, àqueles de nós que Velavam, a *nós*.

— Eu poderia falar em detalhes mais específicos, levá-lo dentro de cada espécie básica de organismo que um dia viveu neste mundo. Mas você não iria se lembrar de tudo. Vou lhe contar o que você tem condições de recordar, para que possa tomar sua decisão enquanto ainda está vivo.

— Eu estou vivo?

— Claro que está. Sua alma nunca sofreu a morte física. Ela nunca deixou a Terra, a não ser comigo por permissão especial para esta viagem. Você sabe que está vivo. Você é Lestat de Lioncourt, muito embora seu corpo tenha sido transmutado pela invasão de um espírito estranho e alquímico, cuja história e cujas aflições você mesmo registrou.

— Para seguir com você... para decidir acompanhá-lo... terei de morrer, não é?

— Naturalmente.

Descobri-me mais uma vez paralisado, com as mãos grudadas à cabeça. Olhei para baixo, para o capim sob minhas botas. Percebi o enxamear da luz cheia de insetos, reunidos no sol que batia em nós. Olhei para o reflexo da luminosidade e da floresta verdejante nos olhos de Memnoch.

Ele ergueu a mão muito devagar, como se me estivesse concedendo total oportunidade de me afastar dele, e então pousou a mão no meu ombro. Eu adorava esse tipo de gesto, o gesto respeitoso. Era tão freqüente que eu mesmo procurasse fazê-lo.

— A escolha é sua, está lembrado? Você pode voltar a ser exatamente o

que é agora.

Não pude responder. Eu sabia o que estava pensando. *Imortal, material, apegado à matéria, vampiro*. No entanto, não pronunciei as palavras. Como alguém poderia voltar disso que eu era? E mais uma vez, vi Seu rosto e ouvi Suas palavras. *Você nunca seria meu adversário, não é?*

— Você está reagindo muito bem ao que eu lhe digo — afirmou ele, com simpatia. — Eu já sabia disso, por uma série de razões.

— Por quê? Diga-me por que motivo. Preciso que me tranqüilize um pouco. Estou por demais abalado por tudo que chorei e balbuciei, embora deva confessar que não estou muito interessado em falar de mim mesmo.

— O que você é faz parte do que estamos fazendo — disse ele. Havíamos chegado a uma enorme teia de aranha, suspensa sobre a largura do nosso caminho por fios grossos, cintilantes. Com respeito, ele se abaixou para passar em vez de destruí-la, recolhendo as asas para junto do corpo, e eu segui seu exemplo.

— Você é curioso. Esta é a sua virtude — disse ele. — Você deseja saber. Foi isso o que seu venerável Marius lhe disse; que ele, tendo sobrevivido por milhares de anos, ou melhor, quase isso... estava disposto a responder às suas perguntas, como jovem criatura vampiresca, porque suas perguntas estavam sendo propostas de fato! Você queria saber. E foi isso o que me atraiu em você também.

— Apesar de toda a sua insolência, você desejava saber! Você proferiu insultos horríveis a mim e a Deus constantemente, mas a verdade é que todos agem assim nos tempos de hoje. Não há nada de extraordinário nisso, só que no seu caso havia um assombro e uma curiosidade imensa e genuína. Você viu o Jardim Selvagem, em vez de simplesmente assumir um papel ali. Pois isso tem a ver com os motivos pelos quais o escolhi.

— Está bem — disse eu, com um suspiro. Fazia sentido. Claro que eu me lembrava de Marius revelando-se a mim. Lembrava-me de que ele disse as mesmas coisas às quais Memnoch fez referência. E eu sabia também que meu amor intenso por David e por Dora girava em torno de traços muito semelhantes nestes dois seres: uma vontade de saber que era destemida e se dispunha a assumir a consequência das respostas!

— Meu Deus, minha Dora. Será que ela está bem?

— Ah, é esse tipo de coisa que me surpreende, a facilidade com que você pode ser distraído. Logo quando eu imagino que realmente o espantei e que dominei sua atenção, você recua e exige uma resposta nos seus próprios termos. Não se trata de uma violação da sua curiosidade, mas é um meio de controlar a investigação, por assim dizer.

— Você está dizendo que eu devo, por enquanto, me esquecer de Dora?

— Vou mais além. Não há nada com que você deva se preocupar. Seus amigos, Armand e David, encontraram Dora e estão cuidando dela, sem se revelar a ela.

Ele deu um sorriso tranqüilizador e abanou a cabeça com um pouco de dúvida, talvez repreensão.

— E você precisa se lembrar de que sua querida Dora tem seus próprios

recursos físicos e mentais que são fortes. Você bem pode ter cumprido o que Roger lhe pediu. Sua crença em Deus a destacou dos outros muitos anos atrás. Agora o que você lhe mostrou só aumentou seu compromisso com tudo aquilo em que ela acredita. Não quero falar mais em Dora. Quero continuar a descrever a Criação.

— Continue, por favor.

— Agora, onde é que nós estávamos? Deus existia, e nós estávamos com Ele. Nós tínhamos formas antropomórficas, mas não as chamávamos assim porque nunca havíamos visto nossa forma em representação material. Nós conhecíamos nossos membros, nossas cabeças, nossos rostos, nossas formas e uma espécie de movimento que é puramente celestial, mas que organiza todas as nossas partes com harmonia, com fluidez. No entanto, nada sabíamos da Matéria ou da forma material. Deus, então, criou o Universo e o Tempo.

— Bem, todos nós ficamos espantados, e também fascinados! Absolutamente fascinados.

— Deus nos disse, "Olhem para isso, porque será belo e superará suas idéias e expectativas, como superará as Minhas".

— Deus disse isso.

— Disse, para mim e para os outros anjos que olhássemos. E se você examinar as Escrituras em várias formas, descobrirá que um dos primeiros termos usados para nós, os anjos, é o de Guardiães.

— Ah, sim, em Enoque e em muitos textos hebraicos.

— Certo. E examine as outras religiões no mundo, cujos símbolos e linguagem lhe são menos familiares, e verá uma cosmologia de seres semelhantes, uma raça primeira de criaturas semelhantes a Deus que cuidavam dos seres humanos ou os precediam. Está tudo truncado, mas de certa forma está tudo lá. Nós fomos as testemunhas da Criação de Deus. Nós a precedemos e, portanto, não testemunhamos nossa própria criação. Mas estávamos lá quando Ele fez as estrelas!

— Você está dizendo que essas outras religiões... que elas possuem a mesma validade da religião à qual estamos nos referindo de modo tão óbvio? Estamos falando de Deus e de Nosso Senhor como se fôssemos católicos europeus...

— Tudo aparece truncado, em inúmeros textos no mundo inteiro. Há textos hoje irrecuperáveis que continham informações espantosamente precisas sobre a cosmologia; e há textos conhecidos pelos homens. Há também textos que foram esquecidos mas que foram redescobertos com o tempo.

— Ah, com o tempo.

— Tudo é essencialmente a mesma história. Mas preste atenção ao meu ponto de vista sobre ela, e não terá dificuldade em conciliá-lo com seus próprios referenciais, e com a simbologia que lhe fale com maior clareza.

— Mas a legitimidade das outras religiões! Você está dizendo que o ser que vi no Paraíso não era Cristo.

— Eu *não* disse isso. Por sinal, eu disse que Ele era Deus Encarnado. Espere até chegarmos lá!

Havíamos saído da floresta e estávamos agora parados no que parecia ser a

fronteira de uma savana. Pela primeira vez, vislumbrei os humanos cujo cheiro vinha me distraíndo: um bando muito distante de nômades sumariamente vestidos que se movimentavam com firmeza através do capim. Deviam ser uns trinta, talvez menos.

— E a Idade do Gelo ainda está por vir — repeti. Dei algumas voltas, procurando absorver e gravar na memória os detalhes das árvores imensas. Mas, no exato instante em que eu fazia isso, percebia que a floresta havia mudado.

— Mas olhe com cuidado para os seres humanos. Olhe! — Ele apontou para eles. — O que você está vendo?

Forcei a vista e invoquei meus poderes vampírescos para observar melhor.

— São homens e mulheres, muito parecidos com os de hoje em dia. É, eu diria que se trata de *Homo sapiens sapiens*. Eu diria que eles são da nossa espécie.

— Exato. E o que você percebe no rosto deles?

— Que têm expressões distintas que parecem perfeitamente modernas, pelo menos legíveis a uma mente moderna. Alguns têm a expressão enfarruscada; alguns estão conversando; um ou outro parece estar pensativo. O homem desganhado que os acompanha com dificuldade parece infeliz. E a mulher, a mulher de seios enormes, você tem certeza de que ela não está nos vendo?

— Não está. Ela só está olhando nesta direção. O que a diferencia dos homens?

— Bem, os seios, é claro. E o fato de não ter barba. Os homens têm barba. Naturalmente, seu cabelo é mais comprido; e, bem, ela é bonita. Tem uma estrutura delicada. É feminina. Não está carregando um bebê, mas as outras estão. Ela deve ser a mais nova, ou alguma que ainda não tenha dado à luz.

Ele fez que sim.

Parecia que ela estava nos vendo. Forçava a vista como eu forçava a minha. Seu rosto era oval, meio comprido, o que um arqueólogo chamaria de Cro-Magnon. Nada de primata nela, ou na sua gente. No entanto, não era loura. Sua pele era de um dourado escuro, bem parecida com a dos povos árabes ou semitas, como a Sua pele lá em cima no Paraíso. O cabelo escuro voou graciosamente com o vento quando ela se virou para seguir em frente.

— Essas pessoas estão totalmente nuas. Memnoch deu uma pequena risada.

Voltamos a entrar na floresta. A savana desapareceu. O ar à nossa volta era denso, úmido, perfumado.

Imensas, acima de nós, as coníferas e as samambaias. Eu jamais havia visto samambaias daquele tamanho, com suas folhas monstruosas muito maiores do que folhas de bananeiras. Quanto às coníferas, eu só as podia comparar às sequóias enormes, primitivas, das florestas do oeste da Califórnia, árvores que sempre me inspiraram medo e solidão.

Ele continuou a nos guiar, indiferente a essa floresta tropical apinhada, através da qual abríamos caminho. Bichos passavam rastejando por nós; havia rugidos abafados ao longe. A própria terra apresentava uma cobertura de vegetação verde, aveludada e enrugada, e às vezes de rochas aparentemente vivas!

De repente, eu me dei conta de uma brisa muito fresca e olhei de relance para trás. A savana e os seres humanos já haviam desaparecido há muito. As samambaias sombreadas cresciam tão densas atrás de nós que demorei um instante para perceber que caía uma chuva do céu, lá em cima, atingindo as folhagens mais altas e apenas nos tocando com seu som suave, tranqüilizante.

Nessa floresta, nunca houvera seres humanos, isso era certo, mas que tipos de monstros havia ali, que poderiam surgir das sombras?

— Agora — disse Memnoch, afastando sem esforço a folhagem densa com o braço direito enquanto continuávamos a andar. — Vamos passar aos aspectos específicos, ou o que organizei como as Treze Revelações da Evolução, da forma que os anjos as perceberam e as debateram com Deus. Veja bem, todo o tempo, estaremos falando apenas deste mundo. Planetas, estrelas, outras galáxias, tudo isso não tem nada a ver com nossa discussão.

— Você quer dizer que nós somos a única forma de vida no Universo inteiro?

— Quero dizer que meu mundo, meu paraíso e meu Deus são tudo o que conheço.

— Entendi.

— Como já lhe disse, nós testemunhamos complexos processos geológicos; vimos o surgimento das montanhas, vimos a criação dos mares, vimos o movimento dos continentes. Nossos hinos de louvor e assombro não tinham fim. Você não pode imaginar a cantoria no Paraíso. Você ouviu apenas uma amostra do que foi, num Paraíso cheio de almas humanas. Naquela época, éramos apenas os coros celestiais, e cada nova evolução sugeria seus salmos e cânticos. O som era diferente. Melhor, não, isso não, mas não era o mesmo.

— Enquanto isso, estávamos muito ocupados, descendo até a atmosfera da Terra, esquecidos da sua composição, perdendo-nos na contemplação de vários detalhes. As minúcias da vida envolviam uma exigência à nossa capacidade de concentração que não existia no reino celeste.

— Você quer dizer que lá tudo era grande e claro.

— Exatamente. Além de plenamente iluminado. O Amor de Deus não era de modo algum aumentado, ampliado ou complicado por qualquer questão de detalhes ínfimos.

Hávamos chegado, então, a uma cascata, estreita, violenta, que caía numa piscina borbulhante. Parei ali por um instante, refrescado pelos finos respingos da água no meu rosto e nas minhas mãos. Memnoch parecia estar apreciando o mesmo que eu.

Pela primeira vez, percebi que ele estava descalço. Ele mergulhou lentamente o pé na água e ficou olhando os redemoinhos em volta dos seus dedos. As unhas eram da cor do marfim, aparadas com perfeição.

Enquanto ele olhava para a água borbulhante e agitada, suas asas foram ficando visíveis, subindo eretas de repente até formar enormes picos acima dele; e eu vi que a umidade cintilava ao cobrir as asas. Houve uma comoção. As asas pareceram se fechar, exatamente como as de um pássaro, dobrando-se às suas costas, para depois desaparecer.

— Imagine agora as legiões de anjos, as multidões de todas as classes, pois

há classes, descendo até a terra para se apaixonar por algo tão simples quanto essa água que borbulha diante de nós, ou pela cor inconstante da luz do sol quando penetra a camada gasosa que cerca o próprio planeta.

— Era mais interessante do que o Paraíso?

— Era. Tem-se de admitir que era. É claro que, ao voltar, sente-se plena satisfação no Paraíso, especialmente se Deus está contente. Mas volta o anseio, a curiosidade inata. Os pensamentos pareciam se acumular na nossa cabeça. Foi assim que tomamos consciência de que tínhamos uma mente; mas deixe-me passar às Treze Revelações.

— A Primeira Revelação foi a transformação de moléculas inorgânicas em orgânicas... da rocha para a ínfima molécula viva, por assim dizer. Esqueça-se da floresta. Ela não existia. Mas olhe para a piscina natural. Foi em piscinas como esta, contidas nas mãos das montanhas, aquecidas, movimentadas e cheias de gases oriundos das fornalhas da terra, que essas coisas começaram: o surgimento das primeiras moléculas orgânicas.

— Elevou-se aos Céus um clamor. "Senhor, olhai o que a Matéria fez." E o Todo-poderoso deu seu costumeiro sorriso radiante de aprovação. "Esperem e verão", disse Ele novamente. E, enquanto observávamos, surgiu uma Segunda Revelação. As moléculas começaram a se organizar em três formas de Materiais: células, enzimas e genes. Na realidade, mal surgia a forma unicelular desses seres, começavam a aparecer as formas pluricelulares. E o que nós havíamos previsto nas primeiras moléculas orgânicas agora estava perfeitamente aparente. Alguma centelha de vida animava essas coisas. Elas possuíam alguma forma tosca de objetivo, e era como se pudéssemos ver aquela centelha de vida e reconhecê-la como uma prova ínfima, diminuta, da essência de vida que possuíamos em abundância!

Em suma, o mundo estava cheio de comoção de um tipo totalmente novo. E, enquanto observávamos esses pequeninos seres pluricelulares à deriva na água, reunindo-se de modo a formar as algas mais primitivas, ou os fungos, vimos que essas coisas verdes e vivas passavam a se fixar na própria terra! De dentro d'água, saiu o lodo que estava grudado há milhões de anos às margens. E a partir dessas coisinhas verdes, rasteiras, brotaram as samambaias e as coníferas que você vê ao nosso redor, que finalmente se ergueram até atingir enorme tamanho.

— Ora, os anjos têm tamanho. E nós sabíamos andar por baixo dessas coisas no mundo coberto de verde. Ouça mais uma vez com sua imaginação, se quiser, os hinos de louvor que subiram aos céus. Preste atenção, por favor, à alegria de Deus, percebendo tudo isso com Seu próprio Intelecto e através dos coros, dos relatos e das orações dos anjos!

— Os anjos começaram a se espalhar por toda a terra. Começaram a apreciar certos lugares. Alguns preferiam as montanhas; outros, os vales profundos; alguns, as águas; outros, a floresta de frondes e sombras verdes.

— E assim eles se tornaram como os espíritos das águas — disse eu. — Ou os espíritos dos bosques, todos os espíritos que os homens mais tarde viriam a cultuar.

— Correto. Mas você se adiantou demais!

— Minha reação a essas duas primeiras Revelações foi semelhante à de

muitos das minhas legiões. Assim que detectávamos uma centelha de vida emanando daqueles organismos vegetais pluricelulares, também começávamos a sentir a morte daquela centelha, quando um organismo devorava o outro ou corria mais do que o outro e lhe roubava o alimento. Nós de fato víamos a multiplicidade e a destruição!

— O que antes havia sido mera troca, intercâmbio de energia e matéria, agora assumia uma nova dimensão. Começamos a ver o início da Terceira Revelação. No entanto, ela só nos atingiu em cheio quando os primeiros organismos animais se distinguiram dos vegetais.

— Enquanto observávamos seus movimentos bruscos e determinados, com sua variedade de opções aparentemente maior, vimos que a centelha de vida que eles apresentavam era *de fato muito semelhante* à vida que tínhamos dentro de nós. E o que estava acontecendo com essas criaturas? Com esses pequenos bichinhos e plantas?

— Eles morriam. Era isso o que estava acontecendo. Eles nasciam, viviam, morriam e entravam em decomposição. E essa foi a Terceira Revelação da Evolução: Morte e Decomposição.

O rosto de Memnoch assumiu a expressão mais sinistra que eu já havia visto. Ele manteve a inocência e o assombro, mas foi anuviado por algo terrível que parecia ser um misto de medo e decepção. Talvez fosse apenas a perplexidade ingênua diante de alguma conclusão horrível.

— A Terceira Revelação era a Morte e a Decomposição — disse eu. — E você sentiu repugnância por ela.

— Repugnância, não! Simplesmente supus que tinha de ser um erro! Subi voando ao Paraíso. "Olhai", disse eu a Deus, "essas coisinhas podem parar de viver. A centelha pode se apagar, como nunca poderia acontecer comigo ou com o Senhor. E depois o que resta deles na matéria apodrece." Não fui o único anjo que foi desafiar Deus com esse grande clamor.

— Mas creio que meus hinos de admiração passaram a ser mais coloridos pela suspeita e pelo medo. O medo havia nascido no meu coração. Eu ainda não sabia, mas ele havia chegado a mim com a percepção da morte e da decomposição; e essa percepção me parecia punitiva. — Ele olhou para mim.

— Lembre-se, nós somos anjos. Até aquele momento, não havia na nossa cabeça nada de punitivo; nos nossos pensamentos, nada que gerasse sofrimento! Você está entendendo? E eu sofri; e o medo era apenas um pequeno componente da sensação.

— E o que Deus disse?

— O que você acha que Ele disse?

— Que tudo fazia parte de um plano.

— Isso mesmo. "Observem. Observem, e verão que essencialmente nada de novo está acontecendo. É o mesmo intercâmbio de matéria e energia."

— E o que dizer da centelha? — perguntei eu.

— Deus nos disse que éramos seres vivos, que era um crédito à nossa fina inteligência o fato de percebermos uma coisa dessas. E mandou que observássemos. Mais estava por vir.

— Mas o sofrimento, o aspecto punitivo...

— Tudo foi resolvido numa Grande Discussão. Uma discussão com Deus não envolve apenas palavras coerentes, mas um amor imenso por Ele, a Luz que você viu, a nos cercar e a permear todos nós. O que Deus nos deu teve um efeito tranquilizador, e talvez o efeito exigido por esse vislumbre do sofrimento em mim, o de que Não Havia Nada a Temer.

— Compreendo.

— Agora, vem a Quarta Revelação. Lembre-se de que minha organização dessas revelações é arbitrária. Como já disse, não posso lhe apresentar todas as minúcias. A Quarta Revelação é a que eu chamo de Revelação das Cores, e começou com o florescer das plantas. A criação das flores, a introdução de uma forma totalmente mais extravagante e visivelmente linda de reprodução entre organismos. Agora compreenda que a reprodução sempre havia existido. Mesmo nos animais unicelulares havia existido reprodução.

— Mas as flores! As flores traziam uma profusão de cores que jamais havia sido vista antes na natureza, a não ser no arco-íris! Nós havíamos conhecido as cores no Paraíso e as considerávamos puramente celestiais. Agora, víamos que elas não eram puramente celestiais, mas que podiam se desenvolver nesse imenso laboratório chamado terra por motivos naturais.

— Devo dizer que, a essa altura, cores espetaculares também estavam sendo desenvolvidas em criaturas marinhas, em peixes nas águas mornas. Mas as flores em particular me impressionavam com sua beleza delicada. E, quando ficou óbvio que as espécies iam ser inúmeras, que haveria uma infinidade de modelos de pétalas, nossos louvores subiram aos céus com uma tal harmonia que tudo que existia antes pareceu inferior e não tão profundo.

— É claro que essa música já mostrava vestígios de algo sombrio... será que eu ousou dizer isso? A hesitação ou a sombra produzida em nós pela Revelação da Morte e da Decomposição. E agora, com as flores, esse elemento sombrio ficou ainda mais forte nas nossas canções e exclamações de assombro e gratidão pois, quando as flores caíam, quando perdiam suas pétalas, quando tombavam ao chão, isso nos parecia uma perda terrível.

— A centelha de vida havia emanado com mais vigor dessas flores bem como das plantas e árvores maiores que estavam crescendo por toda parte em profusão; e assim a música assumia seus tons sombrios.

— Nós estávamos, porém, mais fascinados com a terra do que nunca. De fato, eu diria que naquela época a característica do Paraíso se havia transformado totalmente. Todo o Paraíso, Deus, os anjos em todas as suas hierarquias, focalizavam agora sua atenção na Terra. Era impossível ficar no Paraíso meramente cantando para Deus como antes. A música teria de conter algo sobre a Matéria, o processo e a beleza. E é claro que aqueles anjos que faziam os cânticos mais complexos entreteciam esses elementos, a morte, a decomposição, a beleza, criando hinos mais coerentes do que os que se originavam de mim.

— Estava perturbado. Eu tinha uma mente insone na minha alma, creio eu. Tinha em mim algo que já se havia tornado insaciável...

— Essas palavras, eu disse essas palavras a David quando falei de você, quando você começou a me perseguir — disse eu.

— Elas são de um antigo poema que se cantava a meu respeito, escrito em

hebraico e agora raramente encontrado traduzido em qualquer parte do mundo. Essas eram as palavras do Oráculo Sibilino na sua descrição dos Guardiães... nós os anjos que Deus havia enviado para observar. Ela estava certa. Eu gostava da sua poesia e por isso me lembro das palavras. Adotei a expressão na minha definição de mim mesmo. Só Deus sabe por que os outros anjos se aproximam mais do contentamento.

Toda a atitude de Memnoch se havia tornado grave. Perguntei-me se a música do Paraíso que *eu* havia ouvido incluía esse aspecto sombrio que ele me descrevia ou se sua pura alegria havia sido restaurada.

— Não, você agora está ouvindo a música de almas humanas no Paraíso bem como a dos anjos. Os sons são totalmente diferentes. Mas vamos voltar depressa às Revelações porque eu sei que elas não são fáceis de captar a não ser como um todo.

— A Quinta Revelação foi a da Encefalização. Algum tempo antes, os animais se haviam diferenciado das plantas dentro d'água, e agora essas criaturas gelatinosas estavam começando a formar sistemas nervosos e esqueletos. E, com essa formação, surgiu o processo da encefalização. As criaturas começaram a desenvolver cabeças!

— E nunca escapou à nossa atenção por um divino instante que fosse que nós, como anjos, tínhamos cabeça! Os processos do raciocínio daqueles organismos em evolução estavam centrados na cabeça. O mesmo acontecia conosco, obviamente! Ninguém precisava nos dizer isso. Nossa inteligência angelical sabia como nós éramos organizados. Os olhos revelavam tudo. Nós tínhamos olhos, e esses olhos faziam parte do nosso cérebro. A visão nos guiava nos nossos movimentos e nas nossas reações, bem como na nossa busca pelo conhecimento, mais do que qualquer outro dos sentidos.

— Houve um tumulto nos céus. "Senhor", disse eu, "essas criaturas estão desenvolvendo formas... membros... cabeças." E novamente elevaram-se os hinos, mas dessa vez mesclados com confusão além de êxtase, um medo terrível de que coisas desse tipo pudessem acontecer, de que da Matéria pudessem brotar coisas que tivessem cabeça.

— E então, mesmo antes que os répteis comessem a sair rastejando do mar para a terra, mesmo antes que isso acontecesse, surgiu a Sexta Revelação, que despertou em mim nada menos do que horror. Essas criaturas, com suas cabeças e seus membros, não importa o quanto fossem absurdas ou diversas em suas estruturas, essas coisas tinham rosto! Rostos como os nossos. Estou querendo dizer que o antropóide mais simples tinha dois olhos, um nariz e uma boca. Tratava-se de um rosto, como o que eu tenho! Primeiro, a cabeça. Agora, o rosto, a expressão da inteligência no interior da mente!

— Eu estava estupefato! Criei as piores discussões. "Será que isso é algo que Vós quereis que aconteça? Onde tudo isso irá acabar? O que são essas criaturas? A centelha de vida proveniente delas está ficando mais forte, produzindo mais calor e está morrendo com dificuldade! Estais prestando atenção?" Alguns dos anjos meus companheiros ficaram horrorizados.

— Eles me disseram que eu estava abusando da paciência de Deus. Era óbvio que havia um parentesco entre nós, por magníficos que fôssemos, filhos de

Deus, habitantes do *bene ha elohim*, e essas criaturas. A cabeça, o rosto, é, era evidente. Mas como ousaríamos questionar o plano de Deus?

— Eu não conseguia me consolar. Estava cheio demais de suspeitas, da mesma forma que aqueles que concordavam comigo. Estávamos intrigados. E lá voltamos nós à Terra, seduzidos pela terra a perambular, a caminhar. Agora eu podia medir meu tamanho pela escala das coisas, como mencionei anteriormente, e podia ficar deitado em macias camas de plantas, ouvindo-as crescer, pensando nelas e deixando que suas cores me enchessem os olhos.

— Mesmo assim, a ameaça do desastre me atormentava. E então aconteceu algo excepcional comigo. Deus veio a mim.

— Deus não sai do Paraíso quando age dessa forma. Ele apenas como que Se expande. Sua luz desceu e me apanhou onde eu estava, envolveu-me nela e me encostou n'Ele. E Ele começou a falar comigo.

— É claro que isso me deu um consolo imediato. Eu me havia negado a felicidade do Paraíso durante longos períodos; e agora, ao ver que essa felicidade descia a mim e me envolvia em perfeito amor e paz, fiquei satisfeito. Todos os meus argumentos e dúvidas me abandonaram. A dor me abandonou. Abrandou-se o efeito punitivo exercido pela morte e pela decomposição sobre minha mente.

— Deus falou. É claro que eu estava em fusão com Ele e não fazia nenhuma idéia da minha forma naquele momento. Já havíamos estado tão unidos muitas vezes no passado, e estávamos unidos desse jeito quando eu fui criado e saí de dentro de Deus. Mesmo assim, foi uma bênção profunda e misericordiosa que aquilo acontecesse naquela hora.

— "Você vê mais do que os outros anjos", disse Ele. "Você pensa em termos do futuro, conceito que eles apenas estão começando a aprender. Eles são como espelhos a refletir a magnificência de cada etapa, enquanto você tem lá suas suspeitas. Você não confia em mim."

— Essas palavras me encheram de mágoa. "Você não confia em mim." Eu não havia considerado meus medos como desconfiança. E mal eu me dera conta disso, essa percepção bastou para Deus, e Ele me chamou de volta ao Paraíso, dizendo que agora eu deveria observar mais de lá de cima, em vez de me embrenhar tanto no mundo.

Eu só podia olhar espantado para Memnoch enquanto ele explicava tudo isso. Estávamos parados à beira do córrego. Ele não parecia consolado agora que estava me falando desse consolo. Só ansioso para continuar com seu relato.

— Voltei mesmo ao Paraíso; mas, como já lhe disse, toda a composição do Paraíso agora estava mudada. O Paraíso tinha a atenção voltada para a Terra. A Terra era o Discurso Celestial. E eu nunca tive tanta consciência disso quanto nessa minha volta. Fui até Deus, ajoelhei-me em adoração, extravasei minhas emoções, minhas dúvidas, acima de tudo minha gratidão por Ele ter vindo a mim como veio. Perguntei-lhe se eu tinha novamente liberdade para voltar ao Mundo lá embaixo.

— Ele me deu uma das Suas sublimes respostas evasivas, querendo dizer que eu não estava proibido de fazê-lo, que eu era um Guardião e que meu dever era Velar. Por isso, descii...

— Espere — disse eu. — Quero lhe fazer uma pergunta.

— Pois não — respondeu ele com paciência. — Mas venha. Prossigamos viagem. Você pode pisar nas pedras para atravessar o córrego.

Eu o segui dessa forma, sem dificuldade, e, dentro de minutos, havíamos deixado o som da água atrás de nós e estávamos numa floresta ainda mais densa, apinhada, creio eu, de criaturas, embora eu não soubesse dizer ao certo.

— Minha pergunta — insisti — era a seguinte: o Paraíso era enfadonho em comparação com a Terra?

— Ah, nunca. É só que a Terra era o foco da nossa atenção. Não se podia estar no Paraíso e ignorar a Terra porque todos no Paraíso estavam velando a Terra e cantando a seu respeito. Só isso. Não, o Paraíso era tão fascinante e jubiloso quanto sempre. Na realidade, o tom sombrio que havia sido introduzido, o reconhecimento solene da decomposição e da morte, se havia somado à infinita variação das coisas que poderiam ser ditas, cantadas e elaboradas no Paraíso.

— Compreendo. O Paraíso se expandia com essas revelações.

— Sempre! E lembre-se da música. Nunca, nunca pense que esse é um lugar-comum da religião. A música atingia novas alturas o tempo todo na sua celebração do assombro. Milênios passariam até que os instrumentos físicos alcançassem um nível em que pudessem fazer até mesmo uma pálida imitação dos sons da música dos anjos: suas vozes mescladas ao bater das asas, com alguma interação com os ventos que subiam da Terra.

Fiz que sim.

— O que foi? — perguntou ele. — O que você está querendo dizer? — Não consigo pôr em palavras! E que nossa compreensão do Paraíso é

sempre falha porque não nos ensinaram isso, que o Paraíso tem a atenção voltada para a terra. Ora, em toda a minha vida, jamais ouvi outra coisa que não fosse o contrário, a difamação da matéria, o fato de ela ser uma prisão para a alma.

— Bem, você viu o Paraíso com seus próprios olhos — disse ele. — Mas deixe-me continuar.

— A Sétima Revelação foi que os animais saíam do mar. Que eles entravam nas florestas que agora cobriam a terra e descobriam como viver ali. Nasceram os répteis. Eles se tornaram lagartos enormes, monstros, animais de tal porte que nem mesmo a força dos anjos poderia tê-los detido. E esses animais tinham cabeça e rosto; e agora eles não só nadavam com suas pernas, pernas como as nossas, mas caminhavam com elas, e alguns caminhavam sobre duas pernas em vez de quatro, mantendo junto ao peito duas perninhas pequenas, como nossos braços.

— Eu observava esses acontecimentos como quem observa o avanço do fogo. De uma chama ínfima, que produzia calor, eu agora via um incêndio de grandes proporções.

— Surgiam insetos de todas as formas. Alguns saíam pelo ar com uma forma de vôo muito diferente e monstruosa em comparação com a nossa. O mundo formigava com todas essas novas espécies de seres vivos, que se movimentavam, famintos, pois cada criatura se alimentava da outra, como sempre havia sido, mas agora, com os animais, matar e devorar haviam ficado muito mais óbvios e aconteciam não apenas em brigas minúsculas mas em

gigantescas escaramuças entre lagartos que se retalhavam mutuamente, e enormes aves répteis que conseguiam mergulhar sobre as criaturas inferiores que rastejavam para carregá-las para seus ninhos.

— A forma de reprodução começou a mudar. Havia criaturas que nasciam de ovos. Depois, alguns filhotes saíam vivos de dentro da mãe.

— Durante milhões de anos, estudei essas coisas, conversando com Deus sobre elas, com maior ou menor atenção, cantando quando a beleza me assoberbava, subindo ao paraíso e geralmente descobrindo que minhas perguntas perturbavam a todos como antes. Acalorados debates ocorriam. Será que não deveríamos questionar nada? Vejam, a centelha da vida sai monstruosa e quente do grande lagarto no instante em que ele morre! E repetidas vezes fui aceito no seio de Deus, exatamente quando achava que minha agitação não me daria um instante de paz.

— "Olhe com mais cuidado para o sistema todo. Você está deliberadamente vendo apenas partes dele", disse-me Ele, salientando, como fizera desde o início, que não se ouvia falar em desperdício no universo, que a decomposição gerava alimentos para os outros, que os meios de troca eram agora Matar e Devorar, Digerir e Expelir.

— "Quando estou conVosco, vejo a beleza disso tudo. Mas quando desço, quando rolo no capim alto, vejo tudo diferente. "

— "Você é meu anjo e meu Guardião. Supere essa contradição", disse ele.

— Voltei a descer à Terra. E então surgiu a Oitava Revelação da Evolução: o aparecimento de aves de sangue quente com *asas providas de penas!*

Eu sorri. Em parte, era a expressão no seu rosto, a expressão paciente, sábia, e a ênfase com a qual ele havia descrito as asas.

— Asas providas de penas! Primeiro, vimos nosso rosto na cabeça de insetos, de lagartos e monstros! E agora, veja só, há uma criatura de sangue quente, uma criatura totalmente mais frágil, pulsando com sua vida precária, e ela tem asas com penas! Ela voa como nós voamos. Ela levanta vôo, abre as asas e sobe.

— Bem, pelo menos desta vez, a minha não foi a única indignação no paraíso. Anjos aos milhares estavam espantados com a descoberta de que pequenos seres da matéria tinham asas tão parecidas com as nossas. Penas, como as penas que cobriam nossas asas, que as tornavam macias e faziam com que se movimentassem pelo vento... tudo isso agora tinha seu corolário no mundo material!

— Houve turbulência no Paraíso com cantos, exclamações, protestos. Os anjos voavam com os pássaros, cercando-os no ar, acompanhando-os a imitá-los, e depois seguindo-os até seus ninhos para observar os filhotes que nasciam daqueles ovos e que cresciam até o tamanho adulto.

— Ora, você sabe que nós havíamos visto toda essa questão do nascimento, do crescimento, da maturidade em outras criaturas, mas em nenhuma que fosse tão parecida conosco.

— E Deus ficava em silêncio? — perguntei.

— Não, mas dessa vez Ele nos reuniu a todos e nos perguntou por que não havíamos aprendido o suficiente até agora para ficar imunes a tanto horror e

orgulho. Disse que era de orgulho que estávamos sofrendo. Estávamos indignados que criaturas tão ínfimas, de cabeça tão pequena, criaturas que de fato tinham rostos muito limitados, pudessem ter asas providas de penas. Ele nos passou um bom sermão e fez uma advertência, "Mais uma vez eu lhes digo, este processo irá continuar, e vocês verão coisas espantosas. Vocês são meus anjos; vocês me pertencem e confiam em mim!"

— A Nona Revelação da Evolução foi dolorosa para todos os anjos. Ela era puro horror para alguns e medo para outros. Na realidade, era como se a Nona Revelação espelhasse para nós as próprias emoções que despertava no nosso coração. Tratou-se do surgimento dos mamíferos na terra, mamíferos cujos horrendos gritos de dor se elevavam mais até o Paraíso do que qualquer barulho de sofrimento e morte que qualquer outro animal jamais havia emitido! Aaaaaai, a promessa do medo que havíamos visto com a morte e a decomposição agora era cumprida de forma terrível.

— A música que subia da Terra foi transformada. E tudo que podíamos fazer no nosso medo e sofrimento era cantar com espanto ainda maior. A música ficou mais sombria e mais complexa. A expressão de Deus, a luz de Deus, permanecia impassível.

— Afinal a Décima Revelação da Evolução. Os primatas andavam eretos! Aquilo não era um arremedo do próprio Deus! Lá estava ele, em forma peluda e brutal, a criatura ereta de duas pernas e dois braços em cuja imagem nós havíamos sido feitos! Graças aos céus, faltavam-lhe as asas. Na realidade, as criaturas aladas jamais sequer chegaram perto dele em desenvolvimento. Mas lá se movimentava pesadamente na face da terra, com a clava na mão, brutal, selvagem, rasgando com os dentes a carne dos inimigos, espancando, mordendo, apunhalando até a morte tudo que lhe oferecesse resistência, a imagem de Deus e dos altivos Filhos de Deus, os anjos, em peluda apresentação material e brandindo ferramentas!

— Estupefatos, examinamos suas mãos. Será que tinha o dedo polegar? Quase. Atônitos, cercamos seus agrupamentos. Será que a fala estava lhes saindo da boca, a eloqüente expressão audível dos pensamentos? Quase! Qual poderia ser o plano de Deus? Por que Ele havia feito isso? Será que isso não despertaria Sua raiva?

— Mas a luz de Deus brotava eterna e incessante, como se o berro do primata à morte não conseguisse atingi-la, como se o macaco dilacerado por agressores maiores do que ele não tivesse quem testemunhasse a enorme centelha que crepitava antes que ele morresse.

— "Não, não, isso é inconcebível, isso é inimaginável", disse eu. Desafiei os Céus mais uma vez, e Deus disse com muita simplicidade, sem querer me consolar, "Memnoch, se eu não me sinto escarnecido por esse ser, se ele é minha criação, como você pode se sentir? Contenta-se, Memnoch, e aproveite a surpresa do seu contentamento. E não me perturbe mais! Elevam-se hinos em toda a sua volta que me falam de cada detalhe realizado pela minha Criação. E você vem com perguntas que são acusações, Memnoch! Chega!"

— Senti-me humilhado. A palavra "acusações" me assustou ou provocou uma longa pausa nos meus pensamentos. Você sabe que Satã em hebraico

significa "o acusador"?

— Sei.

— Deixe-me continuar. Para mim, esse era um conceito inteiramente novo e, no entanto, dei-me conta de que vinha fazendo acusações a Deus o tempo todo. Eu havia insistido na hipótese de que esse processo evolutivo não podia ser o que Ele queria ou pretendia.

— Agora, ele me dizia claramente que parasse e que continuasse a investigar. E Ele também me permitiu conhecer novamente, numa ampla perspectiva, a imensidão e diversidade dos desdobramentos que eu testemunhava. Em suma, Ele me concedeu um vislumbre da Sua perspectiva, que nunca poderia ser a minha.

— Como disse, fiquei humilhado. "Posso me unir ao Senhor?", perguntei. E Ele respondeu, Claro que sim. Nós nos reconciliamos; e, entorpecido na luz divina, mesmo assim eu continuava a despertar como um animal desperta, sempre alerta para um inimigo que o espreita, desperta com medo. *Mas o que estará acontecendo lá embaixo?*

— Olhe e repare! São essas as palavras que eu deveria usar, ou será que eu deveria falar como J, o autor do livro do Gênesis, e dizer "Olhe!" com todo seu poder feroz. As criaturas eretas e peludas haviam começado um estranho ritual. Essas criaturas haviam enveredado por todos os tipos de modelos diferentes de comportamento complexo. Permita-me por enquanto passar ao mais significativo. Elas haviam começado a enterrar seus mortos.

Forcei a vista, olhando, intrigado, para Memnoch. Ele estava envolvido de forma tão profunda com o relato que pela primeira vez me deu uma impressão convincente de estar infeliz. E no entanto seu rosto mantinha sua beleza. Não se podia dizer que a infelicidade o estivesse deformando. Nada poderia fazer isso.

— Foi essa, então, a Undécima Revelação da Evolução? — perguntei. — O fato de eles enterrarem os mortos?

Ele me examinou durante um bom tempo, e eu vi sua frustração por não conseguir nem começar a me transmitir tudo que ele queria que eu soubesse.

— O que isso significava? — insisti, impaciente e ansioso por saber. — Qual era o significado de eles enterrarem seus mortos?

— Significava muitas coisas — sussurrou ele, agitando o dedo para dar ênfase —, pois esse ritual do enterro veio acompanhado de um relacionamento que raramente, se é que alguma vez, havíamos testemunhado em qualquer outra espécie por mais do que um instante: o cuidado dos fortes para com os fracos, a ajuda e alimentação dos inválidos pelos válidos e, finalmente, o enterro com flores. *Lestat, flores!* Flores eram dispostas de uma extremidade à outra do corpo depositado com carinho na terra, de tal modo que a Undécima Revelação da Evolução foi que o Homem Moderno havia começado a existir. Desgrenhado, encurvado, desajeitado, coberto de pêlos semelhantes aos dos primatas, mas com o rosto mais do que nunca parecido com o nosso, o homem moderno caminhava sobre a terra! E o homem moderno conhecia o afeto como somente os anjos haviam conhecido no universo, os anjos e Deus, que os criou. O homem moderno derramava esse afeto sobre seus parentes. E o homem moderno amava as flores como nós as havíamos amado, e *sofia* enquanto, com flores, enterrava

seus mortos.

Fiquei em silêncio por muito tempo, considerando tudo isso e, acima de tudo, levando em conta o ponto de partida de Memnoch: o de que ele, Deus e os anjos representavam o ideal na direção do qual essa forma humana estava evoluindo diante dos seus próprios olhos. Eu nunca havia pensado nisso a partir dessa perspectiva. E, mais uma vez, ocorreu-me a imagem de Deus, voltando-se da balaustrada e Sua voz me perguntando com tanta convicção, *Você nunca seria meu adversário, não é?*

Memnoch me observava. Desviei o olhar. Eu já sentia por ele uma fortíssima lealdade, despertada pelo relato que ele estava fazendo e pelas emoções nele investidas, e estava confuso pelas palavras de Deus Encarnado.

— E era o mínimo que se esperava — disse Memnoch. — Pois a pergunta que você deve fazer a si mesmo é a seguinte: conhecendo-o, Lestat, como sem dúvida Ele deve conhecê-lo, por que Ele já não o considera Seu adversário? Você consegue adivinhar?

Atordado. Mudo.

Ele esperou até que eu estivesse pronto para que continuasse; e houve momentos em que pensei que esse ponto talvez não chegasse nunca. Atraído por ele como eu estava, totalmente fascinado como eu estava, senti um desejo perfeitamente mortal de fugir de algo tão avassalador, algo que ameaçava a estrutura da minha mente racional.

— Quando eu estava com Deus — prosseguiu Memnoch — eu via como Deus vê. Via os humanos com suas famílias. Via os humanos reunidos para presenciar o nascimento e prestar auxílio. Via os humanos cobrindo os túmulos com pedras cerimoniais. Eu via como Deus via, e via como que Para Sempre e em Todas as Direções. E a pura complexidade de todos os aspectos da criação, cada molécula de umidade, cada sílaba do som emitido pelos pássaros ou humanos, tudo não me parecia nada mais do que o produto da perfeita Magnificência Divina. Emanavam do meu coração canções que nunca mais igualei.

— E Deus voltou a me dizer que ficasse junto a Ele no Paraíso. Que observasse agora de longe.

— "Eu devo fazer isso, Senhor?", perguntei. "Tenho tanta vontade de observá-los e cuidar deles. Quero, com minhas mãos invisíveis, sentir sua pele que vai ficando macia."

— "Você é meu anjo, Memnoch. Vá então e observe. E não se esqueça de que tudo o que vir foi feito por mim e é fruto da minha vontade."

— Olhei lá para baixo mais uma vez antes de deixar o Paraíso, e agora estou falando em linguagem figurada, nós dois sabemos disso, olhei para baixo e vi a Criação tomada de anjos Guardiões. Eu os via por toda parte, envolvidos com seus diversos fascínios, como já descrevi, em meio a floresta, campo e mar.

— No entanto, parecia haver alguma coisa na atmosfera da Terra que a havia transformado. Vamos chamá-lo de um novo elemento; um fino turbilhão de partículas? Não, isso sugeriria algo maior do que o que era. Mas estava lá.

— Fui até a Terra, e imediatamente os outros anjos me confirmaram que eles, também, haviam percebido esse novo elemento na atmosfera da Terra,

embora ele não dependesse do ar como qualquer outro ser vivo.

— "Como pode ser?" — perguntei.

— "Preste atenção", disse o Anjo Miguel. — "Basta prestar atenção. E você ouvirá."

— E Rafael disse, "Trata-se de alguma coisa invisível, mas viva! E o que existe sob os Céus que seja invisível e viva além de nós?"

— Centenas de anjos reuniram-se para examinar o assunto, para falar das suas próprias experiências com esse novo elemento, essa nova presença de invisibilidade que parecia enxamear ao nosso redor, inconsciente da nossa presença e, no entanto, provocando alguma vibração, ou seja, som inaudível, que nos esforçávamos para ouvir.

— "Você conseguiu o que queria!" disse-me um dos anjos, e que ele permaneça anônimo. "Você decepcionou Deus com todas as suas acusações e toda a sua ira, e Ele agora criou algo diferente de nós que é invisível e tem nossos poderes! Memnoch, você tem de ir procurá-Lo e descobrir se Ele pretende acabar conosco e deixar que essa nova coisa invisível prevaleça."

— "Como é que isso poderia acontecer?" perguntou Miguel. De todos os anjos, Miguel é um dos mais calmos e sensatos. As lendas nos dizem isso; da mesma forma que a angelologia, o folclore, todo mundo. É verdade. Ele é sensato. E agora ele salientava para os anjos aflitos que era inconcebível que essas minúsculas presenças invisíveis, das quais tínhamos consciência, pudessem nos igualar em poder. Elas mal conseguiam se revelar a nós; e nós éramos anjos, de quem nada na terra tinha condições de se esconder!

— "Precisamos descobrir do que se trata", disse eu. "É alguma coisa presa à matéria e que pertence à terra. Não é algo celestial. Está aqui, vivendo perto das florestas e dos montes."

— Todos concordaram. Nós éramos seres para quem não havia segredos na composição de nada. Vocês poderiam levar milhares de anos para compreender as bactérias ou o nitrogênio, mas nós os compreendíamos! Só que não compreendíamos aquilo ali. Ou melhor, não conseguíamos reconhecer o que era realmente.

— Entendo.

— Nós prestávamos atenção; estendíamos nossos braços. Percebíamos que era algo incorpóreo e invisível, sim, mas que possuía uma continuidade, uma individualidade. De fato o que percebíamos era uma multidão de individualidades. E elas choravam. E de uma forma muito gradual, esse som foi ouvido dentro do nosso próprio reino de invisibilidade, e pelos nossos próprios ouvidos espirituais.

Ele parou mais uma vez.

— Você percebe a distinção que estou fazendo?

— Tratava-se de indivíduos espirituais — respondi.

— E enquanto refletíamos, abríamos nossos braços, cantávamos e procurávamos consolá-los, enquanto caminhávamos invisíveis e com habilidade pelo mundo material da Terra, algo momentoso se revelou a nós, tirando-nos das nossas explorações com um choque. Diante dos nossos próprios olhos, abatia-se sobre nós a Duodécima Revelação da Evolução! Ela nos atingiu como a luz do

Paraíso; ela nos distraiu dos gritos do invisível oculto! Ela destruiu nosso raciocínio. Ela fez com que nossa música se transformasse em risos e lamentos.

— A Duodécima Revelação da Evolução foi a de que a fêmea da espécie humana começava a se diferenciar mais nitidamente do macho da espécie num grau tão alto que nenhum outro antropóide conseguiu igualar! A fêmea tornou-se mais bonita aos nossos olhos, além de sedutora. Seu rosto ficou livre de pêlos; e seus membros, graciosos. Seu comportamento transcendia as necessidades da sobrevivência; e ela passou a ser linda como as flores são lindas, como as asas dos pássaros são lindas! Dos acasalamentos do primata peludo, havia surgido uma fêmea de pele macia e rosto radiante. E, embora nós não tivéssemos seios e ela não tivesse asas, ela era parecida CONOSCO!!!

Ficamos parados, um encarando o outro, naquele lugar tranquilo.

Nem por um segundo eu deixei de compreender.

Nem por um segundo fiz algum esforço para entender. Eu sabia. Olhei para ele, para seu rosto grande e lindo bem como para seu cabelo ondulado, seus membros lisos, sua expressão terna, e soube que ele estava com a razão, naturalmente. Não se precisava ser um estudioso da evolução para perceber que um momento desses sem dúvida havia ocorrido no aperfeiçoamento da espécie, e ele realmente encarnava o feminino fortalecido, se um dia alguma criatura conseguiu encarnar. Ele era como os anjos de mármore, como as estátuas de Miguel Ângelo. A absoluta precisão e harmonia do feminino estava no seu físico.

Seu estado era de agitação. Ele parecia estar a ponto de torcer as mãos. Olhou para mim atentamente, como se quisesse ver dentro ou através de mim.

— E logo fez-se conhecer a Décima Terceira Revelação da Evolução. Os machos copulavam com as fêmeas mais bonitas, com as mais ágeis, as de pele mais macia e de voz mais delicada. E dessas cópulas originavam-se machos que eram, eles próprios, tão bonitos quanto as mulheres. Surgiram humanos com aparências diferentes. Vieram os ruivos, os louros e os de cabelos negros, bem como madeixas castanhas e de um branco surpreendente. Surgiram olhos de uma variedade infinita: cinzentos, castanhos, verdes ou azuis. Desapareceram do homem o cenho fechado, o rosto peludo e o caminhar simiesco; e ele, também, brilhou com a beleza de um anjo, exatamente como sua companheira.

Mantive o silêncio.

Ele se voltou para o outro lado, mas nisso não parecia haver nada de pessoal. Aparentemente, ele precisava dar a si mesmo um intervalo, uma renovação das suas próprias forças. Flagrei-me olhando fixamente para suas asas altas e arqueadas, recolhidas, com suas pontas pouco acima do chão onde ele estava parado, cada pena ligeiramente iridescente. Ele voltou a me encarar; e, ao se revelar a partir da forma angelical, seu rosto foi um choque gracioso.

— Ali estavam os dois, macho e fêmea, Ele os criou. E, a não ser por isso, Lestat, a não ser pelo fato de que um era macho e o outro fêmea, eles haviam sido feitos à Imagem de Deus e dos Seus Anjos! A isso havíamos chegado! A isso! Deus dividido em Dois! Os Anjos divididos em Dois!

— Não sei quanto tempo os anjos me detiveram, mas afinal não conseguiram mais, e eu subi ao Paraíso, inflamado com pensamentos, dúvidas e especulações. Eu conheci a ira. Os gritos dos mamíferos em sofrimento me

havam ensinado a ira. Os berros e rugidos das guerras entre seres simiescos me haviam ensinado a ira. A morte e a decomposição me haviam ensinado o medo. Na realidade, toda a Criação de Deus me havia ensinado tudo de que eu precisava para voar até ele e dizer, "Era isso o que Vós querieis? Vossa própria imagem dividida entre macho e fêmea?! A centelha de vida agora gerando uma chama imensa quando qualquer um deles morre, macho ou fêmea! Esse absurdo; essa divisão impossível; esse monstro! Era esse o Vosso plano?"

— Eu estava indignado. Considerava aquilo um desastre! Eu estava furioso. Abri muito meus braços, pedindo a Deus que debatesse comigo, que me perdoasse e que me salvasse com sabedoria e serenidade, mas nada vinha de Deus. Nada. Nem luz. Nem palavras. Nem castigo. Nem julgamento.

— Percebi que eu estava no Paraíso cercado de anjos. Todos eles olhavam e aguardavam.

— Não vinha nada de Deus Todo-poderoso, a não ser uma luz sereníssima. Eu chorava. "Olhem, lágrimas como as deles", disse eu aos outros, embora minhas lágrimas naturalmente fossem incorpóreas. E enquanto eu chorava, enquanto eles me observavam, percebi que não estava chorando sozinho.

— Quem estava comigo? Girei e girei, olhando para eles. Vi todos os coros de anjos, os Guardiões, os Querubins, os Serafins, os Ojanins, todos. Seus rostos estavam embevecidos e enigmáticos, e no entanto eu ouvia um choro!

— "De onde está vindo esse choro?" — gritei.

— E então eu soube. E eles souberam. Nós nos unimos, com as asas dobradas, a cabeça baixa, e prestamos atenção. E, subindo da terra, ouvimos as vozes daqueles espíritos invisíveis, aquelas individualidades invisíveis. Eram eles, os seres incorpóreos, que choravam! E seu choro chegou aos Céus enquanto a Luz de Deus Continuava a Brilhar Eterna, imutável sobre todos nós.

— "Venha agora e testemunhe", disse Rafael. "Venha observar como nos foi ordenado. "

— "É, eu preciso ver o que isso é!", disse eu e fui descendo para a atmosfera da terra, acompanhado de todos os outros, arrastando num redemoinho todas aquelas minúsculas criaturas que choravam e se lamentavam, e que nós nem conseguíamos ver!

— Foi quando gritos humanos desviaram nossa atenção! Gritos humanos misturados aos gritos dos invisíveis!

— Fomos nos juntando, unidos e ainda assim uma multidão, cercando invisivelmente um pequeno agrupamento de belos seres humanos de pele lisa.

— No meio deles, jazia um rapaz à morte, contorcendo-se em agonia na cama que lhe haviam preparado com capim e flores. A picada de algum inseto mortal havia produzido essa febre, tudo parte do ciclo, como Deus nos teria dito se nós tivéssemos perguntado.

— No entanto, os gritos de dor dos invisíveis pairavam sobre essa vítima moribunda. E as lamentações dos seres humanos eram mais terríveis do que eu poderia suportar.

— Mais uma vez, chorei.

— "Fiquem quietos. Prestem atenção", disse Miguel, o paciente.

— Ele nos disse que olhássemos para além do pequeno grupo e do corpo

convulsivo do homem febril, para ver no ar rarefeito as vozes espirituais que se reuniam e choravam!

— E, pela primeira vez, vimos esses espíritos com nossos próprios olhos! Nós os vimos reunidos e dispersos, vagando, entrando em espiral e recuando, cada um mantendo na essência a forma indefinida de um ser humano. Fracos, confusos, perdidos, inseguros de si mesmos, eles flutuavam na atmosfera, abrindo agora os braços para o homem que jazia na maca, prestes a morrer. E morreu mesmo.

Silêncio. Serenidade.

Memnoch olhou para mim como se eu devesse terminar a história.

— E um espírito subiu do homem que morria — disse eu. — A centelha de vida chamejou e não se apagou, mas se tornou um espírito invisível com todos os outros. O espírito do homem subiu com a forma do homem e se juntou àqueles espíritos que haviam vindo para levá-lo embora.

— Isso mesmo!

Ele deu um suspiro profundo e abriu os braços com força. Respirou fundo como se pretendesse dar um rugido. Olhou para os céus através das árvores gigantescas.

Fiquei ali paralisado.

A floresta suspirou, exuberante, ao nosso redor. Eu podia sentir que ele tremia. Eu sentia o grito que pairava ali dentro dele e que poderia explodir numa clarinada terrível. Mas que apenas se extinguiu enquanto ele baixava a cabeça.

A floresta havia mudado de novo. A floresta era a nossa floresta. Esses eram os carvalhos e as árvores escuras dos nossos tempos; as flores silvestres e o musgo que eu conhecia; e os pássaros e pequenos roedores que passavam velozes em meio às sombras.

Aguardei.

— O ar estava repleto desses espíritos. Pois, uma vez que os tivéssemos visto, uma vez que tivéssemos detectado seu contorno pouco definido e suas vozes incessantes, nós nunca mais poderíamos deixar de vê-los, e eles cercavam a terra como uma coroa de flores! Os espíritos dos mortos, Lestat! Os espíritos dos seres humanos mortos.

— Almas, Memnoch?

— Almas.

— As almas haviam evoluído a partir da matéria?

— Isso mesmo. À Sua imagem. Almas, essências, individualidades invisíveis, almas!

Voltei a esperar em silêncio. Ele recuperou o controle.

— Venha comigo — disse ele. Limpou o rosto com as costas da mão. Quando ele estendeu a mão para pegar a minha, senti sua asa, nitidamente pela primeira vez, roçar meu corpo inteiro, e ela me deu um calafrio semelhante ao do medo, mas não tinha absolutamente nada a ver com o medo.

— Almas haviam saído desses seres humanos — disse ele. — Elas estavam perfeitas e vivas, e pairavam perto dos corpos materiais dos humanos de cujas tribos se haviam originado.

— Elas não nos viam. Não viam o Paraíso. Quem poderiam ver a não ser

aqueles que as haviam enterrado, aqueles que as haviam amado em vida e que eram seus descendentes? Aqueles que salpicaram seus corpos com ocre vermelho antes de os deitar com cuidado, voltados para o leste, em covas forradas com os enfeites que lhes haviam pertencido?

— E aqueles humanos que acreditavam nelas — disse eu —, aqueles que cultuavam os antepassados, eles percebiam sua presença? Eles a detectavam? Eles suspeitavam que os antepassados ainda estavam ali em forma de espírito?

Ele respondeu que sim.

Eu estava absorto demais para dizer qualquer outra coisa.

Parecia que minha consciência era invadida pelo perfume do bosque e de todas as suas cores escuras, as variações infinitamente exuberantes de marrom, dourado e vermelho-escuro que nos cercavam. Olhei para o céu lá em cima, para a luz fragmentada, cinzenta e triste, embora magnífica.

Mesmo assim, tudo em que eu conseguia pensar e refletir era o redemoinho, bem como as almas que nos haviam cercado no redemoinho como se o ar desde a terra até o Paraíso estivesse cheio de almas humanas. Almas que vagavam para todo o sempre. Onde se pode ir em trevas semelhantes? O que se procura? O que se pode saber?

Memnoch estava rindo? Parecia um som discreto, de luto, íntimo e cheio de dor. Talvez ele estivesse cantando baixinho, como se a melodia fosse a emanção natural dos seus pensamentos. Do seu pensar, vinha um perfume de flores. Da canção, o som dos anjos.

— Memnoch — disse eu. Eu sabia que ele estava sofrendo, mas não conseguia agüentar mais. — Deus sabia disso? — perguntei. — Deus sabia que os homens e as mulheres haviam desenvolvido essências espirituais? Ele sabia das suas almas, Memnoch?

Ele não respondeu.

Ouvi novamente o som fraco, sua música. Também ele estava olhando para o céu, e agora cantava com maior clareza, um cântico sombrio e despretenso, aparentemente diferente da nossa própria música mais medida e organizada, embora cheio de eloquência e dor.

Ele ficou olhando as nuvens que passavam acima de nós, mais brancas e pesadas do que qualquer nuvem que eu já houvesse visto.

Será que essa beleza da floresta se equiparava ao que eu havia visto no Paraíso? Impossível responder. Mas o que eu sabia com perfeição era que os céus não haviam tornado essa beleza menor pela comparação! E isso era fantástico! Esse Jardim Selvagem, esse Éden possível, esse lugar antiquíssimo já era um milagre por si mesmo e apesar de suas próprias limitações esplêndidas. De repente, não agüentei mais ficar olhando para lá, ver as folhinhas caindo lentamente ao chão, apaixonar-me pelo lugar, sem a resposta à minha pergunta. Nada no todo da minha vida parecia tão essencial.

— Memnoch, Deus sabia das almas? Ele sabia?! Ele se voltou para mim.

— Como Ele poderia não saber, Lestat! — respondeu. — Como seria possível que Ele não soubesse! E quem você acha que voou correndo para as alturas do Paraíso para Lhe dizer? E alguma vez Ele havia ficado surpreso, ou havia sido apanhado desprevenido? Ele alguma vez havia sido beneficiado ou

prejudicado, iluminado ou confundido por qualquer coisa que eu trouxesse à Sua Eterna e Onisciente atenção?

Ele suspirou mais uma vez e aparentou estar a um passo de uma tremenda explosão, uma explosão que teria feito todas as suas outras parecerem pequenas. Mas logo estava calmo e refletia.

Continuamos a caminhar. A floresta mudou, com as árvores gigantescas cedendo lugar a espécies esguias, que formavam ramificações mais graciosas; e aqui e ali havia trechos de capim alto, em movimento.

A brisa tinha o cheiro da água. Vi que ela erguia seu cabelo louro, mesmo pesado como o cabelo era, e o afastava do lado do rosto. Senti que ela refrescava minha cabeça e minhas mãos, mas não meu coração.

Examinamos um lugar aberto, um vale fundo e agreste. Pude ver montanhas distantes, encostas verdes, um bosque irregular e aleatório que se interrompia a intervalos para abrir espaço para o trigo ondulante, ou algum outro tipo de cereal espontâneo. Os bosques iam subindo pelos morros e pelas montanhas acima, enfiando suas raízes fundo nas rochas; e, à medida que fomos nos aproximando do vale, através dos galhos dava para eu ver a luz cintilante e ofuscante de um rio ou mar.

Saímos da floresta mais antiga. Essa era uma terra maravilhosa e fértil. Cresciam em profusão flores amarelas e azuis, levadas para um lado e para o outro em rajadas dançantes de cor. As árvores eram oliveiras e fruteiras e tinham os galhos baixos e retorcidos típicos das árvores das quais muitas gerações colheram alimentos. O sol se derramava sobre aquilo tudo.

Fomos andando através do capim alto, talvez trigo espontâneo, até a beira da água, onde ela batia com muita delicadeza, sem maré, creio eu, e ela era clara e tremeluzente quando recuava, expondo uma extraordinária disposição de seixos e pedras.

Eu não conseguia ver os limites dessa água nem para a direita nem para a esquerda, mas via a margem oposta e os montes rochosos que desciam até ela como se estivessem tão vivos quanto as raízes das árvores verdes, dispersas.

Dei meia-volta. A paisagem atrás de nós era agora a mesma. Montes pedregosos que acabavam se transformando em montanhas, com quilômetros e mais quilômetros de encostas fáceis de escalar, bosques de fruteiras, cavernas com suas bocas abertas e negras.

Memnoch nada dizia.

Ele estava triste, abalado, olhando para baixo para as águas, e para o horizonte distante, onde as montanhas pareciam se fechar como que para encerrar as águas, só para serem forçadas a permitir que elas saíssem, seguindo seu curso, fora do nosso alcance visual.

— Onde é que nós estamos? — perguntei, com delicadeza. Ele demorou a responder.

— As Revelações da Evolução estão, por enquanto, encerradas — disse ele, finalmente. — Conte-lhe o que vi, o fino esboço de tudo que você saberá quando morrer.

— Agora o que resta é o cerne da minha história, e eu gostaria de contá-lo neste lugar. Aqui, neste lindo lugar, embora os próprios rios já há muito tenham

desaparecido da face da terra, da mesma forma que os homens e mulheres que vagavam por aqui nesta época. E, para responder à sua pergunta sobre onde é que nós estamos, deixe-me dizer o seguinte: foi aqui que Ele finalmente me lançou do Paraíso. Foi aqui que eu Caí.



— Deus disse, "Espere!" E assim eu me descobri interceptado nos portais do Paraíso, com todos os meus companheiros, os anjos que geralmente iam e faziam o que eu fazia. Miguel, Gabriel e Uriel, embora não fossem meus companheiros, também estavam lá.

— "Memnoch, meu acusador", disse Deus, e as palavras foram pronunciadas com a delicadeza característica e uma enorme luz refulgente. "Antes que você entre no Paraíso e comece suas invectivas, volte lá para baixo para a Terra e estude tudo o que viu exaustivamente e com respeito (estou me referindo à humanidade), para que, quando voltar a mim, você tenha dado a si mesmo toda oportunidade de compreender e contemplar tudo o que fiz. Estou lhe dizendo neste momento que a Humanidade faz parte da Natureza e está sujeita às Leis da Natureza, cujo desdobramento você acompanhou o tempo todo. Ninguém deveria compreender isso melhor do que você, a não ser eu. "

— "Mas vá, volte a ver com seus próprios olhos. Depois, e só depois, farei uma convocação geral no Paraíso, com todos os anjos, de todos os graus e todos os dons, e ouvirei o que você tiver a dizer. Leve com você aqueles que procuram as mesmas respostas que você procura e deixe comigo aqueles anjos que nunca se importaram com nada, que nunca observaram nada, nem pensaram em nada a não ser em viver na Minha Luz. "

Memnoch fez uma pausa.

Fomos andando devagar ao longo das margens do mar estreito até chegar a um lugar onde algumas rochas formavam um local natural para sentar e descansar. Eu não estava sentindo cansaço em nenhum sentido físico verdadeiro, mas a mudança de postura pareceu aguçar todos os meus medos, minha concentração e disposição para ouvir o que ele dizia. Ele se sentou ao meu lado, voltou-se para mim ligeiramente e suas asas mais uma vez desapareceram. Antes, porém, elas subiram e se estenderam, com a asa esquerda acima da minha cabeça e me assombrando com toda a sua envergadura. Mas logo desapareceram. Simplesmente não havia espaço para elas quando Memnoch se sentava, pelo menos não para que ficassem dobradas atrás dele e, por isso, sumiam.

— Imediatamente após essas palavras — prosseguiu ele — houve grande comoção no Paraíso quanto a quem queria descer e examinar a Criação comigo e quem não queria. Agora, compreenda, os anjos estavam entusiasmados com a Criação como ela era, como já lhe disse, e muitos haviam passado anos na

Terra, ficando apaixonados por seus córregos e vales, até mesmo por seus desertos, que começavam a aparecer. Mas essa foi uma mensagem especial que o Senhor me passou: Vá e Aprenda Tudo o que Puder sobre a Humanidade. E houve alguma questão quanto a quem estava tão interessado quanto eu nos mistérios da espécie humana, ou tão apaixonado por eles.

— Espere um pouco — interrompi. — Desculpe, mas quantos anjos existem? Você disse que Deus mencionou "todos os graus" e "todos os dons".

— Sem dúvida, você aprendeu parte da verdade — respondeu ele — com o folclore. Deus nos criou primeiro, os arcanjos, Memnoch, Miguel, Gabriel, Uriel e muitos outros cujos nomes nunca foram descobertos, fosse inadvertidamente fosse deliberadamente, e por isso prefiro não mencioná-los. O número total de arcanjos? Cinquenta. E nós fomos os Primeiros, como já disse, embora exatamente quem veio antes de quem tornou-se tema de debate histórico no Paraíso, debate pelo qual perdi interesse há muito tempo. Além do mais, estou convencido de que sou o primeiro de qualquer jeito. Mas isso não faz diferença.

— Nós somos os que se comunicam em termos mais diretos com Deus, e também com a Terra. É por isso que fomos chamados de Anjos da Guarda, assim como de Arcanjos, e às vezes na literatura religiosa nos foi atribuído um nível baixo na hierarquia. Nós não estamos num nível baixo. O que temos, sim, é a personalidade mais forte e a maior flexibilidade, entre Deus e o homem.

— Entendo. E Raziel? E Metatron? E Remiel?

— Eu sabia que esses nomes lhe seriam familiares — disse ele, com um sorriso. — Todos eles têm seu lugar entre os Arcanjos, eu simplesmente não posso explicar tudo isso para você agora. Você vai saber quando morrer. Além disso, é quase demais para a compreensão da mente humana, mesmo de uma mente vampíresca, como a sua.

— Está bem — disse eu. — Mas o que você está dizendo é que os nomes se referem a entidades reais. Sariel é uma entidade.

— Sim.

— Zagzagel.

— Sim, é uma entidade. Agora deixe-me continuar. Deixe-me seguir fielmente o que planejei. Nós, como eu lhe disse, somos os Mensageiros de Deus e os Anjos Mais Poderosos; e eu estava rapidamente me tornando o Acusador de Deus, como você pode ver!

— E Satã significa "acusador" — disse eu. — E todos esses nomes horríveis que você não aprecia estão de algum modo ligados a essa idéia. A de acusador.

— Exato — replicou ele. — E os primeiros estudiosos religiosos, por conhecerem apenas fragmentos esparsos da verdade, acharam que era o homem quem eu acusava, não Deus. Existem motivos, porém, para isso, como você logo verá. Seria possível dizer que me tornei o Grande Acusador de todo mundo. — Ele parecia levemente exasperado, mas sua voz se recompôs, muito calma e comedida. — Mas meu nome é Memnoch — lembrou-me ele — e não há, nem nunca houve, anjo mais poderoso ou mais inteligente do que eu.

— Certo — disse eu, com a intenção de ser educado. E também porque no fundo eu não questionava absolutamente essa afirmação. Por que eu haveria de questionar?

— E os Nove Coros? — perguntei.

— Todos existem. Os Nove Coros compoem, naturalmente, o *bene ha elohim*. E muito bem descritos por estudiosos hebreus e cristãos, graças a épocas de revelação e talvez de catástrofe, embora seja difícil determinar a natureza de cada acontecimento. A Primeira Triade compõe-se de Três Coros, o dos Serafins, Querubins e Tronos ou Ojanins, como prefiro chamá-los. E essa Primeira Triade fica em geral presa à glória de Deus. Eles vivem sob Seu domínio, vicejam na luz que pode ofuscar ou deslumbrar os outros e quase nunca se afastam muito dessa luz.

— Às vezes, quando me enfureço e faço discursos para todo o Paraíso, eu os acuso... se você me perdoar mais uma vez a expressão... de estarem presos a Deus como que por um imã, sem ter o livre-arbítrio ou a personalidade que nós possuímos. Mas eles têm esses atributos, têm sim, mesmo os Ojanins, que geralmente são os menos falantes e eloquentes. Na realidade, os Ojanins podem passar eternidades sem dizer nada. E qualquer um desses da Primeira Triade pode ser enviado por Deus para fazer uma coisa ou outra e já apareceu na Terra. Alguns dos Serafins fizeram aparições bastante espetaculares para homens e mulheres também. Para seu crédito, eles adoram Deus totalmente, experimentam sem reservas o êxtase da Sua presença e Ele os preenche completamente de tal modo que eles não Lhe fazem perguntas e são mais dóceis, ou têm uma consciência mais verdadeira de Deus, dependendo do ponto de vista de quem fala.

— A Segunda Triade tem Três Coros aos quais foram dados os nomes de Domínios, Virtudes e Potestades. Mas, para dizer a verdade, há pouquíssima diferença entre esses anjos e a Primeira Triade. A Segunda Triade fica um pouco mais afastada da Luz de Deus e talvez tão perto quanto consiga se aproximar, levando-se em conta seus dons. E pode ser que não seja tão inteligente quando se trata de lógica ou de perguntas. Quem sabe? Sem dúvida, a Segunda Triade é no todo mais dócil, mas a verdade é que há maior movimentação da Segunda Triade, da Terra para o Paraíso, do que dos Serafins devotados, fascinados e às vezes arrogantes. Dá para ver como isso poderia levar a muita discussão.

— Creio que estou entendendo.

— As duas triades cantam constantemente quando estão no Paraíso e a maior parte do tempo, quando estão na Terra. Seu canto sobe aos Céus espontâneo e ininterrupto. Elas não irrompem em canções de júbilo deliberado como as minhas, ou as dos meus semelhantes. Tampouco ficam em silêncio por longos períodos, como minha espécie, a dos Arcanjos, tem a tendência a fazer.

— Quando você morrer, poderá ouvir o canto de todas essas triades. Se você o ouvisse agora, ele o destruiria. Permiti que você ouvisse parte do

Alarido do Paraíso, mas é só isso o que ele pode ser para você, um alarido: o ruído de cantos e risos misturados, bem como manifestações aparentemente aleatórias de sons belíssimos.

Concordei. Ouvir aquilo havia sido ao mesmo tempo maravilhoso e doloroso.

— Supõe-se que a Triade Inferior inclua os Principados, Arcanjos e Anjos — prosseguiu ele. — Mas isso é enganoso, como já disse. Pois nós, os Arcanjos,

somos de fato os mais poderosos e importantes, temos mais personalidade e somos os que mais questionam e se preocupam.

— Os outros anjos acham que somos falhos por esse motivo. Não ocorre ao Serafim comum implorar por clemência para a humanidade.

— E esse é o esquema aproximado das coisas. Os anjos são inúmeros. E existe entre eles uma mobilidade, com alguns se aproximando mais de Deus do que os outros, para depois se afastarem quando a majestade é forte demais para eles; e eles optam por recuar um pouco e entoar um canto mais suave. Tudo isso é contínuo.

— Ora, o importante é que os Anjos da Guarda da Terra, os Guardiões, aqueles que voltaram sua atenção para a Criação, provêm de todos esses graus! Mesmo dos próprios Serafins, originaram-se Anjos da Guarda que passaram milhões de anos na Terra e depois voltaram para Casa. Idas e vindas são comuns. A disposição que descrevo é inata mas não é fixa.

— Os anjos não são perfeitos. Isso você já concluiu. Eles são Seres Criados. Eles não sabem tudo que Deus sabe. Isso está óbvio para você e para todo mundo. Mas eles têm muito conhecimento. Eles sabem tudo que se pode saber no Tempo *se desejarem saber*. E é nisso que os anjos diferem entre si. Alguns querem conhecer tudo no Tempo, e alguns só se importam com Deus e com o reflexo de Deus naquelas almas mais devotadas a Ele.

— Percebo, então. O que você quer dizer é que todo mundo está certo quanto a isso, e todo mundo como que está errado.

— Mais certo do que errado. Os anjos são indivíduos, esse é o segredo. Nós Que Caímos não somos de uma espécie única, a menos que o fato de sermos os mais brilhantes, os mais inteligentes e os de maior entendimento nos torne uma espécie, o que não creio que ocorra.

— Prossiga. Ele riu.

— Você acha que vou parar agora?

— Não sei. Onde é que eu me encaixo? Não estou me referindo a mim, Lestat de Lioncourt. Estou querendo dizer isso que eu sou... o vampiro que eu sou.

— Você é um fenômeno preso à matéria, exatamente como um fantasma. Num instante vamos chegar lá. Quando Deus nos mandou descer à Terra para

Vigiar, especificamente para observar toda a Humanidade, nós sentimos tanta curiosidade pelos vivos quanto pelos mortos, essa grinalda de almas que podíamos ver e ouvir, reunida em volta do mundo e que nós chamamos imediatamente de Sheol porque nos parecia que esse reino de almas chorosas era o reino da pura tristeza. "Sheol" significa tristeza.

— E o espírito que criou os vampiros...

— Calma. É muito simples. Deixe-me, porém, apresentar tudo *como me ocorreu*. Se eu não agir assim, como você vai poder compreender minha posição? O que estou lhe pedindo, que seja meu lugar-tenente, é algo tão pessoal e tão total que você não poderá captar plenamente o sentido se não escutar.

— Por favor, continue.

— Está bem. Um grupo de anjos resolveu me acompanhar, chegar o mais perto possível da Matéria a fim de reunir nosso conhecimento inteiro, a fim de compreender melhor, como Deus nos havia pedido. Miguel veio comigo. Bem

como uma multidão de outros arcanjos. Havia alguns Serafins. Havia alguns Ojanins. E alguns das ordens inferiores, que são os anjos menos inteligentes, mas mesmo assim anjos, muito apaixonados pela Criação e curiosos para descobrir o que estava me deixando tão zangado com Deus.

— Não posso dizer o número de quantos éramos. Mas, quando chegamos à terra, seguimos cada qual seu caminho para perceber as coisas e nos reuníamos com frequência, por instantes, para comunicar o que havíamos visto.

— O que nos unia era nosso interesse pela declaração de Deus de que a Humanidade fazia parte da Natureza. Nós simplesmente não conseguíamos ver como isso podia ser verdade. Saímos a explorar.

— Com muita rapidez, descobri que os homens e as mulheres agora viviam em grandes agrupamentos, o que era muito diferente dos outros primatas, que eles construíam abrigos para si mesmos, que pintavam os corpos com várias cores, que era comum que as mulheres morassem separadas dos homens e que eles acreditavam em alguma coisa invisível. Agora, o que seria isso? Será que eram as almas dos antepassados, os seres queridos que partiram e que ainda estavam presos à atmosfera da Terra, incorpóreos e confusos?

— É, eram as almas dos antepassados, mas os humanos também adoravam outras entidades. Eles imaginavam um Deus que havia criado os Animais Selvagens e a ele faziam sacrifícios sangrentos em Altares, na crença de que esse aspecto de Deus Todo-poderoso fosse uma personalidade de limites muito nítidos e bastante fácil de agradar ou desagradar.

— Ora, não posso dizer que tudo isso foi para mim uma grande surpresa. Eu havia visto os primeiros sinais. Afinal de contas, comprimi milhões de anos para você nas minhas Revelações. No entanto, quando me aproximei desses altares, quando ouvi a oração específica ao Deus dos Animais Selvagens; quando comeci a ver o cuidado e a atitude deliberada do sacrifício, a imolação de um carneiro ou de um cervo, fiquei muito impressionado com o fato de que esses seres humanos não só haviam chegado a se assemelhar aos Anjos, mas que eles haviam adivinhado a verdade.

— Eles haviam chegado a essa conclusão instintivamente! Havia um Deus. Eles sabiam. Não sabiam como Ele era, mas sabiam da sua existência. E esse conhecimento instintivo parecia brotar da mesma essência da qual brotavam suas almas espirituais sobreviventes. Deixe-me ser ainda mais claro.

— A consciência de si mesmo e a percepção da própria morte, isso havia criado um sentido de nítida individualidade nos humanos; e essa individualidade temia a morte, temia a aniquilação! Ela a via, sabia como era, presenciava sua ocorrência. E orava por um Deus para que Ele não permitisse que uma coisa dessas não tivesse um sentido no mundo.

— E foi essa mesma tenacidade, a tenacidade da individualidade, que fazia a mente humana continuar viva depois de deixar o corpo, imitando a forma do corpo, mantendo-se una, por assim dizer, como que agarrada à vida, perpetuando-se de acordo com o único mundo que conhecia.

Não disse nada. Eu estava enredado na história e só queria que ele continuasse. Mas naturalmente pensei em Roger. Pensei em Roger com muita nitidez porque Roger era o único fantasma que eu havia conhecido. E o que

Memnoch acabava de me descrever era uma versão de Roger, altamente organizada e muito cheia de determinação.

— Ah, é, isso mesmo — disse Memnoch —, motivo pelo qual provavelmente não faça diferença ele ter aparecido para você, embora naquela hora eu considerasse o fato um dos maiores aborrecimentos do mundo.

— Você não queria que Roger aparecesse para mim?

— Eu observava. Eu escutava. Estava perplexo, como você, mas antes dele outros espíritos me deixaram perplexo. Não foi assim tão extraordinário, mas não, decididamente não foi orquestrado por mim, se é isso o que você quer dizer.

— Mas aconteceu tão próximo da sua chegada! Parece haver uma ligação.

— Parece? Qual é a ligação? Procure-a dentro de si mesmo. Você acha que os mortos não tentaram falar antes? Você acha que os fantasmas das suas vítimas não vieram atrás de você, aos gritos? É verdade que os espíritos das suas vítimas geralmente fazem a passagem em total confusão e beatitude, na ignorância de que você seja o instrumento da sua morte. Mas nem sempre é esse o caso. Talvez o que tenha mudado seja você! E, como nós sabemos, você amava esse mortal, Roger, você o admirava, você compreendia sua vaidade e seu amor pelo sagrado, pelo misterioso e pelo dispendioso, porque você mesmo possui esses traços.

— É, tudo isso é verdade, sem dúvida. Mas ainda acho que você teve algo a ver com a aparição.

Ele ficou chocado. Olhou para mim por um bom tempo como se fosse se zangar e depois riu.

— Por quê? — perguntou. — Por que eu ia me incomodar com uma aparição daquelas? Você sabe o que estou lhe pedindo! Você sabe o que isso representa! Você está familiarizado com a revelação teológica ou com a mística. Você sabia quando estava vivo. O menino lá na França que se deu conta de que poderia morrer sem conhecer o significado do universo e correu até o padre da aldeia para perguntar ao pobre coitado se ele acreditava em Deus.

— É, mas tudo aconteceu praticamente ao mesmo tempo. E quando você alega que não há nenhuma ligação, eu simplesmente... não acredito.

— Você é uma criatura impossível! É mesmo! — disse ele. Sua exasperação era branda e paciente, mas mesmo assim existia. — Lestat, você não percebe que o que o atraiu para a complexidade de Roger e de sua filha, Dora, foi a mesma coisa que me fez vir até você? Você havia chegado a um ponto em que estava se esforçando para alcançar o sobrenatural. Você estava gritando aos Céus para ser aniquilado! O fato de você atacar David, talvez esse tenha sido seu primeiro passo real na direção do total perigo moral! Você pôde se perdoar por ter criado a criança vampiro Claudia, porque era tão jovem e tolo.

— Mas transformar David, contra sua vontade! Tomar a alma de David e torná-la vampiresca? Esse foi o maior de todos os crimes. Foi um crime que clama aos Céus, pelo amor de Deus. David, a quem tínhamos permitido que nos vislumbresse uma vez, tal era o interesse que sentíamos por ele e por qualquer caminho que escolhesse.

— Ah, quer dizer que a aparição a David foi proposital!

— Achei que lhe havia confirmado que sim.

— Mas Roger e Dora, eles estavam apenas atrapalhando.

— Estavam. É claro que você escolheu a vítima mais brilhante e mais sedutora! Você escolheu um homem que era tão bom na sua atividade, sua criminalidade, sua vigarice, sua ladroagem, quanto você é bom no que faz. Foi um passo de maior audácia. Sua fome está crescendo. Ela se torna cada vez mais perigosa para você e para os que o cercam. Você não ataca mais os caídos, os aflitos e os assassinos. Quando quis apanhar Roger, você quis alcançar o poder e a glória, mas e daí?

— Estou dilacerado — murmurei.

— Por quê?

— Porque sinto amor por você, e essa é uma coisa à qual sempre presto atenção, como nós dois sabemos. Sinto-me atraído por você. Quero saber o que mais você tem para me contar! E, no entanto, creio que você está mentindo em relação a Roger e a Dora. Acho que tudo está interligado. E, quando penso em Deus Encarnado... — Parei, incapaz de continuar.

Fui inundado pelas sensações do Paraíso, ou daquilo de que ainda me lembrava, que ainda sentia, e o instante me deixou com uma tristeza muito maior do que qualquer outra que eu jamais expressara em lágrimas.

Devo ter fechado os olhos. Porque, quando os abri, percebi que Memnoch estava segurando minhas duas mãos nas suas. Elas estavam quentes, eram muito fortes e extraordinariamente macias. Como as minhas deviam lhe parecer frias. As dele eram maiores, impecáveis. As minhas eram... minhas mãos estranhas, brancas, esguias, cintilantes. Minhas unhas refletiam como gelo ao sol, como sempre.

Ele se afastou, e isso foi excruciante. Minhas mãos continuaram rígidas, unidas e totalmente sós.

Ele estava a alguns metros de mim, de costas para mim, olhando na direção do mar estreito. Suas asas estavam aparentes, enormes e se movimentavam nervosas, como se uma tensão interna o obrigasse a exercitar o sistema muscular invisível ao qual elas estavam ligadas. Ele parecia perfeito, irresistível e sem esperanças.

— Talvez Deus tenha razão! — disse ele, com raiva na voz baixa, e o olhar fixo não em mim mas no mar.

— Razão com relação a quê? — Levantei-me. Ele não se dispunha a olhar para mim.

— Memnoch, prossiga por favor. Há momentos em que acho que vou desmaiar com o peso das coisas que me estão sendo reveladas. Mas prossiga. Por favor, continue.

— Essa é sua forma de pedir desculpas, não é? — perguntou ele, delicadamente. Voltou-se para mim. As asas sumiram. Veio andando devagar na minha direção, passou por mim e voltou a se sentar à minha direita. Sua túnica tinha uma bainha de pó do chão. Absorvi o detalhe antes de pensar de fato nele. Havia um pedacinho de folha, folha verde, preso no emaranhado longo e ondulado do seu cabelo.

— Não, não mesmo — disse eu. — Não foram desculpas. Geralmente digo exatamente o que estou pensando.

Examinei seu rosto, o perfil esculpido, a total ausência de pêlos na pele que, se não fosse isso, pareceria magnificamente humana. Indescritível. Se você se volta e olha para uma estátua numa igreja renascentista e vê que ela é no todo maior do que você, que ela é perfeita, você não fica assustado, porque ela é de pedra. Mas esse aqui estava vivo.

Ele se voltou como se acabasse de perceber que eu estava olhando para ele. Encarou-me, olhando de cima. Inclinou-se, então, para a frente, com os olhos muito límpidos e cheios de uma infinidade de cores; e eu senti seus lábios macios, discreta e uniformemente úmidos, tocarem meu rosto. Senti um ardor de vida atravessar a dura frieza do meu eu. Senti uma chama devastadora que atingia cada partícula do meu ser, como só o sangue consegue, o sangue vivo. Senti uma dor no coração. Eu poderia ter posto meu dedo no peito no local exato.

— O que *você* sente?! — perguntei, recusando-me a ser invadido.

— Sinto o sangue de centenas — murmurou ele. — Sinto uma alma que conheceu milhares de almas.

— Conheceu? Ou apenas destruiu?

— Você vai me rejeitar só por ódio a si mesmo? — perguntou ele. — Ou devo continuar com minha história?

— Por favor, por favor, prossiga.

— O homem havia inventado ou descoberto Deus — disse ele. Sua voz agora estava calma, tendo voltado ao mesmo estilo educado e quase humilde. — E em alguns casos, as tribos cultuavam mais de uma divindade dessas, que consideravam ter criado essa ou aquela parte do mundo. E é verdade, os humanos sabiam que as almas dos mortos sobreviviam; e procuravam alcançar essas almas e fazer oferendas a elas. Eles levavam oferendas aos seus túmulos. Chamavam essas almas mortas aos gritos. Imploravam sua ajuda na caça, no parto de uma criança, em tudo.

— E quando nós, como anjos, espiávamos o que acontecia no Sheol, quando entrávamos ali, invisíveis, sem que nossa essência causasse a menor perturbação num reino que, àquela altura, era composto exclusivamente de almas... almas e nada além de almas... nós percebíamos que essas almas eram fortalecidas na sua sobrevivência pelas atenções dos que viviam na terra, pelo amor que lhes era dedicado pelos humanos, pelos pensamentos sobre elas nas mentes humanas. Tudo era um processo.

— E exatamente como acontecia com os anjos, essas almas eram indivíduos com graus diversos de intelecto, interesse ou curiosidade. Elas também abrigavam todas as emoções humanas, embora em muitas, felizmente, toda emoção estivesse definhando.

— Algumas almas, por exemplo, sabiam que estavam mortas e procuravam responder às orações dos seus filhos, empenhavam-se para dar conselhos, falando com todo o poder que conseguiam reunir numa voz espiritual. Elas se esforçavam para aparecer aos seus filhos. Às vezes, conseguiam o feito por uns segundos efêmeros, juntando ao redor de si turbulentas partículas de matéria pela mera força da sua essência invisível. Em outras ocasiões, elas apareciam em sonhos, quando a alma do ser humano adormecido estava aberta a outras almas. Aos filhos elas falavam da tristeza e escuridão da morte, e

recomendavam que eles fossem valentes e fortes em vida. Elas davam conselhos aos filhos.

— E, pelo menos em alguns casos, elas pareciam saber que a fé e a atenção dos seus filhos e filhas as fortaleciam. Elas solicitavam orações e oferendas.

Lembravam aos filhos seu dever. Até certo ponto, essas almas eram as menos confusas, a não ser por um ponto. Elas acreditavam ter visto tudo o que havia para se ver.

— Nenhuma idéia do Paraíso? — perguntei.

— Não, e nenhuma luz do Paraíso penetrava no Sheol; nenhuma música. A partir do Sheol, o que se via era a escuridão, as estrelas e as pessoas da Terra.

— Insuportável.

— Não se você pensar que é um deus para seus filhos e ainda puder extrair forças da simples visão das libações que eles derramam sobre seu túmulo. Não se você ficar contente com aqueles que respeitam seus conselhos e sentir raiva dos que não respeitam; não se você puder se comunicar eventualmente, às vezes com resultados espetaculares.

— Estou entendendo, é claro. E deuses elas pareciam aos seus filhos.

— Deuses ancestrais de um certo tipo. Não o Criador de Tudo. Os seres humanos tinham idéias distintas sobre essas duas questões, como já disse.

— Fiquei profundamente absorto em toda essa questão do Sheol. Percorri todos os cantos do Sheol. Algumas dessas almas não sabiam que estavam mortas. Sabiam apenas que estavam perdidas, cegas e aflitas. Choravam o tempo todo como bebês. Eram tão fracas que acho que nem sentiam a presença de outras almas.

— Outras almas estavam nitidamente iludidas. Acreditavam que ainda estavam vivas! Andavam atrás dos parentes, no esforço vão de conseguir que o filho ou filha distraída prestasse atenção a elas, quando naturalmente os parentes não os estavam vendo nem ouvindo. E aquelas, aquelas que imaginavam ainda estar vivas, bem, essas não tinham nenhuma presença de espírito para reunir matéria de modo a aparecer ou para chegar aos vivos num sonho, porque sequer sabiam que estavam mortas.

— Certo.

— Continuando, algumas almas sabiam que eram fantasmas quando vinham aos mortais. Outras imaginavam que estavam vivas e que o mundo inteiro se havia voltado contra elas. Outras simplesmente vagavam, vendo e ouvindo os sons de outros seres vivos, mas distanciadas daquilo como que num estupor ou num sonho. E algumas almas morriam.

— Diante dos meus olhos, algumas morriam. E eu logo percebi que muitas estavam morrendo. A alma moribunda costumava durar uma semana, talvez um mês no tempo dos humanos, depois da sua separação do corpo humano, mantendo sua forma, e depois começava a sumir. A essência ia se dispersando aos poucos, exatamente como a essência de um animal ao morrer. Sumia no ar, talvez voltando para a energia e essência de Deus.

— Era isso o que ocorria? — perguntei, em desespero. — Sua energia voltava para o Criador? A luz de uma vela voltava ao fogo eterno?

— Não sei. E isso eu não vi, pequenas chamas subindo até o Paraíso, atraídas por uma labareda amorosa e poderosa. Não, não vi nada que se assemelhasse.

— Do Sheol, a Luz de Deus não era visível. Para o Sheol, o consolo de Deus não existia. No entanto, esses eram seres espirituais, feitos à nossa imagem e à Sua imagem, que se agarravam a essa imagem e ansiavam por uma vida após a morte. Essa era a agonia. O anseio pela vida após a morte.

— Se esse anseio estivesse ausente, a alma simplesmente se extinguiria? — perguntei.

— Não, de modo algum. O anseio parecia inato. O anseio precisava ser extinto lá no Sheol para que a alma se desintegrasse. Na realidade, as almas passavam por muitas, muitas experiências no Sheol, e aquelas que se haviam tornado mais fortes eram as que se percebiam como deuses, ou como humanos transferidos para o reino do bom Deus, e que davam atenção aos humanos. E essas almas adquiriam o poder até mesmo de influenciar as outras, de às vezes fortalecê-las e de impedir seu desaparecimento.

Ele parou, como se não estivesse seguro de como deveria prosseguir. Em seguida, continuou.

— Havia algumas almas que compreendiam as coisas de uma forma diferente. Elas sabiam que não eram deuses. Sabiam que eram seres humanos mortos. Sabiam que de fato não tinham o direito de mudar o destino daqueles que lhes dirigiam orações. Sabiam que as libações eram essencialmente simbólicas. Essas almas compreendiam o significado do conceito de simbólico. Elas sabiam. Sabiam que estavam mortas e tinham consciência de estar perdidas. Elas teriam voltado a entrar na carne se pudessem. Pois, ali na carne, ficava toda a luz, o calor e o conforto que elas um dia haviam conhecido e que ainda podiam ver. E, às vezes, essas almas conseguiam fazer exatamente isso!

— Testemunhei a ocorrência em várias situações diferentes. Vi essas almas descerem propositadamente para se apossar de um mortal estupefato, assumir o comando dos seus membros e do seu cérebro e viver dentro dele até que o homem conseguisse juntar forças para expulsar o espírito. Você conhece essas coisas. Todos os homens conhecem, o que está envolvido na possessão. Você já possuiu um corpo que não era seu; e seu corpo foi possuído por outra alma.

— É verdade.

— Mas o que estou relatando é o surgimento dessa invenção. E observar essas almas inteligentes no aprendizado das regras, vê-las adquirir poder cada vez maior, era algo digno de se contemplar.

— E o que não pôde deixar de me assustar, sendo eu o Acusador que sou e horrorizado pela Natureza, como Deus diz, o que eu não pude ignorar foi que essas almas realmente exerciam um efeito sobre mulheres e homens vivos! Já havia aqueles seres humanos vivos que se haviam tornado oráculos. Eles costumavam fumar ou beber alguma poção que deixasse sua mente passiva, de tal modo que uma alma pudesse falar através deles!

— E como esses espíritos poderosos, pois agora eu deveria chamá-los de espíritos, como esses espíritos poderosos apenas conheciam o que a Terra e o Sheol podiam lhes ensinar, eles podiam levar os seres humanos a cometer erros

terríveis. Eu os vi ordenar aos homens que entrassem em guerra. Eu os vi ordenar execuções. Eu os vi exigir sacrifícios sangrentos de seres humanos.

— Você presenciou a Criação da Religião a partir do Homem — disse eu.

— É, na medida em que o Homem pode criar alguma coisa. Não nos esqueçamos de Quem Criou a todos nós.

— Os outros anjos, como eles se saíam com essas revelações?

— Nós nos reuníamos, trocávamos histórias, cheios de perplexidade e voltávamos a sair cada um na sua própria exploração. Estávamos mais enredados com a terra do que nunca antes. Em sua essência, porém, as reações dos anjos variavam. Alguns, principalmente os Serafins, consideravam todo o processo simplesmente maravilhoso; que Deus merecia milhares de hinos em louvor pelo fato de sua Criação ter levado a um ser que pudesse desenvolver a partir de si uma divindade invisível que por sua vez o levaria a esforços cada vez mais importantes pela sobrevivência ou na guerra.

— Havia também aqueles que pensavam, "Isso é um erro, uma abominação! Essas são almas de humanos fingindo ser Deuses! Isso é inominável e deve ser reprimido imediatamente".

— E houve minha reação apaixonada. "Isso é realmente hediondo e levará a catástrofes cada vez piores! Esse é o começo de um estágio totalmente novo na vida humana, incorpóreo, porém determinado e ignorante, que está ganhando impulso a cada segundo, e enchendo a atmosfera do mundo com poderosas entidades intervenientes tão ignorantes quanto os humanos em volta dos quais elas giram."

— Sem dúvida, alguns dos outros anjos concordavam com você.

— Certo, alguns tinham a mesma veemência; mas, como Miguel disse, "Confie em Deus, Memnoch, Que fez tudo isso. Deus conhece o Projeto Divino".

— Miguel e eu tínhamos longas conversas. Por sinal, Rafael, Gabriel e Uriel não haviam descido para participar dessa missão. E o motivo para isso é bastante simples. Quase nunca esses quatro seguem pelo mesmo caminho. É uma lei entre eles, um costume, uma... uma vocação, de que dois estejam sempre à disposição no Paraíso para algum chamado de Deus. E os quatro nunca saem juntos. Naquela ocasião, Miguel foi o único que quis vir.

— E esse Arcanjo Miguel ainda existe agora?

— Claro que existe! Você vai conhecê-lo. Você poderia conhecê-lo agora se quisesse, mas não, ele agora não viria. Não viria. Ele está do lado de Deus. Mas você vai estar em contato com ele se se unir a mim. Na realidade, você talvez ficasse surpreso de ver como Miguel pode ser solidário para com meus esforços. Mas meus esforços não são irreconciliáveis com o paraíso, sem dúvida, ou eu não teria permissão para fazer o que faço.

Ele me lançou um olhar penetrante.

— Todos aqueles do *bene ha elohim* que eu descrevo estão vivos agora. Eles são imortais. Como você pôde pensar que seria diferente? Agora, havia almas no Sheol naquela época que não existem mais, não em alguma forma da qual eu tenha conhecimento, mas talvez existam em alguma forma conhecida por Deus.

— Compreendo. Foi uma pergunta idiota — admiti. — Enquanto você

observava tudo isso, enquanto ia se enchendo de medo, como você relacionava isso com a afirmação de Deus acerca da natureza? De que você veria a humanidade como parte da natureza.

— Eu não conseguia, a não ser em termos da interminável troca de energia e Matéria. As almas eram energia; e no entanto elas mantinham um conhecimento proveniente da Matéria. Para além desse ponto, eu não conseguia conciliar as coisas. Já para Miguel, havia um outro ponto de vista. Nós estávamos numa escada, não era? As moléculas inferiores de matéria inorgânica constituíam os degraus mais baixos. Essas almas desencarnadas ocupavam o degrau acima do ser humano embora abaixo dos anjos. Para Miguel, tudo isso era uma única procissão constante, mas a verdade era que Miguel tinha confiança em que Deus estava fazendo tudo isso deliberadamente e queria que fosse assim.

— Nisso eu não podia acreditar! Porque o *sofrimento* das almas me horrorizava. E atingia Miguel também. Ele tapava os ouvidos. E a *morte* das almas me apavorava. Se as almas podiam viver, então por que não deixar que todas soubessem?! E estariam elas condenadas a existir para sempre nessas trevas? Na natureza, que outra coisa permanecia tão estática? Será que elas estavam transformadas em asteróides conscientes, em órbita eterna ao redor do planeta, luas que podiam berrar, gritar e chorar?

— Perguntei a Miguel o que aconteceria. "As tribos oram a almas diferentes. Essas almas tornam-se seus deuses. Algumas são mais fortes do que outras. Veja a guerra por toda parte, os combates. "

— "Mas Memnoch", disse ele, "os primatas faziam isso antes que tivessem almas. Tudo na Natureza come e é comido. É isso o que Deus vem tentando lhe dizer desde que você começou a protestar contra o som do sofrimento proveniente da Terra. Esses espíritos-almas-deuses são expressões dos humanos, fazem parte da humanidade, são nascidos de humanos e sustentados por eles. E, mesmo que esses espíritos desenvolvam o poderão ponto de conseguir manipular os seres vivos com precisão, apesar disso eles nasceram da Matéria e fazem parte da Natureza, como Deus disse. "

— "Quer dizer que a natureza é esse horror indescritível, em expansão", disse eu. "Não basta que um tubarão engula inteiro o filhote de golfinho, que a borboleta seja esmagada pelos dentes do lobo que a devora, esquecido da sua beleza. Não basta. A natureza precisa ir além e produzir, a partir da matéria, esses espíritos atormentados. A natureza chega até esse ponto para se aproximar do Paraíso, mas fica tão distante dele que só Sheol serve como nome para esse lugar. "

— Isso foi demais para Miguel. Não se pode falar desse jeito com o Arcanjo Miguel. Simplesmente não funciona. Por isso, ele imediatamente se afastou de mim, não com raiva, não por medo de que um raio de Deus pudesse errar o alvo por uma fração e estilhaçar sua asa esquerda. Mas ele se afastou em silêncio, como se quisesse dizer, Memnoch, você é impaciente e pouco sábio. Ele então se voltou e disse, em tom misericordioso, "Memnoch, você não aprofundou seu olhar o suficiente. Essas almas apenas iniciaram sua evolução. Quem sabe até que ponto elas se fortalecerão? O Homem deu o primeiro passo

para entrar no invisível. E se a intenção fosse a de que ele viesse a ser como nós?"

— "Mas como é que isso deveria acontecer, Miguel?", perguntei. "Como é que essas almas virão a conhecer o que são os anjos e o que é o Paraíso? Você acha que, se nos tornássemos visíveis para elas e lhes disséssemos que elas..." Parei de falar. Até mesmo eu sabia que isso era inimaginável. Eu não teria ousado. Nem em milhões de anos eu teria ousado.

— No entanto, mal esse pensamento nos havia ocorrido, mal havíamos começado a refletir sobre ele, e outros anjos vieram se unir a nós, dizendo, "Olhem, as pessoas sabem que estamos aqui".

— "Como assim?", perguntei. Por mais que me compadecesse da humanidade, eu não considerava os homens e mulheres mortais muito inteligentes. Mas esses anjos deram uma explicação imediata.

— "Alguns perceberam nossa presença. Eles a percebem como percebem a presença da alma de um morto. É a mesma parte do cérebro que percebe outras coisas invisíveis. Eu lhes digo que eles nos vislumbraram e que agora vamos ser imaginados por essas pessoas. Vocês vão ver."

— "Esse não pode ser o desejo de Deus", disse Miguel. "Proponho que voltemos ao Paraíso imediatamente."

— A maioria concordou com ele no mesmo instante, como os anjos concordam, em silêncio total. Fiquei ali parado, olhando para a multidão.

— "Bem, Deus me deu uma missão", disse eu. "Não posso voltar antes de compreender", insisti. "E ainda não compreendo."

— Seguiu-se uma enorme discussão. Finalmente, porém, Miguel me beijou como os anjos sempre beijam, com ternura na boca e na face, e subi para o Paraíso, acompanhado por toda a falange.

— E eu fiquei, parado na terra sozinho. Não orei para Deus. Não recorri aos homens. Olhei para dentro de mim mesmo e pensei, O que é que eu vou fazer? Não quero ser visto como anjo. Não quero ser cultuado como aquelas almas sobreviventes. Não desejo irritar Deus; mas preciso cumprir Sua ordem a mim. Preciso compreender. Ora, eu sou invisível. Mas e se eu conseguir fazer o que essas almas inteligentes fazem? Ou seja, reunir matéria ao meu redor a fim de criar um corpo para mim, reunir uma quantidade suficiente de partículas minúsculas de todo o mundo. E quem conhece melhor do que eu do que um homem é feito, tendo visto sua evolução desde os primeiros estágios? Quem conhece melhor do que eu a composição de tecidos, células, ossos, fibras e massa cinzenta? A não ser Deus?

— Pois foi o que fiz. Concentrei toda a minha vontade e minha força na tarefa de elaborar para mim um invólucro vivo de carne humana, completo em todas as partes, e optei, sem mesmo pensar no assunto, por ser homem. Será que isso exige uma explicação?

— No fundo, não — disse eu. — Eu imaginaria que você já tivesse visto o suficiente na linha de estupros, partos e lutas impotentes para fazer a melhor escolha. Sei que fiz.

— Certo. No entanto, às vezes eu me pergunto. Às vezes me pergunto se as coisas teriam sido totalmente diferentes se eu tivesse optado por ser mulher. Eu poderia. Na realidade, as mulheres são mais parecidas conosco. Mas, se nós

somos os dois, certamente somos mais homem do que mulher. Não é em partes iguais.

— A partir do que você me mostrou de si mesmo, estou inclinado a concordar.

— Pois é. Consegui me revestir de carne. Demorou um pouco mais do que se poderia imaginar. Precisei evocar conscientemente cada fragmento de conhecimento na minha memória angelical. Precisei elaborar o corpo e depois inserir nele minha essência na forma exata pela qual a essência da vida natural teria estado ali dentro. E precisei me entregar, ou seja, encerrar a mim mesmo nesse corpo, realmente penetrar nele, preencher seus limites e não entrar em pânico. Depois, precisei olhar através dos seus olhos.

Fiz que sim, em silêncio, com a sombra de um sorriso. Por ter desistido de meu corpo de vampiro por um corpo mortal, eu talvez pudesse imaginar uma partícula ínfima do que Memnoch havia experimentado. Não me dispunha a me vangloriar de estar compreendendo.

— O processo não envolveu nenhuma dor — disse ele. — Apenas submissão. E, na realidade, por nenhum bom motivo, ou eu talvez devesse dizer a partir da mera Natureza, para usar a palavra preferida de Deus, encerrei meu próprio eu, minha própria essência, na carne. Só as asas eu deixei totalmente fora da experiência. E assim ali estava eu, alto como um anjo. Quando andei até a água de uma lagoa de águas limpas ali perto e olhei nela, vi Memnoch pela primeira vez em forma material. Vi a mim mesmo exatamente, meu cabelo louro, meus olhos, minha pele, todos os dons que Deus me deu na forma invisível tornados manifestos na carne.

— Logo percebi que isso era demais! Eu era simplesmente grande demais. Eu reluzia com a essência do meu interior! Isso não funcionaria. Por isso, comecei instantaneamente a reformular e reduzir a escala do corpo inteiro até que ela fosse mais semelhante à do corpo de um homem.

— Você vai saber fazer tudo isso quando estiver comigo, se decidir me acompanhar, morrer e ser meu lugar-tenente. Deixe-me dizer, porém, por enquanto que não é impossível, nem é terrivelmente simples. Não é como apertar as teclas de um complexo programa de computador, recostar-se e observar enquanto a máquina executa os comandos um a um. Por outro lado, não é complicado e excessivamente consciente. Apenas requer conhecimento angelical, paciência angelical e vontade angelical.

— Agora havia um homem parado à beira da lagoa, nu, de cabelo louro e olhos claros, muito semelhante àqueles que habitavam a região, embora talvez se aproximasse mais da perfeição e fosse dotado de órgãos físicos de tamanho razoável mas não esplêndido.

— Ora, à medida que minha essência penetrava nesses órgãos, mais especificamente no escroto e no pênis, senti algo que havia permanecido totalmente desconhecido para mim como anjo. Totalmente desconhecido. Compunha-se de muitas percepções. Eu soube o que era a identidade sexual, conheci a masculinidade. Conhecia agora uma certa vulnerabilidade masculina em primeira mão em vez de apenas através da observação e da percepção. E fiquei muito surpreso com o quanto eu me sentia poderoso.

— Eu havia esperado ficar abalado de humilhação naquela forma! Tremar com a indignidade da minha mera pequenez, minha imobilidade e um monte de outras coisas, sensações que você teve quando trocou seu corpo de vampiro pelo de um homem.

— Lembro-me perfeitamente.

— Mas não senti isso. Eu nunca havia sido material. Eu nunca havia pensado em fazer isso. Eu jamais havia sequer pensado em querer ver como eu era num espelho da Terra. Eu conhecia minha imagem a partir do seu reflexo nos olhos dos outros anjos. Eu conhecia as partes do meu corpo porque podia vê-las com meus olhos angelicais.

— Agora, porém, eu era um homem. Eu sentia o cérebro dentro do crânio. Sentia sua mecânica úmida, intrincada, quase caótica; suas camadas e mais camadas de tecido, envolvendo, como se sabe, os estágios iniciais da evolução e os associando a uma abundância de células superiores no córtex de uma forma que parecia perfeitamente ilógica e no entanto completamente natural, natural se você soubesse o que eu, enquanto anjo, sabia.

— Como o quê, por exemplo? — perguntei, tornando a pergunta tão gentil quanto possível.

— Como o fato de que as emoções despertadas na parte límbica do meu cérebro poderiam me dominar sem primeiro se apresentar à minha consciência. Isso não pode acontecer com um anjo. Nossas emoções não têm como evitar nossa mente consciente. Nós não temos como sentir um medo irracional. Pelo menos eu acho que não. E seja qual for o caso, eu seguramente achava que não quando estava ali parado na terra, no corpo de um homem.

— Naquela forma, você poderia ter sido ferido ou morto? — perguntei. — Não, por sinal, vou chegar lá num instante. Mas, como eu estava numa área desabitada, coberta de bosques, como eu estava neste mesmo vale que é a Palestina, se você quer saber, antes que ele chegasse a ser chamado de Palestina, como eu estava aqui, dei-me conta de que esse corpo era alimento para animais selvagens; e assim criei em volta de mim um escudo extremamente forte, de essência angelical. Ele funcionava com eletricidade. Ou seja, quando um animal se aproximava de mim, o que aconteceu quase de imediato, ele era repellido pelo escudo.

— E protegido dessa forma, resolvi começar a caminhar por todos os aglomerados humanos das proximidades para olhar as coisas, sabendo muito bem que ninguém poderia me ferir, me empurrar, me atacar ou fazer qualquer outra coisa semelhante. Mesmo assim, eu não queria parecer milagroso. Pelo contrário, eu daria a impressão de me desviar de golpes se algum me fosse dirigido; e eu procuraria me comportar de uma forma que permitisse que ninguém chegasse a me perceber.

— Esperei pelo anoitecer e fui até o acampamento mais próximo, que era o maior na área e havia desenvolvido tanto poder que agora cobrava tributos de outros acampamentos próximos. Tratava-se de um local de reunião circular e imenso, murado, cheio de cabanas individuais nas quais viviam homens e mulheres. Havia fogo aceso em cada cabana. Havia um ponto central onde todos se reuniam. Havia portões que eram trancados à noite.

— Entrei ali sorrateiro, joguei-me ao lado de uma cabana e passei horas olhando o que as pessoas desse acampamento faziam no crepúsculo e depois de escurecer. Eu me esgueirava de um lugar para o outro. Espiava pelos portais estreitos. Observei muitas coisas.

— No dia seguinte, observei da floresta. Segui um bando de caçadores de modo que eles não me vissem, mas que eu os visse. Quando me viram de relance, fugi, o que parecia ser o comportamento aceitável e previsível. Ninguém me perseguiu.

— Acompanhei a esmo a vida cheia de energia desses humanos por três dias e três noites. E, durante esse período, conheci seus limites, conheci suas dores e necessidades corporais e, aos poucos, vim a conhecer seu desejo, porque de repente descobri que ele ardia dentro de mim.

— Foi assim que aconteceu. Entardecer. Terceiro dia. Eu havia chegado a toda uma série de conclusões quanto ao motivo pelo qual essas pessoas não faziam parte da Natureza. Eu tinha toda uma defesa para apresentar a Deus. Estava quase a ponto de ir embora.

— Mas uma coisa que sempre havia fascinado os anjos e que eu não havia experimentado na carne era a união sexual. Agora, como anjo invisível, era possível chegar bem perto do casal unido, olhar dentro dos seus olhos semicerrados, ouvir seus gritos, tocar a carne afogueada do seio da mulher e sentir seu coração acelerar.

— Eu havia feito isso inúmeras vezes. E percebia agora que a união apaixonada, uma verdadeira experiência dela, poderia ser crucial para minha argumentação. Eu conhecia a sede, a fome, a dor, o cansaço. Sabia como essas pessoas viviam, sentiam, pensavam e conversavam umas com as outras. Mas eu realmente não sabia o que acontecia na união sexual.

— E ao entardecer do terceiro dia, quando eu estava parado às margens deste mesmo mar, aqui, longe, bem longe do acampamento, olhando na direção dele a alguns quilômetros à nossa direita, veio na minha direção, como que saindo do nada, uma linda mulher, uma filha do homem.

— Ora, eu já havia visto dezenas de mulheres lindas! Como lhe disse, quando me deparei pela primeira vez com a beleza da mulher... antes que os homens ficassem assim lisos e sem pêlos... aquilo foi um dos choques da Evolução Física para mim. E é claro que, durante esses três dias, eu havia examinado de longe muitas mulheres bonitas. No entanto, no meu disfarce, não havia ousado me aproximar muito. Afinal de contas, eu estava na carne e procurava não chamar atenção.

— Mas, veja bem, eu estava com esse corpo há três dias. E os órgãos desse corpo, tendo sido criados com perfeição, reagiram de imediato à visão dessa mulher, que vinha andando, confiante, pela orla do mar, uma mulher rebelde, sem acompanhantes do seu sexo, sem um guardião, uma moça jovem, audaciosa, ligeiramente zangada, de cabelos longos, linda.

— Seu traje não passava de uma tosca pele de animal, com um cinto de couro mastigado; e ela estava descalça, com as pernas nuas dos joelhos para baixo. Seu cabelo era comprido e escuro; e os olhos, azuis. Uma combinação sedutora. E seu rosto, muito jovem apesar de cheio da personalidade conferida a

um rosto pela raiva e pela rebeldia: uma moça cheia de dor, imprudência e algum desejo de se agredir.

— Ela me viu.

— Parou, consciente da sua vulnerabilidade. E eu, nunca tendo me preocupado com trajes, fiquei ali parado, nu, olhando para ela. E o órgão em mim a desejou, um desejo urgente e violento. Senti o primeiro indício de como aquela união poderia ser. Ou seja, as primeiras manifestações do desejo verdadeiro. Durante três dias, eu havia vivido pela mente, como um anjo. Agora, o corpo falava, e eu prestava atenção com ouvidos de anjo.

— Ela por sua vez não fugiu de mim, mas deu alguns passos para se aproximar. E, no seu coração inconsequente, tomou uma decisão, com base em que experiência eu não poderia dizer, mas ela decidiu que abria os braços para mim se eu a desejasse. E, com um movimento graciosíssimo e extremamente delicado dos quadris, associado a um gesto da mão direita que levantou o cabelo e depois o soltou, ela fez com que eu soubesse.

— Aproximei-me. Ela segurou minha mão e me levou para aquelas rochas lá em cima, onde há uma gruta. Dá para você ver, logo atrás do seu ombro esquerdo, no alto da encosta. Ela me levou até lá; e, quando chegamos à entrada, percebi que ela estava louca por mim como eu por ela.

— Não era nenhuma virgem, essa moça. Qualquer que fosse sua história, ela não ignorava a paixão. Sabia o que era e a desejava. O impulso dos seus quadris na minha direção era proposital. E, quando ela me beijou e enfiou a língua na minha boca, ela sabia o que estava procurando.

— Fiquei perplexo. Por um instante, afastei-a de mim, apenas para olhar para ela, na sua misteriosa beleza material, uma criatura da carne e da decomposição que, mesmo assim, se equiparava a qualquer anjo que eu já houvesse visto. Depois, devolvi-lhe seus beijos, com brutalidade, fazendo com que ela risse e grudasse os seios no meu corpo.

— Em segundos, nós havíamos caído juntos no chão musguento da gruta, como eu havia visto os mortais fazerem milhares de vezes. E, quando meu órgão penetrou nela, quando senti a paixão, conheci então o que nenhum anjo teria jamais condições de conhecer! Era algo que não tinha nada a ver com a razão, com a observação, com a empatia, ou com prestar atenção, aprender ou tentar captar. Eu estava dentro da sua carne, tomado pelo desejo. E ela também. E os músculos delicados da sua boquinha peluda se fecharam em torno de mim como se ela quisesse me devorar. E, enquanto eu penetrava nela, sem parar, ela ficou muito vermelha no seu orgasmo, virou os olhos, e seu coração parou.

— Gozei no mesmo instante. Senti a ejaculação jorrar do meu corpo para o dela. Senti que o líquido enchia a cavidade quente, apertada. Meu corpo continuou a se contorcer no mesmo ritmo, e depois a sensação, a sensação indescritível e totalmente nova, foi aos poucos se abrandando e sumindo.

— Caí exausto ao seu lado, com um braço por cima dela, e minha boca procurou o lado do seu rosto para um beijo. Falei na sua língua, atropelando as palavras. "Eu te amo, te amo, te amo, doce e linda criatura, eu te amo!"

— E a essas palavras ela respondeu com um sorriso respeitoso e dócil. Aconchegou-se a mim e depois pareceu prestes a chorar. Sua despreocupação a

havia levado a uma vulnerabilidade! Sua alma sofria no seu íntimo, e eu senti isso pelas palmas das suas mãos.

— Em mim, porém, havia um turbilhão de conhecimento! Eu havia experimentado o orgasmo! Eu havia tido as sensações físicas altamente desenvolvidas que se consumam quando os humanos têm uma relação sexual! Fiquei olhando para o teto da caverna, incapaz de me mexer, incapaz de falar.

— E então, muito aos poucos percebi que alguma coisa a havia espantado. Ela se grudou a mim, depois se ajoelhou e foi embora correndo.

— Eu me sentei. A luz havia descido dos Céus! Ela vinha descendo; era a luz de Deus e estava à minha procura! Apressei-me a ficar de joelhos, a me pôr em pé, e saí correndo para a luz.

— "Estou aqui, Senhor!", gritei. "Senhor, estou cheio de felicidade! Senhor, Deus, o que eu senti, Senhor!" E entoei um grande hino. E, enquanto eu ia cantando, as partículas materiais do meu corpo iam se dissolvendo em torno de mim, arrancadas por mim, quase como se pela força da minha voz angelical; e eu me ergui até minha altura total, abri minhas asas e cantei em gratidão aos Céus, pelo que eu havia experimentado nos braços daquela mulher.

— A voz de Deus veio baixa, mas cheia de ira.

— "Memnoch!", disse Ele. "Você é um Anjo! O que um Anjo, um Filho de Deus, está fazendo com uma Filha dos Homens?!"

— Antes que eu pudesse responder, a luz recuou e me deixou com o redemoinho. E, ao me voltar, com as asas apanhadas nele, vi que a mortal estava só ali, à beira do mar, que ela havia visto e ouvido algo que lhe era inexplicável e que agora, apavorada, ela fugia.

— Ela correu e eu fui transportado para o alto para os próprios portões do Paraíso. Pela primeira vez, aqueles portões assumiram para mim a altura e a forma que apresentaram a você; e eles estavam trancados para que eu não passasse. A Luz então me atingiu e eu fui jogado para baixo, forçado a descer, caindo como você caiu nos meus braços, só que eu estava só, estava só quando fui jogado de volta, invisível, mas ferido, abatido, em lágrimas, sobre a terra úmida.

— "Você, meu Guardião, o que você fez?!", disse a voz de Deus, baixa e firme junto ao meu ouvido.

— Comecei a chorar descontroladamente. "Senhor, meu Deus, esse é um terrível equívoco. Permiti... permiti que eu Vos exponha meus argumentos..."

— "Fique com os mortais que você tanto ama!", disse Ele. "Deixe que eles o ajudem, pois eu não vou lhe dar atenção enquanto minha ira não arrefecer. Abrace a carne que você deseja tanto, e com a qual está conspurcado. Você não poderá voltar ao alcance dos meus olhos enquanto eu não mandar chamá-lo, e isso só ocorrerá por opção minha."

— O vento aumentou novamente, em torvelinho. E, quando me virei de costas, percebi que não tinha asas e estava na carne mais uma vez, do tamanho de um homem.

— Eu estava no corpo que havia criado para mim mesmo, generosamente reconstituído para mim pelo Todo-poderoso, até a última célula, e jazia ali machucado, dolorido, fraco no chão, gemendo e cheio de tristeza.

— Eu nunca me havia ouvido chorar antes com uma voz humana. Eu não chorava alto. Não estava cheio de desafio ou de desespero. Eu ainda tinha confiança demais em mim como Anjo. Tinha certeza demais do amor de Deus por mim. Sabia que Ele estava irado, sim, mas Ele Se havia enfurecido comigo muitíssimas vezes antes.

— O que eu sentia era a agonia da separação em relação a Ele! Eu não poderia subir aos Céus quando quisesse! Eu não poderia deixar essa carne. E, quando me pus sentado e levantei os braços, percebi que estava tentando fazer isso com todo o meu ser, o que era impossível. E então uma tristeza se abateu sobre mim, tão imensa, tão solitária, tão total que só pude abaixar minha cabeça.

— Era o início da noite. As estrelas enchiam o firmamento e estavam tão distantes de mim como se eu nunca tivesse chegado a conhecer o Paraíso. Fechei meus olhos e ouvi os lamentos das almas no Sheol. Eu as ouvi apinhadas perto de mim, perguntando-me o que eu era, o que haviam presenciado, de onde eu havia sido jogado para cair na terra? Anteriormente, eu passava despercebido, passando pela transformação em silêncio e em segredo. Mas, quando Deus me empurrara cá para baixo, eu caí espetacularmente como anjo e imediatamente assumi a forma de homem.

— Todo o Sheol gritava com curiosidade, a me instigar.

— "Senhor, o que eu digo a eles? Ajudai-me!", orei.

— E então surgiu o perfume da mulher perto de mim. Voltei-me e vi que ela se esgueirava na minha direção, cheia de cautela. E, quando ela viu meu rosto, quando viu minhas lágrimas e minha aflição, veio corajosa na minha direção, encostando seus seios quentes no meu peito mais uma vez, e segurando minha cabeça com suas mãos trêmulas.



— Ela me levou de volta ao acampamento. Fez com que eu entrasse pelos portões. Homens e mulheres levantavam-se de perto das fogueiras, e crianças vinham correndo para perto de mim. Eu sabia que possuía a beleza angelical, e seus olhares de admiração não me surpreenderam. No entanto, eu me perguntava, sim, em nome de Deus o que eles pretendiam fazer.

— Fizeram com que eu me sentasse e me deram o que comer e beber. Disso eu precisava. Durante três dias, eu não havia bebido nada a não ser água; e havia comido apenas algumas frutinhas colhidas aqui e ali nos bosques.

— Sentei-me com eles, de pernas cruzadas, e comi a carne cozida que me deram. E ela, minha mulher, minha Filha dos Homens, ficou grudada a mim, como se estivesse provocando qualquer um ali a nos desafiar. E depois ela falou.

— Levantou-se, ergueu os braços e, com uma voz alta, lhes relatou o que havia visto. Seu linguajar era simples, mas ela dispunha de uma quantidade suficiente de palavras para a descrição: como havia deparado comigo à beira do mar e visto que eu estava nu, como se entregara a mim em adoração e santidade, sabendo que eu não podia ser um homem da terra.

— Mal meu sêmen havia entrado nela e uma luz magnífica, vinda do alto, inundou a caverna. Ela fugiu correndo temerosa, mas eu saí da caverna e entrei na luz, sem medo, reconhecendo-a. E, diante dos seus olhos, eu me transformei de tal modo que ela pôde ver através de mim, apesar de ainda continuar a me ver. E eu havia crescido e tinha imensas asas de penas brancas! Essa visão, essa criatura através da qual ela podia enxergar como se estivesse olhando através da água, ela viu por apenas um instante. Depois eu desapareci. Sumi, com tanta certeza quanto a de eu estar ali agora. Ela ficou por ali, trêmula, observando, fazendo orações aos seus ancestrais, ao Criador, aos Demônios do Deserto, a todos os poderes, pedindo proteção, quando de repente ela me viu de novo: transparente, para resumir suas palavras simples, mas visível, alado e enorme, caindo até um choque violento com a terra, choque que teria matado um homem, embora fosse nisso que eu me houvesse transformado: num homem, sólido como todos podiam ver, sentado no chão batido.

— "Meu Deus", orei. "O que devo fazer? O que essa mulher disse é verdade! Mas não sou nenhum Deus. O Senhor é Deus. O que é que eu faço?"

— Não veio resposta nenhuma dos Céus. Não que chegasse aos meus ouvidos. Não aos meus ouvidos, não ao meu coração, não ao meu cérebro complexo e travancado.

— Quanto ao grupo de ouvintes, que calculei chegar a uns trinta e cinco, sem incluir as crianças, ninguém falou. Todos estavam considerando a situação. Ninguém aceitou prontamente o fato. Também ninguém ia se apresentar e questionar sua veracidade. Algo na minha postura e nas minhas maneiras os mantinha afastados.

— Isso não era surpresa nenhuma. Eu certamente não me encolhi, não tremi nem manifestei que estava sofrendo. Não havia aprendido a exprimir o sofrimento angelical através do corpo físico. Apenas fiquei sentado ali, consciente de que aos seus olhos eu era jovem, bem-apeado e um mistério. E eles não tinham coragem suficiente para tentar me ferir, como feriam outros com tanta frequência. Nem para me apunhalar, perfurar ou queimar como eu os havia visto agir com seus inimigos, e com sua própria gente desprezada.

— De repente, o grupo inteiro começou a sussurrar. Um homem muito velho pôs-se de pé. Suas palavras eram ainda mais simples do que as da mulher. Eu teria dito que ele talvez tivesse a metade do vocabulário que ela dominava. No entanto, era o suficiente para ele se expressar; e ele me perguntou simplesmente, "O que você pode dizer para se defender?"

— Os outros reagiram como se essa pergunta fosse uma expressão de pura genialidade. Talvez fosse. A mulher ficou muito perto de mim nesse instante. Ela se sentou ao meu lado e, com um ar de súplica, me abraçou.

— Percebi uma coisa, que seu destino estava ligado ao meu. Ela sentia um leve medo de toda aquela gente, seus parentes. E não tinha medo de mim! Interessante. É isso o que a ternura e o amor podem fazer, e outras maravilhas também, pensei. E Deus diz que essas pessoas fazem parte da Natureza!

— Abaixei a cabeça, mas não por muito tempo. Finalmente, levantei-me, trazendo-a comigo, minha companheira, por assim dizer. E, usando todas as palavras conhecidas na sua língua, até algumas que as crianças vinham acrescentando naquela geração e que os adultos ainda desconheciam, falei.

— "Não quero lhes fazer mal. Vim dos Céus. Vim conhecê-los e amá-los. E só lhes desejo todas as coisas boas segundo a vontade de Deus!"

— Houve um enorme clamor, um clamor feliz, com as pessoas batendo palmas, ficando em pé, e as crianças pulando sem parar. Aparentemente houve um consenso de que Lília, a mulher com quem eu havia estado, poderia agora retornar ao grupo. Ela havia sido expulsa para morrer quando se deparara comigo. Mas agora sem dúvida tinha apoio. Havia voltado com um deus, uma divindade, um ser celeste... eles procuravam a descrição com muitas sílabas e combinações de sílabas.

— "Não!" protestei. "Não sou nenhum deus. Não criei o mundo. Da mesma forma que vocês, eu adoro o Deus que fez tudo isso."

— Também essas palavras foram acolhidas com júbilo. Na realidade, a excitação começou a me alarmar. Eu tinha uma sensação aguçada dos limites do meu corpo com todos esses outros dançando, berrando, gritando e dando chutes na lenha da fogueira, enquanto essa linda Lília ficava agarrada a mim.

— "Agora preciso dormir!", disse eu, de repente. E isso nada mais era do que a perfeita verdade. Eu mal havia dormido uma hora ou mais de uma vez nos meus três dias na carne e estava exausto, machucado e expulso do Paraíso. Eu

queria me voltar para essa mulher, e enterrar minha mágoa nos seus braços.

— Todos deram sua aprovação. Uma cabana foi preparada para nós. As pessoas se apressavam de um lado para o outro, reunindo as melhores peles para nós, bem como o couro mastigado mais macio, e fomos levados a esse local em silêncio. Estirei-me na pele que estava abaixo de mim, a pele de uma cabra montesa, de pêlos longos e macios.

— "Meu Deus, o que quereis que eu faça?!", perguntei em voz alta. Não houve resposta. Apenas o silêncio e a escuridão na cabana, e depois os braços de uma Filha dos Homens em volta de mim, deliciosos, carinhosos, cheios de ternura e paixão; aquele mistério, aquela combinação, aquele perfeito milagre vivo, a ternura e o desejo que desembocavam um no outro.

Memnoch parou. De repente, parecia exausto. Levantou-se e voltou a caminhar pela beira do mar. Ele parou na areia macia com seixos. Vi o contorno das suas asas por um instante, talvez da mesma forma que a mulher tivesse visto, e em seguida ele era apenas a grande figura, com os ombros encurvados, parado ali de costas para mim, aparentemente com as mãos cobrindo.

— Memnoch, o que aconteceu?! — perguntei. — Sem dúvida, Deus não o deixou ali! O que você fez? O que aconteceu na manhã do dia seguinte, quando você acordou?

Ele deu um suspiro e se voltou, finalmente. Voltou devagar até a rocha e se sentou mais uma vez.

— Antes de amanhecer, eu a havia conhecido uma meia dúzia de vezes e estava meio morto. Isso em si foi mais uma lição. Mas eu não tinha absolutamente a menor idéia do que poderia fazer. Enquanto ela dormia, eu orava a Deus, orava a Miguel e aos outros anjos. Orei sem parar, perguntando o que deveria fazer.

— Adivinhe quem me respondeu — disse ele.

— As almas no Sheol — respondi.

— Isso mesmo! Foram esses os espíritos que responderam. Como você soube a resposta? Foram esses os espíritos: as almas mais fortes no Sheol que ouviram minhas orações ao Criador e ouviram o ímpeto e a essência dos meus gritos, minhas desculpas, minhas súplicas por misericórdia, perdão e compreensão. Ouviram tudo isso, ouviram atentamente, absorveram tudo, como ouviam os anseios espirituais dos seus filhos humanos vivos. E, antes que o sol nascesse, quando todos os homens do grupo começaram a se reunir, eu só sabia uma coisa.

— Não importa o que me acontecesse, não importa qual fosse a vontade de Deus, as almas do Sheol nunca mais seriam as mesmas! Elas haviam aprendido demais com a voz desse Anjo caído na Matéria que havia, irrefletidamente, clamado ao Paraíso e a Deus.

— É claro que o pleno impacto não me atingiu. Não fiquei ali sentado raciocinando. As almas mais fortes haviam tido seu primeiro vislumbre do Paraíso. Elas agora sabiam de uma Luz que fazia um Anjo chorar e implorar desesperado por estar com medo de nunca mais voltar a ver essa Luz. Nisso eu não pensei. Não.

— Deus me havia deixado ali. Foi isso o que pensei. Deus me havia

deixado. Fui entrando no meio da multidão. O acampamento estava transbordando de gente. Na realidade, homens e mulheres estavam vindo de todos os acampamentos próximos para me ver.

— E nós tivemos de deixar a área protegida e sair para o campo aberto, para um dos campos. Olhe lá embaixo, à direita, onde a terra sobe? Está vendo aquele lugar onde o campo se alarga e a água faz uma curva...

— Estou.

— Foi ali que nos reunimos. E logo ficou claro que todos esses homens e mulheres estavam esperando alguma coisa de mim, que eu falasse, que eu fizesse milagres, que me crescessem asas, alguma coisa, mas o que era eu não sabia. Quanto a Lília, ela estava grudada a mim como sempre, linda e sedutora, cheia de um vago assombro.

— Juntos nós escalamos aquela rocha... está vendo ali, as grandes pedras deixadas pelas geleiras há milhões de anos. Lá. Nós subimos na pedra. Ela se sentou e eu fiquei em pé diante daquelas pessoas. Depois, olhei para o céu e abri os braços.

— De todo o coração, pedi a Deus que me perdoasse, que me aceitasse de volta, que desse um clímax a essa invasão com meu desaparecimento misericordioso, ou seja, que me permitisse assumir minha forma angelical, invisível, para ascender. Tive vontade de fazer isso. Imaginei a situação. Procurei por todos os meios concebíveis, assumir minha natureza anterior. Em vão.

— Nos céus lá em cima eu via o que os homens viam. Via o azul do firmamento e as nuvens brancas e esguias sendo sopradas para o leste, e via a pálida lua azul do dia. O sol machucava meus ombros. Machucava o alto da minha cabeça. E me dei conta então de um fato com todo o seu horror: eu ia provavelmente morrer neste corpo! Eu havia abdicado da minha imortalidade! Deus me havia tornado mortal e virado as costas.

— Refleti sobre isso muito tempo. Eu já havia suspeitado desde o primeiro momento, mas agora, com o açoitamento de um humano, eu estava convencido. E dentro de mim brotou uma raiva profunda. Olhei para todos esses homens e mulheres. Pensei nas palavras de Deus para mim, que eu fosse com aqueles que eu havia escolhido, com a carne que eu preferia ao Paraíso. E surgiu na minha cabeça uma decisão.

— Se esse ia ser meu fim, se eu ia morrer neste corpo mortal como todos os homens morrem, se alguns dias ou semanas, ou até mesmo anos me restavam, o tempo que este corpo poderia esperar sobreviver em meio aos perigos da vida, então eu deveria me dedicar a fazer com ele aquilo de melhor que eu soubesse. Eu deveria oferecer a Deus o melhor de mim. Eu deveria desaparecer como um Anjo, se desaparecer fosse o que eu tivesse de fazer!

— "Eu Vos amo, Senhor", disse em voz alta, e vasculhava meu cérebro à procura dos atos mais esplêndidos que pudesse realizar.

— O que me ocorreu foi imediato, lógico e talvez óbvio. Eu ia ensinar a essas pessoas tudo o que sabia! Não ia simplesmente lhes falar do Paraíso, de Deus e dos Anjos porque de que isso ia lhes valer? Embora eu, naturalmente, fosse lhes falar, além de recomendar que procurassem uma morte tranquila e a paz no Sheol, pois isso elas tinham como alcançar.

— Mas essa seria a parte menos importante do que eu faria. Pois isso não era nada! O que era melhor era o seguinte: eu lhes ensinaria tudo a respeito do *seu mundo* que eu conseguia perceber logicamente mas que ainda não lhes era conhecido.

— Comecei a falar imediatamente com eles. Conduzi-os às montanhas e os levei ao interior das cavernas para lhes mostrar os veios de minério. E lhes disse que, quando aquele metal estava quente, ele borbulhava da terra em forma líquida e, se eles pudessem voltar a aquecê-lo, poderiam amaciá-lo para fazer objetos com ele.

— Voltando ao mar, apanhei um pouco de terra mole e moldei com ela pessoas pequenas para lhes mostrar como isso era simples de fazer! Peguei uma varinha, desenhei um círculo na areia e lhes falei de símbolos. Como poderíamos fazer um símbolo para Lilia que lembrasse a flor cujo nome havia inspirado o dela, que chamavam de lírio. E como poderíamos criar um símbolo para o que eu era... um homem com asas. Desenhei imagens em toda parte, mostrando-lhes como era fácil desenhar, vincular uma imagem a um conceito ou a um objeto concreto.

— Ao anoitecer, eu já tinha reunido ao meu redor todas as mulheres e estava lhes mostrando modos de amarrar suas correias de couro mastigado, que nunca lhes haviam ocorrido, formas elaboradas para trançar o couro e para transformá-lo em grandes peças únicas. Tudo lógico. Tudo simplesmente o que eu deduzia do que, como Anjo, conhecia do mundo inteiro.

— Ora, essas pessoas já conheciam as fases da lua, mas não conheciam o calendário do sol. Eu lhes ensinei tudo isso. Quantos dias deveria haver num ano de acordo com o movimento do sol e dos planetas; e eu lhes disse como eles podiam anotar tudo isso com símbolos. E logo apanhamos o barro das margens do mar e fizemos placas com ele. Nessas placas, com varinhas, fiz pequenas imagens das estrelas, do céu e dos Anjos. E essas placas ou chapas eram postas, então, ao sol para secar.

— Dias e noites, fiquei com essa minha gente. Comecei a lhes ensinar cada vez mais. Quando um grupo estava cansado e não conseguia mais absorver as lições, eu me voltava para outro, examinava o que estavam fazendo e procurava melhorar seus métodos.

— Muitas coisas eles descobririam sozinhos, eu sabia. O tear ia lhes ocorrer muito em breve, e então eles poderiam fabricar trajes melhores. Tudo isso ia muito bem. Eu lhes mostrei pigmentos semelhantes ao ocre vermelho que eles já usavam. Tirei coisas da terra nua que produziriam cores diferentes para eles. Cada pensamento que me ocorria, cada avanço que eu conseguisse conceber, eu lhes transmitia, expandindo enormemente sua linguagem no processo, ensinando-lhes obviamente a escrita. E depois eu lhes ensinei música de uma espécie totalmente diferente. Ensinei-lhes canções. E as mulheres vinham a mim, repetidamente; e Lilia se afastava. As mulheres vinham para que a semente do Anjo pudesse entrar em muitas, muitas mulheres, "as graciosas Filhas dos Homens".

Ele fez mais uma pausa. Parecia desconsolado com as lembranças. Seus olhos estavam distantes e refletiam com perfeição o pálido azul do mar.

Falei bem baixinho, com cuidado e de cor, pronto para parar ao menor sinal que ele desse. Era uma citação do livro de Enoque:

— "E Azazel... fez com que conhecessem os metais e a arte de trabalhar com eles, pulseiras e enfeites, o uso do antímônio, o embelezamento das pálpebras, todos os tipos de pedras preciosas e todas as tinturas coloridas. "

Ele se voltou para olhar para mim. Parecia quase impossibilitado de falar. Sua voz veio baixa, quase tão baixa quanto a minha, enquanto ele recitava os versos seguintes do livro de Enoque.

— "E surgiu muita impiedade, e eles fornicaram, e se afastaram do bom caminho..." — Mais uma vez, ele parou e então retomou o texto. — "E à medida que pereciam os homens, eles gritavam, e seu grito subia aos céus. " — Ele parou mais uma vez, com um sorriso lento e amargo. — E qual é o resto da história, Lestat? E o que está entre os versos que você disse e os versos que eu disse? Mentiras! Eu lhes ensinei a civilização. Eu lhes transmiti o conhecimento do Paraíso e dos Anjos! *Foi só isso que lhes ensinei!* Não houve sangue nenhum, nenhuma anarquia, nenhum gigante monstruoso sobre a terra. São só mentiras, mentiras; fragmentos e mais fragmentos enterrados em mentiras!

Concordei sem medo e com grande certeza. Eu percebia tudo com perfeição, e percebia a partir do ponto de vista dos hebreus que, mais tarde, acreditavam com tanta firmeza na purificação e na lei, que haviam considerado esse estágio impuro e perverso... e não paravam de falar desses Guardiões, desses mestres, desses Anjos que se haviam apaixonado pelas Filhas dos Homens.

— Não havia magia nenhuma — disse Memnoch, em voz baixa. — Não havia nenhum encantamento. Eu não os ensinei a fazer espadas! Eu não lhes ensinei a guerra. Se havia algum conhecimento entre outros povos da Terra e eu sabia dele, eu o transmitia a eles. Que no vale de outro rio, os homens sabiam colher o trigo com alfanjes! Que havia no Paraíso os Ojanins, Anjos que eram redondos, Anjos que eram rodas; e que, se essa forma fosse imitada na matéria, se uma simples peça de madeira ligasse duas peças circulares, seria possível fazer um objeto que rolaria sobre rodas! — Ele deu um suspiro.

— Eu estava insone. Eu estava enlouquecido. À medida que o conhecimento se derramava de mim, à medida que eles ficavam exaustos com ele e se esforçavam sob seu peso, eu ia para as cavernas e gravava meus símbolos nas paredes. Gravei imagens do Paraíso, da Terra e dos anjos. Gravei a luz divina. Trabalhei, incansável, até cada músculo mortal em mim doer.

— E então, sem conseguir suportar mais sua companhia, saciado com as lindas mulheres e grudado a Lília para me consolar, saí para a floresta, alegando que precisava conversar com meu Deus em silêncio; e lá me prostrei.

— Fiquei deitado em perfeita imobilidade, consolado pela muda presença de Lília, e pensei em tudo que havia acontecido. Pensei na defesa que pretendia fazer diante de Deus, e em como o que eu havia aprendido desde aquela época se havia encaixado perfeitamente na argumentação que eu pretendia fazer! Nada que eu havia visto nos homens poderia me levar a pensar de modo diferente. Que eu havia ofendido a Deus, que eu O havia perdido para sempre, que eu só tinha o Sheol à minha frente, por toda a eternidade, tudo isso era real e do meu

conhecimento, e pulsava na minha alma e no meu coração. Mas eu não conseguia mudar de idéia!

— A argumentação que eu pretendia apresentar ao Todo-poderoso era de que essas pessoas estavam acima da Natureza e além da Natureza; e que exigiam mais d'Ele. E tudo o que eu havia visto só me apoiava na minha crença. Como eles se haviam afeiçoado aos segredos celestes! Como sofriam e procuravam por algum sentido para justificar esse sofrimento! Se ao menos houvesse um Criador, e o Criador tivesse suas razões... Ah, era uma agonia. E, bem no seu centro, ardia o segredo do desejo.

— No orgasmo, quando meu sêmen entrava na mulher, eu sentia um êxtase que era como a alegria do Paraíso. Eu a havia sentido e apenas em relação ao corpo que estava sob o meu; e, por um átimo de segundo ou menos do que isso, eu soube, soube mesmo que os homens não faziam parte da Natureza. Não, eles eram melhores. Seu lugar era com Deus e conosco!

— Quando eles me procuravam com suas crenças, poucas e confusas (não havia monstros invisíveis por toda parte?), eu respondia que não. Só Deus e a Corte Celestial que tudo ordenava, além das almas da sua própria gente no Sheol.

— Quando me perguntavam se os homens e mulheres maus (que não obedeciam suas leis) não eram na morte lançados ao fogo eterno (uma idéia muito comum entre eles e outros povos), eu ficava horrorizado e dizia que Deus nunca permitiria uma coisa dessas. Uma pequena alma recém-nascida ser castigada no fogo para sempre? Uma atrocidade, era o que eu lhes dizia. Mais uma vez, eu lhes disse que deveriam venerar as almas dos Mortos para amenizar sua própria dor e a dor daquelas Almas; e que, quando a morte viesse, eles não deveriam ter medo mas, sim, ir entrando sem aflição na escuridão e manter os olhos voltados para a luz brilhante da Vida na Terra.

— Eu disse a maioria dessas coisas porque simplesmente não sabia o que dizer.

— Ah, blasfêmia. Eu a havia cometido. De verdade. E agora qual seria meu destino? Eu ia envelhecer e morrer, um mestre venerado, e antes de morrer... ou antes que alguma moléstia ou algum animal selvagem acabasse com minha vida mais cedo... eu ia gravar na pedra e no barro tudo o que pudesse. E então eu iria para o Sheol, começaria a atrair as almas para mim e diria, "Clamai, clamai aos Céus!" Eu as ensinaria a olhar para o alto. Eu diria que a Luz estava lá!

Ele respirou, como se cada palavra o queimasse com dor. Voltei a falar baixinho, citando o livro de Enoque.

— "E agora, vejam que as almas dos que morreram estão clamando e avançando até os portões do paraíso. "

— É, você conhece as escrituras, como um bom demônio — disse ele, em tom amargo, mas seu rosto estava tão abatido com tristeza e compaixão, e essa zombaria foi dita com tanta emoção, que não teve nenhum impacto. — E quem sabia o que poderia acontecer? Quem sabia? É, eu ia fortalecer o Sheol até que aquele clamor atingisse os portões do Paraíso e os derrubasse. Se vocês têm almas e suas almas podem crescer, vocês poderão ser como anjos! Essa era a única esperança que eu tinha, a de imperar entre os esquecidos de Deus.

— Mas Deus não deixou que isso acontecesse, deixou? Ele não permitiu que você morresse nesse corpo?

— Não. E também não mandou nenhum Dilúvio. E tudo o que ensinei não foi carregado pelas águas. O que restou, o que acabou indo parar nos mitos e nas escrituras foi que eu havia estado ali, que essas coisas haviam sido ensinadas, e que estava ao alcance do homem ter feito isso. Estava dentro da lógica, não da magia; e mesmo os segredos do Paraíso eram o que as almas sozinhas talvez acabassem por ver. Mais cedo ou mais tarde, as almas teriam percebido.

— Mas como você saiu dali? O que aconteceu com Lília?

— Lília? Ah, Lília. Ela morreu venerada, a mulher de um deus. Lília. — Todo o seu rosto se iluminou e ele riu. — Lília — repetiu ele, com a lembrança retirando-a do passado e a trazendo, obviamente, para bem perto. — Minha Lília. Desterrada, e jogando sua sorte nas mãos de um deus.

— Deus já o havia levado a essa altura? — perguntei. — Ele havia posto um fim no que você estava fazendo?

Ficamos olhando um para o outro por um instante.

— Não foi tão simples assim. Eu estava ali há uns três meses, talvez, quando um dia acordei e descobri que Miguel e Rafael haviam vindo me buscar e disseram com toda a clareza, "Deus quer que você venha agora".

— E eu, como sou Memnoch, o irredimível, disse, "Ah, é? Por que Ele não me apanha e me tira daqui, ou faz o que Ele quiser?"

— A essa altura, Miguel pareceu aflito por minha causa e disse, "Memnoch, pelo amor de Deus, volte por sua própria vontade à sua forma adequada. Sinta seu corpo crescer em estatura; deixe que suas asas o levem até o Paraíso. Ele só o quer se você quiser vir! Ora, Memnoch, pense antes de..."

— "Não, você não precisa me avisar, querido", disse eu a Miguel. "Vou voltar, com lágrimas nos olhos, estou voltando." Ajoelhei-me e dei um beijo em Lília, adormecida. Ela ergueu os olhos para mim. "Esta é a despedida, minha companheira, minha mestra", disse eu. Eu a beijei e depois, virando-me, tornei-me o Anjo, visível para ela, deixando que a matéria me definisse para que ela, recostada nos cotovelos, chorando, visse essa última imagem e talvez acalentasse seu coração com ela quando precisasse.

— Depois, invisível, juntei-me a Miguel e Rafael, e voltei para Casa.

— Nos primeiros instantes eu mal podia acreditar. Quando passei pelo Sheol, as almas berravam em agonia e eu abria minhas mãos para consolá-las. "Não vou me esquecer de vocês! Eu juro. Estou levando seu caso ao Paraíso", e seguimos cada vez mais para o alto, com a luz descendo para me encontrar e me envolver; e o doce amor de Deus, sem que eu soubesse se ele era um prelúdio a um julgamento, à punição ou ao perdão, veio me cercar e me sustentar. Os gritos de alegria do Paraíso eram ensurdecedores mesmo para os meus ouvidos.

— Todos os anjos do *bene ha elohim* estavam reunidos. A Luz de Deus pulsava a partir do centro.

— "Será que vou ser punido?" E tudo o que eu conseguia sentir era gratidão por ter visto essa luz, mesmo que apenas por instantes, mais uma vez.

— Eu não conseguia encarar a luz. Precisei levantar as mãos. E, como

sempre acontece numa reunião de todos no Paraíso, os Serafins e os Querubins se uniram em volta de Deus para que a luz saísse em raios por trás deles, gloriosa, com um brilho que nós pudéssemos suportar.

— A voz de Deus foi imediata e total.

— "Tenho uma palavra para você, meu bravo, minha criatura arrogante", disse Ele. "Tenho um conceito para você ponderar na sua sabedoria angelical. É o conceito de Geena, do inferno. "Essa palavra desdobrou-se diante de mim com todas as suas implicações. "Fogo e tormentos eternos, o oposto do Paraíso. Digame, Memnoch, do fundo do coração. Seria esse um castigo adequado para você, o perfeito oposto da glória que você abandonou pelas Filhas dos Homens? Seria uma sentença adequada, o sofrimento para sempre ou até que o Tempo não exista mais?"



— Não demorei um segundo para responder — disse Memnoch. Ele ergueu ligeiramente as sobrancelhas enquanto olhava para mim. — Eu disse, "Não, Senhor. Vós não faríeis uma coisa dessas a ninguém. Nós todos somos Vossas criaturas. Esse é um horror por demais terrível para qualquer um ou para qualquer coisa que foi deliberadamente criada. Não, Senhor. Quando os homens e as mulheres na terra me disseram que haviam sonhado com esses tormentos para aqueles que houvessem sido maus e lhes houvessem causado dor e aflição, eu lhes garanti que não existia nenhum lugar semelhante, e que jamais existiria. "

— O riso ecoou no paraíso. Riso de um canto dos céus ao outro. Cada anjo estava rindo, e é claro que a risada era melódica, cheia de prazer e assombro como sempre; mas era riso, não era música.

— Só um ser não estava rindo. Memnoch. Eu. Fiquei ali parado, tendo falado com perfeita seriedade, em total espanto pelo fato de eles estarem rindo do que eu dissera.

— No entanto, havia acontecido um fenômeno estranhíssimo. Deus também havia rido e estava rindo, baixinho, com eles, em uníssono, ou num ritmo dominante; e só quando Seu riso foi parando devagar, o deles também parou.

— "Quer dizer, Memnoch, que você lhes disse que nunca existiria um Inferno de Eterno Castigo para os Maus, nunca, que um lugar semelhante jamais existiria. "

— "Disse, sim, Senhor. Eu não conseguia imaginar por que eles haviam pensado nisso. A não ser que fosse porque eles às vezes ficam tão irados com seus inimigos..."

— O riso recomeçou, mas Deus o silenciou e disse, "Memnoch, você deixou todas as suas células mortais na terra? Você está de posse de todas as suas faculdades angelicais? Não está se fazendo de tolo só por força do hábito?"

— Respondi alto para superar o riso que continuava. "Não, Senhor. Eu sonhei com este momento. A separação entre nós foi uma agonia. Fiz o que fiz por amor, não foi? Sem dúvida, sabeis disso melhor do que eu. "

— "Receio que sim", respondeu ele. "Foi por amor, sim, pelo menos essa parte é verdade. "

— "Eu sonhava que o Senhor me permitiria vir à Sua presença para explicar tudo, para defender o ponto que eu queria provar quando vi uma Filha dos Homens pela primeira vez e a procurei. Isso me será concedido?"

— Silêncio.

— Eu não ouvia nada que viesse da Presença Divina, mas de repente percebi que alguns do *bene ha elohim* se haviam aproximado de mim. A princípio, pensei que não, que eles estavam só se mexendo e abrindo as asas na luz, mas agora percebia que bem perto atrás de mim estava uma pequena legião ou grupo de anjos, e que eles antes estavam na periferia da multidão e agora eram empurrados na minha direção.

— É claro que eu conhecia esses anjos, alguns com intimidade muito maior em decorrência de debates e discussões do que outros, e eles eram de todos os graus da hierarquia. Olhei para eles, confuso, e depois para a Presença Divina.

— "Memnoch", disse o Senhor, de repente. "Esses que estão atrás de você, seus colegas, também estão pedindo que eu lhe conceda esse desejo, o de defender sua causa, na esperança de que você possa defendê-los também."

— "Não estou entendendo, Senhor." Mas num átimo eu estava entendendo, sim. Eu agora via a tristeza nos seus rostos e seu jeito de se grudar a mim como se eu fosse seu protetor. Num instante, eu soube o que havia acontecido, que, perambulando pela terra inteira, aqueles anjos haviam agido como eu.

— "Não com tanta exuberância ou com tanta criatividade", disse o Senhor Deus. "Mas eles também viram o calor e o mistério entre o homem e a mulher unidos na relação; e eles também consideraram as Filhas dos Homens belas e as tomaram como esposas."

— Voltou a haver um grande alvoroço. Alguns estavam rindo ainda daquele jeito leve e alegre, como se tudo isso fosse uma diversão esplêndida e inovadora, e outros estavam pasmos, enquanto aqueles Guardiões que se grudavam a mim, que pareciam ser poucos em comparação com o *bene ha elohim*, olhavam para mim em desespero, alguns até com um ar de acusação. E do meio deles veio um sussurro.

— "Memnoch, nós o vimos no ato."

— E Deus estaria rindo? Eu não conseguia ouvir. A luz se derramava nos seus raios imensos entre as cabeças, os ombros e as formas sombreadas dos

Serafins e dos Querubins, e a abundância de amor parecia eterna e constante como sempre havia sido.

— "Em tribos do mundo inteiro, meus Filhos do Paraíso desceram para conhecer a carne como você quis conhecê-la, Memnoch, embora, como já disse, com menos talento e desejo de agitar a densa atmosfera da Natureza e perturbar de forma tão deliberada meu Plano Divino."

— "Senhor, meu Deus, perdoai-me", murmurei. E da legião que estava comigo veio o mesmo coro contido e respeitoso.

— "Digam-me, então, vocês, que estão atrás de Memnoch, o que vocês têm a dizer por si mesmos quanto ao motivo que os levou a isso, o que vocês descobriram e que defesa poderiam apresentar à Corte Celestial."

— A resposta foi o silêncio. Esses anjos prostraram-se diante do Senhor, pedindo apenas perdão com tanto abandono que nenhuma eloquência era necessária. Apenas eu fiquei em pé.

— "Ah, Senhor, parece que estou só."

— "E você sempre não esteve? Meu Filho do Paraíso, meu anjo que não

confia no Senhor. "

— "Senhor, meu Deus, eu confio em Vós!", respondi de imediato, subitamente irritado. "Confio, sim! Mas não compreendo essas coisas e não consigo acalmar minha mente nem minha personalidade. Isso é impossível para mim. Não, não impossível, mas é que... não me parece certo ficar em silêncio. Parece certo provar minha teoria. Parece que a coisa mais importante que eu posso fazer é provar minha teoria, e a coisa mais importante que posso fazer é agradar a Deus. "

— Pareceu haver grande discórdia entre os outros, não os Guardiões, que não ousavam se apoiar nos seus pés invisíveis e tinham suas asas dobradas sobre si mesmos como se fossem pássaros com medo de sair do ninho, mas em toda a Corte. Houve murmúrios, pequenas canções, trechos de melodias e risadas, perguntas profundas e delicadas, e muitos rostos se voltaram para mim com olhos cheios de curiosidade e até mesmo atingidos pela raiva de tal modo que suas sobrelanceiras tinham uma expressão irada.

— "Faça sua defesa!" disse o Senhor. "Mas, antes de começar, lembre-se, em consideração a mim e a todos os presentes, que eu conheço todas as coisas. Conheço a humanidade como você jamais poderá conhecê-la. Já vi seus altares sangrentos, suas danças da chuva e seus sacrifícios fétidos. Ouvi os gritos dos feridos, dos aflitos, dos lentamente aniquilados. Vejo a Natureza na Humanidade como a vejo na selvageria dos mares ou das florestas. Não desperdice meu Tempo, Memnoch. Ou, sendo mais claro para que você compreenda, não desperdice o Tempo que você tem na minha presença. "

— Quer dizer que o momento havia chegado. Fiquei parado, em silêncio, me preparando. Nunca em toda a minha existência eu havia sentido a importância ou o significado de um acontecimento como sentia o daquele instante ali. É o que se poderia chamar de emoção, talvez, ou de entusiasmo. Eu tinha minha platéia. E não sabia duvidar de mim mesmo! Mas já estava furioso com toda a legião às minhas costas, prostrados com o rosto no chão e sem dizer nada! E de repente, na minha fúria, percebi que, enquanto eles continuassem naquela posição, deixando-me sozinho diante de Deus e da sua corte, eu não ia dizer uma palavra sequer. Cruzei meus braços e fiquei ali parado.

— Deus começou a rir, um riso lento, delicado, num crescendo, e então todo o Paraíso se juntou a Ele, sem poder resistir. E Deus disse aos Caídos, aos Guardiões, "Levantem-se, meus filhos, ou ficaremos aqui até o Final dos Tempos. "

— "Zombaria, Senhor, eu mereço. Mas eu Vos agradeço. "

— Num enorme farfalhar de asas e túnicas, eu os ouvi levantando-se atrás de mim para ficar no mínimo tão altos e eretos quanto os homens corajosos ficavam na terra lá embaixo.

— "Senhor, minha defesa é simples, mas sem dúvida não podeis ignorá-la. E eu vou expô-la tão bem e com tanta simplicidade quanto for possível. "

— "Até certo ponto no seu desenvolvimento, o primata lá embaixo fazia parte da Natureza e estava preso às suas leis. E, com seu cérebro maior, ele foi ficando cada vez mais sagaz, e suas batalhas com outros animais se tornaram as mais ferozes e sangrentas que a Corte Celeste jamais viu. Tudo isso é verdade. E,

com sua inteligência, veio também um aumento nas formas pelas quais a Humanidade podia infligir dor imensa à sua própria espécie. "

— "Mas nunca em tudo que Observei nas guerras, nas execuções e até mesmo na devastação de aglomerados e aldeias inteiras, eu nunca vi nada que superasse a pura violência do Reino dos insetos, dos Répteis ou dos Mamíferos Inferiores, que lutam às cegas e insensatamente para fazer apenas duas coisas: sobreviver e fazer mais indivíduos da sua própria espécie. "

— Parei, por cortesia e também para causar impressão. O Senhor não disse nada. Prossegui.

— "Chegou então um ponto em que esses primatas, que a essa altura já apresentavam forte semelhança com Vossa Própria Imagem como nós a percebemos em Nós Mesmos, divergiram do resto da Natureza de uma forma acentuada. E não se tratou de um mero momento de Consciência de Si Mesmo, Senhor, quando a lógica da Vida e da Morte se lhes tornou aparente. Não foi nada desse nível de simplicidade. Pelo contrário, a Consciência de Si Mesmo brotou de uma capacidade nova e totalmente antinatural de amar. "

— "E foi então que a humanidade se dividiu em tribos, clãs e famílias fechadas, unidas pelo conhecimento íntimo e mútuo da individualidade de cada um, em vez de pelo mero reconhecimento da espécie. E esses grupos se mantinham unidos, fosse no sofrimento, fosse na alegria, pelo vínculo do amor. "

— "Senhor, a família humana é superior à Natureza. Se quisésseis descer... "

— "Memnoch, cuidado", sussurrou Deus.

— "Sim, Senhor", disse eu, baixando a cabeça e unindo as mãos atrás de mim para não fazer gestos violentos. "O que eu deveria ter dito era que, quando desci e examinei a família, aqui, ali e por todo o Mundo que Vós criastes, que Vós permitistes que se desdobrasse de modo tão magnífico, eu vi a família como uma flor nova e sem precedentes, Senhor, um botão de emoção e intelecto que, na sua delicadeza, foi cortado dos caules da Natureza, dos quais recebia nutrição, e agora estava à mercê do vento. O amor, Senhor, eu o vi. Senti o Amor dos Homens e Mulheres uns pelos outros e pelos seus Filhos, a disposição ao sacrifício mútuo, a chorar pelos que morreram, a procurar pelas suas almas no outro mundo e a pensar, Senhor, num outro mundo, no qual eles possam se reconciliar mais uma vez com essas almas.

— "Era por causa desse amor e da família, era por causa dessa flor rara e sem precedentes, tão Criativa, Senhor, que parecia feita na Vossa Imagem das Vossas Criações, que as almas desses seres continuavam vivas após a morte! Senhor, que outra criatura na Natureza consegue isso? Tudo devolve à Terra o que dela retirou. Vossa Sabedoria está Manifesta em toda parte; e todos aqueles que sofrem e morrem sob a abóbada celeste estão misericordiosamente imersos numa ignorância brutal do esquema que em última análise envolveu suas mortes. "

— "O Homem, não! A mulher, não! E nos seus corações, amando-se mutuamente como se amam, companheiro com companheira, família com família, eles imaginaram o Paraíso, Senhor. Eles o imaginaram: o tempo da reunião das almas, quando seus queridos lhes seriam restituídos, e todos

cantariam em perfeita felicidade! Eles imaginaram a eternidade porque seu amor exige isso, Senhor. Eles conceberam essas idéias como concebem seus filhos da carne! Isso eu, o Vigia, vi."

— Mais silêncio. Todo o paraíso estava tão mudo que os únicos sons eram os que vinham da terra lá embaixo, o ronronar do vento, a surda agitação dos mares e os gritos, os gritos vagos e distantes das almas na terra assim como os das almas no Sheol.

— "Senhor, elas anseiam pelo Paraíso. E ao imaginar a eternidade, ou a imortalidade, não sei qual, elas sofrem injustiças, separações, enfermidades e a morte, como nenhum outro animal conseguiria sofrer. E suas almas são magníficas. E no Sheol elas ultrapassam o amor ao próprio eu e a atenção ao próprio eu em nome do Amor. O Amor vai e volta entre a Terra e o Sheol, eternamente. Senhor, elas criaram uma camada inferior da corte invisível! Senhor, elas procuram abrandar Vossa ira, porque sabem que estais Aqui! E Senhor, elas querem conhecer tudo a Vosso respeito. Elas sabem e querem saber!"

— Esse era o cerne da minha argumentação, e eu sabia disso. Mas mais uma vez, de Deus não veio nenhuma resposta ou interrupção.

— "Não pude deixar de considerar isso nada menos do que Vossa maior realização, o humano consciente de si mesmo, tendo a concepção do Tempo, com um cérebro amplo o suficiente para aprender o que vai vir com tanta rapidez que nós, os Vigias, mal podíamos acompanhar tudo. Mas o sofrimento, o tormento, a curiosidade... era uma lamentação feita aparentemente para os ouvidos dos Anjos e de Deus, se é que eu ousei dizer isso."

— "A causa que vim defender, Senhor, era a possibilidade de ser concedida a essas almas, fosse na carne, fosse no Sheol, alguma parte da nossa luz. Não se poderia dar Luz a elas como se dá água aos animais quando estão com sede? E essas almas, uma vez aceitas na Confiança Divina, não serão dignas talvez de ocupar algum pequeno espaço nesta Corte que não tem Fim?"

— O silêncio parecia onírico e eterno, como o Tempo antes do Tempo.

— "Isso poderia ser tentado, Senhor? Pois, se não for tentado, qual será o destino dessas almas sobreviventes invisíveis, a não ser o de se fortalecerem e se enredarem com a carne de formas que darão ensejo não a revelações da verdadeira Natureza das coisas, mas a idéias corrompidas, baseadas em provas fragmentárias e medos instintivos?"

— Dessa vez, desisti da idéia de uma pausa educada e prossegui direto.

— "Senhor, quando entrei na carne, quando penetrei na mulher, foi porque ela era bela, sim, porque se parecia conosco e oferecia um tipo de prazer na carne que para nós é desconhecido. Admito, Senhor, que Aquele prazer é incomensuravelmente pequeno em comparação com Vossa magnificência, mas Senhor, eu vos digo, no momento em que deitei com ela, ela comigo, e nós dois conhecemos juntos aquele prazer, aquela pequena chama reverberou com um som muito parecido com o das canções dos Mais Excelso!"

— "Nossos corações pararam juntos, Senhor. Nós conhecemos na carne a eternidade, o homem em mim soube que a mulher a conheceu. Nós experimentamos algo que supera todas as expectativas terrenas, algo que é

simplesmente Divino. "

— Calei-me. O que mais eu poderia dizer? Eu estaria elaborando minha argumentação com exemplos para Aquele que conhecia todas as coisas. Cruzei os braços e olhei para baixo, respeitoso, refletindo e prestando atenção às almas no Sheol; e por um segundo seus gritos vagos e distantes me distraíram, me tiraram direto da presença divina por um instante de percepção de que elas estavam chamando por mim, me lembrando minha promessa e esperando pela minha volta.

— "Senhor, meu Deus, perdoai-me. Vossas maravilhas me enredaram. E eu estarei errado se isso não fazia parte do Vosso plano. "

— Mais uma vez, o silêncio era ensurdecedor, suave e totalmente vazio. Tratava-se de um vazio que os seres da Terra não conseguem conceber. Mantive-me firme porque não podia fazer nada a não ser o que havia feito. E senti no coração que cada palavra que eu pronunciara havia sido verdadeira e não conspurcada pelo medo. Ocorreu-me com grande clareza que, se o Senhor me expulsasse agora do Paraíso, que não importava o que Ele fizesse, realmente, eu mereceria. Eu era um Anjo Criado por Ele e que Lhe devia Obediência. E que Ele poderia destruir se assim desejasse. E mais uma vez ouvi os gritos do Sheol na minha lembrança, e me perguntei, como um ser humano poderia se perguntar, se Ele me mandaria logo para lá ou se faria algo muito mais temível, pois na Natureza havia inúmeros exemplos de catástrofes e destruições excruciantes; e eu, como Anjo, poderia ser forçado por Deus a sofrer o que quer que Ele quisesse que eu sofresse, isso eu sabia.

— "Confio em Vós, Senhor", disse eu, de repente, pensando e falando ao mesmo tempo. "Se não fosse assim, eu teria me prostrado como os outros Guardião. E não estou querendo dizer que eles não confiam. Só que acredito que Vós queirais que eu compreenda a Bondade, que Vossa essência é a Bondade, e que Vós não permitireis que essas almas clamem nas trevas e na ignorância. Vós não permitireis que a Humanidade cheia de inventiva permaneça sem o menor sinal do Divino. "

— Pela primeira vez, ele falou muito baixo e de imediato.

— "Memnoch, você já lhes deu mais do que um pequeno sinal. "

— "É, Senhor, é verdade. Mas, Senhor, as almas dos mortos lhes deram muita inspiração e estímulo. E essas almas estão fora da Natureza, como já vimos, e se fortalecem a cada dia. Se existe uma espécie de energia, Senhor, natural e complicada a ponto de estar fora do alcance da minha compreensão, então fui pego de surpresa. Pois, aparentemente, elas são feitas daquilo de que nós somos feitos, Senhor, do invisível, e cada uma é um indivíduo e tem sua própria vontade. "

— Mais uma vez, o silêncio. E então o Senhor falou.

— "Pois bem, já ouvi sua argumentação. Agora tenho uma pergunta para você. Em troca de tudo que você deu à Humanidade, Memnoch, exatamente o que foi que eles lhe deram?"

— A pergunta me deixou perplexo.

— "E não me venha falar de amor agora, Memnoch", acrescentou Ele. "Da capacidade que têm para se amarem uns aos outros. Quanto a isso, a Corte

Celestial está bem informada e perfeitamente de acordo. Mas o que foi que eles lhe deram, Memnoch? O que você obteve em troca de todos os riscos que assumiu ao entrar no reino deles?"

— "Confirmação, Senhor", respondi eu, apressado, procurando alcançar verdade mais profunda sem distorções. "Eles reconheceram um Anjo quando viram um. Exatamente como eu imaginava que aconteceria. "

— "Ah!" Uma enorme gargalhada veio do Trono Celeste e, mais uma vez, ela arrebatou o Paraíso, tão alta que sem dúvida deve ter alcançado os ouvidos mais fracos e atormentados do Sheol. Todo o Paraíso se sacudia com risos e cânticos.

— De início, eu não ousei falar ou fazer qualquer coisa, e então de repente, talvez com raiva, ou eu deveria dizer com determinação, ergui minha mão. "Mas estou dizendo isso com toda a seriedade, Senhor! Eu não era algum ser fora do alcance dos seus sonhos! Senhor, Vós plantastes a semente para tudo isso quando Criastes o Universo? Que esses seres um dia ergueriam suas vozes até Vós? Quereis me dizer? De uma forma ou de outra, eu posso saber?"

— Os anjos foram se acalmando em pequenos grupos e bolsões. E depois as risadas desapareceram de todo, e alguma outra coisa as substituiu, um canto suave de louvor a Deus por sua paciência, um delicado reconhecimento da Sua paciência para comigo.

— Não me uni a esse canto. Fiquei olhando para os trechos externos e maiores dos raios de Luz que vinham de Deus, e o mistério da minha própria teimosia, da minha própria raiva, da minha própria curiosidade me abateu até certo ponto, mas não me lançou nem por um segundo no desespero.

— "Confo em Vós, Senhor. Vós sabeis o que estais fazendo. Tendes de saber. Se não for assim, estamos... perdidos. "

— Parei, desorientado com o que acabava de dizer. Aquilo superava de longe qualquer desafio que eu houvesse feito a Deus até então; superava qualquer insinuação que eu já fizera. E, horrorizado, olhei para a Luz e pensei, E se Ele não sabe o que está fazendo, e nunca tenha sabido!?

— Minhas mãos me subiram ao rosto para impedir que meus lábios dissessem algo impensado e, desse modo, ordenassem ao meu cérebro que parasse com seus pensamentos precipitados e irreverentes. Eu conhecia Deus! Deus estava Ali! E eu estava diante d'Ele. Como eu ousava pensar uma coisa daquelas. E no entanto Ele dissera que eu não confiava n'Ele, e era isso exatamente o que Ele queria dizer.

— Pareceu que a Luz de Deus ficou infinitamente mais brilhante. Ela se expandiu. As formas dos Serafins e dos Querubins diminuíram de tamanho e ficaram totalmente transparentes. E a luz me preencheu e preencheu os recessos de todos os anjos. E eu me senti em comunhão com eles, pois todos nós éramos amados de forma tão total por Deus que nunca poderíamos ansiar por mais nada, nem imaginar mais nada.

— E então o Senhor falou, com as palavras agora completamente diferentes, pois elas competiam com esse fulgor de Amor que arrebatava a mente racional. Mesmo assim, eu as ouvi, e elas calaram fundo em mim.

— E todos os outros também as ouviram.

— "Memnoch, vá para o Sheol", disse Ele, "e encontre lá pelo menos dez almas, de todos aqueles milhões, que sejam dignas de se juntar a nós no Paraíso. Diga o que quiser para elas ao examiná-las; mas descubra Dez que você acredite que sejam dignas de conviver conosco. Traga, então, essas almas a mim, e continuaremos a partir daí. "

— Fiquei enlevado. "Senhor, isso eu posso fazer. Sei que posso!", exclamei.

— E de repente vi os rostos de Miguel, Rafael e Uriel, que haviam sido quase obscurecidos pela luz de Deus, que agora se recolhia para limites mais toleráveis. Miguel parecia assustado por mim, e Rafael estava chorando. Uriel parecia estar apenas olhando, sem emoção, fosse como meu aliado ou por mim, fosse pelas almas ou por qualquer um. Era a expressão que os Anjos costumavam ter antes do começo do Tempo.

— "Agora eu posso ir?", perguntei. "E quando devo voltar?"

— "Quando quiser", disse o Senhor, "e quando puder. "

— Ah, eu estava entendendo. Se eu não encontrasse aquelas dez almas, não voltaria mais.

— Fiz que sim. Lógica perfeita. Eu compreendia. Eu aceitava.

— "Os anos estão passando na Terra, Memnoch, enquanto nós falamos. Seu acampamento e aqueles visitados pelos outros já se transformaram em cidades. O mundo gira na Luz dos Céus. O que posso lhe dizer, meu amado, a não ser que você deve agora ir para o Sheol e voltar com aquelas Dez Almas assim que for possível. "

— Eu estava a ponto de perguntar o que seria dos Guardiões, aquela pequena legião de anjos humildes, conhecedores da carne, que estavam atrás de mim, quando o Senhor respondeu.

— "Eles vão esperar no local adequado no Paraíso pela sua volta. Eles não conhecerão minha decisão, nem seu destino, enquanto você não me trouxer essas almas, Memnoch, almas que eu considere dignas de estar no meu Lar Celestial. "

— "Compreendo, Senhor, estou partindo com Vossa permissão!"

— E, sem fazer mais nenhuma pergunta, sem abordar nada relacionado a restrições ou limitações, eu, Memnoch, o Arcanjo e o Acusador de Deus, deixei o Paraíso imediatamente e descí para as grandes névoas etéreas do Sheol.



— Mas Memnoch — eu o interrompi. — Deus não lhe deu nenhum critério! Como você iria avaliar essas almas? Como você poderia saber? Memnoch sorriu.

— É, Lestat, foi exatamente isso o que Ele fez e foi assim que agiu. E pode acreditar em mim, eu sabia. Assim que entrei no Sheol, a questão dos Critérios para Entrada no Paraíso se tornou o foco da minha atenção total e uma obsessão desesperada. É exatamente assim que Ele age, não é?

— Eu teria perguntado — disse eu.

— Não, não. Eu não tinha nenhuma intenção de perguntar. Saí dali e comecei a trabalhar! Como eu disse, esse é o jeito d'Ele, e eu sabia que minha única esperança era elaborar um Critério próprio e sustentá-lo, você não entende?

— Acho que sim.

— Você sabe que entende. Pois bem. Imagine o seguinte. A população do mundo havia atingido os milhões; cidades haviam surgido embora não em muitos lugares, e principalmente naquele mesmo vale onde eu havia descido e deixado minhas marcas nas paredes das cavernas. A humanidade havia vagado pelo norte e pelo sul, até onde conseguiu ir no planeta. Acampamentos, cidadezinhas e fortalezas existiam em vários estágios de desenvolvimento. A terra das cidades agora se chama Mesopotâmia, creio eu, ou seria Suméria, ou ainda Ur? Seus estudiosos descobrem mais a cada dia que passa.

— As loucas fantasias do homem com a imortalidade e a reunião com os mortos, por toda parte, haviam feito surgir a religião. No Vale do Nilo, uma civilização de espantosa estabilidade se havia desenvolvido, enquanto a guerra campeava o tempo todo na terra que chamamos de Terra Santa.

— E assim eu venho para o Sheol, que antes só havia observado de fora, e que agora é enorme, contendo ainda algumas das primeiras almas que surgiram com vida duradoura, bem como milhões de almas cujos credos e anseios pelo eterno as haviam trazido àquele lugar com enorme ferocidade. Expectativas loucas lançaram inúmeras almas na confusão. Outras ficaram tão fortes que exercem uma espécie de comando sobre as companheiras. E algumas aprenderam o truque de descer à Terra, escapando totalmente da atração de outras almas invisíveis e pairando perto da carne que gostariam de novamente possuir, influenciar, prejudicar ou amar, conforme o caso.

— O mundo está habitado por espíritos! E alguns, sem qualquer lembrança

de terem sido humanos, tornaram-se o que os homens e as mulheres por toda a eternidade chamarão de demônios, que rondam, determinados a possuir, a destruir ou a criar intrigas, de acordo com o permitido pelos seus desenvolvimentos.

— E um desses — disse eu — penetrou na mãe e no pai vampirescos da nossa espécie.

— Isso mesmo. Amei criou essa mutação. Mas não foi a única. Há outros monstros na terra, existindo entre o visível e o invisível; mas o grande impulso do mundo era e sempre foi o destino dos milhões que pertencem à Humanidade.

— As mutações nunca influenciaram a história.

— Bem, sim e não. Será que uma alma enlouquecida berrando através da boca de um profeta de carne e osso é uma influência, se as palavras desse profeta estão registradas em cinco idiomas diferentes e estão à venda nos dias de hoje nas prateleiras das livrarias de Nova York? Digamos que o processo que eu havia visto e descrito a Deus continuava. Algumas almas morriam; algumas se fortaleciam; outras chegavam de fato a voltar em novos corpos, embora na época eu não soubesse por meio de que artifícios.

— E agora você sabe?

— A reencarnação não é de modo algum freqüente. Nem pense nisso. E ela proporciona pouquíssimo às almas envolvidas. Você pode imaginar as situações que a tornam possível. Se ela sempre envolve a extinção de uma alma incipiente quando acontece, se ela sempre envolve uma substituição no novo corpo, é algo que varia de um caso para o outro. Por certo, aquelas que reencarnam persistentemente são algo que não pode ser ignorado. No entanto, à semelhança da evolução dos vampiros e de outros imortais presos à matéria, é algo que ocupa um território limitado. Mais uma vez, estamos falando do destino da Humanidade como um todo. Estamos falando do Universo Humano Inteiro.

— É, eu realmente entendo. Talvez melhor do que você saiba.

— Pois bem. Eu não tenho nenhum critério, mas entro no Sheol e ali encontro uma réplica imensa e esparramada da terra! As almas imaginaram e projetaram na sua existência invisível uma confusão de prédios, criaturas e monstros. É uma orgia da imaginação, sem a orientação Celestial. E, como eu suspeitava, ainda há uma enorme quantidade de almas que não sabem que estão mortas.

— Ora, eu mergulho bem no meio daquilo tudo, procurando me manter o mais invisível possível; procurando me conceber como algo sem nenhuma forma discernível; mas é difícil. Pois esse é o território do invisível. Tudo aqui é invisível. E assim eu começo a perambular ali pelas estradas desoladas na penumbra, em meio aos deformados, aos formados pela metade, aos não-formados, aos que gemem e morrem; e estou na minha forma angelical.

— Mesmo assim, essas almas confusas não prestam muita atenção a mim! É como se muitas não conseguissem absolutamente ver com nitidez. Agora, você sabe que esse estado foi descrito por xamãs humanos, por santos, por aqueles que se aproximaram da morte, que passaram por ela e depois foram reanimados e continuaram a viver.

— Certo.

— Bem, o que as almas humanas vêem disso é um fragmento. Eu vi o todo. Perambulei por toda parte, sem medo e sem me preocupar com o Tempo, ou fora do Tempo, embora ele sempre continue a passar, é claro, e fui onde quis.

— Um hospício de almas.

— Muito parecido, mas dentro desse hospício imenso havia inúmeras mansões, para usar as palavras das Escrituras. Almas que compartilhavam fês semelhantes se haviam reunido em desespero, procurando reforçar mutuamente suas crenças e acalmar os medos de cada uma. No entanto, a luz da Terra era fraca demais para aquecer quem quer que fosse ali! E a Luz do Paraíso simplesmente não chegava a penetrar.

— Portanto, é verdade, você tem razão, é uma espécie de hospício, o Vale da Sombra da Morte, o terrível rio de monstros que as almas temem atravessar para chegar ao Paraíso. E é claro, até aquela altura ninguém jamais havia atravessado.

— A primeira coisa que fiz foi ouvir com atenção. Procurei ouvir o canto de qualquer alma que quisesse cantar para mim, ou seja, falar na minha língua. Eu captava qualquer declaração, pergunta ou suposição coerente que me chegasse aos ouvidos. O que essas almas sabiam? O que havia acontecido a elas?

— E em curto espaço de tempo, descobri que havia uma hierarquia nesse local horrível, cheio de tristeza, uma hierarquia gerada pela vontade das almas de procurar outras parecidas com elas. O lugar se tornara estratificado, de uma forma bastante imprecisa e sinistra, mas havia uma ordem decorrente do grau de conscientização, aceitação, confusão ou revolta de cada alma.

— Mais perto da terra, ficavam os mais aflitos, aqueles que não paravam de se esforçar para comer, beber ou possuir outros; aqueles que não conseguiam aceitar o que havia acontecido; ou que não compreendiam.

— Logo depois deles, vinha uma camada de almas que não faziam outra coisa senão brigar entre si, gritar, berrar, empurrar, procurar ferir, dominar, invadir ou escapar, numa confusão incorrigível. Essas almas nem chegaram a me ver. Mas a verdade é que seus humanos viram essa situação e a descreveram em inúmeros manuscritos ao longo dos séculos. Decerto, nada que estou dizendo é uma surpresa.

— E mais adiante, longe dessa luta, mais perto da tranquilidade do Paraíso, embora eu não esteja aqui falando em direções propriamente ditas, estavam aquelas almas que haviam atingido a compreensão de que haviam deixado a Natureza e estavam em algum outro lugar. E essas almas, algumas delas tendo estado ali desde o Início, se haviam tornado pacientes nas suas atitudes, pacientes na sua observação da Terra e pacientes com as outras ao seu redor, a quem procuravam ajudar por Amor a aceitar a morte.

— Você encontrou as almas que amavam.

— Ah, todas elas amam — disse Memnoch. — Todas elas. Não existe uma alma sequer que não ame nada. Ele ou ela ama alguma coisa, mesmo que essa coisa só exista na lembrança ou como um ideal. Mas a verdade é que encontrei aquelas que expressavam o amor de modo mais pacífico e sereno em quantidades imensas, umas pelas outras, e pelos vivos lá embaixo. Encontrei algumas que haviam voltado seus olhos totalmente para a terra e que não

procuravam outra coisa a não ser atender as orações que se erguiam dos desesperados, dos necessitados, dos enfermos.

— E a Terra, a essa altura, já havia presenciado guerras inomináveis e civilizações inteiras destruídas por catástrofes vulcânicas. A variedade e as possibilidades do sofrimento aumentavam o tempo todo. Também não se tratava de um aumento proporcional ao aprendizado, ou ao desenvolvimento cultural. Aquilo se havia tornado um esquema fora do alcance da compreensão de um anjo. Quando olhava para a Terra, eu nem mesmo procurava calcular o que governava as paixões dos que estavam numa selva em oposição aos grupos de outra; ou por que uma população passava gerações a fio empilhando pedras e mais pedras. É claro que eu sabia mais ou menos tudo, mas agora eu não estava numa missão terrestre.

— Os mortos se haviam tornado meu reino.

— Aproximei-me dessas almas que olhavam lá para baixo com misericórdia e compaixão, que procuravam por meio do pensamento influenciar outras no sentido do bem. Dez, vinte, trinta, eu vi milhares. Milhares, é o que estou lhe dizendo, das quais havia desaparecido toda esperança de renascimento ou de grande recompensa; almas nas quais havia uma aceitação total; de que isso era a morte; de que isso era a eternidade; almas enamoradas da carne e osso que podiam ver exatamente como nós, os Anjos, nos havíamos enamorado e ainda estávamos apaixonados.

— Sentei-me em meio a essas almas e comecei a conversar com elas, aqui e acolá, onde eu conseguisse atrair sua atenção, e logo ficou óbvio que elas eram bastante indiferentes quanto à minha forma, porque supunham que eu a houvesse escolhido como elas haviam escolhido as delas, e algumas delas lembravam homens e mulheres enquanto outras não se davam ao trabalho. Por isso, imagino que na realidade elas me considerassem bastante novo no Sheol já que eu precisava fazer exhibições tão agressivas de braços, pernas e asas. Mas era possível distraí-las da Terra, se eu as abordasse com muita delicadeza e começasse a questioná-las, lembrando-me de garimpar apenas a verdade, mas sem ser grosseiro.

— Devo ter conversado com milhões. Vaguei pelo Sheol, conversando com almas. E a coisa mais difícil em cada caso foi desviar a atenção do indivíduo fosse da terra, de algum fantasma da existência perdida, fosse de um estado de contemplação etérea ao qual a concentração era agora tão estranha e no qual ela exigia tanto esforço que não conseguia ser induzida.

— As almas mais sábias, mais amorosas, não queriam se preocupar com minhas perguntas. E só aos poucos elas se davam conta de que eu não era um mortal, mas de substância muito diferente, e de que havia algo nas minhas perguntas que estava relacionado a um local de referência fora da Terra. Você está entendendo? Esse era o dilema. Elas já estavam há tanto tempo no Sheol que não mais especulavam a respeito da razão da Vida ou da Criação. Elas não praguejavam mais contra um Deus que não conheciam, nem procuravam um Deus que se escondia delas. E, quando comecei a fazer minhas perguntas, elas acharam que eu estava bem lá embaixo, com as almas novas, sonhando com punições e recompensas que nunca viriam.

— Essas almas sábias contemplavam sua vida passada num longo devancio sem ira, e procuravam atender as orações que vinham de lá de baixo, como já mencionei. Elas cuidavam dos seus parentes, do seu clã, das suas nações. Elas cuidavam daqueles que atraíam sua atenção com demonstrações espetaculares e perfeitas de religiosidade. Elas observavam com tristeza o sofrimento dos humanos, desejavam poder ajudar e procuravam ajudar através do pensamento quando podiam.

— Quase nenhuma dessas almas muito fortes e pacientes voltava a procurar a carne. Mas algumas delas haviam feito isso no passado. Havia descido, renascido e descoberto, em última análise, que não conseguiam se lembrar de uma vida carnal para a outra, não havendo, portanto, nenhum sentido em voltar a nascer! Melhor ficar por ali, na eternidade que lhes era conhecida, e observar a Beleza da Criação. E esta realmente lhes parecia bela, como nos havia parecido.

— Bem, foi a partir dessas perguntas, dessas conversas ponderadas e intermináveis com os mortos, que meus critérios se desenvolveram.

— Primeiro, para ser digna do Paraíso, para ter uma ínfima chance diante de Deus, diria eu, a Alma precisava compreender a vida e a morte no sentido mais simples. Encontrei muitas almas que compreendiam. Em segundo lugar, precisava haver nessa compreensão uma apreciação da Beleza da obra Divina, da harmonia da Criação do ponto de vista de Deus, uma visão da Natureza envolta em ciclos infinitos e parcialmente coincidentes de sobrevivência, reprodução, evolução e crescimento.

— Muitas almas haviam chegado a essa compreensão. Muitas, sim. Mas muitas que consideravam a vida bela achavam que a morte era triste, infunda e terrível. E elas teriam preferido nunca ter nascido, se essa opção lhes houvesse sido dada!

— Eu não sabia o que fazer diante dessa convicção, mas ela era amplamente disseminada. Quem quer que Ele seja, por que nos fez se era para que ficassemos desse jeito para sempre, fora do mundo e nunca fazendo parte dele a não ser que desejássemos mergulhar nele de novo e sofrer todos aqueles tormentos mais uma vez, em troca de alguns momentos de glória, que não vamos apreciar da próxima vez mais do que da última, porque não levamos nosso conhecimento conosco quando renascemos?!

— Na realidade, foi nesse estágio que muitas almas pararam de se desenvolver ou de mudar. Elas sentiam grande preocupação e misericórdia pelos que estavam vivos, mas conheciam a dor; e a alegria era algo que elas não conseguiam mais imaginar. Elas seguiam na direção da paz; e a paz de fato parecia ser o melhor estado que poderiam alcançar. A paz, interrompida pelo esforço para atender orações, era especialmente difícil, mas para mim, enquanto anjo, era muito atraente. E eu fiquei na companhia dessas almas por muito tempo.

— Agora, se eu ao menos pudesse lhes dizer, pensei, se eu pudesse começar a instruí-las, talvez conseguisse convencê-las, prepará-las, aprontá-las para o Paraíso. Mas naquele estado, elas não estavam prontas, e eu não sabia se iam acreditar no que eu dissesse. E se de fato acreditarem e de repente se

encherem de ânsia pelo Paraíso? E depois Deus não permitir sua entrada?

— Não, eu precisava tomar cuidado. Não podia proclamar o conhecimento do alto de pedras como havia feito na minha breve passagem pela terra. Se eu ia me intrometer no progresso de um desses seres mortos, era preciso que existisse uma probabilidade muito grande de que essa alma me acompanhasse até o Trono de Deus.

— A compreensão da vida e da morte? Isso não bastava. A aceitação da morte? Não era suficiente. A indiferença à vida e à morte, isso sem dúvida não era suficientemente bom. Estar à deriva, em silenciosa confusão. Não. Esse tipo de alma havia perdido a personalidade. Estava tão longe de um Anjo quanto a chuva que caía na Terra.

— Atingi afinal uma região menor do que as outras e ocupada por apenas algumas almas. Agora estou falando relativamente. Lembre-se, sou o Demônio. Passo muito tempo no Paraíso e no Inferno. Por isso, quando digo algumas, é só para criar uma imagem com a qual sua mente possa lidar. A título de esclarecimento, digamos alguns milhares ou mais. Mas estou falando de grandes números. Não duvide.

— Estou entendendo.

— E essas almas simplesmente me espantaram com seu brilho, sua tranquilidade e os graus de conhecimento que haviam atingido e que conservavam. Para começar, quase todas tinham uma forma humana plena. Ou seja, elas haviam realizado no invisível suas formas originais ou talvez suas formas ideais. Elas pareciam anjos! Eram homens, mulheres e crianças invisíveis, e tinham consigo trajes que lhes haviam sido queridos em vida. Algumas delas eram novinhas em folha e haviam saído da morte com uma atitude pensativa, curiosa e pronta para o misterioso. Outras haviam aprendido tudo no Sheol ao longo de séculos de observação e temor de perda da sua individualidade, por mais terríveis que as coisas parecessem. Mas todas eram intensamente visíveis! E antropomórficas, embora naturalmente fossem diáfanas, como são todos os espíritos. E algumas eram mais pálidas do que outras. Mas todas basicamente podiam ser vistas com nitidez pelas outras e por elas mesmas.

— Entrei no meio delas, esperando alguma falta de consideração, mas percebi de imediato que essas almas me viam de um jeito diferente das outras. Elas viam tudo de um jeito diferente. Estavam mais sintonizadas com as sutilezas do invisível porque haviam aceitado suas condições plenamente. Se eu queria ser o que eu era, que eu fosse, pensavam elas. E me julgavam com toda a seriedade quanto a que nível de competência eu havia atingido sendo essa criatura alta, provida de asas, de cabelos longos e túnica ondulante. Logo após minha chegada, senti a felicidade ao meu redor. Senti uma aceitação. Senti uma total falta de resistência e uma curiosidade desafiadora. Elas sabiam que eu não era uma alma humana. E sabiam porque haviam atingido um ponto em que conseguiam ver isso! Elas podiam ver muito de cada alma para a qual olhavam. E podiam ver muito do mundo lá embaixo.

— Uma dessas almas tinha a forma de uma mulher, e por sinal não se tratava de modo algum da minha Lília, já que nunca mais voltei a vê-la sob qualquer forma. Mas era uma mulher que parecia ter morrido na meia-idade,

tendo tido grande número de filhos, alguns dos quais estavam agora com ela; e alguns dos quais ainda estavam lá embaixo. Essa alma existia numa serenidade que já estava quase se tornando brilhante. Ou seja, sua evolução era tão alta no invisível que ela estava começando a gerar algo semelhante à Luz de Deus!

— "O que a torna tão diferente?", perguntei a essa mulher. "O que faz todos vocês que estão reunidos neste lugar tão diferentes assim?"

— Com uma argúcia que me espantou, essa mulher me perguntou quem eu era. As almas dos mortos simplesmente não costumam fazer essa pergunta. Elas mergulham direto nas suas obsessões e preocupações insolúveis. Mas ela disse, "Quem é você e o que você é? Nunca vi ninguém parecido antes por aqui. Só quando estava viva".

— "Ainda não quero lhe dizer", disse eu. "Mas quero aprender com você. Você quer me contar por que parece feliz? Você é feliz, não é?"

— "Sou", disse ela. "Estou com aqueles que amo, e olhe lá embaixo. Olhe para tudo aquilo. "

— "Então sua mente não guarda nenhuma pergunta sobre tudo aquilo?" insisti. "Você não anseia por saber por que nasceu, por que sofreu, o que lhe aconteceu ao morrer ou por que motivo está aqui?"

— Para minha maior perplexidade, ela riu. O riso eu nunca havia ouvido no Sheol. Era delicado, tranquilizador, um riso alegre, um riso doce, como o riso dos anjos. E eu creio que cantei baixinho para ela em resposta, com perfeita naturalidade. E diante disso, sua alma se abriu como uma flor, do jeito que as almas dos vivos desabrocharam lá embaixo quando eles aprenderam a se amar! Ela se afeioou a mim e se abriu. "Você é lindo", murmurou ela, com respeito.

— "Mas por quê, por que todas essas outras almas nesse lugar são tão infelizes, e por que vocês aqui estão cheios de paz e alegria? É, eu sei, já olhei lá para baixo. E você está com aqueles que ama. Mas da mesma forma estão todas as outras. "

— "Nós não guardamos mais ressentimento de Deus", disse ela. "Nenhum de nós aqui. Nós não O odiamos. "

— "E os outros odeiam?"

— "Não é que O odeiem", disse ela, delicadamente, tendo muito cuidado comigo, como se eu fosse fácil de machucar. "É que elas não conseguem perdoar-Lhe tudo isso... o mundo, o que aconteceu e esse estado do Sheol no qual definhamos. Mas nós conseguimos. Nós Lhe perdoamos. E cada um de nós teve essa atitude por motivos diferentes, mas o perdão a Deus, isso nós conseguimos. Aceitamos o fato de nossas vidas terem sido experiências fantásticas, dignas da dor e do sofrimento, e agora valorizamos a alegria que conhecemos e os momentos de harmonia. E nós Lhe perdoamos o fato de *nunca ter explicado nada disso para nós, de nunca ter se justificado, de não ter castigado os maus ou recompensado os bons*, ou seja lá o que for que todas essas almas, vivas e mortas, esperam d'Ele. Nós Lhe perdoamos. Não sabemos, mas suspeitamos que Ele conhece um importante segredo a respeito de como toda essa dor poderia passar e ainda assim continuar sendo bom. E se Ele não quiser contar, bem, Ele é Deus. Mas de qualquer jeito, nós Lhe perdoamos e O amamos nesse nosso perdão, muito embora saibamos que Ele pode nunca se importar com qualquer um de

nós, da mesma forma que não se importa com os seixos nas praias lá embaixo. "

— Fiquei atônito. Permaneci sentado, imóvel, deixando que essas almas se reunissem ao redor de mim, por sua própria vontade. E então uma alma muito jovem, a alma de uma criança, falou.

— "No princípio, pareceu terrível que Deus nos tivesse trazido ao mundo para sermos assassinados, como fomos, todos nós, pois nós três aqui morremos na guerra, mas nós Lhe perdoamos porque sabemos que, se Ele pôde fazer algo tão belo quanto a Vida e a Morte, então Ele devia Entender. "

— "Veja bem", disse-me uma outra alma, "no fundo é o seguinte. Nós sofreríamos tudo de novo, se fosse preciso. E procuraríamos ser melhores uns com os outros, mais amorosos. Mas valeu a pena. "

— "É", disse mais outra. "Levei toda a minha vida na Terra para Perdoar a Deus pelo mundo, mas perdooi antes de morrer e vim morar aqui com essas outras almas. E olhe, se se esforçar, verá que transformamos isto aqui numa espécie de jardim. É difícil para nós. Nós só trabalhamos com nossa mente, nossa vontade, nossas lembranças e nossas imaginações, mas estamos criando um lugar no qual podemos nos lembrar do que era bom. E nós Lhe perdoamos e O amamos por nos ter dado esse tanto. "

— "É", disse mais uma. "Nós O amamos por nos ter dado absolutamente qualquer coisa. Somos gratos e cheios de Amor por Ele. Pois sem dúvida lá adiante nas trevas fica um imenso Nada, e nós vimos tantos lá embaixo que viviam em obsessão pelo Nada e pela Aflição; e eles jamais conheceram as alegrias que nós conhecíamos ou conhecemos agora. "

— "Não é nada fácil", disse ainda outra alma. "Foi um enorme esforço. Mas fazer amor era bom, beber era bom, dançar e cantar era maravilhoso e correr, tonto, na chuva era uma alegria. E para além disso fica um caos, uma ausência. E eu sou grato porque meus olhos se abriram para o mundo lá embaixo e eu posso me lembrar dele e vê-lo daqui. "

— Pensei por muito tempo, sem dar resposta a nenhuma delas; e elas continuaram a falar comigo, atraídas para mim, como se a luz em mim, se é que havia alguma luz visível, as atraísse. Na realidade, quanto mais eu respondia suas perguntas, quanto mais elas se abriam e pareciam compreender suas próprias respostas de modo mais significativo, mais densas e eloquentes se tornavam as declarações.

— Logo percebi que essas pessoas eram provenientes de todas as nações e de todas as posições sociais. E, embora o parentesco unisse com firmeza muitas delas, isso não valia para todas. Na realidade, muitas haviam perdido totalmente de vista seus parentes falecidos em outros territórios do Sheol. Outras jamais os haviam sequer avistado. Enquanto algumas haviam sido recebidas no momento da morte pelos seus parentes mortos! E essas eram pessoas do mundo, e todas as suas crenças estavam reunidas nesse lugar que começava a emitir luz.

— "Suas vidas na terra, será que não houve alguma coisa em comum?", perguntei, afinal. Elas não souberam responder. Realmente não sabiam. Não haviam feito perguntas umas às outras sobre suas vidas; e, quando lhes fiz perguntas rápidas e aleatórias, tornou-se claro que não havia existido nenhuma ligação! Algumas daquelas pessoas haviam sido ricas; outras, pobres; algumas

havam passado por sofrimentos inomináveis; algumas não haviam sofrido nada, mas haviam experimentado um lazer e uma prosperidade luminosa nos quais haviam chegado a amar a Criação antes mesmo de morrerem. Comecei a perceber, porém, que, se eu quisesse, poderia começar a contar essas respostas e avaliá-las de algum modo. Em outras palavras, todas essas almas haviam aprendido a perdoar a Deus de diversas formas. Era muito possível que uma forma fosse melhor para essa do que para aquela, que fosse infinitamente mais eficaz. Talvez. Eu não podia ter certeza. E por enquanto eu não tinha como saber.

— Envolvi essas almas com meus braços. Puxei-as para junto de mim. "Quero que venham fazer uma viagem comigo", disse-lhes, depois de ter falado com cada uma delas e de estar perfeitamente seguro da situação em que nos encontrávamos. "Quero que vocês venham ao Paraíso e se postem diante de Deus. Agora, isso pode ser por pouco tempo, e vocês talvez O vejam por não mais do que um instante. E é possível que Ele não Se permita ser visto por vocês de forma alguma. Vocês podem descobrir que foram devolvidos para este lugar, não tendo aprendido nada, mas também sem ter sofrido nada. A verdade é que não posso garantir o que vai acontecer! Ninguém conhece Deus."

— "Nós sabemos", responderam elas.

— "Eu as estou convidando para ir até Deus e Lhe contar o que me contaram. E agora vou responder à pergunta que me fizeram. Eu sou Seu Arcanjo Memnoch, do mesmo feitio dos outros Anjos dos quais vocês ouviram falar quando ainda viviam! Querem vir?"

— Algumas almas ficaram espantadas e hesitaram. Mas a maioria disse em uníssono, uma mistura de respostas que formava a seguinte resposta: "Nós vamos. Um vislumbre de Deus, mesmo a oportunidade de um vislumbre, vale qualquer coisa. Se não for assim, então eu não me lembro do perfume da oliveira, ou de como era a grama fresca embaixo de mim quando eu me deitava nela. Nunca provei o vinho e nunca dormi com quem amei. Nós vamos."

— Algumas se recusaram. Demorou alguns momentos para que todos nós percebêssemos, mas algumas se haviam afastado totalmente. Elas agora me viam como eu era, um Anjo, e compreendiam o que lhes havia sido negado. Com isso, perderam sua paz e seu poder de perdoar no mesmo instante. Elas me encaravam com horror, com raiva, ou com as duas emoções. As outras almas se apressaram para fazer com que mudassem de idéia, mas elas não queriam mudar. Não, não queriam ver esse Deus que havia abandonado Sua Criação, deixando-a a cultuar deuses em altares por todo o planeta e a orar em vão por uma intervenção ou pelo Juízo Final! Não, não, não!

— "Venham", disse eu às outras. "Vamos tentar entrar no Paraíso. Vamos dar-lhe toda a nossa força! Quantos somos? Mil vezes dez? Um milhão? Que importância tem? Deus disse dez, mas não somente dez. Deus quis dizer no mínimo dez. Venham, vamos em frente!"



Num relance, terei minha resposta, pensei. Ou ele nos aceita ou nos lança de volta cá para baixo com toda a Sua Força, como um dia me lançou à Terra. Ele poderia até mesmo dissolver a todos nós, pois decerto Ele pode tomar Sua decisão quanto ao meu sucesso ou fracasso antes que eu sequer chegue aos portões do Paraíso. Quais haviam sido Suas palavras na Sua Infinita Sabedoria? "Volte assim que *puder*. "

— Puxei essas almas para junto de mim, tanto quanto puxei você quando o levei lá para cima, e subimos do Sheol para dentro da luz plena e ofuscante do Paraíso que se derramava por cima dos muros e dos portões. E mais uma vez, esses portões, que eu jamais havia visto nos meus primeiros tempos, foram abertos com ímpeto, e nós nos encontramos, um Arcanjo e alguns milhões de almas humanas, parados novamente bem no meio do Paraíso diante de anjos surpresos, perplexos, atônitos, que riam, apontavam para nós e se reuniam ao nosso redor num enorme círculo, aos gritos para chamar a atenção de todos até que o Paraíso afinal ficou em silêncio.

— Bem, pensei eu, por enquanto tudo bem. Estamos aqui dentro. E as almas humanas! As almas humanas viam os anjos e ficavam extasiadas. Ah, não consigo me lembrar desse momento sem dançar. Não consigo me lembrar desse momento sem cantar. As almas estavam jubilosas e, quando os anjos começaram seu majestoso canto, potencialmente dissonante, de perguntas e exclamações, as almas humanas começaram a cantar!

— Na realidade, o Paraíso nunca mais seria o mesmo. Eu sabia. Eu soube no mesmo instante. Porque eis o que aconteceu. Essas almas traziam consigo os mesmos poderes de projeção que haviam aprendido no Sheol, ou seja o de criar ao seu redor, a partir do invisível, uma espécie de ambiente que desejavam, pelo qual ansiavam e ao qual eram capazes de dedicar sua plena vontade.

— E a geografia do Paraíso foi alterada de modo drástico e instantâneo, com um potencial infinito. Ergueram-se as torres, os castelos e mansões que você viu quando o levei lá, as bibliotecas e palácios com abóbadas, e os jardins, ah, as projeções empolgantes de flores em todas as direções, coisas que os anjos simplesmente nunca pensaram em trazer para o Paraíso... bem, estava tudo ali. Árvores surgiam na sua plenitude; a chuva caía em jorros murmurantes, cheios de fragrâncias. O céu pareceu se aquecer; e as cores por toda parte se expandiam ou ficavam mais profundas. Essas almas tomaram o tecido invisível do Paraíso, qualquer que ele fosse, energia, essência, a luz de Deus, o Poder

Criativo de Deus, e num piscar de olhos nos cercaram com criações maravilhosas, representando sua curiosidade, seus conceitos de beleza e seus desejos!

— Tudo que haviam aprendido na Terra, elas trouxeram para o Paraíso, numa criação irresistível na sua forma mais apreciada!

— O alvoroço era maior do que qualquer que eu já houvesse presenciado desde a própria Criação do Universo.

— E ninguém parecia mais espantado do que o Arcanjo Miguel, que me olhava fixamente como se estivesse dizendo, "Memnoch, você as trouxe para dentro do Paraíso!"

— Mas antes que ele pudesse emitir essas palavras e enquanto as almas ainda estavam unidas, apenas começando a perceber que podiam se movimentar, tocar os anjos e tocar as coisas que visualizavam, surgiu a própria Luz de Deus, *En Sof*, que subia e se espalhava por trás das silhuetas dos Serafins e dos Querubins, e caía com muita delicadeza e consideração sobre essas almas humanas, enchendo cada uma delas e deixando à mostra todos os seus segredos, como os anjos não têm segredos.

— As almas humanas gritavam de alegria. Hinos se elevavam dos Anjos. Eu comecei a cantar, com os braços bem abertos, "Senhor, Senhor, estou com Vossas almas, dignas do Paraíso, e vede o que elas trouxeram para o Paraíso, Senhor, apreciai Vossa Criação, apreciai as Almas daqueles que evoluíram a partir das células mais ínfimas, passando pela carne e osso e pelo Sheol até chegar ao Vosso próprio Trono. Senhor, estamos aqui! Senhor, está feito, está pronto. Aconteceu. Eu voltei e Vós o permitistes".

— E tendo falado mais do que o suficiente, caí de joelhos.

— As canções atingiram um arrebatamento, um som que nenhum humano mortal poderia suportar. Surgiam hinos de todos os cantos. As almas humanas haviam ficado mais densas, mais visíveis, até que apareceram com tanta clareza para nós quanto nós para elas e para outros de nós mesmos. Algumas estavam de mãos dadas e davam pulinhos como crianças pequenas. Outras apenas choravam e gritavam, e as lágrimas escorriam grossas pelos seus rostos.

— E então a luz cresceu. Nós sabíamos que Deus estava a ponto de falar. Nós nos silenciávamos como se fôssemos apenas um. Éramos todos o *bene há elohim*. E Deus disse, "Meus Filhos. Meus Filhos Amados. Memnoch está aí com seus Milhões, e eles são dignos do Paraíso".

— E a voz de Deus cessou, enquanto a luz ficava mais quente e mais forte, e todo o Paraíso se tornou pura aceitação e amor.

— Prostrei-me no chão do Paraíso, exausto, olhando para o alto, para o imenso firmamento do belo azul do céu com suas estrelas que nunca paravam de cintilar. Ouvi as almas dos humanos correndo de um lado para o outro. Ouvi os hinos de boas-vindas e as fórmulas rituais dos anjos. Ouvi tudo e depois, numa imitação de um mortal, fechei meus olhos.

— Será que Deus chegava a dormir? Não sei. Fechei meus olhos e fiquei ali imóvel, deitado na Luz de Deus. E, depois de todos aqueles anos no Sheol, voltei a me sentir em segurança e com um calor agradável.

— Finalmente, percebi que os Serafins haviam vindo me procurar, três ou

quatro deles, não percebi de verdade, e eles estavam parados, olhando para mim ali embaixo, com seus rostos quase insuportavelmente brilhantes com a luz refletida.

— "Memnoch, Deus quer falar com você sozinho", disseram eles.

— "Claro, agora mesmo!" Pus-me de pé com um salto.

— E bem longe das multidões jubilosas, descobri-me parado em silêncio, na tranquilidade, sem companheiros, com um braço protegendo meus olhos, e os olhos baixos, o mais perto que eu tinha condições de chegar da presença do Senhor.



— "Descubra seus olhos e olhe para mim", disse o Senhor.

— Obedeci instantaneamente, consciente de que isso poderia significar minha total destruição, de que tudo poderia ter sido loucura e mal-entendido.

— A luminosidade se havia tornado uniforme, gloriosa porém tolerável, e bem no seu centro, irradiando dali, vi nitidamente um rosto como o meu. Não posso dizer que era um rosto humano. Um semblante, uma pessoa, uma expressão, foi isso o que vi, e essa Fisionomia Altamente Personalizada estava me encarando em cheio.

— Era tão bela que eu não podia imaginar me mexer ou jamais desviar meu olhar, mas então começou a refulgir, começou a me forçar a piscar e a lutar contra o reflexo de cobrir meus olhos para não prejudicar minha visão para sempre.

— A luz foi então se abafando; foi se contraindo. Tornou-se suportável e envolvente, mas não ofuscante para mim. E eu fiquei parado, trêmulo, muito satisfeito por não ter procurado cobrir meu rosto.

— "Memnoch", disse Deus. "Você agiu bem. Você trouxe do Sheol almas que são dignas do Paraíso. Você aumentou a alegria e a felicidade do Paraíso. Agiu bem."

— Proferi um agradecimento que era de fato um hino de adoração, repetindo o óbvio, que Deus havia criado todas essas almas e que, na Sua misericórdia, Ele havia permitido que elas viessem a Ele.

— "E isso o deixa muito feliz, não é?" perguntou Ele.

— "Só se isso Vos deixar feliz, Senhor", disse eu, o que era uma pequena mentira.

— "Volte a se juntar aos anjos, Memnoch", disse Deus. "Dou-lhe meu perdão por ter se tornado de carne e osso sem minha permissão e por ter dormido com as Filhas dos Homens. Você comprovou suas esperanças para as almas do Sheol. Deixe-me agora e faça o que quiser, mas não interfira mais com a Natureza, nem com a Humanidade, já que você insiste que ela não faz parte da Natureza, ponto a respeito do qual está equivocado."

— "Senhor...", comecei timidamente.

— "Sim???"

— "Senhor, essas almas que eu trouxe do Sheol, ora, elas são menos de um centésimo das almas que estão lá. É provável que elas sejam menos do que um centésimo das almas que se desintegraram e desapareceram desde o início do

mundo. Senhor, o Sheol está repleto de confusão e equívocos. Essas foram apenas as eleitas."

— "E eu devo me surpreender com essa informação? Como eu poderia não saber isso?", perguntou Ele.

— "Com toda a certeza, Senhor, Vós me permitireis voltar ao Sheol para procurar aperfeiçoar aquelas almas que não atingiram o nível do Paraíso. Sem dúvida, Vós me permitireis tentar purificá-las do que as esteja mantendo indignas da felicidade celeste."

— "Por quê?"

— "Senhor, há milhões que ficam perdidas para cada milhão das que se salvam."

— "Você sabe que eu sei disso, não sabe?"

— "Senhor, tende misericórdia delas! Tende misericórdia dos humanos na Terra que procuram através de inúmeros rituais alcançá-Lo, conhecê-Lo e contentá-Lo."

— "Por quê?"

— Não respondi. Estava perplexo. Refleti. E então disse, "Senhor, não tendes interesse por essas almas que estão à deriva, confusas? Que tanto sofrem nas trevas?"

— "Por que eu deveria ter?", perguntou Ele.

— Mais uma vez, demorei para responder. Era imperioso que essa resposta tivesse impacto. Nesse intervalo, porém, Ele falou.

— "Memnoch, você pode contar para mim todas as estrelas? Você conhece seus nomes, suas órbitas, seus destinos na Natureza? Você pode me dar um cálculo aproximado, Memnoch, do número de grãos de areia no mar?"

— "Não, Senhor, não posso. "

— "Em toda a minha Criação, há criaturas cuja prole atinge os milhares, dos quais apenas uma porção ínfima sobrevive: peixes do mar, tartarugas do mar, insetos alados. Uma centena, até mesmo um milhão, de criaturas de uma espécie podem nascer no decorrer de um dia, com apenas um punhado chegando a sobreviver e a se reproduzir. Você não sabe disso?"

— "Sim, Senhor, eu sei. Aprendi isso em eras passadas. Soube quando os animais estavam evoluindo. Eu sabia. "

— "Então que diferença faz para mim que apenas um punhado de almas chegue aos Portões do Paraíso? Pode ser que eu volte a enviá-lo até o Sheol, com o Tempo. Não vou dizer quando. "

— "Senhor, a humanidade é consciente e está sofrendo!"

— "Será que temos de discutir mais uma vez sobre a Natureza? A humanidade é uma criação minha, Memnoch, e seu desenvolvimento, quer você saiba, quer não, segue minhas Leis. "

— "Mas, Senhor, tudo que está sob o sol acaba morrendo, e essas almas têm o potencial de viver para sempre! *Elas estão fora do ciclo!* Elas são feitas de conhecimento e vontade invisível. Senhor, sem dúvida, de acordo com as Leis, elas eram destinadas a vir para o Paraíso. Como poderia não ser assim? Eu Vos pergunto, Senhor, eu Vos peço que me expliqueis, porque, por mais que Vos ame, não compreendo. "

— "Memnoch, o invisível e o intencional estão encarnados nos meus anjos, e eles obedecem às minhas leis. "

— "Certo, Senhor, mas as almas não morrem. E Vós conversais conosco, Vós vos revelais a nós, Vós nos amais e nos permitis ver as coisas. "

— "Você acha que a beleza da Criação não revela minha luz à Humanidade? Você não acha que essas almas, que você mesmo trouxe para cá, não se desenvolveram a partir de uma percepção da glória de tudo que foi feito?"

— "Muitas outras poderiam vir, Senhor, só com uma ajudinha. A quantidade que está aqui agora é tão pequena. Senhor, os animais inferiores, o que eles podem imaginar que possam obter? Quer dizer, o leão imagina a carne da gazela e a obtém, não é verdade? As almas humanas conceberam um Deus Todo-poderoso e anseiam por Ele. "

— "Isso você já me provou, Memnoch. Você provou para o Paraíso inteiro. "

— "Mas essas eram apenas algumas delas! Senhor, se Vós fôsseis de carne e osso, se Vós houvésseis ao menos descido como eu descí... "

— "Cuidado, Memnoch. "

— "Não, Senhor, perdoai-me, mas não posso Vos negar meus melhores esforços; e meus melhores esforços no campo da lógica me dizem que, se Vós descêsseis e Vos tornásseis de carne e osso como eu fiz, conheceríeis melhor essas Criaturas que pensais conhecer mas que não conheceis!"

— Não houve resposta.

— "Senhor, Vossa luz não penetra na carne humana. Ela a confunde com a carne animal e sempre confundiu! Senhor, podeis saber tudo, mas não sabeis cada ínfimo detalhe! Não podeis saber, ou não poderíeis deixar essas almas definhando no Sheol em agonia. E não poderíeis permitir que o sofrimento dos homens e mulheres na Terra ficasse sem contexto. Não acredito! Não acredito que agiríeis dessa forma! Não acredito!"

— "Memnoch, para mim só é necessário dizer uma coisa uma vez. " — Não — respondi.

— "Estou sendo brando com você", disse Ele.

— "É, estais mesmo, mas estais errado; e também nisso estais equivocado, pois preferis ouvir os hinos em Vosso louvor repetidos infinitamente para sempre. E Senhor, essas almas poderiam vir a Vós e cantar esses hinos. "

— "Eu não preciso dos hinos, Memnoch", disse Ele.

— "Então, por que cantamos?"

— "Você, de todos os meus anjos, é o único que me acusa! Que não confia em mim. Ora, essas almas que você trouxe do Sheol confiam em mim de uma forma que você não confia! Foi esse o critério que você usou para seleccioná-las! O fato de elas confiarem na Sabedoria de Deus. "

— Não pude me calar.

— "Aprendi algo quando era de carne e osso, Senhor, algo que sustentou tudo o que eu havia suspeitado antes e que confirma tudo o que vi desde então. O que posso fazer, Senhor? Contar-Vos mentiras? Pronunciar com minha língua falsidades descaradas? Senhor, na humanidade, criastes algo que nem Vós compreendeis plenamente! Não pode haver outra explicação, pois, se houver,

não existe Natureza e não existe nenhuma Lei. "

— "Desapareça da minha presença, Memnoch. Desça à Terra, afaste-se de mim e não se intrometa com Nada, está me entendendo?"

— "Ponde à prova o que eu disse, Senhor. Tornai-Vos de carne e osso como eu. Vós podeis fazer qualquer coisa, envolvi-Vos em carne..."

— "Silêncio, Memnoch. "

— "Ou se não ousardes fazer isso, se for indigno que o Criador compreenda sua Criação em cada célula, então fazei com que se calem os hinos dos Anjos e dos Homens! Calai-os, já que afirmais não precisar deles. E então observai o que Vossa Criação significa para Vós!"

— "Eu o expulso, Memnoch!", proclamou Ele, e num instante todo o Paraíso ressurgiu à minha volta, todo o *bene ha elohim* e com ele os milhões de almas salvas. E Miguel e Rafael estavam parados diante de mim, olhando com horror enquanto eu era empurrado para trás, para fora dos portões e para dentro do turbilhão.

— "Sois impiedoso com Vossas Criações, meu Senhor!", vociferei tão alto quanto pude para me fazer ouvir em meio ao alarido dos cantos angustiados. "Aqueles homens e mulheres criados à Vossa própria imagem têm razão de desprezar-Vos, pois para nove décimos deles teria sido melhor não ter nascido nunca!"

Memnoch parou. Franziu um pouco o cenho, apenas um instante com uma expressão levemente carrancuda e perfeitamente simétrica. Depois, baixou a cabeça como se estivesse procurando escutar alguma coisa. E então foi se voltando para mim lentamente. Não desviei meu olhar.

— É exatamente o que você teria feito, não é? — perguntou ele.

— Deus me livre — disse eu. — Realmente não sei.

A paisagem estava mudando. Enquanto olhávamos um para o outro, o mundo ao nosso redor foi se enchendo com novos sons. Percebi que havia seres humanos nas proximidades, homens com rebanhos de cabras e ovelhas; e ao longe, bem distante, vi as muralhas de uma cidade e mais acima, num monte, ainda mais um povoado. Na realidade, agora estávamos num mundo habitado, antigo, mas não tão afastado assim do nosso.

Eu sabia que essas pessoas não podiam nos ver, nem nos ouvir. Não precisava que me dissessem isso.

Memnoch continuou a me encarar, como se estivesse me fazendo alguma pergunta, e eu não soubesse qual ela era. O sol batia em cheio sobre nós dois. Percebi que minhas mãos estavam úmidas com o suor de sangue; ergui a mão para enxugar o suor da minha testa e olhei para o sangue na minha mão. Memnoch estava coberto por um leve brilho, mas não mais do que isso. Ele continuava com os olhos fixos em mim.

— O que houve? — perguntei. — Por que não me diz? O que aconteceu? Por que não continua com a história?

— Você sabe muito bem o que aconteceu — disse ele. — Olhe agora para suas roupas. São túnicas, mais adequadas ao deserto. Quero que você venha ali, logo depois daqueles montes... comigo.

Ele se levantou, e eu o acompanhei imediatamente. Estávamos na Terra

Santa, não havia a menor dúvida. Passamos por dezenas e dezenas de pequenos grupos de pessoas, pescadores perto de um vilarejo às margens do mar, outros que cuidavam de cabras ou ovelhas, ou que conduziam pequenos rebanhos para povoados próximos ou para cercados fechados.

Tudo parecia nitidamente familiar. Perturbadoramente familiar, muito mais do que sensações de *déjà vu* ou de sugestões de já ter vivido ali antes. Familiar como se estivesse embutido nas conexões do cérebro. E eu estou me referindo a tudo, até mesmo a um homem nu, de pernas tortas, gritando e dizendo disparates ao passar por nós, sem nos ver, com uma das mãos apoiada numa bengala feita de uma vara.

Por baixo das camadas de areia que cobriam tudo, eu estava cercado de formas, estilos e modos de comportamento que conhecia intimamente: a partir das Escrituras, de entalhes, de ilustrações primorosas e da representação cinematográfica. Em toda a sua glória nua e candente, esse era um terreno sagrado tanto quanto era familiar.

Podíamos ver pessoas paradas diante de cavernas, nas quais viviam bem no alto dos montes. Aqui e ali, pequenos grupos estavam sentados à sombra de um arvoredo, cochilando, conversando. Uma pulsação distante vinha das cidades muradas. O ar estava cheio de areia. A areia entrava nas minhas narinas e ficava grudada nos meus lábios e nos meus cabelos.

Memnoch não estava com suas asas. Sua túnica estava suja, da mesma forma que a minha. Acho que estávamos usando linho. Era leve e o ar passava pelo tecido. Nossas túnicas eram longas e sem importância. Nossa pele, nossas formas estavam inalteradas.

O céu era de um azul intenso, e o sol brilhava forte sobre mim como brilharia sobre qualquer outro ser. O suor parecia alternadamente bom e insuportável. E tive o pensamento fugidio de como, em qualquer outra ocasião, eu poderia me assombrar só com o sol, a maravilha do sol negado aos Filhos da Noite, mas todo esse tempo eu não havia pensado nele nem uma vez, porque, tendo eu visto a Luz de Deus, o Sol havia deixado de ser a Luz para mim.

Fomos subindo os montes pedregosos, escalando caminhos íngremes e atravessando afloramentos de rochas e árvores deformadas; afinal surgiu lá embaixo, diante de nós, uma enorme área de areia sem água, que ardia e se movia lentamente num vento que não lhe dava alívio.

Memnoch estancou no próprio limiar desse deserto, por assim dizer, o lugar onde deixaríamos o terreno firme, por mais desconfortável e rochoso que fosse, para passar a entrar na suave monotonia da areia.

Consegui alcançá-lo, tendo ficado um pouco para trás. Ele me enlaçou com o braço esquerdo, e seus dedos se abriram grandes e firmes no meu ombro. Fiquei feliz por esse seu gesto porque estava sentindo uma apreensão previsível. Na realidade, crescia em mim um temor, uma premonição pior do que qualquer outra que já tivesse experimentado.

— Depois que Ele me repudiou — disse Memnoch — vaguei por aí. — Seus olhos estavam no deserto e no que pareciam ser rochedos áridos e escaldados à distância, hostis como o próprio deserto.

— Vaguei do jeito que você costuma vagar, Lestat. Sem asas e magoado,

passei pelas cidades e nações da terra; por continentes e terras desabitadas. Algum dia posso lhe contar tudo a respeito, se você quiser. Mas agora não tem nenhuma importância.

— Deixe-me contar apenas o que tem importância: que eu não ousei me fazer visível ou conhecido à Humanidade, mas preferi me esconder em seu meio, invisível, sem ousar assumir a carne com medo de voltar a irritar Deus; e sem ousar me unir ao esforço humano sob qualquer outro disfarce por temer a Deus e por temer o mal que eu com isso poderia estar causando aos humanos. Em consequência desses mesmos medos... não voltei ao Sheol. Eu não queria de modo algum aumentar os sofrimentos do Sheol. Só Deus poderia libertar aquelas almas. Que esperança eu poderia lhes dar?

— Mas eu podia ver o Sheol, podia ver sua imensidão, e sentia a dor das almas que lá estavam. Eu me assombrava com os modelos novos, intrincados e sempre mutantes de confusão gerados pelos mortais à medida que abandonavam uma fé, uma seita ou um credo depois do outro por aquela deplorável margem de abatimento.

— Uma vez, ocorreu-me uma idéia arrogante, a de que, se penetrasse no Sheol, eu poderia instruir as almas de lá de uma forma tão perfeita que elas próprias o transformariam, criariam ali formas inventadas pela esperança em vez de pelo desamparo, e com o tempo ele poderia se transformar em algum tipo de jardim. Certamente, os eleitos, os milhões que eu havia levado para o Paraíso, haviam transformado sua parte do lugar. Mas e se eu fracassasse nisso, e só aumentasse o caos? Não ousei. Não ousei por medo de Deus e por medo da minha própria incapacidade de realizar um sonho desses.

— Formulei muitas teorias nas minhas perambulações, mas não mudei de idéia, quanto a qualquer coisa em que eu acreditasse, que sentisse ou sobre a qual tivesse falado com Deus. Na realidade, embora Ele Se mantivesse em perfeito silêncio, eu costumava orar muito para Ele, a Lhe dizer como eu continuava a crer que Ele havia abandonado Sua mais perfeita criação. E às vezes, exausto, eu apenas cantava em Seu louvor. Às vezes, ficava calado. Olhava, escutava... observava...

— Memnoch, o Guardião, o Anjo Caído.

— Eu mal percebia que minha controvérsia com Deus Todo-poderoso estava apenas começando. Numa certa época, porém, descobri-me perambulando de volta aos próprios vales que havia visitado pela primeira vez, nos quais as primeiras cidades dos homens haviam sido construídas.

— Essa terra era para mim a terra dos primórdios, pois, embora grandes povos houvessem surgido em muitas nações, era aqui que eu me havia deitado com as Filhas dos Homens. E era aqui que eu havia aprendido algo na carne que eu ainda negava que o próprio Deus soubesse.

— Ora, quando cheguei a esse lugar, entrei em Jerusalém, que por sinal fica a menos de dez quilômetros a oeste daqui, onde estamos agora parados.

— E imediatamente me dei conta da época em que estava, em que os romanos governavam o país, em que os hebreus haviam sofrido um longo e terrível cativeiro e em que aquelas tribos que remontavam aos primeiros povoados daqui, aquelas que haviam acreditado num Deus Único, estavam agora

sob o domínio dos politeístas que não levavam nem um pouco a sério suas lendas.

— E as próprias tribos dos monoteístas estavam divididas em relação a muitas questões; com alguns hebreus sendo rígidos fariseus; outros, saduceus; e ainda outros tendo procurado criar comunidades puras nas cavernas naqueles montes mais além.

— Se havia uma característica que tornou os tempos notáveis aos meus olhos, ou seja, realmente diferentes de qualquer outra época, foi o poder do Império Romano, que se estendia mais do que qualquer império do Ocidente que eu já houvesse testemunhado, e que permanecia de certo modo na ignorância do Grande Império da China, como se não pertencessem ao mesmo mundo.

— Algo, no entanto, me atraía até este lugar, e eu sabia. Eu percebia aqui uma presença que não era tão forte quanto uma convocação, mas era como se alguém estivesse clamando para que eu viesse aqui, sem porém usar o pleno poder da sua voz. Eu precisava procurar. Eu precisava vagar por aí. Pode ser que essa coisa me perseguisse e me seduzisse como eu fiz com você. Não sei.

— Mas vim para cá e perambulei por Jerusalém, escutando o que tinham a dizer as línguas dos homens.

— Elas falavam dos profetas e dos santos do deserto, de discussões sobre a lei, a purificação e a vontade de Deus. Falavam de Livros Sagrados e de Tradições Sagradas. Falavam de homens que iam ser "batizados" em água para serem "salvos" aos olhos de Deus.

— E falavam de um homem que acabava de entrar no deserto após seu batismo, porque, no momento em que ele pisou no rio Jordão e a água foi derramada sobre ele, os céus se abriram acima da sua cabeça, e havia sido vista a Luz de Deus.

— É claro que se podiam ouvir histórias como essa em todo o mundo. Não era raro, só que me atraiu. Pois esta era minha terra; e me descobri, saindo de Jerusalém, como se estivesse obedecendo a ordens, na direção leste, para o ermo, com meus aguçados sentidos angelicais a me dizer que eu estava próximo da presença de alguma coisa misteriosa, de algo que pertencia ao sagrado de uma forma que um anjo saberia à primeira vista, e um ser humano talvez não soubesse. Minha razão rejeitava essa idéia, e no entanto eu continuava a andar, no calor do dia, sem asas e invisível, entrando no próprio deserto.

Memnoch fez com que eu o acompanhasse, e fomos andando pela areia adentro. Ela não era tão funda quanto eu havia imaginado, mas era quente e cheia de pedrinhas. Prosseguimos, entrando em ravinas e subindo encostas, para finalmente chegar a uma espécie de clareira, onde havia rochas reunidas, como se outros costumassem ir ali de quando em quando. Era tão natural quanto o outro lugar no qual havíamos optado por ficar tanto tempo.

Um marco no deserto, por assim dizer, um monumento a alguma coisa, talvez.

Esperei aflito que Memnoch retomasse o relato. Minha impaciência crescia. Ele andou mais devagar até chegarmos a uma pequena distância desse pequeno aglomerado de pedras.

— Eu chegava cada vez mais perto daqueles marcos que você está vendo ali, e com meus olhos de anjo, poderosos como os seus, de muito longe eu já

vislumbrava um único homem. Mas meus olhos me diziam que esse não era nenhum ser humano, que, pelo contrário, esse homem estava repleto do fogo de Deus.

— Não acreditei, e mesmo assim continuei andando, me aproximando cada vez mais, sem conseguir me deter. E então parei onde estamos agora, olhando fixamente para a criatura sentada naquela rocha diante de mim, que olhava para mim aqui.

— Era Deus! Não havia a menor dúvida. Ele estava envolto em carne, bronzeado pelo sol, tinha os cabelos escuros e os olhos escuros da gente do deserto, mas era Deus! Meu Deus!

— E ali estava ele sentado nesse corpo carnal, olhando para mim com olhos humanos, e os olhos de Deus, e eu pude ver a Luz que O preenchia totalmente, que estava contida dentro d'Ele e que se ocultava do mundo exterior por Sua carne, como se essa fosse a membrana mais forte entre o Céu e a Terra.

— Se havia alguma coisa que pudesse ser mais terrível do que essa revelação, era o fato de que Ele estava olhando para mim e de que Ele me conhecia e estivera à minha espera; e de que tudo que eu sentia por Ele, enquanto olhava para Ele, era amor.

— Nós não paramos de repetir as canções do amor. Será que essa é a única música destinada a toda a Criação?

— Olhei para Ele apavorado por Seu corpo mortal, Sua pele queimada de sol, Sua sede, o vazio no Seu estômago e o sofrimento dos Seus olhos no calor, pela presença de Deus Todo-poderoso dentro d'Ele, e senti um amor avassalador.

— "Quer dizer, Memnoch", disse Ele na língua de um mortal e com a voz de um homem, "que eu vim."

— Prostrei-me diante d'Ele. Isso foi instintivo. Simplesmente fiquei ali deitado, com a mão estendida, tocando apenas a ponta da correia da Sua sandália. Suspirei, e meu corpo estremeceu com o alívio da solidão, com a atração por Deus e sua satisfação, e comecei a chorar, desatinadamente, só por estar perto d'Ele e por vê-Lo. Eu estava assombrado com o que isso devia significar.

— "Levante-se e venha se sentar perto de mim", disse Ele. "Agora sou um homem e sou Deus, mas estou com medo." Sua voz era para mim indescritivelmente comovente, humana e no entanto plena da sabedoria do divino. Ele falava com a língua e o sotaque de Jerusalém.

— "Oh, Senhor, o que posso fazer para aliviar Vossa dor?", disse eu, pois a dor era óbvia. Levantei-me. "O que fizestes e por quê?"

— "Fiz exatamente o que você me incitou a fazer, Memnoch", respondeu Ele, e Seu rosto apresentava a expressão mais sonhadora e sedutora. "Entreí na carne. Só que fiz melhor do que você. Nasci de uma mulher mortal, plantando eu mesmo a semente nela, e durante trinta anos morei nesta Terra como menino e como homem. E durante longos períodos duvidei de que eu fosse realmente Deus. Duvidei, não; cheguei mesmo a me esquecer e deixei de acreditar totalmente nisso."

— "Eu Vos vejo; eu Vos conheço. Vós sois o Senhor meu Deus", disse. Eu estava tão impressionado com Seu rosto; com o reconhecimento de quem Ele era

na máscara de pele que cobria os ossos do Seu crânio. Num instante fugaz, recobrei a exata sensação de quando havia vislumbrado Seu semblante no meio da luz; e agora eu via a mesma expressão nesse rosto humano. Cai de joelhos. "Sois meu Deus", disse eu.

— "Agora eu sei disso, Memnoch, mas você compreende que me permiti uma total imersão na carne, um esquecimento, para que eu pudesse saber o que significa ser humano, como você disse, o que os humanos sofrem, o que temem, aquilo por que anseiam e o que são capazes de aprender aqui ou lá em cima. Fiz o que você me disse que fizesse, e o fiz melhor do que você jamais o fez, Memnoch. Fiz como Deus deve fazer, ao extremo!"

— "Senhor, mal posso suportar a visão do Vosso sofrimento", disse eu, depressa, sem conseguir afastar meus olhos d'Ele e, no entanto, sonhando com água e alimento para Ele. "Deixai-me enxugar Vosso suor. Deixai-me trazer-Vos água. Deixai-me levá-lo até a água num instante angelical. Deixai-me confortar-Vos, lavar-Vos e vestir-Vos com trajes dignos de Deus na Terra. "

— "Não", disse Ele. "Naquela época em que eu me considerava louco, em que mal me lembrava de que era Deus, em que soube que havia renunciado deliberadamente à minha onisciência a fim de sofrer e conhecer limitações, talvez você tivesse conseguido me convencer de que esse era o caminho. Eu poderia ter aproveitado sua oferta. Sim, faça de mim um Rei. Que esse seja meu modo de me revelar a eles. Mas agora não. Sei Quem eu sou e o Que eu sou; e sei O Que Vai Acontecer. E você tem razão, Memnoch, há almas no Sheol prontas para o Paraíso, e eu mesmo vou levá-las para lá. Aprendi o que você me instigou a aprender. "

— "Senhor, estais faminto. Estais sofrendo uma sede terrível. Olhai, transformai essas pedras em pão por meio do Vosso poder, para que possais comer. Ou deixai que eu Vos traga alimento. "

— "Pelo menos desta vez, quer fazer o favor de me escutar?!", disse Ele, sorrindo. "Pare de falar em comida e bebida. Quem é o humano aqui? Eu sou! Você é um adversário impossível, um demônio que adora discutir! Cale-se por enquanto e ouça. Estou na carne. Pelo menos, tenha pena e me deixe falar o que tenho a dizer. " Ele riu de mim, com o rosto cheio de generosidade e simpatia.

— "Então, entre na carne, também, comigo", disse Ele. "Seja meu irmão e se sente ao meu lado, Filho de Deus e Filho de Deus, e vamos conversar. "

— Fiz o que Ele mandou imediatamente, criando sem pensar muito um corpo que combinava com este que você está vendo, já que isso era tão natural para mim quanto pensar era natural. E me vesti com uma túnica semelhante, e percebi que estava sentado naquela rocha ali ao Seu lado. Eu era maior do que Ele e não me havia ocorrido reduzir a proporção dos meus membros. Fiz isso então apressadamente até sermos homens mais ou menos do mesmo tamanho. Eu era plenamente angelical na minha forma e não sentia nem fome, nem sede, nem cansaço.

— "Há quanto tempo estais neste deserto?", perguntei. "O povo em Jerusalém diz que há quase quarenta dias. "

— Ele fez que sim. "Esse é mais ou menos o número certo", respondeu Ele. "E agora já está na hora de eu começar meu ministério, que deverá durar três

anos. Ensinarei as grandes lições que precisam ser aprendidas para a admissão ao Paraíso: conscientização da Criação e Compreensão da sua expansão deliberada; apreciação da sua beleza e das leis que tornam possível uma aceitação do sofrimento, da injustiça aparente e de todas as formas de dor; prometerei uma glória final àqueles que conseguirem alcançar a compreensão; àqueles que puderem abandonar suas almas à compreensão de Deus e do que Ele fez. Darei isso aos Homens e às Mulheres, o que é precisamente, creio eu, o que você queria que eu fizesse. "

— Não ousei responder.

— "O amor, Memnoch, aprendi a amá-los como você me disse que aprenderia. Aprendi a amar e a valorizar como os homens e as mulheres.

Deitei-me com mulheres e conheci aquele êxtase, aquela centelha de júbilo da qual você falava com tanta eloquência quando eu não podia nem conceber desejar algo tão ínfimo. "

— "Falarei mais do amor do que de qualquer outro tema. Direi coisas que os homens e as mulheres podem distorcer e entender mal. Mas o amor, essa deverá ser a mensagem. Você me convenceu e eu me convenci de que é isso o que eleva o ser humano acima do mundo animal, embora animal seja o que a Humanidade é. "

— "Pretendeis deixá-los com alguma orientação específica sobre como amar? Sobre como parar a guerra e se unir em alguma forma de culto... "

— "Não, absolutamente não. Isso seria uma interferência absurda e desfaria todo o grande plano que pus em andamento. Seria parar a dinâmica da expansão do universo. "

— "Memnoch, para mim, nós, seres humanos, ainda fazemos parte da Natureza, como eu disse, só que os Humanos são melhores do que os animais. É uma questão de nível. É verdade que os humanos protestam contra o sofrimento e que têm consciência dele quando sofrem, mas num certo sentido eles se comportam exatamente como os animais inferiores, na medida em que o sofrimento os aprimora e os impele na direção do progresso evolutivo. Eles têm suficiente rapidez de pensamento para avaliar seu valor, enquanto os animais apenas aprendem a evitar o sofrimento pelo instinto. Os seres humanos podem de fato se aperfeiçoar no decurso de uma vida, através do sofrimento. No entanto, eles ainda assim fazem parte da Natureza. O mundo vai evoluindo como sempre, cheio de surpresas. Algumas dessas surpresas podem ser horrendas; outras, maravilhosas; e outras, lindas. Mas o que se sabe ao certo é que o mundo continuará a crescer e que a Criação continuará a se desdobrar. "

— "É, Senhor, mas sem dúvida o sofrimento é algo maligno. "

— "O que eu lhe ensinei, Memnoch, quando você veio pela primeira vez me dizer que a degradação estava errada, que a morte estava errada? Você não compreende a magnificência do sofrimento humano?"

— "Não", disse eu. "Só vejo a ruína da esperança, do amor e da família; a destruição da paz de espírito; vejo a dor insuportável; vejo o homem se curvar sob esse peso e cair no amargor e no ódio. "

— "Você não olhou fundo o suficiente, Memnoch. Você é apenas um anjo. Você se recusa a compreender a Natureza, e essa foi sua atitude desde o início. "

— "Eu trarei minha luz para o seio da Natureza através da carne ao longo de três anos. Transmitirei os conhecimentos mais sábios que eu possa ter neste corpo e neste cérebro de carne e osso. E depois morrerei. "

— "Morreréis? Por que fazer isso? Ou melhor, o que quereis dizer com morrer? Vossa alma deixará... " Parei de falar, sem ter certeza.

— Ele sorriu.

— "Tendes uma alma de verdade, não, Senhor? Quer dizer, sois meu Deus dentro desse Filho do Homem, e a luz preenche cada partícula Vossa, mas Vós... Vós não tendes alma, certo? Não tendes uma alma humana!"

— "Memnoch, essas distinções não têm importância. Sou Deus Encarnado. Como eu poderia ter uma alma humana? O que é importante é que vou permanecer neste corpo enquanto ele for torturado e morto. E minha morte será a comprovação do meu Amor por aqueles que criei e permiti que sofressem tanto. Vou compartilhar da sua dor e conhecer sua dor. "

— "Por favor, Senhor, perdoai-me, mas parece haver algo de errado com toda essa idéia. "

— Mais uma vez, ele aparentou estar achando graça. Seus olhos escuros se encheram de um riso silencioso e solidário. "Errado? O que há de errado, Memnoch, em eu assumir a forma do Deus que Morre na Cruz, que os homens e as mulheres imaginaram desde tempos imemoriais, com que sonharam e que cantaram, um deus moribundo que simboliza o próprio ciclo da natureza, no qual tudo que nasce deve morrer?"

— "Eu morrerei, e me levantarei dos Mortos, como aquele deus se levantou em todos os mitos do eterno retorno da primavera após o inverno nos países por todo o mundo. Serei o deus destruído e o deus elevado, só que aqui vai acontecer literalmente em Jerusalém, não em cerimônias ou com substitutos humanos. O próprio Filho de Deus cumprirá os mitos. Resolvi santificar essas lendas com minha morte literal. "

— "Saí da Tumba caminhando. Minha ressurreição confirmará o eterno retorno da primavera após o inverno. Ela confirmará que na Natureza todas as coisas que surgiram têm seu lugar. "

— "Mas, Memnoch, será pela minha morte que serei lembrado. Minha morte. Ela será terrível. Não será pela minha ressurreição que eles se lembrarão de mim, pode ter certeza disso, pois ela é algo que muitos simplesmente nunca verão ou na qual nunca acreditarão. Mas minha morte, minha morte desabrochará como uma confirmação total da mitologia, realçada por todos os mitos que a precederam; e minha morte será um sacrifício por parte de Deus para conhecer Sua própria Criação. Exatamente o que você me disse que fizesse. "

— "Não, não, esperai, Senhor, há alguma coisa errada nisso aí!"

— "Você sempre se esquece de quem é e da pessoa com quem está falando", disse ele com delicadeza, a mistura do humano e do divino continuando a me atormentar enquanto eu o contemplava, mergulhando na Sua beleza e atordoado pela Sua divindade, ao mesmo tempo em que me sentia dominado repetidamente pela minha própria crença firme de que tudo isso estava errado.

— "Memnoch, acabei de lhe contar o que ninguém mais sabe a não ser Eu.

Não fale comigo como se eu pudesse me equivocar. Não desperdice esses momentos com o Filho de Deus! Será que você não consegue aprender comigo na carne como aprende com os humanos na carne? Será que não tenho nada a lhe ensinar, meu amado Arcanjo? Por que você fica aí sentado a me questionar? Qual poderia remotamente ser o significado da sua palavra *errado*?"

— "Não sei, Senhor. Não sei responder. Não consigo encontrar todas as palavras. Só sei que isso não vai funcionar. Em primeiro lugar, quem vai se encarregar da tortura e da morte?"

— "O povo de Jerusalém. Vou conseguir insultar a todos, os hebreus tradicionais, os romanos insensíveis, todo mundo ficará ofendido com a ofuscante mensagem do puro amor e do que o amor exige dos humanos. Demonstrarei desdém pelos costumes dos outros, pelos seus rituais e suas leis. E cairei dentro do mecanismo da sua justiça. "

— "Serei condenado sob acusação de traição quando falar na minha Divindade, quando disser que sou o Filho de Deus, Deus Encarnado... e por minha própria mensagem serei torturado com tanto requinte que o fato nunca será esquecido. O mesmo vai acontecer com minha morte, por crucificação. "

— "Por crucificação? Senhor, já vistes homens morrerem por esse método? Sabeis como eles sofrem? Eles são cravados à madeira e morrem asfixiados, por estarem suspensos, debilitando-se, incapazes de sustentar seu próprio peso nos pés cravados, e finalmente sufocando em sangue e dor?"

— "Claro que já vi. É uma forma comum de execução. É repugnante e muito humana. "

— "Não e não", protestei. "Isso não pode acontecer. Não estais querendo alcançar o clímax dos Vossos ensinamentos com uma derrota e uma execução tão espetacular, com tanta crueldade e com a própria morte!"

— "Não se trata de derrota. Memnoch, serei um mártir pelo que ensinar! Sangrentos sacrifícios do cordeiro inocente foram feitos ao bom Deus desde o surgimento dos Humanos! Eles instintivamente entregam a Deus o que tem maior valor para eles mesmos, para demonstrar seu amor. Quem sabe disso melhor do que você que observou seus altares, escutou suas orações e insistiu comigo para que eu prestasse atenção? Neles, o sacrifício e o amor estão vinculados. "

— "Senhor, eles fazem sacrifícios por medo! Não tem nada a ver com o amor a Deus, ou será que tem? Todos os sacrifícios? As crianças sacrificadas a Baal, e uma centena de outros rituais horrendos em todo o mundo. Eles agem assim por medo! Por que o amor exigiria o sacrifício?"

— "Tampei a boca com as mãos. Não conseguia apresentar mais nenhum argumento. Estava horrorizado. Não conseguia separar o fio do meu horror do todo da trama sufocante. Falei, então, pensando em voz alta.

— "Está tudo errado, Senhor. Que Deus se degradasse tanto aparecendo na forma humana. Só isso já é inominável. Mas que se permita que os homens façam uma coisa dessas a Deus... Mas será que eles vão estar sabendo o que estão fazendo, sabendo que sois Deus? Quer dizer, eles não poderiam... Senhor, terá de acontecer em meio a confusão e equívocos. Isso representaria o caos, Senhor! As trevas!"

— "Naturalmente", disse Ele. "Quem, no seu perfeito estado mental, iria crucificar o Filho de Deus?"

— "E então qual é o significado?"

— "Memnoch, o significado é que eu me sujeitei ao humano por amor àqueles que criei. Estou na carne, Memnoch. Estou nela há trinta anos. Você gostaria de se explicar a mim?"

— "Morrer desse jeito é errado, Senhor. É uma morte abjeta. Senhor. É um horrível exemplo sangrento a ser mostrado à espécie humana! E Vós mesmo dizeis que eles Vos recordarão por esse motivo? Mais do que por Vossa ascensão dos mortos, pela explosão da luz de Deus saindo do Vosso corpo humano e fazendo com que todo esse sofrimento desapareça?"

— "A Luz não vai sair do corpo em explosão. Este corpo morrerá. Conhecerei a morte. Entrarei no Sheol e lá ficarei três dias com os que estão mortos. Depois, voltarei a este corpo e farei com que se levante dos Mortos. E é verdade que será minha Morte que eles recordarão, pois como poderei me Levantar se não tiver Morrido?"

— "Basta não fazer nem uma coisa nem outra", implorei. "De verdade, estou Vos implorando. Não Vos transformeis nesse sacrifício. Não mergulheis nos seus rituais sangrentos mais desorientados. Senhor, algum dia Vos aproximastes do fedor dos altares de sacrifício? É, eu costumava dizer-Vos que prestásseis atenção às suas orações, mas nunca pretendi que Vós mergulhásseis das Vossas alturas para sentir o cheiro horrível do sangue e do animal morto, ou para ver o medo mudo nos seus olhos quando a garganta lhe é cortada! Já vistes as crianças lançadas ao fogo do Deus Baal?"

— "Memnoch, é esse o caminho até Deus que o próprio homem desenvolveu. Em todo o mundo, os mitos cantam a mesma história."

— "É, mas isso é porque Vós nunca interferistes para parar com isso, Vós deixastes que isso acontecesse, deixastes que essa humanidade se desenvolvesse e voltasse os olhos horrorizada para os animais seus antepassados, contemplasse sua mortalidade e procurasse agradar a um deus que a abandonou numa situação dessas. Senhor, eles procuram pelo significado, mas não encontram nenhum. Nenhum."

— Ele olhou para mim como se eu realmente estivesse louco. Encarou-me em silêncio.

— "Você me decepçiona", disse Ele, em voz baixa e delicada. "Você me fere, Memnoch. Você fere meu coração humano." Ele estendeu as mãos grosseiras e tocou meu rosto com elas, as mãos de um homem que havia trabalhado neste mundo, trabalhado como eu nunca trabalhei na minha curta visita.

— Fechei meus olhos. Não falei. Mas algo me ocorreu! Uma revelação, uma súbita compreensão de tudo nesse caso que estava errado, mas será que eu ia poder transformá-la em argumentação? Será que eu ia conseguir falar?

— Abri novamente os olhos, deixando que ele me segurasse, sentindo os calos nos Seus dedos, olhando para seu rosto macilento. Como Ele havia passado fome! Como havia sofrido neste deserto! E como havia trabalhado nestes trinta anos! Não, não, isso estava errado!

— "O quê, meu Arcanjo, o que está errado?", perguntou Ele a mim, com paciência infinita e consternação humana. "

— "Senhor, eles escolheram esses rituais que envolvem o sofrimento porque não conseguem evitar o sofrimento no Mundo Natural. O mundo natural é o que precisa ser superado! Por que alguém precisa sofrer o que os humanos sofrem? Senhor, suas almas chegam ao Sheol deformadas, contorcidas de dor, negras como carvão pelo calor da perda, da aflição e da violência que testemunharam. O sofrimento é nefasto neste mundo. O sofrimento é a degradação e a morte. É terrível, Senhor, não podeis acreditar que sofrer dessa forma trará algum benefício a alguém. Esse sofrimento, essa inominável capacidade de sangrar, de conhecer a dor e de conhecer a aniquilação, é o que precisa ser superado neste mundo, se alguém quiser alcançar Deus!"

— Ele não respondeu. Abaixou as mãos.

— "Meu anjo", disse Ele, "você extrai de mim ainda maior afeto agora que tenho um coração humano. Como você é simples! Como lhe é estranha a vasta Criação Material. "

— "Mas fui eu quem insistiu para que descêsseis! Como ela me é estranha? Eu sou o Guardião! Eu vejo o que outros anjos não ousam contemplar com medo de chorar e de que Vos irriteis com eles. "

— "Memnoch, você simplesmente não conhece a carne. O conceito é complexo demais para você. O que você acha que ensinou àquelas almas no Sheol sua perfeição? Não foi o sofrimento? É, talvez elas entrem contorcidas e calcinadas se deixaram de ver além do sofrimento na Terra; e algumas podem se desesperar e desaparecer. Mas no Sheol, ao longo dos séculos de sofrimento e anseios, outras são depuradas e purificadas.

— "Memnoch, a Vida e a Morte fazem parte do ciclo, e o sofrimento é seu subproduto. E a capacidade humana para saber isso não exige ninguém!

Memnoch, o fato de que as almas iluminadas que você trouxe do Sheol sabiam disso, o fato de que haviam aprendido a aceitar sua beleza, é o que as tornou dignas de entrar pelos portões celestiais!"

— "Não, Senhor, isso não é verdade! Compreendestes tudo errado. Totalmente. Ah, agora percebo o que aconteceu. "

— "Você percebe? O que está tentando me dizer? Que eu, o Senhor Deus, tendo passado trinta anos neste corpo humano, não atinei com a verdade?"

— "Mas é exatamente esse o ponto! Vós soubestes o tempo todo que éreis Deus. Mencionastes tempos em que imagináveis estar louco ou em que quase Vos esquecíeis, mas esses momentos eram breves! Brevíssimos! E agora, ao planejardes Vossa morte, sabeis Quem sois e não Vos esqueceréis, certo?"

— "Não, não me esquecerei. Devo ser o Filho de Deus Encarnado para cumprir minha missão, fazer os milagres, é claro. Esse é o ponto crucial. "

— "Então, Senhor, não sabeis o que significa estar na carne!"

— "Como você ousa supor que você saiba, Memnoch?"

— "Quando me deixastes naquele corpo de carne, quando me lançastes de lá de cima para que as Filhas dos Homens cuidassem de mim e me curassem, nos primeiros séculos desta mesma região, eu não tinha nenhuma garantia de que iríeis me aceitar de volta no Paraíso. Senhor, não estais jogando limpo nessa

Vossa experiência. O tempo todo sabíeis que iríeis retornar, que retornaríeis para ser Deus!"

— "E quem melhor do que eu pode entender o que esta carne sente?", perguntou Ele.

— "Alguém que não tenha a perfeita segurança de saber que Ele é o Criador imortal do Universo", respondi. "Qualquer homem mortal suspenso numa cruz agora no Gólgota, nas cercanias de Jerusalém, entenderia melhor do que Vós!"

— Seus olhos se dilataram enquanto Ele olhava para mim. Mas não me questionou. Seu silêncio me perturbava. E mais uma vez, o poder da Sua expressão, o esplendor de Deus no homem me deslumbrou e agiu sobre o anjo em mim para que eu simplesmente me calasse e me jogasse aos Seus pés. Mas eu me recusei!

— "Senhor, mesmo quando entrei no Sheol, eu não sabia se um dia chegaria a voltar ao Paraíso. Não estais vendo? Não alego ter Vossa compreensão de nada. Não estaríamos conversando aqui se eu tivesse. Mas eu não tinha nenhuma promessa de que me seria permitido voltar ao Paraíso, será que não percebeis? Por isso, o sofrimento e as trevas se comunicaram comigo e me ensinaram, porque assumi o risco de que poderia nunca superá-los. Não percebeis?"

— Ele considerou meu argumento por um bom tempo e depois balançou a cabeça, entristecido.

— "Memnoch, é você quem não consegue entender. Quando a Humanidade está mais perto de Deus do que quando eles sofrem por amor ao outro, quando morrem para que outro possa viver, quando mergulham na direção certa da morte para proteger aqueles que deixam para trás ou aquelas verdades sobre a Vida que a Criação lhes ensinou?"

— "Mas o mundo não precisa de tudo isso, Senhor! Não, não, não. Ele não precisa do sangue, do sofrimento, da guerra. Não foi isso o que ensinou os Humanos a amar! Os animais já causavam uns aos outros toda essa catástrofe horrível e sangrenta. O que ensinou os Humanos foi o carinho e o afeto do outro, o amor por um filho, o amor nos braços de um companheiro, a capacidade de compreender o sofrimento do outro e de querer proteger esse outro, de se elevar acima da selvageria para a formação da família, do clã e da tribo, que representariam a paz e a segurança para todos!"

— Houve um longo silêncio. E depois Ele deu uma risada, cheia de ternura. — "Memnoch, meu anjo. O que você aprendeu na vida aprendeu na cama. "

— Por um instante, não respondi. É claro que o comentário estava carregado de desdém e de humor. Falei, então.

— "É verdade, Senhor. E o sofrimento é tão terrível para os humanos, a injustiça é tão prejudicial para o equilíbrio das suas mentes que pode destruir aquelas lições aprendidas na cama, por magníficas que sejam!"

— "Ah, mas quando o amor é atingido através do sofrimento, Memnoch, ele tem um poder que nunca pode conquistar através da inocência. "

— "Por que me dizeis isso? Eu não acredito! Creio que Vós não compreendeis. Senhor, escutai-me. Só há uma chance de isso se provar do meu

jeito. Uma chance. "

— "Se você sequer está pensando que vai interferir no meu ministério e no meu sacrifício; se você acha que pode mudar a maré das forças imensas que já estão em movimento para que esse acontecimento ocorra, então você não é mais um anjo, mas um demônio!"

— "Não Vos pedi isso. Prossegui com tudo. Pregai, deixai-os indignados, sede preso, julgado e executado na cruz. É, fazei tudo. Mas como homem!"

— "É o que pretendo. "

— "Não. Estareis sabendo o tempo todo que sois Deus. Estou sugerindo que Vos esqueçais de que sois Deus! Enterrai Vossa divindade na carne como ela esteve enterrada de forma intermitente. Enterrai-a, Senhor, deixando convosco apenas Vossa fê e Vossa crença no Paraíso, como se ela Vos tivesse chegado sob a forma de uma Revelação imensa e inegável.

— "Mas deixai enterrada neste deserto a verdadeira certeza de que sois Deus. Assim, sofrereis tudo como um homem sofre. E sabereis o que esse sofrimento é no fundo. E a agonia estará desprovida de toda a glória! E vereis o que os homens vêem quando a carne é retalhada, rasgada e o sangue jorra. E é Vosso próprio sangue. É repugnante!"

— "Memnoch, os homens morrem no Gólgota todos os dias. O que é importante é que o Filho de Deus, em plena consciência, morra no Gólgota no corpo de um homem. "

— "Não e não", protestei. "É um desastre. "

— Ele de repente pareceu tão triste que imaginei que fosse chorar por mim. Seus lábios estavam ressecados e rachados pelo deserto. As mãos eram tão finas que dava para eu ver as veias. Ele nem mesmo era um grande exemplo de homem, apenas um homem comum, maltratado por anos de labuta.

— "Olhai só para Vós mesmo, faminto, sedento, sofrendo, cansado, perdido em todas as trevas da vida, nos verdadeiros males espontâneos da natureza, e sonhando com a glória quando deixardes esse corpo! Que tipo de lição um sofrimento desses pode dar? E quem deixareis com a culpa do Vosso assassinato? O que será daqueles meros mortais que Vos renegarem? Não, por favor, Senhor, escutai-me. Se não quiserdes abandonar Vossa Divindade, não prossigais. Mudai esse plano.

— "Não permitais Vossa morte! Acima de tudo, não permitais o assassinato! Não fiquéis pendurado numa árvore como o Deus do Lenho nas histórias gregas. Vinde comigo até Jerusalém para conhecer as mulheres, o vinho, o canto, a dança, o nascimento dos pequeninos e toda a alegria que o coração humano pode conter e expressar!

— "Senhor, há ocasiões em que os homens mais inflexíveis seguram bebês nos braços, seus próprios filhos, e a felicidade e a satisfação desses momentos é tão sublime que não há nenhum horror na terra que possa destruir a paz que eles sentem! Essa é a capacidade humana para o amor e a compreensão! Quando se alcança a harmonia, apesar de tudo. E os homens e as mulheres conseguem isso, Senhor. Conseguem, sim. Vinde. Dançai com Vosso povo. Cantai com eles. Banqueteai-Vos com eles. Enlaçai as mulheres e os homens para conhecê-los na carne!"

— "Sinto pena de você, Memnoch. Sinto pena de você como sinto dos mortais que me matarão e daqueles que inevitavelmente interpretarão mal minhas leis. Mas sonho com aqueles que serão tocados profundamente pelo meu sofrimento, que nunca se esquecerão disso e que saberão que amor eu sentia pelos mortais para me deixar morrer entre eles antes de abrir os portões do Sheol. Sinto pena de você. Com esse sentimento que você tem, sua culpa será terrível demais para ser suportada. "

— "Minha culpa? Que culpa?"

— "Você é a causa disso tudo, Memnoch. Foi você quem disse que eu deveria descer e ser carne. Foi você quem insistiu comigo para que eu fizesse isso, quem me desafiou. E agora você não percebe o milagre do meu sacrifício.

— "E quando chegar a percebê-lo, quando chegar a ver almas aprimoradas pelo sofrimento subindo ao Paraíso, o que irá então pensar das suas descobertas mesquinhas feitas nos braços das Filhas dos Homens? O que irá pensar? Você não vê? Vou redimir o sofrimento, Memnoch! Vou proporcionar ao sofrimento seu potencial mais alto e mais pleno no ciclo! Vou levá-lo à plena realização. Vou permitir que ele cante sua própria canção magnífica!"

— "Não, não, não!" Levantei-me, zangado com Ele. "Senhor, fazei o que Vos peço. Prossegui com tudo, sim, se for preciso, fundai esse milagre num assassinato, fazei-o dessa forma, se for essa a Vossa vontade, mas enterrai toda a certeza da Divindade, para que, quando morrerdes, possais morrer de verdade, Senhor. Para que, quando fincarem os cravos nas Vossas mãos e pés, saibais o que um homem sente e nada mais. E, quando entrardes na penumbra do Sheol, Vossa alma seja uma alma humana! Por favor, Senhor, por favor, eu Vos imploro. Por toda a humanidade, estou implorando. Não posso ver o futuro mas ele nunca me apavorou tanto quanto agora. "

Memnoch parou de falar.

Ficamos ali parados na areia. Memnoch, com o olhar distante; e eu, ao seu lado, abalado.

— Ele não fez o que você sugeriu, não é? — perguntei. — Memnoch, Deus morreu sabendo que era Deus. Morreu e ascendeu sabendo o tempo todo. O mundo discute a respeito disso, debate e fica se perguntando, mas Ele sabia. Quando Lhe fincaram os cravos, Ele sabia que era Deus.

— Sabia — respondeu Memnoch. — Ele era um homem, mas aquele homem nunca esteve sem o poder de Deus.

De repente, algo me perturbou.

Memnoch parecia abalado demais para dizer mais qualquer palavra por enquanto.

Alguma coisa havia mudado na paisagem. Olhei na direção do círculo de pedras e percebi que uma figura estava ali sentada, a figura de um homem de pele morena e de olhos escuros, emaciado e coberto com a areia do deserto; e ele estava olhando para nós. E, sem que uma única fibra do seu corpo fosse outra coisa a não ser humana, era evidente que Ele era Deus.

Fiquei petrificado.

Eu havia perdido o mapa. Não sabia o caminho para a frente ou para trás, nem o que ficava à direita ou à esquerda.

Eu estava petrificado, sim, mas não estava apavorado; e esse homem, esse de olhos escuros, apenas olhava para nós com uma suavíssima simpatia no rosto, e a mesma aceitação sem limites que eu havia visto n'Ele no Paraíso, quando Se voltara e me segurara pelos braços.

O Filho de Deus.

— Venha aqui, Lestat — chamou ele, agora, baixinho, mais alto do que o vento do deserto, com uma voz humana. — Chegue mais perto.

Olhei para Memnoch. Memnoch estava olhando para Ele também e deu um sorriso amargo.

— Lestat, não importa como Ele possa estar se comportando, sempre é uma boa idéia fazer exatamente o que Ele manda.

Blasfêmia. Voltei-me, tremendo.

Fui na direção da figura, consciente de cada passo arrastado pela areia escaldante, com a forma escura e magra ficando cada vez mais nítida para mim, um homem cansado, que sofria. Cai de joelhos diante d'Ele, erguendo os olhos até Seu rosto.

— O Senhor Vivo — murmurei.

— Quero que você entre em Jerusalém — disse Ele. Estendeu a mão e afastou para trás meu cabelo; e a mão era como Memnoch havia descrito, ressecada, calejada, escurecida pelo sol como sua testa estava escurecida. A voz, porém, pairava em algum ponto entre o natural e o sublime. Alcançava um timbre para além do angelical. Era a voz que havia falado comigo no Paraíso, só que confinada aos sons humanos.

Não pude responder. Não pude fazer nada. Eu sabia que não faria nada enquanto não recebesse instruções. Memnoch continuava afastado, de braços cruzados, observando. E eu me ajoelhei, olhando nos olhos de Deus Encarnado, ajoelhado diante d'Ele totalmente só.

— Venha para Jerusalém — disse Ele. — Não vai tomar muito do seu tempo, talvez não mais do que alguns instantes, mas venha para Jerusalém com Memnoch, no dia da minha morte, e observe minha Paixão. Veja-me coroado com espinhos e carregando minha cruz. Faça isso por Mim antes de tomar sua decisão de servir a Memnoch ou ao Senhor Deus.

Cada parte de mim sabia que eu não ia conseguir. Eu não ia agüentar! Não poderia ficar olhando. Não ia poder. Eu estava paralisado. Desobediência, blasfêmia, essa não era a questão. Não podia suportar a idéia! Olhei fixo para Ele, para Seu rosto queimado de sol, para Seus olhos delicados e amorosos, para a areia grudada em Seu rosto. Seu cabelo escuro estava maltratado, desmanchado pelo vento, jogado para trás.

Não! Não posso fazer isso! Não vou conseguir!

— Ah, pode, você pode — disse Ele, em tom tranquilizador. — Lestat, meu corajoso portador da morte a tantos. Você ia realmente querer voltar para a Terra sem esse vislumbre do que tenho a oferecer? Você realmente renunciaria a essa chance de me ver com a coroa de espinhos? Quando foi na sua vida que você deixou passar um desafio? E pense no que lhe estou oferecendo agora. Não, você não recuaria, nem mesmo se Memnoch insistisse com você para que recuasse.

Eu sabia que Ele estava com a razão. No entanto, eu sabia que não conseguiria suportar aquilo tudo. Eu não podia entrar em Jerusalém e ver o

Cristo verdadeiro levando Sua Cruz. Eu não podia. Não podia. Não tinha a força necessária para isso, eu iria... Fiquei em silêncio. Um turbilhão de pensamentos em mim me condenava a uma total confusão e a uma paralisia prolongada.

— Será que consigo olhar essa cena? — disse eu. Fechei meus olhos! Abri-os, então, e olhei novamente para Ele e para Memnoch, que se havia aproximado e olhava de cima para mim com uma expressão íntima e fria, fria como seu rosto conseguia ser, que não era assim tão frio, mas sereno.

— Memnoch — disse o Deus Encarnado. — Traga-o, mostre-lhe o caminho, deixe que ele ao menos vislumbre a cena. Seja seu guia, e depois prossiga com seu exame e sua apelação.

Ele olhou para mim. Sorriu. Como parecia ser um vaso frágil para Sua própria magnificência. Um homem com rugas em volta dos olhos em decorrência do sol forte, com dentes estragados, um homem.

— Lembre-se, Lestat — disse-me Deus. — Este é apenas o mundo. E você conhece o mundo. O Sheol aguarda. Você viu o Mundo e o Paraíso, mas ainda não viu o Inferno.



Estávamos na cidade, uma cidade de barro e pedras de um marrom escuro e de um amarelo desbotado. Três anos haviam se passado. Tinha de ser assim. Tudo o que eu sabia era que estávamos numa enorme multidão de pessoas com túnicas, véus e farrapos; que eu sentia o cheiro do suor humano, o calor do hálito estagnado e o fedor de dejetos humanos e bosta de camelo, insuportável. E que, embora ninguém reparasse em nós, eu sentia o aperto da multidão, sentia que homens imundos me davam empurrões, roçavam em mim. E que a areia salgava o ar aqui dentro das muralhas da cidade, dentro dessas ruas estreitas, exatamente como havia salgado o ar do deserto.

As pessoas se reuniam em pequenos portais arredondados, espiavam das janelas no alto. A fuligem se misturava à areia eterna. As mulheres, puxando seus véus para cobrir o rosto, grudavam-se umas às outras enquanto abriam caminho para passar por nós. Mais adiante, eu ouvia berros e gritos. De repente, percebi que o local estava tão apinhado que eu não conseguia me mexer. Desesperado, procurei por Memnoch.

Ele estava bem ao meu lado, observando tudo calmamente. Nenhum de nós brilhava com qualquer fulgor sobrenatural em meio a esses humanos opacos e imundos, essas criaturas normais desses tempos primitivos e árdus.

— Não quero fazer isso! — disse eu, ficando os pés no chão, empurrado pelo movimento da multidão, mas resistindo. — Acho que não vou conseguir! Não posso olhar, Memnoch! Não, não se pode exigir isso de mim. Não... não quero dar nem mais um passo. Memnoch, deixe-me ir embora!

— Calma — disse ele, com severidade. — Estamos quase no lugar em que Ele vai passar.

Com o braço esquerdo me enlaçando, agarrando-me num gesto protetor, ele dividiu a multidão diante de nós, aparentemente sem esforço, até emergirmos na primeira fila daqueles que esperavam numa rua mais larga, enquanto a procissão avançava. Os gritos eram ensurdecedores. Soldados romanos passaram por nós, com seus trajes sujos de saibro, rostos cansados, até mesmo entediados, sombrios. Do outro lado da rua, no outro lado da procissão, uma bela mulher, com os cabelos cobertos por um longo véu branco, ergueu os braços, aos gritos.

Ela estava olhando para o Filho de Deus. Ele agora aparecia diante dos nossos olhos. Vi em primeiro lugar a grande travessa do crucifixo, sobre seus ombros, projetando-se de cada lado Seu, e depois Suas mãos, presas à viga, suspensas das cordas, já gotejando sangue. Sua cabeça estava inclinada; o cabelo

embaraçado e sujo, coberto com a grosseira coroa negra de espinhos aguçados. A multidão de espectadores fazia pressão contra os muros de cada lado d'Ele, alguns a provocá-Lo, outros em silêncio.

Mal havia espaço para Ele andar com sua carga. Sua túnica estava rasgada; Seus joelhos, machucados e sangrando, mas Ele andava assim mesmo. O fedor da urina nos muros próximos era insuportável.

Ele veio com dificuldade na nossa direção, com o rosto escondido, e então tombou, com um dos joelhos caindo entre as pedras da rua. Atrás d'Ele, vi outros carregando a longa peça vertical da cruz, que seria fincada no chão.

De imediato, os soldados ao Seu lado O puseram em pé. Eles ajeitaram a travessa da cruz nos Seus ombros. Seu rosto estava visível, a menos de um metro de onde estávamos, e Ele olhou para nós dois. Queimado de sol, com as faces encovadas, a boca aberta e trêmula, os olhos escuros muito abertos e fixos em nós, Ele só olhava, sem expressão, sem apelo. O sangue escorria dos espinhos negros enfiados na Sua testa. Corria em pequeninos riachos entrando nas Suas pálpebras e descendo pelo rosto. Seu torso nu sob o farrapo de túnica que Ele usava estava coberto dos vergões vermelhos e fortes dos açoites!

— Meu Deus! — Eu novamente havia perdido toda a volição. Memnoch me mantinha em pé enquanto nós dois olhávamos para o rosto de Deus. E a multidão, a multidão continuava aos berros, a praguejar, gritar e empurrar; criancinhas espiavam no meio das pessoas; mulheres choravam aos gritos. Outros riam; uma multidão imensa, horrenda e malcheirosa sob o sol implacável que mandava seus raios para o meio daqueles muros fechados, manchados de urina!

Ele se aproximou mais! Será que nos conhecia? Estremeceu na Sua agonia, com o sangue a Lhe escorrer pelo rosto até os lábios trêmulos. Ele arquejou como se estivesse a ponto de Se asfixiar, e eu vi que a túnica sobre Seus ombros, por baixo da madeira áspera da cruz, estava empapada de sangue do flagelo. Ele não poderia agüentar mais um instante que fosse. No entanto, eles O empurraram e Ele parou bem diante de nós, com os olhos baixos, o rosto molhado de suor, manchado de sangue. Ele, então, Se voltou lentamente e olhou para mim.

Eu chorava descontroladamente. O que eu estava testemunhando? Uma brutalidade inominável em qualquer época ou lugar, mas as lendas e orações da minha infância animadas por uma vitalidade grotesca. Eu sentia o cheiro do sangue. Eu o sentia. O vampiro em mim o sentia. Eu podia ouvir meus soluços. Abri meus braços, com violência.

— Meu Deus!

O silêncio caiu sobre o mundo inteiro. As pessoas gritavam e empurravam, mas não no universo em que estávamos. Ele estava ali parado olhando para mim e para Memnoch, alheio ao tempo e se agarrando a esse momento na sua plenitude, na sua agonia, enquanto olhava para nós dois.

— Lestat — disse Ele, com a voz tão fraca e embargada que eu mal a ouvi. — Você quer provar dele, não quer?

— Senhor, o que estais dizendo? — protestei, com minhas palavras tão cheias de lágrimas que eu mal as conseguia controlar.

— O sangue. Prove-o. Prove o Sangue de Cristo. — E um terrível sorriso de resignação, quase uma careta, cobriu Seu rosto; com o corpo entrando em convulsão debaixo da viga imensa, e o sangue escorrendo de novo como se, a cada respiração, os espinhos afundassem mais no Seu rosto e os vergões no Seu peito abrissem mais transformando-se em cortes pelos quais o sangue vazava.

— Não, meu Deus! — gritei. E estendi a mão até Ele, sentindo Seus braços frágeis, amarrados à enorme travessa. Seus braços finos e doloridos por baixo das mangas rasgadas, e o sangue refulgia diante de mim.

— O Sangue de Deus, Lestat — sussurrou Ele. — Pense em todo o sangue humano que já lhe passou pelos lábios. O meu sangue não é digno? Você está com medo?

Soluçando, segurei Seu pescoço com as duas mãos, com as juntas dos dedos tocando na cruz, e beijei Sua garganta. E então minha boca se abriu sem vontade nem esforço, e meus dentes perfuraram a carne. Ouvi-O gemer, um gemido longo e reverberante que pareceu se elevar e encher o mundo com seu som. E o sangue jorrou para dentro da minha boca.

A cruz, os cravos enfiados nos Seus pulsos, não nas Suas mãos, Seu corpo se contorcendo como se nos últimos instantes Ele quisesse escapar, e Sua cabeça empurrada contra a cruz de tal modo que os espinhos perfuraram Seu couro cabeludo, depois os cravos atravessando Seus pés, e Ele virando os olhos, as batidas incessantes do martelo. Depois a Luz, a Luz imensa subindo, como havia subido sobre a balaustrada do Paraíso, preenchendo o mundo e obliterando até mesmo essa fatura de sangue quente, sólido, delicioso, que se espalhava em mim. A Luz, a própria luz e o ser dentro dela, *A Sua Imagem!* A luz recuou, veloz, silenciosa, deixando para trás um longo túnel ou caminho, e eu soube que o caminho era reto da Terra até a Luz.

Dor! A Luz estava desaparecendo. A separação era indescritível! Um golpe rápido atingiu meu corpo inteiro com força total.

Fui jogado de volta para o meio da multidão. A areia me picava os olhos. Os berros aumentaram em volta de mim. O sangue estava na minha língua. Fluía a partir dos meus lábios. O tempo oprimia com um calor sufocante. E Ele estava diante de nós, olhando para nós. E lágrimas se derramavam dos Seus olhos, através do sangue que já O cobria.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus! — gritei, engolindo o final do sangue. Solucei.

A mulher do outro lado da rua surgiu com esplendor. De repente, sua voz se ergueu acima de toda a tagarelice e das imprecações, a horrenda cacofonia de humanos grosseiros e insensíveis por toda parte lutando para presenciar o que ocorria.

— Meu Deus! — berrou ela, e sua voz era como um clarim. Ela se interpôs no Seu caminho. Parou diante d'Ele, tirou dos cabelos o véu fino e branco e o ergueu com as duas mãos diante do Seu rosto.

— Senhor, Deus, sou Verônica — gritou ela. — Lembrai-vos de Verônica. Durante doze anos, sofri de uma hemorragia e, quando toquei a bacia da sua túnica, fiquei curada.

— Impura, imunda! — vinham os gritos.

— Transgressor, blasfemador!

— Filho de Deus, pois sim!

— Imunda, imunda, imunda!

Os gritos foram ficando frenéticos. As pessoas estendiam as mãos para ela, mas pareciam relutar em tocar nela. Seixos e pedras choviam na sua direção. Os soldados estavam indecisos, desmoralizados e belicosos.

Mas Deus Encarnado, com os ombros curvos sob a viga, só olhava para ela e então Ele falou.

— Sim, Verônica, com delicadeza, seu véu, minha amada, seu véu.

O tecido branco, virgem e fino, ela estendeu sobre Seu rosto, para secar o sangue, o suor, para aliviar, consolar; Seu perfil nítido por baixo da brancura por um instante; e então, como ela pretendia enxugar com delicadeza, os soldados a puxaram para trás e ela ficou parada, exibindo o véu com as duas mãos para que todos vissem. O Rosto d'Ele estava no véu!

— Memnoch, olhe! — exclamei. — Olhe para o véu de Verônica!

O rosto havia sido transferido, de modo impecável e perfeito, impregnado no tecido como nenhum pintor poderia tê-lo representado, como se o véu houvesse feito uma perfeita cópia do semblante de Cristo como uma máquina de fotografar moderna, só que ainda mais nítida, como se uma fina camada de pele tivesse feito a pele no retrato; o sangue tivesse feito o sangue; os olhos tivessem gravado a fogo no tecido sua reprodução exata, e os lábios também tivessem deixado nele sua marca personificada.

Todos os mais próximos viram a semelhança. As pessoas empurravam e se acotovelavam contra nós para ver o véu. Ergueram-se gritos.

A mão de Cristo soltou-se da corda que a amarrava à travessa da cruz e se estendeu para apanhar o véu dela. E ela caiu de joelhos, chorando, com as mãos cobrindo o rosto. Os soldados ficaram estupefatos, confusos, afastando a multidão a cotoveladas, como que rosnando para os que insistissem em empurrar.

Cristo voltou-se e me entregou o véu.

— Tome-o, guarde-o! Esconda-o. Leve-o daqui! — sussurrou Ele. Agarrei o pano, apavorado de medo de talvez estragar ou borrar a imagem. Mãos estenderam-se para pegá-lo. Apertei-o com força junto ao peito.

— Ele está com o véu — gritou alguém. Empurraram-me para trás.

— Peguem o véu! — Um braço lutou para arrancá-lo das minhas mãos. Aqueles que investiam contra nós foram de repente bloqueados por aqueles que vinham de trás para ver a cena e que nos empurravam irrefletidamente para fora do caminho. Fomos forçados a recuar pelo próprio volume da multidão, passando de qualquer jeito por corpos imundos e esfarrapados, em meio ao alarido, aos gritos e imprecações.

Desapareceu qualquer sinal da procissão; os gritos de "o véu" ficaram irremediavelmente distantes.

Dobrei-o bem, virei-me e saí correndo.

Eu não sabia onde Memnoch estava. Não sabia onde estava indo. Desci correndo pela rua estreita, por outra, outra e mais outra, com as pessoas passando em grandes números por mim, indiferentes a mim, a caminho da crucificação ou simplesmente seguindo seu trajeto habitual.

Meu peito ardia por essa minha corrida; meus pés estavam machucados e cortados. Voltei a sentir o gosto do Seu sangue e vi a Luz num relance ofuscante. Às cegas, eu não largava o véu. Levantei-o e o enfiei dentro da minha túnica, segurando-o bem. Ninguém o apanharia. Ninguém.

Um lamento terrível me saiu dos lábios. Olhei para cima. O céu estava mudado. O céu azul sobre Jerusalém, o ar cheio de arcia estavam mudados. O redemoinho, misericordiosamente, me cercou; e o Sangue de Cristo mergulhou no meu peito e no meu coração, envolvendo meu coração, com a Luz enchendo meus olhos, e minhas duas mãos apertando firmes o véu dobrado.

O turbilhão me transportou em silêncio e calma. Com toda a minha vontade, forcei-me a olhar para baixo, a procurar dentro da túnica, que agora não era mais minha túnica, mas minha camisa e meu paletó, o terno que eu estava usando nas neves de Nova York, e por baixo do tecido do colete, junto à camisa, senti o véu dobrado! Parecia que o vento ia arrancar minhas roupas! Que ia arrancar meus cabelos da cabeça. Mas eu segurava firme o pano dobrado que estava em segurança junto ao meu coração.

Subia uma fumaça da terra. Gritos e berros mais uma vez. Eles eram mais terríveis do que os gritos que cercavam Cristo no caminho até o Calvário?

Com um golpe forte, de despedaçar, bati num muro e num piso. Cavalos passaram, com seus cascos por pouco não atingindo minha cabeça, centelhas voando das pedras. Uma mulher jazia ali sangrando e morrendo diante de mim, com o pescoço obviamente quebrado e o sangue se derramando pelo nariz e pelos ouvidos. Pessoas fugiam em todas as direções. Mais uma vez, o cheiro de excrementos misturado ao de sangue.

Era uma cidade em guerra. Os soldados saqueavam e arrancavam os inocentes para fora de portais. Os berros ecoavam como se reverberassem em tetos sem fim. As chamas chegavam tão perto que chamuscavam meu cabelo.

— O véu, o véu! — disse eu, e o senti com a mão, seguro, ainda enfiado entre meu colete e minha camisa. Um pé de soldado surgiu e deu um chute forte no lado do meu rosto. E eu caí de qualquer jeito nas pedras.

Olhei para o alto. Não estava absolutamente numa rua. Estava numa enorme igreja com abóbadas, com galerias e mais galerias de colunas e arcos romanos. Em toda a minha volta, em contraste com o brilho dos mosaicos dourados, homens e mulheres estavam sendo mortos. Cavalos os pisoteavam. O corpo de uma criança atingiu a parede acima de mim, o crânio foi esmagado e os pequenos membros caíram como escombros aos meus pés. Cavaleiros atacavam os que fugiam, com espadas de folhas largas que cortavam ombros e braços. Uma violenta explosão de chamas iluminou tudo como se fosse meio-dia. Pelos portais, homens e mulheres fugiam. Mas os soldados os perseguiam. O chão estava empapado de sangue. O mundo estava empapado de sangue.

Em toda a volta e lá no alto, os mosaicos dourados refulgiam com rostos que agora pareciam petrificados de horror ao contemplar essa carnificina. Santos, santos e mais santos. As chamas subiam e dançavam. Pilhas de livros estavam queimando! Ícones eram quebrados em pedaços, e as imagens jaziam em montes, enegrecidas e fumegantes, com o ouro brilhando enquanto era consumido pelas labaredas.

— Onde é que nós estamos?! — gritei.

A voz de Memnoch estava bem ao meu lado. Ele estava sentado, tranqüilo, encostado na parede de pedra.

— Na catedral de Santa Sofia, meu amigo — disse ele. — No fundo, não é nada. É só a Quarta Cruzada.

Estendi minha mão esquerda para ele, sem querer soltar minha mão direita do véu.

— O que você está vendo são os cristãos romanos chacinando os cristãos gregos. Só isso. O Egito e a Terra Santa por enquanto estão esquecidos. Concederam aos venezianos três dias para saquear a cidade. Foi uma decisão política. É claro que todos eles estavam aqui para reconquistar a Terra Santa, onde você e eu estivemos recentemente, mas o combate não estava fadado a acontecer, e por isso as autoridades liberaram as tropas para fazer o que quisessem na cidade. Cristãos matam cristãos. Romanos contra gregos. Quer ir andar lá fora? Gostaria de ver mais disso tudo? Livros aos milhões estão sendo perdidos agora para sempre. Manuscritos em grego, aramaico, etiópico e latim. Livros de Deus e livros dos homens. Você quer ir dar uma volta pelos conventos em que as freiras estão sendo arrancadas das suas celas por cristãos seus semelhantes para serem estupradas? Constantinopla está sendo saqueada. Não é nada, pode acreditar em mim. Absolutamente nada.

Continuei deitado no chão, chorando, procurando fechar meus olhos e não ver, mas sem conseguir não ver: encolhendo-me ao estrépito dos cascos dos cavalos tão perigosamente próximos, engasgando com o fedor do sangue do bebê morto que jazia encostado na minha perna, pesado e inerte, como alguma coisa molhada retirada do mar. Chorei e chorei. Perto de mim estava o corpo de um homem com a cabeça parcialmente decepada do pescoço, o sangue formando poças nas pedras. Outra figura tropeçou nele, com o joelho torcido, e uma das mãos, ensangüentada, tentou se agarrar a qualquer coisa que lhe desse firmeza e encontrou apenas o corpo rosado e nu da criança, que jogou para o lado. A cabecinha agora estava quase totalmente separada do corpo.

— O véu — murmurei.

— Ah, sim, o véu precioso. Você gostaria de uma mudança de cenário? Podemos ir em frente. Podemos ir até Madri para assistir a um auto-de-fé. Você sabe o que é isso, a ocasião em que torturam os judeus e queimam vivos aqueles que se recusam a se converter ao cristianismo? Ou talvez devêssemos voltar à França e ver os albigenses sendo dizimados no Languedoc? Você deve ter ouvido falar dessas lendas quando estava crescendo. A heresia foi eliminada, sabe, todos os hereges. Missão muito bem cumprida por parte dos padres dominicanos, que então se dedicarão às bruxas, naturalmente. São tantas as opções. Imagine se fôssemos à Alemanha para ver o martírio dos anabatistas. Ou à Inglaterra para ver a rainha Mary mandar queimar quem se tivesse voltado contra o papa durante o reinado do seu pai, Henrique. Vou lhe relatar uma cena extraordinária que revisei com frequência. Estrasburgo, 1349. Dois mil judeus serão queimados ali em fevereiro daquele ano, culpados da Peste Negra. Coisas desse tipo costumam acontecer na Europa inteira...

— Eu sei história — gritei, procurando recuperar o fôlego. — Eu sei.

— É, mas ver é um pouquinho diferente, não é? Como já disse, isso aqui não é nada. Tudo o que vai provocar é a divisão entre os católicos romanos e os gregos para sempre.

— E à medida que Constantinopla for se enfraquecendo, o novo Povo da Bíblia, os muçulmanos, passará direto pelas defesas debilitadas para invadir a Europa. Você quer ver uma dessas batalhas? Podemos ir direto ao século XX, se quiser. Podemos ir à Bósnia ou à Herzegovina, onde muçulmanos e cristãos estão lutando agora. Esses países, a Bósnia e a Herzegovina, são nomes que estão na boca das pessoas nas ruas de Nova York hoje em dia.

— E enquanto estamos considerando todo Povo da Bíblia, muçulmanos, judeus, cristãos, por que não ir até o Iraque para ouvir os gritos dos curdos famintos, cujos pântanos foram drenados e cujo povo está sendo dizimado? Se você quiser, poderíamos nos concentrar na pilhagem de locais sagrados, mesquitas, catedrais, igrejas. Poderíamos usar esse método para viajar até o tempo presente.

— Mas veja bem, nenhuma dessas sugestões que eu fiz envolveu pessoas que não acreditem em Deus ou em Cristo. O Povo da Bíblia, é disso que estamos falando, do Livro que começa com o Deus Único e que não pára de mudar e crescer.

— E nos tempos de hoje mesmo, documentos de valor inestimável desaparecem queimados. É a expansão da Criação; é a Evolução. Sem dúvida, é o sofrimento santificado por parte de alguém, porque todas essas pessoas que você vê aqui cultuam o mesmo Deus.

Não dei resposta alguma.

Felizmente, sua voz parou, mas a batalha não. Houve uma explosão. As labaredas subiam tão alto que eu pude ver os santos na própria cúpula. Num relance, toda a esplêndida estrutura da basílica iluminou-se ao meu redor: seu oval imenso, suas fileiras e mais fileiras de colunas, os enormes arcos sustentando a cúpula lá no alto. A luz ficou mais fraca, voltou a explodir, enquanto ecoavam gritos com um vigor renovado.

Fechei então os olhos e fiquei imóvel, ignorando os chutes e os pés que até mesmo passavam por cima de mim, correndo, pisando nas minhas costas por um instante enquanto prosseguiram. Eu estava com o véu e estava deitado ali, imóvel.

— Será que o inferno pode ser pior do que isso? — perguntei. Minha voz era fraca, e eu achei que ele não me ouviria com todo o ruído do combate.

— Eu realmente não sei — disse ele, com o mesmo tom de intimidade como se o que nos unia transmitisse nossas mensagens de um para o outro sem o menor esforço.

— Será o Sheol? — perguntei. — As almas têm condição de sair? Ele não respondeu.

— Você acha que eu me empenharia nessa guerra contra ele sob qualquer condição, se as almas não pudessem sair? — perguntou ele, como se a própria idéia de um inferno eterno o ofendesse.

— Tire-me daqui, por favor — sussurrei. Meu rosto estava pousado no piso de pedra. O mau cheiro do estêreo dos cavalos se misturava ao da urina e do sangue. Mas o pior eram os gritos. Os gritos e o incessante estrépito de metais!

— Memnoch, tire-me daqui! Diga-me do que trata essa guerra entre você e Ele! Fale-me das regras!

Esforcei-me para me sentar, recolhendo minhas pernas, enxugando os olhos com a mão esquerda, com a direita ainda segurando firme o véu. Comecei a engasgar com a fumaça. Meus olhos ardiam.

— Fale para mim o que você queria dizer quando afirmou que precisava de mim, que estava vencendo a batalha. Qual é *afinal* a guerra entre você e Ele? O que você quer que eu faça? Em que termos você é adversário d'Ele? Em nome de Deus, o que se espera que eu faça?

Ergui os olhos. Ele estava sentado ali, descontraído, com um joelho dobrado, os braços cruzados, o rosto nítido num momento iluminado por uma labareda e pálido no momento seguinte. Ele estava todo imundo e parecia desprovido de energia, numa estranha descontração. Sua expressão não era nem amarga nem sarcástica, apenas pensativa. Fixa com uma expressão permanente exatamente como os rostos nos mosaicos eram fixos enquanto testemunhavam com olhos sem vida os mesmos acontecimentos.

— Quer dizer que passamos por tantas guerras? Deixamos para trás tantos massacres? Ignoramos tantos martírios? Mas a verdade é que não lhe falta imaginação, Lestat.

— Deixe-me descansar, Memnoch. Responda às minhas perguntas. Não sou um anjo, só um monstro. Por favor, vamos embora.

— Está bem. Vamos agora. Na realidade, você foi corajoso, exatamente como eu imaginava que seria. Suas lágrimas são abundantes e vêm do fundo do coração.

Não respondi. Meu peito arfava. Eu não largava o véu. Tapei meu ouvido com a mão esquerda. Como eu poderia me mexer? Eu esperava que ele nos transportasse no redemoinho? Será que eu ainda tinha membros que me obedecessem?

— Nós vamos agora, Lestat — disse ele, novamente. Ouvi o vento aumentando. Era o redemoinho, e as paredes já haviam caído para trás. Apertei o véu na minha mão. Ouvi sua voz no meu ouvido.

— Agora, descanse.

As almas giravam em torno de nós na penumbra. Senti minha cabeça encostada no seu ombro, com o vento desmanchando meu cabelo. Fechei os olhos e vi o Filho de Deus entrando num local imenso, escuro e sombrio. Os raios de Luz emanavam daquela pequena figura em todas as direções, iluminando centenas de formas humanas, formas de almas, formas de fantasmas que se debatiam.

— Sheol — esforcei-me para dizer. Mas já estávamos no redemoinho, e essa era apenas uma imagem estampada na escuridão dos meus olhos fechados. Mais uma vez, a Luz ficou mais brilhante, com os raios se fundindo numa única chama, como se eu estivesse na sua própria presença; e os cantos se elevaram, mais altos e mais claros, sobrepondo-se ao som das almas que se lamentavam em volta de nós, até que a mistura de lamentação e de canto passou a ser a natureza da visão e a natureza do redemoinho. E eram uma só.



Eu estava deitado, imóvel, em algum lugar aberto, no chão pedregoso. Estava com o véu. Podia sentir seu volume, mas não ousei enfiar a mão na roupa para tirá-lo ou examiná-lo.

Vi Memnoch parado a alguma distância de mim, em plena forma glorificada, com as asas altas e rigidamente recolhidas atrás de si, e vi Deus Encarnado, ressuscitado, com os ferimentos ainda vermelhos nos Seus tornozelos e pulsos, mas Ele havia sido banhado e limpo, e Seu corpo tinha a mesma escala do de Memnoch, ou seja, maior do que o humano. Sua túnica era branca e nova; e Seu cabelo escuro, ainda profusamente colorido de sangue seco, mas penteado com esmero. Parecia que mais luz passava através das células da epiderme do Seu corpo do que passava antes da Crucificação, e d'Ele emanava um brilho poderoso, que transformava o brilho de Memnoch ligeiramente opaco em comparação. No entanto, os dois brilhos não lutavam entre si e eram basicamente o mesmo tipo de luz.

Fiquei ali deitado, olhando para cima, ouvindo atento sua discussão. E só com o canto do olho, antes que suas vozes se tornassem distintas para mim, vi que esse era um campo de batalha coberto de cadáveres. Não se tratava da mesma época da Quarta Cruzada. Ninguém precisava me dizer isso. Essa era uma batalha anterior, e os corpos usavam as armaduras e os trajes que eu poderia vincular, se me perguntassem, ao século III, talvez, embora eu não pudesse saber ao certo. Eram tempos antiqüíssimos.

Os mortos cheiravam mal. O ar estava cheio de insetos que se banquetavam; e até mesmo de alguns abutres ameaçadores e desajeitados, que vinham dar bicadas na carne horrenda e inchada dos soldados. E, ao longe, ouvi a briga acirrada, com rosnados e latidos, de lobos em luta.

— É, estou vendo! — afirmou Memnoch, com raiva. Ele estava falando numa língua que não era o inglês nem o francês, mas que eu compreendia perfeitamente. — O portal do Paraíso está aberto para todos os que morrerem com a Compreensão e a Aceitação da Harmonia da Criação e da Bondade de Deus! Mas e os outros? O que dizer dos milhões de outros?!

— E mais uma vez, eu lhe pergunto por que eu deveria me importar com os outros! — disse o Filho de Deus. — Aqueles que morrem sem a compreensão, a aceitação e o conhecimento de Deus. Por quê? O que eles são para mim?

— Filhos da Vossa Criação, é isso o que eles são! Com a capacidade de chegar ao Paraíso se ao menos conseguissem descobrir o caminho! E o número

dos que se perdem supera em bilhões aqueles poucos que possuem a sabedoria, a orientação, a experiência, a revelação, o dom. E Vós sabeis disso! Como podeis deixar tantos desaparecerem nas sombras do Sheol mais uma vez, ou se desintegrarem, ou ainda se manterem agarrados à terra tornando-se espíritos malignos? Vós não vistes para salvar a todos eles?

— Vim para salvar os que quisessem ser salvos! Novamente eu lhe digo que se trata de um ciclo, que é Natural e que, para cada alma que agora segue sem obstáculos para a Luz do Paraíso, milhares de outras devem fracassar. De que vale Compreender, Aceitar, Conhecer, Ver a Beleza? O que você quer que eu faça?

— Ajudai as almas que estão perdidas! Ajudai-as. Não as deixeis no redemoinho, não as deixeis no Sheol, lutando por milênios a fio para atingir a compreensão pelo que elas ainda vêm na Terra! Vós piorastes tudo, foi isso o que fizestes!

— Como você ousa!

— Vós piorastes tudo! Olhai para este campo de batalha, e Vossa Cruz apareceu nos céus antes da batalha, e agora Vossa Cruz se torna o emblema do império! Desde a morte das testemunhas que viram Vosso Corpo Ressuscitado, apenas uma quantidade ínfima dos mortos vindos da Terra conseguiu entrar na Luz, e multidões se perderam em discussões, combates e equívocos, definhando nas trevas!

— Minha Luz é para aqueles que querem recebê-la.

— Isso não basta!

Deus Encarnado atingiu Memnoch com um forte golpe no rosto. Memnoch recuou cambaleando, com as asas se desdobrando, como se num reflexo para poder fugir voando. Mas elas se acalmaram de novo, com algumas penas brancas girando graciosas no ar, e Memnoch levou a mão até a marca da mão de Deus no lado do seu rosto. Eu pude ver a marca nitidamente, de um vermelho-sangue como os ferimentos nos tornozelos e nas mãos de Cristo.

— Muito bem — disse Deus Encarnado. — Já que você se importa mais com essas almas perdidas do que com seu Deus, que seja sua missão recolhê-las! Que o Sheol seja seu Reino! Reúna-as lá aos milhões e as prepare para a Luz. Eu digo que nenhuma se dissolverá ou se desintegrará fora do alcance do seu poder de fazer com que voltem a ser. Eu digo que nenhuma se perderá, mas que todas serão da sua responsabilidade, suas alunas, suas seguidoras, suas criadas.

— E até o dia em que o Sheol esteja vazio! Até o dia em que todas as almas passem direto aos Portais do Paraíso, você será meu Adversário, você será meu Demônio. Você está condenado a passar não menos do que um terço da sua existência na Terra, que ama tanto, e não menos do que um terço no Sheol ou Inferno, como você prefira chamá-lo, no seu Reino. E só ocasionalmente, por minha generosidade, você poderá entrar no Paraíso. E certifique-se de estar na sua forma angelical adequada ao entrar!

— Na Terra, deixe que o vejam como o demônio! O Deus Animal: o Deus da dança, da bebida, do banquete, da carne e de todas as coisas que você ama o suficiente para desafiar a *Mim*. Deixe que o vejam assim, se você quiser ter poder, e suas asas serão da cor da fuligem e das cinzas enquanto suas pernas

serão as pernas de um bode, como se você fosse o próprio Pã! Ou apenas como um homem, sim, concedo-lhe essa graça, que você possa ser um homem entre eles, já que considera ser uma empreitada tão digna essa de ser humano. Mas Anjo entre eles, não! Nunca!

— Você não usará sua forma Angelical para confundi-los e atordoá-los, para deslumbrá-los ou humilhá-los. Você e seus Guardiões fizeram isso o suficiente. Mas certifique-se de que, ao passar pelos meus portões, você esteja adequadamente trajado para mim, de que suas asas estejam como a neve, da mesma forma que sua túnica. Lembre-se de ser você mesmo quando estiver no meu reino!

— Isso eu posso fazer! — disse Memnoch. — Posso treiná-las; Posso orientá-las. Deixai que eu cuide do Inferno como eu preferir cuidar, e eu poderei salvá-las para o Paraíso. Posso desfazer tudo que Vosso Ciclo Natural lhes fez na Terra.

— Ótimo, gostaria de vê-lo conseguir isso! — disse o Filho de Deus. — Mande-me então mais almas, através da sua purgação. Vá em frente. Aumente minha Glória. Aumente o *bene ha elohim*. O Paraíso não tem fim e acolhe bem seus esforços.

— Mas você não voltará nunca para casa enquanto não terminar a tarefa, enquanto a passagem da Terra para o Paraíso não incluir todos os que morrem, ou enquanto o próprio mundo não tiver sido destruído. Enquanto a evolução não se tiver desdobrado a ponto em que o Sheol, por um motivo ou outro, esteja vazio. E preste atenção, Memnoch, esse dia pode não chegar nunca! Não prometi nenhum fim para a expansão do universo! Quer dizer que você vai ter uma longa estada com os Condenados.

— E na Terra? Quais são meus poderes? Deus-bode ou Homem, o que eu posso fazer?

— O que você deveria fazer! Advertir os humanos. Adverti-los para que eles venham para mim e não para o Sheol.

— E eu posso fazer isso ao meu modo? Posso lhes dizer como sois um Deus impiedoso, que matar em Vosso nome é perverso e que o sofrimento entorta, deturpa e condena suas vítimas muito mais do que as salva? Posso lhes contar a verdade? Que, se quiserem chegar a Vós, devem abandonar Vossas religiões, Vossas guerras santas e Vosso magnífico martírio? Que procurem entender o que o mistério da carne lhes diz, o que o êxtase do amor lhes diz? Vós me dais permissão? Tenho Vossa permissão para lhes contar a verdade?

— Conte-lhes o que quiser! E para cada caso em que você os afaste das minhas igrejas, das minhas revelações, mal interpretadas e deturpadas como possam ser, para cada caso em que você os afaste, estará se arriscando a ter mais um aluno na sua escola infernal, mais uma alma que precisará reformar. Seu inferno ficará lotado até transbordar!

— Não pelos meus atos, Senhor. Ele poderá se encher até transbordar, mas será graças a Vós!

— Como ousa!

— Deixai que tudo evolua, Meu Senhor, como dissestes que sempre deveria evoluir. Só que agora eu faço parte disso, e o Inferno faz parte disso. E

Vós me dareis aqueles anjos que têm a mesma crença que eu tenho, que queiram trabalhar para mim e suportar as mesmas trevas comigo?

— Não! Não lhe darei sequer um espírito angelical! Recrute seus ajudantes em meio às próprias almas apegadas à matéria. Faça delas seus demônios! Os Guardiões que caíram com você estão arrependidos. Não vou lhe dar nenhum deles. Você é um Anjo. Fique sozinho.

— Pois bem, fico sozinho. Se é da Vossa vontade, podeis me prejudicar na minha forma terrena, mas, mesmo assim, triunfarei. Levarei mais almas através do Sheol para o Paraíso do que Vós trareis por Vosso Portal direto. Eu trarei mais almas reformadas a cantar em louvor do Paraíso do que Vós jamais amealhareis através do Vosso túnel estreito. Sou eu quem encherá o Paraíso e magnificará Vossa glória. Haveis de ver.

Os dois se calaram. Memnoch, furioso; e Deus Encarnado, furioso, ou era o que parecia: as duas figuras se defrontando, as duas de tamanho igual, com a diferença de que as asas de Memnoch se abriam para trás e para fora dando a impressão de uma forma de poder; e de Deus Encarnado emanava a Luz mais poderosa, confrangedoramente bela.

De repente, Deus Encarnado sorriu.

— Seja como for, eu saio ganhando, não é? — perguntou Ele.

— Eu Vos amaldiçoô! — retrucou Memnoch.

— Não, você não amaldiçoa mesmo — disse Deus, entristecido e com delicadeza. Ele estendeu a mão e tocou o rosto de Memnoch. E a marca da Sua mão raivosa desapareceu da pele angelical. Deus Encarnado inclinou-se para a frente e beijou Memnoch na boca.

— Eu o amo, meu corajoso adversário! Foi bom que eu o tenha feito, tão bom quanto tudo o mais que fiz. Traga-me almas. Você faz apenas parte do ciclo, faz parte da Natureza. Você é tão assombroso quanto a faísca de um relâmpago ou a erupção de um grande vulcão, como uma estrela explodindo de repente, a tal distância nas galáxias que milhares de anos se passam até que as pessoas na Terra vejam sua luz.

— Sois um Deus impiedoso — disse Memnoch, recusando-se a ceder um centímetro. — Vou ensiná-los a Vos perdoar pelo que sois: Majestoso, Infinitamente Criativo e Imperfeito.

Deus Encarnado riu baixinho e beijou Memnoch novamente, na testa.

— Sou um Deus sábio e paciente — disse Ele. — Sou Aquele que criou você. As imagens desapareceram. Nem chegaram a empalidecer. Simplesmente sumiram.

Fiquei deitado ali no campo de batalha, sozinho.

O fêdor era uma camada de gases suspensa acima de mim, envenenando cada respiração minha.

Pois até onde minha vista alcançava só havia defuntos.

Um ruído me assustou. A figura magra e arquejante de um lobo velho se aproximando, abatendo-se sobre mim com a cabeça baixa. Enrijeci. Vi seus olhos estreitos e inclinados para cima quando ele me farejou com seu focinho arrogante. Senti o cheiro do seu hálito quente e repulsivo. Virei o rosto para o outro lado. Ouvi-o cheirar minha orelha, meu cabelo. Ouvi um rosnado profundo

de dentro dele. Só fechei os olhos e, com a mão direita dentro do paletó, toquei o véu.

Seus dentes me arranharam o pescoço. Instantaneamente eu me virei, me levantei e empurrei o lobo para trás, fazendo com que caísse, ganindo e afinal fugisse correndo de mim. Lá saiu ele correndo por cima dos corpos dos mortos.

Respirei fundo. Percebi que o céu lá em cima era o céu diurno da Terra; e fiquei olhando as nuvens brancas, as simples nuvens brancas e o horizonte distante e indistinto abaixo delas. Ouvi atento as nuvens de insetos, os borrachudos e as moscas erguendo-se e rodopiando aqui e ali acima dos corpos; e os abutres grandes, feios, corcundas, andando nas pontas dos pés em meio ao banquete.

De muito longe vinha o som de alguém chorando.

No entanto, o céu estava esplendidamente claro. As nuvens passaram de tal modo a liberar o sol em toda a sua força, e lá veio o calor sobre minhas mãos e meu rosto, sobre os corpos gasosos a explodir ao meu redor.

Acho que devo ter perdido a consciência. Foi o que quis. Eu quis cair de costas na terra, rolar de bruços, ficar deitado com minha testa no chão, enfiar minha mão no paletó e sentir que o véu estava ali.



O Jardim da Espera. O local tranqüilo e radiante diante dos Portais do Paraíso. Um lugar do qual as almas voltam de vez em quando, quando a morte as leva até lá, e elas são então informadas de que não é essa a hora, de que podem voltar para casa.

Ao longe, sob o luminoso céu de cobalto, vi os Mortos Mais Recentes cumprimentando os Mortos Mais Velhos. Grupos e mais grupos. Vi os abraços, ouvi as exclamações. Com o canto dos olhos, vi os muros estonteantemente altos do Paraíso e os seus Portais. Dessa vez, vi anjos, menos sólidos do que todo o resto, coros e mais coros, movimentando-se pelos céus, livres e mergulhando à vontade nas pequenas multidões de mortais que atravessavam a ponte. Alternando entre a visibilidade e a invisibilidade, os anjos passavam, observavam, deixavam-se levar para o alto para desaparecer no azul inexaurível do céu.

Os sons do Paraíso eram baixos e pungentemente sedutores, vindos do outro lado dos muros. Eu podia fechar meus olhos e quase ver as cores safirinas! Todas as músicas tinham o mesmo refrão: "Entrem, venham, podem entrar, fiquem conosco. O caos não existe mais. Aqui é o Paraíso."

Mas eu estava muito longe disso tudo, num pequeno vale. Estava sentado entre flores silvestres, minúsculas flores do campo, brancas e amarelas, às margens relvadas do córrego que todas as almas precisam cruzar para entrar no Paraíso, só que aqui ele não parecia ser nada mais do que qualquer outro riacho magnífico e impetuoso. Ou melhor, ele entoava uma canção que dizia, depois da fumaça e da guerra, depois da fuligem e do sangue, depois do mau cheiro e da dor, que todos os córregos são tão magníficos quanto esse.

A água canta em vozes múltiplas quando desliza sobre as pedras, escorre por ravinas estreitíssimas e se precipita abruptamente sobre elevações na terra para poder mais uma vez cair, numa mescla de fuga e cânone. Enquanto o capim curva a cabeça para observar.

Descansei encostado no tronco de uma árvore, o que um perseguidor poderia ser se ficasse florido para sempre, tanto com flores quanto com frutos, de tal modo que nunca ficasse desprovido de nenhum dos dois; e seus galhos se inclinassem não em submissão, mas com essa opulência, essa fragrância, essa oferta, essa fusão dos dois ciclos em uma eterna abundância. No alto, em meio ao esvoaçar de pétalas, cuja quantidade parecia inexaurível e jamais alarmante, vi o movimento adejante de pássaros minúsculos. E mais acima, anjos, anjos e mais anjos, como se fossem feitos de ar, os luminosos espíritos cintilantes tão

leves a ponto de às vezes desaparecerem numa única aragem no céu.

O Paraíso dos murais; o Paraíso dos mosaicos. Só que nenhuma forma artística tem como captar isso. Pergunte àqueles que foram e voltaram. Aqueles corações que pararam na mesa de cirurgia, de tal modo que suas almas viessem voando até esse jardim, e depois fossem levadas de volta para a carne capaz de se comunicar. Nada pode captar isso.

O ar fresco e agradável me cercou, removendo aos poucos, em camadas, a fuligem e a imundície grudadas no meu paletó e na minha camisa.

De repente, como se estivesse acordando para a vida depois de um pesadelo, enfiei a mão dentro da camisa e retirei o véu. Desdobrei-o e o segurei pelas duas bordas.

O rosto ardia nele, com os olhos escuros olhando fixos para mim, o sangue com o mesmo vermelho brilhante de antes, a pele com o tom perfeito, a profundidade quase de um holograma, embora toda a expressão se mexesse muito de leve quando a brisa atingiu o véu. Nada havia ficado borrado. Nada se rasgara. Nada se perdera.

Senti que arfava, e meu coração acelerou perigosamente. O calor inundou meu próprio rosto.

Os olhos castanhos estavam firmes no seu jeito de olhar, como haviam estado naquele momento, sem se fechar para o tecido macio de trama fina. Puxei o véu inteiro para junto de mim, voltei a dobrá-lo, quase em pânico, e o enfiei dessa vez junto à minha pele, por dentro da camisa. Esforcei-me para acertar todos os botões nas suas devidas casas. Nada de errado com minha camisa. Meu paletó estava imundo, apesar de intacto, mas todos os seus botões haviam desaparecido, até mesmo os que adornavam as mangas e que já não tinham nenhum uso, sendo meramente decorativos. Baixei os olhos até os sapatos. Estavam furados, esfarrapados e mal se mantinham inteiros. Como pareciam estranhos, como eram diferentes das coisas que eu havia visto recentemente, por serem feitos de um couro tão fino.

Caíram pétalas no meu cabelo. Levantei a mão e espanei uma pequena revoada delas, brancas e cor-de-rosa, enquanto iam caindo nas minhas calças e sapatos.

— Memnoch! — disse eu, de repente, olhando ao meu redor. Onde ele estava? Eu estaria ali sozinho? Muito, muito ao longe a procissão de almas felizes passava pela ponte. Será que os portões se haviam aberto e fechado, ou teria sido uma ilusão?

Olhei para a esquerda, para um bosque de oliveiras e vi parada à sua sombra uma figura que a princípio não reconheci, mas em seguida percebi se tratar de Memnoch, como o Homem Comum. Ele estava ali tranqüilo, olhando para mim, com uma expressão rígida e sinistra. Depois, a imagem começou a crescer e se ampliar, surgiram suas enormes asas negras, suas pernas tortas de bode, seus cascos fendidos, e o rosto do anjo reluziu como num granito negro com vida. Memnoch, meu Memnoch, o Memnoch que eu conhecia mais uma vez, vestido como o demônio.

Não ofereci resistência. Não cobri meu rosto. Examinei os detalhes do seu torso coberto pela túnica, o caimento do tecido sobre as horrendas pernas

peludas. Os cascos fendidos estavam fincados no chão abaixo dele, mas suas mãos e braços eram seus próprios braços e mãos belíssimas. O cabelo era a juba ondulante, só que negra como azeviche. E em todo o Jardim ele era a única pura ausência de cor, opaco, ou pelo menos visível aos meus olhos, aparentemente sólido.

— A discussão é simples — disse ele. — Você agora tem alguma dificuldade para entendê-la?

Suas asas negras estavam recolhidas, abraçando o corpo, com as pontas inferiores curvadas para a frente, perto dos pés, para não arrastarem no chão. Ele veio na minha direção, num horrendo movimento animalesco, portando a cabeça e o torso avassaladoramente perfeitos, um ser estropiado, calcado numa concepção humana do mal.

— Você tem razão — disse ele e se sentou lentamente, quase com dor; com as asas mais uma vez empalidecendo já que elas nunca poderiam ter permitido essa posição. E ali estava ele sentado, o deus-bode, olhando para mim, com o cabelo desgrenhado, mas o rosto tão sereno quanto sempre, nem mais áspero, nem mais simpático, nem mais sábio, nem mais cruel, porque havia sido esculpido nas trevas em vez de ser a trêmula imagem da carne.

Ele começou a falar.

— Você sabe que o que Ele de fato fez foi o seguinte. Ele repetiu inúmeras vezes para mim, "Memnoch, tudo no universo é usado... é aproveitado... você compreende?" E Ele desceu, sofreu, morreu e se levantou dos Mortos para consagrar o sofrimento humano, para sacralizá-lo como um meio para um fim. O fim era a iluminação, a superioridade da alma.

— Mas o mito do Deus que sofria e morria, quer estejamos falando de Tammuz da Suméria, de Dionísio da Grécia, quer de qualquer outra divindade no mundo inteiro, cuja morte e mutilação tenha precedido a Criação, essa foi uma idéia Humana! Uma idéia concebida pelos seres humanos que não conseguiam imaginar uma Criação a partir do nada, uma Criação que não envolvesse um sacrifício. O Deus Moribundo que dá à luz o Homem era uma idéia nova nas mentes daqueles que eram primitivos demais para conceber qualquer coisa absoluta e perfeita. Portanto, Ele, Deus Encarnado, se enxertou em mitos humanos que procuram explicar as coisas como se elas tivessem significado, quando talvez não tenham.

— É.

— Qual foi Seu sacrifício ao criar o mundo? — perguntou Memnoch. — Ele não era Tiamat assassinado por Marduk. Ele não é Osíris, esquartejado! A que foi que Ele, Deus Todo-poderoso, renunciou para criar o universo material? Não me lembro de ter visto nada sendo tirado d'Ele. Que tudo saiu d'Ele, é fato, mas não me lembro de que Ele tenha sido diminuído, dizimado, mutilado ou inferiorizado pelo ato da Criação Física! Após a Criação dos planetas e das estrelas, Ele era o mesmo Deus! Se é que houve uma diferença, Ele foi beneficiado, ou pareceu ser aos olhos dos Seus anjos, quando eles cantavam em louvor de aspectos novos e variados da Sua Criação. Sua própria natureza de Criador cresceu e se expandiu na nossa percepção, à medida que a evolução seguia Seu caminho.

— No entanto, quando Ele veio como Deus Encarnado, Ele imitou os mitos

que os homens haviam criado para tentar santificar todo o seu sofrimento, para tentar afirmar que a história não é um horror, mas que tem significado. Ele mergulhou na religião feita pelos homens e a pôs Sua Graça Divina àquelas imagens. Ele santificou o sofrimento com Sua morte, embora ela *não* houvesse sido santificada na Sua Criação, você está entendendo?

— Foi uma Criação sem sangue e sem sacrifício — disse eu. Minha voz estava apática, mas minha mente nunca havia estado mais alerta. — É isso o que você está dizendo. Mas Ele acredita mesmo que o sofrimento é sacrossanto ou que pode ser. Nada se desperdiça. Tudo é aproveitado.

— É. Mas minha posição quanto a isso é que ele tomou a falha horrível no Seu cosmo, a dor humana, a aflição, a capacidade de sofrer injustiças inomináveis, e encontrou um lugar para ela, recorrendo às piores superstições dos Homens.

— Mas quando as pessoas morrem, o que acontece? Será que Seus fiéis encontram o túnel, a Luz e os entes queridos?

— Nos lugares em que viveram em paz e prosperidade, geralmente, sim. Elas ascendem sem ódio ou rancor, direto ao Paraíso. E o mesmo acontece com algumas que não têm absolutamente nenhuma fê n'Ele ou nos Seus ensinamentos.

— Porque elas também são Iluminadas.

— É. E isso O deixa gratificado além de ampliar Seu Paraíso; e o Paraíso é sempre aperfeiçoado e enriquecido por essas novas almas de todos os cantos do mundo.

— Mas o Inferno também está cheio de almas.

— O Inferno supera tanto em tamanho o Paraíso a ponto de ser ridículo. Onde foi no planeta que Ele imperou e não houve sacrifício, injustiça, perseguição, tormentos, guerra?! Todos os dias meus discípulos confusos e amargurados aumentam em número. Há épocas de tanta privação e horror que poucas almas chegam a ascender a Ele.

— E Ele não se importa.

— Exatamente. Ele diz que o sofrimento dos seres sencientes é como a decomposição. Ele fertiliza o crescimento das suas almas! Das Suas alturas elevadíssimas, Ele observa um massacre e vê magnificência. Vê que homens e mulheres nunca amaram tanto como quando perdem seus entes queridos, nunca amaram tanto como quando se sacrificam pelos outros em nome de alguma noção abstrata d'Ele, nunca amaram tanto como quando o exército invasor se abate sobre eles para devastar o lar, dividir o rebanho e pegar corpos de bebês no ar com suas lanças.

— Sua justificativa? Faz parte da Natureza. Foi o que Ele criou. E se almas abatidas e amarguradas precisam primeiro cair nas minhas mãos e passar pela minha tutela no Inferno, tanto mais admiráveis elas serão!

— E sua missão vai ficando cada vez maior.

— Sim e não. Eu estou vencendo. Mas preciso vencer nos Seus termos. O Inferno é um local de sofrimento. Mas vamos rever tudo com cuidado. Veja bem o que Ele fez.

— Quando ele abriu os portões do Sheol, quando Ele desceu até as trevas do Sheol, como o deus Tammuz no inferno sumeriano, as almas acorreram a Ele,

viram Sua redenção e viram os ferimentos nos Seus Pés e Mãos. E o fato de que Ele morresse por elas deu um foco à sua confusão. E é claro que elas entraram com Ele, em enorme quantidade, pelos Portais do Paraíso, pois tudo que haviam sofrido pareceu de repente ter um significado.

— Mas será que tinha um significado? Será que se pode dar um significado sagrado ao ciclo da Natureza simplesmente com um mergulho da Identidade Divina nele? Será que isso é suficiente?

— E o que dizer das almas que encolhem no amargor, que nunca florescem enquanto os tacões dos guerreiros as pisoteiam? O que dizer das almas deformadas e retorcidas por alguma injustiça inominável, que entram na eternidade, praguejando? O que dizer de todo o mundo moderno, que sente uma raiva pessoal de Deus, raiva suficiente para amaldiçoar Jesus Cristo e o próprio Deus, como Lutero, como Dora, como você mesmo, como todo mundo amaldiçoou?

— As pessoas no seu mundo moderno do final do século XX nunca deixaram de acreditar n'Ele. A questão é que elas O odeiam. Elas nutrem ressentimentos contra Ele. Ficam furiosas com Ele. Elas se sentem... elas se sentem...

— Superiores a Ele — disse eu, baixinho, perfeitamente consciente de estar proferindo agora algumas das próprias palavras que eu mesmo dissera a Dora. Nós odiamos Deus. Nós O odiamos.

— É — disse ele. — Você se sente superior a Ele.

— E *você* se sente superior.

— Também. No Inferno eu não posso lhes mostrar Suas chagas. Isso não vai convencê-los, essas vítimas, esses sofrendores furiosos, queixosos, de uma dor fora do alcance da Sua imaginação. Só posso lhes dizer que foram os padres dominicanos em Seu Nome que queimaram seus corpos vivos, considerando-os bruxos. Ou que, quando suas famílias, seus clãs e aldeias foram aniquilados por soldados espanhóis, não foi errado porque Seus Pés e Mãos Ensanguentados estavam na bandeira que os homens levaram para o Novo Mundo. Você acha que isso tiraria alguém do Inferno, a descoberta de que Ele permitiu que tudo acontecesse? E que permite que outras almas façam sua ascensão sem sofrer nenhuma dor?

— Se eu fosse começar sua instrução com essa imagem, a de que Cristo Morreu por Eles, quanto tempo você acha que demoraria a educação de uma alma no Inferno?

— Você ainda não me disse o que é o Inferno e como você ensina lá.

— Eu organizo as coisas à minha maneira, isso eu lhe garanto.

— Pus meu trono acima do Seu trono, como os poetas e os redatores das Escrituras dizem, porque sei que, para que as almas alcancem o Paraíso, o sofrimento nunca foi necessário, que a plena compreensão e receptividade a Deus nunca exigiu um jejum, uma flagelação, uma crucificação, uma morte. Sei que a alma humana transcendia a Natureza e não precisava de nada mais do que saber apreciar a beleza para isso! Já era Já antes de sofrer! Da mesma forma que depois! O que o sofrimento ensinou a Já que ele não sabia antes?

— Mas como você compensa isso no Inferno?

— Não começo lhes dizendo que para Ele o olho humano expressa a perfeição da criação quando olha com horror para um corpo mutilado da mesma forma que expressa a perfeição da criação quando admira com tranqüilidade um jardim.

— E Ele insiste que tudo está ali. Seu Jardim Selvagem, Lestat, é a versão d'Ele da Perfeição. Tudo evoluiu da mesma semente, e eu, Memnoch, o Demônio, não consigo ver dessa forma. É que eu tenho a mente simples de um anjo.

— Como você O combate no Inferno e ainda assim ganha o Paraíso para os condenados, então? Como?

— O que você acha que é o Inferno, Lestat? A esta altura, você já deve ter uma idéia.

— Em primeiro lugar, é o que chamamos de purgatório — disse eu. — Ninguém está fora do alcance da redenção. Compreendi isso a partir da sua discussão no campo de batalha. E então, o que devem sofrer as almas no Inferno para se qualificarem plenamente para o Paraíso?

— O que você acha que elas deveriam sofrer?

— Não sei. Estou assustado. Estamos prestes a ir até lá, não estamos?

— Estamos, mas eu gostaria de saber o que é que você espera.

— Não sei o que esperar. Sei que criaturas que roubaram a vida de outras, como eu fiz, deveriam sofrer por isso.

— Sofrer ou pagar?

— Qual seria a diferença?

— Bem, suponha que você tivesse uma oportunidade de perdoar Magnus, o vampiro que o trouxe a essa vida, imagine que ele se postasse diante de você e dissesse, "Lestat, perdoe-me por arrancá-lo da sua vida mortal, colocá-lo fora da Natureza e fazê-lo beber sangue para viver. Faça comigo o que quiser, para poder me perdoar". O que você faria?

— Você escolheu um péssimo exemplo. Não sei se não o perdoei. Acho que ele não sabia o que estava fazendo. Não me importo com ele. Ele era louco. Era um monstro do Velho Mundo. Ele me fez seguir pela Estrada do Mal por algum impulso deturpado, impessoal. Nem chego a pensar nele. Não ligo para ele. Se ele precisar procurar algum perdão, que seja dos mortais que matou quando existia.

— Na sua torre, havia uma masmorra, cheia de mortais assassinados, rapazes que se pareciam comigo, homens que ele havia levado até ali aparentemente para testar e que depois matou em vez de iniciá-los. Ainda me lembro deles. Mas era só mais uma forma de massacre: pilhas de corpos de rapazes, todos de cabelos louros e olhos azuis. Seres jovens privados de potencial e da própria vida. Seu perdão teria de vir de todos aqueles de quem ele roubou a vida de alguma forma. Ele teria de conquistar o perdão de cada um.

Eu começava a tremer de novo. Minha raiva era minha velha conhecida. E como eu havia ficado furioso, muitas vezes, quando outros me acusavam dos meus vários ataques irresponsáveis a homens e mulheres mortais. A crianças. Crianças indefesas.

— E você? — perguntou-me ele. — Para você entrar no Paraíso, o que

você acha que seria necessário?

— Bem, parece que trabalhar para você resolve a questão — disse eu, em tom desafiador. — Pelo menos, acho que resolveria a partir do que você me disse. Mas na realidade você não me transmitiu exatamente o que faz! Você me relatou a história da Criação e da Paixão, dos Seus Métodos e dos Métodos d'Ele; você descreveu como se opõe a Ele na Terra; e posso imaginar as ramificações dessa oposição. Nós dois somos sensualistas. Nós dois acreditamos na sabedoria da carne.

— A isso eu digo amém.

— Mas você não chegou a uma explicação plena do que faz no Inferno. E de como pode estar ganhando. Você os está mandando rapidamente para os braços d'Ele?

— Rapidamente e com uma aceitação poderosa — disse ele. — Mas agora não estou falando da oferta que lhe fiz ou da minha oposição a Ele na Terra. O que estou lhe perguntando é o seguinte. Considerando-se tudo o que você viu, *o que você acha que o Inferno deve ser?*

— Tenho medo de responder, porque lá é o meu lugar.

— Você nunca sente assim tanto medo de nada. Prossiga. Faça uma declaração. O que você acha que o Inferno deveria ser? O que uma alma deveria ter de suportar para ser digna do Paraíso? Será que basta dizer, "Creio em Deus"? "Jesus, creio em Vosso Sofrimento"? Será que basta dizer, "Eu me arrependo de todos os meus pecados porque eles Vos ofendem, meu Deus"? Ou dizer, "Eu me arrependo porque, quando estava na Terra, eu de fato não acreditei em Vós e agora que sei que é verdade, bastou uma olhada nesse lugar infernal para eu estar pronto! Eu nunca faria nada do mesmo jeito, e por favor permita minha entrada no Paraíso bem depressa"?

Não respondi.

— Será que todo mundo deveria simplesmente ir para o Céu? — perguntou ele. — Quer dizer, será que todos deveriam ir?

— Não, não pode ser assim. Não criaturas como eu, não criaturas que torturaram e mataram outras criaturas, não pessoas que imitaram com seus atos castigos tão severos quanto a peste, o fogo ou terremotos, ou seja, não pessoas que tenham cometido crimes que feriram outros com intensidade igual à de catástrofes naturais ou pior do que elas. Não pode estar certo que elas vão para o Céu, não se não souberem, não se não compreenderem, não se não tiverem começado a perceber o que fizeram! O Paraíso se transformaria no Inferno num piscar de olhos se toda alma cruel, egoísta, perniciosa fosse para o Paraíso. Não quero me deparar no Paraíso com os monstros impenitentes da Terra! Se for assim tão fácil, o sofrimento deste mundo é praticamente...

— Praticamente o quê?

— Imperdoável — murmurei.

— O que *seria* perdoável, do ponto de vista de uma alma que morreu em meio à dor e à confusão? Uma alma que soubesse que Deus não se importava?

— Não sei — respondi. — Quando você descreveu os eleitos no Sheol, o primeiro milhão de almas que você fez passar pelos Portais do Paraíso, você não mencionou monstros arrependidos. Você estava falando de pessoas que haviam

perdoado a Deus por um mundo injusto, não foi?

— É verdade, foi o que eu disse. Foi o que concluí. Foi o que levei comigo com certeza até os Portais do Paraíso, sim.

— Mas você falou exclusivamente como se essas pessoas houvessem sido vítimas da injustiça divina. Você nem tocou no assunto das almas dos culpados. Aqueles como eu, os transgressores, aqueles que eram os autores das injustiças.

— Você não acha que eles também têm sua história?

— Alguns podem ter desculpas, entranhadas na sua estupidez, na sua simplicidade e no seu medo da autoridade. Não sei. Mas muitos, muitos malfetores devem ser exatamente como eu. Eles sabem o quanto são nefastos. Não ligam. Fazem o que fazem porque... porque adoram fazê-lo. Eu adoro criar vampiros. Adoro beber sangue. Eu adoro tirar a vida. Sempre adorei.

— É realmente por isso que você bebe sangue? Só por gostar? Ou não seria porque você foi transformado num perfeito mecanismo sobrenatural que anseia eternamente pelo sangue e que só vive de sangue? Arrancado da sua vida e transformado num reluzente Filho da Noite por um mundo injusto que não ligou para você ou para seu destino nem um pouco mais do que você estava ligando para qualquer criancinha que estivesse morrendo de fome naquela noite em Paris?

— Não justifico o que eu faço ou o que eu sou. Se você acha isso, se for esse o motivo pelo qual você quer que eu me encarregue do Inferno para você, ou acuse Deus... então escolheu a pessoa errada. Onde estão aquelas almas, as dos que matei? Elas estavam prontas para o Paraíso? Foram para o Inferno? Essas almas estão soltas da sua identidade e ainda se encontram no turbilhão entre o Inferno e o Paraíso? Existem almas ali, eu sei. Eu as vi, almas que ainda terão de encontrar um lugar ou o outro.

— É, é verdade.

— Eu poderia ter mandado almas para o redemoinho. Sou a encarnação da voracidade e da crueldade. Devorei os mortais que matei como se fossem comida e bebida. Não tenho como justificar isso.

— Você acha que eu quero que você se justifique? — perguntou Memnoch. — Que tipo de violência eu cheguei a justificar até agora? O que o faz pensar que eu gostaria de você se você justificasse ou defendesse seus atos? Eu alguma vez defendi alguém que tivesse feito outra pessoa sofrer?

— Não, não defendeu.

— E então?

— O que é o Inferno, e como você o governa? Você não quer que as pessoas sofram. Você nem parece querer que eu sofra. Você não pode apontar para Deus e dizer que Ele torna tudo Bom e Pleno de Significado! Não pode. Você é Sua oposição. Portanto, o que é o Inferno?

— O que você acha que ele é? — voltou ele a perguntar. — O que você poderia aceitar moralmente... antes de me rejeitar de uma vez?! Antes de fugir de mim. Em que tipo de Inferno você poderia acreditar? E, se estivesse no meu lugar, que tipo de Inferno você criaria?

— Um lugar onde as pessoas se dessem conta do que fizeram aos outros; onde encarassem cada detalhe e percebessem cada partícula, de tal modo que

elas *nunca mais* voltassem a agir da mesma forma. Um lugar onde as almas fossem, literalmente, reformadas pelo conhecimento do que fizeram de errado, de como poderiam tê-lo evitado e do que deveriam ter feito. Quando elas *compreendessem*, como você falou a respeito dos Eleitos do Sheol, quando elas pudessem *perdoar* não só a Deus por essa enorme confusão, mas a si mesmas por seus próprios fracassos, suas próprias reações horríveis de fúria, sua própria mesquinhez e despeito, quando elas amassem todos plenamente em total perdão, então elas seriam dignas do Paraíso. *O Inferno teria de ser o lugar onde elas vissem as conseqüências dos seus atos, mas com uma compreensão plena e misericordiosa de quão pouco elas mesmas sabiam.*

— Exatamente isso. Saber o que feriu os outros, perceber o que você não sabia, pois ninguém lhe havia transmitido o conhecimento, e mesmo assim você teve o poder! E perdoar isso, perdoar às suas vítimas, perdoar a Deus e perdoar a si mesmo.

— É. Seria assim. Isso daria um fim à minha raiva, à minha indignação. Eu não poderia agitar meu punho mais, se ao menos pudesse perdoar a Deus, aos outros e a mim mesmo.

Ele não disse nada. Continuou sentado, de braços cruzados, olhos bem abertos, a testa escura e lisa praticamente sem ser tocada pela umidade do ar.

— É isso o que é, não é? — perguntei, temeroso. — É... é um lugar onde se pode aprender a compreender o que se fez a outro ser... onde se chega a perceber o sofrimento que se infligiu aos outros!

— É, e é terrível. Eu o criei e o governo de modo a restaurar a integridade às almas dos justos e dos injustos, daqueles que sofreram crueldades e daqueles que as cometeram. E a única lição desse Inferno é o Amor.

Eu estava apavorado, tão apavorado quanto havia estado na hora da entrada em Jerusalém.

— Ele adora minhas almas quando elas chegam a Ele — disse Memnoch. E Ele vê cada uma como uma justificação das Suas Leis!

Sorri com ironia.

— A guerra é esplêndida para Ele; a peste é de enorme beleza aos Seus olhos; e o sacrifício Lhe parece uma ampliação pessoal da Sua Glória! Como se Ele nunca houvesse feito o sacrifício! Ele procura me assoberbar com números. Mais injustiças foram perpetradas em nome da Cruz do que por qualquer outra causa, símbolo, filosofia ou credo na Terra.

— E eu esvazio o Inferno tão depressa, alma por alma, falando a verdade sobre o que os humanos sofrem, o que os humanos sabem e o que os humanos podem fazer, que minhas almas entram em multidões pelos Seus portais.

— E quem você acha que entra no Inferno sentindo-se mais lesado? Mais furioso e implacável? A criança que morreu numa câmara de gás num campo de extermínio? Ou um guerreiro com sangue até os cotovelos a quem disseram que, se exterminasse os inimigos do estado, encontraria seu lugar no Valhalla, no Paraíso ou no Céu?

Não respondi. Continuei em silêncio, prestando atenção a ele, a observá-lo.

Ele se inclinou para a frente, exigindo minha atenção de modo ainda mais deliberado e, enquanto ia fazendo isso, ele mudou, mudou, diante dos meus olhos,

de Demônio, de homem-fera de pernas de bode, de cascos fendidos, para anjo, Memnoch, Memnoch na sua túnica solta e sem importância, com os olhos claros olhando radiantes para mim, por baixo das sobrancelhas douradas e carrancudas.

— O Inferno é onde eu endireito as coisas que Ele entortou. O Inferno é onde eu reintroduzo uma disposição de espírito que poderia ter existido se o sofrimento nunca a houvesse destruído! O Inferno é onde eu ensino a homens e mulheres que eles podem ser melhores do que Ele.

— Mas essa é a minha punição, o Inferno, por discutir com Ele, que devo ir lá ajudar as almas a cumprir seu ciclo como Ele o vê, que devo morar lá com elas! E que, se eu não as ajudar, se eu não as instruir, elas podem ficar lá para sempre!

— Mas o Inferno não é o meu campo de batalha.

— A terra é que é. Lestat, eu O combato não no Inferno, mas na Terra. Vagueio pelo mundo procurando derrubar cada edifício que ele ergueu para santificar o sacrifício e o sofrimento, para santificar a agressão, a crueldade e a destruição. Tiro homens e mulheres das igrejas e templos para que dançam, cantem, bebam, abracem-se mutuamente com licenciosidade e amor. Faço de tudo para revelar a mentira no centro das Suas religiões! Procuro destruir as mentiras cujo crescimento Ele vem permitindo à medida que o Universo Vai Se Expandindo.

— Ele é o único ser que pode aproveitar o sofrimento com impunidade! É isso porque é Deus e não sabe o que o sofrimento significa, nem nunca soube. Ele criou seres mais conscienciosos e amorosos do que Ele próprio. E a vitória final sobre todo o mal humano virá somente quando Ele for destronado, de uma vez por todas, desmistificado, ignorado, repudiado, afastado, e quando os homens e mulheres procurarem o bom, o justo, o ético e o amoroso em cada um e por todos.

— Eles estão tentando fazer isso, Memnoch! Estão, sim! — disse eu. — É isso o que querem dizer quando afirmam que O odeiam. Era essa a intenção de Dora quando disse, "Pergunte a Ele por que permite tudo isso!" Quando cerrou os punhos!

— Eu sei. Agora, você quer me ajudar a combatê-Lo e à sua Cruz ou não?

— Você vai se dispor a ir comigo da Terra ao Céu e àquele Inferno repulsivo do reconhecimento doloroso, repulsivo com sua obsessão pelo sofrimento d'Ele?! Você não me servirá num lugar, no outro ou no outro. Mas em todos os três. E como eu, você pode logo vir a considerar o Paraíso exatamente tão insuportável na sua intensidade quanto o Inferno. Sua felicidade fará com que você anseie por curar o mal que Ele fez. Você procurará o Inferno para trabalhar com aquelas almas torturadas e confusas, para ajudá-las a sair do lodaçal e entrar na Luz. Quando você estiver na Luz, não conseguirá se esquecer delas! É isso o que significa me servir.

Ele fez uma pausa e então perguntou.

— Você tem a coragem necessária para vê-lo?

— Eu quero vê-lo.

— Eu o estou avisando, é o Inferno.

— Estou apenas começando a imaginar...

— Ele não vai existir para sempre. Chegará o dia em que o mundo explodirá em pedaços pelos humanos Seus fiéis, ou em que todos os que morrerem serão Iluminados e se renderão a Ele, indo direto para Seus braços.

— Um mundo perfeito ou um mundo destruído, de um jeito ou de outro, um dia chegará o fim do Inferno. E então eu voltarei para o Paraíso, contentando-me em ficar lá pela primeira vez na minha existência desde o início dos Tempos.

— Leve-me com você para o Inferno, por favor. Quero ver como é agora. Ele estendeu a mão e afagou meu cabelo. Pôs as duas mãos nos lados do meu rosto. Elas eram igualmente carinhosas e aconchegantes. Uma sensação de tranquilidade me dominou.

— Tantas vezes no passado, eu quase tive sua alma! Eu a via quase se liberar do corpo, e então a carne forte e sobrenatural, o cérebro sobrenatural, a coragem de herói mantinham a unidade do monstro, e a alma ficava bruxuleando e chamejando ali dentro, fora do meu alcance. E agora, eu agora me arrisco a mergulhá-lo no Inferno antes que você precise ir, mergulhá-lo lá agora quando você pode optar por ir ou vir, na esperança de que você possa ver, ouvir, voltar, ficar do meu lado e me ajudar.

— Será que houve algum dia em que minha alma teria subido aos Céus, passando por você, passando pelo turbilhão?

— O que você acha?

— Eu me lembro de uma vez... quando estava vivo...

— E?

— Um instante luminoso, quando eu estava bebendo e conversando com meu bom amigo, Nicolas, e estávamos juntos numa estalagem no meu vilarejo na França. E surgiu esse momento luminoso em que tudo pareceu tolerável e independentemente belo de qualquer horror que pudesse ser cometido ou que pudesse um dia já ter sido cometido. Só um instante, um momento inebriante. Eu o descrevi uma vez por escrito. Procuro reinvocá-lo. Foi um momento no qual eu poderia ter perdoado qualquer coisa, dado qualquer coisa e talvez no qual eu nem mesmo existisse: em que tudo parecia para além de mim, fora de mim. Não sei. Talvez, se a morte houvesse chegado naquela hora exata...

— Mas veio o medo, medo quando percebi que, mesmo quando se morria, era possível que não se compreendesse nada, que era possível que não houvesse nada...

— ... é. E agora tenho medo de algo pior. De que haja alguma coisa, sem dúvida, e de que ela possa ser pior do que não haver absolutamente nada.

— Você tem razão em pensar assim. Não é preciso muitos instrumentos de tortura para fazer com que homens e mulheres almejem o perdão. Não muito mesmo. Imagine, desejar nunca ter vivido.

— Conheço a idéia. Receio voltar a ter a sensação.

— É prudente da sua parte temer, mas você nunca esteve mais preparado do que agora para o que tenho a revelar.



O vento passava veloz pelo campo pedregoso, a grande força centrífuga a dissolver e liberar aquelas almas que lutavam para afinal se verem livres dele à medida que assumiam uma nítida forma humana e esmurravam os Portais do Inferno, ou vagavam ao longo das muralhas incrivelmente altas, em meio ao bruxuleio dos fogos lá de dentro, estendendo as mãos umas para as outras, em súplica.

Todas as vozes sumiam com o barulho do vento. Almas com formas humanas lutavam e se debatiam. Outras perambulavam como se estivessem à procura de alguma coisa pequena e perdida e depois erguiam os braços, deixando que o redemoinho mais uma vez as levasse.

A forma de uma mulher, magra e pálida, estendeu a mão para reunir um bando errante de almas de criancinhas que choravam, algumas ainda sem idade suficiente para andar. Os espíritos das crianças se desgarraram, num choro de dar pena.

Nós nos aproximamos dos portões, perto de arcos estreitos e pontudos que se erguiam negros e belos como o ônix trabalhado por artífices medievais. O ar estava cheio de gritos suaves e chorosos. Por toda parte, mãos espirituais se estendiam para tentar nos segurar. Os sussurros nos cobriam como os borrachudos e moscas no campo de batalha. Espíritos tentavam puxar meu cabelo e meu paletó.

Ajudem-nos, deixem-nos entrar, malditos, amaldiçoados, levem-me de volta, libertem-me, eu os amaldiçoô para sempre, danem-se, ajudem-me, ajudem... um alarido cada vez maior de opróbrios.

Lutei para conseguir enxergar adiante. Rostos delicados passavam a esmo diante de mim, com bocas arfando quentes e queixosas junto à minha pele.

Os portões não eram absolutamente portões sólidos, mas portais.

E do outro lado estavam os Mortos Solícitos, aparentemente mais sólidos, só que com cores mais nítidas e distintas, mas ainda diáfanas, acenando para as almas perdidas, chamando-as pelo nome, gritando mais alto do que o vento feroz, que as outras deviam encontrar o caminho para entrar, que aquilo ali não era a Danação Eterna.

Archotes eram mantidos no alto. Lanternas ardiam em cima das muralhas. O céu era riscado por relâmpagos e pela grande e mística explosão de centelhas produzida por canhões tanto modernos quanto antigos. O ar estava impregnado pelo cheiro da pólvora e do sangue. Repetidas vezes, os clarões cresciam como

se fosse em algum espetáculo mágico para encantar uma corte chinesa de outrora; e depois as trevas voltavam, finas, insubstanciais e frias, em toda a nossa volta.

— Entrem — entoavam os Mortos Solícitos, os espíritos bem formados e bem proporcionados, fantasmas tão determinados quanto Roger havia sido, usando trajes de todas as épocas e todas as nações, homens e mulheres, crianças, velhos, nenhum corpo opaco, mas nenhum fraco, todos procurando passar por nós para o vale mais além, procurando ajudar os que lutavam, os que praguejavam, os que sucumbiam. Os Mortos Solícitos da Índia nos seus saris de seda; do Egito, em túnicas de algodão; de reinos há muito desaparecidos que deixaram seu legado de roupagens magníficas ornadas com pedras preciosas; trajes do mundo inteiro, as roupas de penas que chamamos de selvagens, as túnicas escuras de sacerdotes, criações de todo o mundo, das mais primitivas às mais esplêndidas.

Grudei-me a Memnoch. Aquilo tudo era belo, ou será que não era horrendo, aquela turba de todas as épocas e nações? Os nus, os negros, os brancos, os asiáticos, aqueles de todas as raças, procurando ajudar, movimentando-se confiantes em meio às almas perdidas e confusas!

O próprio chão machucava meus pés: uma marga escura e pedregosa, salpicada de conchas. Por que isso? Por quê?

Em todas as direções, havia encostas que subiam ou desciam em inclinação suave, indo dar em penhascos escarpados que assomavam ao longe ou em abismos tão fundos e repletos de trevas líquidas e fumarentas que pareciam o próprio inferno.

Portais bruxuleavam e se acendiam; escadarias subiam ou desciam íngremes pelas muralhas altas e desoladas, levando para algum lugar fora do alcance da visão, para vales que eu apenas vislumbrava ou para córregos impetuosos, dourados, fumegantes e vermelhos de sangue.

— Memnoch, ajude-me! — sussurrei. Eu não ousava largar o véu. Não conseguia tapar os dois ouvidos. Os gritos atingiam minha alma como se fossem machados que pudessem arrancar pedaços dela. — Memnoch, isso é insuportável!

— Nós todos o ajudaremos — exclamaram os Espíritos Solícitos, um grupo dos quais veio se aproximando de todos os lados para me beijar e me abraçar, com os olhos arregalados de preocupação. — Lestat veio. Lestat está aqui. Memnoch trouxe Lestat de volta. Entre no Inferno.

Vozes se erguiam, caíam e se sobrepunham, como se uma multidão estivesse rezando o Rosário, cada um tendo começado num ponto diferente, com as vozes tendo se tornado uma cantilena.

— Nós o amamos.

— Não tenha medo. Nós precisamos de você.

— Fique conosco.

— Abrevie nosso tempo.

Senti seu afago tranquilizador, suave, terno, mesmo que a luz forte me apavorasse, as explosões incendiassem o céu de um lado a outro e o cheiro de fumaça subisse pelas minhas narinas.

— Memnoch! — Agarrei-me à sua mão enegrecida enquanto ele ia me puxando. Seu perfil era distante; seus olhos aparentemente examinavam com severidade seus domínios.

E ao longe, abaixo de nós, onde a montanha se dividia, ficavam planícies infinitas, cobertas com mortos que vagavam e discutiam; com os perdidos e os que choravam; os que procuravam e os que tinham medo; com os que estavam sendo conduzidos, reunidos e consolados pelos Espíritos Solícitos; e com outros que corriam direto como se pudessem escapar, só para descobrir que tombavam através das multidões de espíritos, em círculos desesperançados.

De onde vinha essa luz infernal, essa iluminação magnífica e implacável? Explosões de centelhas, súbitos estouros de fogo vermelho, labaredas, cometas que passavam por cima dos picos.

Ouviram-se uivos, que reverberavam nos penhascos. Almas choravam e cantavam. Os Mortos Solícitos se apressavam para ajudar os caídos a se levantar, para encaminhar aqueles que afinal se dispunham a vir a essa ou aquela escadaria, a esse ou aquele portão, boca de caverna ou caminho.

— Eu O amaldiçoo, eu O amaldiçoo! Maldito seja! — O grito ecoava nas montanhas e pelos vales.

— Nenhuma justiça, não depois do que foi feito!

— Você não pode me dizer...

— ... alguém tem de corrigir...

— Venha, estou segurando sua mão — disse Memnoch, e seguiu em frente, com a mesma expressão severa enquanto se precipitava por uma escadaria cheia de ecos, íngreme e perigosamente estreita, que circundava o penhasco.

— Não consigo suportar isso! — protestei. Mas minha voz como que me foi roubada. Enfiei mais uma vez minha mão direita no paletó para sentir o volume do véu, e depois a estendi para tocar a muralha esburacada, caindo aos pedaços. Será que eram entalhes na rocha? Será que eram os lugares em que outras mãos haviam escavado ou por onde procuraram subir? Os gritos e lamentos embotavam meu raciocínio. Havíamos chegado a ainda mais um vale.

Ou teria sido a um mundo, tão vasto e complexo ao seu próprio modo quanto o Paraíso? Pois aqui havia uma infinidade de palácios, torres e arcos, como antes, em tons de marrom-escuro, terra de Siena queimada, ocre e dourado tismado se não enegrecido, e salas cheias de espíritos de todas as épocas e nações novamente, entretidos em debates, discursos, controvérsias ou mesmo canções, alguns se abraçando como amigos recém-encontrados no meio da aflição, soldados uniformizados de guerras antigas e modernas, mulheres nos panjamentos negros e amorfos da Terra Santa, as almas do mundo moderno com seus trajes de lojas agora cobertos de poeira e fuligem, de tal modo que tudo que brilhava tivesse seu brilho amortecido, como se nenhuma cor pudesse emitir brilho próprio na sua glória mais funesta. Elas choravam e se afagavam mutuamente nos rostos, e outras baixavam a cabeça enquanto expressavam sua ira aos berros, com os punhos cerrados.

Almas em hábitos monacais esfarrapados, de pano grosseiro marrom; freiras com as toucas brancas engomadas intactas; príncipes usando mangas bufantes de veludo; homens nus que caminhavam como se nunca houvessem

conhecido roupas; vestidos de riscadinho e renda antiga, de modernas sedas cintilantes e tecidos químicos transparentes e espessos; casacos de soldados de um verde-oliva ou armaduras de bronze reluzente; gibões de camponeses de tecido grosseiro; ou belos ternos de lã da moda moderna; longos vestidos de prata; cabelos de todas as cores se misturando e se embaralhando com o vento; rostos de todas as cores. Os velhos, ajoelhados com as mãos unidas, as carecas rosadas e levemente enrugadas na nuca; e os corpos magros e brancos dos que haviam passado fome na vida bebiam nos riachos como um cachorro beberia, com a boca na água; enquanto outros se recostavam, com os olhos semicerrados, nas rochas e nas árvores disformes, cantando, sonhando e orando.

Meus olhos iam se acostumando à escuridão a cada segundo que passava. Mais detalhes saltavam aos meus olhos; uma compreensão maior iluminava cada centímetro ou metro quadrado do que eu contemplava! Pois em volta de cada alma verdadeira, uma dezena de figuras que dançavam, cantavam ou choravam não era mais do que imagens projetadas por aquela alma e para que aquela alma pudesse se comunicar com elas.

A figura apavorante de uma mulher sendo consumida pelas chamas não era mais do que uma quimera para as almas vivantes que entravam pelo fogo adentro, procurando soltá-la do poste, apagar as labaredas que comiam seu cabelo, salvá-la da sua agonia indescritível! Era o Lugar das Bruxas! Todas estavam sendo queimadas! Vamos salvá-las! Ai, meu Deus, seu cabelo está pegando fogo!

Na realidade, os soldados que estavam alimentando o canhão e cobrindo os ouvidos agora quando davam o tiro não passavam de uma ilusão para aquelas legiões reais, chorando de joelhos; e um gigante enorme brandindo um machado era apenas uma aparição para aqueles que olhavam fixamente para ele, reconhecendo-o estupefatos, vendo nele a si mesmos.

— Eu não posso... eu não posso olhar!

Imagens monstruosas de assassinatos, torturas, lampejaram diante de mim, tão quentes que me queimaram o rosto. Espectros eram arrastados para a morte em caldeirões de piche fervente; soldados caíam de joelhos, com os olhos arregalados; um príncipe de algum esquecido reino persa deu um berro e saltou no ar, com os braços abertos e os olhos negros cheios de reflexos do fogo.

Os lamentos, os sussurros, assumiram a urgência do protesto, da pergunta e da descoberta. Em toda a volta, havia vozes específicas se ao menos se tivesse a coragem de escutar, de isolar das lamúrias enfurecidas os temas finos como fio de aço.

— É, é, e eu achei, e eu sabia...

— ... meus queridinhos, meus filhinhos...

— ... nos seus braços, porque você não, você nunca...

— ... e o tempo todo eu pensava e você...

— Amo você, amo, amo, sim, e sempre... e não, você não sabia. Não sabia, não sabia.

— ... e sempre achei que aquilo era o que eu devia, mas eu sabia, eu achava...

— ... a coragem de me virar e dizer que não era...

— Nós não sabíamos! Não sabíamos.

No final, tudo se mesclava num único grito incessante.

Nós Não Sabíamos!

Diante de mim, surgiu a parede de uma mesquita, apinhada de gente que berrava e cobria a cabeça enquanto o reboco desabava; o ruído da artilharia, ensurdecedor. Espectros, todos eles.

Nós não sabíamos, nós não sabíamos, queixavam-se as vozes das almas. Os Mortos Solícitos reuniam-se de joelhos, com as lágrimas a lhes escorrer pelo rosto...

— Nós compreendemos. Vocês compreendem.

— E naquele ano, só ir para casa e estar com...

— É...

Caí para a frente, tendo batido meu pé numa pedra, e fui lançado no meio de um bando de soldados que estavam de quatro no chão e choravam enquanto procuravam se agarrar uns aos outros e às almas penadas dos derrotados, dos assassinados, dos que haviam morrido de fome, todos eles se balançando e chorando juntos numa só voz.

Ocorreu uma série de explosões, cada uma mais violenta do que a anterior, como só o mundo moderno consegue produzir. O céu tinha a claridade do dia, se o dia pudesse ser incolor, implacável e depois pudesse se dissolver numa escuridão bruxuleante.

A Escuridão Visível.

— Socorro, ajudem-me a sair daqui — gritei, mas eles pareciam não estar ouvindo ou notando meus berros. E, quando procurei por Memnoch, vi apenas duas portas de elevador que se abriam de repente. E diante de mim, surgiu um enorme salão moderno, cheio de lustres sofisticados, pisos polidos e tapetes sem fim. O brilho duro e bem acabado do nosso mundo manufaturado. Roger veio correndo na minha direção.

Roger, com todos os atavios do janota: paletó de seda roxa, calças de corte justo, cabelos perfumados e mãos manicuradas.

— Lestat — gritou ele. — Terry está aqui. Eles estão aqui. Lestat. — Ele se agarrou ao meu casaco. Os mesmos olhos que eu havia visto no fantasma e no ser humano nos meus braços, olhando fixos para mim, o hálito no meu rosto, a sala se dissolvendo em fumaça, o espírito pálido de Terry com seu cabelo louro oxigenado, abraçando-o pelo pescoço, com o rosto em franca perplexidade, os lábios rosados mudos; e a asa de Memnoch descendo, me isolando deles, o chão se abrindo aos meus pés.

— Eu queria lhe falar do véu... — insisti. Lutei. Memnoch não me largou. — Venha por aqui!

Os céus se abriram com mais uma luminosa chuva de centelhas, as nuvens explodiram, entrando em colisão, com os relâmpagos caindo sobre nossas cabeças, e lá veio um temporal trovejante de chuva fria, gélida.

— Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus! — gritei. — Essa não pode ser a sua escola! Deus! Eu digo que não!

— Olhe, *olhe!*

Ele indicou a figura de Roger, de quatro no chão, virando-se como um

cachorro, em meio àqueles que havia assassinado, homens que lhe imploravam, com os braços estendidos; mulheres que rasgavam seus vestidos para mostrar os ferimentos, o matraquear das vozes subindo perigosamente, como se o som do próprio Inferno fosse de repente explodir. E Terry, a mesmíssima Terry, com os braços ainda em volta do seu pescoço. Roger caiu deitado no chão, com a camisa rasgada, os pés descalços, a selva crescendo à sua volta. Tiros ecoavam no escuro. Rajadas de metralhadoras cuspidas suas inúmeras balas letais numa fúria desenfreada. As luzes de uma casa tremeluziam entre trepadeiras e árvores monstruosas. Roger voltou-se para mim, procurando se levantar, voltando a cair, chorando, com as lágrimas a lhe escorrer pelo rosto.

— ... e cada ato isolado, ao seu próprio modo, Lestat, e eu não sabia... não sabia...

Nítido, medonho e exigente, ele se ergueu diante de mim só para recuar em meio à multidão incontável.

Em todas as direções, eu os via. Esses outros.

Cenas e mais cenas, cores cinzentas ganhando brilho ou feneceando numa névoa espessa. E, aqui e ali, elevando-se dos horrendos campos furiosos e turbulentos do Inferno, as Almas Purificadas. Surgiu a batida de tambores; surgiram os gritos lancinantes de alguma tortura insuportável. Um grupo de homens usando túnicas brancas, grosseiras, foi empurrado para as achas em chamas, com seus braços apelando para as almas que se encolhiam, uivavam e berravam de remorso, de um reconhecimento terrível.

— Meu Deus, meu Deus, nós dois estamos perdoados!

O que seria esse súbito turbilhão de vento imundo e fétido?

Para o alto iam as almas, de braços abertos, com seus trajes de repente arrancados ou apagados, transformados nas túnicas indistinguíveis dos que foram Salvos, através do Túnel que se abria.

Vi a Luz. Vi os inúmeros espíritos que voavam soltos pelo Túnel acima na direção do fulgor celeste. O Túnel era perfeitamente circular e ia se alargando à medida que elas subiam. E por um instante, um ínfimo instante abençoado, os cânticos do Paraíso ecoaram pelo túnel abaixo, como se suas curvas não fossem de vento, mas de algo sólido que pudesse fazer reverberar essas canções etéreas e seu ritmo organizado, com sua beleza pungente penetrando no sofrimento catastrófico desse lugar.

— Eu não sabia, eu não sabia! — erguiam-se as vozes. O Túnel fechou. Cambaleei, voltando-me para um lado e para o outro. Aqui, soldados torturavam uma jovem com suas lanças enquanto outros choravam e procuravam se lançar entre o corpo que se debatia e os que a atormentavam. Ali, criancinhas corriam sobre pernas gorduchas, com mãozinhas estendidas para serem carregadas nos braços de pais, mães, assassinos, em pranto.

E, grudado ao chão, com o corpo coberto por uma armadura, a barba longa e vermelha, a boca aberta num uivo, jazia um que amaldiçoava Deus, amaldiçoava o Demônio e todo o Destino.

— *Eu não vou, não vou, não vou!*

— E quem está atrás daquelas portas — disse um tristonho Espectro Sólido, com seu lindo cabelo tremeluzindo ao seu redor numa brancura etérea,

com a mão suave no meu rosto. — Está vendo... — As portas duplas a ponto de abrir, as paredes recobertas de livros. — Seus mortos, meu querido, seus mortos, todos os que você matou!

Fixei meu olhar no soldado caído de costas, que vociferava da sua boca cercada de barba vermelha.

— Nunca, eu nunca vou dizer que aquilo estava certo, nunca, nunca...

— Meus mortos, não — protestei. Voltei-me e saí correndo. Tropecei e caí de novo com o rosto no chão em meio à multidão aconchegante. Mais além, as ruínas de uma cidade arrasada pelo fogo. Paredes desabavam por toda parte. Mais uma explosão de canhão, e mais outra. O ar se encheu de um gás repulsivo. As pessoas caíam tossindo e engasgadas sem poder respirar. O coro de EU NÃO SABIA fundiu-se todo num uníssono que era pior do que qualquer outra coisa!

— AJUDEM-ME! — gritava eu, sem parar. Nunca havia experimentado tanto alívio ao berrar, uma covardia tão pura e cheia de abandono, gritar para os Céus nesse lugar esquecido por Deus, onde os gritos eram o próprio ar e ninguém ouvia, ninguém a não ser os sorridentes Mortos Solícitos.

— Aprenda, meu querido.

— Aprenda. — Sussurros como beijos. Um espectro, de um indiano, com turbante, rosto moreno. — Aprenda, meu jovem.

— Olhe para cima, veja as flores, veja o céu... — Um Espírito Solícito dançava em círculos, com o vestido branco passando por dentro e por fora das nuvens e de jatos de fuligem e imundície, seus pés afundando na marga mas parando com firmeza.

— Não me engane! Não há jardim nenhum aqui! — gritei. Eu estava de joelhos. Minhas roupas estavam rasgadas, mas dentro da camisa estava o véu. *Eu estava com ele.*

— Pegue minha mão...

— Não, largue-me! — Enfiei a mão no paletó para cobrir o véu. Surgiu uma figura pálida, cambaleando na minha direção, com a mão estendida.

— Você, menino maldito, menino imundo, você nas ruas de Paris, como o próprio Lúcifer, cheio de luz dourada, você! Pense no que você me fez!

A taberna ganhou forma, com o rapaz caindo para trás pelo golpe do meu punho mortal, os barris rolando por cima e os grunhidos dos homens bêbados e desgrenhados que fechavam a roda em torno de mim.

— Não, pare com isso — urrei. — Afaste-o de mim. Não me lembro dele. Nunca o matei. Não me lembro, eu lhe digo. Não consigo...

— Claudia, onde é que você está? Onde está *voce*, aquela a quem fiz mal? Claudia! Nicolas, ajude-me!

Mas será que eles estavam ali, perdidos naquela torrente, ou já não estavam mais, tendo há muito passado pelo Túnel para a glória resplandecente lá no alto, para a música abençoada que entretecia o silêncio nos seus próprios acordes e melodias? Tomara que já tivessem ido embora, que já estivessem lá, lá em cima.

Meus próprios gritos haviam perdido toda a dignidade; e no entanto como pareciam desafiadores aos meus próprios ouvidos.

— Ajude-me, alguém! Socorro!

— Você precisa morrer primeiro para me servir? — perguntou Memnoch, surgindo diante de mim, o granítico anjo das trevas, com as asas abertas. Ah, sim, risquem os horrores do Inferno, por favor, mesmo nessa mais monstruosa das formas! — Você grita no Inferno como cantava no Paraíso. Este é meu reino. Este é nosso trabalho. Lembre-se da Luz!

Caí sobre meu ombro, machucando o braço esquerdo, mas recusando-me a soltar minha mão direita do véu. Vi de relance o céu azul lá em cima e as flores de pessegueiro caindo da folhagem verde da árvore mesmo com os frutos suculentos ainda grudados aos galhos.

Uma fumaça atingiu meus olhos.

— Agora eu sei que ninguém mais pode me perdoar a não ser eu mesma — disse-me uma mulher de joelhos. — Mas como eu pude fazer aquele tipo de coisa com ela, e ela tão pequena, como eu pude?...

— Achei que eram as outras coisas — murmurou uma menina pequena que estava segurando meu pescoço, com o nariz tocando o meu enquanto falava

— mas você sabe que a delicadeza, só o fato de segurar sua mão e ele...

— Perdoem! — disse Memnoch, e abriu caminho, afastando as almas, com delicadeza. Mas a multidão era esmagadora. Figuras pálidas passavam correndo por cima de mim como se estivessem indo na direção de alguma forma de trégua que eu não pudesse ver, ou alguma fonte de alarme.

— Perdoem! — murmurou Memnoch.

Com um puxão, ele levantou o monge coberto de sangue, o hábito marrom esfarrapado, os pés cheios de bolhas e queimados por um fogo intencional.

— No seu coração, o poder! — disse Memnoch. — Sejam melhores do que Ele, melhores do que Ele, dêem-Lhe um exemplo.

— Eu amo... até mesmo a Ele... — veio o sussurro dos lábios da alma quando ela de repente se dissolveu. — É, Ele não poderia ter tido a intenção de que sofrêssemos tanto... Não poderia.

— Ele passou na prova? — perguntei. — Essa alma satisfaz os requisitos nesse lugar infernal? O que ele acabou de dizer? Isso bastou? A ignorância de Deus, será que foi suficiente? Será que ele ainda está se debatendo em algum outro ponto nessa sujeira toda? Ou o Túnel o levou para o alto? Memnoch! Ajude-me!

Por toda parte, procurei pelo monge de pés queimados. Procurei e procurei.

Uma explosão destruiu as torres da cidade, e elas desabaram. Aquilo era o dobrar de um sino! A mesquita enorme havia desmoronado. Um homem armado atirava nos que fugiam. Mulheres com véus gritavam ao cair no chão.

Cada vez mais alto tocava o sino.

— Meu Deus, Memnoch, o dobre de um sino, preste atenção, mais de um sino.

— Os sinos do Inferno, Lestat, e eles não estão dobrando por ninguém! Estão soando por nós, Lestat!

Ele me agarrou pela gola como se quisesse me erguer do chão. — Lembre-se das suas próprias palavras, Lestat, os Sinos do Inferno, você ouve o chamado dos Sinos do Inferno.

— Não, deixe-me ir. Eu não sabia o que estava dizendo. Era poesia. Era bobagem. Solte-me. Não consigo agüentar.

Em volta da mesa, abaixo do lustre, umas dez pessoas debatiam acerca do mapa, algumas se abraçando enquanto indicavam várias áreas marcadas em cores neutras. Uma cabeça virou-se. Um homem? Um rosto.

— Você!

— Solte-me. — Virei-me e fui jogado contra uma parede de estantes, com as lombadas brilhando na luz, os livros caindo, atingindo meus ombros, meu Deus, meus braços já não suportavam mais nada. Meu punho atravessou o cintilante globo terrestre, montado no seu bonito arco de madeira. Uma criança de joelhos dobrados estava sentada olhando para mim com as órbitas vazias.

Eu vi o portal e corri.

— Não. Largue-me. Não posso. Não quero. Não vou.

— Não vai? — Memnoch me agarrou pelo braço direito, com o cenho sombrio mais alto do que eu, as asas se flexionando e subindo, tapando novamente a luz enquanto se fechavam para me envolver como se eu lhe pertencesse. — Você não quer me ajudar a esvaziar este lugar, a mandar essas almas para o Paraíso?

— Não posso fazer isso! — gritei. — Não vou fazer isso! — De repente, minha fúria aumentou. Senti que ela obliterava todo o medo, o tremor e a dúvida. Senti que ela corria pelas minhas veias como metal derretido. A velha raiva, a determinação de Lestat. — *Eu não me disponho a fazer parte disso. Não por você, não por Ele, não por eles, por ninguém!* — Recuei cambaleando, encarando-o com raiva.

— Não, isso não. Não por um Deus tão cego quanto Ele; não por alguém que exige de mim o que você exige. Vocês estão loucos, os dois! Não vou ajudá-lo. Não vou. Eu me recuso.

— E você faria isso comigo? Você me abandonaria? — exclamou ele, surpreso, com o rosto escuro contorcido de dor, as lágrimas tremeluzindo nas faces negras e brilhantes. — Você me deixaria com isso tudo e não levantaria um dedo para me ajudar depois de tudo o que fez, Cairn, assassino de Irmãos, assassino de Inocentes? Você não pode me ajudar... ?

— Pare com isso, pare. Não vou ajudá-lo. Não posso apoiar isso. Não posso ajudar uma coisa dessas a acontecer! Não posso criar isso! Não posso tolerar! *Não posso ensinar nessa escola!*

Minha garganta estava rouca e ardia. E o alarido parecia abafar minhas palavras, mas ele as ouviu.

— Não, não, não vou ajudá-lo. Não com essa trama, com essas normas, com esse projeto, nunca, nunca, nunca!

— Covarde — rugiu ele, com os olhos amendoados imensos, e o fogo tremeluzindo na testa e nas faces escuras e rígidas. — Sua alma está nas minhas mãos. Eu estou lhe entregando a salvação a um preço pelo qual os que estão sofrendo aqui há milênios implorariam de joelhos!

— Eu não. Eu me recuso a fazer parte dessa dor, não, não agora e nunca... Vá procurá-Lo, mudem as regras, para que façam sentido, façam-nas melhores, mas isso não, isso está fora dos limites do ser humano, é injusto, injusto, injusto. E

um despropósito.

— Isso aqui é o Inferno, seu idiota! O que estava esperando? Que serviria ao Senhor do Inferno sem sofrer nada?

— Eu me recuso a fazer isso com eles! — berrei. — Que nos danemos você e eu. — Meus dentes estavam cerrados. Eu espumava e me enfurecia com minha própria convicção. — Não vou participar disso com eles! Você não entende? Não posso aceitar uma coisa dessas! Não posso me dedicar a isso. Não posso tolerar. Estou indo embora agora. Você me deu essa opção. Vou voltar para casa! Solte-me!

Eu me voltei.

Ele agarrou meu braço de novo, e dessa vez a fúria em mim não teve limites. Eu o atirei de volta para trás por cima das almas que caíam e se dissolviam. Os Mortos Solícitos se voltavam aqui e ali para testemunhar e protestar, seus pálidos rostos ovais cheios de alarme e aflição.

— Você vai agora — jurou Memnoch, ali mesmo deitado no chão onde eu o havia jogado — e Deus é minha testemunha de que você voltará como meu pupilo e meu aluno de joelhos ao morrer, e nunca mais repetirei essa oferta de fazê-lo meu príncipe, meu assistente!

Fiquei paralisado, olhando para ele ali atrás, para sua figura caída, o cotovelo enfiado nas penugens macias e negras da sua asa enquanto ele se levantava sobre as patas fendidas e investia de novo contra mim, com aquele seu andar coxo e monstruoso.

— Você está me ouvindo?!

— Não posso servi-lo! — urrei a plenos pulmões. — Não posso fazer isso. Eu então me voltei pela última vez, sabendo que não olharia para trás, com apenas uma idéia na cabeça: Fugir! Corri sem parar, escorregando na marga solta e nas margens escorregadias, atravessando a passos pesados os córregos rasos, os grupos assustados de Mortos Solícitos e almas lamuriosas.

— Onde fica a escada? Onde ficam os portais? Isso você não pode me negar. Não tem esse direito. A Morte ainda não me levou! — Eu gritava mas não olhei para trás e não parei de correr.

— Dora! David! Socorro! — gritei.

E a voz de Memnoch veio quase no meu ouvido.

— Lestat, não faça isso. Não vá embora. Não volte para lá. Lestat, não faça isso. É loucura. Você não entende? Por favor, pelo amor de Deus, se você consegue chegar a amá-Lo e a amá-los, ajude-me!

— NÃO! — Virei-me e lhe dei um forte empurrão, vendo-o cair de costas pela escadaria íngreme, a figura atordoada em meio às enormes asas trêmulas, desajeitadas e grotescas. Girei, ficando de costas para ele. Lá adiante, eu via a luz bem no alto, a porta aberta.

Corri para alcançá-la.

— Parem-no! — gritou Memnoch. — Não o deixem sair. Não o deixem levar consigo o véu!

— Ele está com o véu de Verônica! — exclamou um dos Mortos Solícitos, investindo contra mim em meio à escuridão.

Meu pé quase escorregou e, mesmo assim, eu continuei correndo, um

passo após o outro, aos saltos, as pernas doloridas. Dava para eu sentir que eles diminuíam a distância de mim, os Mortos Solícitos.

— Parem-no!

— Não o deixem ir embora!

— Parem-no!

— Tirem o véu dele — gritou Memnoch. — Dentro da camisa, o véu, o véu não pode sair com ele!

Balancei a mão esquerda, empurrando os Mortos Solícitos, o que produziu um ruído suave e amorfo no penhasco. Lá no alto, aparecia a porta. Eu podia ver a luz. Eu via a luz e sabia que era a luz da Terra, brilhante e natural.

As mãos de Memnoch me agarraram pelos ombros e fizeram com que eu girasse.

— Não, você não vai conseguir! — rosnei. — Deus me perdoe. Você me perdoe, mas não vai ficar comigo nem com o véu!

Levantei o braço esquerdo para me proteger das suas mãos que tentavam me alcançar, gadanhando, e lhe dei mais um empurrão, mas ele voou para cima de mim, como se suas asas agora viessem ajudá-lo, e quase encostou minhas costas na escada. Senti que ele enfiava os dedos no meu olho esquerdo! Senti que ele abria as pálpebras, esmagando meu olho para dentro da minha cabeça numa explosão de dor; e depois a massa gelatinosa escorreu pelo meu rosto e pelos meus dedos nervosos.

Ouvi Memnoch arfar.

— Ah, não... — queixou-se ele, levando os dedos à boca, e olhando apavorado para o mesmo objeto para o qual eu estava olhando.

Meu olho, meu olho redondo e azul, trêmulo e reluzente na escadaria. Todos os Mortos Solícitos olhavam para o olho.

— Pise nele, esmague-o — gritou um dos Mortos Solícitos, correndo para a frente.

— É, vamos esmagá-lo, pisar nele, derrotá-lo — gritou outro, lançando-se com violência ao ver o que ocorria.

— Não, não façam isso. Não! Parem, vocês todos! — berrou Memnoch. — Não nos meus domínios, vocês não vão fazer isso.

— Pistem no olho!

Essa era a minha hora; essa era a minha oportunidade. Voei escada acima, com os pés mal tocando os degraus, e senti que minha cabeça e meus ombros mergulhavam através da luz e do silêncio para a neve. E eu estava livre.

Eu estava na terra. Meus pés bateram no chão congelado, na lama escorregadia da neve derretida.

Eu ia correndo, com um olho só e sangrando, com o véu na minha camisa, atravessando a tempestade impetuosa, as rajadas de neve, com meus gritos ecoando nos prédios que eu conhecia, os arranha-céus escuros e inexoráveis da cidade que eu conhecia. Eu estava em casa, na Terra.

O sol acabava de se pôr por trás do sombrio véu cinzento da tempestade que caía. O crepúsculo de inverno tendo sua escuridão devorada pela brancura da neve.

— Dora, Dora, Dora!

Eu corria sem parar.

Mortais indistintos seguiam encurvados em meio à tempestade; mortais indistintos se apressavam por pequenas trilhas escorregadias. Automóveis se arrastavam pelo neveiro, com os faróis perscrutando a brancura que assomava e se adensava. A neve vinha em rajadas tão fortes que eu caí e lutei para me pôr de joelhos. Mesmo assim, eu seguia em frente.

Os arcos e as torres pontudas da catedral de St. Patrick surgiram diante de mim. St. Patrick.

E mais adiante, o paredão do Olympic Tower subindo direto, o vidro como pedra polida, aparentemente invencível, sua altura monstruosa, como se, como a Torre de Babel, ela estivesse tentando chegar direto aos Céus.

Parei, com o coração a ponto de arrebentar.

— Dora! Dora!

Cheguei às portas do saguão de entrada, a iluminação estonteante, os pisos muito lisos, a multidão de mortais, mortais sólidos por toda parte, voltando-se para ver o que passava rápido demais para ser visto. Música enjoativa e luzes tranqüilizadoras, a afetação do aconchego artificial!

Encontrei o poço da escada, subi no meu vôo como uma cinza levada para o alto da chaminé e destruí a porta de madeira do apartamento, entrando cambaleante na sala.

Dora.

Eu a vi, senti seu cheiro, o cheiro do sangue no meio das suas pernas novamente, vi seu rostinho delicado, branco e assustado; e de cada lado dela, como duendes em historinhas para crianças e em contos do inferno, Armand e David, vampiros, monstros, os dois com os olhos fixos em mim, no mesmo assombro total.

Esforcei-me para abrir o olho esquerdo que não estava mais lá e então virei minha cabeça de um lado para o outro para ver os três nitidamente com um único olho, o direito, que eu ainda tinha. Eu sentia uma dorzinha penetrante, como um monte de agulhas nos tecidos vazios onde antes estava meu olho esquerdo.

Ah, o horror no rosto de Armand. Ele estava ali parado, na sua antiga elegância, com um pesado casaco de veludo que só se vê em vitrines de loja, renda moderna, botas reluzentes como vidro. Seu rosto, ainda o de anjo de Botticelli, dilacerado de dor ao olhar para mim.

E David, a piedade, a compaixão. As duas figuras transformadas em uma, o inglês idoso e o corpo jovem e belo no qual ele havia sido aprisionado, abafado nos trajes de *tweed* e *cashmere* do inverno.

Monstros vestidos como homens, mas presos à matéria, verdadeiros!

E a figura luminosa e travessa da minha Dora, minha Dora esbelta, ansiosa, com seus enormes olhos negros.

— Querido, querido — exclamou Dora. — Estou aqui! — Seus braços pequenos e calorosos envolveram meus ombros doloridos, esquecidos da neve que caía do meu cabelo, da minha roupa. Ajoelhei-me, enterrando meu rosto na sua saia, perto do sangue entre suas pernas, o sangue do útero vivo, o sangue da Terra, o sangue de Dora que o corpo podia dar, e caí para trás no chão.

Eu não conseguia falar nem me mexer. Senti seus lábios tocarem os meus.

— Você agora está em segurança, Lestat — disse ela. Ou teria sido a voz de David?

— Você está conosco — disse ela. Ou teria sido Armand? — Estamos aqui.

— Olhem, olhem para os pés dele. Só lhe restou um dos sapatos.

— ... e o paletó, rasgado... os botões sumiram.

— Querido, querido. — Ela me beijou.

Delicadamente, fiz com que rolasse no chão, com cuidado para não esmagá-la com meu peso, levantei sua saia e encostei meu rosto nas suas coxas quentes e nuas. O cheiro do sangue inundou meu cérebro.

— Perdoe-me, perdoe-me — sussurrei. Minha língua atravessou o fino algodão das calcinhas, arrancando o pano da penugem dos seus pêlos, afastando o absorvente manchado de sangue que ela estava usando, e bem ali junto aos seus lábios rosados e jovens lambi o sangue que acabava de sair do seu útero, não sangue puro, mas sangue dela, sangue do seu corpo forte e jovem, sangue por todas as células quentes e apertadas da sua vagina, sangue que não provocava dor, nem sacrifício, apenas sua delicada tolerância para comigo, para com meu ato inominável, com minha língua se aprofundando nela, chupando, bem devagar, o sangue que ainda estaria por vir, lambendo os pêlos macios dos seus lábios púbicos, sugando cada infima gota.

Impura, impura. Era o que gritavam no caminho até o Gólgota quando Verônica disse, "Senhor, quando toquei a batinha da Vossa túnica, fiquei curada". *Impura, impura.*

— Impuro, graças a Deus, impuro — murmurei, com minha língua lambendo o lugar secreto manchado de sangue, o gosto e o cheiro do sangue, do seu sangue delicioso, um lugar em que o sangue flui naturalmente e nenhum ferimento é feito ou jamais precisa ser feito, o acesso ao seu sangue aberto a mim pelo seu perdão.

A neve batia forte na vidraça. Eu a ouvia, sentia seu cheiro, a neve branca e ofuscante de uma terrível nevasca em Nova York, um inverno intenso, congelando tudo por baixo do seu manto.

— Meu querido, meu anjo — murmurei para ela.

Deitei-me encostado nela, arquejante. O sangue estava todo dentro de mim agora. Eu havia extraído do seu útero tudo o que estava por vir. Eu havia lambido até o que estava no absorvente que antes ela estava usando.

Ela se sentou, cobrindo-me, recatada, com seus braços cruzados, inclinando-se para a frente como se quisesse me proteger dos seus olhos, de David, de Armand, jamais tendo feito menção de me empurrar, de protestar, de se encolher. E agora ela segurava minha cabeça enquanto eu chorava.

— Você está a salvo — repetiu ela. Eles diziam que estávamos a salvo. Todos eles diziam A Salvo, como se as palavras tivessem um efeito mágico. A salvo, a salvo, a salvo.

— Ah, não — protestei, chorando. — Não, nenhum de nós está a salvo. E nunca estaremos, nunca, nunca mais, jamais...



Não quis deixar que eles tocassem em mim. Quer dizer, eu não queria renunciar a nada por enquanto, não ao meu sapato rasgado, a nada. Mantenham afastados seus pentes, suas toalhas, seu consolo. Eu me agarrava ao segredo dentro do meu casaco.

Um sudário, foi isso o que pedi, alguma peça pesada na qual eu me embrulhasse. Eles a encontraram, um cobertor, macio, de lã, não fazia diferença.

O apartamento estava quase vazio.

Eles haviam estado mudando os tesouros de Roger para o sul. Foi o que me contaram. A tarefa havia sido confiada a agentes mortais, e a maioria das estátuas e dos ícones havia seguido para o orfanato em Nova Orleans, tendo sido abrigados lá na capela vazia que eu conhecia, onde havia apenas o Cristo Crucificado. Belo presságio!

Eles não haviam chegado a terminar essa tarefa. Alguns objetos preciosos permaneciam, um baú ou dois, caixas de documentos. Arquivos.

Eu havia estado desaparecido por três dias. O noticiário estava cheio de reportagens sobre a morte de Roger. Embora eles não dissessem de que modo ela havia sido descoberta. A disputa pelo poder no mundo dos sinistros cartéis da droga já estava bem adiantada. Os repórteres haviam parado de ligar para a estação de televisão com perguntas sobre Dora. Ninguém tinha conhecimento desse lugar. Ninguém sabia que ela estava aqui.

Poucos sabiam do grande orfanato, para o qual ela planejava voltar, quando todas as relíquias tivessem sido transportadas dali.

A rede de televisão a cabo havia cancelado seu programa. A filha do gangster já não pregava mais. Ela não havia visto suas seguidoras, nem falado com elas. Em colunas de jornais e em chamadas na televisão, ela soube que o escândalo a deixara com uma certa aura de mistério. Em geral, porém, considerava-se que estava acabada, uma pastora evangélica sem importância na televisão que não tinha nenhum conhecimento das atividades do pai.

No entanto, na companhia de David e Armand, ela havia perdido todo contato com o mundo em que vivia anteriormente; permanecendo aqui em Nova York, enquanto se abatia sobre a cidade o pior inverno dos últimos cinquenta anos, uma neve que vinha do Paraíso, permanecendo aqui entre as relíquias e prestando atenção a eles, ao jeito suave de confortar, às suas histórias fantásticas, sem ter certeza do que pretendia fazer, ainda acreditando em Deus...

Essas eram as últimas notícias.

Apanhei o cobertor deles e caminhei, com um pé descalço, pelo apartamento.

Entrei no quarto pequeno. Enrolei-me no cobertor. A janela aqui estava coberta. Não havia luz do sol.

— Não se aproximem de mim — disse eu. — Preciso dormir o sono de um mortal. Preciso dormir a noite inteira e o dia também. Depois, eu lhes conto tudo. Não toquem em mim, não se aproximem de mim.

— Posso dormir nos seus braços? — perguntou Dora, aquela coisinha branca, vibrante e cheia de sangue, parada no portal, com seus anjos vampirescos atrás dela.

O quarto estava escuro. Restava apenas um baú com algumas relíquias dentro. Mas ainda havia imagens no corredor.

— Não, uma vez que o sol nasça, meu corpo fará o que for necessário para se proteger de qualquer intrusão humana. Você não pode vir comigo neste sono. Não é possível.

— Então, deixe-me deitar com você agora.

Por cima dos ombros de Dora, os outros dois olhavam fixamente para minhas pálpebras esquerdas, vazias, tremendo doloridas uma contra a outra. Devia ter havido sangue. Mas nosso sangue estanca rápido. O olho havia sido arrancado pela raiz. Qual era sua raiz? Eu ainda sentia o cheiro do sangue delicioso que tomara dela. Ele estava nos meus lábios, esse seu sangue.

— Deixe-me dormir — respondi eu.

Tranquei a porta e me deitei no chão, com os joelhos encolhidos, bem aquecido nas grossas dobras do cobertor, sentindo o cheiro das acículas de pinheiro e do solo que estava grudado às minhas roupas, da fumaça, dos pedacinhos de estrume seco e do sangue, naturalmente, do sangue humano, sangue dos campos de batalhas, sangue da catedral de Santa Sofia, de quando o bebê morto caiu em cima de mim; o cheiro de estêreo de cavalo; e o cheiro da marga do Inferno.

Tudo isso estava enrolado comigo dentro desse cobertor; minha mão, pousada no volume do véu desdobrado encostado na pele do meu peito.

— Não cheguem perto de mim! — sussurrei mais uma vez para os ouvidos dos imortais lá fora, que estavam tão perplexos e confusos.

Então dormi.

Doce descanso. Doce escuridão.

Quem dera que a morte fosse assim. Quem dera que se pudesse dormir, dormir e dormir para sempre.



Permaneci inconsciente por vinte e quatro horas, acordando apenas quando o sol se pôs por trás do céu de inverno no entardecer do dia seguinte. Sobre o baú de madeira havia uma bela seleção feita entre minhas próprias roupas, bem como um par dos meus próprios sapatos.

Procurei imaginar quem teria escolhido essas roupas entre todas as que David anteriormente havia mandado para cá do hotel próximo. Sem dúvida, ele era a opção lógica. E eu sorri, pensando em quantas vezes nas nossas vidas David e eu havíamos estado totalmente enredados na aventura das roupas.

Mas a verdade é que, se um vampiro omitir detalhes como os das roupas, a história deixa de fazer sentido. Mesmo os personagens míticos mais grandiosos, se forem de carne e osso, precisam se preocupar com as correias das sandálias.

Ocorreu-me a plena consciência de que eu estava de volta de um reino em que as roupas mudavam de acordo com a vontade do freguês. De que eu estava coberto de sujeira e só estava com um sapato.

Levantei-me, perfeitamente alerta, retirei o véu com cuidado sem abri-lo nem me dar a oportunidade de olhar para ele, embora eu achasse que estivesse vendo a imagem escura através do tecido. Retirei todas as peças de roupa com cuidado e depois as empilhei sobre o cobertor para que não se perdesse nenhuma acícula de pinheiro que não tivesse de ser perdida. E então entrei no banheiro ao lado, o costumeiro recinto de azulejos e vapor, e me banhei como um homem sendo batizado no Jordão. David havia deixado arrumados para mim todos os brinquedos necessários: pentes, escovas, tesouras. Na realidade, os vampiros não precisam de quase mais nada além disso.

O tempo todo mantive a porta do banheiro aberta. Se alguém tivesse ousado entrar no quarto, eu teria dado um salto de debaixo do chuveiro fumegante e ordenado a essa pessoa que saísse.

Afinal, eu mesmo saí, molhado e limpo, penteei meu cabelo, sequei-o com cuidado e vesti todos os meus trajes limpos começando de dentro, ou seja, das cuecas de seda, camiseta e meias pretas, até as calças limpas de lã, a camisa, o colete e um *blazer* tipo jaquetão, de um terno azul-marinho.

Depois, inclinei-me e apanhei o véu dobrado. Segurei-o sem ousar abri-lo.

No entanto, eu conseguia ver a escuridão de cada lado do tecido. Dessa vez, tive certeza. Enfiei o véu por dentro do colete e abotoei bem o colete.

Olhei no espelho. Vi um louco num terno da Brooks Brothers, um demônio de cachos louros, rebeldes, nervosos, com o colarinho aberto, olhando fixamente

para si mesmo no espelho com um olho horrendo.

O olho, meu Deus, o olho!

Meus dedos subiram pelo rosto para examinar a órbita vazia, as pálpebras ligeiramente enrugadas na tentativa de fechá-la. O que fazer, o que fazer. Se ao menos eu tivesse um tapa-olho preto, algo que um cavalheiro usaria. Mas eu não tinha.

Meu rosto estava profanado pelo olho que faltava. Percebi que estava tremendo com violência. David havia arrumado para mim uma das minhas gravatas largas, do tipo de uma echarpe, de seda roxa; e eu a enrolei em volta do colarinho, fazendo com que ele ficasse vertical como os colarinhos de antigamente, muito rígido, com a echarpe a cercá-lo com camadas e mais camadas, como se poderia ver em algum retrato de Beethoven.

Enfie as pontas da echarpe para dentro do colete. No espelho, meu olho ardia roxo com o roxo da echarpe. Vi o escuro no lado esquerdo, forcei-me a olhar para ele, em vez de simplesmente procurar compensá-lo.

Calcei os sapatos, olhei de novo para as roupas destruídas, apanhei um pouquinho de poeira e de folhas secas, deposei tudo com cuidado sobre o coberto para que o mínimo fosse perdido e então saí para o corredor.

O apartamento estava agradavelmente aquecido e cheirava levemente a um incenso, o que me fez pensar em igrejas católicas de antigamente, quando o coroinha balançava o turíbulo de prata na ponta da corrente.

Quando entrei na sala de estar, vi os três com muita nitidez, dispostos em torno do espaço feericamente iluminado, com a luz homogênea transformando em espelhos as paredes da noite, para além das quais a neve continuava a cair sobre Nova York. Quis ver a neve. Passei por eles e coleí meu olho à vidraça. Todo o telhado da catedral de St. Patrick estava branco com uma neve nova; as agulhas das torres deixando cair o máximo que podiam, embora cada centímetro dos seus adornos estivesse decorado de branco. A rua era um vale branco intransponível. Será que haviam parado de limpá-la?

Pessoas de Nova York passavam lá embaixo. Seriam esses os únicos vivos? Olhei bem com o olho direito. Eu só via o que parecia ser gente viva. Esquadrinhei o telhado da igreja quase em pânico, de repente, esperando ver uma gárgula escondida no meio dos adornos e descobrir que a gárgula estava viva e me observava.

Mas não tive nenhuma impressão a não ser a dos que estavam na sala, que eu amava, que estavam esperando, pacientes, por mim e por meu silêncio melodramático e egocêntrico.

Dei meia-volta. Armand mais uma vez se havia esmerado no traje de veludo da última moda e renda bordada, o tipo de *new look* romântico que se podia encontrar nas lojas no fundo do precipício abaixo de nós. Seu cabelo castanho-avermelhado estava solto, comprido e tinha o caimento que costumava ter em épocas remotas, quando ele, como satânico santo dos vampiros de Paris, não se teria permitido a vaidade de cortar uma mecha que fosse. Só que estava limpo, brilhando de tão limpo, avermelhado à luz e em contraste com o tom escuro de vermelho-sangue do paletó. E lá estavam seus olhos tristes e sempre jovens a me olhar, as bochechas lisas de menino, a boca de anjo. Estava sentado

à mesa, contido, cheio de amor, curiosidade e até mesmo uma certa humildade que parecia afirmar, Deixe para lá nossas desavenças. Estou aqui por você.

— É — disse eu em voz alta. — Obrigado.

David estava ali sentado, o rapaz anglo-indiano robusto e de cabelos castanhos, suculento e apetitoso de se olhar como era desde a noite em que o transformei num de nós. Ele estava usando seu paletó de *tweed* inglês, com reforço de couro nas mangas, um colete todo abotoado como o meu e um cachecol de *cashmere* a lhe proteger o pescoço do frio, ao qual talvez, apesar de toda a sua força, ele não estivesse ainda acostumado de verdade.

É estranho como sentimos frio. Pode-se ignorá-lo. E então, de repente, pode-se senti-lo como algo pessoal.

Minha Dora radiante estava sentada ao lado, em frente a Armand, enquanto David estava voltado para mim entre os dois. Isso me deixava a cadeira que ficava de costas para o vidro e o céu, se eu quisesse me sentar.

Fiquei olhando para ela. Um objeto tão simples, modelo oriental, levemente chinês, preponderantemente funcional e obviamente caríssimo.

Dora levantou-se, parecendo estar desdobrando as pernas. Estava usando um vestido longo e fino de seda vinho, um vestido simples, com o calor artificial a cercá-la obviamente, mantendo-a abrigada. Seus braços brancos estavam nus. Seu rosto, cheio de preocupação. Seus cabelos negros e reluzentes, formando um capacete com duas pontas de cada lado do seu rosto, no meio da bochecha, o corte da moda de oitenta anos atrás e de hoje em dia. Seus olhos eram olhos de coruja, e cheios de amor.

— O que houve, Lestat? Ah, por favor, por favor, conte para nós.

— Onde está o outro olho? — perguntou Armand. Era exatamente o tipo de pergunta que ele faria. Ele não estava em pé. David, o inglês, se havia levantado simplesmente porque Dora o fizera, mas Armand continuava sentado, olhando para mim, fazendo a pergunta direta. — O que aconteceu com ele? Você ainda está com ele?

Olhei para Dora.

— Eles poderiam ter salvado aquele olho — disse eu, citando sua história do tio Mickey, dos gângsteres e do olho — se ao menos aqueles bandidos não tivessem pisado nele!

— O que você está dizendo?

— Não sei se pisaram no meu olho — respondi, irritado com o tremor na minha voz. O tom dramático na minha voz. — Não eram bandidos, eram espíritos. E eu fugi, e deixei meu olho. Era minha única chance. Deixei-o no degrau da escada. Pode ser que eles o tenham achatado ou esmagado como uma bola de gordura, não sei. O tio Mickey foi enterrado com o olho de vidro?

— É, acho que sim — disse Dora, atordoada. — Ninguém nunca me disse. Dava para eu sentir os outros dois a esquadriñar sua mente, Armand lendo a minha, os dois captando as imagens do tio Mickey, quase morto a chutes no Corona's Bar em Magazine Street, e o gângster com o sapato bicudo esmagando o olho do tio Mickey. Dora arquejou.

— O que lhe aconteceu?

— Vocês mudaram os objetos de Roger? Quase todos?

— Mudamos. Eles estão na capela no St. Elizabeth's — disse Dora. — St. Elizabeth's. — Esse havia sido o nome do orfanato enquanto existiu. Eu nunca a havia ouvido mencionar o nome. — Ninguém vai chegar a pensar em procurar essas peças lá. A imprensa não está se importando mais comigo. Seus inimigos estão cercando suas ligações empresariais como abutres. Eles se concentram nas contas bancárias, nos saques não descontados, nos cofres de aluguel, assassinando por essa chave ou aquela. Entre seus íntimos, a filha havia sido declarada um detalhe, irrelevante, acabada. Sem importância.

— Graças a Deus por isso — disse eu. — Você lhes contou que ele estava morto? Será que tudo vai terminar rápido, a história dele, e o papel que você tem a desempenhar nisso tudo?

— Encontraram a cabeça dele — disse Armand, baixinho.

Numa voz contida, ele explicou. Alguns cachorros haviam arrastado a cabeça de uma pilha de lixo e estavam brigando por ela debaixo de uma ponte. Durante uma hora, um velho ficou olhando, enquanto se aquecia junto a uma fogueira, e depois, aos poucos, ele percebeu que aquilo que os cachorros estavam tentando roer e por que estavam brigando era uma cabeça humana. Levaram a cabeça às autoridades e, através do exame genético do cabelo e da pele, foi descoberto que se tratava de Roger. O exame da arcada não ajudou. Os dentes de Roger eram perfeitos. Tudo o que restava era que Dora a identificasse.

— Ele deve ter querido que ela fosse encontrada — disse eu.

— O que o faz dizer isso? — perguntou David. — Onde foi que você esteve?

— Vi sua mãe — disse eu a Dora. — Vi seu cabelo louro oxigenado e seus olhos azuis. Não vai demorar para que eles cheguem ao Paraíso.

— Do que é que você está falando, meu querido? — perguntou ela. — Meu anjo? O que é que você está querendo me dizer?

— Sentem-se, vocês todos. Vou lhes contar toda a história. Ouçam tudo que eu disser sem me interromper. Não, não quero me sentar, não de costas para o céu, para o turbilhão, a neve e a igreja. Não. Vou ficar andando de um lado para o outro. Ouçam o que tenho a lhes dizer.

— Lembrem-se de uma coisa. Cada palavra disso tudo aconteceu comigo! Eu posso ter sido enganado! Eu posso ter sido iludido! Mas foi isso o que vi com meus olhos e ouvi com meus ouvidos!

Contei-lhes tudo, desde o início. Alguns pontos, cada um deles isoladamente já havia ouvido, mas todos juntos nunca. Desde o primeiro vislumbre fatal que tive de Roger e meu amor pelo seu sorriso branco descarado e cheio de culpa, seus olhos negros brilhantes, até o momento em que me joguei pela porta do apartamento adentro na noite anterior.

Contei-lhes tudo. Cada palavra proferida por Memnoch e por Deus Encarnado. Tudo o que eu havia visto no Paraíso, no Inferno e na Terra. Falei-lhes do cheiro e das cores de Jerusalém. Falei, falei e falei sem parar...

A história devorou a noite. Ela consumiu as horas, enquanto eu andava de lá para cá, delirante, repetindo aquelas partes que eu queria esclarecer com exatidão, os estágios da Evolução que haviam chocado os anjos, as imensas bibliotecas do Paraíso, o pessegueiro com flores e frutos, Deus e o soldado

jazendo de costas no Inferno, recusando-se a ceder. Descrevi para eles todos os detalhes do interior da catedral de Santa Sofia. Falei dos homens nus no campo de batalha. Descrevi repetidamente o Inferno. Descrevi o Paraíso.

Repeti meu discurso final, de que eu não podia ajudar Memnoch, de que eu não podia ensinar nessa escola!

Eles ficaram me olhando em silêncio absoluto.

— Você está com o véu? — perguntou Dora, com o lábio trêmulo. — Você ainda está com ele?

Era tão terna a inclinação da sua cabeça, como se ela fosse me perdoar instantaneamente se eu dissesse que Não, que eu o havia perdido na rua, que o dera a um mendigo!

— O véu não prova nada — disse eu. — Seja o que for que esteja no véu não significa nada! Qualquer um que possa criar ilusões como aquelas pode fazer um véu! Ele não prova nem verdades, nem mentiras, nem trapanças, feitiçarias nem teofanias.

— Quando você estava no Inferno — perguntou ela com tanta delicadeza, tanta gentileza, o rosto branco brilhando com o calor do lustre —, você contou a Roger que estava com o véu?

— Não, Memnoch não quis me deixar. E eu só o vi por um instante, sabe? Num segundo, era de um jeito; e no outro, já era de outro. Mas ele vai subir. Sei que vai. Vai subir porque é inteligente e já descobriu tudo. E Terry vai com ele! Os dois estarão nos braços de Deus a menos que Deus seja um mágico barato e tudo isso tenha sido uma mentira. Mas uma mentira para quê? Com que objetivo?

— Você não acredita no que Memnoch lhe pediu? — perguntou Armand. Só nesse momento percebi como ele estava abalado, como estava parecido com o menino que devia ter sido quando foi transformado em vampiro, como era jovem e cheio de uma graça terrena. Ele queria que fosse verdade!

— Ah, acredito, sim! Eu acredito nele, mas *tudo isso poderia ser mentira*, será que vocês não entendem?

— Você não sentiu que era verdade que ele precisava de você? — perguntou Armand.

— O quê? — protestei. — Vamos voltar a essa história de discutir se estamos servindo a Deus ou não quando servimos a Satanás? Você e Louis discutindo a respeito disso no Teatro dos Vampiros? Se somos filhos de Satanás, será que somos filhos de Deus?

— Isso mesmo — disse Armand. — Você acreditou nele?

— Sim e não. Não sei. Eu não sei! — gritei. — Continuo odiando Deus tanto quanto antes. Sinto rancor contra os dois. Malditos!

— E Cristo? — perguntou Dora, com os olhos cheios de lágrimas. — Será que Ele sentia compaixão por nós?

— Sentia, ao Seu próprio modo. Sim. Talvez. Pode ser. Quem sabe?! Mas Ele não sofreu a Paixão exclusivamente como homem, como Memnoch lhe havia implorado que fizesse. Ele carregou Sua cruz como Deus Encarnado. É o que lhes digo, as normas deles não são as nossas! Nós concebemos normas melhores! Estamos nas mãos de criaturas loucas!

Ela começou a dar gemidos baixos, cheios de lamento.

— Por que nós nunca, nunca vamos ficar sabendo? — queixou-se.

— Eu não sei! — insisti. — Sei que eles estavam lá, que apareceram para mim, que permitiram que eu os visse. E mesmo assim não sei!

David estava carrancudo, com o cenho fechado como Memnoch conseguia ficar, mergulhado em pensamento. Fez, então, uma pergunta.

— E se tudo não passou de uma série de imagens e truques, coisas retiradas da sua mente e do seu coração, qual era o objetivo? Se não se tratava de uma proposta direta para que você se tornasse seu assistente ou seu príncipe, qual poderia ter sido o motivo?

— O que você acha? Eles estão com o meu olho! Estou lhes dizendo que nem uma palavra dessa história foi mentira minha. Eles ficaram com a merda do meu olho, inferno! Não sei do que aquilo tudo se tratava, a menos que fosse tudo verdade, verdade absoluta da primeira à última palavra.

— Nós sabemos que você acredita na veracidade disso tudo — disse Armand. — E, você acredita nisso totalmente. Você testemunhou. Eu acredito que seja verdade. Durante toda minha longa perambulação pelo vale da morte, sempre acreditei que fosse verdade!

— Não seja um perfeito idiota — disse eu, com amargor.

No entanto, eu via a chama no rosto de Armand. Eu via o êxtase e a tristeza nos seus olhos. Eu via toda a galvanização da sua forma com a crença, com a conversão.

— As roupas — disse David, pensativo, calmo —, as roupas que estão no quarto. Você as recolheu todas, e as provas revelarão alguma coisa em termos científicos.

— Pare de pensar como um estudioso. Esses são Seres que disputam um jogo que só eles conseguem compreender. Que importância tem para eles fazer com que acículas de pinheiro e terra fiquem grudadas na minha roupa? Mas, é verdade, eu guardei essas relíquias, sim. Guardei tudo menos meu maldito olho, que deixei na escada do Inferno para poder escapar. Eu, também, quero analisar as provas nessas roupas. Eu, também, quero saber qual floresta era aquela na qual eu caminhei com ele a escutar o que ele dizia!

— Eles o deixaram sair — observou David.

— Se vocês tivessem visto a expressão no seu rosto quando ele viu o olho no degrau — disse eu.

— O que dizia o rosto dele? — perguntou Dora.

— Horror, horror que uma coisa dessas pudesse ter acontecido. Vejam bem, quando ele tentou me agarrar, acho que seus dois dedos entraram assim no meu olho, tendo ultrapassado o alvo. Ele apenas pretendia me agarrar pelo cabelo. Mas, quando seus dedos se enterraram na órbita, ele tentou tirá-los dali, horrorizado, e lá veio o olho, escorrendo pelo meu rosto. E ele ficou horrorizado!

— Você o ama — disse Armand, com a voz contida.

— Eu o amo. É, acho que ele tem razão acerca de tudo. Mas não acredito em nada!

— Por que você não aceitou? — perguntou Armand. — Por que você não lhe entregou sua alma?

Ai, como ele parecia inocente, como aquilo vinha do seu coração,

antiquíssimo e infantil, um coração tão forte em termos sobrenaturais que haviam sido necessárias centenas de anos para que ele se tornasse seguro para bater na companhia de corações mortais.

Um Diabinho, Armand!

— Por que você não aceitou?! — implorou ele.

— Eles o deixaram escapar, e tinham um objetivo — disse David. — Foi como a visão que tive no café.

— É, e eles tinham um objetivo — repeti. — Mas será que derrotei esse objetivo deles? — Recorri a ele para ter essa resposta, ele, o sábio, o velho em anos de idade humana. — David, será que eu os derrotei quando o tirei da vida? Será que eu os derrotei de algum modo, de alguma outra forma? Ah, se ao menos eu pudesse me lembrar das suas vozes no início. Vingança. Alguém disse que não se tratava de mera vingança. Mas eram aqueles fragmentos. Não consigo me lembrar agora. O que aconteceu? Será que vão voltar para me buscar?

Cai em lágrimas novamente. Bobagem. Voltei a descrever Memnoch, em todas as suas formas, mesmo na do Homem Comum, que era tão extraordinário nas suas proporções, as pegadas perturbadoras, as asas, a fumaça, a glória do Paraíso, o canto dos anjos...

— Saffrinas... — murmurei. — Aquelas superfícies, todas as coisas que os profetas diziam e com que salpicavam seus livros, palavras como topázio, berilo, fogo, ouro, gelo e neve; e tudo estava ali... e Ele disse, "Beba do meu sangue!" e eu bebi!

Eles se aproximaram de mim. Eu os havia assustado. Estava muito perturbado, muito possuído, muito insistente. Eles se postaram à minha volta, com os braços tocando em mim, os dela brancos, humanos, cheios de fogo, os mais quentes, os mais deliciosos de todos; e o cenho escuro de David encostou no meu rosto.

— Se você me deixar — disse Armand, passando os dedos pelo meu colarinho. — Se você me deixar beber, eu vou saber...

— Não, tudo o que você vai saber é que eu acredito no que vi, só isso!

— Não — disse ele, abanando a cabeça. — Vou conhecer o sangue de Cristo se o provar.

Eu fiz que não.

— Afastem-se de mim. Nem mesmo sei qual é a aparência do véu. Será que ele não vai parecer com algum pano com que eu enxuguei meu suor de sangue enquanto sonhava, adormecido? Afastem-se.

Eles obedeceram. Formavam um triângulo frouxo. Eu estava de costas para a parede interna, de tal modo que via a neve no meu lado esquerdo, embora para isso tivesse de virar minha cabeça para a esquerda. Olhei para eles. Minha mão direita procurou desajeitada dentro do colete, retirou o pano volumoso, e eu senti alguma coisa, algo ínfimo e estranho que eu não conseguia explicar para eles, nem pôr em palavras para mim mesmo. Eu sentia a trama, aquela trama do tecido, aquela trama antiga!

Abri o véu, sem olhar, e o exibi como se eu fosse Verônica a exibi-lo para a multidão.

Um silêncio abateu-se sobre a sala. Uma imobilidade.

Vi então Armand cair de joelhos. E Dora dar um grito longo, pungente.

— Meu Deus — disse David.

Trêmulo, abaixei o véu, ainda mantido todo aberto por minhas mãos, e o virei para poder ver o reflexo no vidro escuro, em contraste com a neve, como se ele fosse a Górgona e estivesse a ponto de me matar.

Seu Rosto! Seu Rosto impregnado no véu. Baixei os olhos. Deus Encarnado, olhando para mim com os mais ínfimos detalhes, a imagem queimada no pano, não pintada, tingida, costurada ou desenhada, mas gravada nas próprias fibras, Seu Rosto, o Rosto de Deus, naquele instante, com o sangue gotejando da Sua Coroa de Espinhos.

— É — murmurei. — É mesmo. — Caí de joelhos. — Ah, sim, tão perfeitamente completo, até o último detalhe.

Senti que ela apanhou o véu. Eu o teria arrancado de volta se qualquer um dos dois tivesse tentado a mesma coisa. Mas à sua mãozinha eu o confiei, e ela agora o erguia, girando e girando, de tal modo que todos nós víamos Seus olhos escuros brilhando a partir do tecido!

— É Deus! — berrou ela. — É o Véu de Verônica! — Seu grito cresceu, triunfal, e então se encheu de alegria. — Pai, você conseguiu! Você me deu o Véu!

E ela começou a rir, como alguém que já teve todas as visões que pôde suportar, dançando e girando sem parar, com o véu no alto, entoando uma única sílaba inúmeras vezes.

Armand estava destroçado, abatido, de joelhos, com lágrimas de sangue a lhe escorrer pelo rosto, veios horrendos na pele branca.

Submisso e perplexo, David apenas observava. Examinava atentamente o véu que se movimentava no ar, ainda bem esticado pelas mãos de Dora.

Examinava atentamente meu rosto. Examinava a figura soluçante, jogada, abatida, de Armand, o menino perdido, no seu traje de veludo e renda, agora manchado de lágrimas.

— Lestat — exclamou Dora, chorando aos borbotões. — Você me trouxe o Rosto do meu Deus! Você trouxe tudo isso para nós. Não está percebendo? Memnoch perdeu! Memnoch foi derrotado! Deus venceu! Deus usou Memnoch para seus próprios fins. Ele conduziu Memnoch para o labirinto de criação do próprio Memnoch. Deus triunfou!

— Não, Dora, não! Você não pode acreditar nisso — gritei. — E se não for verdade? E se tudo não passar de um monte de truques. Dora!

Ela passou voando por mim, seguiu pelo corredor e saiu pela porta. Nós três ficamos ali aparvalhados. Dava para "se ouvir o elevador descendo. Ela estava com o véu!

— David, o que é que ela vai fazer? David, me ajude!

— Quem poderá nos ajudar agora? — perguntou David, mas sem convicção ou amargura, só refletindo, aquela reflexão interminável. — Armand, controle-se. Você não pode se entregar a isso — disse ele, com a voz triste.

Mas Armand já estava perdido.

— Por quê? — perguntou Armand. Ele agora era apenas uma criança, de joelhos. — Por quê?

Essa deveria ter sido sua aparência séculos antes quando Marius viera para libertá-lo do seu cativeiro em Veneza, um menino mantido para a lascívia, um menino levado para o interior do palácio dos Mortos-vivos.

— Porque eu não posso acreditar? Ai, meu Deus, eu acredito, sim. É o rosto de Cristo!

Ele se pôs de pé, meio cambaleante, e depois seguiu devagar, obstinado, passo a passo, atrás dela.

Quando chegamos à rua, ela estava parada aos berros diante das portas da catedral.

— Abram as portas! Abram a igreja. O véu está comigo. — Ela dava chutes nas portas de bronze, com o pé direito. Em toda a sua volta, mortais estavam reunidos, aos sussurros.

— O Véu, o Véu! — Não tiravam os olhos dele, quando ela parou de girar e o exibiu mais uma vez. Então, todos começaram a esmurrar as portas.

O céu lá no alto clareou com a luz do sol que chegava, longe, muito ao longe, nas garras do inverno, mas mesmo assim surgia no seu trajeto inevitável, para lançar sua luz branca e fatal sobre nós, se não nos abrigássemos.

— Abram as portas! — berrou ela.

De todas as direções, apareciam seres humanos, ofegantes, caindo de joelhos quando viam o Véu.

— Vão — disse Armand. — Procurem abrigo agora, antes que seja tarde. David, leve-o. Vá embora.

— E você? O que você vai fazer? — perguntei.

— Prestarei testemunho. Ficarei aqui de braços abertos — gritou. — E, quando o sol nascer, minha morte confirmará o milagre.

Afinal, abriram-se as portas pesadíssimas. As figuras vestidas de negro se afastaram, espantadas. O primeiro raio de luz prateada iluminou o Véu, e depois veio a luz elétrica, amarela, mais quente, de dentro, a luz das velas, a rajada de ar aquecido.

— O Rosto de Cristo! — berrou Dora.

O padre caiu de joelhos. O homem mais velho, vestido de preto, irmão, padre, o que quer que fosse, ficou parado boquiaberto olhando para o véu.

— Meu Deus, meu Deus — disse ele, fazendo o sinal-da-cruz. — Que eu na minha vida... meu Deus... é o Véu de Verônica!

Seres humanos passaram apressados por nós, tropeçando e se acotovelando para acompanhá-la até o interior da igreja. Ouvi seus passos ecoando na nave gigantesca.

— Não temos mais tempo — disse David no meu ouvido. Ele me havia levantado do chão, forte como Memnoch, só que não houve nenhum turbilhão, apenas o alvorecer de inverno, a neve branca e cada vez mais gritos, uivos e berros enquanto homens e mulheres afluíam na direção da igreja e os sinos lá em cima nos campanários começavam a soar.

— Depressa, Lestat, venha comigo!

Corremos juntos, já ofuscados pela luz; e, atrás de mim, ouvi a voz de Armand cristalina, mais alta que a multidão.

— Prestem testemunho, este pecador morre por Ele! — O cheiro de fogo

chegou com uma terrível explosão! Vi as chamas refletidas nas paredes de vidro dos prédios enquanto fugíamos. Ouvi os berros.

— Armand! — gritei. David foi me puxando, descendo por uma escada metálica, que ecoava e repicava como os sinos de lá do alto da catedral.

Tive uma tontura. Não ofereci resistência. Entreguei minha vontade a ele.

— Armand, Armand — chorava eu, na minha dor.

Lentamente, discernei a figura de David na escuridão. Estávamos num lugar úmido e gelido, um porão debaixo de um porão, por baixo do vazio alto e estridente de um prédio oco, devastado pelo vento. Ele estava cavando a terra destorroada.

— Ajude-me — exclamou. — Estou perdendo as sensações; a luz está chegando; o sol nasceu; eles nos encontrarão.

— Não, não vão nos encontrar.

Com os pés, fui abrindo a cova, levando-o comigo cada vez mais para o fundo, e selando os torrões de terra macia atrás de nós. Nem mesmo os sons da cidade lá em cima conseguiam penetrar nessa escuridão. Nem mesmo os sinos da igreja.

Será que o Túnel se abria para Armand? Será que sua alma havia subido? Ou será que ele estava agora atravessando os Portais do Inferno?

— Armand — murmurei. E, quando fechei os olhos, vi o rosto magoado de Memnoch: *Lestat, ajude-me!*

Com meu último resquício de sensação, procurei tatear para ver se o Vêu estava ali. Mas não, o Vêu havia sumido. Eu entregara o Vêu a Dora. Ele estava com Dora, e ela o havia levado para dentro da igreja.

Você nunca seria meu adversário!



Estávamos sentados juntos no muro baixo, Quinta Avenida, nos limites do Central Park. Três noites se haviam passado desse jeito. Nós observávamos.

Até onde podíamos enxergar na direção norte, havia uma fila, de cinco ou seis pessoas de largura, homens, mulheres e crianças, cantando, batendo os pés no chão para se aquecerem, com freiras e padres se apressando para lá e para cá a oferecer chocolate quente e chá àqueles que estavam congelando de frio. Fogueiras ardiam em grandes tambores a intervalos de tantos em tantos metros. Até onde os olhos conseguiam alcançar.

E na direção sul, também seguia sem fim, passando pelas vitrines cintilantes da Bergdorf Goodman e Henri Bendel, das peleterias, joalherias, livrarias do centro, até fazer a curva para entrar na catedral.

David estava em pé com os braços cruzados, mal se encostando no muro, com as pernas cruzadas nos tornozelos. Era eu quem estava sentado como um menino, com o joelho recolhido, meu rosto mutilado, de um olho só, voltado para cima, o queixo descansando no meu punho fechado, o cotovelo no joelho, apenas prestando atenção ao que eles diziam.

Muito ao longe, era possível ouvir berros e gritos. Alguma outra pessoa sem dúvida havia tocado o Véu com um guardanapo limpo e, mais uma vez, a imagem havia sido transferida! E assim aconteceria novamente na noite seguinte, e talvez mais uma vez na outra noite. Ninguém sabia quantas vezes isso aconteceria, só que o ícone reproduzia no pano que o tocava uma vera imagem, e o rosto passava ardente de tecido para tecido, como uma chama de um pavio para outro.

— Vamos — disse David. — Aqui está ficando frio. Venha, vamos caminhar.

E caminhamos.

— Por quê? — perguntei. — Ir até lá, para ver a mesma coisa que vimos ontem à noite e na noite anterior? Para que eu possa lutar para chegar perto dela de novo, sabendo que qualquer exibição de força, qualquer dom sobrenatural apenas confirma todo o milagre! Ela nunca mais vai me dar ouvidos. Você sabe que não. E quem é que está lá na escada agora, que vai se imolar ao amanhecer para confirmar o milagre?

— Mael está lá.

— Ah, sei, o monge druida. Uma vez monge, sempre monge. E assim esta será a manhã em que ele cairá como Lúcifer, em chamas.

Na noite anterior, havia sido algum bebedor de sangue desgarrado e esfarrapado, vindo só Deus sabia de onde, desconhecido para nós, mas que se tornou uma tocha sobrenatural ao amanhecer para as baterias de câmeras de televisão e para os fotógrafos dos jornais. Os jornais estavam cheios de imagens de corpos incendiados. Cheios de imagens do próprio Vêu.

— Espere aí — disse eu. Havíamos chegado ao Central Park South. Aqui a multidão estava toda cantando, afinada, aquele velho hino solene e militante.

Nós louvamos vosso Nome, Santo Deus, Senhor de tudo, nós nos prostramos diante de Vós!

Fiquei ali parado, olhando para eles, atordoado. A dor na órbita do meu olho esquerdo parecia estar pior, mas o que poderia estar mudando ali, a não ser o fato de que a cada hora que passava eu sentia o vazio?

— Vocês são uns bobos, todos vocês! — gritei. — O cristianismo é a religião mais sanguinária que já existiu neste mundo. Posso prestar testemunho disso!

— Cale-se agora e faça o que eu mandar — disse David, puxando-me para longe dali, de tal modo que desaparecemos em meio à multidão em perpétuo movimento nas calçadas geladas antes que alguém tivesse tido chance de se voltar para olhar. Tantas vezes ele me havia contido dessa forma. Eleja estava cansado. E eu não o culpava.

Uma vez, os policiais puseram as mãos em mim.

Eles me apanharam e tentaram me tirar à força da catedral quando eu estava tentando falar com ela. E então, quando já me haviam levado para fora, todos recuaram. Eles haviam percebido que eu não era um ser vivo, como os mortais costumam perceber. Eles haviam pressentido, murmuraram alguma coisa a respeito do Vêu e de tudo que é milagroso; e ali se manifestou minha impotência.

Havia policiais por toda parte. Policiais em todos os cantos estavam de sentinela para ajudar, para distribuir o chá quente, para estender suas mãos pálidas e trêmulas sobre as chamas nos tambores.

Ninguém se deu conta de nós. Por que deveriam? Éramos simplesmente dois homens, desmazelados, parte da multidão, com nossa pele reluzente não fazendo grande diferença nessa brancura ofuscante da neve, em meio a peregrinos em êxtase, que perambulavam de um vale musical para outro.

As vitrines das livrarias estavam cheias de Bíblias, livros sobre cristologia. Havia uma enorme pirâmide de um livro de capa lilás intitulado *Verônica and Her Cloth*, de autoria de Ewa Kuryluk, e mais uma pilha de *Holy Faces, Secret Places*, de Ian Wilson.

As pessoas vendiam panfletos na rua, ou mesmo os distribuíam de graça. Eu conseguia discernir sotaques de todos os cantos do país: do Texas, da Flórida, da Geórgia e da Califórnia.

Bíblias e mais Bíblias sendo vendidas e doadas.

Um grupo de freiras distribuía santinhos de Santa Verônica. No entanto, os itens mais procurados eram as fotografias coloridas do próprio Vêu, tiradas por fotógrafos na igreja e reproduzidas aos milhares.

— Pela graça divina, pela graça divina... — entoava um grupo em

unísson, balançando de um lado para o outro, sem perder seus lugares na fila.

— *Gloria, in excelsis deum!* — disse de repente um homem de barba comprida, com os braços bem abertos.

A medida que nos aproximávamos da igreja, víamos pequenos grupos e aglomerados absortos em seminários por toda parte. No meio de um deles, um rapaz falava, rápido, sincero.

— No século XIV, ela foi oficialmente reconhecida como santa, Verônica, e era crença geral que o Véu se havia perdido durante a Quarta Cruzada quando os venezianos destruíram a catedral de Santa Sofia. — Ele parou para empurrar os óculos de volta para o lugar. — É claro que o Vaticano vai demorar quanto tempo quiser para emitir sua decisão, como sempre faz, mas a verdade é que setenta e três ícones já foram feitos a partir do ícone original; e isso, diante dos olhos de inúmeras testemunhas que estão dispostas a depor diante da Santa Sé.

Em outro ponto, havia alguns homens em trajes escuros, talvez padres, eu não poderia dizer ao certo, e em torno deles círculos de ouvintes, com os olhos espremidos para se protegerem da neve.

— Não estou dizendo que os jesuítas não podem vir — disse um deles. — Só afirmo que eles não vão chegar aqui para assumir o controle. Dora pediu que os franciscanos tenham a custódia do Véu, se e quando ele deixar a catedral.

E, atrás de nós, duas mulheres concordavam rapidamente quanto ao fato de já terem sido feitos os testes; de a idade do tecido ser inquestionável.

— Nem se planta mais esse tipo de linho em parte nenhuma do mundo. Não seria possível encontrar um pedaço novo de um tecido daqueles. O próprio tecido em seu estado de novo e sua limpeza é um milagre.

— ... tudo, fluidos corpóreos, cada parte da imagem, derivada dos fluidos de um corpo humano. Não precisaram prejudicar a integridade do Véu para descobrir isso! E... É...

— Ação enzimática. Mas você sabe que esse tipo de coisa acaba sendo deturpada.

— Não, não o *New York Times*. O *New York Times* não vai dizer que três arqueólogos o consideraram autêntico.

— Não autêntico, minha querida. Apenas fora do alcance das explicações científicas atuais.

— Deus e o Demônio são idiotas! — exclamei eu.

Um grupo de mulheres voltou-se para fixar os olhos em mim.

— Aceite Jesus como seu Salvador, meu filho — disse uma das mulheres. — Vá olhar o Véu você mesmo. Ele morreu pelos nossos pecados.

David arrastou-me dali. Ninguém prestou a menor atenção em nós. Os pequenos cardumes continuavam por toda parte, os aglomerados de filósofos e testemunhas, bem como os que esperavam que os fascinados descessem cambaleantes pela escada da igreja, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu vi, eu vi, era o rosto de Cristo.

E nos fundos, encostado no arco, grudado a ele, como uma sombra alta, de aranha, a figura do vampiro Mael, quase invisível para eles, talvez, esperando para dar um passo e entrar na luz da manhã com os braços bem abertos em forma de cruz.

Mais uma vez, ele olhou para nós, com olhos sorrateiros.

— Você também! — disse ele, entre dentes, enviando sua voz sobrenatural, em segredo, aos nossos ouvidos. — Venha, enfrente o sol, com os braços esticados! Lestat, Deus o escolheu para ser Seu Mensageiro.

— Venha — disse David. — Já vimos o suficiente para esta noite e para muitas mais.

— E para onde vamos? — perguntei. — Pare, pare de me puxar pelo braço. David? Você está me ouvindo?

— Já parei — disse ele, com educação, baixando a voz como se quisesse me recomendar que baixasse a minha. A neve caía agora tão de leve. O fogo crepitava no tambor de ferro mais próximo.

— Os livros, o que houve com eles? — Como, em nome de Deus, eu poderia ter esquecido?

— Que livros? — perguntou ele. E me afastou do caminho dos transeuntes, encostando-me numa vitrine, por trás da qual um pequeno grupo estava parado, aproveitando seu calor particular, com os olhos voltados para a igreja.

— Os livros de Wynken de Wilde. Os doze livros de Roger! O que aconteceu com eles?

— Estão lá. Lá em cima no prédio. Ela os deixou para você. Lestat, já lhe expliquei isso. Ontem à noite, ela falou com você.

— Na presença de toda aquela gente, era impossível dizer a verdade.

— Ela lhe disse que as relíquias eram suas agora.

— Precisamos apanhar os livros! — exclamei. Ai, que loucura a minha de me esquecer daqueles livros maravilhosos.

— Acalme-se, Lestat, acalme-se. Pare de fazer com que todos olhem para você. O apartamento está igual, já lhe disse. Ela não falou a ninguém sobre ele. Ela nos entregou tudo. Não vai contar a ninguém que nós um dia estivemos ali. Isso ela me prometeu. Transferiu a documentação do Orfanato para você, Lestat, será que você não percebe? Ela cortou todos os laços com sua vida pregressa. Sua antiga religião morreu, foi abolida. Dora nasceu de novo e tem a custódia do Vêu.

— Mas nós não sabemos! — vociferei. — Nós nunca vamos saber. Como é que ela pode aceitar tudo isso quando nós não sabemos ao certo e não temos como saber! — (Ele me empurrou contra a parede.) — Quero voltar lá e apanhar os livros.

— Está bem. Vamos fazer isso se é o que você quer. — Como eu estava cansado.

Nas calçadas, as pessoas cantavam.

— "E Ele caminha comigo, e Ele conversa comigo, e me deixa chamá-Lo pelo nome."

O apartamento estava intacto.

Ao que eu pudesse perceber, ela não havia voltado ali. Nem nenhum de nós. David viera verificar e estava dizendo a verdade. Tudo estava como antes.

Só que no pequeno quarto em que eu havia dormido, restava apenas a arca. Minhas roupas e o cobertor no qual elas estavam, cobertos com a mesma terra e as acículas de pinheiro de um antigo chão de floresta, tudo havia sumido.

— Foi você que os levou?

— Não — respondeu ele. — Acho que foi ela. São as relíquias esfarrapadas do mensageiro angelical. Ao que eu saiba, as autoridades no Vaticano estão com elas.

Eu ri.

— E vão analisar todo aquele material, os pedacinhos de matéria orgânica do chão da floresta.

— As roupas do Mensageiro de Deus... já deu nos jornais. Lestat, você precisa recuperar o raciocínio. Você não pode sair pelo mundo dos mortais desse jeito. Você está sendo um risco para si mesmo e para os outros. Você é um risco para tudo que está aí fora. Você precisa controlar seu poder.

— Risco? Depois disso, do que eu fiz, depois de criar um milagre como esse, uma infusão de sangue novo exatamente na religião que Memnoch odiava? Ai, meu Deus!

— Pssiu. Fique quieto — disse ele. — A arca, ali. Os livros estão na arca. Ah, quer dizer que os livros estavam nesse quartinho onde eu havia dormido. Senti-me consolado, tão consolado. Sentei-me ali, com as pernas cruzadas, balançando para a frente e para trás, chorando. Ai, é tão esquisito chorar com um olho só! Meu Deus, será que estão escorrendo lágrimas do olho esquerdo? Acho que não. Acho que ele arrancou os dutos, o que você acha?

David ficou parado no corredor. A luz da distante parede de vidro deixava seu perfil gélido e calmo.

Estendi a mão e abri a tampa da arca. Ela era de madeira, uma arca chinesa, com muitas figuras em entalhes profundos. E ali estavam os doze livros, cada um embrulhado como nós o havíamos embrulhado com tanto cuidado, e todos bem acondicionados, secos e em segurança. Eu não precisava abri-los para saber.

— Agora quero que nós vamos embora daqui — disse David. — Se você começar a gritar de novo, se começar a tentar dizer às pessoas de novo...

— Ah, eu sei como você está cansado, meu amigo. Desculpe. Lamento tanto. — De tumulto em tumulto, ele me havia arrancado e me arrastado para longe dos olhos dos mortais.

Pensei mais uma vez naqueles policiais. Eu nem lhes havia oferecido resistência. Pensei em como eles foram recuando, um a um, como se quisessem se afastar de algo tão inerentemente pernicioso que suas moléculas lhes diziam que agissem assim. Que se afastassem.

E ela falava de um Mensageiro de Deus. Tinha tanta certeza.

— Temos de abandonar tudo isso agora — disse ele. — Está acabado. Outros estão chegando. Não quero ver os outros. Você quer? Você quer responder às perguntas de Santino, de Pandora, de Jesse ou de quem quer que venha?! O que mais podemos fazer? Quero ir embora agora.

— Você acredita que fui feito de palhaço, não é? — perguntei, erguendo os olhos até ele.

— Palhaço por quem? Por Deus ou pelo Demônio?

— É exatamente essa a questão. Eu não sei. Você me diz no que acredita.

— Quero ir embora porque sei que, se não for agora, vou me juntar a eles

de manhã na escadaria da igreja, a Mael e a quem mais estiver lá. E outros estão vindo. Eu os conheço. Eu os vejo.

— Não, você não pode fazer isso! E se cada partícula dessa história for uma mentira? E se Memnoch não era o Demônio, e Deus não era Deus, e tudo isso foi uma brincadeira horrível aplicada em nós por monstros que não são nem um pouco melhores do que nós! Você não pode nunca pensar em se juntar a eles na escadaria da igreja! A terra é o que nós temos! Agarre-se a ela! Você não sabe. Você não sabe nada sobre o turbilhão e o Inferno. Você não sabe. Só Ele conhece as normas. Só Ele deveria falar a verdade! E Memnoch O descreveu repetidamente como se Ele fosse Louco, um Desajustado.

Ele se voltou lentamente, com a luz brincando com as sombras no seu rosto.

— O sangue d'Ele, Lestat, será que ele realmente poderia estar dentro de você? — perguntou, baixinho.

— Nem comece a acreditar nisso! — disse eu. — Não você! Não! Não acredite. Eu me recuso a fazer parte do jogo. Eu me recuso a ficar de um lado ou do outro! Eu trouxe o Véu de volta para que você e ela acreditassem no que eu fosse dizer. Foi só isso, e essa, essa loucura aconteceu!

Desfaleci.

Vi a Luz do Céu por um instante, ou me pareceu tê-la visto. Vi que Ele estava parado junto à balaustrada. Senti o cheiro forte e horrível que subia com tanta frequência da terra, dos campos de batalha, dos pisos do Inferno.

David estava ajoelhado ao meu lado, segurando-me pelos braços.

— Olhe para mim, não vá me deixar agora desse jeito! — disse ele. — Quero que nós vamos embora agora. Devemos ir embora. Está entendendo? Vamos voltar para casa. E depois quero que você me conte toda a história de novo, que você a dite para mim, palavra por palavra.

— Para quê?

— Nas palavras, vamos encontrar a verdade. Nos detalhes e no enredo, descobriremos quem fez o quê a quem. Se Deus usou você, ou se Memnoch o usou! Se Memnoch estava mentindo o tempo todo! Se Deus...

— Ah, isso lhe dá dor de cabeça, não dá? Não quero que você escreva tudo. Se você escrever, haverá apenas uma versão, uma versão, e já são tantas as versões. O que ela lhes contou sobre seus visitantes noturnos que lhe trouxeram o Véu, seus demônios bondosos que lhe entregaram o Véu? E eles levaram minhas roupas! E se houver tecido da minha pele naquelas roupas?

— Venha agora, pegue os livros, pronto. Vou ajudar, pronto. Aqui há três sacos, mas só precisamos de dois. Você põe esse fardo no seu; e eu levo o outro.

Obedeci às suas ordens. Estávamos com os livros em dois sacos. Agora podíamos ir.

— Por que vocês os deixaram quando mandaram todo o resto para lá?

— Ela queria que você ficasse com eles. Eu já lhe disse isso. Ela queria que eu me certificasse de que eles foram postos nas suas mãos. E ela lhe deu todo o resto. Para ela, todos os laços estão cortados. Esse é um movimento que atrai fundamentalistas e fanáticos, cristãos cósmicos e cristãos do oriente e do ocidente.

— Preciso tentar me aproximar dela mais uma vez.

— Não. É impossível. Venha. Aqui. Eu estou com um casaco pesado. Você precisa vesti-lo.

— Você vai cuidar de mim para sempre? — perguntei.

— Talvez.

— Por que eu não vou até ela na igreja agora e faço com que o Vêu queime?! Eu poderia fazer isso. Poderia fazer isso com a força da minha mente, fazer com que o Vêu explodisse.

— Então por que não faz?

— Eu... eu... — Estremeci.

— Vá em frente. Você nem precisa entrar na igreja. Seus poderes vão adiante de você. Pode ser que conseguisse queimá-lo. Seria interessante se ele não se queimasse, não é? Mas imagine que ele se queimasse, imagine que ele simplesmente ficasse negro e calcinado como a lenha na lareira quando você o acendesse com o poder telecinético da sua mente. E então?

Comecei a chorar. Eu não podia fazer uma coisa daquelas. Não podia. Eu não sabia ao certo! Simplesmente não sabia! E se eu havia sido enganado por Deus, era essa a vontade de Deus para todos nós?

— Lestat! — Ele olhou furioso para mim, ou eu deveria dizer que ele fixou em mim um olhar de autoridade. — Agora estou falando com você. Preste atenção ao que eu digo. Não volte a se aproximar assim deles! Não faça mais nenhum milagre para eles! Não há mais nada que você possa fazer. Deixe que ela conte o episódio como quiser, com seu mensageiro angelical. Isso já faz parte da história.

— Quero falar mais uma vez com os repórteres! — Não!

— Dessa vez, falarei com delicadeza, prometo. Não vou assustar ninguém. Juro que não, David...

— Com o tempo, Lestat, se você ainda quiser... com o tempo... — Ele se inclinou e afagou meu cabelo. — Agora venha comigo. Estamos de partida.



Fazia frio no Orfanato. Suas grossas paredes de tijolos, desprovidas de qualquer calefação, guardavam o frio, e faziam com que ali dentro fosse mais frio do que o inverno lá fora. Parecia que eu me lembrava disso de antes. Por que ela me dera a propriedade? Por quê? Ela transmitira para mim a escritura e todas as relíquias de Roger. O que isso significava? Só que ela agora estava distante como um cometa que atravessa o céu.

Será que existia na terra um país em que as redes de notícias não tivessem mostrado seu rosto, sua voz, seu Vêu, sua história?

Mas nós estávamos em casa, essa era nossa cidade, Nova Orleans, nossa terrinha. E aqui não havia neve nenhuma caindo, só o perfume delicado das oliveiras e dos tulpeiros da Virgínia no velho jardim abandonado do convento, desfazendo-se das suas pétalas rosadas. Olhe só isso, pétalas cor-de-rosa no chão.

Tão tranquilo aqui. Ninguém conhecia esse lugar. Quer dizer que agora a Fera poderia ter seu palácio, lembrar-se da Bela e se perguntar para sempre se Memnoch estava chorando no Inferno, ou se os dois, os Filhos de Deus, estavam rindo no Paraíso!

Entrei na capela.

Eu havia imaginado que encontraria panos e pilhas de caixas e caixotes.

Em vez disso, encontrei um santuário perfeito. Tudo estava colocado no seu lugar adequado, como deveria ser, desembalado, espanado e posicionado ali na penumbra. Imagens de Santo Antônio, de Santa Luzia com seus olhos num prato, do Menino Jesus de Praga na sua elegante roupa espanhola; e os ícones pendurados nas paredes, entre as janelas, olhe, todos pendurados no lugar certo.

— Mas quem fez isso?

David havia desaparecido. Para onde? Ele voltaria. Não fazia diferença. Eu estava com os doze livros. Precisava de um lugar aquecido para me sentar, talvez os degraus do altar, e precisava de luz. Com esse olho único, eu precisava de um pouquinho mais do que a luz da noite que passava pelos altos vitrais.

Uma figura estava parada junto à entrada. Sem cheiro. Vampiro. Minha cria. Tem de ser. Jovem. Louis. Inevitável.

— Foi você quem fez tudo isso? — perguntei. — Arrumou tudo isso aqui na igreja com tanta beleza?

— Pareceu ser a forma certa de agir — respondeu ele e veio na minha direção. Eu o via nitidamente, embora precisasse virar a cabeça para focalizar meu único olho nele e parar de tentar abrir meu olho esquerdo, que não estava no

lugar.

Alto, pálido, um pouco esfaímado. Cabelos negros, curtos. Olhos verdes muito suaves. Andar elegante de quem não gosta de fazer barulho, de chamar a atenção ou de ser visto. Roupas pretas comuns, roupas como as dos judeus de Nova York que se haviam reunido do lado de fora da catedral, a observar todo o espetáculo; e como as dos Amish que haviam vindo de trem, simples e sem graça, como a expressão no seu rosto.

— Venha para casa comigo — disse ele. Uma voz tão humana. Tão gentil. — Vai haver tempo para você vir aqui refletir. Você não preferiria estar em casa, no Quarter, entre suas próprias coisas?

Se havia alguma coisa no mundo que poderia ter me consolado de verdade, teria sido ele, com aquela inclinação sedutora da cabeça estreita, ou seu jeito de olhar para mim, protegendo-me obviamente com uma calma secreta daquilo que ele mais temia para mim, para ele mesmo e talvez para todos nós.

Meu velho amigo conhecido e cavalheiresco, meu discípulo terno e paciente, educado tão profundamente no estilo de cortesia vitoriana quanto por mim nos modos de se ser monstro. E se Memnoch tivesse recorrido a ele? Por que Memnoch não havia feito isso?!

— O que eu fiz? — perguntei. — Foi a vontade de Deus?

— Eu não sei — disse ele, pondo sua mão macia sobre a minha. Sua voz vagarosa *era* um bálsamo para meus nervos. — Vamos para casa. Estou escutando há horas, ouvindo no rádio, na televisão, a história do anjo da noite que trouxe o Véu. As roupas esfarrapadas do Anjo haviam sido entregues às mãos de padres e cientistas. Dora está fazendo imposição de mãos. O Véu promoveu curas. As pessoas estão vindo para Nova York de todas as partes do mundo. Estou feliz por você ter voltado. Quero que fique por aqui.

— Será que eu servi a Deus? Será que isso é possível? A um Deus que ainda odeio?

— Ainda não ouvi sua história — disse ele. — Você vai me contar? — Direto desse jeito, sem emoção. — Ou será que é agonia demais repetir tudo isso?

— David que escreva tudo — disse eu. — De memória. — Dei um tapinha na minha têmpora. — Nossa memória é tão boa. Acho que alguns dos outros conseguem se lembrar de coisas que de fato nunca aconteceram. — Olhei ao meu redor. — Onde é que nós estamos? Ai, meu Deus, eu me havia esquecido. Estamos na capela. Lá está o anjo com a cuba nas mãos, e aquele Crucifixo, esse já estava lá.

Como era rígido e sem vida, como era diferente do Véu cintilante.

— Eles mostram o Véu no noticiário da noite?

— O tempo todo. — Ele sorriu. Sem zombaria. Só amor.

— Louis, o que você pensou quando viu o Véu?

— Que era o Cristo no qual eu um dia acreditei. Que era o Filho de Deus que eu conheci quando era menino e tudo isso aqui era um charco. — Sua voz era paciente. — Venha para casa. Vamos. Há... criaturas neste lugar.

— Há mesmo?

— Espíritos? Fantasma? — Ele não parecia ter medo. — São pequenos,

mas eu os sinto e você sabe, Lestat, que não tenho seus poderes. — Mais uma vez, veio o sorriso. — E você deve saber disso. Você não os sente?

Fechei os olhos, ou melhor, o olho. Ouvi um som estranho como o de muitas, muitas crianças caminhando em fileiras.

— Acho que estão cantando a tabuada de vezes.

— E o que é isso? perguntou Louis. Ele apertou meu braço, inclinando-se mais para perto de mim. — Lestat, o que é uma tabuada de vezes?

— Ah, sabe? Era assim que ensinavam a multiplicação naquela época. As crianças deviam cantar a tabuada na sala de aula, "dois vez dois, quatro; dois vez três seis; dois vez quatro oito"... não é assim? Elas a estão repetindo.

Parei. Havia alguém ali, no átrio, bem junto à capela, entre as portas que davam para o corredor e as portas da capela, na mesma penumbra em que eu me havia escondido de Dora.

Era alguém da nossa gente. Tinha de ser. E era velho, muito velho. Eu sentia o poder. Havia alguém ali que era tão antigo que só Memnoch ou Deus Encarnado teriam compreendido; ou... Louis, talvez, Louis, se ele acreditasse nas suas lembranças, nos seus breves relances, nas suas efêmeras experiências devastadoras com o que era antiqüíssimo, talvez...

Mesmo assim, ele não estava com medo. Estava me observando, alerta, mas basicamente sem medo.

— Ora, não vou ficar aqui parado, amedrontado por essa criatura! — disse eu, indo na sua direção. Eu estava com os dois sacos de livros pendurados no ombro direito, com o pano apertado na minha mão esquerda. Isso permitia que minha mão direita estivesse livre. E meu olho direito. Esse eu ainda tinha. Quem era essa visita?

— É David que está ali — disse Louis, com uma voz simples, tranquilizadora, como se quisesse dizer, Está vendo? Você não tem com que se preocupar.

— Não, ao lado dele. Olhe, olhe mais fundo na penumbra. Está vendo a figura de uma mulher, tão branca, tão dura, que bem poderia ser uma imagem aqui neste lugar?

— Maharet! — disse eu.

— Estou aqui, Lestat — respondeu ela. Eu ri.

— E não foi essa a resposta que Isaías deu quando o Senhor chamou? "Estou aqui, Senhor"?

— Foi — disse ela. Sua voz mal se ouvia, mas era nítida e limpa pelo tempo, desprovida já há muito de toda a densidade da carne.

Aproximei-me mais, saindo da capela em si para o pequeno átrio. David estava ao seu lado, como se tivesse sido ungido no papel de seu assistente direto, como se fosse cumprir a vontade dela instantaneamente, e ela a mais velha, bem, quase a mais velha, a Eva de Todos Nós, a Mãe de Todos Nós, ou a única Mãe que restava. E agora, quando olhei para ela, lembrei-me mais uma vez da terrível verdade acerca dos seus olhos, de que, quando era humana, alguém a havia cegado; e os olhos com os quais ela agora olhava eram sempre emprestados, humanos.

Olhos humanos, sangrando na sua cabeça, retirados de algum morto ou

vivo, eu não tinha condição de saber, e enfiados nas suas órbitas para sobreviver com o sangue vampiresco enquanto fosse possível. Mas como pareciam exaustos no seu rosto lindo. O que Jesse dissera? Ela é feita de alabastro. E o alabastro é uma pedra pela qual a luz consegue passar.

— Eu não quero um olho humano — disse eu, entre dentes.

Ela não disse nada. Não havia vindo aqui para julgar, nem para recomendar. Por que havia vindo? O que ela queria?

— Você também quer ouvir a história?

— Seu gentil amigo inglês diz que aconteceu como você descreveu. Ele diz que as músicas que cantam nos programas de televisão são verdadeiras; que você é o Anjo da Noite, que você trouxe o Véu, que ele estava presente e que ouviu você contar.

— Não sou anjo nenhum! Nunca tive intenção de dar o Véu para ela! Apanhei o Véu como prova. Apanhei o Véu porque...

Minha voz ficou embargada.

— Por que o quê? — perguntou ela.

— Porque Cristo o deu para mim! — murmurei. — Ele disse, "Tome-o" e foi o que eu fiz.

Comecei a chorar. E ela esperava. Paciente, solene. Louis esperava. David esperava.

Finalmente, parei.

— Escreva cada palavra, David, se você for escrever, cada palavra ambígua, está me ouvindo? Eu não quero escrever eu mesmo essa história. Não quero. Bem, talvez... se eu achar que você não a está transmitindo da forma exata, eu a escreverei, de uma só vez. O que você quer? Por que está aqui? Não, não vou escrever nada. Por que você está aqui, Maharet, por que você se mostrou a mim? Por que veio até o novo castelo da Fera? Para quê? Responda.

Ela não disse nada. Seu cabelo longo, ruivo pálido, caía até sua cintura. Ela usava roupas simples que poderiam passar despercebidas em muitos países, um casaco longo e solto, preso com um cinto na sua cintura mínima, uma saia que cobria o alto das suas botinhas. O cheiro de sangue dos olhos humanos na sua cabeça era forte. E chamejantes na sua cabeça, esses olhos mortos me pareciam hediondos, insuportáveis.

— Eu não aceito um olho humano! — disse eu. Mas eu já dissera isso antes. Eu estaria sendo arrogante, insolente? Ela era tão poderosa. — Não vou tirar uma *vida* humana — prossegui. Era isso o que eu havia querido dizer. — Nunca, nunca, enquanto eu estiver vivo, faminto, sofrendo, nunca mais vou tirar uma vida humana, nem erguer minha mão contra meu semelhante, seja ele humano, seja um dos nossos. Não me importo, não vou... eu... eu... com minhas últimas forças, eu não...

— Vou mantê-lo aqui — disse ela. — Como prisioneiro. Por uns tempos. Até você se acalmar.

— Você ficou louca. Não vai me manter em lugar nenhum.

— Tenho correntes à sua espera. David, Louis, vocês me ajudarão.

— O que é isso? Vocês dois? Vocês ousam? Correntes, estamos falando de correntes? Quem sou eu, Azazel lançado no abismo? Memnoch daria umas boas

risadas disso tudo, se ele não me tivesse voltado as costas para sempre!

No entanto, nenhum deles se mexeu. Continuaram imóveis, com a imensa reserva de forças de Maharet totalmente disfarçada por sua forma branca e esguia. E eles estavam sofrendo. Ai, eu sentia o cheiro do sofrimento.

— Tenho uma coisa para você — disse ela, estendendo a mão. — E quando você tiver lido, vai chorar e vai gritar. E nós o manteremos aqui, a salvo, quieto, até a hora em que parar. Só isso. Sob minha proteção. Neste lugar. Você será meu prisioneiro.

— O quê! E o que é isso? — perguntei.

Era um pedaço de pergaminho amarfanhado.

— Que droga é essa? Quem lhe deu isso? — Eu não queria tocar na coisa. Ela pegou minha mão esquerda com sua força absolutamente irresistível, forçando-me a deixar cair os livros nos sacos, e colocou a trouxinha amarfanhada de pergaminho na minha palma.

— Entregaram a mim, para você — disse ela.

— Quem? — perguntei.

— A pessoa cujas palavras você vai encontrar aí dentro. Leia.

— Que inferno! — praguejei. Com os dedos da mão direita, abri o pergaminho amarrado.

Meu olho. Meu olho brilhava ali sobre o que estava escrito. Esse embrulhinho continha meu olho, meu olho envolto por uma carta. Meu olho azul, inteiro, vivo.

Arquejando, eu o apanhei e o enfiei no rosto, na órbita doida, sentindo seus filamentos que procuravam alcançar o cérebro, que procuravam se unir ao cérebro. O mundo iluminou-se com a visão plena.

Ela continuava parada, olhando para mim.

— E eu vou gritar? — exclamei. — E eu vou gritar, por quê? O que vocês acham que eu estou vendo? Estou vendo só o que via antes! — gritei. Eu olhava da direita para a esquerda, já sem o apavorante trecho de escuridão, o mundo completo, os vitrais, o trio imóvel a me observar. — Ai, obrigado, meu Deus! — murmurei. Mas o que isso significava? Era uma oração de agradecimento ou apenas uma exclamação?

— Leia — disse ela — o que está escrito no pergaminho.

Uma caligrafia arcaica, o que era aquilo? Uma ilusão! Palavras numa língua que não era uma língua de modo algum, e no entanto articuladas com clareza de tal modo que eu pude captá-las em meio ao desenho emaranhado, escritas em sangue, tinta e fuligem.

Ao Meu Príncipe,

*Minha Gratidão por uma missão
perfeitamente cumprida.*

com Amor,

Memnoch,

o Demônio

— Mentira, mentira, mentira! — Comecei a urrar. Ouvi as correntes. — Que metal é esse que você acha que pode me prender, que pode me segurar?! Maldita! Mentira! Você não o viu. Ele não lhe deu isso!

David, Louis, a força dela, sua força inconcebível, força desde tempos imemoriais, desde antes que as primeiras placas fossem gravadas em Jerico. Ela me cercou, me encerrou. Era ela mais do que eles. Eu era seu filho, que se debatia e praguejava contra ela.

Meus gritos reverberavam nas paredes enquanto eles me arrastavam pela escuridão até o quarto que haviam escolhido para mim, com suas janelas vedadas com tijolos, sem luz, uma masmorra, as correntes dando voltas e mais voltas enquanto eu me debatia.

— É mentira, é mentira, só mentira! Não acredito! Se fui enganado, foi por Deus! — Eu vociferava sem parar. — Foi Ele quem fez isso. Não é real a menos que Ele, Deus Encarnado, tenha feito. Não Memnoch. Não, nunca, nunca. Mentira!

Finalmente, fiquei ali caído, indefeso. Não me importava. Havia um certo conforto em estar acorrentado, em não ser capaz de esmurrar as paredes com meus punhos até eles se transformarem numa massa amorfa, ou bater com minha cabeça nos tijolos, ou pior...

— É mentira, mentira, é tudo um enorme panorama de mentiras! Foi tudo o que vi! Mais um grande circo de mentiras!

— Não é tudo mentira — disse ela. — Não tudo. Esse é o dilema de todos os tempos.

Calei-me. Eu estava sentindo meu olho esquerdo se aprofundando cada vez mais forte no meu cérebro. Isso eu tinha. Tinha meu olho. E pensar na expressão do seu rosto, seu rosto horrorizado quando ele olhou para meu olho, e a história do olho do tio Mickey. Eu não podia compreender. Eu ia começar a uivar de novo.

Vagamente, achei que ouvi a voz delicada de Louis protestando, suplicando, argumentando. Ouvi trancas sendo fechadas. Ouvi pregos penetrando na madeira. Ouvi Louis implorando.

— Por um tempo, só por um tempo... — disse ela. — Ele é poderoso demais para que possamos agir de outro modo. É isso, ou podemos eliminá-lo.

— Não — gritou Louis.

Ouvi David protestar, não, ela não podia fazer isso.

— E não vou — disse ela, tranquila. — Mas ele vai ficar aqui até eu determinar que ele pode sair.

E eles se foram.

— Cantem — sussurrei, dirigindo-me aos fantasmas das crianças. — Cantem... No entanto, o convento estava vazio. Todos os pequenos fantasmas haviam sumido. O convento era meu. Do servo de Memnoch; príncipe de Memnoch. Eu estava só na minha prisão.



Duas noites, três noites. Lá fora na cidade do mundo moderno, os veículos passavam pela larga avenida. Casais passavam, sussurrando na penumbra do anoitecer. Um cachorro uivava.

Quatro noites, cinco noites?

David estava sentado ao meu lado, lendo para mim o original da minha história, palavra por palavra, tudo o que eu havia relatado, como ele se lembrava, parando repetidamente para perguntar se isso estava certo, se essas haviam sido as palavras exatas que eu havia usado, se essa era a imagem. E era ela quem respondia. Do seu lugar no canto, ela falava.

— É, foi isso o que ele viu; foi isso o que ele lhe contou. É isso o que estou vendo no seu pensamento. Essas são as palavras dele. Foi isso o que ele sentiu.

Finalmente, deve ter sido depois de uma semana, ela parou perto de mim e perguntou se eu estava com sede de sangue.

— Nunca mais vou beber sangue. Vou secar como alguma coisa dura feita de calcário. Vão me jogar num forno.

Uma noite, Louis veio, com a tranquilidade de um capelão numa prisão, imune às normas e, no entanto, não representando nenhuma ameaça a elas.

Ele se sentou bem devagar ao meu lado, cruzou as pernas e desviou o olhar como se não fosse de bom tom ficar encarando a mim, o prisioneiro, enrolado em correntes e na minha raiva.

Ele tocou meus ombros com os dedos. Seu cabelo tinha uma aparência razoável e moderna, ou seja, estava cortado, penteado e não estava cheio de poeira. As roupas eram novas e estavam limpas, também, como se ele talvez tivesse se vestido para mim.

Sorri para mim mesmo por esse motivo, por ele ter se vestido para mim. No entanto, de quando em quando ele fazia isso. E, quando eu vi que a camisa tinha botões antigos de pérola e ouro, tive certeza de que era isso mesmo, e aceitei o fato como um doente aceita um lenço fresco na sua testa.

Seus dedos me apertaram com um pouco mais de força, e eu gostei também. Mas não senti o menor interesse em declarar isso.

— Estive lendo os livros de Wynken. Você sabe, eu os apanhei. Voltei para apanhá-los. Nós os havíamos deixado na capela. — E então ele de fato me olhou com muito respeito e simplicidade.

— Ah, obrigado por isso — disse eu. — Deixei que os livros caíssem no escuro. Deixei-os cair quando estendi a mão para pegar o olho, ou será que foi

ela que pegou minha mão? Não importa, deixei que os sacos com os livros caíssem. Não consigo mexer essas correntes. Não consigo me mexer.

— Levei os livros para casa, para nossa casa na Rue Royale. Eles estão lá, parecendo jóias espalhadas para que as admiremos.

— É. Você observou as figuras minúsculas? Quer dizer, olhou mesmo? — perguntei. — Eu na verdade nunca olhei. Eu só... é que tudo estava acontecendo tão rápido, e eu realmente não abri os livros. Mas, se você tivesse visto o espírito dele no bar e ouvido seu jeito de descrevê-los...

— Eles são estupendos. São magníficos. Você vai adorá-los. Você vai ter anos de prazer com eles e a luz ao seu lado. Apenas comecei a dar uma olhada e a lê-los. Com uma lupa. Mas você não vai precisar da lupa. Sua visão é melhor do que a minha.

— Talvez nós possamos lê-los... você e eu... juntos.

— É... todos os doze livros — disse ele. E falou baixinho de muitas pequenas imagens fantásticas, de minúsculos seres humanos, de animais e flores, e do leão deitado com o cordeiro.

Fechei os olhos. Eu estava grato. Estava satisfeito. Ele sabia que eu não queria conversar mais.

— Estarei lá, nos nossos aposentos, à sua espera. Eles não podem mantê-lo aqui por muito tempo mais.

O que significa muito tempo mais?

Pareceu que o tempo esquentou.

David talvez tivesse vindo.

Às vezes, eu fechava os olhos e ouvidos e me recusava a escutar qualquer som que fosse deliberadamente dirigido a mim. Eu ouvia as cigarras zumbindo quando o céu ainda estava vermelho com o sol, e os outros vampiros ainda dormiam. Eu ouvia as aves vindo pousar nos galhos do carvalho em Napoleon Avenue. Eu ouvia as crianças!

As crianças vieram, sim. Cantando. E às vezes uma ou outra falava num sussurro rápido, como se estivessem trocando confidências debaixo de uma tenda feita com um lençol. E passos nas escadas.

E depois, do outro lado das paredes, o ruído forte e amplificado da noite elétrica.

Um dia, ao entardecer, abri os olhos, e as correntes haviam desaparecido.

Eu estava sozinho e a porta estava aberta.

Minhas roupas estavam em frangalhos, mas eu não me importei. Levantei-me, enferrujado, cheio de dores e, pela primeira vez em quinze dias, talvez, levei minha mão ao olho e o senti firme ali, embora é claro que o tempo todo estivesse vendo através dele. E já havia parado de pensar nele há muito tempo.

Sai do orfanato passando pelo antigo pátio. Por um instante, pensei que estava vendo um conjunto de balanços de ferro, daqueles que eram instalados para crianças nos parques de antigamente. Vi as estruturas triangulares em cada extremidade, a barra transversal, os próprios balanços e as crianças balançando, meninhas de cabelos ao vento. E ouvi suas risadas. Ergui os olhos, atordoado, até os vitrais da capela.

As crianças sumiram. O pátio estava vazio. Meu palácio agora. Ela havia

cortado todos os laços. Há muito já se fora para sua vitória imensa, imensa.

Caminhei por muito tempo pela St. Charles Avenue.

Passei por carvalhos que conhecia, por velhas calçadas e trechos de tijolos, por casas novas e antigas; e segui, atravessando Jackson Avenue, entrando na estranha mistura de tabernas e luminosos de neon, de casas em ruínas, prédios fechados por tapumes e lojas elegantes, aquela devastação espalhafatosa que se estende até o centro.

Ceguei a uma loja vazia que outrora vendia automóveis caríssimos. Durante cinquenta anos, haviam vendido carros elegantes naquele estabelecimento, e agora ele era um salão vazio, com paredes de vidro. Eu podia ver nitidamente meu reflexo no vidro. Minha visão sobrenatural funcionava novamente, impecável, com meus dois olhos azuis.

E eu me vi.

Quero que você me veja agora. Quero que olhe para mim, agora que me apresento e juro pela verdade deste relato, juro por todas as palavras deste relato, do fundo do coração.

Sou o Vampiro Lestat. Foi isso o que vi. Foi isso o que ouvi. É isso o que sei! Isso é *tudo* o que sei.

Acredite em mim, nas minhas palavras, no que eu disse e no que foi escrito.

Estou aqui, ainda. Sou o herói dos meus próprios sonhos, e permitam por favor que eu mantenha meu lugar nos seus. *Eu* sou o Vampiro Lestat. Que eu passe agora da ficção para as lendas.

FIM

9:43 – 28 de fevereiro de 1994

Adieu, mon amour